80 MILHÕES DE EXEMPLARES VENDIDOS

1 NEW YORK TIMES

SANDRA BROWN

AUTORA DE *CALAFRIO*, *OBSESSÃO* E *LETAL*

O ÚLTIMO MINUTO



«Uma contadora de histórias magistral.»
USA TODAY

O ÚLTIMO MINUTO

SANDRA BROWN

Título Original: "DEADLINE"
Tradução: Lídia Geer
Revisão: Rui Augusto
Capa: Maria Manuel Lacerda/Oficina do Livro, Lda.
ISBN: 9789897261657
QUINTA ESSÊNCIA uma marca da Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda uma empresa do grupo LeYa Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico.

Prólogo

Golden Branch, Oregon – 1976

Aprimeira rajada de tiros foi disparada de dentro de casa pouco depois do romper do dia, às sete horas e cinquenta minutos.

Os disparos fizeram-se ouvir depois da exigência de rendição feita pela equipa de agentes das forças policiais.

Estava uma manhã pardacenta, com o firmamento encoberto por um manto de nuvens carregadas, ao que se associava um denso nevoeiro. Não obstante a visibilidade limitada, um dos foragidos no interior da casa, bafejado pela sorte, disparou um tiro que atingiu mortalmente um dos membros das forças da Guarda Nacional dos Estados Unidos da América que toda a gente tratava por Turco .

Gary Headly tinha-o conhecido no dia anterior, pouco depois de a equipa composta por vários ramos das forças armadas, ATF (1) e agentes do FBI, forças policiais do xerife e membros da Guarda Nacional, se ter reunido para coordenar esforços com vista àquela operação policial. Juntaram-se em volta de um mapa da área conhecida por Golden Branch, revendo eventuais obstáculos com que pudessem deparar-se. Headly recordava-se de um outro membro das forças federais ter dito: «Ei, Turco, já que vais lá, importas-te de me trazer uma *Coca-Cola?* »

Só depois, muito mais tarde, é que Headly se inteirou do verdadeiro nome do Turco, quando já encerravam a operação policial. A bala atingira-o cerca de um centímetro acima do colete *Kevlar* à prova de bala, dilacerando-lhe a maior parte da garganta. Caiu por terra sem ter emitido um som, tombando em cima de um amontoado de folhas molhadas aos seus pés. Não havia nada que Headly pudesse ter feito por ele, com a exceção de dizer uma pequena oração. Mexer-se seria um convite à morte ou a sofrer uma grave lesão, uma vez que, a partir do momento em que a saraivada de tiros teve início, as balas começaram a ser disparadas ininterruptamente a partir das janelas da casa.

Os Comandos da Retidão Divina possuíam um arsenal inesgotável ou, pelo menos, assim parecia naquela manhã tão lúgubre. A segunda fatalidade foi um jovem ruivo de vinte e quatro anos, adjunto das forças do xerife, cuja posição foi revelada por uma nuvem de vapor da sua respiração no ar frio.

Foram disparados seis tiros. Cinco acertaram no alvo. Bastaria um de três para o ter matado.

A equipa planeara apanhá-los de surpresa, proceder à sua captura sob a acusação de uma longa lista de crimes, levando-os para a cadeia; só em última instância é que haveria uma troca de tiros. No entanto, a ferocidade com que os foragidos começaram a disparar contra eles era indicadora de que os criminosos haviam adotado uma estratégia de lutar até à morte.

Ao fim e ao cabo, não tinham nada a perder, exceto as suas próprias vidas. A captura significava uma pena de prisão perpétua para cada um dos sete membros do grupo de terroristas que atuavam em território nacional. Em termos coletivos, os seis homens e uma mulher eram responsáveis por doze assassinatos e milhões de dólares de danos materiais, a maior parte em edifícios do Governo federal ou em instalações militares. A despeito da conotação religiosa do nome, não eram fanáticos religiosos, mas sim indivíduos inteiramente desprovidos de consciência e moralidade. Ao longo de um período relativamente curto de dois anos, adquiriram a reputação de criminosos, um flagelo para as forças policiais de todos os ramos e a todos os níveis.

Existiam outros grupos semelhantes que imitavam os Comandos da Retidão Divina, mas nenhum tinha conseguido alcançar o mesmo grau de eficácia. No seio da comunidade de criminosos, eles eram idolatrados pela sua audácia e pelo grau de violência sem paralelo. Para muitas pessoas que nutriam sentimentos antigovernamentais, eles tinham-se tornado heróis populares. Concediam-lhes abrigo e forneciam-lhes armas e munições, além de informações, que, presumivelmente, deviam estar em segredo de justiça. Este apoio secreto permitia-lhes atacar

rápida e violentamente, após o que desapareciam sem deixar rasto, mantendo-se escondidos enquanto planeavam os ataques seguintes.

Em comunicados enviados à imprensa e aos canais de televisão juravam que jamais seriam capturados com vida.

Tinha sido por um simples golpe de sorte que as forças da lei haviam conseguido encontrá-los em Golden Branch.

Um dos fornecedores de armas dos terroristas, bem conhecido das autoridades policiais pelos seus antecedentes criminais, fora posto sob vigilância por suspeita de um negócio de armas que não se relacionava com os Comandos da Retidão Divina. Ele tinha-se deslocado em três ocasiões à casa abandonada em Golden Branch ao longo de três semanas. Uma telefotografia revelara-o a falar com um homem que, posteriormente, foi identificado como Carl Wingert, líder dos Comandos da Retidão Divina.

Quando esta informação foi transmitida ao FBI, ao ATF e à Guarda Nacional, estes ramos das forças policiais apressaram-se a enviar os seus agentes, que continuaram a vigiar o negociante de armas ilegal. Aquando do seu regresso de uma visita a Golden Branch, trataram de o deter.

Foram necessários três dias de persuasão, mas, a conselho do seu advogado, acabou por estabelecer um acordo com as autoridades, tendo revelado o que era do seu conhecimento acerca das pessoas que se escondiam no interior da casa abandonada. Só se tinha encontrado com Carl Wingert.

Portanto, não podia – ou não queria – dizer quem mais se encontrava isolado com Wingert nem durante quanto tempo tencionavam refugiar-se ali.

Com receio de perderem a oportunidade de capturar um dos fora da lei que constavam da Lista dos Mais Procurados do FBI caso não agissem com toda a prontidão, os agentes federais pediram a ajuda das autoridades locais, que também tinham mandados de captura pendentes em nome de alguns membros do grupo. Reuniram uma equipa e planearam a operação policial.

Contudo, os membros da equipa não tardaram a concluir, sem qualquer margem para dúvida, que os homens do bando de Wingert estavam determinados a fazer o que prometeram com respeito a optarem pela morte se corressem o risco de virem a ser capturados. Os Comandos da Retidão Divina queriam entrar nos anais da história do crime. Portanto, nem sequer se punha a questão de deporem as armas, e nada de mãos ao alto num sinal de rendição pacífica.

As forças policiais haviam procurado proteger-se atrás de árvores ou de viaturas, mas todos se encontravam em posições vulneráveis. Até o mais pequeno movimento atraía o disparo de armas de fogo, sendo inegável que os membros dos Comandos da Retidão Divina eram excelentes atiradores.

O agente que chefiava a equipa, Emerson, contactou via rádio o posto de operações, pedindo o envio de um helicóptero que lhes proporcionasse cobertura aérea, todavia, essa possibilidade era impraticável devido às condições atmosféricas inclementes.

As equipas de Operações Especiais das forças locais, estaduais e federais foram mobilizadas, mas teriam de se deslocar por estrada para Golden Branch, e as estradas não eram ideais nem sequer quando o tempo estava bom. A equipa recebeu instruções para que se mantivesse em posição, devendo abrir fogo apenas em autodefesa, enquanto os homens em gabinetes aquecidos e em segurança debatiam uma mudança de estratégia, considerando o uso de força mortífera.

— Estão com paninhos quentes porque um deles é uma mulher – resmoneou Emerson para Headly. – Além disso, Deus nos livre de violarmos os direitos civis destes assassinos. Como é fácil de ver, ninguém nos admira nem respeita.

Headly, o novato da equipa, dando mostras de prudência, manteve-se calado.

— Somos agentes federais, e até mesmo antes do Caso Watergate, «governo » já tinha passado a ser uma palavra imunda. A porra do país está a ir por água abaixo, enquanto nós estamos aqui a gelar os tomates à

espera de que um burocrata qualquer nos diga que podemos aniquilar estes assassinos, mandando-os para o inferno de uma vez por todas.

Emerson tinha tido treino militar, sendo inegável que possuía uma perspetiva beligerante da situação, mas ninguém, e em especial ele próprio, desejava um banho de sangue naquela manhã.

Mas ninguém obteve o que desejava.

Enquanto os reforços ainda vinham a caminho, os Comandos da Retidão Divina intensificaram os disparos. Um dos agentes do ATF foi atingido numa coxa e, a julgar pela maneira como sangrava profusamente, receava-se que a artéria femoral tivesse sido atingida, ignorando-se com que gravidade, mas qualquer que fosse, tratava-se de um ferimento que punha a vida do agente em perigo.

Emerson deu conta do sucedido por entre um chorrilho de obscenidades, dizendo que estavam a ser atingidos um a um, a menos que...

Recebeu ordem para contra-atacar. Armados com carabinas semiautomáticas e uma pistola-metralhadora – nas mãos do agente do ATF ferido –, passaram à ofensiva. O fogo de barragem teve a duração de sete minutos.

Os tiros disparados de dentro da casa perderam intensidade, após o que passaram a ser esporádicos. Emerson deu ordem de cessar-fogo e depois ficaram a aguardar.

Subitamente, a sangrar de vários ferimentos, incluindo um na cabeça, viram um homem sair de rompante pela porta da frente da casa, vociferando invetivas enquanto disparava a esmo com a sua própria pistola-metralhadora. Era uma atitude suicida, e o homem estava bem ciente disso. O motivo que o levava a proceder de tal forma não tardaria a revelar-se.

Quando os agentes cessaram os disparos e os ouvidos deixaram de zumbir, aperceberam-se de que a casa estava mergulhada num estranho silêncio, apenas quebrado pelo bater de uma portada solta contra a parede exterior sempre que era agitada pelo vento.

— Vou entrar – disse Emerson após sessenta segundos tensos. Ergueu-se do chão e agachou-se para substituir o carregador vazio.

— Vou contigo – adiantou Headly, seguindo-lhe o exemplo.

Os demais agentes continuaram onde se encontravam. Depois de se terem certificado de que as armas destes agentes estavam carregadas, Emerson saiu sub-repticiamente de onde procurara cobertura e começou a correr em direção à casa. Headly, que sentia o coração na garganta, de onde parecia nunca mais querer sair, seguiu o colega.

Passaram pelo corpo esparramado no solo molhado, subiram os degraus do alpendre descaído e ladearam a porta escancarada, mantendo as armas prontas a disparar. Aguardaram, pondo-se à escuta. Não ouvindo nada, Emerson fez um gesto com a cabeça e Headly entrou de rompante casa adentro.

Corpos. Sangue em todas as superfícies, um cheiro intenso. Nada se mexia.

— O caminho está livre! – gritou Headly, passando por cima de um cadáver e seguindo para uma divisão contígua, um quarto que tinha apenas um colchão rasgado no soalho, cujo forro ainda estava molhado com uma mancha nauseabunda.

Em menos de sessenta segundos, desde que Headly irrompera porta adentro, confirmaram que cinco pessoas estavam mortas. Depararam com quatro corpos no interior da casa. O quinto era o homem que tinha morrido no quintal. Foram identificados visualmente como sendo membros dos Comandos da Retidão Divina.

Era evidente que a contagem de corpos não incluía Carl Wingert nem a sua amante, Flora Stimel, a única mulher do grupo. Não havia qualquer sinal dos dois, com a exceção de um rasto de sangue que se estendia até à porta das traseiras, seguindo para o denso arvoredo, onde se viam as marcas de pneus na vegetação rasteira. Ambos tinham conseguido pôr-se em fuga, provavelmente porque o correligionário mortalmente ferido se havia sacrificado, tendo servido de alvo aos tiros dirigidos para a frente da casa enquanto eles escapavam pela porta das traseiras.

As ambulâncias e as viaturas das forças policiais não tardaram a convergir para o local, seguidas pelas inevitáveis carrinhas dos meios de comunicação social, que foram forçadas a deter-se a cerca de quilómetro e meio onde se podia sair da estrada, entrando no caminho de acesso à casa. A moradia e as proximidades já haviam sido circunscritas para se recolherem possíveis provas e para que se tirassem fotografias, além de medições e do desenho do contorno dos corpos, a fim de que a posição de cada um ficasse registada antes de serem removidos.

Os que estavam envolvidos nos acontecimentos aperceberam-se de que seriam alvo de uma investigação pormenorizada. Todas as ações postas em prática teriam de ser explicadas e justificadas, não só perante os superiores hierárquicos dos agentes, mas também perante uma população cínica que tiraria as suas próprias ilações.

A casa bastante delapidada não tardou a encher-se de pessoas, cada uma incumbida de proceder a uma tarefa específica. Headly deu consigo de volta ao quarto, ao lado do magistrado distrital que cheirava a mancha no colchão imundo. Na perspetiva de Headly, parecia que alguém tinha urinado, urina que se misturara com uma grande quantidade de sangue.

— Urina?

— Estou em crer que se trata de líquido amniótico – adiantou o magistrado, abanando a cabeça.

Headly pensou que não tinha ouvido bem.

— Líquido amniótico?! Está a dizer que a Flora Stimel...

— Deu à luz.

(1) [Bureau of] Alcohol, Tobacco and Firearms; numa tradução livre: Departamento de Bebidas Alcoólicas, Tabaco e Armas de Fogo.

(N. da T.)

Capítulo 1

Atualmente

— Oque é que se passa com o teu cabelo?

— É assim que saúdas um homem acabado de regressar da guerra? Também tenho muito gosto em ver-te, Harriet.

Dawson Scott sentia-se desagradado com a convocatória dela – não havia outras palavras que descrevessem a situação –, tornando o seu desagrado bem claro enquanto se sentava, deixando-se cair com um à-vontade demasiado informal. Apoiou um tornozelo em cima do joelho oposto e entrelaçou as mãos por cima do estômago côncavo, bocejando e sabendo de antemão que aquela atitude a deixaria com os nervos em franja.

O que foi o caso.

Ela tirou os requintados óculos de leitura com pedras incrustadas, pousando-os em cima da secretária. O tampo envernizado simbolizava o seu novo estatuto de «chefe». A chefe dele.

— Já tive oportunidade de ver militares acabados de regressar do Afeganistão. Nenhum deles tinha o aspeto de qualquer coisa que o gato tivesse vomitado. – Ela lançou-lhe um olhar de reprovação, demorando-se na barba de três dias e no cabelo comprido, que desde o dia em que deixara o país lhe crescera ao ponto de lhe cobrir o colarinho.

— Ai, essa doeu – disse ele, levando a mão ao coração. – E eu que me prestava a dizer que estavas com muito bom aspeto. Esses cinco quilos que tens a mais ficam-te verdadeiramente bem.

Ela fitou-o com olhos de fúria, mas não lhe deu réplica.

Dawson começou a girar literalmente os polegares, observando o interior do gabinete de canto demoradamente, o olhar detendo-se para apreciar a vista panorâmica através das janelas largas.

Virando o pescoço apenas um pouco, conseguia ver a bandeira nacional que pendia flácida da cúpula do Capitólio. Voltou a concentrar-se em Harriet, comentando: – Belo gabinete.

— Obrigada.

— A quem é que tiveste de fazer uma mamada? – perguntou-lhe Dawson.

Ela amaldiçoou-o entre dentes. Mas ele já lhe tinha ouvido aquelas mesmas palavras em voz alta.

Também a ouvira gritá-las da cabeceira da mesa da sala de reuniões, onde discutiam questões de natureza editorial, sempre que alguém discordava dela. Aparentemente, o novo cargo era acompanhado de alguma contenção, a qual, de imediato, ele estabeleceu como objetivo pessoal destruir.

— A situação é-te insuportável, não é? – disse ela com um sorriso de regozijo. – Habitua-te à ideia, Dawson. Agora estou por cima de ti.

— Deus me poupe a essa imagem – retorquiu ele, estremecendo.

Os olhos dela quase pareciam lançar punhais, mas era evidente que tinha um discurso preparado e até mesmo as piadas insultuosas de mau gosto não conseguiriam privá-la do prazer de o proferir.

— Passei a ter o controlo editorial. Controlo editorial total. O que significa que tenho autoridade para aprovar, emendar ou recusar quaisquer ideias para reportagens que apresentes. Também tenho autoridade para te encarregar de reportagens que não tenhas sugerido. O que, aliás, não tens feito, pelo menos, à duas semanas desde que regressaste aos Estados Unidos.

— Tenho estado a gozar os dias de férias que tinha acumulado. Este período de descanso foi aprovado.

— Pelo meu predecessor.

— Antes de te teres apoderado do lugar dele.

— Eu não me *apoderei* de nada! – ripostou ela, tensa. – Mereci este cargo.

— Como queiras, Harriet – retorquiu Dawson, erguendo um ombro. Mas a indiferença que mostrava era fingida. As mexidas recentes nos quadros da revista, na escala de Richter, atingiram um valor de dez no seu futuro profissional. Tinha recebido um *e-mail* de um colega antes de o comunicado oficial ter sido enviado a todo o pessoal do *NewsFront*; até

mesmo a distância entre Cabul e Washington não havia sido suficiente para amortecer a má notícia. Um idiota qualquer da direção, o sobrinho de alguém, que não sabia praticamente nada sobre a publicação de uma revista semanal, nem sequer sobre notícias em geral, nomeara Harriet Plummer para o cargo de redatora-chefe com efeito imediato.

Ela era uma escolha desastrosa para esse cargo, em primeiro lugar porque não era uma jornalista, mas antes uma executiva fiel à cultura empresarial. Perante qualquer artigo de fundo mais polémico, a principal prioridade de Harriet seria proteger a revista contra eventuais processos judiciais.

Reportagens que abordassem um tópico mais controverso pontuar-se-iam por um tom mais brando ou nunca seriam publicadas. O que, na opinião de Dawson, se traduzia em castração editorial.

Em segundo lugar, ela era como uma britadeira com todos os poderes e sem um mínimo de capacidades de chefia. Harriet era uma pessoa desdenhosa, que, de uma maneira geral, não gostava de ninguém, nutrindo uma antipatia muito especial pelo sexo masculino, em particular por Dawson Scott, que ela detestava ao extremo. Com tanta modéstia quanta lhe era possível, ele reconhecia que a animosidade dela se devia, em grande parte, à inveja dos seus dotes profissionais e a ciúmes pelo respeito que os seus colegas da *NewsFront*, além de outros, tinham por si.

Todavia, no dia em que ela havia sido nomeada redatora-chefe, a fonte da sua hostilidade deixara de ter importância. Tratava-se de um facto sem contestação, sólido e duradouro: era ela quem mandava. O que resultava numa grande chatice. Nada podia ser pior.

Ou assim ele tinha pensado.

— Vou enviar-te ao Idaho.

— Para fazer o quê?

— Balonistas cegos.

— Não estou a entender.

Harriet empurrou uma pasta de cartolina pelo tampo da secretária em direção a ele.

— O nosso departamento de pesquisa já procedeu ao trabalho mais aturado por ti. Podes familiarizar-te com o programa durante o voo até lá.

— Dá-me uma pista.

— Um grupo de gente caridosa começou a levar pessoas cegas em balões de ar quente, mostrando-lhes, por assim dizer, tudo o que era preciso fazer para os balões subirem.

O acréscimo da frase irónica não levou Dawson a esboçar um sorriso, mantendo ele uma expressão impassível.

— E isso é uma reportagem do maior impacto? – perguntou, deixando a pasta onde se encontrava.

Ela sorriu-lhe com doçura. Ou tentou. A docilidade não se coadunava com as feições dela.

— Para os balonistas cegos é.

A presunção de Harriet fez com que Dawson sentisse uma vontade quase irresistível de saltar por cima da secretária para fechar as mãos em volta do pescoço dela. Em vez disso, contou mentalmente até dez e desviou o olhar que mantivera fixo nela, direcionando-o para as janelas. Quatro andares mais abaixo, o sol do meio-dia incidia fortemente sobre as amplas avenidas de Washington, DC.

— Apesar de teres menosprezado esse acontecimento – disse ele –, tenho a certeza de que é merecedor de notícia a nível nacional.

— E, contudo, apercebo-me de uma acentuada falta de entusiasmo da tua parte.

— Por não ser o meu género de reportagem.

— Não estás interessado no tema?

Foi como se uma manopla invisível tivesse sido colocada ao lado da pasta que continuava por abrir.

— Eu próprio decido quais os temas de reportagem a abordar, Harriet. Do que estás bem ciente.

— Nesse caso, torna este tema merecedor de uma reportagem – ripostou ela, cruzando os braços diante dos amplos seios. – Mostra-me esse famoso génio a funcionar. Quero ver em ação o escritor que toda a

gente conhece e de que gosta, do qual se diz que consegue sempre uma nova abordagem a qualquer tema, que escreve com uma rara perspicácia, que apresenta aos seus leitores toda a verdade nua e crua de um determinado tópico. – Harriet permitiu-lhe uma pausa. – E então?

Com a maior serenidade de espírito que lhe foi possível, Dawson descerrou os dentes para lhe responder.

— Ainda tenho dias de férias para gozar. Pelo menos, uma semana.

— Já gozaste duas semanas de férias.

— O que não foi suficiente.

— Porquê?

— Porque acabei de chegar de uma zona de guerra.

— Ninguém te obrigou a permanecer lá. Podias ter regressado a qualquer altura.

— Sim, mas existiam demasiados motivos bons de reportagem por lá que precisavam de ser publicados.

— Com quem é que pensas que estás a brincar? – ripostou ela num tom escarninho. – Quiseste vestir um camuflado e brincar aos soldados, e isto durante nove meses. A expensas da revista. Se não tivesses voltado na altura em que decidiste fazê-lo, na minha qualidade de redatora-chefe tencionava obrigar-te a voltar, a bem ou a mal.

— Tem cuidado, Harriet. Além das raízes escuras do cabelo, a tua inveja está bem à vista.

— Inveja?

— Nada do que escreveste alguma vez constou da lista dos candidatos ao Prémio Pulitzer.

— Mas tu ainda não foste nomeado como possível candidato, portanto, nunca te foi atribuído nenhum, por isso, que se fodam esses rumores a que, provavelmente, tu próprio deste origem! E

agora tenho coisas a fazer, que são muito mais importantes – acrescentou ela, arqueando uma sobrancelha desenhada a lápis. – Isto é, a menos que queiras entregar a tua chave da casa de banho dos homens agora e aqui; a ser esse o caso, terei todo o prazer em ligar para os

Recursos Humanos para pedir que emitam o cheque da indemnização que te seria devida.

Fez uma longa pausa, prosseguindo então ao ver que ele não se mexia.

— Não? Isso quer dizer que o teu traseiro estará sentado no lugar dezoito A num voo de amanhã de manhã com destino a Boise. – Dito isto, Harriet atirou uma passagem aérea para cima da pasta de cartolina que continha o trabalho de pesquisa. – É um voo regional.

Dawson encostou ao lancil do passeio em frente da casa geminada na bonita cidade de Georgetown, desligando o motor. Soergueu os quadris e tirou um pequeno frasco de comprimidos do bolso das calças de ganga, agitando-o até sair um comprimido, que engoliu com um gole de água mineral, após o que rolhou o frasco, voltando a guardá-lo na algibeira, baixou a pala do para-brisas e viu-se ao pequeno espelho.

De facto, estava com o aspeto de algo que um gato tivesse vomitado. Um gato muito nauseado.

Mas não havia nada a fazer quanto a isso. Tinha começado a passar uma vista de olhos por toda a correspondência que se amontoara em cima da sua secretária quando recebeu uma mensagem de texto de Headly: «Vem cá a casa. Já . » Headly não costumava ser tão assertivo, a menos que houvesse uma boa razão.

Dawson deixara o resto da correspondência por abrir e ali estava.

Saiu do automóvel e começou a percorrer o caminho de tijoleira ladeado por flores. Foi Eva Headly quem lhe abriu a porta.

— Olá, beldade – saudou-a e estendeu os braços através da soleira da porta, puxando-a para si num abraço.

Uma antiga Miss Carolina do Norte, Eva Headly tinha envelhecido extraordinariamente bem.

Agora com sessenta e poucos anos, mantinha não só a sua beleza e a boa figura, como também o seu fino humor e encanto natural. Retribuiu-lhe o abraço fortemente, após o que se esgueirou para fora dos braços dele, dando-lhe uma forte pancada no ombro.

— Não me venhas com essa de me tratares por beldade – disse Eva numa voz melodiosa. – Estou muito zangada contigo. Voltaste há já duas semanas. Por que motivo só agora nos vieste visitar? – A expressão no rosto dela deixava adivinhar preocupação ao olhar para ele atentamente da cabeça aos pés. – Estás magro como um pau de virar tripas. Não te davam de comer no Afeganistão?

— Nada como o teu estufado de Brunswick. E por lá também nunca ouviram falar em pudim de banana.

Com um gesto, Eva convidou-o a entrar.

— Foi disso que eu mais senti falta enquanto estiveste no estrangeiro – disse Eva.

— Do quê?! – perguntou-lhe ele.

— Das tuas tretas.

Dawson fez uma careta risonha e emoldurou-lhe o rosto com as mãos, dando-lhe um beijo na fronte.

— Também senti a tua falta – retorquiu antes de a soltar, inclinando a cabeça na direção da saleta. – Ele já se acostumou à ideia? – perguntou em voz baixa.

— Nem pouco mais ou menos – respondeu ela no mesmo tom de voz. – Tem andado...

— Fiquem sabendo que estou a ouvir-vos cochichar. Não sou surdo. – A voz roufenha fez-se ouvir alto e bom som.

— Toma cuidado – disselhe Eva num sussurro.

Dawson piscou-lhe o olho e começou a percorrer o corredor, dirigindo-se para a saleta onde Gary Headly estava à sua espera. Quando entrou na divisão da casa que lhe era tão familiar, sentiu uma pontada de nostalgia. Eram inúmeras as recordações que guardava dos tempos passados naquela saleta. Tinha brincado com os seus carrinhos no soalho de parqué, com a mãe a adverti-lo para que não os deixasse no chão, porque alguém poderia tropeçar neles. O pai e Headly haviam-no ensinado pacientemente a jogar xadrez, o tabuleiro colocado em cima da mesa a um canto. Sentada com ele no sofá, Eva ensinara-o a despertar a atenção de uma garotinha do sexto ano por quem ele tinha uma

paixoneta. Pela primeira vez desde que partira do Afeganistão, sentiu que havia chegado a casa.

Os Headly eram os seus padrinhos de batismo, tendo construído uma ligação de afeto com ele a partir do dia em que fora batizado. Tinham levado muito a sério a promessa de assumir a tutela do filho dos seus melhores amigos, caso alguma vez isso viesse a ser necessário. Tendo a mãe e o pai morrido num acidente de automóvel quando ele andava na universidade, e apesar de já ser maior de idade, o seu relacionamento com os Headly passara a ter um maior significado.

Headly afivelara um semblante de censura paternal quando vira o aspeto de Dawson. Tinha uma estrutura consideravelmente mais baixa comparada com o metro e noventa e dois do afilhado, mas tal não obstava a que respirasse confiança e autoridade. Continuava a ter uma basta cabeleira em que se viam apenas alguns cabelos grisalhos. Uma corrida diária de quase cinco quilómetros e uma supervisão muito cuidadosa do seu regime alimentar mantinham-no em boa forma física. A maior parte dos homens com sessenta e cinco anos invejaria o estado de saúde dele.

— A julgar pela tua aparência, foi uma guerra dura – comentou Headly.

— Bem podes dizer isso – replicou Dawson. – Acabei de ter um desaguisado com a Harriet e mal consegui sobreviver. – Sentou-se onde Headly lhe indicava, enquanto este prosseguia.

— Estava a referir-me ao Afeganistão.

— Sim, foi duro, de facto, mas a Harriet consegue fazer com que os Talibãs pareçam uns brincalhões.

— Queres beber alguma coisa?

Dawson disfarçou uma ligeira hesitação ao ver as horas no relógio de pulso.

— Ainda é um pouco cedo.

— Já são cinco da tarde em alguma parte do mundo. E, seja como for, esta é uma ocasião especial.

O regresso a casa do filho pródigo.

A pequena repreensão não passou despercebida a Dawson.

— Peço desculpa por não vos ter visitado antes. Tinha de me inteirar de muita coisa que se passou enquanto estive fora. O que continua a ser o caso. Mas a tua mensagem de texto pareceu-me ser urgente.

— A sério? – retorquiu Headly, servindo dois uísques puros em dois copos. Deu um a Dawson antes de se sentar defronte dele. Ergueu o seu copo num brinde e bebeu um pequeno gole. – Nos últimos tempos ando a beber de mais.

— O que só te faz bem – retorquiu Dawson.

— Achas que alivia o stresse?

— É o que dizem.

— Talvez sim – resmungou Headly. – Pelo menos, proporciona-me alguma coisa que antecipo com prazer todos os dias.

— São muitas as coisas que poderás antecipar com prazer.

— Sim. A velhice e a morte.

— É melhor que a Eva não te ouça falar nesses termos.

Headly resmungou algo ininteligível, concentrando-se no pequeno copo de *shots* enquanto bebia outro gole.

— Não deves ser tão pessimista – disse Dawson. – Tens de conceder a ti próprio tempo para te ajustares. Ainda nem sequer passou um mês.

— Vinte e cinco dias.

— E, obviamente, continuas a contá-los. – Dawson bebeu um pouco de uísque. Apetecia-lhe bebê-lo de um trago.

— É difícil parar abruptamente depois de ter trabalhado no FBI durante toda a minha vida adulta.

Acenando com a cabeça em jeito de comiseração, Dawson sentia o ardor do uísque na barriga, acalmando-lhe os nervos, o que o comprimido ainda não tivera tempo de fazer.

— A tua aposentação só é oficializada... quando?

— Daqui a mais quatro semanas.

— Tinhas acumulado todo esse tempo de férias?

— Sim. E não teria hesitado em sacrificar esses dias para continuar a trabalhar durante tanto tempo quanto fosse possível.

— Devias usar esse tempo como um período de ajustamento e transição de uma carreira muito exigente para uma vida de lazer.

— Lazer – disse Headly, mal-humorado. – Assim que a minha aposentação for oficial, embarcamos num cruzeiro, que a Eva já marcou. Vamos ao Alasca.

— Parece-me agradável.

— Preferia que me arrancassem as unhas com um alicate.

— Não pode ser assim tão mau.

— É fácil dizer isso quando não se é a pessoa em questão. A Eva ordenou-me que aviasse uma receita de *Viagra* para a via-gem.

— Hum... Ela quer que a compenses por todas as noites em que não pudeste vir para casa?

— É mais ou menos isso.

— E o que é que tem de mal? Devias aproveitar ao máximo – retorquiu Dawson, erguendo o copo num brinde.

Headly retribuiu, perguntando decorridos alguns momentos: – E então, como é que foi a tua conversa com a Mulher-Dragão?

Dawson relatou-lhe a reunião entre os dois, dando-lhe conta da reportagem que ela o encarregara de fazer.

— Balonistas cegos?

Dawson respondeu com um encolher de ombros.

Headly recostou-se na poltrona, observando-o atentamente durante um período de tempo constrangedor.

— O que foi? – perguntou, irritado com aquela observação minuciosa. – Também tens algum comentário a fazer sobre o meu cabelo?

— Estou mais apreensivo acerca do que se passa dentro da tua cabeça do que com o que lhe cresce no exterior. O que é que se passa contigo?

— Nada.

Headly limitou-se a fitá-lo, sentindo que não tinha de dizer nada.

Dawson levantou-se do cadeirão e dirigiu-se para a janela, abrindo as persianas e olhando para o pequeno relvado bem cuidado.

— Falei com a Sarah quando fiz escala em Londres.

A filha dos Headly era mais velha do que ele, mas enquanto as crianças crescem, as duas famílias passavam tanto tempo juntas que tinham sido mais como irmãos, cuidando um do outro, ainda que de má vontade. Sarah e o marido viviam em Inglaterra, onde ambos trabalhavam para um banco internacional.

— Ela disse-nos que estiveste lá «de passagem», e não ficaste o tempo suficiente na cidade para sequer poderes visitá-los.

— O horário do voo de ligação não o permitiu.

Headly pigarreou acentuadamente como se não aceitasse aquela desculpa como plausível para justificar a visita que não havia sido feita. E não era.

— As begónias estão a florescer em força.

— Estão impacientes.

— Oh, como é que...

— Fiz-te uma pergunta – atalhou Headly, irritado. – Qual é o problema? E não digas «nada».

— Estou ótimo.

— Uma porra é que estás! Vi um filme acerca de mortos-vivos na televisão a noite passada.

Enquadrar-te-ias entre eles na perfeição.

Dawson suspirou perante a tenacidade do seu padrinho. Não se virou para trás, mas encostou o ombro à caixilharia da janela.

— Só estou cansado, mais nada. Se tivesses passado nove meses no Afeganistão... acredita no que te digo, também te deixaria exaurido. Estou a falar de um terreno hostil. Uma amplitude térmica extrema. Percevejos que mordem. Nada de bebidas alcoólicas. Nada de mulheres, com a exceção das que pertencem ao exército, e estabelecer uma relação com elas é muito complicado. É uma boa maneira para os dois ficarem atolados na merda até ao pescoço. O que leva uma pessoa a concluir que uma queca não vale tantas consequências negativas.

— Desde que voltaste, tiveste tempo de encontrar uma senhora que estivesse pelos ajustes.

— Ah, mas existe um problema em relação a isso – redarguiu Dawson, fechando as persianas e virando-se para trás com um sorriso rasgado. – Ficaste com a última rapariga magnífica.

A frivolidade desapareceu sem deixar rasto. O vinco fundo entre as fartas sobrancelhas de Headly não se suavizou.

Abandonando todo e qualquer fingimento, Dawson voltou a sentar-se no cadeirão, afastou os joelhos e ficou a olhar fixamente para o soalho.

— Tens conseguido dormir? – perguntou Headly.

— Está a melhorar.

— Por outras palavras, não andas a dormir bem.

— Essa situação está a melhorar – insistiu Dawson, irritado, erguendo a cabeça. – Não é fácil retomar uma vida normal, recomeçar a trabalhar como de costume.

— De acordo. Admito isso. E que mais?

Dawson afastou o cabelo para trás.

— Este assunto com a Harriet... Ela está decidida a fazer com que a minha vida seja um inferno.

— Só se tu lhe permitires.

— Por amor de Deus, a mulher vai enviar-me para o Idaho!

— E o que tens tu contra o Idaho?

— Não tenho porra nenhuma! Tal como não tenho nada contra os invisuais, tão-pouco contra os balonistas. É uma reportagem que não tem nada a ver comigo. Nem sequer é o meu *tipo* de reportagem. Portanto, perdoa-me se estou a ter alguma dificuldade em conseguir entusiasmar-me com esse assunto.

— E parece-te que serias capaz de te entusiasmar se o tópico da reportagem fosse mais do teu agrado?

Headly não fizera aquela pergunta casualmente. Havia um motivo subjacente à pergunta. Por isso, a despeito do desânimo, Dawson sentiu um formigueiro de expectativa. Porque Headly não era apenas o seu padrinho e um bom amigo de toda a vida; também tinha sido a sua valiosa fonte anónima de informações no Federal Bureau of Investigation.

Interpretando o silêncio de Dawson como interesse, Headly continuou.

— Savannah, na Geórgia, e arredores. Um capitão dos Marines, Jeremy Wesson, um veterano de guerra condecorado, conta na sua folha de serviço com uma missão no Iraque e duas no Afeganistão.

Depois de regressar da sua última missão, passou à reserva e, segundo consta, descarrilou por completo. Há quinze meses, mais coisa, menos coisa, esteve envolvido num caso complicado com uma mulher casada, uma tal Darlene Strong. O marido, Willard, apanhou-os em flagrante e a situação não acabou nada bem para os amantes ilícitos. O Willard Strong vai a julgamento por assassínio depois de amanhã no tribunal do condado de Chatham. Devias estar lá para fazer a cobertura do julgamento.

Dawson começou logo a abanar a cabeça.

— E porque não? – perguntou-lhe Headly.

— Nesta altura é verão em Savannah.

— Olha para o calendário. O mês de setembro tem início hoje.

— Mesmo assim, não, obrigado. Faz muito calor por essas paragens. Muita humidade. Prefiro ir ao Idaho. Além disso, o crime não é a minha especialidade. E, com toda a franqueza, já tenho a minha quota-parte de militares durante os tempos mais próximos. Não quero escrever sobre um fuzileiro morto. É o que tenho andado a fazer de há nove meses a esta parte. De facto, talvez a reportagem de que a Harriet me encarregou seja um mal que vem por bem. É possível que a reportagem inócua seja precisamente o tónico de que estou a precisar. Um tema inspirador de esperança. Positivo. Que nos dá ânimo. Nada de corpos desmembrados, nem camuflados empapados em sangue, tão-pouco caixões cobertos com bandeiras.

— Ainda não te disse qual é o isco.

— Qual é o isco? – perguntou Dawson, carrancudo.

— A polícia encontrou sémen do Wesson na roupa da Darlene. Isto, é claro, para substanciar o caso do procurador contra o marido cornudo, o Willard.

— Muito bem.

— Acontece que o RANC de Savannah é um meu amigo do FBI, um nova-iorquino, e grande entusiasta de basebol, de nome Cecil Knutz.

— Rank?

– *Resident Agent in Charge (2)*. O mandachuva residente na delegação do FBI em Savannah.

— Muito bem.

— Mas adiante. O Knutz viu o relatório elaborado pelo CODIS, a base de dados nacional. O ADN

do Wesson correspondia a um dos registos.

— Ele já constava do sistema?

— Assim é. De facto, há já algum tempo que consta.

Headly fez uma pausa para beber um gole da sua bebida. Apercebendo-se de que aquilo era um estratagema usado para manter a expectativa, Dawson disse: – Estou em pulgas.

Headly pousou o copo e inclinou-se na direção de Dawson.

— O ADN do capitão Jeremy Wesson corresponde ao que recolhemos de uma mantinha de bebé que foi encontrada na casa em Golden Branch.

Aquilo não era um mero isco. Era um isco com anzol, que se foi alojar no centro do peito de Dawson. Estupefacto, ficou a olhar fixamente para Headly.

— Antes de perguntares – adiantou este –, não existe a mínima possibilidade de poder ter havido um engano. A correspondência é de noventa e nove, ponto nove, por cento, muito próximo dos cem por cento. Por outras palavras, a colheita do sémen dele efetuada recentemente, e a que data de 1976, veio do mesmo indivíduo. Nesse dia também recolhemos o ADN da Flora. Sabemos que ela era a mãe da criança, porque o ADN dela foi encontrado na manta de bebé. Além disso, a idade do Jeremy Wesson bate certo. Indiscutivelmente, a criança era filha da Flora e do Carl.

Dawson pôs-se de pé e deu alguns passos, após o que se virou para Headly.

— A julgar pela tua expressão – disse este como se conseguisse ler a multitude de perguntas que passavam à desfilada pela mente de Dawson –, deduzo que não preciso de te explicar qual o significado desta situação.

Embora Gary Headly tivesse tido uma carreira distinta, na sua perspetiva, tudo o que de bom tinha feito estava ensombrado pelo que interpretava como sendo o seu único fracasso – não ter conseguido fazer com que Flora Stimel e Carl Wingert respondessem perante a justiça. Era um acontecimento que lhe atormentara a carreira, e agora estava a contaminar a sua aposentação.

Era uma crueldade que o seu padrinho não merecia, o que encolerizava Dawson.

— Esse tal Knutz... por que razão te manteve informado acerca deste assunto?

— Porque ele sabe do meu interesse. Trabalhou comigo quando investiguei um dos casos deles, no Tennessee, em finais dos anos oitenta. Ele está ao corrente de que a minha aposentação não tardará a ser oficial, razão por que me passou a informação a título de cortesia, de colega para colega. Ele foi cuidadoso, não divulgando grande coisa, mas disseme que tem andado a investigar o passado do Jeremy Wesson, procurando encontrar qualquer ligação com o Carl e a Flora.

Dawson arqueou as sobrancelhas numa interrogação silenciosa.

— Nada. A certidão de nascimento do Jeremy Wesson, uma fotocópia que ele usou para se alistar, foi emitida pelo Ohio. Diz que ele nasceu e foi criado pelo senhor e pela senhora «Tal e Tal»

Wesson. Concluiu o liceu na cidade onde cresceu. Licenciou-se na Politécnica do Texas, após o que ingressou nos Marines. O seu passado, à primeira vista, não tem nada de especial, até ele ter dado em doido varrido e envolver-se amorosamente com a mulher de um pacóvio reacionário.

— Nada de tendências para atos de terrorismo em solo nacional?

— Aparentemente, nenhuma.

— Qual é a opinião do Knutz?

— Ele aconselhou-me a manter-me afastado. Ultimamente, o FBI tem assuntos mais importantes para resolver. Já ninguém se interessa pelo caso do Carl e da Flora. O consenso geral é que, provavelmente, ambos estarão mortos. Aquele assalto ao armeiro no Novo México foi o último crime que lhes foi imputado. E teve lugar em noventa e seis – respondeu Headly.

— Há dezassete anos. Podem acontecer muitas coisas durante esse período de tempo.

— O que não quer dizer que eles tenham morrido.

— Mas sem que haja indicação nenhuma de que estejam vivos, é lógico supor o contrário – alvitrou Dawson.

— Que se lixe a lógica e as suposições. Eu quero ter a certeza; tu não?

— Decorridos tantos anos, que diferença é que isso poderá fazer?

— Para mim faz diferença, e muita!

— De acordo – retorquiu Dawson, erguendo as mãos como que estivesse a cortar o ar. – Estou a perceber. Mas este fuzileiro condecorado, que talvez tenha sido filhos deles...

— E era. Tenho a certeza absoluta.

— Não, não tens.

— A análise do ADN diz que era filho deles.

— O que não é uma prova irrefutável.

— No que me diz respeito, é – reiterou Headly.

— Como queiras. Mesmo que ele fosse filho deles...

— Não sentes curiosidade em saber que destino é que ele levou depois do caso Golden Branch?

Onde é que esteve?

— Nem pouco mais ou menos – respondeu Dawson.

— Não acredito nisso – disse Headly.

— Podes acreditar. De que é que serviria desenterrar o...

— Pensei que gostarias de saber.

— Mas não quero.

— Nesse caso, fá-lo por mim – disse Headly.

— Porquê? Ele está *morto*. Fim da história.

— Podia ser a maior reportagem de toda a tua carreira.

— De certeza absoluta que é o maior caso da tua vida! – retorquiu Dawson.

Simultaneamente, ambos aperceberam-se de que estavam aos gritos. Headly olhou na direção da porta como se estivesse à espera de que a mulher tivesse ido inspecionar a razão de tanta agitação.

Dawson baixou o tom de voz até um nível mais normal.

— Se quiseres inteirar-te do resto da história, porque é que não *vais* assistir ao julgamento em Savannah?

— Porque a Eva se divorciaria de mim – resmungou Headly. – Além disso, tal como te disse, a minha aposentação do FBI não tardará a ser oficial. Se fosse até lá para me meter no que não sou chamado, pareceria patético. Como um tipo que não é capaz de reconhecer quando a sua carreira chegou ao fim.

Dawson passou os dedos pelo cabelo enquanto soltava um suspiro de agitação. Adorava Headly.

Tinha consciência do quanto o seu padrinho ansiava por encerrar, de uma vez por todas, o caso que definia a sua carreira profissional. Mas isso seria pedir demasiado, Dawson sentia-se exausto, além de descorçoado pelas suas experiências no estrangeiro. Até mesmo nos dias bons, os seus nervos estavam sempre à flor da pele. A última coisa de que precisava era de irritações adicionais, como desenterrar aquela saga inacabada. Que bem é que adviria disso? Quer Jeremy Wesson fosse filho de Carl e Flora ou não, tal não fazia a mínima diferença.

— Lamento Headly – disse em voz baixa. – Ainda que não existisse uma Harriet na minha vida a enviar-me para outro lugar com a incumbência de fazer uma reportagem diferente, eu não iria a Savannah. O teu amigo Knutz tem razão. Existem algumas coisas em que não se deve mexer.

Headly sondou-o com um olhar perscrutador, deixando depois descair os ombros numa atitude de aceitação perante o facto de Dawson estar firmemente decidido. Bebeu de um trago o resto da bebida e não disse mais nada sobre o assunto. Pouco depois, Eva convidou-o para

jantar. Agradeceu, mas não aceitou, servindo-se da desculpa de ter de fazer as malas para a viagem até Idaho. Evitando ao máximo manter contacto visual direto com eles, Dawson apressou-se a bater em retirada.

Já suava profusamente de ansiedade quando chegou ao seu automóvel. Tomou outro comprimido assim que parou no primeiro semáforo, engolindo-o com a água morna da garrafa que deixara no carro. A hora de ponta em Washington, devido ao tráfego automóvel que seguia em direção à Virgínia, não ajudou a melhorar o seu estado de espírito, pelo que estava extremamente enervado quando chegou ao seu apartamento em Alexandria.

Tinha começado a descalçar as botas quando o telemóvel emitiu o sinal sonoro que lhe indicava ter acabado de receber uma mensagem de texto. Era de Headly e dizia: «Existe um argumento decisivo . »

Dawson sabia que aquilo era um engodo, mas a curiosidade levou-o de vencida. Respondeu com outra mensagem de texto, perguntando: «Que argumento decisivo é esse?»

A resposta não tardou a chegar. «J. Wesson só foi dado como presumivelmente morto. O corpo nunca foi encontrado.»

(2) Numa tradução livre do inglês, significa Agente Residente Responsável. (N. da T.)

Capítulo 2

—Senhor Jackson, está preparado para chamar a sua próxima testemunha? – O assistente do procurador levantou-se.

— Sim, meritíssima. Chamo Amelia Nolan.

À semelhança dos outros membros do público, Dawson virou-se quando o oficial de diligências abriu as portas duplas ao fundo da sala do tribunal, indicando com um gesto que a antiga senhora Jeremy Wesson podia entrar.

Era o terceiro dia do julgamento. A primeira testemunha da manhã havia sido um veterinário, um doutor «Qualquer Coisa» – Dawson tomara nota do nome dele para futura referência, caso fosse necessário –, o qual dissertara demoradamente sobre os processos digestivos dos cães, em especial dos *pit bulls*.

O procurador precisou de quase duas horas para ser capaz de compreender o palavreado científico, que para si era incoerente, a fim de chegar ao ponto crucial: todos os pedacinhos de Darlene Strong que tinham sido encontrados nos tratos digestivos de três dos cães da matilha de Willard Strong, que costumavam participar em lutas ilegais, os quais haviam sido abatidos para que fosse possível encontrar essas provas.

A segunda pessoa a testemunhar foi o médico-legista do condado, o qual confirmara que esses pedacinhos todos correspondiam aos que faltavam ao cadáver da vítima, que fora encontrado fechado à chave no canil junto à casa.

Darlene não morrera devido ao ataque dos animais, mas a acusação pedia a pena de morte, razão que levara Lemuel Jackson, um arguto e meticuloso advogado de acusação, que contava com um impressionante número de condenações, a deixar bem claro na mente dos jurados o quanto o crime havia sido hediondo. Queria que constasse das atas que o corpo dela fora dado a comer aos cães de Willard, e uma vez que os animais estavam esfaimados para que fossem mais ferozes aquando das lutas...

As implicações subjacentes fizeram com que muitos dos membros do júri ficassem com uma cor ligeiramente esverdeada.

Sangue recolhido no solo do canil, assim como um pedaço de couro cabeludo ainda com cabelo agarrado, que foi encontrado no interior dos intestinos de um dos cães, pareciam indicar que Jeremy Wesson tinha tido o mesmo destino.

Quando chegou a altura de o advogado de defesa, Mike Gleason, levar a cabo um contrainterrogatório, bastante ineficaz, ao médico-legista, já era quase meio-dia. A juíza anunciou uma suspensão temporária para o almoço, até à uma e meia da tarde, muito embora Dawson tivesse sérias dúvidas de que as pessoas que se encontravam na sala do tribunal estivessem com muito apetite. De certeza que não teriam fome suficiente para um almoço de hora e meia.

Estavam entretanto todos de volta e a terceira testemunha do dia havia sido chamada a depor.

A fim de se inteirar do caso, Dawson lera os artigos publicados na imprensa acerca do crime.

Supunha que teria visto de relance as fotografias da ex-senhora Wesson que acompanhavam alguns desses artigos, mas a verdade é que não lhes prestara grande atenção.

Subitamente, começou a prestar toda a atenção.

A mulher que percorria a curta coxia central não correspondia minimamente às suas expectativas.

Vira os anúncios afixados de «Procura-se» de Flora Stimel, tendo imaginado que a ex-mulher de Jeremy Wesson seria de um género semelhante ao da sua própria mãe. Esperava que ela tivesse uma aparência grosseira, endurecida e beligerante.

Mas desde a estrutura óssea delicada até à mão pálida que ela erguia para ser ajuramentada, aquela mulher era o extremo oposto. Tinha mais classe do que qualquer outra pessoa presente na sala do tribunal, incluindo o próprio Dawson. Especialmente Dawson.

Vestia uma saia travada de um tom de marfim, com uma blusa da mesma cor, mas de um tecido mais fino, vestuário que complementava

com um casaco de um azul cor de safira. As únicas joias visíveis eram uns brincos com um diamante e um relógio de pulso. Estava perfeita para se apresentar numa sala de tribunal, sem ter um aspeto excessivamente feminino e rebuscado, tão-pouco demasiado severo.

Na sua qualidade de jornalista, teria ficado interessado na antiga mulher de Jeremy Wesson, quaisquer que fossem as circunstâncias. Havia um milhar de perguntas que lhe queria fazer, se não para seu próprio esclarecimento, decerto que por Headly.

Mas a mulher que estava prestes a dar o seu testemunho despertava nele um tipo diferente de curiosidade, o que lhe causava desagrado por não precisar de mais complicações na sua vida. A pior seria a perda da sua objetividade profissional, algo de que ele muito se orgulhava.

Voltou a amaldiçoar Headly por o ter envolvido naquele assunto. Não quisera ir ao tribunal, mas sabia que não podia ter-se escusado. Depois de ter recebido a mensagem de texto de Headly, que era uma espécie de repto, tinha emalado o seu saco de viagem. Na manhã seguinte, em vez de fazer uso da passagem aérea para o Idaho que lhe fora impingida, tinha seguido num voo rumo a Savannah.

Enquanto esperava na fila do aluguer de carros, telefonou para Harriet.

— Já chegaste a Boise?

— Fiz um desvio – respondeu Dawson, imaginando-a sentada à secretária com o fumo a sair-lhe das orelhas.

— Incumbi-te de fazeres uma determinada reportagem, Dawson.

— Tenho uma melhor.

— De que é que se trata?

— Por agora é segredo.

— *Onde* é que é.

— Estou a investigar uma pista escaldante.

— Raios te partam, Dawson!

— Manter-me-ei em contacto – disse, desligando o telefone antes que as pessoas que se encontravam por perto pudessem ouvir as invetivas obscenas que Harriet lhe gritava do outro lado da linha.

Para já, era ele próprio quem custeava todas as despesas, optando por reservar um quarto num hotel de preço médio na baixa da cidade. Depois de tomar um duche de água fria, ligou o televisor, sintonizando-o num canal de entretenimento e desporto, após o que se instalou na cama com um hambúrguer com queijo e o computador portátil.

Procurou os sítios na Internet com conteúdos relativos ao crime por que Willard Strong estava a ser julgado. Sob todos os aspetos, era um caso bastante perturbador, e quando Dawson deu a sua pesquisa por concluída, começou a sentir um aperto no peito que queria atribuir ao *Tabasco* com que condimentara generosamente o *cheeseburger*. Mas sabia que esse não era o motivo para o seu mal-estar físico.

Perguntou a si próprio pela milionésima vez por que razão permitira que Headly o envolvesse naquele assunto. Mas depois de ter esmiuçado todas as explicações plausíveis para a sua capitulação, a verdade veio ao de cima e não tinha nada a ver com Headly, tendo, isso sim, tudo a ver consigo próprio.

De facto, ele desafiara-se, para todos os efeitos práticos, a ir a Savannah como uma espécie de terapia.

Desde que voltara do Afeganistão que tinha sido incapaz de se libertar dos efeitos de ter passado quase um ano numa zona de guerra. Agarravam-se a ele como uma teia de aranha tão fina que era quase invisível, embora tão coesa como aço e fora-lhe, até ao momento, impossível escapar.

É claro que não estava tão destrambelhado como Jeremy Wesson. Sem dúvida que o capitão sofrera de algo muito concreto, da perturbação de stresse pós-traumático de guerra. Tinha-lhe custado a família e, em última análise, a própria vida, fazendo dele o assunto ideal para um artigo relevante e muito a propósito, o género de artigo que suscitaria fortes emoções no leitor.

No entanto, também se tratava do tópico que Dawson mais desejava evitar. Era um assunto que lhe tocava bem fundo.

E depois havia o outro elemento que tornava aquele assunto pessoalmente envolvente. Seria Jeremy Wesson filho de Carl Wingert e

de Flora Stimel? Estariam mortos ou não? Para Wesson era indiferente. Mas não era indiferente a Headly, e ele sentia a obrigação para com o seu padrinho de levar a investigação pelo menos um passo mais à frente.

E tinha sido por isso que decidira ir a Savannah. Considerando o caso de um ponto de vista estritamente jornalístico, a vida de Jeremy Wesson era um verdadeiro tesouro. Como é que ele poderia deixar de escrever a história emocionante de um homem que tinha vindo ao mundo como filho de fugitivos à justiça, mas que tivera uma educação aparentemente normal na região do Midwest, tendo servido a sua pátria com honradez e regressado emocional e psicologicamente destroçado da guerra, tendo sido mais tarde violentamente assassinado?

Era uma versão norte-americana de uma tragédia grega.

Com este pensamento em mente durante a sua primeira noite passada em Savannah, desligou o computador portátil. Tomou um soporífero com um gole de *Pepto-Bismol* para neutralizar o *Tabasco* e deitou-se. Cinco minutos mais tarde, levantou-se e tomou outro comprimido, engolindo-o com um *Jack Daniel's* de uma garrafa em miniatura do minibar.

Apesar dos dois soporíferos e do uísque, voltou a ter o mesmo pesadelo. Duas vezes.

Consequentemente, sentia-se azamboado e mal-humorado durante o primeiro dia do julgamento de Willard Strong. Tinha chegado cedo ao tribunal – não para conseguir lugar na primeira fila, mas para conseguir um na fila de trás, perto da porta, de modo a poder sair rapidamente e sem quaisquer obstáculos, caso fosse necessário.

Tendo o julgamento sido suspenso até ao dia seguinte, Dawson encaminhou-se de imediato para a River Street, onde passou o fim de tarde a percorrer os bares. Mulheres disponíveis não faltavam e o sexo proporcionar-lhe-ia, pelo menos, um alívio temporário dos pensamentos mórbidos que o atormentavam, contudo, não dera seguimento a nenhum dos convites, subtis ou explícitos, que lhe foram feitos.

Fez amizades que só tiveram a duração de uma ou duas bebidas, estabeleceu conversas triviais sobre tópicos impessoais e deixou-se ficar

até à hora de os bares fecharem, não lhe restando mais nada para fazer a não ser voltar para o quarto de hotel e para a almofada dura e implacável onde os suores noturnos e os sonhos maus o aguardavam.

Até àquele momento, tinha-se sentido entediado com o julgamento, o que o levou a tentar encontrar uma maneira donairosa de se desligar de tudo o que estivesse relacionado com o caso.

Mas o aparecimento da ex-mulher de Wesson alterou tudo isso.

Amelia sentia a palma da mão esquerda suada contra a Bíblia sobre a qual jurou dizer toda a verdade. Em seguida, subiu para o lugar das testemunhas, sentando-se.

— Senhora Nolan – começou Jackson, aproximando-se dela –, quero agradecer-lhe por ter vindo testemunhar. Quer fazer o favor de indicar o seu nome completo ao tribunal?

— Amelia Nolan.

— Esse é o seu apelido de solteira?

— Sim, é. Voltei a usá-lo depois de me ter divorciado do Jeremy.

— O nome Nolan é respeitado neste estado – retorquiu o advogado com um sorriso.

— Agradeço as suas palavras.

Jackson olhou de relance por cima do ombro em direção à mesa da defesa.

— Senhora Nolan, reconhece o réu?

Pela primeira vez desde que tinha entrado na sala do tribunal, ela olhou na direção de Willard Strong. Ele mantinha-se sentado com os ombros descaídos, os olhos a fitarem-na furtivamente por baixo da fronte bastante proeminente. Penteara o cabelo com todo o cuidado. Vestia um fato demasiado apertado e curto que parecia ser dois tamanhos abaixo do seu. Se ela tivesse de usar apenas uma única palavra para o descrever, seria «abrutalhado» .

— O Jeremy apresentou-nos – replicou ela, admitindo que o reconhecia.

— Quando é que esse encontro inicial teve lugar?

— No dia vinte e dois de fevereiro de 2011.

— Recorda-se da data exata?

— O meu filho mais velho, o Hunter, fez quatro anos nesse mesmo dia.

— Quer fazer o favor de descrever ao tribunal as circunstâncias desse encontro?

— O Jeremy e eu já estávamos separados. Eu tinha a tutela temporária dos nossos dois filhos enquanto o divórcio estava pendente, mas concordara em permitir que o Jeremy estivesse presente na festa de aniversário do Hunter. Quando ele chegou, vinha acompanhado do Willard e da Darlene Strong.

— Portanto, nunca os tinha visto antes?

— Não, mas conhecia-os de nome. O Jeremy já tinha mencionado o nome deles.

— Como é que os descreveria naquela manhã?

— Está a referir-se a...

— O estado em que os três se encontravam quando chegaram a sua casa.

— Estavam embriagados.

— Protesto – interveio o advogado de defesa, pondo-se de pé.

— Vou reformular a questão – atalhou Jackson antes que a juíza pudesse decidir. – Senhora Nolan, ficou com a impressão de que os três indivíduos tinham estado a beber excessivamente?

Gleason preparava-se para voltar a objetar quando a juíza ergueu a mão.

— Senhora Nolan, pode responder à pergunta.

Jackson fez um gesto para indicar à testemunha que prosseguisse.

— Não foi a primeira vez que vi o Jeremy embriagado – continuou Amelia. – Foram muitas as ocasiões. Não era uma pessoa agradável nem bem-humorada quando bebia demasiado. Pelo contrário. Por isso, comecei a estar atenta aos sinais. Quando ele chegou à festa, vi de imediato que tinha os olhos injetados de sangue. O sorriso era mais de escárnio do que de outra coisa. Mostrava uma atitude agressiva. Os três

riam-se às gargalhadas... – Interrompeu-se, fazendo uma pausa por não lhe ocorrerem outras palavras que pudessem descrever adequadamente o estado em que os três se encontravam. – Riam-se inapropriadamente como se estivessem perdidos de bêbados.

— A que horas é que isso se passou?

— A festa estava marcada para o meio-dia. Eles chegaram um pouco antes dessa hora.

— Confrontou o senhor Wesson por causa desses sinais visíveis de que estavam inebriados?

— Sim – confirmou a testemunha.

— Ele deu-lhe alguma explicação?

— Disse que tinham vindo diretamente de outra festa; tinham andado a celebrar durante toda a noite.

— Eles? Ele, o senhor Strong e a mulher do senhor Strong?

— A defesa objeta. A testemunha está a ser influenciada.

Jackson aceitou a decisão da juíza a favor da objeção de Gleason, mas fez questão de deixar bem claro onde é que quisera chegar perante o júri. A festa referida havia sido exclusivamente entre os três.

Pelo canto do olho, Amelia viu que Willard Strong sussurrava qualquer coisa ao seu advogado.

Gleason abanou a cabeça, mostrando uma expressão severa, como se estivesse a repreendê-lo para que se mantivesse calado. Ela estremeceu ao supor o que poderia ter sido dito, mas duvidava seriamente que pudesse ter sido alguma coisa abonatória a seu respeito.

— Estou em crer que os jurados concordarão – continuou Jackson – que já estabelecemos que o réu, a mulher deste e o seu marido, de quem já estava separada, apareceram embriagados na festa de aniversário do seu filho. Quer fazer o favor de dizer ao tribunal o que é que aconteceu em seguida?

Amelia recuou no tempo, revendo o que acontecera nesse dia e voltando a ver o esgar escarnecedor e insolente de Jeremy.

— Pedi ao Jeremy que se fosse embora. Entretanto, começaram a chegar os outros convidados.

Encontravam-se no terraço ao lado da casa. Sentime constrangida tanto pelo Jeremy como por mim.

— Como é que ele reagiu quando lhe pediu que se fosse embora?

— Tornou-se agressivo. Alegou que tinha o direito de ver o filho no dia do seu aniversário e que não seria eu a impedi-lo de o fazer.

Gleason pôs-se de pé.

— Meritíssima, a defesa objeta. Por que motivo este testemunho é relevante para o julgamento?

— Já vou chegar à relevância – replicou Jackson calmamente.

— Objeção indeferida – adiantou a juíza, mas pediu a Jackson que se apressasse.

O advogado aquiesceu com um acenar de cabeça, voltando a concentrar-se em Amelia.

— A fim de pouparmos tempo e para não pormos à prova a limitada paciência do advogado da defesa, importa-se de nos dizer como é que essa confrontação ficou resolvida?

— Disse ao Jeremy que ele não estava em condições de estar na presença de crianças. Nem sequer de conviver com quem quer que fosse. Ordenei-lhe que se fosse embora. Ele recusou-se a sair, pelo que o ameacei, dizendo-lhe que chamaria a polícia. Também o ameacei com o pedido de uma providência cautelar, o que o impediria de chegar perto dos nossos filhos.

— Qual foi a reação dele a essa ameaça?

— Amaldiçoou-me. Chamou-me nomes. Disse que os nossos filhos eram da sua carne e do seu sangue e que eu nada faria nem podia impedi-lo de estar com eles. Fez uma cena horrível. Os amigos do Hunter da pré-primária, os respetivos progenitores e o próprio Hunter ouviram os impropérios proferidos alto e bom som pelo Jeremy, entrando em casa para ver o que se estava a passar. – Amelia jamais se esqueceria do medo refletido nos olhos do filho ao ouvir as investidas do pai. Grant, o mais novo dos seus filhos, que tinha apenas dezoito meses nessa altura, desatara a chorar.

Amelia baixou a cabeça, olhando para as mãos frias e suadas que, subconscientemente, enclavinhara com força no colo. Obrigou-se a descontraí-las, lembrando a si própria que os filhos nunca mais voltariam a ter medo de Jeremy.

— Senhora Nolan?

Ela ergueu a cabeça e endireitou os ombros.

— Senhora Nolan – repetiu Jackson –, o que é que o Willard e a Darlene Strong faziam enquanto essa cena se desenrolava?

A interpelada olhou na direção da mesa da defesa, sentindo o impacto da animosidade de Strong.

— O senhor Strong estava a acicatar o Jeremy.

— Importa-se de ser mais específica?

— Dizia coisas como: «A Darlene nunca se atreveria a falar comigo nesses termos sem sofrer as consequências.»

— Ele indicou que ela sofreria fisicamente, caso...

— Meritíssima, a defesa objeta – interveio Gleason num tom agastado. – Uma vez mais, a acusação está a influenciar a testemunha.

— Diferida.

Jackson pediu desculpa, o que fez com uma manifesta falta de sinceridade, pensou Amelia. Em seguida, voltou a concentrar-se nela.

— Recorda-se de alguma ameaça específica que o senhor Strong tenha feito à mulher dele?

Amelia fechou os olhos por uns momentos, mas quando os reabriu, olhou diretamente para o lugar reservado aos jurados.

— O Jeremy tinha-me agarrado por um braço, aqui – especificou, envolvendo o bíceps com a mão –, e começou a sacudir-me. O senhor Strong disse: «Estás a ser muito brando com ela. Se a Darlene me ameaçasse dessa maneira, seria a última coisa que faria na vida.»

Aquele depoimento como que provocou um efeito de vácuo na sala do tribunal. Decorreram vários segundos até os membros do público recomeçarem a respirar. Ouviu-se o arrastar de pés e o roçagar de

vestuário enquanto as pessoas mudavam de posição nos seus lugares; houve alguém que tossiu.

Dawson viu a mesma reação nos jurados. Pareciam hipnotizados por Amelia Nolan ou, pelo menos, pelo seu depoimento. Lem Jackson não era nenhum idiota. Aproveitou a tensão que reinava no ar, olhando bem de frente para cada um deles antes de se encaminhar para a mesa da acusação, pegando num bloco pautado de apontamentos de folhas amarelas, começando a folhear as páginas, como se procurasse uma determinada nota. Dawson duvidava de que ele precisasse da referência.

Era uma maneira plausível de ganhar tempo enquanto o depoimento pertinente da sua testemunha ficava registado na mente dos membros do júri.

Antes da próxima pergunta, Amelia Nolan pediu um copo de água. Enquanto ela fazia aquela pequena pausa, a juíza convidou todos os presentes a levantarem-se para esticar as pernas. Dawson aproveitou aquele intervalo para enviar duas mensagens de texto. A primeira foi para Headly.

«A ex do Wesson a depor. Muito eficaz. Já usaste o Viagra? Quero saber os pormenores mais sórdidos.»

A segunda mensagem de texto foi enviada a uma colega que fazia trabalho de pesquisa e confirmava factos na *NewsFront* desde a publicação do primeiro número há trinta anos. Era escanzelada, rabugenta e cheirava sempre ao fumo dos cigarros que afirmava ter deixado de fumar, contudo, Dawson confiava na sua rapidez, na meticulosidade e, acima de tudo, na sua discrição.

Todos os Natais, ele corrompia-a com uma caixa de cerca de dois quilos e meio de cerejas com cobertura de chocolate e uma caixa de vinho igualmente doce.

«Glenda, minha querida: Amelia dos Nolan da Geórgia? Porquê "respeitáveis"? Factos desejados o mais depressa possível, por favor.»

Serviu-se de uma aplicação para inserir corações e flores no fim do texto.

Ainda mal tinha enviado as mensagens quando a juíza bateu com o martelo, indicando a todos os que se tinham levantado que se sentassem. Depois de todos terem voltado a instalar-se nos seus assentos, instruiu Jackson para que continuasse a interrogar a testemunha.

O advogado de acusação estava pronto. Pousou o bloco de apontamentos em cima da mesa e aproximou-se da testemunha. Quando lhe dirigiu a palavra, o seu tom de voz era sombrio.

— Senhora Nolan, como é que acabou a cena que nos descreveu?

— Um dos outros progenitores ligou para o número de emergência.

— E a polícia deslocou-se ao local?

— Chegaram dois agentes numa questão de alguns minutos. Mas o Jeremy e os Strong trataram de sair antes de eles chegarem.

— Foram-se embora sem mais incidentes?

— O Grant estava a chorar, enquanto o Hunter se encostava amedrontado a um dos pais presentes.

Estou em crer que as reações de temor das crianças incomodaram o Jeremy. Além disso, tinha consciência de que todos os presentes o haviam visto a agarrar-me pelo braço e a sacudir-me. Penso que talvez se tenha sentido envergonhado. Calculo eu, não sei ao certo. Seja como for, ele largou-me.

Quando o senhor Strong lhe disse que ele devia fazer alguma coisa a respeito da minha «língua comprida», estou a citar, o Jeremy mandou-o calar-se e disselhe que não se metesse no que não era da sua conta – prosseguiu Amelia –, juntando-lhe um impropério. Em seguida, abriu a porta da frente e empurrou o senhor Strong para fora, para o alpendre da casa. O senhor Strong praguejou e acredito que teria retaliado se...

— A defesa objeta.

— Diferido.

— O senhor Strong retaliou por ter sido empurrado pelo senhor Wesson? – apressou-se Jackson a perguntar.

— Não. Ele mal se aguentava de pé. Desceu os degraus do alpendre a cambalear e foi por pouco que não caiu. O Jeremy pegou na mão da senhora Strong e puxou-a para que saísse atrás de si. Os dois homens

estavam muito irritados, empurrando-se um ao outro enquanto se encaminhavam para o automóvel do Jeremy estacionado junto do passeio. Fechei a porta de casa e não vi mais nada.

Quando a polícia chegou, já eles se tinham ido embora.

Jackson voltou para a mesa da acusação e, uma vez mais, consultou os seus apontamentos, provavelmente sem que houvesse necessidade nenhuma para isso. Estava a dar tempo à sua testemunha para poder respirar, e aos membros do júri para que pudessem imaginar a cena e o antagonismo que, obviamente, existia entre os dois alegados amigos.

A Sr.ª Nolan aproveitou para beber um pouco de água do copo que tinha à sua frente. Até mesmo do fundo da sala do tribunal onde Dawson se sentava, este conseguia ver que a mão dela tremia.

Quando Jackson se aproximou de Amelia, franzia o sobrolho e tinha as mãos nas algibeiras, mostrando uma expressão de pesar, como se lamentasse o rumo que tencionava dar ao interrogatório.

— Senhora Nolan, teve um segundo encontro com o Willard Strong, não é verdade?

— Sim, é verdade.

— Quando é que isso aconteceu?

— No dia três de maio do ano passado.

— Uma vez mais, lembra-se da data com exatidão.

— Sim, lembro-me. – Baixou a cabeça, fazendo com que uns fios de cabelo lhe caíssem para a face.

Com uma expressão absorta, estendeu a mão e prendeu o cabelo atrás da orelha. Dawson considerou ser um gesto nervoso, dadas as circunstâncias, ou talvez fosse habitual nela. Apostaria nesta última hipótese.

— Senhora Nolan, por que razão se recorda dessa data com tanta precisão?

Quando ela levantou a cabeça para responder à pergunta, Jackson apercebeu-se de que todos os presentes na sala de tribunal, incluindo o próprio acusado, se inclinavam para a frente na expectativa da resposta que ela daria.

— Porque foi no dia em que a senhora Strong e o Jeremy foram dados como desaparecidos – respondeu Amelia depois de ter pigarreado delicadamente.



Capítulo 3

Jackson pediu-lhe que descrevesse esse dia.

— Começou como qualquer outro dia útil da semana. Deixei os meus filhos na pré-primária da Igreja Episcopal de São Tomás antes de ir para o trabalho.

— A senhora trabalha no Museu de Guerra Collier, certo?

— Sim, como curadora. Sou especialista na Guerra Civil.

— Trata-se de um emprego a tempo inteiro?

— Sim, é, mas o museu permite-me uma grande flexibilidade de horário, o que é imprescindível numa família monoparental como a minha.

— Nesse dia, três de maio, passou-se alguma coisa fora do normal que a alertasse para o que estava para acontecer?

— Nada. Nada até ter recebido um telefonema da escola pouco depois das treze horas. Eu estava no gabinete do diretor do museu com ele.

— Porque, George, é uma porcaria.

– Faz-lhe a vontade, Amelia. Faz-me a vontade.

– Não tem qualquer valor. Quer no mercado, quer para o museu.

– Pode ser que sim.

– Não é uma questão de «pode ser». É, de facto.

– De acordo. Pouco mais é do que uma bugiganga. O Exército Confederado atribuiu centenas...

– Milhares.

– Milhares delas. Mas a medalha é valiosa para o Paterson Knox. Tem sido deixada em herança de geração em geração desde antes do seu tetra-avô; além disso, ele foi batizado com o nome desse seu antepassado em particular. Não preciso de te lembrar que...

– Mas é o que estás prestes a fazer.

– ... que o Paterson Knox contribuiu com mais de cem mil dólares para as finanças do museu no ano passado. A senhora Knox...

– É membro da direção do museu. Não sou estúpida, George. Compreendo muito bem. Acontece apenas que tu e eu temos perspetivas diametralmente opostas em relação a estes assuntos. Na qualidade de curadora, faz parte das minhas funções proteger a integridade artística do museu.

– Essa também é a minha prioridade.

– Sim, mas como diretor és obrigado a agradar às pessoas que permitem que nos mantenhamos abertos. Sinto-me mortificada quando expomos objetos sem valor nenhum a fim de nos assegurarmos de que um doador importante continue a doar.

– Entendo o que dizes. Mas...

– Esquece. Reconheço quando me encontro num beco sem saída. Não concedo a derrota, mas tenho noção da futilidade de continuar a defender a minha opinião quando me parece que esta discussão está destinada a terminar em favor dos teus argumentos. O que não obsta a que me sinta obrigada a dar o meu melhor para te convencer.

– Não esperaria menos da tua parte. Expõe a medalha do senhor Knox num canto qualquer.

– Com uma placa de latão, iluminada por um projetor, que enalteça a sua generosidade bem como a da senhora Knox.

– Não precisa de ser uma placa muito grande.

— Tínhamos acabado a nossa reunião – continuou Amelia a depor – quando o meu telemóvel começou a tocar. Reconheci o número de telefone da escola, pelo que atendi imediatamente. Era a senhora Abernathy, a diretora da escola. Ela estava extremamente perturbada.

— Porquê?

— Porque um homem tinha irrompido pela escola adentro, forçando a entrada no seu gabinete...

— A defesa objeta. Testemunho por ter ouvido dizer a outrem.

Lem Jackson contra-argumentou. A juíza decidiu a seu favor, tendo sido pedido a Amelia que prosseguisse.

— O homem exigiu que lhe dissessem se o Jeremy tinha ido à escola naquele dia. Não foi, mas a senhora Abernathy teve bastante dificuldade

em convencê-lo disso. Finalmente, ele acabou por sair da escola, mas só depois de ela o ter ameaçado de chamar a polícia.

Jackson lembrou o júri de que a Sr.ª Abernathy tinha deposto anteriormente, tendo dito a mesma coisa, além de ter identificado Willard Strong como sendo o homem irado. Em seguida, perguntou a Amelia se era hábito do seu ex-marido ir à escola para ver Hunter e Grant.

— Não. Tanto quanto sei, ele nunca foi lá, nem sequer nos dias em que tinha direito a ver os filhos.

O nosso processo de divórcio já estava finalizado. Levando em consideração o incidente aquando da festa de aniversário, as visitas aos rapazes eram supervisionadas. Do que ele se ressentia amargamente e tinha esperança em que essa restrição fosse revogada. Mas enquanto isso não acontecia, ele conformava-se com a restrição.

— Esse telefonema da diretora da escola alarmou-a, senhora Nolan?

— Isso é dizer pouco. Quando ela me descreveu o homem, reconheci-o como sendo o senhor Willard Strong. A minha reação instintiva foi ir à escola de imediato. Todavia, a senhora Abernathy garantiu-me que o Hunter e o Grant estavam no seu gabinete e em segurança, acrescentando que eles não tinham conhecimento do incidente. Apesar disso, quis vê-los com os meus próprios olhos para me certificar de que estavam bem – continuou Amelia Nolan. – A senhora Abernathy ofereceu-se para os levar a minha casa. Saí do museu imediatamente para estar lá quando ela chegasse.

— Falou com alguém?

— Tentei contactar o Jeremy. Queria saber o que se estava a passar. Mas os inúmeros telefonemas que fiz para o telemóvel dele foram diretamente para o correio de voz. Também tentei ligar-lhe para o emprego. Fui informada de que ele dera parte de doente nessa mesma manhã. Ninguém na empresa de construção civil o vira ou tivera notícias dele desde a véspera desse dia.

— Foi para casa?

— Exatamente.

Em termos de quilómetros, o museu não ficava muito longe da casa dela na cidade, mas pareceu-lhe que levou uma eternidade a percorrer essa distância. As ruas eram-lhe familiares, o que lhe permitia conduzir o carro sem precisar de grande concentração. Mas isso também deixava que a sua mente tivesse pensamentos aterradores. Era evidente que a relação de Jeremy com Willard e Darlene Strong se mostrava bastante volátil e a possibilidade de isso poder ser perigoso para os filhos, fosse de que maneira fosse, era-lhe absolutamente insustentável.

Afinal de contas, ver-se-ia forçada a pedir uma providência cautelar. Deveria dar entrada de uma petição junto do tribunal de família para que fosse retirado a Jeremy o direito de ver os filhos até ele atinar? Talvez uma medida drástica dessa natureza lhe fizesse ver até que ponto andava a destruir a sua própria vida. Talvez o facto de lhe ser negado o direito de ver os filhos o levasse a procurar tratamento e aconselhamento psicológico antes de arruinar a sua vida irremediavelmente.

Eram esses os seus pensamentos quando entrou na Jones Street, que lhe pareceu absurdamente plácida. Os portentosos carvalhos verdes americanos com raízes fundas proporcionavam uma sombra acolhedora nos passeios.

Depois de se ter mudado da casa onde ela e os filhos tinham passado períodos tão infelizes, arrendara uma casa na cidade. O jardim e o quintal murados eram um espaço seguro onde os rapazes podiam brincar. Os vizinhos olhavam uns pelos outros. Até ela decidir onde é que queria assentar de vez, era uma casa temporária confortável e conveniente.

Mas para sua deceção, a Sr.ª Abernathy ainda não tinha chegado. Virou no caminho estreito de acesso à casa, contornando o extremo lateral do edifício e seguiu até ao seu lugar de estacionamento nas traseiras. Estacionou o carro, saiu apressadamente, subiu os degraus e abriu a fechadura da porta das traseiras, que dava diretamente para a cozinha. O alarme começou a emitir o sinal sonoro. Soou-lhe invulgarmente elevado e precisou de três tentativas frustrantes para conseguir inserir a sequência correta de números que o desligariam.

Quando parou de soar, continuou a ter os ouvidos a zumbirem – o único som que ouvia acima do silêncio que dava a impressão de lhe comprimir os tímpanos.

Todos os seus recetores sensoriais pareciam mil vezes mais apurados do que a sua capacidade normal. Por não haver qualquer movimento ou som, a ausência de estímulos era profundamente perturbadora. Dava-lhe a saber até que ponto a sua vida seria vazia sem a presença dos filhos.

Os dois enérgicos e turbulentos rapazes, que por vezes davam com ela em doida, agora eram o que ela mais ansiava por ter junto de si. Queria ouvir o riso deles, sentir o cheiro de garotinhos dos dois, sentir o contacto dos pequenos corpos cálidos contra o seu peito e as bochechas lambuzadas com os beijos deles.

Aproximou-se do lava-louça e abriu a torneira, tirando um copo da prateleira, enchendo-o de água, e bebeu sequiosamente. Pensando que, com certeza, a diretora da escola já tinha tido tempo de chegar, olhou para o relógio do fogão e depois, parecendo-lhe ouvir um automóvel na rua, virou-se.

Quando o copo lhe caiu da mão e se partiu no chão da cozinha, sentiu estilhaços de vidro nos pés e nas pernas.

Willard Strong encontrava-se a menos de um metro dela. Estava armado com uma espingarda de caça de dois canos que trazia de través no peito e que lhe pendia do ombro ao quadril, mantendo uma mão na coronha e a outra nos canos. «Se gritares, não hesitarei em matar-te.» A porta das traseiras estava entreaberta. Com toda a calma, ele estendeu a mão para trás e empurrou-a, fechando-a.

Amelia retraiu os lábios e respirou fundo através do nariz, sustendo a respiração durante vários segundos e soltando-a lentamente.

— Precisa de um momento, senhora Nolan? – perguntou-lhe Jackson, mostrando-se preocupado.

— Não, estou bem – murmurou Amelia, abanando a cabeça. Mas não estava bem; porém, com um pouco de sorte, ninguém na sala do tribunal conseguiria ver que mentia. Não queria mais atrasos no julgamento. Desejava encerrar aquele assunto para poder seguir em frente com a sua vida.

Mal conseguia recordar-se da última vez em que tinha tido controlo absoluto da sua existência, podendo tomar decisões sem ter de levar em linha de conta o fator Jeremy, de uma maneira ou de outra, nessas

decisões. Há mais de um ano que ele deixara de fazer parte da sua vida, no entanto, continuava a dominar os seus pensamentos e a ditar como os seus dias eram passados. Mas assim que aquele julgamento chegasse ao fim...

— O senhor Strong utilizou essas mesmas palavras? – perguntou-lhe Jackson. – Ele gritou-lhe que a mataria?

Voltando a concentrar os seus pensamentos no que estava a acontecer ali, Amelia respondeu que sim.

— Sentiu que corria um perigo iminente?

— Sim, senti. A ameaça pareceu-me bastante verídica. Ele fitava-me com uma expressão furiosa nos olhos e a respiração ofegante. Flexionava e contraía os dedos em volta dos canos da espingarda de caça. Parecia estar confuso. Furioso. Receei pela minha vida.

Jackson deu tempo aos presentes para que interiorizassem as palavras dela enquanto se encaminhava para a mesa onde se encontravam as provas, que já haviam sido apresentadas.

— É esta a espingarda de caça que ele levou quando foi a sua casa? – perguntou, levando a arma até junto do banco das testemunhas para que ela pudesse inspecioná-la.

— Assim me parece. Recordo-me do desenho entalhado na coronha.

O advogado de acusação pediu que na ata constasse que ela tinha identificado a prova A, a espingarda de caça que disparara a bala com que Darlene Strong havia sido atingida no peito.

— O réu disselhe mais alguma coisa? – perguntou a Amelia enquanto voltava a colocar a espingarda em cima da mesa.

— Perguntou-me se o meu marido estava em minha casa. Respondi-lhe que não e lembrei-lhe que o Jeremy já não era meu marido, ao que ele disse: «Mas ela continua a ser a minha mulher e ele anda a...» – Amelia interrompeu-se e olhou de relance para os jurados –, «ele anda a fornicá-la.» Eu disselhe que não sabia nada acerca disso e que não era da minha conta, acrescentando que, o que quer que se passasse entre eles, o Jeremy não iria para minha casa.

— E o que é que ele respondeu?

— Riu-se. Um riso de desprezo. Chamou o Jeremy de cobarde e disse: «É possível que venha para cá, agora que sabe que ando de olho neles. É o que iremos ver.» – Amelia fez uma pausa para limpar as palmas das mãos suadas na parte da frente da saia. – Ele agarrou-me por um braço.

Amelia começou a descrever como ele a tinha empurrado bruscamente por toda a casa, passando revista às divisões dos dois pisos à procura de Jeremy. Durante todo esse tempo fez orelhas moucas ao que ela dizia repetidamente, que Jeremy não procuraria refúgio em sua casa.

— Quando voltámos para o piso térreo, ele estava ainda mais encolerizado e frustrado do que antes.

Suava profusamente, sem parar de dizer obscenidades.

Ela fez uma pausa, à espera de que o advogado de Strong objetasse, mas ele continuava sentado absolutamente imóvel, com o olhar fixo nela como se estivesse a considerar o contrainterrogatório que lhe iria fazer. Por outro lado, o olhar de Strong era malévolo. Amelia Nolan apressou-se a concentrar o seu olhar em Jackson.

— Ele continuava a agarrá-la pelo braço? – perguntou-lhe ele.

— Sim. Foi nessa altura que pensei que ele me iria matar. Mas então... – Amelia engoliu em seco, recordando-se do medo que se apoderara de si. – Foi então que ouvimos um automóvel estacionar à frente da casa. Ouviu-se o bater das portas e os meus filhos a rirem-se e a gritarem ruidosamente, a chamarem por mim enquanto corriam para casa. Ouvi a senhora Abernathy dizer-lhes que tivessem cuidado a subirem os degraus.

— E o que é que o senhor Strong fez quando os ouviu?

— Começou a caminhar em direção à porta da frente.

— Estava trancada?

— Estava, mas receei que ele a abrisse, ficando perante os meus filhos. Também pensei que ele talvez disparasse a espingarda através da porta fechada.

— O que é que fez?

— Firmei os pés no chão e tentei bloquear-lhe o caminho.

— Portanto, colocou-se entre ele e a porta da frente.

Ela fez que sim com a cabeça.

— Não pensei no que estava a fazer, tão-pouco o planeei; limitei-me a reagir.

— Portanto, reagiu ao que entendeu ser um perigo mortal para os seus filhos.

Uma vez mais, ela engoliu em seco.

— Sim. Supliquei-lhe que poupasse a vida deles. Naquela altura, eu já estava à beira de um ataque de histerismo. Mergulhada num grande frenesim. Perguntei-lhe o que é que tencionava fazer. Ele empurrou-me para o lado com tanta força que caí no chão. Sentime aterrorizada ao pensar que ele rebentaria a porta da frente à força de tiros. – Ela olhou para o acusado furioso, acrescentando em voz baixa: – Mas ele não fez isso.

Amelia tinha esperança de que Willard Strong, apesar da ferocidade e da inimizade com que a fitava, soubesse o quanto lhe estava agradecida por ter poupado as vidas dos filhos.

— O que é que ele fez, senhora Nolan?

Esta voltou a concentrar a sua atenção em Jackson.

— Ele passou por mim, atravessou a cozinha e saiu pela porta das traseiras, por onde havia entrado.

— Quando lhe perguntou freneticamente: «O que é que tenciona fazer?», ele deu-lhe alguma resposta?

Amelia humedeceu os lábios secos e olhou para as doze pessoas que decidiriam se Willard Strong era culpado ou inocente do que o acusavam.

— Ele disse: «Vou procurá-los e, quando os encontrar, tenciono matá-los.»

Lemuel Jackson tinha experiência suficiente para saber que devia parar quando se encontrava na mó de cima. Disse à juíza que não tinha mais perguntas a fazer à Sr.ª Nolan.

A juíza conferenciou com os dois advogados. O contrainterrogatório, possivelmente, levaria algum tempo. Assim, tendo em consideração que o dia já ia bastante adiantado e que se aproximava o fim de semana prolongado, todos concordaram em que era preferível suspender o julgamento até depois do feriado, na primeira segunda-feira de setembro. A juíza disse à Sr.ª Nolan que podia descer do lugar das testemunhas. Foi acompanhada por um dos oficiais de diligências até à saída por uma porta lateral.

— O advogado da defesa deverá estar preparado para o contrainterrogatório à senhora Nolan quando o tribunal retomar os trabalhos, às nove horas da próxima terça-feira – indicou a juíza. – Desejo a todos um bom fim de semana. – Bateu com o martelo, dando a sessão por encerrada.

Dawson foi o primeiro a sair da sala do tribunal. Minutos antes, o seu telemóvel tinha vibrado, indicando-lhe que acabara de receber uma mensagem de texto. Encontrou um lugar relativamente sossegado no corredor e leu a mensagem. Era de Glenda, a quem requisitara o trabalho de pesquisa, pedindo que lhe telefonasse. Não tardou a ligar o número dela, querendo aproveitar a ajuda enquanto ela estivesse a sentir-se generosa.

— Já decidiste finalmente casar comigo? – perguntou Dawson assim que ela atendeu. – Por favor, diz-me que ligaste para me dizeres que aceitaste a minha proposta de casamento.

— Vai para o diabo que te carregue, Dawson! – ripostou ela, irritada.

— Só tens de indicar a hora e o local.

Glenda resfolegou, mas ele apercebeu-se de que por detrás ela fazia um dos seus raros sorrisos.

— Estás preparado?

— Dispara.

— Amelia Wesson é filha do falecido membro do Congresso Beekman Davis Nolan, conhecido por Davis, que representou o seu distrito durante trinta e dois anos.

— Hum...

— Se tivesses andado mais atento, terias ouvido falar dele. Fez parte de demasiados comités e de juntas consultivas para eu estar a indicá-los a todos; também presidiu a uma comissão de inquérito do Congresso em noventa e quatro e a outra em noventa e oito. Houve uma proposta de lei sobre segurança pública, que foi promulgada como lei com o nome dele, uma vez que foi ele quem a elaborou e apresentou ao Congresso. Tanto os liberais como os conservadores gostavam dele e admiravam-no.

— E a que partido é que ele pertencia?

— Ele era oriundo de um estado que habitualmente pende para a direita, mas nem sempre obedecia à disciplina partidária. Sem dúvida que era um conservador de corpo e alma, mas com frequência a sua voz fazia-se ouvir contra os conservadores mais radicalistas, em especial quando o assunto tinha a ver com questões de direitos civis. Por exemplo, o direito ao aborto, o casamento entre pessoas do mesmo sexo, assuntos dessa natureza.

— Fez inimigos?

— Tinha os seus críticos. Mas as suas perspetivas mais liberais conquistavam a simpatia dos membros do outro partido. Basicamente, ele era essa *avis rara* que está à beira da extinção na classe política: um homem íntegro. Até mesmo as pessoas que discordavam dele não deixavam de o admirar. Era impossível que se deixasse influenciar pelos grupos de interesses e nunca abdicou daquilo em que acreditava. O seu herói era Jefferson (3) que ele citava com bastante frequência. A propósito, queres que a Harriet, a megera, seja informada de alguma coisa acerca disto?

— Ainda não.

— Foi o que pensei. Ela anda a infernizar-te por alguma coisa que fizeste.

— Deve ter sido a minha graçola sobre ela ter engordado cerca de cinco quilos.

— Tem cuidado – aconselhou Glenda com um riso cacarejado. – Ouvi rumores de que ela anda metida na prática de vudu. Sabes o que ela fez hoje? O retrato a óleo do seu predecessor, que estava pendurado no átrio.

Mandou que o tirassem da parede. Alegou que ele já tinha deixado a revista que agora tinha um novo regime. Como se fosse preciso que ela nos lembrasse disso. A grande vaca!

Dawson partilhava do sentimento de Glenda, mas quanto menos dissesse a respeito de Harriet, melhor seria para o seu estado de espírito. Voltou a concentrar a conversa em Nolan.

— E quanto à vida pessoal desse membro do Congresso?

— Não há nada que se lhe possa apontar. Enviuvou em meados dos anos noventa. Estavam casados há uma eternidade e ele nunca voltou a casar. Não se lhe conhece nenhum escândalo. Nunca nenhuma rapariguinha foi apanhada a sair sorrateiramente do gabinete dele, nada de rapazinhos no chuveiro.

Bebia apenas em eventos sociais e não fumava. Na prática, o homem era um santo.

— Descobriste alguma coisa a respeito da filha?

— Amelia, segundo nome Ware. Estes nomes sulistas matam-me – resmungou Glenda num aparte. – Nasceu em oitenta e um, o que faz com que tenha...

— Trinta e dois anos – adiantou Dawson.

— Eu sei subtrair – ripostou ela, abespinhada. – Estudou na Vanderbilt. Ativa em várias organizações do complexo universitário. Chamou a si a tarefa de lançar uma campanha que visava angariar alimentos e vestuário para as vítimas do furacão *Katrina* no Alabama, tendo-se deslocado pessoalmente para se certificar de que as coisas eram entregues a quem se destinavam. Essa campanha foi noticiada a nível nacional. Licenciou-se em História *summa cum laude*. Fez um mestrado enquanto trabalhava num museu em Boston. Em seguida trabalhou num outro em Baltimore durante dois anos. Mas quando o pai se retirou da vida política...

— Sabes por que razão ele se aposentou?

— Não foi indicada qualquer razão específica. Anunciou que não concorreria à reeleição. Não foi apresentado nenhum motivo em especial, tão-pouco houve nada de suspeito. Imagino que, muito

simplesmente, se tenha fartado da política. Na altura, ia fazer setenta anos.

— Muito bem.

— De qualquer maneira... Onde é que eu ia?

— Quando o pai dela se aposentou...

— Certo. Ela voltou para Savannah e passou a ser a assistente dele. Desempenhava o papel de anfitriã da casa e de secretária particular, em suma, ajudava-o em tudo. Ela e o pai patrocinavam angariações de fundos para inúmeras instituições de beneficência.

— Ela já era casada com o Jeremy Wesson nessa altura?

— Deixa-me ver... Sim, durante alguns anos, enquanto trabalhava com o pai, que veio a falecer em dois mil e dez. Atualmente, a senhora Wesson trabalha...

— Ela agora usa o apelido Nolan.

— ... como curadora do...

— Museu de Guerra Collier. É especializada em...

— Olha uma coisa: se és assim tão esperto, porque que me pediste que averiguasse todas estas tretas? *O que*, se quisermos ser meticulosos, tu próprio poderias ter averiguado.

— Mas acontece que sou muito desajeitado a fazer trabalho de pesquisa, enquanto tu és perfeita.

— Perfeita, uma porra! Só não queres despender tempo a fazer esse trabalho.

— Não quero despender o meu tempo nisso – admitiu Dawson.

— O teu tempo é mais valioso do que o meu?

— Não, tu és absolutamente indispensável, e eu não poderia passar sem ti. Do que estás bem ciente.

— Sim, sim – resmungou Glenda. – Tenho fotografias da senhora Nolan. Ela é, pelo menos, um oito numa escala de dez.

— Mais perto de nove... e meio.

— Juro por Deus, Dawson, para teu bem, espero que não me tenhas obrigado a fazer todo este trabalho só porque estás caidinho por uma mulher. Acontece que não dirijo nenhum serviço de encontros amorosos.

— Garanto que são informações vitais para fundamentar uma reportagem.

— Um trabalho de que não queres que a Harriet tenha conhecimento.

— Para já, não – confirmou Dawson, olhando em volta e constatando que o corredor estava praticamente deserto. Precisava de se apressar, mas ainda tinha umas perguntas para fazer a Glenda, receando vir a arrepender-se se não as fizesse enquanto ela se mostrava moderadamente bem-disposta. – Sabes qual é a morada atual dela?

— A última de que tenho conhecimento era na Jones Street, em Savannah.

Considerando o que tinha acontecido, ele duvidava que ela continuasse a residir aí.

— Onde é que o congressista vivia?

Glenda disselhe.

— Um dos sítios na Internet tinha fotografias da moradia dele. Carvalhos e barbas-de-velho.

Colunas brancas. Uma ampla varanda. Tipicamente ao estilo Tara no filme *E Tudo o Vento Levou*.

— Há alguém a viver nessa casa atualmente?

— Não sei.

— Vê se consegues descobrir; seria ótimo se fosses capaz de obter o endereço atual dela.

— Não sei se sabes, mas temos um fim de semana prolongado à porta.

— Mas tu amas-me. Sabes bem que sim.

— Só se for nos teus sonhos.

Com um sorriso de orelha a orelha, Dawson encaminhou-se para os elevadores.

— Mais qualquer coisa que consigas desenterrar será muitíssimo apreciada. Envia-me por mensagem de texto ou por correio eletrónico, e também podes telefonar-me a qualquer hora do dia ou da noite.

— Não sei se sabes, mas também tenho uma vida pessoal. Não importa que seja uma porcaria.

— Só mais uma coisa. Como é que o senhor Nolan morreu?

— Ora bem, finalmente! Tenho estado em pulgas à espera de que fizesses essa pergunta.

— E porquê?

— Porque guardei o melhor para o fim.

(3) Thomas Jefferson (1743-1826) terceiro presidente dos Estados Unidos da América entre 1801-1809. (N. da T.)

Diário de Flora Stimel – 23 de janeiro de 1978

O dia de hoje foi horrível, porque o Carl ficou furioso comigo.

Eu já tinha obrigação de saber que não devia irritá-lo. Ultimamente, ele tem andado muito mal-humorado, e eu sei que é por causa das armas que ficámos de receber, mas que não recebemos.

Uns traficantes de drogas cubanos andaram a fazer alarde do seu dinheiro (imagino que tenham muito, porque toda a gente em Miami parece andar pedrada com uma droga qualquer), e o tipo que ficou de nos vender as armas, em vez disso, decidiu vendê-las aos cubanos. O que deixou o Carl pior do que uma barata, e durante estes três dias depois disso ele tem andado impossível de aturar.

Ele queria ir à procura dos cubanos para os matar e apoderar-se das armas, mas o Quirty (continuo sem saber qual o nome verdadeiro dele) conseguiu convencê-lo a não fazer isso. Ele disse que era uma loucura porque os cubanos são capazes de degolar uma pessoa com a mesma facilidade com que olham para ela. O Carl disse que se disparássemos primeiro, eles não teriam oportunidade de nos cortar a garganta. O homem estava absolutamente furioso.

Mas o Quirty conseguiu arranjar um bom produto para fumar (provavelmente, comprou-o a esses mesmos cubanos), o que acalmou o Carl um pouco. Pelo menos, eu e o Quirty conseguimos pôr algum juízo na cabeça dele, fazendo-o desistir de se vingar.

Eu não queria nada entrar em guerra com esses cubanos nem com ninguém. Estou sempre com medo de que o Jeremy corra perigo. Mas sempre que digo isso ao Carl, ele ri-se e diz que ninguém se atreveria a tocar com um dedo que fosse

no seu miúdo. Mas não me parece que os cubanos tivessem medo do Carl e talvez ele saiba isso bem no fundo, porque não disparou contra ninguém.

Também é possível que ele ande de mau humor por causa disso. Ele tem andado chateado, mais nada. Desde aquele trabalhinho no banco do Luisiana, quando o Jim foi alvejado, que temos estado muito sossegadinhos. Disseram nas notícias que o assaltante tinha morrido no local do crime, às mãos da polícia. Mas o Carl não confia nessa gente das notícias para dizerem a verdade.

Chama-os de fantoches, que só repetem o que os chuis e os políticos querem que seja transmitido ao público, que é estúpido.

O Carl diz que, se o Jim tivesse sobrevivido, ainda que por pouco tempo depois de ter sido atingido, ele podia ter falado, ter-lhes dito algumas coisas sobre nós. Por isso, ficámos escondidos num parque de caravanas no Mississípi com um fulano que o Jim não conhecia. Desta maneira, mesmo que ele tivesse dado à língua, não corríamos o risco de ser capturados.

Sentime satisfeita por não andarmos na estrada, porque o Jeremy e eu estamos adoentados, sempre com o nariz congestionado. A tosse dele é pior do que a minha. O que a minha avó costumava chamar de crupe. Levá-lo ao médico estava fora de questão. Nem sequer perguntei ao Carl se podíamos levá-lo por saber de antemão o que ele diria.

O homem que nos alojou na sua casa móvel, o Randy, tem um respeito e uma estima inexcedíveis pelo Carl. O Carl é o seu herói. Ele foi muito simpático para connosco, apesar de, decerto, a tosse do Jeremy não o deixar pregar olho durante toda a noite, como acontece comigo e com o Carl.

Deve ter sido por causa disso, e não por compaixão, que o Randy decidiu comprar um frasco de xarope para a tosse do Jeremy sem que eu lhe tivesse pedido.

Passados alguns dias, o Jeremy começou a melhorar. Deixou de estar tão rabugento e queixoso e começou a comer. O que foi uma coisa boa, porque o Carl decidiu que estava na hora de nos pormos a caminho. Seguimos de carro para a Florida, sem pararmos até chegarmos lá. O sexto sentido do Carl disselhe que já não corríamos perigo, pelo que seria seguro ficarmos sossegados durante algum tempo.

Suponho que Miami não seja uma cidade desagradável, mas não gosto desta casa. Os ratos dão a impressão de estar a rir-se de mim por me dar ao trabalho de pôr ratoeiras. Ouço os estalidos quando se fecham durante toda a noite. Detesto esse barulho. Pela manhã, vou ter de tirar os ratos mortos, esses corpos pequenos e flácidos. Por muito que eu odeie ouvi-los correr de um lado para o outro no escuro, detesto vê-los mortos. Mas por muitos que eu consiga apanhar nas ratoeiras, existem mais dez para ocupar o lugar de cada um que morre. Quanto às baratas, são quase tão grandes como os ratos.

Também não gosto da namorada do Quirty. É matreira e manhosa. Ela lembra-me um gato que tínhamos quando eu era pequena. Ficou sem um olho, que saiu da órbita por ter sido arranhado, o que era suficiente para me atemorizar. Mas ele costumava aproximar-se de mim sorrateiro, sem que eu desse por isso, fazendo com que eu ficasse a tremer de medo. Fiquei muito contente quando o gato se arrastou para debaixo da casa e morreu.

Mas seja como for, esta namorada do Quirty passa o dia a saracotear-se pela casa, especialmente diante do Carl. Ontem aconteceu uma coisa horrível quando o Jeremy entornou um frasco de verniz vermelho para as unhas. Mal caiu uma gota para o soalho e eu consegui pegar no frasco de imediato. Mas ela deu um beliscão no braço do Jeremy, torcendo-lhe a pele com tanta força que o magoou muito. Atirei-me a ela e começámos a lutar, até que os homens tiveram de nos separar. Parece-me que eu não teria hesitado em matá-la se o Carl não me tivesse impedido.

O beliscão deixou uma enorme nódoa negra no braço do Jeremy, o que também enfureceu o Carl. O estado de espírito dele, que já era mau, piorou ainda mais, por isso, quando ele me viu hoje com a máquina fotográfica, perdeu as estribeiras por completo.

Era uma Polaroid *velha, que encontrei num armário quando estava a armar uma ratoeira. O*

Quirty disse que eu podia usá-la para tirar algumas fotografias ao Jeremy. O Carl nunca permitia que fôssemos fotografados, mas eu queria ter pelo menos uma fotografia do Jeremy quando ele ainda era bebé.

Acho que foi o cheiro que me atraiçoou. Eram os produtos químicos no interior da máquina que faziam com que as fotografias cheirassem mal quando se

tirava a película e se aplicava essa coisa. O Carl aproximou-se de mim furioso, apanhando-me com a boca na botija. Agarrou na máquina fotográfica e bateu com ela na extremidade do tampo da mesa da cozinha até se fartar e esta ter ficado feita em cacos.

O Jeremy ficou assustado com tanto rebuliço e começou a chorar. O Carl rasgou a fotografia que eu já tinha tirado e disseme para nunca mais voltar a tirar fotografias.

Depois daquela explosão de fúria, o Quirty disse que talvez já não fôssemos bem-vindos na sua casa.

Ficou decidido que partiríamos amanhã. Não tenho pena nenhuma de deixar aquela casa infestada de ratos e aquela galdéria manhosa. Mas, do mal, o menos, faz bom tempo no Sul da Florida. Passámos o último inverno no Minnesota e foi por pouco que não morri de frio. Mas não tenciono queixar-me para aonde quer que formos a seguir, desde que o Carl nos mantenha juntos.

Não quero perguntar-me o que acontecerá quando o Jeremy já tiver idade suficiente para compreender que somos foragidos e que não vivemos como as outras pessoas. Sonho com podermos ter uma vida normal, sermos como as outras famílias. Mas sei que isso nunca acontecerá, portanto, o melhor é parar de sonhar acordada a esse respeito.

O Carl tem andado a dizer coisas que me assustam, coisas como a nossa maneira de viver ser dura para as crianças, que o Jeremy irá precisar de ir para a escola dentro de poucos anos.

Quando o Carl começa a falar acerca do futuro – e sei bem como ele é quando mete uma ideia na cabeça –, fico aterrorizada ao pensar que ele é muito capaz de deixar o Jeremy num lugar qualquer.

Começo a pensar no que aconteceu no Golden Branch. Nesse dia horrível. O pior dia da minha vida até agora. O trabalho de parto foi muito mau. Pensei que iria morrer de certeza absoluta. E

depois todo aquele tiroteio! Não tenho palavras para descrever como fiquei aterrorizada!

Quando o Carl se inclinou para mim e me disse que os outros tinham morrido e que ele tinha de se ir embora naquele instante, não quis acreditar que estivesse a falar a sério. Eu estava a sangrar e tinha dores excruciantes. Mas ele

não podia ter estado a falar mais a sério. Disseme que se ficasse, seria morto ou capturado. Perguntou-me se eu queria isso.

O resto de toda a minha vida ficou decidido naquele momento. Porque, verdade seja dita, eu também não queria morrer nem ser capturada. O que, imagino, faz de mim a pior espécie de cobarde, a pior espécie de pessoa.

Estava frio e chovia. Recordo-me de ter corrido através do arvoredo molhado até onde o Carl tinha escondido o automóvel. Eu segurava o Jeremy contra o meu peito com muita força, com medo de tropeçar e cair com ele ou que ele começasse a chorar, traindo a nossa presença. Ainda tinha um certo medo de que o Carl se pusesse a andar, abandonando-nos ali se não conseguíssemos acompanhar a passada dele. Eu devia dar-me por muito feliz por ele nos ter levado consigo.

Até mesmo depois de termos conseguido escapar, eu não conseguia parar de chorar por causa do que tinha acontecido. Até hoje, sempre que penso nessa manhã, choro desalmadamente.

Capítulo 4

—Por favor, mãe?

— Podes voltar para a água; agora é hora do almoço.

— Só mais cinco minutos?

— Depois do almoço.

— Só mais um minuto?

Colocando as mãos nas ancas, Amelia lançou ao filho de oito anos *o olhar*.

Conseguiu um «está bem» muito cabisbaixo quando o garoto saiu das ondas.

— Ainda agora tínhamos começado a brincar.

Ela cobriu-lhe os ombros com uma toalha, servindo-se de uma ponta para limpar a água salgada que ele tinha na cara.

— É engraçado como parece que estou sempre a interromper-te quando começas a brincar. Vamos fazer uma corrida até ao guarda-sol?

Amelia começou a correr para onde se instalara na praia, vendo que Grant já tinha começado a assaltar a cesta do piquenique. Abrandou a corrida para permitir que Hunter a ultrapassasse, sorrindo ao olhar para as jovens pernas que corriam velozmente.

Sentia a areia quente nas plantas dos pés. Corria uma brisa que chegava para contrabalançar o calor do Sol. Ela inspirou profundamente o ar marinho, sorrindo pelo prazer tão simples que estar ali lhe proporcionava, numa ilha, o seu lugar preferido à face da Terra. A sala do tribunal e o depoimento da véspera, que para si havia sido uma provação, pareciam ter acontecido muito tempo atrás. Deus abençoasse a juíza por lhe ter concedido cinco dias inteiros antes de ter de voltar ao tribunal para ser interrogada pela defesa. Estava determinada a não pensar no julgamento nem nas recordações perturbadoras que lhe ocorriam à mente e, em vez disso, queria desfrutar daqueles últimos dias, que oficialmente ainda eram de verão, com os filhos.

Os quais, naquele momento, estavam à bulha por causa de uma sandes de manteiga de amendoim e geleia.

— Eu quero esta – dizia Grant, que tinha acabado de fazer quatro anos, com a sandes envolta em película aderente firmemente encostada ao peito, num esforço para impedir que o irmão lha surripiasse.

Tirando o chapéu de palha de aba larga, Amelia baixou-se para se colocar por baixo do guarda-sol, sentando-se na manta.

— Hunter, deixa a sandes do Grant sossegada e escolhe outra para ti. São todas semelhantes.

— São exatamente iguais – interveio Stephanie DeMarco, juntando-se a eles e pousando uma pequena arca isotérmica entre os dois rapazes para pôr fim à disputa.

— Quem é que quer um *Capri-Sonne*?

Amelia tinha contratado a jovem de vinte anos para cuidar dos filhos durante o verão, o que provara ser uma decisão excelente para todos. Stef, como preferia que a tratassem, era uma estudante universitária que queria ser professora do ensino básico. Tendo crescido no Kansas, um estado do interior, passar três meses numa praia do Atlântico era a sua ideia do paraíso. Viera acompanhada de referências impecáveis.

Ter Stef a viver com eles, e mais ou menos de serviço vinte e quatro horas durante os sete dias da semana, permitia que Amelia vivesse na casa de praia que tinha na ilha Saint Nelda durante todo o verão, em vez de fazer a viagem de ida e volta entre a ilha e o continente apenas para estadias de fim de semana. Stef mantinha os miúdos ocupados enquanto Amelia trabalhava no escritório que tinha no primeiro andar da casa durante algumas horas todos os dias. Se a sua presença fosse necessária no museu, podia contar com quem lhe cuidasse dos filhos enquanto fazia a viagem de ida e volta até Savannah na embarcação que fazia essa travessia regularmente.

Agradecendo as bebidas a Stef, Amelia pensou uma vez mais em como a jovem era uma dádiva do céu. Os rapazes adoravam-na, mas embora ela não fosse uma pessoa demasiado severa, fazia respeitar à risca as horas dos banhos e de ir deitar, assim como zelava pelas boas maneiras. Durante o dia mantinha-os ocupados e entretidos com projetos

educacionais, bem como lhes permitia bastante tempo para poderem brincar.

Entre as duas mulheres estabelecera-se um bom relacionamento, que era mais de amizade do que de empregado e empregador. Enquanto Stef lhe passava uma garrafa de chá gelado, abanava a cabeça com uma expressão de troça.

— Não sou capaz de compreender por que razão vens à praia se estás toda vestida. Pareces o Lawrence da Arábia.

Amelia não se sentiu ofendida, mas riu-se com uma expressão de autodesvalorização, puxando a bainha humedecida do cafetã de um tecido bastante fino.

— Costumava bronzear-me quando era mais nova.

— Sei que não faz nada bem à pele. Mas adoro ficar bronzeada.

Amelia avaliou o corpo de linhas curvilíneas de Stef, que mal cabia no reduzido biquíni.

— A pele bronzeada fica-te bem – disse à jovem, que se riu.

Depois do almoço, e assim que Amelia acabou de besuntar os filhos com mais protetor solar, os rapazes pegaram nos baldes e nas pás, correndo para a beira de água.

— Não entrem na água até eu chegar aí! – gritou-lhes Amelia.

— Queres que eu te reveze? – ofereceu-se Stef.

— Obrigada, mas eles não têm passado muito tempo comigo durante os últimos dias. Fico com eles se fores ao supermercado.

— Com certeza. Já tinha visto a tua lista na bancada da cozinha. Acrescentei película aderente.

Precisamos de mais alguma coisa?

— De lâmpadas. A do alpendre das traseiras está fundida. E não é preciso apressares-te a voltar.

Tenho estado muito ausente esta semana. Mereces algum tempo só para ti, enquanto eu preciso de tempo de qualidade junto dos meus rapazes.

— Obrigada, chefe – retorquiu Stef com um gesto de despedida, começando a encaminhar-se na direção das dunas que separavam a casa

da praia.

Amelia foi ter com Hunter e Grant e os três entraram na água, molhando-se até aos tornozelos.

— Pensei que esta bola de praia estava a perder ar – comentou quando a atirou a Hunter. A última vez que tinha visto a bola de riscas muito coloridas estava caída sem ar nenhum a um canto do alpendre.

— Mas já está arranjada.

— E agradeceram à Stef por o ter feito?

— Não foi ela que a arranjou. Apareceu cheia, mais nada – explicou o filho. – Atenção, mãe! – advertiu Hunter. Deu um mergulho de bruços, que Grant logo imitou, levantando-se engasgado por ter engolido água do mar. Continuaram a brincar à beira de água até ficarem engelhados como uma ameixa seca. Amelia levou-os para a areia molhada, ajudando-os a fazer um castelo de areia a que não faltavam os torreões e o fosso circundante, que ela encheu com água do mar.

— Os fossos eram usados para proteger os castelos de ataques dos inimigos.

— E dos dragões – acrescentou Grant.

— Os dragões não existem, estúpido – atalhou Hunter, revirando os olhos.

— Existem sim!

— Hunter, não chames estúpido ao teu irmão – ralhou Amelia.

— Sim, mãe. Mas diz-lhe que os dragões são de faz-de-conta.

— Pois bem, de faz-de-conta ou não, este fosso vai mantê-los fora do castelo – retorquiu Amelia.

Mais tarde, ficaram estendidos na manta à sombra do guarda-sol enquanto ela lhes lia dois livros de histórias. Antes de ter acabado de ler o segundo livro, Grant já tinha adormecido com a cabeça no colo da mãe. Hunter deitou-se de barriga para baixo e apoiou a cabeça nos braços dobrados.

Segundos depois, os dois já dormiam profundamente.

Amelia pôs os livros de lado e ficou a olhar para os dois amores da sua vida. O cabelo de Hunter era escuro e crescia em remoinhos por toda

a cabeça, tal como o do pai. O cabelo de Grant era mais liso e mais claro, com tons de um castanho-avermelhado, como o da mãe.

Ambos tinham olhos azuis, um legado genético. Amelia sentia-se feliz por não ver os olhos de Jeremy nos dos filhos. Embora, em tempos, tivesse considerado que os olhos negros dele eram extremamente atrativos. Parecera-lhe que ele a olhava com amor e adoração numa outra existência que há muito pertencia ao passado. Mas isso *acontecera* há toda uma vida. A última vez que ele fixara o olhar nos olhos dela, os dele tinham estado cheios de ódio e cólera.

Afastando aqueles pensamentos tão desagradáveis da mente, estendeu-se de costas e, com uma mão em cada um dos filhos, de maneira a poder sentir a suave respiração deles, também adormeceu.

Comeram esparguete ao jantar. Enquanto comiam, Amelia mencionou a bola de praia a Stef.

— É uma coisa estranhíssima – disse a jovem, ajudando Grant a enrolar a massa no garfo. – Eu tinha-a deitado fora, mas ontem apareceu remendada e cheia de ar.

— Mas como é que isso foi possível? A bola não se arranjou por si própria.

— Talvez tenha sido o Bernie – alvitrou Stef com um encolher de ombros, mais interessada na porcaria que Grant estava a fazer do que no mistério da bola de praia.

Quando acabaram de jantar, Stef começou a levantar a mesa.

— Se lavares a louça, eu dou banho aos rapazes – disselhe Amelia.

— Tens a certeza? Em comparação com a hora do banho, lavar a louça é a coisa mais fácil do mundo.

— É verdade – concordou Amelia, sorrindo. – Mas tenho sentido falta deles esta semana. Até mesmo quando estava com eles, pensava noutra coisa.

Stef virou-se, ficando de costas para o lava-louça e começando a dizer hesitantemente: – O jornal regional publicou um artigo de primeira

página acerca do julgamento. Menciona o teu depoimento. Comprei um exemplar para o caso de estares interessada em lê-lo.

— Não, obrigada. Também tenho mantido o televisor desligado durante a hora dos noticiários. Já sei tudo o que preciso de saber a respeito desse assunto.

Amelia mandou os rapazes para cima. Ambos protestaram mais pela força do hábito do que por outra coisa, mas não tardou a despi-los e a pô-los na banheira. Ajoelhou-se para poder supervisionar a quantidade de sabonete líquido, que, muitas vezes, era extremamente exagerada.

Antes de meter as mãos na água do banho, estendeu automaticamente a mão para tirar o relógio de pulso.

Mas não estava no seu braço.

Se bem que não fosse um relógio caro, como um modelo emoldurado por diamantes, tinha sido a última prenda que o pai lhe oferecera antes de falecer, e só por essa razão era um relógio a que ela atribuía um grande valor sentimental. Ficou a olhar para o pulso despido do relógio e recapitulou mentalmente o que tinha feito, tentando lembrar-se do momento em que o tirara do pulso. Enquanto estava a preparar o jantar? Antes de se ter juntado aos filhos à beira de água, tê-lo-ia guardado no saco de praia? Não se recordava de ter feito uma coisa nem a outra.

Os seus pensamentos foram interrompidos por um arco de um azul muito vivo, que estava a ser esguichado de sabonete líquido, e que foi cair na frente da sua saia.

— Meninos, já chega!

Depois do banho, Amelia estava quase tão molhada como eles. Certificou-se de que lavavam os dentes, vestiu-lhes os pijamas e ouviu-os rezarem a oração da noite. Quando apagou a luz do quarto deles, Amelia estava exausta.

Stef aguardava-a na cozinha com um copo de vinho branco fresco. Pegou-lhe agradecida.

— Não sei onde é que deixei o meu relógio de pulso. Por acaso não o viste?

— Não, mas vou manter-me atenta.

— Tenho a certeza de que há de acabar por aparecer – disse Amelia, bebendo um pouco de vinho e suspirando de satisfação. – Deves estar à espera de seres aumentada.

— O que me pagas é adequado, mas gostaria de sair esta noite por algumas horas, se não te importares.

— Com certeza. Até te empresto o meu carro.

— Obrigada! Fico-te muito grata. Sinto-me bastante nervosa quando ando de mota à noite.

— Aonde é que vais?

— Como bem sabes, as escolhas são limitadas.

A ilha só tinha uma pequena vila, que era composta por alguns estabelecimentos agrupados perto da doca do barco que fazia a carreira para o continente: um supermercado, uma loja de aluguer de barcos que também tinha duas bombas de combustível e um tanque que continha isco vivo para a pesca; uma agência de imobiliário que só abria aos fins de semana, quando a ilha no Atlântico atraía visitantes vindos do continente, e um café/bar de nome Mickey's.

Depois do período em que o café servia refeições, o bar mantinha-se aberto e era a única nota de vida noturna na ilha.

— Ao Mickey's? – perguntou Amelia. Stef fez que sim com a cabeça. – Vais encontrar-te com alguém?

— Talvez – respondeu Stef com um sorriso descarado.

— Um homem?

— Talvez.

— E ele tem nome? – perguntou Amelia, rindo-se.

— Chama-se Dirk.

— O que é que ele faz?

— Sei que trabalha em barcos. Não sei mais pormenores.

— Ele reside na ilha durante todo o ano? Talvez eu conheça a família dele.

— Este é o primeiro verão que passa na ilha – respondeu Stef com um abanar de cabeça.

— Quando é que posso conhecê-lo?

— Vejamos primeiro como é que as coisas correm. – Mudando de assunto, Stef perguntou: – Ficas bem aqui sozinha?

— Claro que sim. Comecei a vir aqui sozinha desde os meus dezoito anos, altura em que, por fim, consegui convencer o meu pai a permiti-lo.

— Sim, mas tiveste uma semana bastante difícil.

— Estou ótima. Talvez me dê ao luxo de um prolongado banho de imersão. Sem dúvida que isso me ajudará a descontrair – disse Amelia, erguendo o copo de vinho. – Obrigada.

— Calculei que estarias a precisar disso – retorquiu Stef, pegando na sua pequena bolsa e tirando o porta-chaves de Amelia do gancho na parede antes de sair pela porta das traseiras.

Amelia seguiu logo atrás dela para fechar a porta à chave e reparou na forte luz acima de si no alpendre.

— Obrigada por teres substituído a lâmpada – agradeceu.

Stef deteve-se a caminho do automóvel. Olhou para Amelia e depois para o candeeiro do alpendre, voltando a olhar para Amelia.

— Não a substituí. A lâmpada devia estar mal atarraxada. Imagino que se tenha arranjado por si própria.

Depois de ela se ter afastado ao volante do carro, Amelia deixou-se ficar na soleira, com uma mão na porta e a outra no peito, onde o seu coração tinha começado a bater com força e rapidamente. A lâmpada não estivera solta. Não se tinha atarraxado sem a intervenção de ninguém. Porque quando Amelia se apercebeu de que estava fundida, tirara-a do candeeiro.

Como se o quebra-cabeças que era a lâmpada e a bola de praia não chegassem para lhe pôr os nervos em franja, também estava perturbada por causa do desaparecimento do relógio de pulso.

Despejou o conteúdo do saco de praia na pequena divisão que servia de arrecadação, examinando tudo o que continha, objeto a objeto. Também procurou na prateleira acima do lava-louça, onde às vezes o punha antes de lavar a louça. Até meteu a mão no buraco do triturador do lixo orgânico no centro do lava-louça.

No andar de cima, procurou minuciosamente na casa de banho, no quarto e na cesta da roupa suja, onde encontrou uma peça de *Lego*, mas mais nada que não devesse estar aí.

Sentada na beira da cama, recapitulou tudo o que tinha feito durante a manhã. Recordava-se nitidamente de ter vestido o fato de banho e o cafetã, que enfiara pela cabeça, após o que afivelara o relógio no pulso enquanto calçava umas havaianas.

Só podia ter-se desprendido do braço algures na praia.

Foi ver os filhos, que dormiam profundamente cada um na sua cama, após o que desceu as escadas, foi buscar uma lanterna e ligou-a quando começou a descer os degraus da frente da casa.

O carreiro de madeira entre a casa e a praia tinha apenas pouco mais de sessenta centímetros de largura. As tábuas já estavam velhas e deterioradas pelo tempo. Receando que houvesse lascas soltas de madeira, não permitia que os rapazes andassem por esse carreiro descalços, apesar de a planta dos seus próprios pés já ter endurecido naquelas mesmas tábuas todos os verões há já tantos anos que não se lembrava de quantos. Num tempo em que a mãe se punha a trautear uma melodia em surdina na cozinha enquanto descascava pêssegos para a tarte de fruta que tencionava fazer. Desde que o pai, sentado na sua cadeira de balouço no alpendre, a advertira para que tivesse cuidado com as alforrecas.

Viu a vegetação nas dunas roçagar soprada pela brisa. A Lua continuava a erguer-se no firmamento, mas mesmo que já estivesse no seu zénite, não lhe teria proporcionado muita luz. Era um crescente estreito, o que o pai costumava chamar de «lua de unha».

Aquela maré de nostalgia e de saudades da sua vida de antigamente que a invadia era muito mais forte do que o quebrar suave das ondas. A espuma rendilhada que ficava na areia quando as ondas brandas recuavam cintilava no feixe de luz projetado pela lanterna. Começou a caminhar ao longo da areia compactada à procura de um brilho dourado, essa ligação tangível ao pai, que para si era preciosa.

Servindo-se da casa como ponto de referência, voltou a percorrer o mesmo caminho no sentido inverso, desviando-se um pouco mais para cima até onde a areia estava mais seca. Repetiu lentamente o mesmo percurso em ziguezague, desviando-se um pouco mais da linha de água. Mas acabou por reconhecer a futilidade da sua busca. Se tivesse perdido o relógio na praia, o mais provável era já ter sido levado pelo mar aquando da maré cheia.

Não obstante, voltou a procurar minuciosamente em redor da área onde tinham estado naquele dia, chegando mesmo a pôr-se de joelhos no lugar onde fixara o guarda-sol. Pegou em mãos-cheias de areia, deixando que lhe escorresse por entre os dedos.

Finalmente, apoiou-se sobre os calcanhares e com uma expressão acabrunhada passou a mão pelo pulso em que faltava o relógio. De todas as coisas que tinha perdido, porquê isso? A mãe sempre lhe dissera que nunca se devia desperdiçar lágrimas por causa de objetos. Apesar disso, a verdade é que aquele relógio de pulso tinha tido um grande valor sentimental para ela, e muito embora pudesse comprar outro, aquele em especial era insubstituível.

Soltando um suspiro de pesar, olhou para a água do mar e depois para a Lua. Tinha saudades da mãe, mas essa era uma dor a que estava acostumada por a mãe ter falecido há tanto tempo. No entanto, a perda do pai continuava a ser uma ferida aberta.

Naquele momento, Amelia sentiu uma enorme solidão.

Mas não estava sozinha.

Possuída de um temor repentino e inexplicável, virou-se rapidamente para trás. Os residentes que só passavam os meses de verão na ilha e os turistas, de uma maneira geral, partiam no feriado daquele fim de semana, pelo que todas as outras casas ao longo daquela faixa da praia, a do vizinho Bernie incluída, estavam às escuras. Não se viam fogueiras na praia. Havia uma embarcação ancorada ao largo, mas bastante distante, tendo apenas as luzes de presença ligadas. A brisa não trazia quaisquer sons que indicassem uma festa a bordo.

E, contudo, Amelia tinha a sensação de não estar sozinha. Era isso, e não o vento ameno, que fazia com que ficasse com pele de galinha nos braços. Dando graças por ter levado a lanterna, levantou-se da areia e começou a caminhar pelo carreiro de madeira em passo estugado, pelo que, quando chegou aos degraus do alpendre, praticamente já corria e estava sem fôlego. Bateu com a porta da frente depois de ter entrado em casa, trancando a fechadura. Em seguida, passou revista a todas as divisões do piso térreo, mas por que razão era coisa que não saberia dizer.

Sentindo-se um pouco disparatada devido àquele ataque de pânico sem motivo, obrigou-se a dominar os seus receios. Serviu-se de um segundo copo de vinho, levando-o consigo quando subiu para o primeiro andar. Os filhos dormiam tão placidamente como quando os tinha deixado. Chegando ao seu quarto, acabou de beber o vinho e preparou-se para se deitar.

Mas não conseguiu adormecer. Só muito mais tarde, depois de ter ouvido Stephanie chegar a casa e fechar a porta do seu quarto silenciosamente, é que conseguiu ficar suficientemente tranquila para poder fechar os olhos.

— Truz-truz? – Sem esperar que lhe respondessem, a porta das traseiras foi empurrada, permitindo que se visse uma basta cabeleira encanecida pela fresta. – Está alguém em casa?

— Bernie!

— Bernie!

Os dois rapazes apressaram-se a levantar-se das cadeiras da mesa a que tomavam o pequeno-almoço, correndo para saudarem o vizinho da casa ao lado. Ficaram imediatamente intrigados com a saca enorme que ele trazia. Com uma avidez descarada, Hunter perguntou: – Trouxe-nos alguma coisa?

— Vê se tens maneiras, meu menino – ralhou Amelia.

— Não faz mal – disse Bernie, rindo-se. – De facto, trouxe-lhes uma coisa. Mas têm de acabar o pequeno-almoço antes de verem o que é.

Amelia olhou-o com uma expressão de agradecimento quando os rapazes já voltavam para a mesa, recomeçando a comer os cereais das tigelas.

— Queres um café?

— Obrigado, mas deixa-te ficar onde estás. Eu sirvo-me.

Bernie tinha problemas numa anca e a outra já tinha sido substituída. Quando se encaminhou para o armário, de onde tirou uma caneca, Amelia reparou que ele mancava mais acentuadamente do que era costume. Depois de se ter servido de café, sentou-se à mesa com ela e os rapazes.

— Estou magoada contigo – disselhe Amelia.

— E porquê? – perguntou Bernie, soprando o café.

— Pensei que talvez tivesses voltado para casa enquanto eu estava em Savannah. – Ele vivia na região do Alto Michigan.

— Sem me despedir? Nunca!

— A tua casa estava às escuras ontem à noite.

— Ontem estive a emalar as minhas coisas e a limpar durante todo o dia. Fiquei derreado. Por isso, deitei-me bastante cedo.

— A imobiliária tem pessoal que limpa a casa na perfeição depois de te ires embora. Não precisavas de ser tu a tratar disso.

— Eu sei que não, mas sou muito esquisito. Detesto que as pessoas vejam a sujidade da minha casa.

— Devias ter pedido à Stef e a mim que te ajudássemos.

— Pareceu-me que vocês estavam a divertir-se muito na praia. Não teria perturbado o dia tão agradável que estavam a passar.

— Grant, limpa a boca, por favor. – Amelia revirou os olhos quando ele se serviu da manga da camisola em lugar do guardanapo. Bernie riu-se à socapa. Amelia perguntou-lhe quando é que planeava deixar a ilha.

— Daqui a um ou dois dias. Tenho de voltar para casa e instalar-me para o longo inverno.

— Podias ficar por mais algum tempo. Melhor ainda, podias mudar-te para aqui permanentemente.

— O meu lar é no Michigan – retorquiu ele com alguma tristeza. – Sabes bem como é.

Ele e a mulher, com quem estivera casado durante várias décadas e de quem falava com frequência, tinham vivido na mesma casa desde o dia em que se casaram. Ela tinha falecido há vários anos, mas ele continuava a fazer o luto, recusando-se a deixar a cidade onde ela estava sepultada e onde um dia ele também seria enterrado ao lado dela.

— Ainda bem que não te foste embora antes de nos podermos despedir como deve ser. – Amelia estendeu a mão por cima da mesa, dando uma palmadinha na dele.

— Ei, Bernie – saudou Stef alegremente quando atravessou a cozinha com uma braçada de roupa suja para a casa das máquinas de lavar. – Esta manhã estás uma brasa! Gosto dessa camisa.

Era de um rosa cor de flamingo e condizia com uma risca nos calções de uma cor igualmente gritante.

— Obrigado. É nova.

Amelia escondeu o sorriso na sua caneca de café. O namoriscar de Stef nunca falhava, e o velhote ficava sempre todo animado. Depois de ter deixado a braçada de roupa suja da máquina de lavar, voltou à cozinha e apontou para o volumoso saco que se encontrava em cima da bancada.

— O que é aquilo?

— Um presente de despedida para os rapazes.

— Já nos pode dar? – perguntou Hunter, empurrando a tigela de cereais vazia pela mesa, para que a mãe pudesse ver que comera tudo. – Já tomámos o pequeno-almoço.

— Sim, mãe, por favor – pediu Grant, fazendo coro com o irmão.

— Suponho que sim.

Bernie parecia estar tão ansioso como eles por abrir o saco e revelar a surpresa. Com um orgulho comovente, meteu a mão dentro da saca para tirar uma caixa, onde se via a fotografia de um papagaio de papel com a forma de um navio de piratas. Era uma embarcação bastante elaborada e com inúmeras velas.

— Oh, que grande surpresa! – exclamou Amelia. – E pode ser mesmo lançado ao ar?

— Podemos fazer isso agora, Bernie?

— Podem? – perguntou este, olhando para Amelia.

— Claro que sim – respondeu ela, rindo-se. – Calcem as sandálias – gritou-lhes quando os garotos já saíam a correr pela porta das traseiras.

— Vou certificar-me de que eles as calçam – disse Stef, saindo atrás dos rapazes.

— Talvez eu devesse ter falado contigo primeiro – disse Bernie um pouco embaraçado, concentrando a sua atenção em Amelia. – Mas vi-o numa loja em Tybee e pensei logo neles. Espero que não te importes.

— Foi muito gentil da tua parte. Obrigada. Oh, e também te agradeço por teres arranjado a bola de praia.

Bernie olhou para ela intrigado.

— Não a remendaste para os miúdos?

— Não. Deve ter sido a Stef.

Amelia sorriu desajeitadamente.

— Não quero demorar-te; vai divertir-te.

A sorrir como um miúdo travesso, saiu para a praia a mancar ligeiramente.

Amelia tentou, sem grande êxito, convencer-se de que haveria uma explicação lógica para o mistério da bola, tal como para a luz do alpendre. Fez por tranquilizar-se. Levantou a louça da mesa, pondo-a dentro da máquina. Em seguida pegou na sua última caneca de café da manhã, saiu para o alpendre da frente e sentou-se numa das cadeiras de balouço.

O papagaio de papel já voava bem alto. Stef era quem o manobrava a correr, em vez de Bernie, que fazia gestos descoordenados enquanto gritava instruções. Os rapazes corriam ao lado de Stef e estavam tão excitados a olhar para o papagaio de papel que tropeçavam nos pés dela, fazendo com que os três caíssem redondos na areia. O navio de piratas despenhou-se de proa nas ondas.

Mas todos desataram a rir. Bernie voltou a enrolar o cordel no carreto do papagaio de papel, que não tardou a subir no ar.

Amelia sentiu um aperto na garganta com um misto de emoções: alegria ao ver os filhos brincarem, cheios de uma felicidade indescritível, bem como pesar por estarem a divertir-se na companhia da ama que contratara e com um vizinho idoso, ao invés de estarem a brincar com o pai.

Um dia, provavelmente mais cedo do que ela desejaria, os rapazes começariam a fazer-lhe perguntas acerca do pai. Sabiam que ele tinha morrido, mas é claro que eram demasiado novos para se inteirarem das circunstâncias. Mais cedo ou mais tarde, haveriam de querer saber.

Amelia mantinha uma fotografia de Jeremy na mesa de cabeceira entre as duas camas, mas duvidava que eles a vissem com olhos de *ver*. Fazia parte do mobiliário do quarto, nada mais. Cada vez falavam dele com menos frequência, em especial Grant, que mal tinha idade para se recordar do pai. A maior parte das recordações que guardariam seriam de gritos de cólera, do bater de portas e do hálito a cheirar a bebidas alcoólicas.

Na fotografia no quarto que o casal partilhara, ele envergava o uniforme dos Marines, mostrando uma fisionomia severa mas nobre. A primeira vez que ela viu aquela fotografia, tinha-o provocado na brincadeira por causa disso.

— Tens uma expressão sinistramente determinada.

— O que é o caso – confirmou ele com uma gravidade exagerada. – Sinistramente determinado a ir para a cama contigo e fazer de ti a minha mulher.

— Pois bem, se é esse o caso, rendo-me sem dar luta.

Ambos se tinham rido e beijado antes de fazerem amor. A vida era boa nessa altura. O futuro prometia ser risonho.

Amelia tencionava acentuar esta faceta da personalidade de Jeremy quando falasse com os filhos: o facto de ser brincalhão e alegre. Contar-lhes-ia episódios que haviam tido lugar durante os meses que

antecederam o casamento, período em que ele lhe fizera a corte com toda a ternura e sempre ansioso por lhe agradar.

Jeremy sentira-se intimidado pela moradia na plantação em que ela tinha crescido, admirado com o número de estadistas e dignitários que mantinham relações de amizade com ela e com o pai. Os esforços que ele fazia para conseguir enquadrar-se naquele meio tinham conquistado o coração de Amelia.

Amigos e colegas mostravam-se impressionados com a folha de serviço dele no Iraque, que não podia ter sido mais distinta. Quando as circunstâncias o pediam, ele procedia com uma cortesia inexcedível, que encantava até mesmo os mais preconceituosos dos seus conhecidos. Quando ambos se encaminharam para o altar, já ele havia sido acolhido sem reservas no círculo social dela e do pai.

Quando falasse com os filhos acerca dele, daria mais ênfase a esses bons tempos. Era evidente que, inevitavelmente, seria forçada a falar-lhes também dos maus tempos. Mas esperaria até eles terem idade suficiente para compreender, mas não durante tanto tempo que eles acabassem por tomar conhecimento da degradação do caráter dele por uma fonte mais cruel.

Ficou com os olhos marejados de lágrimas ao pensar naquilo. Quando pestanejou para desanuviar os olhos, a sua visão periférica permitiu-lhe ver algo que cintilava. Virou a cabeça para ver do que se tratava e durante vários momentos ficou a olhar sem compreender o que via. Mas depois, com as mãos fincadas nos braços da cadeira de balouço, levantou-se lentamente e começou a andar ao longo do gradeamento de madeira do alpendre até ao canto.

Ali estava o seu relógio de pulso, desafivelado e com a correia estendida junto do gradeamento, como se tivesse sido colocado ali com todo o cuidado.

Amelia sabia, sem sombra de dúvida, que não tinha deixado o relógio ali.

Teve um susto de morte quando Stef apareceu no alpendre inesperadamente.

— Os rapazes querem beber qualquer coisa. Estão a divertir-se à grande, mas estou preocupada por o Bernie poder agravar o problema na anca. Vens até à praia? – perguntou a Amelia, mas fez uma pausa antes de acrescentar: – Passa-se alguma coisa?

Amelia pegou no relógio de pulso.

— Que bom! Onde é que estava?

Aquela não era a pergunta que Amelia tinha esperado. Se Stef tinha de perguntar onde é que encontrou o relógio, então também não fora ela a pôr o relógio junto do gradeamento do alpendre.

Dawson olhou para o ecrã do seu telemóvel, que começara a tocar. Headly. Atendeu acabrunhado.

— Olá.

— O que se passa?

— Porque que me perguntas? Tu é que andas a tomar *Viagra*.

— Não preciso disso – retorquiu Headly, resfolegando.

— Se assim o dizes.

— Onde é que estás? – perguntou-lhe.

— No meu quarto – respondeu Dawson.

— E o que é que estás a fazer?

— Nada de especial.

— Estás a trabalhar na reportagem?

— Ainda não tenho nenhuma reportagem sobre que escrever.

— Ouviste o depoimento da Amelia Nolan.

— E também vou ouvir o contrainterrogatório na terça-feira. Por agora, não existe grande coisa que eu possa fazer, não te parece?

— Ao menos um rascunho?

— Convenci-me a não fazer isso. Não quero começar a escrever alguma coisa para depois deitar no lixo, tendo de recomeçar tudo se o advogado da defesa destruir o depoimento dela.

— O que é improvável.

— Mesmo assim.

— Portanto, estás aí sem fazer nada de especial.

— Estou a observar a relva a crescer.

— Tens alguma pista sobre a morada atual dela?

— A última que a Glenda conseguiu descobrir foi a da casa na cidade, na Jones Street. Como era de prever, ela já não vive lá.

— Talvez se tenha mudado para a mansão do pai.

— Não, a Glenda também descobriu que ela a doou ao Estado. Está fechada, mas é possível que reabra na próxima primavera como museu. É um assunto que está a ser considerado com a instituição responsável pelo património nacional. Algo nestes moldes.

— Bem, ela tem de estar a viver em qualquer lado – disse Headly num tom de voz impaciente.

— Onde quer que isso seja, mantém-se secreto. Um oficial de diligências acompanhou-a à saída da sala de audiências. Presumo que esse mesmo oficial de diligências a acompanhará na terça-feira, às nove horas. Durante o fim de semana prolongado, a senhora faz tudo para não dar nas vistas, e quem é que a poderá censurar por isso?

— Raios! Eu tinha esperança de que nesta altura já tivesses falado com ela.

— Como se ela quisesse falar comigo.

— Como é que podes ter a certeza disso?

— Porque ela se tem recusado a falar com toda a comunicação social.

— Tudo o que é imprensa e televisão por essas bandas está cheio de notícias acerca do julgamento; tenho seguido através da Internet.

— Nesse caso, deves ter reparado que não existe nenhuma citação direta dela, com a exceção de citações de outras pessoas sobre o que ela disse quando testemunhou. O advogado de acusação...

— Lemuel Jackson. Tanto quanto sei, é tido em grande consideração.

— Ele deu uma pequena conferência de imprensa fora do tribunal logo depois de a sessão ter sido suspensa na quarta-feira. Ouvi à distância o que foi dito. Ele não disse nada a respeito da senhora Nolan, exceto que o testemunho dela tinha sido extremamente convincente. Não aconteceu mais nada digno de nota desde então. Um tédio absoluto.

Portanto, aí tens, um relatório do que se passou até este minuto. E quanto ao que se passa por aí? Tiveste notícias do Knutz?

— Estás a referir-te aos Wesson do Ohio? Ainda não. Fica tudo parado durante a porra deste fim de semana prolongado.

— Hum... Diz-me quando ele voltar a contactar-te. Mas agora tenho de desligar.

— Se só estás a observar a relva a crescer, porquê tanta pressa?

— Tenho de urinar – respondeu Dawson, desligando. Pousou o telemóvel na mesa atravancada e dirigiu-se para a casa de banho. Pelo menos não tinha mentido a Headly a esse respeito.

Quando acabou de urinar, deixou-se ficar por uns momentos junto do lavatório, a olhar para o indivíduo de aspeto tão desalinhado que via no espelho, o qual tinha uma expressão acossada nos olhos e olheiras fundas. Com as mãos segurando firmemente o bordo do lavatório, perguntou-se em silêncio o que diabo estava a fazer ali, por que razão se encontrava de sua livre vontade naquela situação, por que motivo estava tão interessado em Jeremy Wesson.

Tendo chegado a uma conclusão satisfatória, abriu a torneira de água fria e molhou a cara várias vezes, após o que a enxugou. Puxou o fecho de correr da braguilha e encaminhou-se de novo para a sala.

Chegado aí, soltou um som de estupefação, estacando subitamente.

Amelia Nolan encontrava-se a menos de três metros de si, munida de uma lata de gás pimenta em aerossol apontada ao seu rosto.

— Diga-me imediatamente quem é você. Porque depois de ficar com a cara cheia disto, levará algum tempo até conseguir voltar a falar.

Capítulo 5

Dawson levantou as mãos com as palmas viradas para a frente.

— Juro-lhe que não sou nenhuma ameaça para si.

— O diabo é que não é!

Com a mão livre, ela indicou-lhe a mesa atrás de si aonde as provas incriminatórias o desmentiam.

Merda!

Espalhadas em cima da mesa encontravam-se dúzias de fotografias dela e dos filhos a brincarem na praia. Eram fotografias que ele tinha tirado com o telemóvel, ampliando-as no seu computador portátil e imprimindo-as. No peitoril da janela viam-se os binóculos que ele usara para a observar e aos filhos.

As fotografias que tinha tirado a Amelia quando ela estava sozinha faziam com que se sentisse particularmente culpado. Em algumas, ela mostrava uma expressão pensativa e um pouco tristonha.

Noutras ria-se com as brincadeiras dos filhos, o cabelo solto como um halo flamejante à luz do Sol, enquanto os três cabriolavam pela praia.

Dawson também captara um momento privado em que ela estava à beira de água de fato de banho, com uma mão a segurar o chapéu de palha de aba larga para que o vento não lho tirasse da cabeça.

Com o sol por detrás, o fato de banho mal se distinguia na silhueta escurecida, contudo, a figura dela vista de perfil estava claramente delineada.

Agora estava vestida mais recatadamente, com o cafetã habitual por cima de um fato de banho de duas peças. A areia agarrava-se aos pés descalços, o que o levou a deduzir que ela teria vindo diretamente da praia. Era evidente que o chapéu ficara para trás quando decidiu entrar de rompante na casa ao lado da sua e que ele arrendara há dois dias.

Sentia-se como um *voyeur*, pelo que não podia censurá-la por estar irada. Mas essa ira era associada ao medo. A mão que pegava na lata de gás pimenta em aerossol não estava muito firme.

— Quem é você?

— Chamo-me Dawson Andrew Scott. O que pode constatar com os seus próprios olhos. A minha carteira está ali – respondeu, fazendo um gesto na direção da mesa.

Mantendo o olhar preso nele, Amelia pegou na carteira e abriu-a. No interior viu a carta de condução emitida pelo estado da Virgínia e também a maldita identificação de jornalista.

Ela deixou pender a mão como se fosse tão pesada como uma bigorna.

— Você é um repórter bastante mau.

— Verdade seja dita, até sou bastante bom – retorquiu ele com uma careta risonha.

Ela atirou a carteira para cima da mesa, após o que limpou a mão no tecido translúcido do cafetã, como se tivesse tocado em algo imundo. A lata de gás pimenta continuava apontada a ele.

— Tenciona esguichar isso para a minha cara? – perguntou Dawson, inclinando a cabeça na direção da pequena lata.

— Ainda não decidi.

Provavelmente, Dawson pensaria que ela estava a brincar. Mas não estava. O facto de ele ser um jornalista era apenas ligeiramente melhor do que ser um pervertido que tirasse fotografias a possíveis vítimas. As duas possibilidades não se anulavam uma à outra.

— Para quem é que trabalha? Ou trabalha por conta própria, vendendo as suas reportagens a quem lhe pagar mais?

— Vou baixar as mãos, está bem? – disse Dawson, fazendo o que dizia. – Acho que é evidente que não estou armado.

Não estava armado e a sua posição era desconcertante. Vestia apenas uns calções com bolsos laterais, com a braguilha parcialmente aberta. Estavam perigosamente descaídos nos quadris. Ele é que se encontrava meio vestido, o que a levou a perguntar-se por que motivo era *ela* quem se sentia exposta.

Pegou na lata com mais força e colocou o polegar no pulverizador que soltava o gás pimenta.

— Responda à minha pergunta.

— Esquecime de qual era.

— Para quem é que trabalha?

— Sou repórter da *NewsFront*.

Amelia sentiu-se aliviada e impressionada, ainda que a contragosto. Imaginara-o associado a uma publicação pouco respeitável, possivelmente, um tabloide, e não a trabalhar para uma revista séria, cujos artigos mereciam todo o crédito. Avaliou-o atentamente desde o cabelo louro comprido até aos pés descalços, tendo chegado a uma opinião pouco abonatória.

— Não tem uma aparência muito respeitável.

— Pois bem, você também não tem o aspeto de uma curadora de museu – ripostou ele com um esgar sorridente. – Não que eu me esteja a queixar.

Amelia estava prestes a perder o controlo. *Não se arme em engraçado*, pensou, mas não queria entrar naquele inofensivo namoriscar. Continuava furiosa, bem como tão assustada como quando encontrara o relógio de pulso, concluindo que alguém tinha andado a espiá-la.

Depois de ter encontrado o relógio, tinha ido até à praia e ajudara os rapazes a lançarem o papagaio de papel até Bernie ter gritado «rendo-me», voltando para casa a fim de descansar e prometendo que se juntaria a eles para o jantar nessa noite. Em seguida, Amelia e os filhos ficaram a brincar na água enquanto Stef acabava as suas tarefas em casa.

À hora do almoço, Stef levou a cesta de piquenique para a praia, como fizera no dia anterior.

Depois de terem comido e estando estendidos na manta para descansar, Amelia voltou a ter a sensação de que estava a ser observada.

Protegendo os olhos da intensa luminosidade do Sol, começou a perscrutar o horizonte a leste. Viu a mesma embarcação ancorada ao largo, no entanto, encontrava-se demasiado longe para constituir uma ameaça. Olhou para trás em direção à sua casa e depois para a de Bernie, após o que observou a fileira de vivendas que se estendiam ao longo do

areal em direção à pequena vila. Nada a havia alertado para qualquer perigo.

Em seguida, virou-se de lado de modo a ficar de frente para a outra casa ao lado da sua, a última da fileira. Os arrendatários a longo prazo tinham-na desocupado no domingo anterior. Mas quando olhou nessa direção...

Falando com tanta calma quanta lhe foi possível, dissera a Stef que precisava de fazer uma coisa dentro de casa, deixando-a com os rapazes à sombra do guarda-sol. Esteve em casa durante apenas o tempo suficiente para pegar na lata de gás pimenta em aerossol, que tirou da gaveta da sua mesa de cabeceira. Saiu pela porta das traseiras e encaminhou-se para a casa vizinha, entrando pela porta corrediça de vidro, que não estava trancada. Esperava apanhar quem andava a espreitá-la, à falta de um termo melhor, em flagrante. Se ele não tivesse ido à casa de banho, interrompendo o ato de a espiar, de certeza que o apanharia com a boca na botija.

Quando ele saiu da casa de banho, Amelia teve de fazer um enorme esforço para ocultar o sobressalto que sentiu. Não estava muito certa sobre o que esperar, mas não tinha sido aquilo. Não *ele*. O homem não tinha nada o aspeto de alguém que recorresse à perversão para satisfazer as suas necessidades sexuais. Tão-pouco se enquadrava na ideia que ela fazia de um escritor: alguém com um comportamento distraído, mãos delicadas e pálido. Alguém com a cintura mais flácida. De facto, mais flácido em todo o corpo.

— Os documentos de identificação podem ser falsos.

— Mas não são.

— Tenciono pesquisá-lo no Google.

— À vontade. Até pode usar o meu computador portátil.

Amelia reparou no computador junto da impressora, que sem dúvida eram ferramentas da sua profissão, mas ela ignorou o convite para que passasse das palavras à ação.

— Como é que conseguiu encontrar-me aqui?

— Há duas coisas que nunca revelo. Uma é uma fonte de informações que me peça o anonimato. E

quanto a como a encontrei... Está bem, está bem – apressou-se Dawson a dizer quando ela direcionou a lata em aerossol para o seu rosto. – Temos uma pessoa que se dedica a fazer trabalho de pesquisa na nossa revista. Chama-se Glenda. Convenço-a com guloseimas e vinho, que lhe ofereço por ocasião do Natal. Quando preciso, ela faz o trabalho de pesquisa que lhe peço.

— A minha casa foi comprada há mais de vinte anos.

— Em junho de 1985.

— Sob o nome de uma entidade coletiva...

— WareHouse, companhia limitada. Quer saber qual o preço de compra? – Vendo a expressão de perplexidade, ele acrescentou: – A Glenda é capaz de encontrar uma pulga num único pelo de um mamute muito peludo. E durante uma tempestade de areia.

A última frase foi acrescentada com um sorriso de esguelha, o que a irritou soberanamente.

— Arrendou esta casa? – perguntou Amelia.

— Sim, porquê? Acha que arrombei a porta e a ocupei ilegalmente?

— Nada me surpreenderia.

— Arrendamentos na ilha Saint Nelda. Tratei com uma senhora muito simpática. A casa estava desocupada. Usei um cartão de crédito.

— Há quanto tempo está na ilha?

— Desde que o julgamento foi suspenso por causa do fim de semana prolongado.

— Somente desde quarta-feira?

— Cheguei depois de ter escurecido.

— Hum...

— O quê? – perguntou Dawson.

— Nada. Pensei que tinha chegado há mais tempo.

— Porquê?

— Não importa – respondeu Amelia com um gesto vago. – Tenha sido há muito ou há pouco tempo, você deu-se a muito trabalho e

despesas para nada. Não dou entrevistas. Nunca.

— O meu trabalho não foi em vão – retorquiu Dawson, fazendo um gesto na direção do pulso dela. – Encontrou o seu relógio.

— E tenho de lhe agradecer por isso? – perguntou Amelia, baixando o olhar para o relógio.

— Ontem, quando a observava através dos binóculos a fazer o castelo de areia com os seus filhos.

Depois de terem ido para casa, vi uma coisa na areia. Fui à praia mais tarde para ver o que era e encontrei o seu relógio.

— E porque é que não se limitou a bater à minha porta para mo entregar pessoalmente, como qualquer pessoa normal teria feito? Qualquer pessoa que não andasse a espiar-me furtivamente e não fosse repórter.

— Porque eu ainda não estava preparado para lhe dar a saber que me encontrava na ilha.

— E quando é que tencionava dar-me a conhecer a sua presença?

— Não tenho a certeza – respondeu Dawson, olhando-a por entre as pálpebras semicerradas e com uma expressão pensativa –, mas estou satisfeito por você saber.

— Tenho a certeza de que sim. Já poderá ligar as luzes à noite, em vez de andar a tropeçar no escuro. – Dawson acusou o toque, mas não fez qualquer comentário. – Viu-me procurar o relógio na praia ontem à noite? – Antes que ele tivesse tempo para lhe responder, ela adiantou: – Claro que sim.

— Mas então, ocorreu-lhe outro pensamento. – A lâmpada fundida?

— Reparei que estava apagada. As traseiras da sua casa estavam às escuras. Pensei que...

— Agradeço o seu cuidado.

— Não é preciso agradecer.

— E pelo meu relógio – acrescentou Amelia, embora a irritasse ter de lhe agradecer pelo que quer que fosse. – Tem muito significado para mim.

— Porquê?

Amelia não tencionava responder a uma pergunta sobre algo tão pessoal.

— De acordo, se isso é assim tão difícil – atalhou ele, dando a impressão de ter lido os pensamentos dela. – Mas responda-me a isto: como é que me reconheceu? – Sem desviar os olhos dos dela, Dawson deu um passo na direção de Amelia. – Reconheceu-me, não é verdade?

Ela deu um passo atrás correspondendo ao passo em frente que ela deu.

— E como é que eu o teria reconhecido?

— Não sei, mas o facto é que me reconheceu. Não sendo esse o caso, eu estaria a contorcer-me no chão, temporariamente cego e a sufocar. No mínimo dos mínimos, teria chamado a polícia, acusando-me de assédio.

— Você *anda* a assediar-me.

— Tenho a certeza absoluta de que nunca a tinha visto até à tarde da última quarta-feira quando se sentou no banco das testemunhas. Eu estava sentado no canto da sala do tribunal, na última fila. Você nem sequer olhou de relance na minha direção.

— Não o vi lá – confirmou Amelia.

— Mas...?

— Vi-o depois de o julgamento ter sido suspenso – admitiu ela com relutância. – Para evitar o assalto dos meios de comunicação social, o doutor Jackson levou-me para um gabinete no terceiro piso com vista para o tribunal. Eu estava a olhar pela janela quando ele falou com os jornalistas.

Você estava um pouco afastado, encostado a um poste de sinalização.

— Reparou em mim? Apesar de estar a uma altura de três andares? – perguntou ele, fitando-a outra vez com a mesma expressão risonha, que desta feita a irritou ainda mais.

— Pensei que fosse um sem-abrigo. Por barbear e com o cabelo comprido e desgrenhado. Foi por isso que o reconheci quando saiu da casa de banho. Quase desejo tê-lo atingido com o gás pimenta. É

o que você merecia por me ter procurado aqui. – Amelia olhou para a lata em aerossol antes de baixar a mão. – Dada a situação, vou deixá-lo

com um aviso. Não se aproxime de mim nem dos meus filhos. Se o fizer, terei de acabar por chamar a polícia.

— Uma vez que está aqui – retorquiu Dawson quando ela se virou para se ir embora –, posso fazer-lhe algumas perguntas?

— Não ouviu o que eu disse há pouco? Não dou entrevistas. Nunca!

— Estritamente sobre acontecimentos passados.

— Não! – ripostou, Amelia perentória.

— A rapariga. É da sua família? – perguntou ele, erguendo o queixo na direção da janela de onde era possível ver Stef e os rapazes entretidos com um jogo de raquetes.

Amelia hesitou, mas não viu problema nenhuma em responder-lhe.

— Não, não é da minha família. Contratei-a para cuidar dos meus filhos durante o verão.

— E o velhote com o papagaio de papel?

— É um amigo da família. Ele arrenda a casa ao lado da nossa todos os verões. E isto é tudo o que conseguirá de mim. – Amelia virou-se para sair, mas, uma vez mais, ele deteve-a com uma pergunta.

— Que mal é que haveria em termos uma conversa afável entre vizinhos?

— Durante a qual você teria esperança de que eu baixasse a guarda, confiando-lhe os meus segredos mais obscuros?

Ele arqueou uma sobrancelha de pelos clareados pelo sol.

— Porquê, tem segredos obscuros?

— Adeus.

Movimentando-se com rapidez, Dawson colocou-se entre ela e a porta, mas voltou a levantar as mãos.

— Compreendo o porquê de talvez não confiar em mim.

— Oh, obrigadinha pela sua compreensão. Não que me interesse se me compreende ou não. – Olhou com uma expressão desdenhosa para as fotografias. – Tenciona publicar essas fotografias? Vendê-las a um tabloide?

— Claro que não – respondeu Dawson, mostrando-se ofendido.

— Sendo assim, por que razão as tirou?

— Para poder... – Vendo que Dawson não conseguia pensar numa explicação, Amelia contornou-o para poder passar. Ou tentou. Ele deslocou-se para lhe bloquear o caminho. – Teria falado comigo se eu a abordasse, mesmo com a aparência de um sem-abrigo, e me tivesse apresentado como jornalista da *NewsFront*? – Ele deu-lhe apenas meio segundo para responder. – Precisamente. Portanto, em vez de a amedrontar, afugentando-a...

— Por isso, limitou-se a amedrontar-me.

— Sentiu-se amedrontada?

— É claro que fiquei amedrontada! – exclamou Amelia.

— Teve medo de quê?

— De... Não sei dizer. Pressenti que...

— O quê?

— Alguma coisa. Pensei que...

— O quê?

— Tive receio de que...

— Que o quê?

— Não sei! Pare de me fazer perguntas.

— É esse o meu trabalho.

Executaram outra dança lateral e, uma vez mais, ele bloqueou-lhe o caminho até à porta.

— Saia do meu caminho.

— Mais uma pergunta? Só uma? Por favor. – Interpretando o olhar e o silêncio dela, Dawson perguntou-lhe: – Como é que descobriu que eu estava na ilha?

— Vi o sol refletir-se em qualquer coisa na janela.

— Deve ter sido as lentes dos meus binóculos.

— Não se esqueça de prevenir isso da próxima vez que estiver a espiar alguém.

— Quando é que pressentiu que estava a ser observada?

— Já são duas perguntas.

— Teve essa sensação apenas desde que cheguei à ilha ou antes?

Amelia abriu a boca para falar, mas deixou-se ficar calada. Olhando para lá dele, em direção à praia, Amelia recordou-se da sensação arrepiante que se apoderara dela na noite anterior. Falando mais para consigo própria do que para ele, murmurou: – A sensação foi suficientemente forte para fazer com que eu ficasse com pele de galinha. – Momentos depois, os olhos de Amelia voltaram a fixar-se nos dele. Eram de um castanho-claro, com centelhas douradas. Olhos de tigre. E a intensidade daquele olhar de tons de âmbar despertou-a de um estado momentâneo de alheamento. – Tenho de ir. Não tarda, começarão a perguntar-se por onde é que andarei.

— Peço desculpa por a ter assustado – disse Dawson, deixando-a passar e falando quando ela já se encaminhava para a porta. – Você passou por uma grande provação, pelo que não quero contribuir para os seus problemas.

— Então não o faça! – ripostou Amelia sem se virar para trás. – Mantenha-se afastado de mim e dos meus filhos.

Eva Headly mal deu tempo ao marido para entrar pela porta das traseiras, perguntando-lhe num tom autoritário onde é que ele tinha estado.

— Em lado nenhum – respondeu ele, passando por ela e continuando a andar pelo corredor até ao seu escritório.

— Estiveste fora durante várias horas, Gary. Não atendeste o telemóvel.

— Por acaso, andas a controlar-me? Agora não posso sair de casa sem te pedir autorização?

— Não fales comigo nesse tom.

Headly sabia melhor do que ninguém que Eva, que tinha o rosto e o feitio de uma santa durante a maior parte do tempo, não era nada meiga quando a irritavam.

— Tens andado com outra mulher?

Ele fitou-a com uma expressão irada.

— Sabes bem que são coisas que acontecem. Há homens da tua idade que...

— Da minha idade? Agora encontro-me numa determinada faixa etária? O quê, dos sessenta e cinco anos até ao dia da morte?

— Não mudes de assunto. – Eva fixou o olhar nele. Headly foi o primeiro a ceder.

— Não te disse onde é que estive porque não queria discussões.

Ela sentou-se no braço estofado do sofá, olhando para ele com uma expressão expectante, à espera de ouvir a explicação do marido. Headly resmungou entre dentes e virou-se na direção do pequeno bar na sala.

— Queres beber alguma coisa?

— Não. E não vais beber nada até me dizeres o que se está a passar. Aonde foste?

Headly deixou-se cair pesadamente na sua poltrona, passando as mãos pela cara.

— Fui a casa do Dawson.

— Ele não está em casa – disse Eva.

— Foi por esse motivo que fui até lá. – Esperava que ela explodisse, acusando-o de invasão de propriedade privada, mas Eva surpreendeu-o.

— De certeza que tinhas uma boa razão para ir a casa dele, apesar de saberes muito bem que ele está em Savannah.

— Ah, está?

— Não está? – perguntou ela.

— Não sei – respondeu Headly, suspirando. – Devia estar, mas tem andado a mentir-me, Eva. A nós.

Estou em crer que a toda a gente.

— Acerca do quê?

— Não tenho a certeza. Sobre alguma coisa. Sobre tudo. Falei com ele ao princípio da tarde e pareceu-me estar bem. Mas a conversa não fazia sentido. Quando refleti sobre o assunto, cheguei à conclusão de que as respostas que ele me deu, até certo ponto, não se ajustavam às perguntas que lhe fiz.

— Tens a impressão de que ele não foi sincero contigo?

— Não tenho a *impressão*, tenho a certeza!

— Mas porque te mentiria ele?

— É possível que tenha alguma coisa a ver com isto. – Tirou um pequeno frasco de plástico castanho da algibeira das calças, entregando a Eva. – É um ansiolítico.

— Eu sabia que havia alguma coisa que não batia certo – disse Eva, abrindo o frasco e sacudindo-o para tirar alguns comprimidos. – Primeiro, ele evitou-nos durante duas semanas, e quando decidiu aparecer, tinha o aspeto de um espantalho. O que estes comprimidos explicam. Está a ser medicado por estados de ansiedade e não quer que saibamos.

— Concordo com tudo o que disseste, exceto em relação à última parte. Ele disseme que não conseguia dormir. Mas não anda a tratar a ansiedade com um médico. Repara que o frasco não tem rótulo. Obtém esta «medicação» com recurso a outra fonte de fornecimento.

A implicação deixou-a tão perturbada como ele próprio se sentira.

— Encontraste mais alguma coisa no apartamento dele que nos deva deixar preocupados?

— Não. Fiquei com a consciência pesada por estar a vasculhar as coisas dele.

— Só porque te preocupas com ele. Ter visto os horrores que ele presenciou no Afeganistão afetaram-no mais do que ele quer admitir, até mesmo para consigo próprio. Parece-te que devíamos confrontá-lo com isso, insistir com ele para que consulte um médico?

— Ele limitar-se-ia a adotar uma atitude defensiva, negando que precisa de tratamento médico.

Sabes como ele é. Acha que não precisa de ninguém.

— O que é, evidentemente, coisa que não faz parte da tua maneira de ser.

Headly olhou para ela, sorrindo-lhe acanhado.

— Ultimamente tenho andado muito rabugento, não é verdade?

— Não, tens sido um grande filho da mãe. Mas não sei como viveria sem ti. – Eva pôs-se de pé e aproximou-se da poltrona onde ele estava

sentado. Sentou-se no braço, inclinou-se e deu-lhe um beijo na parte de cima da cabeça. – Quanto ao Dawson, ele sabe que estaremos sempre ao seu lado e que gostamos muito dele; também sabe que o que quer que façamos ou digamos será sempre para o seu próprio bem.

— E é isso que está a atormentar-me, Eva. Isso é que anda a consumir-me. Saber que ele mal se aguenta e que, em vez de o ajudar a ultrapassar esta fase da sua vida, ter-lhe dito que fosse procurar o Carl Wingert e a Flora Stimel.



Capítulo 6

—Está um tipo, que é uma autêntica brasa, sentado ao balcão e não para de olhar para ti.

Amelia virou a cabeça na direção que Stef lhe indicou e o seu olhar cruzou-se com o de Dawson Scott. Apressou-se a desviar o olhar, mas apercebeu-se de que todos os que estavam sentados à sua mesa também se tinham virado para ver.

— Meninos! – disse, batendo na mesa para que voltassem a prestar-lhe atenção. – Acabem de comer, por favor. Está a fazer-se tarde.

— Volto já – disse Stef, ajeitando o cabelo.

Antes que Amelia pudesse impedi-la, a jovem levantou-se da cadeira e encaminhou-se para o balcão do restaurante.

— Aonde é que ela vai, mãe?

— Também podemos ir?

— Não! Acabem de comer. Grant, senta-te na cadeira, por favor. Hunter, vira-te para a mesa e acaba de comer o teu hambúrguer.

O que quer que estivesse a passar-se no balcão também despertou a atenção de Bernie. Para que ele voltasse a concentrar-se em si, ela repreendeu-o brandamente.

— Vi-te levares caixas para o teu carro esta tarde. Francamente, devias permitir que te ajudássemos.

Bernie começou a queixar-se da sua anca, que tanto o incomodava, dizendo que, provavelmente, teria de ser substituída.

— Tenho uma consulta marcada com o cirurgião ortopédico para assim que voltar para casa.

Amelia mostrou-se solidária para com o idoso, tentando prestar atenção ao que ele dizia sobre as atribulações da idade avançada, mas estava também curiosa em saber o que se passava atrás de si.

Teve uma boa indicação quando Bernie parou de falar, fixando o olhar em alguma coisa atrás dela.

Qualquer coisa alta. Com mais ou menos um metro e noventa de altura, se tinha avaliado corretamente.

— Quero apresentar-vos o nosso vizinho – disse Stef. – Arrendou a casa ao lado da nossa. Está sozinho.

A ênfase que Stef imprimiu às duas últimas palavras não passou despercebida a Amelia e sentiu-se mortificada por saber que a ele, muito provavelmente, isso também não escapara. Não teve alternativa senão virar-se para retribuir o cumprimento.

— Olá, chamo-me Amelia Nolan – disse num tom cortês mas frio. Desencorajador, esperava ela.

— Dawson Scott – apresentou-se ele, estendendo-lhe a mão. Amelia ficou a olhar para a mão durante alguns segundos antes de, relutantemente, a aceitar para um rápido apertar de mãos.

— Este senhor chama-se Bernie Clarkson – continuou Stef com as apresentações –, o vizinho da Amelia, da casa ao lado.

— Olá, Bernie. – O braço de Dawson roçou pelo ombro de Amelia quando estendeu o braço por cima da mesa para um aperto de mão. – Hoje vi-o lançar o papagaio de papel ao ar.

— Viu isso? – O rosto do idoso mostrou uma expressão radiante.

— Era impossível não ver.

— Também é uma coisa difícil de fazer voar.

— A sua sorte foi poder contar com estes dois flibusteiros para o ajudarem.

Para grande consternação de Amelia, ele contornou a mesa para falar com os seus filhos, os quais, educadamente, se tinham levantado das cadeiras e olhavam cheios de curiosidade para o desconhecido tão alto.

Dawson baixou-se de maneira a que os seus olhos ficassem ao mesmo nível do olhar dos rapazes.

— Olá. Chamo-me Dawson. Como é que vocês se chamam?

— Hunter.

Dawson levantou a mão, batendo com a palma na do garoto, que retribuiu entusiasticamente.

— Este é o meu irmão, o Grant. Ele é mais pequeno do que eu.

Grant, para não ficar em segundo plano, empurrou o irmão para o lado com o ombro para poder aproximar-se de Dawson.

— Que tipo de carro é que tem? – perguntou o miúdo.

— Carro? Bem, enquanto estou na ilha, tenho um automóvel de aluguer – replicou, dizendo a Grant qual era a marca da viatura, o que deixou o garotinho profundamente dececionado. A sua única reação foi um «oh» muito murcho.

Dawson virou a cabeça, olhando para Amelia no lado oposto da mesa, como se lhe perguntasse: «Mas o que é que eu disse?»

— Ele gosta muito de automóveis – explicou ela com pouca convicção. – Principalmente dos mais velozes...

— Os *sexy*.

— Ah, estou a ver – retorquiu Dawson, olhando divertido para Stef pelo comentário namoradeiro.

Voltando a concentrar-se nos rapazes, perguntou-lhes se gostavam de brincar com carrinhos *Hot Wheels* e *Matchbox*.

Ambos fizeram vigorosamente que sim com a cabeça.

— Eu também. Colecionava-os quando era da vossa idade.

— Não podemos deixá-los no chão e temos de os guardar nas caixas – informou Grant. – Senão, a mãe tira-nos os carrinhos e põe-nos num sítio alto a que não conseguimos chegar.

— A minha mãe também costumava fazer isso – retorquiu Dawson, fazendo um acenar de cabeça solene. – Mas é uma boa ideia. Com certeza que não haveriam de querer que alguém tropeçasse num dos vossos carrinhos e se magoasse, pois não?

— Tem algum cão? – perguntou Hunter.

— Não, não tenho.

— Mas gosta de cães, não é verdade?

— Oh, sim. Os cães são uns animais magníficos. Mas acontece que estou fora de casa durante muito tempo por causa do meu trabalho. Se tivesse um cão, ele ia sentir-se muito sozinho.

Hunter lançou a Amelia um olha acusatório.

— Nós também não temos nenhum. A mãe diz que talvez nos arranje um cão depois de as coisas estarem mais calmas. Mas eu não sei quando isso é que acontecerá.

Amelia pôs-se de pé tão abruptamente que bateu com o osso ilíaco na quina da mesa, fazendo com que os copos e os talheres se entrechocassem.

— Meninos, já passa da hora de ir para a cama. Despeçam-se. Tive muito prazer em conhecê-lo, senhor Dawson.

— Scott.

— O quê?

— Dawson Scott.

— Oh, peço desculpa, desejo-lhe uma boa estada na ilha.

Enquanto os rapazes se despediam dele relutantemente, ela tirou a correia da mala de mão das costas da cadeira, após o que se encaminhou para a saída do restaurante com os filhos à sua frente, contornando as mesas. Bernie e Stef não tardaram a segui-los.

O pequeno grupo dela estava quase a chegar ao parque de estacionamento nas traseiras do edifício quando a chamaram. Dawson corria em direção a eles. Amelia pediu a Stef que fosse andando.

— Aperta os cintos de segurança dos meninos. Vou ver o que ele quer.

Pela primeira vez em todo o verão, Stef mostrou-se um pouco desagradada com o pedido de Amelia, mas fez o que ela lhe disse, contornando o edifício com os rapazes. Bernie também foi com eles, mas não sem antes olhar para Amelia com um sorriso de quem sabia o que se passava e uma piscadela de olho exagerada.

Em seu abono era preciso dizer que Dawson Scott estava mais composto. Continuava a ter a barba de alguns dias, mas ficava-lhe bem, tal como o cabelo comprido. Tinha vestido um par de calções de caqui mais apresentáveis e uma camisa preta de algodão com as mangas arregaçadas até aos cotovelos. E também cheirava bem.

No entanto, nada disso fazia com que ela se sentisse inclinada a mostrar mais simpatia para com ele.

— Disselhe que se mantivesse afastado de nós.

— Foi a ama dos seus filhos que me convidou a ir até à vossa mesa para a conhecer. Se eu tivesse recusado, pareceria que queria evitar-vos

deliberadamente. Não acha? Para já não mencionar que seria bastante grosseiro da minha parte.

Ela não contradisse aquele raciocínio lógico, porque ele tinha razão.

— O que é que pretende?

— Uma entrevista.

— Desejo-lhe uma boa vida – ripostou Amelia, começando a afastar-se dele.

— Espere, estava a brincar. Não foi por isso que vim atrás de si.

— E então?

— Anda sempre com o gás pimenta em lata?

— Não. Tenho dois filhos curiosos que poderiam encontrá-lo quando estivessem à procura de outra coisa qualquer na minha bolsa.

— E onde é que costuma guardar isso?

— Onde esteja ao meu alcance, caso haja um intruso em minha casa.

— Mas não estava ao seu alcance quando o Willard Strong a surpreendeu na cozinha naquela tarde, pois não?

— Não. Mas ainda que tivesse estado, ele tinha uma espingarda carregada e o dedo no gatilho.

— Uma vez que não anda sempre com o gás pimenta, então, de que é que lhe serve?

— Hoje serviu para o pôr à cautela, não é verdade?

— Ah, apanhou-me com essa – replicou ele, mortificado.

— Seja como for, já esgotámos o assunto. Adeus.

— Onde é que o Jeremy trabalhava?

A mudança abrupta de assunto deixou-a desconcertada.

— Aquando do seu testemunho, disse que lhe ligou para o emprego. Onde é que ele trabalhava?

— A sua colega, a tal que é capaz de encontrar uma pulga num mamute peludo, não conseguiu encontrar nada a esse respeito?

— É mais fácil fazer essa pergunta a si pessoalmente.

Não vendo motivo nenhum para não lhe dar essa informação, Amelia indicou uma empresa de construção civil.

— Especializam-se em edifícios comerciais. Construções de grande dimensão. Escolas, fábricas e clínicas. O Jeremy era um dos engenheiros elétricos.

— Muito bem.

— Ele era um excelente profissional – acrescentou Amelia, detestando-se por parecer que estava na defensiva.

— Como é que ele chegou aí depois de ter feito parte do corpo de atiradores de elite dos Marines?

— Com que então, de facto, *fez* o seu trabalho de pesquisa.

— Algum. Continuo a proceder a esse trabalho.

— O Jeremy tinha uma licenciatura nesse campo. Depois de ter deixado os Marines, candidatou-se a um lugar nessa empresa, tinha as qualificações necessárias e...

— O congressista Nolan intercedeu a seu favor – adiantou Dawson.

Amelia adotou uma postura rígida.

— De acordo, foi um golpe baixo – reconheceu Dawson.

— Pode ter a certeza disso. Adeus.

— Só mais uma coisa.

— Não me parece – retorquiu Amelia.

— Mas nem sequer se trata de uma pergunta.

— Estão à minha espera no automóvel, senhor Scott.

— Veja debaixo do tapete da sua porta da frente.

— O quê?

— Foi onde deixei uma coisa para si.

— Debaixo do tapete da porta?

— As fotografias.

— Ah, as fotografias. Tanto cavalheirismo – redarguiu ela com um olhar de «vá morrer longe». – Nada o impede de as substituir, premindo uma tecla do seu computador portátil. Ou nada o impede de tirar mais.

— O que não farei. Prometo que não. Sei que a deixaram bastante incomodada.

— Fotografias de mim e dos meus filhos que foram tiradas por alguém que não conheço de lado nenhum? Pode apostar que sim:

incomodam-me e muito. Em especial por você não ter sido capaz de me dar uma razão plausível para as ter tirado.

— Não lhe expliquei a razão?

— Não, embora eu lhe tenha perguntado.

— Oh, tirei-as para poder observá-la melhor.

— Como parte do seu trabalho de pesquisa?

— Não, para que passasse a conhecê-la melhor.

— Mas eu não quero que me conheça.

Pode ter sido uma ilusão provocada pelas luzes ao longo do cais que se refletiam na água, mas pareceu-lhe que o olhar dele se concentrou na sua boca quando disse num tom de voz baixo e provocador: – O que é uma pena.

Não confiando em si mesma para lhe dar uma réplica que o obrigasse a calar-se e que poderia ter uma nota de sensualidade subjacente, Amelia virou-lhe costas sem ter dito mais nada.

Stef descia as escadas enquanto Amelia as subia com lentidão.

— O que é que se passou?

— O quê?

— Porque é que foste tão antipática para ele?

— Quem?

— A sério? – perguntou Stef, levando o punho cerrado à anca numa atitude trocista.

— Não fui antipática para ele – replicou Amelia, que quis acrescentar que não precisava de se defender perante ninguém, especialmente perante alguém que trabalhasse para si. Mas isso só serviria para que parecesse tão rabugenta como se sentia, pelo que deixou que o assunto ficasse por ali. – Tive uma conversa com os rapazes, dizendo-lhes que deviam ter cautela com estranhos. Servi-me da ocasião como exemplo.

— Ele não é um estranho. Arrendou a casa ao lado da nossa.

— Toda a gente pode arrendar a casa ao lado.

— Percebo onde queres chegar. Mas se esse fulano tivesse olhado para mim dessa maneira, eu teria...

— Dessa maneira, como?

— Como se ele quisesse lamber-te da cabeça aos pés.

— Stephanie!

A mulher mais jovem limitou-se a rir.

— O que é que ele queria quando te chamou?

— Perguntou-me acerca da... hum... da recolha do lixo.

— A sério? Não me digas – retorquiu Stef, semicerrando os olhos.

Era melhor mudarem de assunto.

— Os rapazes já se deitaram?

— Estavam à espera de que lhes lesses uma história, mas assim que deitaram a cabeça na almofada, adormeceram de imediato.

— Obrigada por os teres deitado. Tive de ver algumas coisas no escritório. Responder a algumas mensagens de correio eletrónico. – *Ver o que estava debaixo do tapete da porta.*

— Importas-te de me emprestar o carro outra vez? Eu abasteço-o de gasolina.

— Vais encontrar-te com o Dirk?

— Hum, hum.

— Podes convidá-lo a vir cá a casa uma noite destas.

— Não me parece – replicou Stef, franzindo o nariz. – Ele não se enquadraria na atmosfera acolhedora de uma família. Não é desse tipo.

— Oh? E a que tipo é que ele pertence?

— Muito para a frente. Cheio de tatuagens e barba. É mais velho do que eu.

— Quantos anos?

— Penso que o meu instinto não me enganou – respondeu Stef rindo-se. – Olharias para ele uma vez e não o aprovarias. O que não importa. Não se pode dizer que eu seja assim tão recatada. No fim da semana que vem voltarei para o Kansas e o Dirk não passará de uma recordação esbatida do meu verão na ilha.

Depois de Stef sair, Amelia continuou a subir as escadas e foi ao quarto dos filhos. Beijou os dois, após o que se sentou na beira do beliche

de Hunter, ficando a vê-los dormir. Habitualmente, era algo que lhe proporcionava uma sensação de serenidade e bem-estar.

Todavia, naquela noite só serviu para a lembrar de como eram vulneráveis, tão novinhos e inocentes, inteiramente dependentes dela para os proteger. Tinham sido inúmeras as vezes em que fora forçada a salvaguardá-los dos maus humores de Jeremy depois de ter bebido de mais, das suas arengas empoladas por ela trabalhar no museu. Depois de regressar da sua segunda missão no Afeganistão, o trabalho dela foi a primeira coisa com que ele implicou, o que dera origem a uma discussão.

Ele queria que ela estivesse em casa à sua espera todos os dias quando chegava do trabalho, ficando irritado sempre que ela saía à noite devido a qualquer evento ou reunião em que ela era forçada a estar presente. Mostrava-se cada vez mais encolerizado por ter de ficar em casa com os filhos, até que, finalmente, ela começou a apresentar desculpas a George Metcalf por não poder estar presente em eventos relacionadas com o trabalho.

Mas os serões que passavam juntos em casa estavam muito longe de ser idílicos. Amelia não podia dizer nada, porque logo desencadeava uma reação belicosa ou uma violenta discussão. A constante atividade e o barulho que os filhos faziam irritavam-no sobremaneira.

Ao princípio, ele havia sido um pai orgulhoso. Ela tinha-o fotografado em atitudes afetuosas com os filhos. Nessas ocasiões, Jeremy mostrava-se feliz e contente. Era brincalhão e deslumbrava-os com truques que fazia, como tirar moedas das orelhas dos filhos. Estragava-os com mimos, ao que ela se opunha, dando-lhes guloseimas e pequenas prendas, à guisa de compensação por ter estado ausente durante tanto tempo na infância dos filhos. Querer estragá-los com mimos era compreensível.

Contudo, depois da segunda missão no Afeganistão, o seu relacionamento com os rapazes tornou-se imprevisível. Irritava-se com a mais pequena coisa e procedia com impaciência, querendo ser um pai mais participativo. O pai excessivamente indulgente passou a ser um homem colérico, que os filhos receavam, o que o deixava irritado e fazia

com que o tempo que passava com os rapazes fosse uma incógnita, sem nunca se saber como é que ele se comportaria. Nos últimos tempos, Amelia começara a recear deixá-los sozinhos com o pai. O que foi uma das principais razões por que o deixou.

Proteger as crianças tinha passado a ser mais importante do que tentar salvar um mau casamento.

Perturbada com aquelas recordações, beijou os filhos outra vez antes de ir para o seu quarto.

Agora que sabia da existência de alguém que a observava, certificou-se de que corria a persiana para baixo antes de se despir.

Era uma casa grande e desconexa, de que Dawson ocupava apenas uma pequena parte. Também não originava barulho suficiente para a encher, razão por que ouvia o mínimo rangido da madeira, o mais ténue gotejar de uma torneira ou qualquer barulho de origem desconhecida.

Tinha escolhido ocupar um dos quartos no primeiro andar pela única razão de as janelas na parede a ocidente permitirem a visão, sem qualquer obstáculo, da casa de Amelia.

Dessas janelas, ele viu Stef entrar no automóvel de Amelia e seguir em direção à vila. Pouco depois de ela ter saído de casa, Amelia foi para o seu quarto, e de imediato correu as persianas para baixo com toda a determinação, como se soubesse que ele estava a observá-la. Queria que ele soubesse, sem margem para qualquer dúvida, que ela não só estava a impedi-lo de ver, bem como de ter acesso à sua vida. Poucos minutos depois, a luz do quarto apagou-se.

Com uma mão apoiada à parte de cima da caixilharia da janela, Dawson continuou a vigiar a casa pela janela aberta. A brisa que soprava do oceano era amena e cheia de humidade. Sentia-a na pele da barriga como a respiração de uma mulher. Como os beijos mais suaves dados de boca aberta.

Gemendo, virou o rosto e esfregou a testa no bíceps, amaldiçoando-se por ser um grande idiota.

Devia ter seguido o impulso de telefonar a Headly para lhe dizer que se lixasse para o julgamento, que se estivesse nas tintas para Jeremy Wesson e para quem quer que tivessem sido os pais do homem, acrescentando que tencionava voltar para casa.

Mas bastara ter olhado para Amelia e o tédio que sentia transformou-se num estado de alerta a cem por cento. O seu desinteresse deu lugar a uma curiosidade ávida. Queria inteirar-se de tudo o que lhe fosse possível a respeito dela.

Não, apagar isso. Nem *tudo*. Passaria muito bem sem saber nada acerca da relação pessoal dela com o ex-marido. Porque sempre que pensava nela na cama com Jeremy Wesson ou com qualquer outro homem a movimentar-se em cima dela, dentro dela, só queria bater em qualquer coisa.

Mas o pior de tudo era que Headly esperava que ele vasculhasse a vida de Wesson de fio a pavio.

Os anos mais essenciais da vida dele haviam sido passados com Amelia. Caso ele fizesse o que Headly lhe pedia, e o fizesse como devia ser, não havia maneira de omitir o papel ativo que ela desempenhara.

Observou atentamente a casa dela uma última vez, após o que foi para a cama, deitando-se estendido de costas. Os comprimidos que tomara há algum tempo começavam a surtir efeito. A combinação dos comprimidos com o uísque do Kentucky, um verdadeiro elixir, fazia com que já se sentisse sonolento. Talvez esta noite, pela primeira vez, conseguisse dormir até de manhã sem ter um pesadelo. *Por favor, meu Deus.*

Fechou os olhos e obrigou-se a banir as imagens horríveis da sua mente, que persistiam em rondar furtivamente na periferia dos seus pensamentos. Para as substituir, pensou no rosto de Amelia.

Depois de finalmente ter conseguido ver os olhos dela de perto, sabia que eram de um azul-escuro, muito profundo. Prender o cabelo atrás das orelhas era um hábito subconsciente dela, o que ele concluiu quando a viu na sala do tribunal. Ela também tinha tendência para morder o carnudo lábio inferior.

Pensar nisso suscitou-lhe uma reação física de lascívia inigualável.

Durante semanas a fio fora-lhe impossível conciliar o sono à noite, sentindo-se extremamente tenso durante o dia, os nervos em franja constantemente devido às imagens recorrentes de guerra que o atormentavam durante os pesadelos. Portanto, era provável que aquela intensa reação física se devesse a nada mais que uma necessidade urgente de consolo. Como qualquer homem heterossexual, um dos primeiros lugares onde o procuraria era no corpo de uma mulher. Uma medida que não curaria o mal, mas que lhe poderia proporcionar um alívio temporário, atenuando os sintomas.

Mas se era apenas consolo de que precisava, não seria verdade que quaisquer seios macios serviriam? Não seria possível encontrar o esquecimento entre qualquer par de coxas? A mão de uma mulher não seria uma varinha mágica tão eficaz como a de outra qualquer? A boca de uma mulher não proporcionaria um entorpecimento mental por igual?

Dawson considerava que sim. Vivera toda a sua vida de adulto a acreditar nisso mesmo. Quer uma relação sexual durasse alguns meses ou umas quantas horas, ele obtivera dessa relação o que desejava e não mais do que tinha investido.

A sua indiferença habitual não se aplicava àquela situação. Não a Amelia Nolan. Não, aquilo era algo diferente. Aquela não era uma excitação sexual que pudesse ser apaziguada facilmente. Era diferente. Era única e nunca lhe acontecera. Era um inferno.

Só esperava que Jeremy Wesson estivesse a assar no seu próprio inferno.



Capítulo 7

—Mãe!

— Mãe! Tens de vir ver isto!

Amelia estava no escritório a redigir um *e-mail* para George Metcalf quando os rapazes entraram de rompante, com areia agarrada aos pés e praticamente a tropeçarem um no outro com a pressa.

Tinham o rosto afogueado e transpiravam.

— Mas o que é que se passa? – Ouvira-os sair de casa há menos de dez minutos a caminho da praia.

— Viram uma nave espacial aterrar no areal?

— Não. Muito melhor. Tens de vir ver! – insistiu Hunter, pegando na mão de Amelia e tentando puxá-la da cadeira da secretária.

— Esperem lá. Onde é que está a Stef?

— Ela ficou lá em baixo. Anda.

— Está bem, eu vou. Prometo. Deixem-me só acabar esta...

— Não! Tens de vir *imediatamente* – interrompeu-a Hunter, que balouçava quase na ponta dos pés.

— Vem ver.

— Se é uma coisa assim tão estupenda, calculo que a minha mensagem possa esperar.

Rindo-se, Amelia deixou que os dois filhos lhe dessem a mão, puxando-a para fora do escritório, escadas abaixo, e saindo pela porta da frente. O riso dela esmoreceu quando olhou para lá das dunas.

Viu Stef, jovem, bronzeada e com um corpo curvilíneo, numa alegre conversa com Dawson Scott, que estava lindo de morrer. Vestia calções de banho e usava um boné com a pala virada para trás, para manter o cabelo afastado do rosto. Entretanto, ele disse alguma coisa que fez com que Stef inclinasse a cabeça para trás e se risse.

— Depressa, mãe! – insistiu Hunter, puxando-a com mais força enquanto os três desciam as escadas.

Quando chegaram ao carreiro de madeira, os dois rapazes largaram-na e desataram a correr. Amelia sentia-se demasiado irritada para se

lembrar de lhes dizer que tivessem cuidado por causa das lascas de madeira.

Quando começou a descer as dunas, avistou a razão para todo aquele entusiasmo. A escultura de areia de um dragão. Tinha dentes de víbora, escamas e garras, um corpo que ondeava na areia ao longo de mais de três metros e meio. Não precisava de se pôr a adivinhar quem seria o escultor. Os filhos dançavam à volta dele como aborígenes a adorarem um totem.

Dawson tinha-a posto numa situação insuportável. Não podia ser a desmancha-prazeres que punha fim ao entusiasmo dos filhos, coisa que, raios o partissem!, ele sabia bem. Afivelando um sorriso forçado, aproximou-se do dragão de areia.

— Meus Deus! – exclamou, juntando as mãos por baixo do queixo, como se estivesse deslumbrada.

Resultava para enganar os rapazes. Ambos olhavam para a mãe com sorrisos rasgados e uma expressão extasiada bem evidente.

— Não achas fantástico, mãe?

— Sem dúvida que é! Mal sei o que dizer. – As últimas palavras foram dirigidas a Dawson, cujos olhos estavam ocultos por uns óculos de sol à aviador. Amelia sentia que ele a perscrutava atentamente, avaliando a sua reação por detrás das lentes escuras.

— Foi o Dawson quem fez o dragão! – gritou Grant, empolgado.

— Ah, foi?

— Sim, e disse que também podia fazer outras coisas. Vamos fazer um navio de guerra.

— E um castelo para o dragão – acrescentou Grant.

— *Uau!* – exclamou Amelia, fazendo um esforço titânico para não ranger os dentes.

Stef, que tinha estado a observar Amelia atentamente enquanto a situação se desenrolava, bateu palmas.

— Antes de iniciarem todos esses projetos, é melhor aplicarmos mais protetor solar.

Os rapazes protestaram em coro, mas ela pousou uma mão no ombro dos dois e virou-os em direção à casa.

— Toca a marchar. Quanto mais depressa fizermos isso, mais depressa poderão voltar para a praia.

Hunter firmou os pés na areia.

— Dawson, vais continuar na praia?

Ele hesitou, olhando para Amelia, mas ao ver que ela se tinha remetido a um silêncio obstinado, sorriu aos garotos.

— Sim, vou ficar à vossa espera.

— Não te vás embora! – gritou-lhe Grant por cima do ombro enquanto Stef o empurrava pelo carreiro de madeira.

Nem ela nem Dawson falaram até os três terem subido pelas dunas, após o que ele disse em voz baixa: – Só quis surpreendê-los. Pensei que já teria acabado quando eles chegassem à praia. Eles apanharam-me a dar os últimos toques ao dragão.

— Pedi-lhe, com mais gentileza do que você merecia, que se mantivesse afastado de nós.

— A minha casa partilha a praia com a sua.

— Sim, mas você escolheu *este sítio* para fazer o seu... o seu dragão. Por que razão é o sítio ideal?

Como se eu não soubesse.

— Não tenho a intenção de entrevistar os seus filhos, Amelia.

Ela sentiu uma ligeira agitação no estômago quando ele a tratou pelo seu primeiro nome e, para cúmulo, num tom de voz tão baixo e enfurecedoramente razoável. Mas não se deteve no assunto por não querer que ele soubesse que não lhe passara despercebido.

— Não estou a ver qual o mal de eu passar algum tempo com os dois garotos – acrescentou Dawson.

Amelia afastou para trás uns cabelos que tinham escapado do chapéu e que o vento lhe soprara para a boca.

— Pois bem, permita-me que lhe diga onde é que está o mal. Para além do facto de eu não saber absolutamente nada a seu respeito.

— Isso não é verdade.

— De acordo. Você tem credenciais, mas esses documentos não me informam acerca da espécie de pessoa que você é.

— Eu...

Amelia levantou a mão para o interromper.

— Em segundo lugar, o Grant ainda é muito novo para se recordar de muita coisa, mas o Hunter lembra-se de quando o avô faleceu. E então...

— Eles perderam o pai.

— Precisamente.

— Por isso mesmo, não lhe parece que algum tempo passado com um homem seria bom para eles, não concorda?

— Absolutamente. Mas não com um homem sobre o qual não sei praticamente nada. Não com um homem que vende banha da cobra, que está aqui hoje e que amanhã partirá. Não com um homem que faz tudo para cair nas boas graças deles com o único objetivo de chegar a mim, de maneira a poder escrever uma grande reportagem sensacionalista para a revista em que trabalha.

— Não é por essa razão...

— Poupe o fôlego. Já sei que é um mentiroso.

— Um mentiroso? – ripostou Dawson, encolerizado, tirando os óculos escuros bruscamente. – E

porque faz essa afirmação?

— Ei, Dawson! – chamaram os rapazes, que vinham a correr por cima das dunas, munidos de baldes e pás de praia. Hunter foi o primeiro a chegar junto deles. – Podemos fazer o barco de guerra agora?

Grant estava a balouçar-se outra vez.

— Não, quero fazer o castelo primeiro.

Dawson, cujo olhar de irritação continuava preso nos olhos de Amelia, arqueou uma sobrancelha à guisa de pedido de autorização.

— Que alternativa me deixa? – perguntou Amelia.

Ele disse aos rapazes que começassem a encher os baldes com areia molhada. Quando eles já se afastavam a correr, Dawson voltou a pôr os óculos de sol.

— A discussão ainda não acabou – disse a Amelia.

— Pode ter a certeza.

*

Amelia voltou para o escritório a fim de acabar de escrever a mensagem de correio eletrónico, muito embora não fosse urgente, porque George só a leria depois do fim de semana prolongado. Anexou uma proposta para uma nova exposição em que andava a pensar há algum tempo. Contava com resistência à ideia. Por conseguinte, seria necessária uma combinação de diplomacia e pressão para o convencer – bem como para persuadir a direção do museu – de que seria um acréscimo viável e importante para o museu. Queria redigir o rascunho de um memorando enquanto os pensamentos ainda estavam frescos na sua mente.

Mas também tinha voltado da praia a tremer, encolerizada e com uma necessidade premente de pôr alguma distância entre si própria, Dawson e a intromissão deste na sua família.

Depois de ter deixado passar uma hora, concluiu que já estava suficientemente calma para voltar à praia para o ver prejudicá-la insidiosamente enquanto deslumbrava os seus filhos. Vestiu um par de calças largas de algodão branco e um *top* vermelho de alças, tendo decidido que não usaria um fato de banho. Pegou no chapéu e juntou-se ao grupo na praia.

Estavam todos muito alegres. O navio de guerra ficara magnífico. Stef estava a batizá-lo com uma garrafa de sumo de maçã. Hunter, o primeiro a reparar na mãe, gritou-lhe: – Olá, mãe! Batizámos o couraçado com o teu nome – disse, muito orgulhoso, apontando para o nome, um pouco torto, desenhado no costado do couraçado.

Baixou-se para inspecionar as letras que diziam «USS *Amelia*».

— Escreveste isto sem a ajuda de ninguém?

Todo orgulhoso, o garoto fez que sim com a cabeça. Amelia passou os dedos pelo cabelo indomável do filho, agora baço devido à água do mar e à areia.

— Obrigada. Adoro. Foste um doce.

— Foi o Dawson que me disse para lhe pôr o teu nome.

— Oh... – Amelia olhou para cima. A silhueta dele recortava-se contra a intensa luz do Sol, o que a impedia de lhe ver a expressão fisionómica. – Foi muito simpático da parte do Dawson.

— Podemos ir para a água?

— Não vesti o fato de banho. Stef?

— É para já. – Desafiou os rapazes para uma corrida até ao mar, e os três desataram a correr.

— Dawson, também vens para a água? – perguntou Grant, que foi o primeiro a mergulhar.

— Daqui a um minuto.

— Se precisas de ir à casa de banho, não faz mal fazer chichi no oceano; na piscina é que não se deve fazer isso.

— Obrigado pela informação – retorquiu ele, rindo-se à socapa. – Não me esquecerei disso.

Amelia foi para a sombra do guarda-sol, sentando-se numa das cadeiras de praia. Dawson tirou a *T-shirt* do bucho do dragão, sacudiu-a para tirar a areia e vestiu-a. Era uma camisola bastante desbotada e já com muito uso, com o cós do pescoço e as mangas cortadas, o que dera origem a aberturas enormes até meio do torso. Enquanto caminhava lentamente em direção a ela, o tecido fino moldava-lhe o peito molhado. Lá se ia o arremedo de decoro no vestuário. As barrigas das pernas e os pés estavam cobertos de areia.

Quando Dawson chegou ao guarda-sol, olhou para a cadeira desocupada ao lado da dela e depois olhou para a manta, mas decidiu não abusar da sorte, ou assim ela presumiu, sentando-se na areia, à beira do círculo de sombra.

— Esta manhã, antes de os outros se terem levantado, tratei de o pesquisar no Google – informou Amelia, indo direita ao assunto.

— Ah, sim?

— Precisei de algum tempo para ler tudo. Confesso que estou impressionada.

— Obrigado – agradeceu Dawson.

— Não me tinha dito que passou vários meses no Afeganistão.

— Não me perguntou.

Até então, ela tinha-se mantido de olho nos filhos e em Stef, que brincavam no mar com um golfinho insuflável. E então olhou para ele.

— Certo, mas você é quem costuma fazer perguntas.

Dawson dobrou as pernas, envolvendo as canelas com os braços.

— Pergunte-me o que quiser.

Apesar da ira que ele lhe inspirava, Amelia sentia-se curiosa.

— Em algumas das suas reportagens fez a cobertura de determinados combates particularmente violentos. Esteve realmente presente nessas ocasiões?

— Não com muita frequência. Algumas vezes. Nos combates de maior dimensão, os militares não me autorizavam a estar lá. Costumava entrevistar as tropas quando regressavam à base. – Dawson franziu a testa pensativamente. – O problema com essa guerra era não se poder prever, na maior parte das vezes, onde é que os combates teriam lugar. Podia travar-se no átrio de um hotel, numa autoestrada ou num posto de controlo de segurança muito apertada. Do mesmo modo, o inimigo nem sempre é facilmente reconhecível.

— Mas sempre que tinha oportunidade para isso, punha a sua vida em perigo.

— É nesses lugares que os motivos de reportagem se encontram.

Amelia sentiu-se, em nome da justiça, obrigada a reconhecer a qualidade o trabalho dele.

— A maneira como você escreve é muito comovente. Consegue fazer com que os homens e as mulheres sobre os quais escreve pareçam genuínos para o leitor.

— É com satisfação que ouço isso. De facto, são pessoas genuínas. As histórias de guerra deles mereciam ser contadas.

Amelia fez uma pausa para o observar. Dawson tinha tirado os óculos de sol, pelo que semicerrava os olhos para os proteger da intensidade da luz. Mas toda a sua atenção estava concentrada nela.

— Conheceu o Jeremy no Afeganistão?

— Não – respondeu ele, e Amelia viu que a pergunta o surpreendeu. – Como é que podia tê-lo conhecido? Voltei há apenas duas semanas. Nunca tinha ouvido falar dele até alguém me ter informado acerca do julgamento por homicídio do Willard Strong.

— Quem é que o informou?

— Não posso revelar a identidade das minhas fontes de informação.

— Mas que conveniente.

— Pergunte-me outra coisa qualquer.

Amelia pegou na franja da toalha de praia que colocara por cima da cadeira.

— Por que razão não me abordou através dos meios normais?

— E tê-la-ia encontrado?

— Sim, através do museu. Através do Lemuel Jackson. Para já não mencionar a Internet. Não há ninguém que não possa ser encontrado. E quanto à Glenda? Ela não teria tido dificuldade em encontrar-me.

Dawson esboçou um pequeno sorriso, que não tardou a desaparecer.

— E você teria concordado em dar-me uma entrevista?

— Já sabe qual seria a resposta a essa pergunta. Mas gostaria que respondesse à pergunta que lhe fiz, por favor.

— Porque não tentei uma abordagem direta? Muito francamente, não tinha a certeza de querer escrever uma reportagem a respeito do Jeremy. Houve alguém que me pressionou a vir a Savannah assistir ao julgamento, tirando as minhas próprias ilações. Resumindo e concluindo, no terceiro dia do julgamento já eu estava mais do que farto, pronto para desistir e voltar para casa, procurando outro assunto de reportagem que eu considerasse mais interessante. Mas mudei de ideias e decidi continuar, pelo menos durante mais algum tempo. Ver qual seria o passo seguinte – continuou Dawson com um encolher de ombros. – O resto já você sabe.

— Apanhei-o a dar o passo seguinte.

— Não posso dizer que ontem tenha sido o meu melhor momento quando saía da casa de banho, apercebendo-me de que tinha sido apanhado a espiar, literalmente, com as calças em baixo.

— Você tem sempre uma resposta na ponta da língua, não é verdade? – perguntou-lhe ela, resistindo ao sorriso de esguelha dele.

— Não, nem sempre.

— Não é o que a minha experiência consigo me diz. Todas as suas respostas são autodepreciativas, concebidas para desarmar a outra pessoa.

Dawson voltou a mostrar uma expressão muito séria.

— Eu não «concebi» as minhas respostas, Amelia, e creio que neste momento você poderá estar tudo, menos desarmada. De facto, dá-me a impressão de estar carregada e engatilhada. Está assim tão furiosa comigo por ter brincado com o Hunter e com o Grant?

— Por que motivo um homem adulto haveria de querer perder o seu tempo dessa maneira?

— Não considero que tenha sido uma perda de tempo.

— O que é ainda pior. Implicitamente, está a admitir que tem segundas intenções. E arrisco-me a adivinhar quais são.

— Pensa que eu gosto de garotinhos?

Amelia não lhe deu resposta.

— É verdade que tirei muitas fotografias, mas apenas de si.

Recordando-se de uma em particular, Amelia sentiu-se corar.

— Suponho que me diga isso para me tranquilizar?

— Deve tranquilizá-la, garantindo-lhe que não sou nenhum pervertido.

— Talvez. Mas isso não elimina o facto de ser um grande oportunista.

Dawson inclinou o queixo para baixo e pôs-se a olhar para os pés descalços cobertos de areia. Ou talvez estivesse a olhar para os dela, para os dedos nus a escassos centímetros de distância dos seus. Fosse como fosse, decorreu um longo momento até ele voltar a levantar a cabeça.

— Você não me conhece, por isso, não a censuro minimamente por suspeitar dos meus motivos. De facto, admiro-a por ser extremamente protetora e cuidadosa em relação a quem permite que se aproxime dos seus filhos. Mas devo dizer-lhe que jamais faria mal aos seus rapazes, tão-pouco a si.

Por favor, peço-lhe que acredite no que lhe digo.

As palavras dele eram comoventes e persuasivas, mas Amelia sentia-se irritada consigo própria por estar inclinada a acreditar nele.

— Porque haveria eu de confiar em si quando me mentiu tão descaradamente?

— Em relação a quê?

— Às fotografias. Que tipo de jogada é a sua?

— Jogada?!

— É o que eu lhe chamaria. Todas essas coisas censuráveis que você fez para me confundir, para brincar com a minha mente. A devolução do relógio de pulso que eu perdi, a luz do alpendre, a bola de praia.

— Bola de praia?!

— E, além disso, há as fotografias. Porque procedeu tão apologeticamente, com tanta sinceridade acerca delas, quando é manifesto que a sua atitude não corresponde à verdade?

— Não estou a perceber o que quer dizer.

— Não havia absolutamente nada debaixo do tapete da porta quando cheguei a casa ontem à noite – respondeu Amelia exasperada. – O que você sabia muito bem.

Dawson ficou absolutamente imóvel e com o olhar fixo nela enquanto contava até dez, após o que disse em voz baixa: – Juro-lhe que prendi as fotografias todas com um clipe antes de as pôr debaixo do tapete da sua porta da frente.

Diário de Flora Stimel – 5 de junho de 1980

Precisei de bastantes semanas para abrir este diário e começar a escrever sobre o assunto. Até este momento, não tenho sido capaz de passar as palavras para o papel. Nem de fazer outra coisa senão chorar. Chorei um oceano de lágrimas.

Quando não estou a escrever, sento-me e fico a olhar para o vazio, incapaz de me mexer. A minha aparência física é-me indiferente, se estou limpa ou suja, se tenho fome ou se tenho sono.

É-me indiferente que o mundo acabe. Cheguei mesmo a desejar que isso acontecesse. Fiquei a saber o que as pessoas querem dizer quando dizem que alguém «se fechou».

Eu sabia que esse dia estava para chegar. Tive muitos anos para me preparar para isso, mas não me serviu de nada. Não estava minimamente preparada. À medida que a data se aproximava, até o Carl passou a estar calado e pensativo, como se estivesse a reconsiderar. No entanto, eu sabia que ele não mudaria de ideias, por isso, nem sequer tentei convencê-lo.

Mas eu não podia deixar o Jeremy com tanta facilidade como ele, e quando comecei a implorar-lhe que o deixasse ficar connosco, o Carl ficou furioso. Por conseguinte, parei de lhe suplicar. Eu só estava a fazer com que a separação fosse mais difícil para todos nós.

É claro que é uma decisão razoável. Será o melhor para o próprio Jeremy. Se não pensasse assim, eu teria lutado com unhas e dentes com o Carl por causa disso. O Jeremy tem de começar a ir à escola. Será bom para ele passar a ter amigos, fazer as coisas que os outros rapazes fazem.

Jogar basebol e ter atividades desse género. Mas, mesmo assim, quando chegou a hora de o deixar ir, vendo-o pela última vez, pensei que ia morrer. Nenhuma mãe devia ser forçada a passar por essa provação.

O Randy é uma boa escolha como pai substituto. Ele ajudou-nos naquela ocasião no Mississípi.

Calculo que tenha ficado apegado ao Jeremy nessa altura, porque o Jeremy estava doente e com uma tosse horrível. O Randy é um bom homem e continua a pensar que não existe ninguém melhor do que o Carl. Partilha das mesmas ideias, mas não tem os «tomates», diz ele, para fazer as coisas que o Carl está disposto a fazer pela nossa causa.

Pensei que ele ia desmaiar quando o Carl lhe pediu que criasse o nosso filho. Disse que se sentia muito honrado. Chegou ao ponto de chorar um pouco e dizer que se sentia «ungido». Pensei que o Carl ia desatar a rir ao ouvir aquilo, mas não se riu. O Carl disse ao Randy que ele estava a dar o seu contributo, que ele era tanto um membro dos Comandos da Retidão Divina como qualquer pessoa que andasse com uma arma. Só não lutaria na frente de combate, por assim dizer.

Entretanto, depois de termos deixado a casa dele no Mississípi, o Randy casou-se. A Patricia também é uma de nós, porque odeia os polícias e tudo o que esteja relacionado com o Governo.

Esta é a história da Patricia: o padrasto abusou dela e acabou por matar a mãe quando esta lhe fez frente por ter abusado da filha. Foi parar à prisão por causa disso. A Patricia foi entregue à tutela do Estado, que a entregou a famílias de acolhimento. Calculo que isso não tenha sido muito bom para ela. A Patricia não fala a respeito de tudo o que lhe aconteceu, mas fica com uma cara dura e malévola quando esse assunto vem à baila. (Habitualmente, ela é bonita.) Tem estado entregue a si própria desde que fugiu quando tinha quinze anos. Também não fala das coisas que teve de fazer para conseguir sobreviver, mas eu não lhe censuro absolutamente nada, porque só tenho de pensar em tudo o que eu própria fiz. Mas seja como for, apesar de ela ser uma amostra de gente, sabe muito bem como olhar por si própria.

O Carl conhece pessoas que lhe arranjaram documentos de identificação falsos para eles.

Agora têm novas identidades. Ficaram com o apelido Wesson, nome que o Carl escolheu na lista telefónica. Arrendaram uma casa numa cidade do Ohio.

A Patricia, que também é esperta que nem um alho, vai voltar a estudar para vir a ser uma estenógrafa de tribunal. Rimos a bandeiras despregadas quando soubemos isso! Não podia haver nada com mais piada! Ali estaria ela, sentada em salas de tribunal, a registar tudo o que advogados, polícias, juízes e testemunhas dissessem, enquanto aqui estamos nós a infringir todas as leis que existem à face da Terra. Ou quase todas.

Mas esse trabalho será um bom encobrimento. O Randy seria capaz de vender cubos de gelo a esquimós por causa da sua maneira de ser afável e falas mansas. É vendedor num concessionário de automóveis. Os colegas de trabalho gostam dele. Não acreditariam se alguém lhes dissesse que o Randy de maneiras tão afáveis andava a criar o filho do Carl Wingert e da Flora Stimel, dois criminosos que constam da Lista dos Mais Procurados do FBI.

O Carl disselhes que começassem a ir à igreja com regularidade, como os crentes. O Randy não se opôs, mas não foi esse o caso com a Patricia. Ela diz que não quer ter nada a ver com um Deus que permite que uma criança passe pelas

merdas por que ela própria passou. Mas acabou por concordar em fingir que era crente por saber que isso faria com que eles se parecessem com qualquer família normal. O Carl disse que isso era o mais importante.

Também estão a planear juntar-se à Associação de Pais da pré-primária desde o primeiro dia em que matricularem o Jeremy, no outono. Sinto o coração destroçado por não poder estar presente no seu primeiro dia de escola. Espero que ele não chore. O Carl diz que ele não vai chorar. Ele trata-o por «Bom Soldadinho». Porque até mesmo quando estávamos a abraçá-lo para nos despedirmos dele, mesmo com o lábio inferior a tremelicar, ele não chorou uma única lágrima.

Ele sabe que o Carl tem grandes planos para o seu futuro. Compreende o motivo por que não podemos viver todos juntos. O Jeremy também sabe – porque eu lhe disse inúmeras vezes – que, apesar de estar a viver com a Patricia e o Randy, fingindo que é filho deles, eu sou a sua verdadeira mãe e o Carl é o seu verdadeiro pai. Tratará a Patricia e o Randy por mãe e pai, mas ele é da nossa carne e do nosso sangue. Não existe nada que possa alterar isso. Nós temos-lhe muito amor.

Só espero que ele cresça a compreender como as coisas têm de ser. Eu própria não tenho a certeza disso.

Capítulo 8

Os rapazes tiveram um dia tão em cheio que pouco faltou para adormecerem à mesa, pelo que não fizerem qualquer objeção a irem cedo para a cama. Depois de os deitar, Amelia serviu-se de um copo de vinho e sentou-se numa das cadeiras de balouço do alpendre.

Stef juntou-se-lhe poucos minutos depois.

— A cozinha já está arrumada. A menos que precises de mim para qualquer coisa, vou para a cama.

— Esta noite não vais ao Mickey's?

— Estou estourada.

— Tal como eu. Dorme bem.

— Estás bem? – perguntou-lhe Stef, hesitando na soleira da porta.

— E porque não haveria de estar? – Apercebendo-se de que falara com rispidez, suavizou o tom. – Estou ótima.

— Estás fula comigo por ter encorajado o Dawson a juntar-se a nós?

— Não posso estar fula. Os garotos divertiram-se imenso. Foi bom para eles terem a companhia de um homem.

— Foi precisamente isso que pensei. Mas este homem em particular deixa-te enervada, não é verdade?

Amelia virou-se para a mulher mais nova, pronta para lhe responder desabridamente. Ao invés, baixou a cabeça, admitindo em voz baixa: – Um pouco.

— O dente torto dá-lhe um ar extremamente engraçado.

Amelia tinha reparado no incisivo ligeiramente sobreposto. Na verdade, fazia com que o sorriso dele fosse mais interessante.

— E eu bem gostaria de dar uma dentada no bíceps dele.

— És incorrigível, Stef.

— Pois bem, e tu, não gostarias?

Se pressionada, Amelia seria forçada a admitir que Dawson Scott era um homem fisicamente atraente. Mais vezes do que gostaria que tivesse acontecido, os seus olhos tinham-se desviado do romance que andava a ler, sentada à sombra do guarda-sol, para o rebentar das ondas onde ele

brincava com os filhos dela. Haviam competido pela atenção dele durante todo o dia. Ele parecia ter estado também a divertir-se. Mas...

— Há qualquer coisa com ele que não bate certo. – Amelia nem sequer teve consciência de que falara em voz alta até Stef ter soltado um gemido.

— Oh, merda! Ele é casado?

— Não – respondeu Amelia, rindo-se. – Quero dizer, não sei se ele é casado. Eu não...

— Cala-te! Ele vem aí.

Amelia virou-se e viu que ele se aproximava do alpendre.

— Vi-a aqui – disse Dawson quando chegou ao primeiro degrau – e pensei em trazer uma oferenda de paz por ter monopolizado os seus rapazes durante todo o dia. – Trazia uma garrafa de vinho, agarrando-a pelo gargalo, já desarrolhada, e dois copos numa mão. Ao ver o copo de vinho que ela tinha na mão, franziu o sobrolho. – Mas estou a ver que cheguei demasiado tarde.

— Vou para a cama. Boa noite aos dois – despediu-se Stef, indo para dentro e fechando a porta da frente. Meio segundo depois, a luz do alpendre apagou-se.

Amelia e Dawson ficaram a olhar um para o outro por entre a escuridão repentina, e quando ela vislumbrou um pequeno sorriso nos lábios dele, também foi forçada a sorrir.

— Ela está com ideias românticas.

— Prefere que eu me vá embora?

— Qual é a cor do vinho? – perguntou Amelia depois de alguma reflexão.

— Tinto.

Amelia estendeu-lhe o copo.

— Já que se deu a esse trabalho, pode servir-me mais um pouco.

— Encontrei esta garrafa num armário da cozinha. Portanto, não posso garantir a qualidade – disse Dawson.

— Mas eu posso garantir a deste. Misturá-lo com outro só poderá melhorá-lo.

Dawson subiu os degraus do alpendre e encheu-lhe o copo, após o que encheu o seu próprio copo.

Quando se sentou na cadeira de balouço ao lado da dela, gemeu.

— Amanhã vou estar todo dorido. O Hunter e o Grant obrigaram-me a um intenso exercício físico.

Amelia passou a ponta do dedo em volta do bordo do copo de vinho.

— Levando tudo em consideração, é-me difícil dizer isto, mas agradeço-lhe por ter passado tempo com eles.

— Não é preciso agradecer.

— Eles adoraram, especialmente as lutas corpo a corpo. Eu tentei, mas... – Amelia interrompeu-se, deixando que a frase morresse.

— As mães não são boas lutadoras – retorquiu Dawson, esticando as pernas. – Têm sempre receio de que alguém se aleije.

— É claro que tem toda a razão – concordou ela, sorrindo. Fez uma pausa para beber um gole de vinho. – Você tem filhos?

— Não.

— É casado?

— Não.

— A Stef estava curiosa em saber.

— Hum... – Dawson bebeu um pouco de vinho. – Tenho autorização para fazer algumas observações?

— A respeito da Stef?

— A respeito dos seus filhos.

Com um gesto, Amelia indicou-lhe que prosseguisse.

— Não sou grande conhecedor de crianças, mas, na minha opinião de leigo, parece-me que fez um bom trabalho com as suas.

— Obrigada.

— Eles não fazem chichi nas piscinas.

Ela riu-se.

— Dizem sempre «por favor» e «obrigado». E apesar de eu apenas ter sugerido dar o seu nome ao navio de guerra, eles saltaram de alegria com essa ideia.

— Não trocaria os meus filhos por nada deste mundo.

— O Hunter é o mais cauteloso. Também tem os seus momentos de exuberância, mas, basicamente, é um miúdo bastante sério. É como se já se apercebesse de que, por ser o mais velho, tem mais responsabilidades, que ele aceita, ainda que isso não seja justo. Quanto ao Grant – continuou Dawson com um sorriso, fazendo uma pequena pausa –, não é capaz de esconder as suas emoções. É

impulsivo, inconstante e aborda tudo intempestivamente. Eu apostaria que ele fará mais travessuras do que o irmão mais velho.

— Estou a ver que refletiu bastante acerca deles.

— Sou naturalmente curioso acerca das pessoas em geral e àquilo a que reagem. O que é uma exigência do meu trabalho. Observo atentamente e analiso as minhas observações. – Ao ver que Amelia se limitava a um acenar de cabeça, sem fazer quaisquer comentários, Dawson acrescentou: – O silêncio das pessoas revela tanto sobre a sua maneira de ser quanto o que dizem.

— A sério? Vou ter de me lembrar disso.

— Raios! Ao partilhar um segredo profissional, terei acabado de dar um tiro no pé? Passará você a estar sempre na defensiva a partir de agora?

— Nós não temos um «a partir de agora».

— Estou a ver – disse ele decorridos breves momentos. – Mas na terça-feira de manhã estarei no tribunal para assistir ao seu contrainterrogatório.

— Estar lá ou não depende inteiramente de si. Já deixei bem claro que não dou entrevistas.

— Sim, é verdade que disse isso. Portanto, o melhor é eu fazer-lhe algumas perguntas enquanto tenho oportunidade.

— Quer perguntar-me o quê? – Amelia olhava atentamente para ele.

— Como era viver com um homem que sofria de stresse pós-traumático? – Depois de ter feito esta pergunta, Dawson manteve o olhar longe dela. Foi naquele preciso momento que Amelia soube.

— É isso mesmo, não é verdade?

— É isso o quê?

— Você não combateu na guerra, mas trouxe-a para casa consigo.

Ele fitou-a com olhos que refletiam uma expressão de dureza, após o que se levantou da cadeira de balouço, dirigindo-se para o gradeamento. Pousou o copo de vinho no parapeito e fincou as mãos na madeira com tanta força que parecia que estava a tentar soltar o gradeamento do chão do alpendre.

Fazia um esforço enorme para conter a cólera. Só Deus saberia que outras emoções estariam refreadas muito frouxamente.

O primeiro instinto de Amelia foi ir para dentro de casa, trancando a porta. O que talvez tivesse feito se ele não baixasse a cabeça subitamente entre os ombros numa atitude derrotista. Tirou uma mão do gradeamento para poder passar os dedos pelo cabelo. Manteve o cabelo para trás durante vários segundos antes de voltar a firmar a mão no gradeamento.

Amelia perguntou-se se seria aconselhável dar continuidade àquele assunto. Mas a verdade é que ele não tinha tido o mínimo escrúpulo em intrometer-se na sua vida. Por que razão haveria ela de hesitar em meter-se na dele?

Para além disso, devido à sua experiência pessoal com Jeremy, que sofria do mesmo mal, Amelia estava interessada em saber mais sobre essa desordem psicológica. Foi esse o assunto da mensagem de correio eletrónico que tinha enviado a George Metcalf. Acreditava que o museu devia ter em exibição motivos alusivos a esta baixa de guerra, que era invisível, dando-lhe a mesma importância que era atribuída a outras consequências de um conflito armado e tratando-a com a mesma sensibilidade.

— Eu sentia que se passava alguma coisa fora do normal consigo – começou ela a dizer em voz baixa –, mas não sabia o que era concretamente até este momento. Você podia ter-me feito perguntas a respeito do caso amoroso do Jeremy com a Darlene Strong, a quase amizade dele com o Willard, sobre o local do crime, a possibilidade de ele ter sido feito em pedaços e comido pelos cães. Mas em vez destes

tópicos muito mais empolgantes, o stresse pós-traumático de guerra de que ele sofria foi o aspeto de que quis inteirar-se.

Amelia deu-lhe algum tempo para poder responder. Vendo que Dawson não respondia, continuou.

— Hoje na praia, quando falámos sobre a guerra, você não adiantou a conversa. Eu elogiei-o pelos artigos das reportagens que tinha escrito. A maior parte dos homens teria aproveitado isso como uma oportunidade para se gabar, tentando impressionar-me com as suas façanhas.

— Andam muitos homens a tentar impressioná-la? – O tom de voz dele raiava o insultuoso, mas ela refreou-se, ignorando o que ele dissera.

— Ontem reparei nas garrafas de bebidas alcoólicas vazias na sua cozinha. Juntamente com frascos de comprimidos.

— Há milhões de pessoas que consomem bebidas alcoólicas e que tomam medicamentos.

— É verdade. Mas não foi isso que me revelou o que se passava. Foram os seus olhos.

Dawson virou-se lentamente, ficando de frente para ela.

— Não correspondem a um homem atlético e em boa forma física – especificou Amelia num tom de voz suave. – Pertencem a um homem viciado em substâncias químicas ou que está gravemente doente e com muitas dores, ou ainda que sofre de insónias. Os seus olhos têm a expressão de alguém atormentado por recordações que se recusam a abandoná-lo.

Dawson manteve-se imóvel e sem proferir palavra.

— Quem é que tem andado a consultar para que o ajude?

Nada.

— Com certeza que *está* a ser acompanhado por um profissional de saúde?

— Foi o que o seu marido fez? – perguntou Dawson, falando finalmente numa voz roufenha.

— Não, e por essa razão passou a ser o meu *ex*-marido.

Decorreram alguns momentos de silêncio. Por fim, ele encostou-se de costas ao gradeamento, sobrepondo os braços diante do peito e cruzando

os tornozelos.

— Esse assunto é muito mais interessante do que as minhas garrafas de uísque vazias. Como é que você e o Jeremy se conheceram? – Visto que ela não respondeu. Dawson prosseguiu. – Qualquer que seja o tema sobre que conversemos esta noite, não será incluído na minha reportagem. Se é que escreverei sobre algum motivo de reportagem, o que ainda não está decidido. Seja como for, nada do que me disser será publicado a não ser que me autorize a fazê-lo.

— E como posso eu confiar em si?

— Prometo-lhe.

Aqueles olhos ensombrados eram mais convincentes do que a promessa. Amelia aclarou a garganta e engoliu em seco.

— Conhecemo-nos num casamento. A noiva e eu pertencíamos ao mesmo círculo estudantil na universidade. O noivo era um oficial dos Marines que Jeremy conhecia da base em Parris Island. Ele estava muito bem-parecido e garboso no seu uniforme. Dançámos, bebemos champanhe e divertimo-nos muito juntos. Ele convidou-me para jantar fora na semana seguinte, e eu aceitei. Namorámos durante seis semanas, ficámos noivos e casámos exatamente dez meses depois do dia em que nos conhecemos.

— Hum...

— O quê?

— Foi o fator «bom pedaço de homem» que a atraiu? – perguntou Dawson, inclinando a cabeça de lado.

— O fator «bom pedaço de homem»?

— Aqui está você, uma rapariga rica...

— Que ofensivo!

— Mas é um facto. Cresceu num meio privilegiado, foi fotografada ao lado de presidentes, teve a melhor educação académica que o dinheiro pode comprar. E aqui temos o Jeremy, que esteve na Guerra do Iraque, um uniforme impecável de oficial, a prestar serviço em Parris Island, responsável pelo treino de carabina.

— A Glenda?

— Para dizer a verdade, fui eu próprio a fazer este trabalho de pesquisa. O que quero é saber o que a atraiu nele. Da perspetiva de alguém que está de fora, vocês os dois não pareceriam feitos um para o outro.

Tinham sido muitas as pessoas na altura a pensar o mesmo.

— Suponho que éramos opostos que se atraíam – disse Amelia.

— Que tipo de homem era ele quando a cortejava?

— Ardente.

— A sério?

— Sim. Ele era capaz de ser extremamente amoroso e romântico.

— Ele gravou as suas iniciais no tronco de uma árvore?

— Sim, gravou.

— Estava a brincar – retorquiu Dawson, rindo-se.

— Mas eu não. Ele fez isso numa ocasião. Porque o surpreende?

— Porque não se enquadra no Jeremy que lhe foi infiel ao ir para a cama com uma amiga da mulher, ou seja, você. – Sem lhe dar tempo para comentar o que dissera, Dawson perguntou: – E quanto ao congressista? O que é que ele pensava do seu novo genro?

— Acima de tudo, o meu pai só queria a minha felicidade.

— Não foi isso que lhe perguntei.

Uma vez que ele lhe prometera que nada do que ela dissesse seria publicado, Amelia decidiu ser franca.

— Inicialmente, o meu pai mostrou-se preocupado devido às diferenças de educação entre nós, assunto a que você já aludiu. O Jeremy não era como os outros homens com quem tinha namorado.

— Calculo que tenham sido rapazes de muito boas famílias.

— Em grande parte, sim. Médicos, advogados, homens que estavam destinados a ficar à frente dos negócios há muito estabelecidos das respetivas famílias.

— Percebo bem o que quer dizer. O Jeremy estava, de certa forma, um pouco em bruto.

— Mas era muito empenhado. Não podia ter sido mais respeitoso. O meu pai acabou por lhe ter grande estima e começaram a dar-se muito

bem.

Dawson pegou no seu copo e revolteou o vinho.

— Como é que eram os pais do Jeremy? – perguntou.

— Quando nos conhecemos, eles já tinham falecido.

— Irmãos, irmãs?

— Ele não tinha família. Na verdade, é uma história bastante trágica. Era muito raro ele falar sobre isso. O pai e a mãe morreram num incêndio na casa em que viviam poucas semanas antes de ele ter recebido o diploma da escola secundária.

— Meu Deus!

— Sim, foi muito triste. A casa da família e todos os bens ficaram reduzidos a cinzas. Tudo o que constituía o passado da família até então foi consumido pelas chamas. O Jeremy não tinha quaisquer fotografias nem recordações da sua infância nem da sua juventude.

— Hum... – Dawson fez uma pequena pausa para assimilar o que ela lhe dissera.

— O seu casamento foi feliz?

— Foi, ao princípio.

— Nada de discussões sérias? Infidelidades?

— Não. Pelo menos, eu era-lhe fiel. Acredito que ele também foi até a Darlene Strong ter aparecido.

— Quando é que ele foi destacado para o Afeganistão?

— No verão de dois mil e sete.

— Já era um pouco entradote para ser mobilizado?

— Mas acontece que ele era altamente especializado. Precisavam dele.

— Como é que ele reagiu quando foi destacado?

— Mal podia esperar pelo dia da partida. Até mesmo depois da experiência no Iraque, ele queria ir.

Tenho de admitir que não aceitei a situação muito bem. Receei pela segurança dele e detestei que ele não pudesse estar presente durante uma grande parte da infância do Hunter. Ele tinha apenas alguns meses quando o Jeremy embarcou para o Afeganistão.

— Isso foi muito pouca sorte.

Amelia esboçou um sorriso esmorecido.

— Acho que eu própria disse isso em algumas ocasiões. Mas tentei imprimir uma nota positiva à minha correspondência com o Jeremy. Não queria que ele ficasse com sentimentos de culpa por nos ter deixado. Não lhe agradou particularmente ter sido mobilizado naquela altura, mas isso não o impedia de estar entusiasmado por ir. Mais do que isso, estava disposto a fazer esse sacrifício, porque considerava que servir a pátria era um dever sagrado.

— Servir a pátria.

— Sim – confirmou Amelia.

— Ele amava os Estados Unidos da América? Era um patriota?

— Claro que era.

— Nunca questionou essa guerra, nem os motivos do seu país por detrás dessa decisão, nunca disse nada de negativo contra o Governo?

— Ele era um fuzileiro. Mas, seja como for, porque haveria você de questionar uma coisa dessas?

— Não estou a dizer nada implicitamente. Acontece apenas que estes são tópicos populares de debate nos dias que correm. – Dawson olhou para dentro do seu copo de vinho, mas não bebeu.

Como se estivesse a dar-lhe uma deixa, perguntou: – Quando ele voltou para casa...

— Apercebi-me imediatamente de alterações na maneira de ser dele – replicou Amelia, respirando fundo. – Pareceu-me contente por ter regressado, mas não se ria tanto como antes. Por vezes, ia dar com ele a olhar fixamente para o vazio, e quando se apercebia de que eu estava a observá-lo, forçava-se a dizer uma piada. O choro do bebé irritava-o, em especial quando nós... – Amelia olhou para ele e depois desviou o olhar. – Quando ele queria a minha atenção incondicional.

A insinuação sexual pairava entre os dois. Constrangida, esperou que ele lhe fizesse outra pergunta.

Mas foi em vão. Durante um longo momento, limitaram-se a olhar um para o outro. Foi então que Amelia se lembrou do que ele tinha dito

acerca do quanto os silêncios eram reveladores.

— Sinto-me horrivelmente ao dizer isto agora – disse Amelia em voz baixa, como se quisesse sublinhar a sua relutância –, mas foi quase um alívio quando ele partiu para a segunda missão. O

Jeremy levou consigo a tensão que reinava em casa. O Hunter passou a andar mais contente, uma criança mais feliz. O que era uma coisa boa, porque, algumas semanas depois de o Jeremy ter partido para o Afeganistão, descobri que estava grávida outra vez.

Dawson mudou de posição junto do gradeamento do alpendre, virando a cabeça para o lado, permitindo que ela visse o seu perfil. Amelia apercebeu-se de que ele mordia o interior da bochecha.

Mas se isso se devia a um sentimento de consternação ou simplesmente por estar embrenhado nos seus pensamentos, era coisa que ela não sabia.

Por fim, ele voltou a olhar para ela.

— Ele alguma vez lhe descreveu as condições no Afeganistão?

— Somente nos termos mais básicos. «Faz calor.» «Ficou frio.» «Hoje tomei o meu primeiro duche num mês.» Escrevia coisas nestes moldes.

— Nada de mais específico?

— Ele era o comandante do corpo de atiradores de elite – replicou ela, abanando a cabeça. – É tudo o que sei. Durante a maior parte do tempo que passou lá, nem sequer me podia dizer onde se encontrava. O mais provável era não me ter dito mesmo que não fosse classificado como informação secreta. Ele não queria que eu me preocupasse.

— O que é compreensível. Tinha uma criança e outra a caminho.

— Além disso, sofri atrozmente de enjoos matinais na gravidez de Grant.

— Ah, sim? – retorquiu Dawson, fazendo uma careta risonha, que mostrava aquele dente torto.

— Com o Hunter não tive enjoos nenhuns. Mas com o Grant vomitei várias vezes ao longo do dia durante seis meses.

— Eu bem lhe disse que o Grant é o mais travesso.

— Muito perspicaz – disse Amelia, rindo-se.

Gradualmente, os sorrisos começaram a desaparecer, dando lugar à conversa acerca de Jeremy, o que Amelia estava a considerar terapêutico. Quando é que ela tinha conversado, de facto, com alguém a respeito desse assunto? Não com o pai, que Amelia não quisera sobrecarregar com a sua infelicidade. Nem sequer com uma amiga. Não falara com ninguém.

Talvez fosse mais fácil abrir-se com um desconhecido, que ela nunca mais voltaria a ver. Ou talvez fosse mais fácil conversar com Dawson, porque ele saberia por experiência pessoal qual tinha sido o estado psicológico de Jeremy. Era uma suposição que tinha toda a razão de ser, embora também fosse perturbadora. Amelia sentia-se incomodada ao pensar que ele poderia ser tão instável como o marido passara a ser.

— Quem me dera que o Jeremy tivesse falado comigo acerca daquilo por que estava a passar – continuou Amelia. – Se tivesse feito isso, talvez as coisas fossem diferentes.

— Está a referir-se a quando ele voltou da segunda missão?

— As coisas descambaram rapidamente, indo de mal a pior. Ao princípio pensei que ele sentia falta do corpo de atiradores, da camaradagem, que ele estaria a ter dificuldade em adaptar-se à vida civil.

Afirmava que gostava do seu novo emprego, mas não fez amizade com nenhum dos colegas de trabalho. Tornou-se cada vez mais fechado em si próprio e antissocial. A tensão em casa era crescente e passáramos a ter duas crianças. O Jeremy não tolerava o choro do Grant nem a tagarelice do Hunter. Arranjava motivos para discutir comigo pelas coisas mais insignificantes. – Amelia hesitou antes de acrescentar: – Ele bebia excessivamente. Às vezes, ao ponto de perder a consciência.

— Eu nunca perdi a consciência – adiantou Dawson, olhando-a com um sorriso de esguelha.

— Não deve permitir que a situação chegue a esse ponto.

— Não tenho a intenção de o permitir.

— O Jeremy saía de casa sem me dizer aonde ia – continuou Amelia ao cabo de um breve momento –, nem quanto tempo estaria ausente, e

ficava furioso se eu lhe perguntasse. Ele tinha dificuldade em dormir, e quando conseguia adormecer, tinha pesadelos. Recusava-se a falar desses sonhos maus. – Supliquei-lhe que procurasse aconselhamento médico. A sugestão, invariavelmente, dava azo a uma discussão azeda. A recusa dele em procurar tratamento dava origem a mais conflitos. Andava cada vez mais mal-humorado comigo e com as crianças. O Hunter começou a ter medo dele, especialmente quando o Jeremy...

Dawson esperou, contando até dez, antes de a incentivar a prosseguir.

— Quando o Jeremy o quê?

Amelia ficou a olhar para o vinho que ainda tinha no copo.

— Passou a ser agressivo.

— Isto é, violento.

Ela levantou a cabeça e olhou para ele.

— Por favor, Dawson – disse Amelia, tratando-o pelo nome próprio pela primeira vez. – Eu não queria que ninguém soubesse isso. Para bem dos meus filhos.

— O cabrão de merda batia-lhe! – adiantou ele, perscrutando-lhe os olhos. – Não é verdade?

Amelia baixou o olhar outra vez.

— A situação tornou-se insustentável, chegando a um ponto crítico. Houve uma noite em que chegou a casa já de madrugada. Quando se meteu na cama, cheirava a perfume e a sexo. Eu disselhe que se afastasse de mim. Ele recusou, o que me levou a decidir sair da cama. Ele veio atrás de mim, agarrou-me pelo braço e deu-me uma bofetada com as costas da mão.

O bem-parecido, garboso e romântico fuzileiro, que tinha conquistado o coração dela, metamorfoseara-se num homem que ela não conhecia e com quem não conseguia ter nada em comum, nem sequer remotamente. Era um estranho perverso com um temperamento em que ela não confiava.

Todas aquelas novas facetas hediondas que ele adquirira haviam-se manifestado naquela noite.

Amelia ainda conseguia ver a raiva espelhada nos olhos dele, sentir a bofetada odiosa na sua face, o sabor do medo que ele lhe infundia.

— Chamou a polícia?

Amelia abanou a cabeça num gesto negativo.

— Esperei que ele perdesse a consciência, agarrei nos meus filhos, saí de casa e segui de automóvel para casa do meu pai. Quando ele viu a minha cara, ficou lívido. Fiquei com receio de que ele tomasse uma atitude precipitada. O meu pai teve de fazer um enorme esforço para se conter, para não ir ter com o Jeremy e dar-lhe uma sova de que ele não se esqueceria tão cedo. À falta disso, ele queria que eu participasse dele na polícia. Mas eu só queria afastar-me do Jeremy e pôr fim àquele casamento o mais depressa possível. Mudei-me para a casa na cidade, na Jones Street, e nessa mesma semana dei entrada de um pedido de divórcio.

«O Jeremy contestou o pedido de divórcio, mas quando se apercebeu da futilidade da sua atitude, optou por lutar pela guarda dos filhos. Deu deliberadamente origem a atrasos sucessivos no processo. Mas eu não desisti. Ouviu-me explicar no tribunal como é que essa situação se desenrolou.

— Amelia bebeu o resto do vinho antes de olhar para ele. – Dei-lhe uma resposta bastante comprida à pergunta que me fez sobre a minha vida com ele.

Dawson voltou a sentar-se na cadeira de balouço, afastou os joelhos para o lado e apoiou os antebraços nas coxas, entrelaçando os dedos das mãos entre as pernas. Virou-se para Amelia.

— É uma história bastante feia, Amelia.

— Acerca da qual você prometeu que não escreveria.

— Prometi e cumprirei – garantiu Dawson, olhando para as dunas e para a praia mais adiante. O

único som que se ouvia era o ranger das cadeiras de balouço e o marulhar das ondas que se quebravam na praia. Quando ele voltou a olhar para ela, Amelia soube qual seria a próxima pergunta antes de ele a formular.

— Quem é que terá tirado as fotografias que eu pus debaixo do tapete da porta?

— Não sei – murmurou ela num tom de voz inseguro.

— Ontem à noite, vi-vos aos quatro entrarem no seu carro. Você parou em casa do Bernie para o apanhar. Assim que deixei de vos ver, vim até sua casa e deixei as fotografias ali – disse Dawson enquanto apontava para o tapete de juta da porta da frente. – Em seguida, meti-me no meu automóvel e fui até à vila. Quando parei no Mickey's, estou certo de que não cheguei mais de cinco minutos depois si.

— Viu-nos sair do parque de estacionamento do Mickey's. Deixei o Bernie nas traseiras da casa dele. Quando estávamos a sair do carro, pedi à Stef que levasse os rapazes para cima e que desse início ao ritual do deitar. Vim logo para aqui e levantei o tapete.

— Alguém apoderou-se das fotografias enquanto estivemos na vila.

— Mas quem? – perguntou Amelia, humedecendo os lábios. – Talvez alguém na praia o tenha visto deixar alguma coisa e...

Mas antes de ela acabar, já Dawson tinha começado a abanar a cabeça.

— A praia estava deserta. Dei-me ao cuidado de verificar isso.

— Mas alguém o deve ter visto.

— Exatamente. Alguém esteve de atalaia a observar.

— Além de você.

— Além de mim. Diga-me outra vez o que se passou com a bola de praia.

Amelia recordou-se do espanto dele quando mencionou o assunto anteriormente.

— Não foi nada de especial.

— Nesse caso, porque não me diz?

O que ela fez.

— Portanto, reapareceu miraculosamente depois de ter sido deitada fora – comentou Dawson. – Remendada e insuflada.

— Tenho a certeza de que há uma explicação qualquer para isso – retorquiu Amelia, agitando-se perturbada na cadeira.

— E há. Existe alguém empenhado em inteirar-se de tudo o que se passa na sua vida.

— Não acredito nisso.

— Estou em crer que acredita. Ontem, quando esteve, por assim dizer, a esfolar-me vivo, disseme que há algum tempo que se sentia receosa, que pressentia que...

— Ontem, eu estava perturbada e irada, a falar à toa para tentar fazer com que você se sentisse mal por ter andado a espiar-me.

— Portanto, só esteve a dizer disparates?

— Sim – admitiu ela.

— Amelia!

Ela levantou-se disparada da cadeira para o gradeamento do alpendre, como ele fizera antes.

Dawson seguiu-a, colocando-se suficientemente perto para ela poder sentir-lhe o calor corporal.

— Receia que ele ainda esteja vivo, não é?

— Não! – negou Amelia veementemente, virando-se para ele.

— O facto de o negar não faz com que se sinta menos atemorizada. Tal como não fará com que seja mentira.

— Ele foi assassinado pelo Willard Strong.

— O corpo dele nunca foi encontrado.

— Mas existiam provas irrefutáveis, que a polícia científica recolheu.

— De que espécie? – perguntou Dawson.

— O sangue dele encontrado no solo dentro da casota do cão. Um pedaço de couro cabeludo... – Amelia ocultou o rosto com as mãos. – Meu Deus, é demasiado horrível pensar no crime hediondo de que aquele homem é acusado.

— Concordo. Mas questiono se o destino do Jeremy foi o mesmo da Darlene.

— De acordo. Talvez não. Não sendo o caso, o Willard largou o corpo do Jeremy algures no pântano. Ele afogou-o. Ou foi parar ao mar. Não podemos descontar a existência de crocodilos. – Da voz de Amelia transparecia uma súplica para que ele concordasse com pelo menos uma

daquelas probabilidades. Mas Dawson limitou-se a olhar para ela com um misto de ceticismo e compaixão, o que era igualmente vexatório.

— Sendo assim, onde é que ele está? – perguntou-lhe Amelia num tom autoritário.

— Isso gostaria eu de saber.

— Porque haveria ele de desaparecer?

— Pela mesma razão que outra pessoa qualquer opta por desaparecer. Para escapar a problemas. Ou para fugir à justiça. Para começar uma nova vida sob uma identidade falsa.

— Muito bem, admitamos que foi isso. Por que motivo não escolheria ele ir para longe daqui? O

que é que o levaria a manter-se nas proximidades, arriscando-se a ser reconhecido? Encenar a nossa própria morte é crime, não é verdade? Ele não receava ser apanhado? Se ele tencionava desaparecer, por que razão andaria por aqui a espiar-me?

— Para lhe causar ansiedade e medo de represálias por o ter deixado.

Amelia abanou a cabeça vigorosamente.

— Ele não se importou muito por eu o ter deixado. Quando o nosso divórcio foi decretado, o Jeremy já não me amava, amava apenas os filhos. Eram tudo o que ele queria. – Apercebendo-se do que acabara de dizer, Amelia respirou fundo e ergueu a cabeça bruscamente para ver o olhar incisivo de Dawson.

Este acenou com a cabeça.

— Não – disse ela num tom de voz temeroso, que mal se ouvia.

— Essa possibilidade já lhe ocorreu, Amelia. Sei que sim.

Ela humedeceu os lábios, apressando-se a contestar o que ele dissera.

— Se o Jeremy quisesse os rapazes, podia ter-se apoderado deles a qualquer altura. Antes mesmo de ter conhecido a Darlene e o Willard Strong.

— De facto, podia. Mas existiam fortes probabilidades de ele vir a ser apanhado e acusado de rapto. Se ele se apoderasse deles agora, ninguém suspeitaria de que um homem que foi dado como morto os tivesse raptado.

Amelia sentiu que era imperativo contradizer veementemente a lógica do argumento dele.

— Você só está a tentar atemorizar-me.

— E porque haveria eu de querer fazer isso?

— Para me induzir a dizer coisas que farão com que a sua reportagem seja mais intrigante, para lhe emprestar um ar de mistério.

— Sabe bem que isso não é verdade! – ripostou Dawson, exasperado.

— Nesse caso, porque está aqui? Eu disselhe que não cooperaria com *nenhum* artigo que tencione escrever. Por que razão não se vai embora, deixando-nos em paz e sossego? Você nem sequer estava muito interessado no caso do Jeremy Wesson. Também me disse que esteve prestes a rejeitá-lo, tratando de se concentrar em algo mais interessante. O que é que o fez mudar de ideias?

— De acordo. Quer saber porquê? – perguntou-lhe Dawson.

Ele meteu as mãos por baixo do cabelo dela, no pescoço, puxando-a para si até o corpo de Amelia ficar encostado ao seu, as pernas dele a ladearem as dela, os rostos quase a tocarem-se.

— Porque é que não larguei este maldito caso de uma vez por todas? – Dawson roçou os polegares pelo lábio inferior dela. – Porque você apareceu na sala do tribunal. – Manteve-a na mesma posição durante um momento, o olhar ardente a percorrer as feições de Amelia, como se estivesse a decidir onde beijaria primeiro. Mas então, praguejou entre dentes, largando-a abruptamente.

Antes de Amelia ter tido tempo para organizar as ideias, Dawson desapareceu, deixando-a sozinha.

Capítulo 9

No dia seguinte, o tempo chuvoso manteve todos dentro de casa. Por estarem impedidos de sair, os rapazes tornaram-se inquietos, entediados e lamurientos. Nenhum dos passatempos que Stef lhes sugeriu foi acolhido com entusiasmo. E, pior do que tudo, ficaram sem televisão por cabo, pelo que perderam essa opção para se manterem entretidos.

A hora do almoço tornou-se uma autêntica batalha a propósito de quem era responsável pelo leite entornado de Grant. Um culpava o outro, e depois discutiam sobre quem tinha empurrado quem. Para impedir uma luta territorial entre irmãos, Stef ofereceu-se para os levar para fora de casa nos intervalos da chuva.

— Ficar-te-ia muito grata – agradeceu-lhe Amelia. – Apenas durante o tempo suficiente para eles queimarem alguma energia.

Quando já calçava os ténis, Hunter perguntou se podiam convidar Dawson para brincar com eles.

— Não. Terminantemente, não.

— Porquê?

— Não me parece que ele esteja em casa.

— Está, sim. O carro dele está ali.

— Aquele carro que é um chaço de merda!

— Grant! Onde é que ouviste essa expressão?

— Foi o que o Hunter disse.

— Não disse nada!

— Está bem, está bem. Quem quer que tenha dito isso, é uma linguagem imprópria. Não voltem a repetir. E mantenham-se afastados da casa do senhor Scott.

— Porquê? Ele gosta de nós.

— O mais provável é ele estar a trabalhar.

— Mas, mãe...

— Hunter, já disse que não. – Quando Stef já passava com os dois rapazes pela porta da frente, Amelia disselhe em voz baixa: – Se ele sair de casa, traz os rapazes para dentro.

— Está bem – resmungou a jovem. – Não percebo porquê, mas como queiras.

Amelia sentia que não tinha um único aliado no seu campo, mas continuava a ser a maestrina daquela pequena banda, portanto, mesmo que não lhes agradasse, não voltariam a ter qualquer contacto com o vizinho do lado.

Foi para a casa das máquinas e atacou as pilhas de roupa lavada que esperava para ser dobrada, apercebendo-se de que dentro de uma semana estaria a emalar a sua roupa e a dos rapazes para regressar a Savannah. Não era uma mudança por que ansiasse. Os filhos não gostavam do apartamento que ela tinha arrendado depois de ter saído da casa na cidade, na Jones Street, mas o facto de ter voltado a ver Willard Strong fazia com que lhe fosse impossível continuar a viver nessa casa.

Hunter e Grant queriam viver numa moradia com quintal para poderem ter um cão e, para ser justa com os filhos, reconhecia que não haviam tido uma casa permanente desde que ela deixara Jeremy.

Tencionava começar a procurar uma vivenda logo que o julgamento acabasse.

Graças a Deus, esse tumultuoso capítulo da sua vida estava prestes a ser encerrado de uma vez por todas.

A menos que a teoria de Dawson Scott se revelasse correta e Jeremy estivesse vivo.

Não obstante a sua determinação em ignorar esta inquietante sugestão, era-lhe impossível. Porque a hipótese de Jeremy ter encenado a sua própria morte já lhe tinha ocorrido, e com uma frequência perturbadora. Bastante mais ultimamente do que até então. Dawson aventara essa hipótese, dando-lhe credibilidade. Agora não conseguia banir as suas apreensões, por muito que se esforçasse.

Depois de uma noite desassossegada, tinha acordado ao raiar do dia a pensar na embarcação que estava ancorada ao largo da ilha há vários dias. Apressara-se a sair da cama e a ir à janela, perscrutando o horizonte ansiosamente. O tempo inclemente fazia com que o mar estivesse picado, com ondas mais alterosas do que era habitual. O barco que procurava já

não se encontrava no mesmo lugar. Viu apenas uma embarcação à pesca do camarão e um petroleiro, ambos comuns naquela rota.

Tinha voltado para a cama, na esperança de conseguir adormecer durante mais algum tempo, mas sentia-se demasiado agitada para conciliar o sono, em parte devido a um mal-estar geral, mas também por voltar a ter a sensação de que o abraço de Dawson tinha sido inapropriado.

Os seus pensamentos recusavam-se a manter-se afastados da sua memória. Continuava a sentir o roçar do polegar dele no seu lábio, ouvindo o sussurrar roufenho quando ele lhe disse: «Porque você apareceu na sala do tribunal», recordando-se do corpo sólido dele encostado ao seu. O tipo de agitação especial que se apoderara de si era incontestavelmente inconveniente, porque não havia nada que pudesse fazer para a contrariar, e a julgar pela expressão truculenta que vira nos olhos de Dawson quando ele a fitou, ele não se sentira mais satisfeito do que ela com aquela química sensual que existira entre os dois.

Aceitou de bom grado quando os filhos entraram no quarto para se deitarem na cama dela. Chegou-os a si, cada um debaixo de um braço, aninhados, beijando-lhes os cabelos despenteados e dando graças fervorosamente por serem seus filhos. Protegê-los-ia com a sua própria vida se fosse necessário, matando quem quer que tentasse tirar-lhos.

Agora, menos de uma hora depois de terem saído de casa, um aguaceiro repentino pôs fim à ida até à praia. Entraram a correr pela porta das traseiras, os três encharcados até aos ossos e a tremerem de frio. Hunter tinha areia nos olhos soprada pela ventania e chorava, e Grant tinha os lábios azulados de tanto frio que sentia.

— Stef, faz-me o favor de vestir roupas secas ao Grant enquanto eu lavo os olhos do Hunter. – Perante aquela perspetiva, ele começou a gritar.

Amelia perguntava-se como é que aquele dia podia correr pior do que estava a correr.

Dawson viu Stef e os rapazes rumarem a casa, fugindo da chuva torrencial. Tinha-os visto brincar do interior da sua casa, acreditando que seria melhor para todos se, a partir de agora, se mantivesse afastado deles.

Quando já se afastava da janela, verificou o telemóvel e viu que tinha sinal de rede, o que havia sido esporádico durante toda a manhã. Sabendo que devia fazer o telefonema enquanto podia, ligou o número de casa de Headly. Foi Eva quem atendeu. Quando ela ouviu a voz dele, o alívio ficou bem patente.

— Estás bem? O Gary tem estado a tentar contactar-te.

— O serviço de telemóvel tem sido muito incerto.

— Na cidade de Savannah?

— Está muito mau tempo. Não posso garantir que continuarei a ter rede. O teu velhote está por aí?

— Está e anda tão mal-humorado como tu me pareces estar. Juro que vocês os dois... – Eva não concluiu a frase, deixando-o a deduzir que ambos punham à prova a paciência dela na mesma medida.

Entretanto, Headly surgiu em linha e começou a falar num tom de acusação.

— Já te liguei três vezes.

— Olá para ti também.

— Porque que não atendeste o telemóvel?

— Tal como já expliquei à Eva, a rede de telemóvel aqui é incerta.

— E onde é *aqui* exatamente?

Dawson passou a mão pela nuca, onde a tensão se acumulara.

— Não fui sincero contigo na última vez que falámos.

— Oh, a sério? – ripostou Headly num tom sarcástico.

O rabugento filho da mãe não tencionava facilitar-lhe as coisas.

— Tudo o que te disse é verdade. Limitei-me a omitir algumas coisas.

— Por exemplo, o local onde te encontras. Que barulheira é essa?

— É a chuva. Chove a cântaros. Estou na ilha de Saint Nelda.

— Nelda foi uma santa?

— Alguém pensou que sim. É uma ilha no mar ao largo da costa da Geórgia, ligeiramente a sul de Savannah, a que só se consegue chegar de barco; tem quase dez quilómetros de comprimento e pouco mais de três de largura.

— Agradeço a lição de geometria. Estou preparado para o programa *Quem Quer Ser Milionário*.

Porque é que estás aí?

— Arrendei a casa ao lado da propriedade do falecido congressista Nolan.

Seguiu-se um bufar de surpresa e depois um pequeno silêncio antes de Headly fazer a pergunta.

— Nem sequer preciso de perguntar, pois não?

— Ela está na ilha com os dois filhos e uma ama.

— E ela sabe que estás aí?

— Sim, sabe.

— E sabe por que motivo?

Dawson tratou de omitir alguns pormenores, mas pôs Headly ao corrente dos factos.

— Ela sabe que trabalho na *NewsFront*; também sabe que vim até cá para cobrir o julgamento e ver se haveria material digno de uma reportagem; sabe que a segui até à ilha na esperança de que ela me desse uma entrevista. Mas não sabe nada acerca de ti e do resto.

— Como é que ela reagiu quanto à possibilidade de uma reportagem?

— Podes ter a certeza de que não é nem um pouco do seu agrado. Só lhe falta usar uma placa ao pescoço a advertir os intrusos para que se mantenham afastados.

— Não posso censurá-la. Sempre esteve muito exposta durante a maior parte da sua vida, primeiro por causa do pai, e agora por causa do marido.

— *Ex*-marido. *Falecido* ex-marido.

— Esses qualificativos parecem extremamente importantes para ti.

Dawson ignorou o que ele queria insinuar.

— O que estou a tentar dizer-te é que a senhora se encontra num estado de alerta máximo. É

particularmente protetora para com os filhos.

— Já os viste?

— Claro que sim.

— Porquê esse «claro que sim»?

— Porque as duas casas partilham a mesma praia. Os miúdos costumam brincar na praia. Fazem castelos de areia e tomam banho no mar. Ontem fui até à praia e brinquei com eles durante algum tempo. – Dawson calou-se, começando a mordiscar o interior da bochecha, sem nada acrescentar até Headly dizer algo de mais eloquente e inteligível do que um «hum» resmungado.

— Com quem é que eles se parecem? – perguntou Headly ao cabo de um longo silêncio.

— Ambos têm olhos azuis como a mãe. – Assim que proferiu estas palavras, Dawson só quis poder dar um pontapé a si próprio. Acrescentou com irritação: – Não sei dizer com quem são parecidos.

Parecem-se com uns miúdos quaisquer.

— Está bem, não é preciso arrancares-me a cabeça à dentada.

— Foi por causa disto que eu não te disse nada inicialmente. Sabia de antemão que não me largarias com perguntas e mais perguntas.

— É possível que sejam netos do Carl Wingert. Por isso, como é que podes estar à espera de que eu não fique curioso?

Dawson não lhe respondeu.

— Como é que ela é?

— Ela... – Ocorreu-lhe à mente uma dúzia de pensamentos em catadupa, mas nenhum que quisesse partilhar com Headly. – É inteligente e tem um discurso bem articulado. Assertiva. Com autodomínio.

Reservada. Modesta.

— Acabaste de descrever a minha antiga professora solteirona da terceira classe.

— De acordo; ela é... – Irresistível. A boca pede beijos. Ela desperta o desejo.

— Tem uma cara bonita – adiantou Headly. – Já vi fotografias dela.

— Sendo assim, porque me pedes que a descreva?

— Qual é o estado psicológico dela?

— Está atemorizada.

— Por causa de ti?

— Com a possibilidade de ele estar vivo.

— O Jeremy.

— Sim. – Agora não lhe restava alternativa senão explicar como é que tinha conhecimento disso. – Levei-a a entrar numa conversa casual, o que me permitiu saber um pouco da vida pessoal dela. – Passou a descrever o essencial do que fora dito, incluindo o que Amelia lhe confidenciara acerca dos pais de Jeremy. – O que é que o teu compincha, o Knutz, descobriu a respeito deles?

— Ainda não tive notícias dele – replicou Headly com uma fungadela que expressava ceticismo. – Vamos lá ver uma coisa... um incêndio em casa em que morreram os dois e que destruiu todos os documentos e as fotografias da família?

— Pensei que também acharias isso um tudo-nada conveniente. O que foi o meu caso. O Knutz precisa de investigar o assunto mais a fundo. Um incêndio numa casa em que morreram duas pessoas decerto que foi motivo de notícia nos meios de comunicação regionais. Talvez tenham publicado uma fotografia da senhora e do senhor Wesson nos obituários dos jornais. Se eram, de facto, o Carl e a Flora, isso significa que já morreram há muitos anos, que tenho andado numa caça aos gambozinos e que as tuas averiguações acabaram, e fim da história.

— Não se o filho dele encenou a sua própria morte e continua vivo.

Dawson praguejou entre dentes.

— Não digas asneiras – disse Headly. – Não se trata de uma ideia genial. A mulher dele, ou *ex-mulher, foi a própria a aventar essa probabilidade.*

– Não, fui eu quem aventou essa probabilidade. Ela recusou-se a dar-lhe crédito.

— Mas tu disseste...

— Ela protestou demasiado.

— Hum... Indicando-te que essa possibilidade lhe ocorreu.

— Sim – admitiu Dawson, suspirando. – Por baixo de todo aquele domínio sobre si própria, acho que ela está com um medo de morte.

— E como é que ficou o assunto?

— Com ela a temer o impensável. Mas a verdade é que está a pensar nessa probabilidade.

— Como é o ambiente entre vocês os dois?

— Digamos que não estou a contar receber um cartão de parabéns no dia do meu aniversário.

— Eu próprio vou averiguar o que se passou com essas vítimas, que, alegadamente, morreram no incêndio na casa onde viviam – disse Headly ao cabo de um momento em que ficou pensativo. – Mas hoje é domingo e amanhã é feriado, portanto, não sei até onde posso chegar antes de retomarem o trabalho na próxima terça-feira. O que é que estás a pensar fazer até lá?

— Esperar até que o tribunal retome o julgamento. Calculo que irei assistir ao resto do julgamento até o júri decidir se o homem é culpado ou inocente. Depois disso, não sei dizer. A Harriet continua a telefonar-me, mas eu não atendo. É muito possível que já tenha sido despedido.

— Talvez não seja uma coisa assim tão má.

— Talvez não.

— Mas tirando isso, como é que tens passado?

— Ontem apanhei sol a mais.

— Tens dormido melhor?

— O som do mar tem um efeito embalador. Ouve, só tenho uma barra de rede. Se a chamada cair...

Headly soltou outro resmungo, que dizia que sabia que Dawson estava a fugir ao assunto, mas não ia gastar o tempo limitado do serviço de telemóvel para estar a falar para o boneco.

— Não fiques irritado se não conseguires contactar-me – disse Dawson. – Quando vinha do continente no barco que faz a travessia regular, o capitão disseme que o serviço de telemóvel na ilha não é de fiar quando o tempo está bom. Mas nos dias de temporal é para esquecer.

*

Pouco depois das vinte horas daquela noite, um raio cortou o abastecimento de energia elétrica na casa de Amelia, mergulhando-a na escuridão.

— Mamã? – chamou Grant numa vozinha trémula.

— Não tenhas medo – disse ao filho, mas a sua voz foi abafada pelo intenso ribombar da trovoada.

Felizmente, estavam todos sentados à mesa da cozinha entretidos com um jogo de tabuleiro. Se ela e Stef não tivessem estado com os rapazes, eles ter-se-iam sentido ainda mais receosos. Grant levantou-se da cadeira e sentou-se no colo da mãe. Stef estendeu a mão pela quina da mesa e pegou na mão de Hunter.

Amelia já estava a pensar que a tarde nunca mais acabava. Conseguira tirar a areia dos olhos de Hunter depois de os ter lavado com água, mas ele não parou de gritar até ela acabar. Para o acalmar em seguida, preparara canecas de chocolate quente e *marshmallows* para os dois filhos.

As caixas de pintura e os cadernos de papel de desenho saíram das gavetas e chegaram à mesa, mantendo-os entretidos durante algum tempo. Hunter pintou uma paisagem do mar, em que ele próprio figurava, assim como o irmão e Stef, além de uma figura alta de tronco nu e com um cabelo amarelo que lhe dava pelos ombros e saía de um boné com a pala para trás.

— Este é o Dawson – explicou o garoto cheio de orgulho. – E também vou pintar um navio de guerra para lhe oferecer.

Não querendo dar azo a outra situação traumática, Amelia não lhe disse que era muito pouco provável que ele voltasse a ver o seu herói.

Ela e Stef prolongaram o jantar ao máximo, matando tempo até ser horas de pôr o rapazes na cama.

Tinham concordado em jogar mais uma vez antes de os levarem para cima.

E agora tinham ficado sem eletricidade.

— Está tudo bem – disse Amelia cheia de animação. – Há uma lanterna na gaveta grande do fundo. – Tentou levantar-se da cadeira, mas Grant agarrava-se a ela.

— Não, mamã, não me largues. – Amelia teve de o levar com ela quando foi buscar a lanterna à gaveta. Ligou-a.

— Estás a ver? Isto é uma aventura. Grant, podes ajudar-me a ir ver o quadro dos fusíveis. Talvez os relâmpagos só tenham ativado o disjuntor.

Mas depois de ter acionado todos os interruptores sem sucesso. Grant disse lugubremente: – A eletricidade não funciona.

— Não, mas temos lanternas. – Amelia percorreu todas as divisões da casa para reunir as lanternas.

Mas foram forçadas a ligá-las constantemente para que os garotos não tivessem medo do temporal.

Não tardou que a luz das lanternas começasse a enfraquecer, apagando-se por completo uma a uma.

— Acabei de usar as duas últimas pilhas que nos restavam – disse a Stef em voz baixa. – Vamos precisar de mais antes de amanhecer.

— Talvez o Bernie nos possa ceder algumas.

Amelia dirigiu-se para a janela acima do lava-louça e olhou para fora.

— A casa dele está completamente às escuras. O mais provável é ele já estar a dormir.

— Temos outro vizinho – adiantou Stef com alguma hesitação.

Amelia olhou na direção da casa de Dawson.

— O chaço de trampa dele não está lá – resmungou com uma irritação que não tinha nenhuma razão de ser.

— Onde é que ele poderá estar numa noite como esta? – perguntou mais para consigo.

Stef ofereceu-se para ir buscar velas.

Foi forçada a levar a única lanterna que ainda funcionava, deixando Amelia e os rapazes juntos à mesa da cozinha às escuras. Amelia sugeriu que vissem quantas vezes eram capazes de entoar «Rema, Rema o Teu Barco» antes de Stef voltar, mas as vozes dos rapazes enfraqueciam sempre que a cozinha era iluminada pela luz prateada de um relâmpago, a que se seguia o troar de um trovão.

Decorridos vários minutos, Stef voltou à cozinha com quatro velas e três círios votivos.

— Vai começar a cheirar muito bem aqui – disse alegremente a jovem depois de ter chegado a chama de um fósforo ao pavio de uma vela aromatizada com baunilha.

Com a vela acesa, Amelia desligou a lanterna. Grant gemeu.

— Mãe, liga a lanterna outra vez.

— Temos de poupar as pilhas, meu querido.

Grant encostou a face ao peito dela.

— Ele é mesmo bebé – disse Hunter.

— Hunter!

— Eu não sou bebé.

Amelia passou a mão pelo cabelo do filho.

— Bem, já está na hora de irem para a cama. Depois de fechares os olhos e adormeceres, nem sequer te aperceberás de que está escuro. E quando acordares...

— Não! – lamuriou-se o garoto. – Não quero ir para a cama sem a luz aparecer.

Amelia tinha aguardado em vão por um milagre, mas, ao que tudo indicava, não lhe seria concedido nenhum.

— Vou ter de ir à vila comprar pilhas.

Mas quando tentou levantar-se da mesa da cozinha, Grant começou a chorar e agarrou-se a ela.

— Não, mamã! Não te vás embora.

— Faz mais sentido que seja eu a ir – ofereceu-se Stef.

— Não, não faz sentido nenhum. Há muitos anos que ando de automóvel nesta ilha durante temporais. Pode ser um pouco perigoso

quando não se conhece bem a estrada. Às vezes fica inundada.

— Já fiz esse trajeto vezes suficientes para estar familiarizada com a estrada. Além disso, não me parece que aqui os nossos dois rapazes te deixarão sair fora da vista deles. – Amelia reconheceu que era sensato que fosse Stef a deslocar-se à vila. Com relutância, concordou.

Stef foi buscar a sua bolsa e as chaves do automóvel de Amelia.

— Enquanto estiveres na vila, compra também alguma comida que não seja perecível. É possível que não possamos usar o frigorífico e o fogão durante algum tempo. Se os cabos elétricos forem derrubados pelo temporal, pode levar algum tempo até os técnicos poderem chegar à ilha para os reparar. Vão tratar de restabelecer a energia elétrica no continente em primeiro lugar.

— Se te ocorrer mais alguma coisa de que precisemos, telefona-me – disse Stef, após o que verificou a rede no seu telemóvel, acrescentando: – Se puderes. Neste momento não tenho sinal.

Passaram trinta minutos, durante os quais Amelia contou aos filhos todas as anedotas disparatadas de «truz-truz» que sabia e que os rapazes já a tinham ouvido contar dúzias de vezes. Contou-lhes a história dos «Três Porquinhos». A seguir inventou uma competição para ver quem melhor bufava de irritação. Mas nenhum dos garotos se interessou muito pela brincadeira.

Decorrida mais meia hora, ligou para o telemóvel de Stef. A chamada foi encaminhada diretamente para o correio de voz.

O temporal continuava a fustigar a ilha inclementemente e sem sinais de querer amainar. Os rapazes mostravam-se cada vez mais ansiosos, em parte porque se apercebiam do estado de ansiedade em que ela própria se encontrava. Estava quase sem saber o que fazer quando ouviu a porta da casa da máquina de lavar roupa abrir-se de rompante e com estrondo, dando entrada a uma rajada de vento.

— Graças a Deus – murmurou. – Stef?

Mas não foi a ama dos filhos que chegou à cozinha a pingar água da chuva e com o cabelo ensopado agarrado à cabeça.

— Dawson!

Os filhos, que tinha estado a competir por espaço no colo dela, abandonaram-na e correram para ele, agarrando-se-lhe às pernas e impedindo-o de andar. Dawson olhou para Amelia à luz da chama tremeluzente da vela.

— Vinha a caminho de casa e reparei que a sua casa estava às escuras.

Hunter agarrava-se à camisa dele para que lhe prestasse atenção.

— Faltou a luz e o Grant ficou com medo, mas eu não tive medo. Entrou-me areia para os olhos, mas já saiu. Desenhei um navio de guerra para te oferecer.

Grant, para não lhe ficar atrás, informou que a luz das velas fazia com que as coisas parecessem ondular. Sublinhou o que dissera gesticulando.

Hunter cortou a palavra ao irmão.

— A mãe disse que, se fôssemos para a cama e fechássemos os olhos, não saberíamos que estávamos às escuras, mas eu acho que sabíamos na mesma.

— E ela hoje também nos disse que, se não parássemos de choramingar, ia arrancar os cabelos, mas não os arrancou.

— Ainda bem que ela não fez isso – retorquiu Dawson com um sorriso. – A vossa mãe tem um cabelo muito bonito. – Voltou a concentrar o olhar em Amelia, que entretanto se levantara para o confrontar, admoestando-se a si própria por sentir alívio e satisfação ao vê-lo.

— Obrigada por ter passado por cá. Está tudo bem. Só estamos à espera de que a Stef volte da vila.

Foi comprar mantimentos.

— Venho da vila. Duvido muito que ela volte nas horas mais próximas, se é que isso será possível.

Não há energia elétrica em parte nenhuma. Em toda a ilha só o supermercado e o Mickey's têm geradores. As pessoas abrigaram-se num ou no outro. Espero que ela faça o mesmo. A estrada está praticamente intransitável.

— Tenho estado a tentar ligar-lhe, mas...

— O serviço de telemóvel foi-se abaixo por completo.

— Disse que a estrada está intransitável.

— A maré inundou-a num troço entre aqui e...

— É costume ficar inundada quando chove torrencialmente.

— Foi o que aconteceu. A maré estendeu-se até à estrada.

— Nesse caso, como é que conseguiu chegar cá?

— Com muita determinação – respondeu Dawson após um momento de hesitação. A seriedade com que ele lhe respondeu deixou-a emocionalmente perturbada.

— Agradeço-lhe que tenha vindo ver se estávamos bem. E estamos, mas dar-me-ia muito jeito se tivesse algumas pilhas que me pudesse dispensar.

— Melhor do que isso, a minha casa tem um gerador. Está listado como uma comodidade na brochura que indicava os extras e que eu trouxe da agência quando fui buscar as chaves. Se a energia elétrica faltar, é acionado automaticamente, mantendo o frigorífico, o fogão e parte da eletricidade da casa ligadas.

Dawson interrompeu-se e olhou para a chama tremeluzente da vela em cima da mesa, olhando também para as poucas velas que restavam a Amelia.

— Isso não lhe vai durar muito mais tempo. É pouco provável que a Stef consiga voltar para casa esta noite. Mesmo que tentasse regressar esta noite, poria a vida em perigo.

Amelia deslocou o peso do corpo de um pé para o outro.

— O que é que quer dizer?

— Parece-me que sabe.

Amelia sabia e abanou a cabeça.

— Não posso fazer isso.

— E porque não?

— Porque... Porque nem sequer me passaria pela cabeça causar-lhe esse incómodo.

— Não é incómodo nenhum. A casa é grande e tem muitos quartos, que já estão preparados para ser ocupados. – Ficaram a olhar um para o

outro durante um longo momento.

— Sabe bem que essa não é a razão – disse ela por fim.

— Sim, sei qual é a razão. A noite passada. Momentos antes de me ter ido embora.

Amelia abanou a cabeça uma vez.

— Não tem qualquer motivo para se preocupar com isso.

— Claro que tenho.

— De acordo, talvez tenha. Mas a verdade é que tem coisas mais importantes do que eu com que se preocupar, e não preciso de as indicar. Está a dizer-me que quer realmente ficar sozinha com os seus filhos nesta casa às escuras?

— Mãe, de que é que estão a falar?

Amelia olhou para o filho mais velho, que tinha mais discernimento do que a maior parte dos rapazes da sua idade, algo que ela esquecia constantemente. O filho apercebia-se da tensão existente entre a mãe e Dawson, embora fosse incapaz de compreender a razão para isso. Ver-lhe a pequena testa franzida de ansiedade subverteu a vontade de Amelia.

Quando voltou a olhar para Dawson, este afastou os braços para o lado, virando a palmas das mãos na direção dela. Era um gesto subtil, mas pleno de significado, que lhe dava a saber que ele não constituía qualquer ameaça.

— O Dawson convidou-nos a passar a noite em sua casa, porque ele tem luz e nós não. – As últimas palavra dela foram abafadas pelos gritos e os pulos de alegria.

— Podemos ir, mãe?

— Podemos ir já?

— Posso levar alguns dos meus carrinhos?

— Vamos deixar os carrinhos para outra ocasião – disse Dawson a Grant. – Sugiro que venham imediatamente, tal como estão, antes que o temporal se agrave.

— Podemos ir, mãe?

— Suponho que... – Sem precisarem de ouvir mais nada, os rapazes saíram da cozinha, atravessando a casa das máquinas de lavar a correr. – Não abram a porta até eu chegar aí! – Rabiscou uma mensagem à pressa para Stef num guardanapo de papel, dizendo-lhe onde estavam e deixando-o na mesa da cozinha por baixo do saleiro, após o que extinguiu o pavio da única vela acesa, mergulhando a cozinha numa escuridão cerrada.

— Dê-me a mão.

Amelia sentiu que estava a confiar muito mais do que a mão dela ao homem que lhe estendia a sua.



Capítulo 10

Apesar de os rapazes não se calarem, dizendo que queriam ir para casa de Dawson, Amelia levou o seu tempo para tirar uma muda para cada um da pilha de roupa dobrada que estava na casa das lavagens. Dawson tinha estacionado o automóvel tão perto da porta das traseiras quanto lhe fora possível, mas, mesmo assim, era impossível chegar até ele sem ficar encharcado.

Não estava preocupado consigo por isso, uma vez que não podia ficar mais molhado do que já estava. Deram uma corrida até ao carro. Os garotos davam gritos de contentamento e entusiasmo quando se sentaram no banco de trás.

— De um momento para o outro, deixaram de ser embirrentos e medrosos como até há pouco – comentou Amelia quando Dawson se sentou ao volante.

— Agora, o temporal passou a ser uma aventura.

— Eu já lhes tinha dito que estávamos a viver uma aventura. Mas eles não foram na minha conversa.

— Estar sentado às escuras é um tipo de aventura diferente do que correr à chuva.

— É verdade. Mas a verdadeira diferença reside em si.

Aquela afirmação deu que pensar a Dawson, mas agora não era o momento mais apropriado para refletir sobre isso. Ligou a ignição e os pneus patinaram antes de adquirirem tração. Quando já se afastavam, Amelia comentou o facto de a casa de Bernie estar às escuras.

— Importa-se de passar por casa dele para vermos se está bem?

— Não me importo nada. Na verdade, ele devia vir connosco.

Percorreu uma curta distância e saiu do automóvel, dando uma corrida até à porta das traseiras da casa de Bernie, abrigando-se como podia por baixo do estreito beiral. Bateu três vezes até Bernie vir à porta; vestia um par de calções largos de pijama e uma *T-shirt* branca, estava calçado com chinelas e meias pretas. Esfregava o olho esquerdo. Tinha o cabelo branco espetado em todas as direções.

Uma vez que só se tinham encontrado uma vez, o idoso pareceu ter ficado perplexo ao ver Dawson, mas recordou-se do nome dele.

— Senhor Scott?

— Peço desculpa por o ter feito sair da cama.

— Estava a ler. Como os escuteiros quando vão acampar. – Levantou a mão, mostrando a lanterna. – Porque saiu de casa com um tempo destes?

— Fui buscar a Amelia e os rapazes para os levar para minha casa, onde vão ficar durante o resto da noite – explicou, fazendo um gesto na direção do automóvel.

Bernie ficou a olhar para ele surpreendido e depois inclinou-se para o lado e olhou para o carro por trás de Dawson. Acenou, embora não fosse capaz de distinguir o rosto dos passageiros devido ao nevoeiro e à chuva que obscurecia os vidros.

— A Stef também?

— Ela está na vila e não pode voltar para casa por causa do temporal.

— Oh...

Antes que o idoso começasse a tirar conclusões erradas, Dawson tratou de explicar.

— Os rapazes estão com medo e a casa que eu arrendei tem um gerador. Luzes.

— Ah, estou a ver.

— Pensámos que o senhor também devia vir connosco.

— Não, não, estou muito bem aqui.

— Estaria mais confortável em minha casa.

— Sinto-me muito aconchegado aqui, além de ter uma grande reserva de pilhas.

Entretanto, ouviu-se o forte estalar de um raio não muito longe. Instintivamente, Dawson esquivou-se sobressaltado. Quando se recompôs, reparou que Bernie o observava com curiosidade.

— Este caiu perto – disse, embaraçado com o seu reflexo condicionado.

— É melhor levar a Amelia e os rapazes para dentro de casa.

— Não consigo convencê-lo a juntar-se a nós? A casa tem quartos de sobra e é possível que seja uma noite muito comprida.

— Obrigado. Agradeço-lhe o convite, mas fico bem aqui.

— Pelo menos prometa-me que vem tomar o pequeno-almoço connosco.

— Já que tanto insiste – aceitou Bernie com um sorriso.

Dawson deu-lhe as boas-noites e voltou a correr sob a chuva torrencial. Não pôde evitar molhar Amelia com a chuva quando entrou no automóvel, mas ela pareceu nem sequer ter reparado nisso.

— Ele está bem?

— Acho que o acordei. Pareceu-me estar bem. Não quis vir para minha casa.

— Explicou-lhe o motivo por que estamos a fazer isto?

— Certifiquei-me de que a sua honra está salvaguardada – respondeu ele, levando uma mão ao peito.

— Agradeço-lhe por ter ido ver se ele precisava de alguma coisa.

— Não é preciso agradecer. – A estrada estava toda alagada, mas conseguiram chegar à porta das traseiras da casa dele sem qualquer percalço. – Esperem aí, meninos, para vos ajudar a subir os degraus do alpendre. Podem estar escorregadios.

Saiu do seu lugar e abriu a porta de trás do lado do condutor. Com cada um dos rapazes por uma mão, levou-os num passada rápida, mas cautelosa, pelos três degraus de madeira; abriu a porta das traseiras fechada à chave, após o que lhes deu pressa para que entrassem. Quando ligou o interruptor, a luz do teto acendeu-se. Tinha estado a fazer figas para que o gerador começasse a funcionar, de facto, durante a falta de energia elétrica.

— Primeiro, têm de descalçar os sapatos e deixá-los aqui, junto da porta das traseiras, para não sujarem o soalho e depois podem ir ver o couraçado, mas não lhe mexam. Não me pertence.

Dawson voltou atrás com a intenção de ajudar Amelia, mas ela já tinha saído do carro. Protegendo a braçada de roupa que trouxera,

caminhava de modo a tentar contornar as poças maiores. Ele desceu os degraus e pegou-lhe no braço pelo cotovelo.

— Saí para poder ajudá-la. Devia ter esperado.

— Não era preciso.

Assim que ela transpôs a ombreira da porta das traseiras, soltou o braço por que ele a agarrara.

— Não vinha a esta casa desde que os proprietários fizeram obras de melhoramento. É...

Dawson colocou-se diretamente em frente dela, bloqueando-lhe a vista.

— Vai retrair-se sempre que eu me aproximar de si?

— Eu não me retraí.

— O diabo é que não se retraiu!

Amelia ergueu o queixo um pouco, mas o traço de desafio foi de pouca duração quando o olhar dela se deteve algures nas proximidades do segundo botão da camisa dele.

— É suficientemente inteligente para compreender como esta situação é confrangedora para mim.

— Por causa do quase beijo. – Dawson não imprimiu um tom de pergunta à frase, e ela não lhe deu réplica, continuando a olhar fixamente em frente até o silêncio entre os dois se tornar insuportável.

Por fim, ela olhou de novo para o rosto dele.

— A sua virtude está a salvo junto de mim – acrescentou Dawson. – De acordo?

Amelia fez que sim com a cabeça.

— De acordo? – repetiu ele Apesar de ela ter acenado afirmativamente uma segunda vez, ele teve a sensação de que Amelia não estava de todo convencida. Certamente que ele próprio não estava.

Hunter e Grant não assistiram àquela constrangedora troca de palavras, porque, como tudo o que se relacionasse com Dawson, ambos estavam fascinados com a casa «dele».

Estava mobilada com muito bom gosto e tinha todas as comodidades que a tornavam tão agradável, contudo, faltava-lhe o caráter acolhedor que a casa de Amelia tinha, a qual fora adquirida estritamente para utilização da família, sem nunca ter sido arrendada. Ao longo dos anos, haviam acumulado recordações e fotografias da família, lembranças boas e más da existência das pessoas que faziam com que a casa fosse um lar.

No entanto, os filhos não pareciam sentir a falta do ambiente acolhedor da sua própria casa.

Estavam deslumbrados em particular com os dois beliches no quarto do primeiro andar, para onde Dawson os levou.

— Podem escolher um dos beliches de cima.

— Tenham cuidado com essas escadas – acautelou Amelia quando eles começaram a subir.

— Quem me dera que este quarto fosse sempre o nosso – disse Grant.

Hunter declarou que desejava que pudessem viver ali para sempre.

Amelia sorriu.

— Antes de molharem as cobertas das camas, venham para baixo para mudarem de roupa.

Os dois garotos desceram dos beliches e foram inspecionar a casa de banho contígua.

— Há um quarto no lado oposto do corredor para si – disselhe Dawson.

— Obrigada, mas prefiro dormir num dos beliches de baixo.

Ele olhou para as camas com uma expressão de dúvida.

— Tem a certeza? O outro quarto...

— Não vale a pena estar a desarrumar dois quartos.

Apesar de parecer que queria insistir com ela, Dawson não o fez.

— Como queira. Vou secar-me. Faça como se estivesse em sua casa.

Meia hora depois e sentindo-se muito mais confortável, desceu pelas escadas abertas que estavam fracamente iluminadas pelas luzes de presença colocadas de três em três degraus. Depois de ter secado o cabelo com uma toalha, vestiu as roupas que trouxera de casa. Na pressa de sair, e porque a casa das máquinas de lavar estava às escuras, trouxera as

primeiras roupas em que tinha pegado: umas calças de pijama de algodão e uma camisola felpuda e com capuz. Era um conjunto desirmanado, mas Amelia não via que diferença isso poderia fazer.

— Está tudo bem? – perguntou-lhe Dawson quando chegou ao último degrau.

Os olhos dela perscrutaram a ampla sala de estar, tendo conseguido vê-lo naquela semiobscuridade refastelado numa poltrona. A luz do candeeiro na mesinha ao seu lado era bastante fraca.

— Peço desculpa se a sobressaltei – disse ele. – Esta é a única tomada com eletricidade em toda a sala e a luz do candeeiro do teto não acende.

A luz do teto da cozinha tinha sido desligada. Se estivesse acesa, parte da luz ter-se-ia estendido à área de estar. Amelia optou por não fazer comentário nenhum acerca desse pormenor. Também não comentou o desaparecimento dos frascos de comprimidos e das garrafas de bebidas alcoólicas que tinham estado bem presentes na bancada da ilha no centro da cozinha quando chegaram.

— Não há nenhum copo na casa de banho – informou ela. – Para o caso de eles acordarem durante a noite e quererem beber água; foi por isso que desci para vir buscar um copo.

— Venha sentar-se. Antes de ter escondido as provas incriminatórias dos meus vícios servi-lhe um uísque.

A mão direita de Dawson pendia por cima do braço da poltrona enquanto pegava no pequeno copo.

Havia outro por baixo do candeeiro. O líquido ambarino refletia a luz.

— Só tenho uísque – disse ele quando viu que ela hesitava. – Está bem para si?

— O meu pai era um cavalheiro sulista. O que é que lhe parece?

— Penso que ele, provavelmente, terá batizado o seu biberão com uísque – retorquiu Dawson, sorrindo-lhe. Inclinou a cabeça, indicando-lhe a poltrona ao lado da sua. – Sente-se um pouco.

Pareceu-me estar bastante tensa quando cheguei a sua casa. Esta bebida servirá para se descontrair, ajudando-a a dormir melhor.

Disse a aranha à mosca, pensou Amelia para consigo.

Apesar disso, aceitou a bebida. A poltrona era muito confortável, envolvendo-lhe o corpo.

Levantou os pés e dobrou as pernas, posicionando-as junto da anca.

— Atraente – comentou Dawson ao ver as meias às riscas.

— Receio ter de dizer que todo este conjunto deixa muito a desejar.

Ele observou-a atentamente, parecendo estar prestes a dizer qualquer coisa, mas mudou de ideias.

Em vez disso, pegou no copo de uísque que estava na mesinha e estendeu-lho.

— Beba que lhe faz bem.

Amelia bebeu um pequeno gole e suspirou quando sentiu o ardor agradável passar-lhe da boca para o estômago. Encostou a cabeça para trás e suspirou.

— Meu Deus, mas que dia este!

— O meu não foi muito melhor do que o seu.

— O que é que aconteceu?

— Uma chatice relacionada com o trabalho – respondeu Dawson, fazendo um gesto com a mão, como que a tirar importância ao assunto, e bebendo um pouco do seu uísque.

— Foi à vila?

— Fui. Não quis ser apanhado desprevenido.

— Com falta de pilhas?

— De bebidas – replicou ele, erguendo o copo num brinde trocista. – O meu fornecimento estava quase a acabar.

— Agradeço por ter partilhado.

— Não tem de agradecer.

Ele cheirava a sabonete. Tinha o cabelo seco e todo escovado para trás de modo a não lhe cair para a cara, fazendo com que as madeixas aclaradas pelo sol se distinguissem do cabelo mais escuro por baixo. Tinha vestido uns calções de ginástica e uma *T-shirt*, que, à semelhança da que usara na praia, estava praticamente toda puída. Mas, do mal, o menos, aquela tinha mangas, que lhe cobriam parcialmente os bíceps tão

merecedores de ser mordidos. A luz fraca do candeeiro dava realce ao relevo das feições, destacando os ângulos agudos e as pestanas compridas. Também emprestava brilho aos pelos alourados das pernas.

Os dentes de Amelia fizeram com que o vidro do copo tinisse quando bebeu um gole apressadamente.

— Permite-me que lhe faça uma pergunta? – pediu-lhe Dawson. – É uma pergunta inofensiva.

— Chocolate ou baunilha? É igual. O meu preferido é pêssego.

— Não é assim tão inofensiva – disse Dawson com uma careta sorridente.

Amelia sopesou os prós e os contras de lhe permitir que se inteirasse ainda mais da sua vida pessoal, especificamente acerca do período da sua existência com Jeremy; por fim, consentiu em pelo menos ouvir qual seria a pergunta.

— Depois decidirei se quero responder-lhe ou não.

— É justo – disse ele, aguardando um ou dois segundos antes de lhe perguntar se ela tinha alguma fotografia dos progenitores de Jeremy.

— Dos pais dele? Não.

— E se tivesse, mostrar-ma-ia?

— É uma questão que nem sequer se põe, por eu não ter nenhuma fotografia deles.

— E chegou a ver alguma?

— Não, porque, decerto que estará lembrado, ficou tudo destruído aquando do incêndio na casa deles.

— Ele alguma vez a levou ao Ohio para conhecer a sua terra natal, mostrou-lhe o local onde a casa foi consumida pelo fogo, visitou a campa no cemitério em que os pais foram sepultados?

— O que restou do corpo dos dois foi cremado. Ele não guardou as cinzas. O Jeremy não era um homem sentimental nem nostálgico. Ele disseme que, quando deixou o Ohio, foi para sempre e que nunca teve vontade de lá voltar, nem sequer por ocasião das reuniões dos colegas de turma do liceu.

— E explicou-lhe o porquê dessa atitude?

— As recordações que guardava desses tempos eram demasiado tristes. A maneira de lidar com elas foi cortar com tudo o que o ligasse a essa fase da sua vida.

— Ele não tinha a mínima coisa que o ligasse aos pais? Nada que revelasse algo deles e o que a sua infância tinha sido?

— Por que razão está tão obcecado com isso?

— É um assunto que me interessa.

— Mas porquê? – insistiu Amelia. – Isso faz parte do passado. Além disso, o que é que a infância dele tem a ver com o que quer que seja?

— Talvez nada. Talvez tudo. É muito possível que os pais do Jeremy tenham tido um impacto na vida dele de maneiras de que nem você tem conhecimento.

— Não me parece.

— Claro que foi isso que aconteceu – afirmou Dawson.

— E como é que pode ter tanta certeza?

— Porque todos os progenitores têm influência na infância dos filhos.

— Foi o que aconteceu em relação aos seus?

— Sim – confirmou ele, bebendo o resto do uísque e pousando o copo na mesinha. – Tal como você exercerá influência na vida do Hunter e do Grant, do mesmo modo que o seu pai a influenciou. Desde uma coisa tão trivial como os condimentos na preparação de um bom rolo de carne até às coisas mais complicadas. Religião. Cultura. Em quem se deve votar. Absolutamente tudo aquilo em que pensa e acredita, as suas reações e o seu comportamento, em parte, foram moldados por aquilo que os seus pais foram.

— A genética *versus* o meio ambiente não é uma controvérsia nova.

— Não acredito que seja uma *versus* o outro. Acho que se trata de uma mistura dos dois, que se complementam.

— E porque anda tão obcecado com a *mistura* do Jeremy?

— Porque quando escrevo acerca de uma pessoa, quero ter conhecimento destes aspetos. – Dawson admitiu que observava cuidadosamente os indivíduos, num esforço para se inteirar daquilo que dava origem ao seu comportamento. A julgar pelas reportagens dele que

Amelia tinha lido na Internet, ele fazia mais do que isso sempre que escrevia acerca de uma determinada pessoa. Proporcionava aos seus leitores um perfil transversal da mente e da alma da pessoa em questão. O que era desconcertante.

— Tenciona escrever a meu respeito?

— Ainda não sei.

— Se escrever, vai dissecar-me e pendurar-me fora de casa para que toda a gente me possa ver?

— A fim de poder fazer isso, teria de saber alguns aspetos da sua vida.

— De que já tem conhecimento.

— Não o suficiente. Nem pouco mais ou menos.

— Que mais é que poderia querer saber?

Dawson ficou a olhar para ela durante uns momentos ponderosos, o que devia tê-la alertado para o que viria a seguir. Mas isso não aconteceu. Amelia foi apanhada completamente desprevenida.

— Quero saber o que se passou em relação ao suicídio do seu pai.



Capítulo 11

Amelia ficou demasiado atordoada durante vários segundos para poder responder-lhe, após o que se levantou repentinamente da poltrona e atravessou a sala. Dawson apanhou-a quando ela já subia o primeiro degrau das escadas. Agarrou-a por um braço e forçou-a a virar-se de modo a ficar de frente para si.

— Largue-me imediatamente!

— Acalme-se.

— Vá para o diabo que o carregue!

— Baixe a voz para não acordar os rapazes.

— Pode apostar que vou acordar os rapazes – ripostou Amelia, soltando o braço com um movimento brusco. – Vou pegar nos meus filhos e afastar-me o mais possível de si, e não me importo se tivermos de fazer o percurso até Savannah sob chuva torrencial ainda esta noite!

Amelia deu-lhe um empurrão no peito, afastou-se dele, virou-se e começou a subir as escadas. Mas quando chegou ao terceiro degrau, as meias fizeram com que escorregasse. Caiu para a frente, agarrando-se ao degrau acima de si, mas bateu com o joelho, com bastante força, na extremidade do degrau. Agarrou-se ao joelho e sentou-se nas escadas, balouçando-se com as dores.

— Raios partam isto! Está bem? – perguntou Dawson, sentando-se no degrau abaixo, ficando com o rosto ao mesmo nível do dela. A sua expressão preocupada parecia genuína, o que teve o condão de a enfurecer ainda mais. Amelia apoiou os cotovelos nos joelhos e baixou a cara, cobrindo-a com as mãos.

— Afaste-se de mim.

O que ele não fez, como seria de esperar. Deixou-se ficar sentado em silêncio e sem se mexer enquanto ela se manteve ali. Finalmente, quando Amelia se recompôs, baixou as mãos e limpou as palmas das mãos molhadas de lágrimas às pernas do pijama. Olhou em todas as direções, exceto para ele, e reparou no copo caído no soalho diante da poltrona em que estivera sentada.

— Deixei cair o copo. O uísque ficou derramado no chão.

— Quero que isso se foda!

A ordinarice foi inesperada, e ela apercebeu-se de imediato que ele agira intencionalmente para a fazer sair do estado de choque provocado pela fúria. Resultou. Ela riu-se ou abafou uma gargalhada.

Dawson fez um gesto na direção do joelho.

— Terei todo o prazer em dar-lhe um beijinho no joelho para fazer passar as dores.

O sorriso bem-humorado acabou por dissipar totalmente a cólera dela. Amelia soltou outra gargalhada involuntária e abanou a cabeça, desgostosa.

— Ah, Dawson.

— O quê?

— Eu não queria gostar de si.

— Nesse caso, estamos quites. Eu também não quis gostar de si – admitiu ele, deixando-a surpreendida, o que devia estar bem patente. Encostando-se para trás, Dawson apoiou os cotovelos no degrau em que ela estava sentada, estendendo as pernas compridas diante de si. – Detestei que esta história, por assim dizer, me tenha sido impingida.

— E foi de facto impingida?

— Sim, e emprego o termo no sentido em que não pude dizer que não.

— Porquê?

Ele fechou um olho e fez uma careta.

— É um assunto complicado – respondeu, mas não lhe explicou porquê.

Com uma expressão de alheamento, Amelia massajou o joelho magoado.

— Do ponto de vista de um leigo, a história do Jeremy possui inúmeros elementos intrigantes.

Portanto, porque não havia de estar interessado?

Dawson fixou o olhar num ponto indefinido durante bastante tempo; quando lhe respondeu, fê-lo em voz baixa.

— Vi camaradas de armas feitos em pedaços. Vi homens a arriscarem a vida para salvar camaradas feridos cujas hipóteses de sobreviver aos ferimentos eram inexistentes. Também vi homens e mulheres porem as suas vidas em perigo para salvar um desconhecido, mesmo que fosse hostil.

«Depois de ter testemunhado atos de bravura indescritíveis, sentime enojado ao ver um fuzileiro condecorado regressar à pátria depois de ter conseguido sobreviver a tudo isso e deixar que a sua vida indiscutivelmente uma boa vida, ao que me pareceu, fosse pelo cano abaixo. Eu não conhecia o Jeremy Wesson, mas não gostava dele. Continuo a não gostar. – Só então é que olhou para ela. – O

que não invalida que eu o compreenda. E é precisamente isso que me enoja.

— O stresse pós-traumático?

Dawson soergueu os ombros, encolhendo-os um pouco.

Como era a primeira vez que ele admitia que, até certo ponto, sofria dessa perturbação, a suspeita apoderou-se dela sub-repticiamente, levando-a a afastar-se.

— Estamos perante uma caso de: «Eu mostro-te a minha se tu me mostrares a tua»?

— A sua quê e a minha quê?

— Vulnerabilidade. Você revelou a sua, e agora está à espera de que eu revele a minha?

— A sua vulnerabilidade reside no seu pai. – Visto que ela não confirmou nem desmentiu, Dawson continuou: – Pensa realmente que sou manipulador a esse ponto?

— Se não é, por que motivo se referiu à morte do meu pai como sendo um suicídio? O magistrado encarregado de averiguar a morte do meu pai concluiu que ele tomou involuntariamente uma dose excessiva de medicação.

— Estou ciente disso. Mas a verdade é que existiram rumores e especulação.

— A que eu pus fim com a ameaça de dar entrada de um processo judicial por difamação, caso fossem difundidos pelos meios de comunicação social. Nunca foram tornados públicos, nem sequer pelos pasquins menos escrupulosos. Consequentemente, como é que você... – Amelia calou-se. – Estou a ver. A Glenda outra vez.

— Ela tem um furão no seu código genético.

— Portanto, agora estou encurralada, forçada a falar sobre esse assunto.

— Não, não está.

— Com certeza que estou. De que outra maneira poderei dissipar as sua ideias erróneas acerca da morte do meu pai sem falar sobre esse assunto?

— Nada a impede de me deixar com as minhas ideias erróneas.

Mas essa não era uma opção desejável, do que ele estava ciente.

— Pelo menos pode dar-me a sua palavra de honra de que nada do que eu lhe disser será publicado?

— Sim, dou-lhe a minha palavra de honra.

Talvez ela se tivesse deixado influenciar pela atmosfera intimista, pelo atrativo masculino ou ainda pela sinceridade que se espelhava nos olhos dele. Mas, qualquer que fosse a razão, naquele momento ela acreditou que podia confiar nele.

— Nunca acreditarei que o meu pai fez isso deliberadamente, em especial sabendo que eu, quero dizer, eu e os meus filhos, seríamos quem o encontraria.

— Cristo!

— Ele estava à espera de que chegássemos a sua casa às quinze horas, depois de eu ter ido buscar os miúdos ao infantário. Determinaram que a morte dele ocorreu por volta das catorze horas. Ele nunca me faria uma coisa dessas. Estou certa de que não. Não permitiria que os rapazes entrassem de rompante porta adentro, deparando-se com ele caído de bruços em cima da secretária. – Amelia abanou a cabeça com toda a veemência. – Nunca ele nos deixaria deliberadamente com essa recordação. E isto presumindo que tivesse uma boa razão para pôr fim à

sua própria vida, quando não havia qualquer prova disso. Ele adorava a vida e tirava o maior partido possível da sua existência.

— Um cancro incurável? Problemas financeiros? Problemas com mulheres? Um escândalo político que estivesse prestes a ser do domínio público?

— Nada disso. Posso jurar-lhe, Dawson. Eu saberia.

— Saberia realmente?

— Sim – confirmou Amelia.

— Os pais nem sempre dizem às filhas tudo o que se passa com eles, em particular as coisas feias.

— Eu ter-me-ia apercebido de que se passava qualquer coisa de horrivelmente errado.

— De acordo.

— Você diz de acordo, mas eu apercebo-me do seu ceticismo. – Amelia continuou a tentar convencê-lo. – Era o dia em que a governanta tinha a tarde de folga. O que explica como o meu pai pode ter tomado uma dose excessiva da medicação. Há muito tempo que ela trabalhava para a nossa família, muitos anos antes de a minha mãe ter falecido. Ela adorava o meu pai, a exemplo de toda a gente que o conhecia. Passava a vida a atazaná-lo por causa da dieta, do exercício físico e para que não se esquecesse de tomar os medicamentos. Ela sabia quais os que tinham de ser tomados com as refeições e aqueles em que isso não era necessário. Mantinha-se a par de tudo. Portanto, na minha opinião, é concebível que ele, muito simplesmente, se tenha enganado e ela não se encontrava presente para o impedir.

— Eram imensos comprimidos para ser tomados por engano – retorquiu Dawson com um franzir de sobrolho de dúvida.

— Diz quem costuma tomar inúmeros comprimidos.

— Precisamente – ripostou ele do mesmo modo conciso. – E sei que não devo tomar todos os comprimidos de um frasco.

Amelia levou a mão à fronte, massajando-a com as pontas dos dedos e reparando que estavam gelados.

— O meu pai adorava-me e aos meus filhos perdidamente. Não podia ter-nos amado mais. Irei para a minha própria sepultura a acreditar que a morte do meu pai foi um trágico acidente, e não um suicídio. Quanto ao Jeremy... – Fez um gesto com a mão. – Tudo o que esteve associado a ele era terrível, incluindo a maneira como morreu.

Amelia olhou para Dawson, pensando que iria contestar as suas palavras, o que não se concretizou.

— Mas teria todo o prazer em voltar a viver os momentos que passei com o Jeremy; teria suportado tudo e mais alguma coisa se pudesse voltar a ter o meu pai junto de mim. Quanto mais não fosse, durante o tempo suficiente para poder perguntar-lhe se o fez intencionalmente e, a ser esse o caso, *porquê*? Perguntar-lhe-ia como é que foi capaz de me abandonar tão cruelmente.

Os olhos de Dawson davam a impressão de ser iluminados por um fogo interior que a trespassava.

Ao cabo de um longo momento, ele abrandou a intensidade do seu olhar, pôs-se de pé e estendeu a mão para a ajudar a levantar-se.

— Já é tarde e você deve estar exausta. – Dawson deixou-a durante apenas o tempo de ir à cozinha para trazer um copo de água e depois subiram as escadas juntos.

— Como é que está o joelho?

— Amanhã vou ter uma nódoa negra enorme.

— Precisa de umas meias à prova de escorregadelas.

— Não me esquecerei de as incluir na minha lista de compras de Natal.

Quando chegaram à porta do quarto em que os rapazes dormiam, ela abriu-a e espreitou para dentro.

— Acho que eles nem sequer se mexeram.

— Você é uma boa mãe, Amelia. – Do tom de voz dele transparecia uma sinceridade genuína, e quando ela se virou para Dawson, constatou que a expressão dele era igualmente séria.

— Agradeço as suas palavras.

— Nunca abandonaria os seus filhos, pois não?

— De maneira nenhuma.

— E quanto a ele? Abandoná-los-ia?

Jeremy. O seu assassínio teria deixado Hunter e Grant órfãos de pai. Encenar a sua própria morte seria considerado como abandono dos filhos, uma situação inteiramente diferente, embora tão cruel como um suicídio.

— Agradeço a sua hospitalidade – disse Amelia com brusquidão. – Boa noite.

Dawson entrou no seu quarto e fechou a porta, encostando-se e batendo com a cabeça ao de leve como se tentasse incutir-lhe algum bom senso. Se a porta tivesse fechadura, ter-se-ia fechado à chave. Esta noite, tinha protegido Amelia e os filhos do temporal, assim como os protegera de quaisquer perigos desconhecidos.

Mas quem ou o quê iria protegê-la de si própria?

O desgosto que a morte do pai lhe causara quase tinha acabado com a sua determinação de não voltar a tocar-lhe. Dawson não confiava em si próprio se lhe tocasse, até mesmo num gesto de compaixão.

Dirigiu-se para a janela. O vento continuava forte e a chuva era torrencial; os relâmpagos ocasionais mostravam um manto de nuvens pesadas. O vendaval ainda não se esgotara. Olhou para a casa de Amelia. Não viu carro nenhum, portanto nada de Stef.

Enquanto Amelia estivera a preparar os filhos para se deitarem, ele tinha descido até à cozinha para ir buscar o frasco de comprimidos e uma garrafa de uísque. Naquele momento estava sentado na beira da cama a automedicar-se com dois comprimidos e dois tragos generosos de uísque. Despiu-se e deitou-se.

Os relâmpagos iluminavam o teto momentaneamente, enquanto a trovoada continuava a ribombar.

Estava uma noite ameaçadora, mas Dawson não tinha de se preocupar por causa de Amelia, de Hunter e de Grant. Naquela noite encontravam-se em segurança. Razão por que, provavelmente, conseguiu adormecer mais depressa do que o costume.

O pesadelo habitual deixou-o em paz e sossego durante a maior parte da noite. No entanto, mantinha-se persistentemente na periferia do seu subconsciente, à espera da sua oportunidade enquanto reunia força cinética, porque quando o atacava, fazia-o com uma ferocidade renovada.

« *Dawson! Ei, pá, aqui em cima!*»

Ele virou-se na direção da voz. O sol era ofuscante, recortando a silhueta de um dos soldados contra o seu clarão no cimo do cume. Dawson ergueu a mão para proteger os olhos, e quando conseguiu distinguir Hawkins, acenou-lhe.

« *Dawson? Dawson, vem cá para cima.*»

«*Vou já.*»

«*Não vou esperar para sempre. Se quiseres uma boa reportagem, mexe-me esse traseiro e sobe até cá acima.*»

«*Deixa-me ir buscar o portátil.*»

«*Foda-se, pá, imediatamente!*»

«Dawson.»

Ao subir pela encosta extremamente íngreme, escorregou inúmeras vezes nas pedras e terra solta. Pareceu-lhe que era uma subida interminável. Hawkins mostrava-se cada vez mais impaciente, dizendo-lhe que se despachasse. Quando chegou ao cume, estava sem fôlego. O suor escorria-lhe para os olhos, causando-lhe ardor. Tentou limpá-lo, mas a leve camada de sal permaneceu, pelo que foi através de uma visão turvada que viu Hawkins sorrir-lhe, um sorriso rasgado. E depois...

«*Não!*»

«Dawson.»

Como sempre, o barulho do ricochete a soar-lhe no interior do crânio despertou-o. Sentou-se repentinamente, empapado em suor, e, num gesto fútil, tentou limpá-lo dos olhos com uma mão que estava banhada na água salgada do suor do seu próprio terror, com a boca ainda aberta pelo grito que, invariavelmente, se fez ouvir tarde de mais.

Aquela era como qualquer outra ocasião em que acordava bruscamente do seu pesadelo, com a diferença de que, agora, Amelia encontrava-se presente, com a mão pousada no seu ombro, e ele

apercebeu-se de que ela já estaria ali há algum tempo, a sua voz a misturar-se com a do jovem soldado sorridente oriundo da região rural do Dakota do Norte.

Dawson fletiu as pernas para apoiar os cotovelos nos joelhos enquanto se esforçava por recuperar a respiração. O terror que se apoderara dele começou a dissipar-se a pouco e pouco, o que não era o caso com a humilhação, agora mais agravada por Amelia estar sentada na beira da sua cama. Dawson estava tão agudamente consciente da compaixão dela para consigo como da sua proximidade.

— Você estava a gritar.

— Peço desculpa por a ter acordado. Volte para a cama.

Amelia tirou a mão do ombro dele, mas continuou onde estava. Tendo noção da figura patética e medonha que devia estar a fazer, Dawson sacudiu o cabelo para trás e serviu-se da bainha do lençol enrolado na cintura para limpar o suor do rosto, do pescoço e do peito.

— Tem sempre o mesmo pesadelo? – perguntou ela.

— Sim, é sempre o mesmo.

— Quer que...

— Não! – atalhou ele, perentório.

— Talvez ajude se você...

— Não quero falar sobre o assunto.

— Só comigo ou com ninguém?

— Com ninguém.

— Ninguém teria menos respeito por si se...

— Teria eu.

— Nunca se livrará desse pesadelo até...

— O assunto há de acabar por se resolver, está bem?

— Como?

— Deixe-me em paz e sossego.

— Para fazer o quê? Tomar mais comprimidos.

— Talvez sim.

— Você tem um problema, Dawson.

— Ah, sim?

— Sim, e os medicamentos e a bebida não são a solução.

Ele virou a cabeça abruptamente para ela, falando-lhe com rispidez.

— Mas que merda é que você sabe a esse respeito?

Amelia retraiu-se como se ele lhe tivesse batido.

Tomando consciência do que acabara de lhe dizer, Dawson resmungou um impropério e estendeu a mão para ela, agarrando-lhe a mão quando Amelia se apressava a levantar-se da beira da cama.

— Peço desculpa. Perdoe-me.

Aplicando apenas uma ligeira força para não a atemorizar, virou-a para que ficasse de frente para si. Dawson fitou-lhe os olhos diretamente, pedindo-lhe em silêncio que o perdoasse e, se isso não lhe fosse possível, para que compreendesse. Mas ela manteve-se inflexível.

— Por favor, não olhe para mim dessa maneira – pediu Dawson, após o que fechou os olhos e levou a mão dela aos lábios. Beijou a parte de baixo do pulso, murmurando repetidamente sem desviar a boca do pulso: – Peço desculpa. – Baixando a cabeça até à mão de Amelia, Dawson beijou-lhe a base do polegar e, por fim, premiu os lábios contra a palma da mão dela, sussurrando num tom enrouquecido: – Não tenha receio de mim. Por favor. – Com a língua, tocou na concavidade da mão de Amelia.

Ela soltou um pequeno som, que fez com que ele erguesse a cabeça. A expressão no rosto dela tinha passado a ser de confusão e indecisão. Respirava entrecortadamente e com rapidez através da boca.

Cautela e escrúpulo impediram-no de a puxar para baixo, para si.

A cautela e o escrúpulo que fossem para o diabo.

Começou a puxar a mão dela, com suavidade mas inexoravelmente, até Amelia voltar a sentar-se na beira da cama. Com os olhos muito abertos, ela ficou a olhar para Dawson enquanto as pontas dos dedos dele exploravam as feições do seu rosto. As sobrancelhas, os malares, o nariz, os lábios, a linha do maxilar e o queixo. Memorizou-as através do tato.

Uma vez que ela permitia que o fizesse, ele afastou-lhe o cabelo para o lado e encostou a cara ao pescoço de Amelia, sentindo a calidez da pele

nos seus lábios.

— Eu jamais lhe faria... Não *poderia* magoá-la fosse de que maneira fosse. Acredite no que lhe digo. – Depositou-lhe um beijo cheio de ternura no pescoço. E depois outro.

A cabeça de Amelia inclinou-se para trás. Interpretando essa atitude como um encorajamento, os beijos que lhe dava no pescoço tornaram-se mais ardentes. Quando começou a beijar-lhe a orelha, já havia uma intenção por detrás dos beijos, e ela reagiu favoravelmente. A tensão abandonou-a através de um suspiro. O seu corpo mudou de posição, aproximando-se do dele num movimento quase impercetível. Com alguma hesitação, Amelia colocou as mãos nos ombros dele.

Dawson inclinou a cabeça para trás e concentrou o olhar nos olhos dela.

— Eu não sou como ele, Amelia. Juro-lhe que não sou. Tenho a situação sob controlo.

— Não receio que venha a perder o controlo – retorquiu ela num tom de voz baixo e enrouquecido, fazendo com que ele desejasse que fosse algo em que pudesse tocar, acariciar e saborear. – Receio que seja eu a perdê-lo.

Com uma imprecação roufenha, Dawson emoldurou-lhe a cabeça com as mãos, dando-lhe um beijo autoritário e ardente. Não houve um crescendo de intimidade, porque ele tinha andado a pensar em fazer amor com a boca dela desde o momento em que a vira na sala do tribunal.

Amelia não se furtou a ele, retribuindo-lhe os beijos com igual ardor, com os dedos a apertarem-lhe os ombros e a puxarem-lhe mãos-cheias de cabelo alternadamente. A falta de contenção dela constituiu tanto uma surpresa quanto deleite.

Ele baixou-lhe as costas na cama, onde os beijos se tornaram mais ávidos. Enquanto as bocas de ambos se regalavam uma com a outra, Dawson posicionou o corpo por cima do dela. Entretanto, o lençol tinha sido afastado para o lado, pelo que não existia nada entre a ponta extremamente sensível do pénis dele e o tecido macio das calças de

pijama dela. O contacto físico deu origem a um pequeno gemido, que vibrou na garganta dele.

Amelia esfregou-se nele sedutoramente, cada movimento pleno de uma doçura feminina que era de cortar a respiração. Dawson não reagiu com tanta subtileza. As suas mãos percorriam o corpo dela sofregamente e com impaciência, ávido por sentir a pele dela. Meteu a mão por dentro do cós largo das calças de pijama de Amelia, acariciando a curvatura da anca dela. Em resposta, as coxas dela abriram-se. Dawson encaixou-se na abertura.

Quando a campainha da porta tocou, ele estava imerso num nevoeiro de luxúria tão intensa que, inicialmente, não teve consciência do que se passava. Quando o toque da campainha soou pela segunda vez, separaram-se abruptamente e ficaram a olhar um para o outro com a respiração ofegante, ambos incrédulos com o sentido de oportunidade de alguém. Soltando um chorrilho de impropérios contra as paredes do quarto, Dawson saiu de cima de Amelia, que se levantou da cama atabalhoadamente, apressando-se a vestir-se.

— Deve ser a Stef.

— Ou o Bernie – alvitrou ele, pegando nos calções de ginástica que deixara na cadeira ao lado da cama, vestindo-os. – Convidei-o para tomar o pequeno-almoço connosco, mas, por amor de Deus, ainda mal amanheceu.

Foi até à janela da fachada da casa, esperando ver uma pessoa conhecida à porta, mais abaixo.

Não foi o que aconteceu. Quando se virou para Amelia, ela deve ter-se apercebido de que a expressão dele não pressagiava nada de bom, porque levou a mão ao pescoço.

— Quem é?

— É a polícia.

Capítulo 12

Amelia apressou-se a ir ver os filhos, mas eles não tinham acordado com o toque da campainha.

Quando chegou ao fundo das escadas, Dawson convidava um polícia de uniforme e um homem vestido à civil a entrarem em casa; disselhes: – Ela está aqui.

Os dois apresentaram-se como agentes das forças policiais do xerife do condado de Chatham de Savannah. A ilha de Saint Nelda não possuía polícia. Tanto quanto Amelia sabia, nunca havia sido necessária.

O polícia de uniforme era jovem e estava tão bem escanhoado que tinha as bochechas abrasadas.

As extremidades superiores das orelhas ficaram vermelhas quando olhou para lá do tronco nu de Dawson, vendo que Amelia estava toda despenteada e desalinhada.

Ela imediatamente se apercebeu de que ele seria o agente menos graduado, servindo provavelmente de motorista do outro, que se apresentou como sendo o agente Tucker, um detetive das forças policiais. Era barrigudo, tinha o rosto corado e uma atitude muito profissional.

Amelia perguntou-lhe por que motivo a procurava.

Ele tirou da algibeira da gabardina um pequeno bloco de apontamentos com a lombada em espiral.

— É proprietária de uma viatura que tem matrícula com um número da Geórgia... – Interrompeu-se ao abrir o bloco de apontamentos, lendo a matrícula do automóvel de Amelia.

Ela confirmou que se tratava do seu carro.

— Conhece uma jovem de nome Stephanie Eliane DeMarco?

— Ela é a ama dos meus filhos. Aconteceu alguma coisa... Ela teve algum acidente?

— Não, minha senhora. Lamento ter de a informar de que a menina DeMarco foi encontrada morta esta manhã.

Os joelhos de Amelia cederam. Dawson e o polícia de uniforme correram para ela, mas Dawson foi o primeiro a chegar-lhe. Agarrou-a e

levou-a para a cadeira mais próxima, em que ela se deixou cair.

— Morta?! – disse numa voz que mal se ouvia. – A Stef está morta?

— Apresento-lhe as minhas condolências, minha senhora.

Atordoada, Amelia perguntou-se se estaria a sonhar ou se haveria alguém a pregar-lhe uma partida perversa. Ou ainda se seria um engano horrível, talvez mesmo uma troca de identidades. Era algo que acontecia, ainda que não com frequência, mas ela já tinha lido notícias a esse respeito. Tudo era possível, com a exceção de a vibrante, saudável e divertida Stef estar *morta*. A sua mente recusava-se a aceitar isso.

— Deve haver um engano qualquer.

— Foi encontrada uma bolsa que continha a identidade dela – acrescentou Tucker – no assento do passageiro. O corpo dela estava a apenas alguns metros de distância.

— Quem o encontrou? – perguntou Dawson. – Onde?

— No parque de estacionamento nas traseiras do café. O rapaz que trabalha na cozinha do Mickey's levava o lixo para fora e reparou no automóvel, achou estranho que estivesse ali àquela hora da manhã. Foi então que viu o corpo atrás do contentor do lixo. Quando o meu colega e eu chegámos à ilha, informaram-nos de que ela trabalhava para si. Os seus números de telefone estavam gravados no telemóvel que encontrámos na bolsa dela. Temos estado a tentar entrar em contacto consigo.

— Esta manhã ainda não tinha visto se havia chamadas não atendidas no meu telemóvel; a última vez que verifiquei, não tinha rede. Tenho estado aqui desde o princípio da noite de ontem. Deixei uma mensagem à Stef a informá-la de onde estávamos quando ela chegasse a casa. – A voz de Amelia faltou-lhe devido à emoção, abafando um soluço de choro.

Dawson tratou de concluir a explicação.

— Praticamente toda a ilha ficou sem energia elétrica na noite passada. Esta casa tem um gerador de emergência. Convidei a senhora Nolan e os dois filhos a aguardarem o fim do temporal aqui.

— É o proprietário desta casa?

— Arrendei-a durante o fim de semana prolongado.

— O senhor chama-se Dawson Scott?

— Exatamente.

— Foi o Mickey que nos informou. De onde é que é oriundo, senhor Scott?

— De Alexandria, na Virgínia.

Dawson encaminhou-se para a mesa onde deixara o computador portátil, tirando um cartão da revista de um compartimento da pasta de cabedal castanho. Entregou-o ao adjunto do xerife, que o examinou atentamente antes de o guardar no bolso.

— Conhecia a rapariga?

— Conhecia-a há alguns dias, juntamente com a família da senhora Nolan.

Ao ouvir o seu apelido, Amelia levantou a cabeça e apercebeu-se de que não tinha estado a prestar grande atenção à conversa. A sua mente continuava a tentar interiorizar o que, para si, era absolutamente inconcebível.

— Disse que a Stef tinha sido encontrada morta perto do automóvel. Foi atingida por algum raio?

Tucker dividiu um olhar entre ela e Dawson, mas a sua resposta foi dirigida a Amelia.

— Demos início a uma investigação sobre o sucedido.

— Mas sabe qual foi a causa da morte, portanto, porque não nos diz?

Ficou bem patente que a impertinência de Dawson era uma afronta a Tucker, mas aquele continuou a olhá-lo fixamente até o detetive ceder.

— Ela sofreu um ferimento na cabeça. É possível que tenha sido atingida pelas costas por algum objeto projetado pelo vendaval, no entanto, ainda não pusemos de parte a possibilidade de poder ter sido um ato criminoso.

Amelia ficou incapaz de falar, pelo que Dawson foi forçado a verbalizar o que era impensável.

— Está a dizer que é possível que ela tenha sido assassinada?

— O patologista é quem determinará a causa da morte.

Estas palavras foram seguidas de um longo momento em que ninguém disse nada.

— Onde é que ela está agora? – perguntou Amelia.

— O corpo da menina DeMarco vai ser transportado para a morgue em Savannah.

— Os pais dela já foram informados?

— Eles vêm a caminho do Kansas, mas uma vez que têm de apanhar dois voos de ligação, só chegarão a meio da tarde.

— Como é que eles reagiram à notícia? Não vale a pena responder-me – acrescentou Amelia antes de Tucker poder falar. – Sei como devem ter recebido essa trágica notícia – acrescentou, soltando um longo suspiro de uma profunda tristeza.

Ao ouvir o som de passos no alpendre, Dawson dirigiu-se para a porta e olhou por uma janela contígua.

— É o Bernie – disse, abrindo a porta quando Bernie, que acabava de chegar para o pequeno-almoço, erguia a mão para bater. Trazia uma cesta com citrinos. Tinha o rosto vincado de preocupação.

— O que está um carro-patrulha do xerife a fazer aqui?

Dawson afastou-se para o lado, indicando-lhe com um gesto que entrasse. Bernie fez um acenar de cabeça ao jovem adjunto do xerife e olhou para Tucker de alto a baixo, após o que o seu olhar se desviou para Amelia.

— O que é que aconteceu? – perguntou ao ver as lágrimas dela.

— É a Stef – respondeu ela depois de respirar fundo. Contou-lhe tanto quanto lhe foi possível antes de a emoção a ter impossibilitado de continuar a falar. Dawson contou o resto, dando-lhe a trágica notícia.

Bernie mexeu a boca para formar as palavras, mas não conseguiu proferir nenhuma. Finalmente, readquiriu o dom da fala.

— Ela era uma doçura de jovem.

— Sinto-me responsável pela morte dela – disse Amelia, envolvendo-se nos seus próprios braços.

— Mas não é – atalhou Dawson bruscamente.

— Ela foi fazer um recado que eu lhe pedi.

— Não faça isso a si própria.

Amelia acenou com a cabeça, como se concordasse, contudo, por muitos anos que vivesse, lamentaria ter permitido que Stef saísse de casa durante um temporal tão grande para fazer um recado que devia ter sido ela própria a fazer.

— Onde estão os rapazes? – perguntou Bernie.

— Ainda estão a dormir. – A tremer, Amelia levantou-se da cadeira. – É melhor ir acordá-los.

— Eu vou consigo – ofereceu-se Dawson. – Não vai ser fácil pô-los a par do que aconteceu.

— Não tenciono dizer-lhes. Não neste momento. Mas quero partir para Savannah o mais depressa possível. Quero estar presente quando a Stef estiver... – Por causa das imagens que lhe ocorriam ao pensamento, não conseguiu obrigar-se a dizer a palavra «morgue». – Quero estar lá quando os pais dela chegarem.

— Eu acompanho-a – disse Dawson, fechando a mão em volta do cotovelo dela, e juntos dirigiram-se para as escadas.

— Hum... na verdade, senhor Scott, gostaria que me acompanhasse à vila. – Os três olharam para o detetive Tucker, que endireitou os ombros e deu um passo em direção a Dawson. – Além de termos vindo cá para informar a senhora Nolan da morte da sua ama, também vim para falar consigo.

— E porquê?

O detetive olhou para Dawson com um sorriso dissimulado.

— Quer que seja eu a dizer-lhes?

Dawson não lhe deu resposta, nem mesmo quando Amelia se virou para si, dizendo o seu nome em voz baixa.

— Dizer-nos o quê? – perguntou.

Os maxilares dele mantiveram-se firmemente cerrados.

— Parece que ele foi a última pessoa a ser vista a falar com a menina DeMarco – adiantou Tucker.

*

Com a mente num autêntico turbilhão, Amelia ligou-se em piloto automático. Quando acordou os filhos, os rapazes estavam mal-humorados, principalmente quando souberam que Dawson não estava em casa.

Juntamente com Bernie, saíram para casa de Amelia. Continuava a não haver eletricidade, pelo que ela lhes preparou um pequeno-almoço frio acompanhado das laranjas que Bernie trouxera. Ela própria nem sequer conseguia pensar em comer.

Enquanto o vizinho supervisionava a refeição dos filhos, foi ao primeiro andar, lavando-se com uma esponja embebida em água fria no lavatório da casa de banho quase às escuras. Depois de se ter vestido, chamou os rapazes para mudarem de roupa.

Hunter queixou-se da camisa que ela lhe escolheu.

— Essa não, mãe.

— Não podes usar uma das camisolas de praia. Vamos voltar para Savannah. Hoje vão visitar o senhor e a senhora Metcalf.

— Quem são essas pessoas?

— Sabes quem são, o diretor do museu. Tu gostas dele. Não te lembras de que ele imita o chamamento dos patos?

Com o serviço de telemóvel restabelecido, Amelia tinha conseguido contactar George. Depois de inteirado da situação de emergência, ele e a mulher concordaram em olhar pelos garotos durante o tempo que fosse necessário.

— Eles têm netos que são mais ou menos da vossa idade – acrescentou Amelia enquanto lhe vestia pela cabeça a camisa de que Hunter não gostava. – Estarão lá para brincar convosco.

— E porque não podemos ficar aqui e brincar com o Dawson?

— Sim? Porquê? – perguntou Grant num tom lamuriento.

— Porque hoje vão brincar com novos amigos. Os Metcalf têm uma piscina e ouvi falar num churrasco e numa sobremesa à base de chocolate.

— Aposto que eles são uns chatos – resmungou Hunter.

A única preocupação de Grant era saber se os outros rapazes gostavam de brincar com carrinhos.

— Não sei – respondeu Amelia, exasperada, quando ele lhe fez a mesma pergunta pela terceira vez.

— Calcem os sapatos.

E depois, reagindo às expressões de desânimo dos filhos, abraçou os dois ao mesmo tempo, apertando-os junto de si.

— Peço desculpa por estar tão zangada. Mas garanto-vos que não estou zangada com vocês.

Acontece que hoje tenho muitas coisas de gente crescida em que pensar. Por isso, por favor, façam o que eu vos digo sem protestarem, de acordo?

Embora amuados, ambos prometeram obedecer, mas continuaram a perguntar insistentemente por Stef e por Dawson, querendo saber o motivo da ausência deles. Amelia compreendeu que as suas respostas vagas só os acalmariam durante algum tempo e que depois seria forçada a dizer-lhes a razão por que Stef se tinha ido embora sem sequer se despedir, explicando o motivo por que ela não voltaria.

Teria de falar com os filhos acerca da morte. Uma vez mais. Não era um assunto que eles desconhecessem. Primeiro a do avô, e depois a de Jeremy. E agora era a ama quem tinha falecido.

Era demasiado para as suas mentes tão tenras conseguirem compreender. Até para a sua própria mente.

O seu automóvel era uma peça-chave na investigação policial e foi-lhe confiscado, pelo que Bernie se ofereceu para os levar até ao ancoradouro da embarcação que fazia a travessia regularmente. Amelia instalou os filhos no banco traseiro, sossegando-os com um leitor de DVD

portátil entre os dois e cada um com os seus auriculares.

— O que é que achas que aconteceu? – perguntou Bernie quando já iam a caminho.

— Não sei, Bernie. Para dizer a verdade, não quero falar sobre esse assunto.

Os seus pensamentos continuavam num turbilhão por causa de tudo o que se havia passado desde que fora despertada pelo pesadelo angustiante de Dawson. A irritação dele, seguida de um pedido de desculpa feito com tanta ternura e depois o beijo. O ardor que ele mostrou e a reação dela mais do que recetiva. A campainha da porta.

A atitude de Amelia quando o detetive largou aquela autêntica bomba tinha sido de uma quase indiferença que raiava a grosseria. Antes de saírem, Tucker permitiu que Dawson fosse ao andar de cima trocar de roupa, mas foi acompanhado do polícia de uniforme. Depois de se certificar de que Dawson não podia ouvi-los, o detetive perguntou a Amelia qual a sequência dos acontecimentos que haviam tido lugar na noite anterior.

— A que horas é que o senhor Scott chegou a sua casa?

— Por volta das oito e meia. Talvez mesmo às nove.

— Foi isso mesmo – corroborou Bernie. – Eles passaram pela minha casa. Para dizer a verdade, acordaram-me. Vi as horas automaticamente. Eram oito horas e cinquenta e dois minutos.

Entretanto, Tucker tomava apontamentos. Perguntou a Amelia se Dawson tinha ficado em casa durante toda a noite.

— Sim – confirmou ela.

— Pode jurar que isso é verdade?

— Ele e eu subimos para o primeiro andar por volta das onze horas. Separámo-nos à porta do quarto onde os meus filhos já dormiam. Não voltei a vê-lo até pouco antes de vocês terem chegado. – Tinha esperança de que nenhum dos dois reparasse no rubor que lhe subiu às faces. – Se ele saiu de casa durante a noite, não reparei nisso. – Apercebendo-se de que a hora a que tudo se tinha passado era da maior importância, perguntou: – Há quanto tempo é que a Stef estava...

Inferindo a pergunta que ela não foi capaz de verbalizar, Tucker disselhes que a hora da morte de Stef ainda não havia sido determinada com exatidão.

Nessa altura, Dawson começou a descer as escadas, seguido pelo jovem agente policial. Quando já se encaminhava para a porta da frente,

tinha perguntado ao polícia, bastante sarcasticamente, se queria algemá-lo.

— Isso não será necessário, senhor Scott. Não estamos a prendê-lo. Só queremos falar consigo.

— Certo – disse ele, virando-se para Amelia, que teve dificuldade em não desviar os olhos. Ela ouviu-o dizer qualquer coisa entre dentes que não conseguiu perceber, após o que Dawson abriu a porta, saindo à frente dos dois agentes.

Agora, enquanto Bernie com as duas mãos no volante se esquivava aos troços inundados da estrada, Amelia contradizia-se a si mesma sobre não querer falar sobre o assunto.

— Durante mais ou menos a última semana, a Stef tem-se encontrado com alguém.

— Estás a referir-te ao Dirk?

— Ela falou-te dele?

— Não me disse grande coisa. Só sei que trabalha em barcos.

— Também sei pouco mais além disso. Insisti com ela para que o convidasse a ir lá a casa, mas ela pareceu-me relutante em apresentá-lo a nós. Agora quem me dera ter feito mais pressão para que ela falasse acerca dele, mas a verdade é que a Stef era maior e vacinada. Não me pareceu que eu tivesse o direito de interferir na vida pessoal dela.

— Sei exatamente o que queres dizer.

Do tom de voz de Bernie transparecia uma nota de rodapé por dizer, o que era secundado pela sua expressão de constrangimento.

— Bernie, tens conhecimento de alguma coisa que não queres dizer? Seja o que for, devias informar as autoridades.

Ele agitou-se no seu lugar, olhou pelo espelho retrovisor para se certificar de que os rapazes não estavam a ouvir, após o que a olhou constrangido.

— Eu vi-os juntos.

— A Stef e o Dirk?

Mostrando-se infelicíssimo, Bernie negou com um abanar de cabeça.

O coração de Amelia começou a bater com mais força e mais depressa.

— Com o Dawson?

Ele confirmou com um acenar de cabeça.

— Quando?

Bernie franziu o sobrolho enquanto perscrutava a sua memória.

— Terá sido na quinta-feira?

— Deves estar enganado no que diz respeito ao dia. – Amelia tinha apanhado Dawson a espiá-la na sexta-feira, pelo que Stef não o tinha conhecido até essa noite no Mickey's.

— Não, tenho a certeza de que foi na quinta-feira, porque foi nesse dia que eu estive a emalar as minhas coisas e a anca começou a dar-me problemas.

Sem o interromper, ela ouvia atentamente Bernie descrever-lhe o encontro que tinha presenciado.

Quando acabou, fez uma pausa antes de prosseguir visivelmente consternado.

— Não se tratou de nada de especial. A sério que não. Mas quando eu brinquei com a Stef acerca disso mais tarde, dizendo-lhe que ele era demasiado velho para ela, limitou-se a rir e pediu-me que não te dissesse nada acerca de os ter visto juntos.

— O que é que lhe importava que eu soubesse?

— *Ela* não se importava, mas ele sim. Ele pediu-lhe que não te dissesse que se conheciam.

Amelia sentia-se demasiado entristecida para dizer o que quer que fosse.

Bernie parou num dos poucos semáforos da ilha, olhando para ela.

— Detesto-me por te ter dito isto.

— Eu precisava de saber.

— Sim, mas não me cabe meter-me no que não me diz respeito.

— Não te meteste no que não te dizia respeito. Fui eu que te pressionei para que falasses.

— Com quem as pessoas passam o seu tempo não é assunto que tenha alguma coisa a ver comigo.

— Foram apenas as circunstâncias que fizeram com que eu conhecesse o Dawson.

— É possível que sim – retorquiu Bernie –, mas estou em crer que tu gostas dele.

Amelia virou a cabeça para o lado de modo que ele não pudesse ver o seu rosto.

— É melhor apressarmo-nos para não perdermos o barco.



Capítulo 13

Dawson deixou o interior das instalações administrativas do gabinete do xerife por uma porta de acesso a um pequeno átrio. Ficou chocado ao deparar com Amelia sozinha. Estava sentada numa das cadeiras de plástico, produzidas em série, alinhadas junto da parede. Mostrou-se igualmente surpreendida ao vê-lo. Os seus olhos abriram-se mais um pouco, após o que desviou o olhar.

Dawson dirigiu-se para Amelia, sentando-se na cadeira ao lado da dela.

— Está bem?

Ela virou a cabeça e fitou-o com uma expressão sarcástica.

— Não sou capaz de me recordar de um fim de semana prolongado em que me tenha divertido tanto.

Por ter feito uma pergunta tão idiota, Dawson concluiu que merecia aquela resposta irónica.

— O Hunter e o Grant?

— Estão com o George Metcalf e a mulher dele. Falei com eles pelo telefone há apenas alguns minutos. Têm estado a divertir-se, mas estão prontos para que eu os vá buscar – respondeu Amelia, olhando para a porta por onde ele tinha saído. – Não sei quando é que estarei livre para poder ir buscá-los. E talvez seja melhor deixá-los lá durante a noite. Tenho de estar no tribunal amanhã de manhã cedo.

— Com certeza o Lem Jackson não objetaria a interceder por si junto da juíza.

— Quando ele soube o que aconteceu à Stef, telefonou-me e ofereceu-se para pedir um adiamento do julgamento, mas eu disselhe que não o fizesse.

— Considera que está em condições de suportar um contrainterrogatório?

— Estou farta de o recear e quero pôr fim a este assunto o mais depressa possível.

Dawson compreendia que ela quisesse pôr o seu depoimento no julgamento para trás das costas, no entanto, questionava a sensatez da sua decisão. Ela parecia-lhe exausta.

— Já pôs o Hunter e o Grant ao corrente do que aconteceu à Stef?

— Não sei como dizer-lhes, quando eu própria não sou capaz de compreender.

— Sabe que a morte dela não foi causada por qualquer objeto arremessado pelo vendaval? – perguntou ele depois de ter aguardado um momento.

Amelia engoliu com esforço antes de murmurar «sim».

Enquanto estava a ser «entrevistado» pelo detetive Tucker e pelo seu adjunto, Dawson tomou conhecimento das conclusões preliminares do patologista: Stef morrera em consequência de uma forte pancada na nuca que lhe fraturara o crânio. A concussão indicava a aplicação de força bruta.

— Como é que soube? – perguntou a Amelia.

Ela cruzou os braços diante da cintura, envolvendo os flancos com as mãos.

— Quando cheguei à morgue, pediram-me que confirmasse a sua identidade. A autópsia não será realizada até os pais poderem vê-la, mas o patologista já examinou o ferimento. Disseme o que causou a morte dela.

— Os pais dela já chegaram?

— Chegaram há pouco. Foram conduzidos de imediato para a morgue. Já tive oportunidade de falar com eles. Estão de rastos. Deixei-os a sós com o seu desgosto.

— É onde eu esperaria que estivesse – disse Dawson. – Algures com o seu desgosto.

— Agora que o homicídio foi confirmado, o detetive Tucker telefonou-me para pedir que viesse cá para responder a algumas perguntas. Quando cheguei, disseram-me que aguardasse – explicou Amelia, indicando com um gesto da cabeça o agente que se encontrava na receção, sentado por detrás de um vidro. – Isso foi há meia hora.

O local do crime na ilha de Saint Nelda continuava vedado e interditado, mas tinha sido determinado por alguém numa posição de chefia que, devido à gravidade do crime, a investigação seria conduzida pelas forças do xerife, em vez de das da esquadra que abrangia Saint Nelda.

As instalações principais das forças do xerife ficavam num extenso complexo, que mais parecia um parque industrial, incluindo a cadeia do condado, tudo circundado por arame farpado. Talvez a decisão de proceder à investigação criminal a partir dali fosse uma tática intimidatória.

Dawson passara todo o dia ali a ser interrogado alternadamente pelos dois detetives. Já estava a escurecer e só agora é que o tinham deixado ir à sua vida, estipulando que devia manter-se disponível para interrogatórios adicionais.

A fim de pôr Amelia ao corrente do que se estava a passar, ele contou-lhe o que tinha sucedido.

— O Tucker e o colega, um sujeito de nome Wills... «Tucker e Wills» traz-nos à mente um número de magia, não acha? Mas adiante; quando não estavam a interrogar-me, individualmente ou em conjunto, deixavam-me sozinho na sala de interrogatórios. Suponho que me considerem uma «pessoa de interesse». Procederam à rotina do polícia bom e polícia mau, o que poderia ter sido assustador se não tivesse sido uma estratégia tão óbvia. O polícia mau, Tucker, disseme que tinham um mandado de busca para a casa na praia que eu arrendei.

— Eles estão a investigá-lo assim tão a fundo? – perguntou ela com a preocupação espelhada no semblante.

— Não encontrarão nenhuma arma do crime. O que mais me incomoda é o facto de a agência imobiliária ter de informar os proprietários da vivenda que esta vai ficar virada do avesso. Duvido muito que deem boas referências se eu quiser arrendá-la outra vez.

— Como é que pode brincar com o assunto?

— Porque se não adotar esta atitude – replicou Dawson, passando os dedos pelo cabelo –, ficarei muito chateado por ter sido, sequer,

considerado um suspeito. Você tem de saber que eu não tive nada a ver com o crime.

— A hora a que presumem que o assassínio teve lugar coincide com a hora em que foi visto a falar com ela na vila – adiantou Amelia ao cabo de algum tempo, perscrutando-lhe os olhos.

— É verdade – confirmou ele. – O que é uma grande chatice. Mas expliquei ao detetive quais foram as circunstâncias que deram lugar a isso. A Stef e eu encontrámo-nos por acaso no supermercado. Ela trazia sacos pesados por ter comprado mais garrafas de água do que era costume. Chovia a potes.

Ofereci-me para lhe levar as compras até ao carro. Assim fiz. Deixei-a aí e segui para a doca, para atestar o depósito do meu automóvel. Depois, voltei para a praia. Pensei que ela seguiria à minha frente pelo mesmo caminho, por isso fiquei surpreendido quando cheguei a sua casa e vi que o seu automóvel não estava lá. Deduzi que ela se teria abrigado do temporal no Mickey's, uma vez que me disse que iria lá para ver se tinham alguma comida preparada que pudesse levar. E o resto já você sabe.

— Esse encontro com a Stef passou-lhe de ideia? Apesar de termos falado demoradamente acerca da improbabilidade de ela voltar tão cedo, esqueceu-se de me dizer que tinha acabado de estar com ela? – Dawson preparava-se para lhe responder, mas ela deteve-o. – Não se incomode a inventar uma desculpa. Sei por que razão não me disse nada. Não queria que eu soubesse que você e a Stef eram... amigos.

— Esse «amigos» dito com essa entoação parece-me um eufemismo.

— O Bernie viu-vos juntos.

Raios partam isto! , pensou Dawson que ficou capaz de dar um pontapé a si próprio por não lhe ter falado naquilo antes. A omissão fazia com que parecesse tão culpado como o olhar de fúria dela indicava.

— Foi um encontro inocente. – A afirmação de Dawson parecia tudo menos inocente, não fazendo nada para mitigar as suas suspeitas.

Dawson respirou fundo antes de prosseguir.

— Quinta-feira, no dia em que cheguei à ilha, saí para correr e, já de regresso a casa, vi a Stef, que voltava de bicicleta do supermercado. Cruzámo-nos no caminho e apresentámo-nos um ao outro. Ela perguntou-me onde é que eu estava a morar, e quando eu lhe disse, comentou que éramos vizinhos e que aparecesse. Disseme: «Talvez nos encontremos na praia amanhã.» Em seguida, cada um seguiu o seu caminho.

— Você arranjou-lhe o cesto da bicicleta.

— É verdade. O grampo que o prendia tinha-se soltado. Ela estava com receio de que o cesto acabasse por se desprender completamente. Portanto, sim, apertei o grampo, o que levou, no máximo, trinta segundos. E foi só isso.

— Se foi só «isso», por que razão os dois fingiram que não se conheciam? Quando o apanhei a espiar-me na tarde de sexta-feira, você perguntou-me quem era ela, quando já sabia muito bem. Na noite de sexta-feira, quando estávamos no Mickey's e ela o trouxe do balcão até à nossa mesa, não nos disse: «Apresento-vos o nosso vizinho, que ontem teve a amabilidade de arranjar o cesto da minha bicicleta.»

— Perguntei-lhe quem ela era porque, quando nos conhecemos, não explicou qual era especificamente a situação dela em sua casa. Eu não sabia que a Stef não pertencia à sua família. No Mickey's, suponho que ela se apercebia da hostilidade que emanava de si. Só posso pôr-me a adivinhar, mas *calculo* que ela não quisesse irritá-la.

— Por isso, você procedeu da mesma maneira e, como ela, fingiu que nunca se tinham visto até àquele momento.

— É mais ou menos assim – admitiu Dawson. Amelia continuou a olhar para ele, o que o levou a perguntar-se se ela também teria conhecimento de outra ocasião. Quer soubesse, quer não, era preferível informá-la de tudo agora. – Estive sozinho com ela numa outra altura.

— Quando? – perguntou Amelia.

— Também na quinta-feira.

— No mesmo dia em que se conheceram.

— Mais tarde nessa noite. Fui a sua casa para lhe deixar o seu relógio de pulso junto do gradeamento do alpendre. Estava a contornar as traseiras da sua casa quando a Stef chegou no seu automóvel e viu-me à luz dos faróis. Não tive alternativa senão dar-lhe uma explicação para a minha presença. Disselhe que tinha ouvido um barulho e que por isso tinha ido ver se seria algum intruso.

O que, verdade seja dita, não era fugir muito à verdade. Mantivera-me de olho na sua casa, particularmente a horas tardias, por razões de que está bem ciente.

— Você andava a rondar a minha casa a meio da noite e ela não pensou que isso fosse, no mínimo, um pouco suspeito? Ela não protestou, perguntando-lhe que diabo estava você a fazer ali?

— Ela não se encontrava em condições de fazer o que quer que fosse. Tinha estado a beber. E muito.

Tive de a ajudar a sair do automóvel e a chegar à porta das traseiras. Suplicou-me que não lhe dissesse nada. Dado que eu não queria que você soubesse que eu tinha arrendado a casa ao lado da sua...

— Para me espiar.

— ... prometi-lhe que você nunca saberia pela minha boca, o que fiz a troco da promessa de ela nunca mais conduzir naquele estado de embriaguez.

— Estabeleceram um pacto.

Dawson desejou poder negar, mas aquilo correspondia mais ou menos à verdade.

— Mas isso não tem importância.

— Parece-lhe que não? É possível que as autoridades policiais discordem. Eles sabem dos encontros secretos entre os dois?

— Sim. Tratei de os informar.

Aquilo acalmou-a um pouco, mas Amelia continuava a fitá-lo com uma expressão de cólera e de desconfiança.

— Viu nela uma fonte excelente de informações privilegiadas a meu respeito? Ou tratou-se de alguma coisa inteiramente diferente?

— «Não» à primeira pergunta. Não me atrevo a adivinhar o que está implícito em «alguma coisa inteiramente diferente».

— Deixe-se disso, Dawson; não se arme em parvo. Ela era uma rapariga simpática e namoradeira; além disso, também punha os olhos em bico a qualquer homem, em especial quando estava de biquíni.

— É verdade. Ela era tudo isso. Mas também tinha metade da minha idade. Ou quase.

— Esse aspeto era-lhe indiferente. Ela disseme que o homem com quem andava a sair era mais velho.

Dawson reagiu com um sobressalto.

— O Dirk é mais velho?

— Está a par da existência dele?

— Na noite em que chegou embriagada, ela mencionou o nome dele. Disse: «Eu e o Dirk esvaziámos uma garrafa de *Captain Morgan*.» Os detetives também querem interrogá-lo, mas ainda não conseguiram descobrir o paradeiro dele.

— Essa foi uma das razões por que me pediram que viesse falar com eles – disse Amelia. – Querem inteirar-se de tudo o que eu possa saber a respeito dele.

— E o que é que *sabe* a respeito dele?

— Nem sequer sei o apelido.

Dawson ouvia-a com uma apreensão crescente enquanto ela o punha a par do pouco que sabia acerca do elusivo Dirk.

— A Stef disselhe por que razão não estava com muita vontade de que o conhecesse?

— Deduzi que ele também não estivesse muito interessado em conhecer-me. Ele não se enquadraria «num ambiente familiar», segundo as palavras dela.

— Ela alguma vez descreveu as características físicas dele?

— Disse que era mais velho do que ela, mas não especificou qual era a diferença de idades. Ele tinha tatuagens e barba.

— Hum...

— Está a franzir a testa. Em que é que está a pensar?

— Que o tal Dirk me parece estar envolto num secretismo excessivo – replicou Dawson, levantando-se e aproximando-se de um quadro onde estavam afixadas cópias de fotografias de criminosos procurados pela polícia, formando uma colagem de rostos sinistros. No entanto, um dos cartazes destacava-se dos demais, porque a mulher que era procurada tinha o semblante benévolo de um anjo, um rosto emoldurado por uns cabelos louros encaracolados. Ainda não tinha trinta anos e era procurada por roubo à mão armada e homicídio. Oferecia-se uma recompensa de vinte e cinco mil dólares por qualquer informação que pudesse levar à detenção daquela criminosa. Era considerada perigosa e poderia estar armada.

A tendência criminosa da personalidade de uma pessoa nem sempre estava bem patente. Dawson virou-se para Amelia.

— Não usei a Stef como fonte de informações acerca de si. Mas talvez alguém tenha feito isso mesmo. Alguém que quisesse manter-se ao corrente das vossas rotinas, a sua e a dos seus filhos, que quisesse saber onde estava e com quem. Alguém que tivesse muito interesse pessoal nas suas atividades, na sua rotina diária, que queira manter-se a par das suas idas e vindas.

Amelia respirou fundo tremulamente, o que indicou a Dawson que, apesar de ela não ter feito nenhum comentário, compreendia bem onde ele queria chegar.

— Temos o fator da idade – acrescentou ele em voz baixa.

— Não sabemos qual a idade desse tal Dirk.

— Admitamos que a idade dele se enquadra.

— Não vamos admitir absolutamente nada! – ripostou ela, pondo-se de pé. – O homem que a Stef me descreveu não se parece nada com o Jeremy.

— As tatuagens adquirem-se com toda a facilidade. A barba pode levar uma ou duas semanas a crescer. Há quinze meses que não se sabe do paradeiro dele.

— Pensa que eu não reconheceria o homem com quem estive casada, até mesmo que ele tivesse barba?

— Você reconheceria, mas não quem o observasse casualmente. Mais ainda, ninguém anda à procura do Jeremy Wesson. O consenso geral é que o Willard Strong o deu a comer a uma matilha de *pit bulls* esfaimados.

Inconscientemente, Amelia recuou um passo, afastando-se dele, mas quando a parte de trás dos joelhos bateu na extremidade do assento da cadeira, sentou-se abruptamente. Dawson voltou a sentar-se ao lado dela. Desejava acariciar-lhe a face ou, no mínimo dos mínimos, pegar-lhe na mão.

Conteve-se, em grande parte por recear que ela o censurasse.

— Há outra coisa que tem andado a atazanar-me – continuou Dawson.

Amelia abanou a cabeça como se quisesse repelir o que quer que ele se preparasse para dizer, mas Dawson não permitiu que isso o detivesse.

— Não informei os detetives acerca deste assunto por querer que você soubesse dele primeiro. – Assim como Headly. Acima de qualquer outra pessoa, ele confiaria no instinto de Gary Headly sobre aquele assunto. – Quando me cruzei com a Stef no supermercado, ela vestia um impermeável.

Brinquei com ela por causa do padrão berrante. Era vermelho com malmequeres brancos e amarelos.

Ela disseme que o tinha encontrado no porta-bagagem do seu carro.

— É meu – confirmou Amelia. – O Jeremy e eu fomos passar um fim de semana a Charleston sem os miúdos. O tempo piorou e eu precisei de um impermeável de imediato. E esse foi o primeiro que encontrei. Não é uma coisa que eu teria comprado em circunstâncias normais, por isso guardei-o na casa de praia sem nunca o usar a não ser na ilha.

— A última vez em que a vi, a Stef estava ao lado do seu automóvel e vestia o seu impermeável com...

— Não!

— ... o capuz a cobrir-lhe a cabeça.

— Pare com isso!

— Amelia...

— Não diga mais nada.

Foi nessa altura que a porta adjacente à janela da receção se abriu, dando saída a Tucker e a Wills.

— Ora bem, senhor Scott – disse Tucker num tom de voz arrastado. – Folgo em ver que continua aqui. Poupou-nos uma viagem.

— Encontrei a senhora Nolan.

Tucker apresentou o colega a Amelia.

— Agradeço-lhe por ter vindo falar connosco, senhora Nolan – disse Wills. Era um homem alto e magro, na mesma proporção em que Tucker era baixo e atarracado; tinha a atitude e a postura de um professor universitário. Também era o mais sensível dos dois, tendo reparado de imediato em como Amelia parecia trémula. – Está a sentir-se mal, minha senhora?

— Não, estou bem. Tem sido um dia horrível.

— Claro que sim. Compreendemos que foi uma imposição pedir-lhe que viesse às nossas instalações a esta hora da noite.

— De maneira nenhuma. Quero ajudar em tudo o que estiver ao meu alcance.

— Não tardaremos a falar consigo – indicou a Amelia.

— Mas, neste momento, é com o senhor Scott que queremos voltar a falar. – Tucker puxou o cinto das calças para cima, ou tentou, e fez um esgar sorridente dirigido a Dawson. – Preparávamo-nos para ir procurá-lo.

— Pois bem, aqui estou eu. – Apesar do tom de brincadeira, Dawson ficou com um mau pressentimento ao ver a expressão insolente do homem.

— Conhece um indivíduo de nome Ray Dale Huffman?

— Nunca ouvi falar de tal pessoa.

— Tem a certeza? – perguntou-lhe Wills, por seu turno, num tom de voz mais simpático.

— Em absoluto. Quem é ele?

— Um criminoso reincidente – respondeu Tucker. – Temo-lo detido na cadeia. Ele ouviu pelas portas e travessas da cadeia... a maneira como

tudo isso se passa é verdadeiramente espantosa. Mas adiante; ele soube que estávamos a interrogá-lo em relação ao homicídio da menina DeMarco e propôs-nos um acordo.

— Que espécie de acordo?

— Nós não damos seguimento ao processo em que ele é acusado a troco de informações a seu respeito – adiantou Wills.

— Lamento que tenham sido levados à certa. Nem sequer conheço esse fulano.

O esgar risonho que Tucker esboçou era ainda mais presunçoso.

— Não foi isso que ele disse.

— Estou-me nas tintas para o que ele disse! – ripostou Dawson, irritado.

— Mas não devia estar. – Tucker aproximou-se dele, mostrando uma expressão plena de ironia. – Porque o Ray Dale afirma que numa noite da semana passada lhe vendeu um saco cheio de drogas, na River Street.

Permitiram-lhe que fizesse um telefonema. Ligou para Headly.

— Não posso falar agora. O *Cabernet* está a respirar, os bifes já estão no grelhador e a Eva está a temperar a salada.

— A ama da Amelia Nolan foi assassinada ontem à noite.

Dawson quase conseguia ouvir a engrenagem da roda dentada começar a funcionar na cabeça de Headly.

— Espera aí. – Enquanto ele foi informar Eva e os convidados de que o jantar estava atrasado, Dawson olhou por cima do ombro. Embora os dois detetives não pudessem ouvir o que ele dizia, observavam-no atentamente. Tucker afagava a barriga rotunda, a qual ele utilizava como os demais polícias usavam o cassetete, para tentar intimidar.

Dawson não sabia por quanto tempo o deixariam falar ao telefone, por isso, quando Headly voltou à linha, disse: – Não tenho muito tempo para falar, por isso ouve sem me interromperes.

De acordo com o enorme relógio de parede, Dawson falou durante cento e vinte e oito segundos, resumindo os acontecimentos dos últimos dias tão concisamente quanto lhe foi possível, acrescentando factos

pertinentes que omitira em conversas anteriores com Headly. Quando se calou, a primeira coisa que saiu da boca de Headly foi uma exclamação: «Jesus!»

— Sim. O incidente com o relógio de pulso aterrorizou a Amelia por ela ter tido a sensação de que alguém a observava.

— Tu – adiantou Headly.

— Não era eu. Eu dissete que ela já tinha essa impressão antes de eu ter chegado à ilha. Além disso, temos o episódio das fotografias. – Também tinha posto Headly ao corrente desse pormenor, ignorando os resmungos de reprovação por ter sido ele próprio a tirá-las. – Continuamos sem saber o que lhes aconteceu. A bola de praia também continua sem explicação.

— Disseste que a rapariga, a Stef, tinha levado o automóvel da Amelia e que tinha vestido o impermeável, que também era dela.

— Um impermeável que dava nas vistas. E tinha o capuz na cabeça. Estava escuro. Chovia a potes.

Vista de costas, ela podia, facilmente, ser tomada pela Amelia por engano.

— E o Dirk desapareceu sem deixar rasto.

— É esse o ponto da situação – confirmou Dawson, expelindo o ar dos pulmões. – A que conclusão chegaste com base nisto?

— Sabes bem antes mesmo de eu te responder.

Sim, sabia.

— Mas a Amelia recusa-se a admitir essa hipótese, muito embora receie que o meu palpite esteja certo.

— É possível que estejamos enganados – retorquiu Headly como se estivesse a pensar em voz alta.

— Talvez a ama tenha irritado alguém, e ele, ou ela, decidiu mandá-la desta para melhor.

— Claro que essa é uma possibilidade. Mas se a Stef tinha um inimigo, não o deu a entender a ninguém. Não sabemos se alguém lhe queria mal. Mas sabemos, sem qualquer dúvida, que a Amelia se contava entre as pessoas que lhe queriam bem.

— Então, se o Jeremy estiver vivo, o que é que ele ganharia ao matar a ex-mulher?

— Os filhos.

— Merda! – exclamou Headly. – Essa possibilidade passou-me completamente ao lado.

— Houve uma ocasião em que ele disse à Amelia que nada o manteria afastado dos filhos.

— A propósito, liguei para o jornal da terra natal do Wesson, apresentei-me como agente do FBI e pedi que me enviassem a notícia do óbito dos pais dele por correio eletrónico. Recorri a um elemento de peso, dizendo que se tratava de uma questão de segurança nacional, *etc.* Seja como for, recebi-o esta tarde. A notícia inclui a fotografia de um casal de aparência simpática, que foi tirada por ocasião do vigésimo quinto aniversário de casamento deles. Ela com um ramalhete de rosas.

— Não eram o Carl e a Flora – retorquiu Dawson.

— Nem de perto, nem de longe.

— Portanto, mesmo se forem os progenitores biológicos do Jeremy, ele não foi criado por eles.

— É o que tudo indica.

Antes de poderem aprofundar esse aspeto, Tucker tocou no ombro de Dawson, dizendo-lhe com os lábios: – Sessenta segundos.

— Tenho de desligar – disse Dawson a Headly.

— Não é preciso apressares-te. A Eva já está a ferver, mas isso passa-lhe. É o que acontece sempre.

— Fez uma pausa antes de acrescentar: – Temos de encontrar esse tal Dirk.

— Sim, mas quanto a isso... Pensei que talvez pudesses vir até cá.

— A Savannah?

— Se o Dirk *for* o Jeremy, vais querer participar na caçada e na captura. Certo?

— Absolutamente. Vou telefonar ao Knutz amanhã logo de manhã para lhe dizer que comece a reunir um grupo de trabalho.

— Há alguma hipótese de vires ainda esta noite?

— *Esta noite?!*

— Por duas razões importantes. Em primeiríssimo lugar, a Amelia precisa de alguém que vele pela sua segurança.

— Pensei que essa fosse uma tarefa tua. Qual é o outro motivo assim tão urgente?

— Preciso que pagues a minha caução.

Antes mesmo de agradecer a Headly por ter ido buscá-lo, quando já se afastavam da cadeia, Dawson perguntou-lhe se Amelia estava em segurança.

— Assim que acabámos a nossa conversa telefónica de ontem, falei com o Knutz. Ele recorre ocasionalmente a independentes para o trabalho de vigilância. Pôs alguém a vigiar a Amelia. Na verdade, foi uma rapariga, mas o Knutz diz que ela é uma das melhores. Seja como for, essa mulher seguiu a Amelia quando ela saiu das instalações do xerife. Foi diretamente para casa, onde passou a noite sem qualquer incidente. Saiu do apartamento esta manhã às oito horas. – Headly interrompeu-se, vendo as horas no seu relógio de pulso. – Há mais ou menos dez minutos.

— Portanto, ela está bem? – perguntou Dawson.

— Não foi o que acabei de dizer?

— E quanto aos rapazes?

— Não estavam com ela.

— Deve tê-los deixado com o tipo do museu e a mulher dele. Já me tinha dito que talvez fizesse isso. É provável que tenha sido pelo melhor. Mas essa casa também devia ser vigiada por alguém.

Eles... – Dawson apercebeu-se de que Headly o fitava com uma expressão intrigada. – O que foi?

— Para quem esteve no xilindró, pareces-me terrivelmente preocupado com o bem-estar de uma viúva e dos dois filhos dela.

— Se lhes acontecer alguma coisa de mal, passarás a ter isso na consciência por não teres informado as autoridades locais sobre a possibilidade de o Jeremy ter «ressuscitado».

— Outro dos vigilantes do Knutz está de olho na vivenda do fulano do museu – retorquiu Headly, carrancudo. – Estás satisfeito?

— Por que motivo ainda não me tinhas dito isso?

— A verdade é que tenho estado um tudo-nada ocupado nas últimas horas a tratar de pôr o teu coiro fora da cadeia.

— A propósito, obrigado.

Headly limitou-se a resfolegar.

— Não estava preocupado por poder vir a ser acusado formalmente – disse Dawson, mas isso não impedira que tivesse passado uma noite bastante desconfortável na cadeia; felizmente, não na mesma cela em que Ray Dale Huffman se encontrava, o qual, se tivesse conseguido chegar-lhe perto, talvez tivesse estrangulado. – Era apenas uma questão de tempo até eles me deixarem sair em liberdade.

Headly indicou-lhe com um gesto a viatura que alugara no aeroporto de Savannah.

— E como é que chegaste a essa conclusão?

— Não tinham quaisquer provas que me incriminassem.

Headly serviu-se do comando para abrir as portas do veículo. Entraram cada um do seu lado e Headly ligou a ignição de imediato.

— De posse ilegal de estupefacientes ou do crime de homicídio?

— É inquestionável que não existe a mínima prova que me ligue ao assassínio da Stef.

Headly limitou-se a ficar com a mão na alavanca da caixa de velocidades a olhar para ele, perguntando-lhe em silêncio acerca da outra possível acusação criminal.

— De acordo, é verdade que comprei alguns comprimidos ao Ray Dale. Ontem mandaram um polícia novato para me acompanhar ao piso de cima enquanto eu mudava de roupa. Ele ainda está muito verde, por isso não me foi muito difícil distraí-lo com conversa fiada. Peguei no frasco com esses comprimidos, que estava em cima da mesa de cabeceira, e quando ele me deixou ir à casa de banho, deitei-os na sanita.

— Inteligente da tua parte – retrucou Headly, fazendo marcha atrás para sair do parque de estacionamento enquanto resmungava

encolerizado.

— Queres fazer o favor de te acalmares? – disselhe Dawson. – Os comprimidos eram...

— Sei muito bem o que eram. Encontrei um fornecimento no teu apartamento.

— Desculpa? Estás a dizer-me que invadiste a minha casa?

— Não me venhas com falsas indignações. Não sou eu o viciado em drogas.

— Não se pode dizer que eu seja um viciado! – ripostou Dawson com brusquidão.

— Ah, não? Nesse caso, porque é que tens as mãos a tremer?

Dawson tinha esperado que ninguém reparasse nisso.

— Olha lá, eu só precisava de qualquer coisa que me deixasse menos ansioso.

— Ansiedade motivada pelo quê?

Dawson ficou por um momento em silêncio antes de lhe responder.

— Eu não andava a tomar nada que um médico não possa prescrever.

— Sendo assim, porque não pedes tu a um médico que te receite esses comprimidos, em vez de andares a comprá-los a sujeitos que os vendem na rua, como esse Ray Dale? Só Deus sabe as misturas que fazem.

Dawson preparava-se para contrapor, mas, verdade fosse dita, não podia garantir a integridade farmacêutica dos comprimidos que tinha andado a tomar. O seu único critério em relação ao controlo de qualidade tinha sido o de produzirem o resultado desejado. O efeito entorpecedor era rápido e de curta duração, mas cada momento sem o pesadelo valia o risco que corria ao tomar compostos químicos de origem duvidosa.

— Eu tive cuidado – resmungou Dawson.

— Ou seja, compravas apenas a passadores de drogas ilegais com uma reputação inatacável – disse Headly, sarcástico.

Dawson não comentou o sarcasmo do padrinho, bem ciente de que tinha razão de ser. O seu comportamento irresponsável não tinha

desculpa, por isso, nem sequer tentou justificar-se.

— Vira na próxima à direita e o hotel fica num quarteirão mais adiante, à esquerda nessa rua.

Quando tinha ido para a ilha de Saint Nelda só levara as roupas que pensava de que iria precisar na praia, optando por manter o quarto no hotel, uma decisão com que agora se sentia satisfeito.

Deixou Headly no átrio enquanto subia para tomar um duche e mudar de roupa. Dez minutos depois já descia para o átrio. Em menos de mais dez minutos, ambos entravam no tribunal.



Capítulo 14

Ojulgamento recomeçou pouco depois das nove horas. A juíza disse que esperava que todos os presentes tivessem desfrutado do fim de semana grande, após o que perguntou ao advogado de defesa de Willard Strong se estava preparado para dar início ao contrainterrogatório.

— Estamos prontos, meritíssima – retorquiu Mike Gleason.

Amelia entrou acompanhada pelo oficial de diligências. Quando se sentou no banco das testemunhas, recordaram-lhe que continuava sob juramento.

Sentado ao lado de Dawson na galeria, Headly pigarreou.

— Em que é que reparaste primeiro: na inteligência, na modéstia ou no autodomínio dela?

Dawson não lhe deu resposta. Mike Gleason já começara a interpelar Amelia, perguntando-lhe se ela tinha formado uma opinião sobre Willard Strong antes mesmo de o conhecer.

— Não compreendo o que quer dizer.

— O que eu quero dizer é o seguinte, senhora Nolan. O seu marido retornou da guerra. Obviamente, sofria da perturbação de stresse pós-traumático. E o que é que a senhora fazia? Encorajava-o?

Acalentava-o? Era paciente, afetuosa e compassiva para com ele? Não. Deixou-o e roubou-lhe os filhos.

Jackson pôs-se de pé imediatamente.

— Protesto!

— De facto, senhora Nolan, não é verdade que a sua primeira reação a qualquer coisa que desviasse a atenção do seu marido de si, incluindo e, muito em especial, a amizade dele com o senhor Strong, era...

— Meritíssima...

— ... um ciúme rancoroso?

A juíza bateu com o martelo várias vezes e deferiu a objeção de Jackson.

Seguir-se-iam muitas mais. A despeito dessas objeções, Gleason tentou por todos os meios desacreditar a lealdade e a integridade de

Amelia. «Impiedosa» e « egoísta» foram palavras que ele usou para descrever os esforços dela para pôr fim ao casamento.

Atormentou-a acerca das duas ocasiões em que ela estivera com o réu, aquando da festa de aniversário de Hunter, e depois no dia em que ele tinha ido a sua casa na cidade à procura de Jeremy.

Tentou desacreditar o relato que ela fez desses incidentes, interpretando-os de modo que ela fosse vista como uma mulher com tendência para proceder com maldade e histerismo.

Foi uma estratégia muito pouco feliz. Amelia permaneceu calma e serena. Não se enervou, nem quando acentuou a ameaça imediata que Willard Scott constituíra para si e para os seus filhos.

Entretanto, o advogado deve ter-se apercebido de que a compostura de Amelia era mais persuasiva do que a teatralidade dele e que tudo o que estava a conseguir era irritar os jurados, fazendo com que tivessem mais simpatia, e não menos, por ela. Ao cabo de uma hora em que não conseguiu qualquer resultado positivo, concluiu rapidamente o contrainterrogatório, dizendo à juíza que não tinha mais perguntas a fazer à testemunha.

Amelia levantou-se e o oficial de diligências acompanhou-a, conduzindo-a para a mesma porta lateral por onde entrara.

— Vamos embora – murmurou Dawson a Headly. Ambos deixaram a sala do tribunal pela porta dos fundos.

Intercetaram Amelia no corredor. De telemóvel em punho, estava a ligar um número quando se apercebeu de que eles se encaminhavam na sua direção. As mãos penderam-lhe para os lados do corpo.

— Deixaram-no sair da cadeia?

— Parece-me que ficou dececionada.

Headly avançou e estendeu-lhe a mão direita.

— Senhora Nolan, permita-me que me apresente. Gary Headly.

Amelia apertou-lhe a mão, mas com uma acentuada falta de cordialidade.

— É o advogado dele?

— Amigo da família já de segunda geração. Também sou o padrinho de batismo dele. Mas, por favor, não me censure por isso. – O sorriso cordial não foi retribuído.

Dawson inclinou a cabeça na direção da sala onde o julgamento decorria.

— Esteve muito bem quando testemunhou.

— Não se tratou de nenhum concurso de talentos.

— Eu sei! – ripostou ele com a mesma cólera com que ela lhe falava. – Só quis dizer que a sua serenidade foi eficaz contra o palavreado empolado dele.

— Só me sinto grata por esta provação ter chegado ao fim. E agora, se me permitem... – Amelia fez menção de os contornar, mas Dawson deslocou-se para o lado, bloqueando-lhe o caminho.

— Onde é que vai?

— Vou buscar os meus filhos.

— Eles estão bem?

— Não. Não estão bem – respondeu Amelia, afastando o cabelo para trás e prendendo uma madeixa atrás da orelha, o que era um indicador seguro de que a compostura que ela mostrara no julgamento estava prestes a abandoná-la. – Perguntam insistentemente onde é que eu estou e quando é que os vou buscar. Apercebem-se de que há alguma coisa de errado, embora não saibam o quê, e o facto de não saberem atemoriza-os, em especial ao Hunter, que é extraordinariamente percetivo para a sua idade.

Mais cedo ou mais tarde, vou ter de lhes dizer que a ama que eles adoravam está morta. – A voz faltou-lhe, o que Amelia tentou disfarçar, pigarreando. – Tenho de ir.

Desta feita, Dawson não tentou detê-la fisicamente, mas disse o nome dela com a entoação de um apelo.

Amelia virou-se para trás, mas a sua linguagem corporal continuava a primar pela hostilidade.

— Se continua a tentar obter uma boa história, porque é que não escreve a respeito de si próprio?

— Porque não sou interessante.

— Oh, isso é que é – retorquiu Amelia com uma gargalhada cáustica. – Você é um homem cheio de segredos, inconstante, um caso de estudo em contradições. Além disso, é...

— O quê?

— Esclareça-me uma coisa: esses comprimidos que você toma não são receitados por um médico, pois não?

O que Dawson não admitiria em voz alta, nunca no interior de um tribunal. Mas abanou a cabeça uma vez.

— Certo – retorquiu ela em voz baixa, mas num tom de azedume. Quando se virou para se ir embora, o telemóvel começou a vibrar. Identificou o número e atendeu de imediato. – Detetive Tucker? – disse Amelia, ouvindo-o durante um momento e empalidecendo. – Onde é que o encontraram?

— O Dirk? – perguntou Dawson em voz baixa, pondo-se imediatamente ao lado dela.

Amelia olhou para ele e confirmou com um acenar de cabeça.

— Percebo – disse, continuando ao telefone. – Agradeço-lhe que me mantenha...

— Desculpe, senhora Nolan. – Headly tirou-lhe o telemóvel da mão, levando-o ao ouvido. Enquanto ele se encaminhava determinadamente para os elevadores, Dawson ouviu-o dizer: – Detetive? O meu nome é Gary Headly e sou um amigo da senhora Nolan. E também sou agente do FBI. Estamos a caminho. Agradeço-lhe que esteja aí quando chegarmos.

Amelia sentia-se desorientada devido às ondas de choque que não paravam de surgir.

Passara praticamente a noite sem pregar olho, alternando entre andar de um lado para o outro e virar-se e revirar-se na cama sem conseguir conciliar o sono, além de chorar intermitentemente por causa do que acontecera a Stef, para depois tremer de medo ao pensar que talvez fosse ela própria a vítima que o criminoso tivera a intenção de matar. De vez

em quando, também rezava fervorosamente pela segurança dos filhos, pedindo a Deus que os mantivesse a salvo de qualquer perigo.

E durante toda a noite sentira desprezo por Dawson Scott pelas suas inúmeras falsidades, meias-verdades e omissões, muito embora o seu corpo a atraiçoasse com recordações do quanto se sentira excitada com a nudez dele e a sua ereção gritante, a carnalidade dos seus beijos e a maneira como ela reagira recetivamente.

Ao amanhecer, vira-se forçada a pôr para trás das costas todo o turbilhão emocional, recompondo-se para voltar a ir ao tribunal. Verdade fosse dita, não tinha sido tão horrível como imaginara que seria. Mike Gleason tentara fazer com que passasse por um mau bocado, mas ela, tal como todos os presentes na sala do tribunal, apercebeu-se de que a atitude dele se devia a desespero, e não a convicção, o que alimentara o ataque cerrado ao caráter dela. Amelia quase sentia pena de Willard Strong, forçado a assistir impotente à ação do advogado de defesa, que o prejudicava em vez de o beneficiar.

Mas, no que lhe dizia respeito, estava acabado, pelo que não tinha de pensar mais nesse assunto.

Queria ir buscar os filhos e voltar para a casa de praia, tomar banhos de mar e sentir a brisa marinha no cabelo, saboreando o ar salgado. Queria rir e brincar na areia com os filhos. Mas até mesmo enquanto imaginava esse abandono sem quaisquer preocupações, o seu coração sentia tudo menos despreocupação.

O espetro do homicídio de Stef toldava o seu contentamento por o julgamento ter ficado para trás.

Tinha de encontrar maneira de explicar aos filhos a súbita ausência da ama, como dizer-lhes sem faltar à verdade, mas de modo a não os deixar com um intenso medo da morte.

Esperava que, naquela altura, os rapazes já se tivessem esquecido completamente de Dawson, para não se ver forçada a falar acerca dele.

Mas o homem tinha uma maneira de lhe aparecer quando ela menos o esperava, tal como acontecera no corredor do tribunal. A noite passada na cadeia deixara-o com olhos encovados e um ar de subnutrido. Mas

continuava muito bem-parecido. Ao vê-lo, o corpo de Amelia como que se sentia estimulado, a despeito de estar determinada a mostrar indiferença.

A situação adquirira contornos absolutamente estranhos quando o homem mais velho, que se lhe apresentara momentos antes como amigo e padrinho de batismo de Dawson, se apoderara do seu telemóvel e começara a fazer uso das suas credenciais.

E agora, sem que lhe tivesse sido dado tempo suficiente para racionalizar aquela série de acontecimentos desconcertantes, viu-se ladeada por Dawson e Headly quando entraram no edifício que estava a tornar-se-lhe desconfortavelmente familiar.

De acordo com as instruções que recebera, o detetive Tucker aguardava-os no átrio onde ela e Dawson tinham conversado na noite anterior. As suas primeiras palavras foram dirigidas a Dawson.

— Deve sentir-se como se estivesse em casa.

O visado ignorou a alfinetada.

Tucker cumprimentou Amelia com um acenar de cabeça cortês, após o que se virou para o homem mais idoso.

— Deduzo que seja o agente Headly do FBI.

Este trocou um aperto de mão com o detetive e apresentou a sua identificação profissional.

— O gabinete do xerife – começou Tucker a dizer, devolvendo-lhe a identificação – está a investigar o caso DeMarco em associação com o Departamento da Polícia Metropolitana de Savannah. Se precisarmos de ajuda adicional, recorreremos ao Departamento de Investigação da Georgia. Por que razão está o FBI está a meter o bedelho?

— Não é o FBI. Sou eu. Estou aqui na qualidade de amigo da senhora Nolan.

— Hum. – O detetive olhou para Headly com uma expressão de ceticismo e depois dirigiu-se a Amelia. – A razão por que lhe telefonei foi por ter pensado que haveria de querer saber que o apelido do tal Dirk é Arneson. Neste momento já o temos aqui a falar com o Wills.

— Onde é que o encontraram? – perguntou Dawson.

— Aqui mesmo, em Savannah. Num desses apartamentos de ocupação temporária que são arrendados à semana, mas bastante agradável.

— A Stef disseme que ele trabalha em barcos – adiantou Amelia.

— Em sistemas eletrónicos – disse Tucker. – Engenhocas sofisticadas de alta tecnologia. Estamos a verificar a veracidade do que ele diz junto da empresa em que trabalha atualmente.

A palavra «eletrónicos » ficou a fervilhar na mente de Amelia, a qual estava relacionada bastante de perto com a área profissional de Jeremy. Viu que isso também não tinha passado despercebido a Dawson. Ele incutira na sua mente a possibilidade de Jeremy estar vivo, fazendo-se passar pelo misterioso Dirk. Se isso fosse verdade, saber que ele se encontrava sob o mesmo teto era o suficiente para ela sentir dificuldade em respirar.

— Ele tinha algum documento de identificação? – perguntou Headly.

— Uma carta de condução emitida pela Florida, o seguro de uma carrinha de caixa aberta *Ford*, um cartão de crédito e o cartão de uma gasolineira. Tudo legítimo e dentro das datas de validade.

— Ele tem-se mostrado disposto a cooperar? – perguntou Dawson.

— Mais ou menos. Os agentes que o detiveram disseram que ele reagiu negativamente. É possível que isso se deva a um mandado de captura por executar na Florida.

— Por que motivo?

— Multas de estacionamento.

— Multas de estacionamento!?

— O quê? – perguntou o detetive, olhando para Dawson com desconfiança. – Estava à espera de outro motivo?

— E você não estava?

Tucker limitou-se a responder àquilo com um encolher de ombros.

— Quando os agentes que o detiveram lhe disseram que não o abordavam por causa das multas de estacionamento, ele afirmou não compreender a razão por que queríamos falar com ele.

— Ele negou conhecer a Stef? – perguntou Dawson.

— Não. Ele admite que se encontrou com ela uma ou duas vezes, mas jurou que, até os polícias lhe terem dito, nem sequer sabia que a Stef estava morta.

— A morte dela foi noticiada pelos meios de comunicação social – adiantou Dawson.

— Chamámos-lhe a atenção para isso mesmo. Ainda assim, continuou a afirmar que não tinha ouvido nada a esse respeito. Também nos forneceu um álibi para a noite em que ela foi assassinada.

Disse que ele e mais uns dois sujeitos estiveram a trabalhar num iate que está ancorado na doca sul da ilha de Saint Nelda. Mas que no dia em que a menina DeMarco morreu, não tinham ido à ilha por causa do temporal. Recearam não poder voltar para o continente e não tinham onde ficar na ilha. Diz ainda que, à hora a que se presume que o homicídio tenha tido lugar, estava a jogar póquer com os amigos no seu apartamento. Deu-nos o nome desses amigos. Estamos a tentar encontrá-los, mas ele disse-nos que eles ontem foram para Nova Orleães por causa de um trabalho.

— Uma noite a jogar póquer com amigos que se ausentaram subitamente?

Foi a primeira vez que o detetive concordou com Dawson – É verdade. Já falámos com o capitão da embarcação que faz a travessia regular para a ilha Saint Nelda. Com base na descrição que lhe fizemos, ele identificou imediatamente o indivíduo a que nos referíamos. Diz que o transportou para a ilha muitas vezes.

«Mas não é capaz de se lembrar se o Dirk esteve entre os passageiros da embarcação no domingo.

Por causa do mau tempo, toda a sua atenção estava concentrada na navegação antes de cancelarem todas as travessias regulares. Não pode dizer com algum grau de certeza se transportou o Dirk nesse dia ou não.

«De igual modo, os proprietários do iate encontram-se na Carolina do Norte. Consequentemente, o Dirk tinha acesso à embarcação e sabe como navegá-la, até mesmo em condições de intempérie, porque foi ele quem instalou todos os sistemas de segurança.

— Está a dizer que ele talvez não tenha tido necessidade do barco de carreira para chegar até à ilha e depois voltar para o continente.

— Precisamente. Estamos a averiguá-lo a fundo – disse Tucker. – Ele admite que leva uma vida até certo ponto errante, indo de emprego em emprego ao longo da Costa Leste. O seu «endereço permanente» é uma caixa postal numa estação de correios na Florida.

Amelia, Dawson e Headly trocaram olhares. Dawson voltou a concentrar-se em Tucker.

— Ele tem alguma cicatriz na cabeça?

— Cicatriz?!

— Uma parte do couro cabeludo sem cabelo. Como se tivesse sofrido um ferimento grave.

— Mas de que raio está você a falar?

Antes que Dawson fosse forçado a explicar a razão da sua pergunta, Headly interveio.

— A senhora Nolan não conhece o Dirk pelo nome, mas é possível que o conheça de vista. A ser o caso, isso podia ser significativo nas vossas investigações. Acha que ela pode vê-lo?

Tucker fez um gesto na direção da porta.

— Agradecemos qualquer ajuda que nos queira dar.

— Mas eu não quero que ele me veja – especificou Amelia.

— E não verá. Ele está numa sala de interrogatórios, que tem um vidro espelhado.

Os quatro transpuseram uma porta de acesso a uma ampla sala onde se trabalhava em compartimentos separados. Viam-se algumas pessoas por ali a fazer várias coisas. Todos interromperam o que estavam a fazer para os observarem quando atravessaram essa sala. Tucker levou-os para um corredor; viraram à esquerda, começando a percorrer outro corredor, que parecia não ter fim, idêntico ao pri meiro.

Tucker, que se mantinha ao lado de Amelia, perguntou-lhe: – Pareceu-lhe que a menina DeMarco acolhia a atenção dele de bom grado?

— Com base no que me foi dado a saber, sim – respondeu Amelia. – Ela estava sempre ansiosa por se encontrar com ele.

— Ela chegou a dizer-lhe onde é que esses encontros tinham lugar?

— O Mickey's é o único estabelecimento aberto à noite na Saint Nelda.

— Foi por essa razão que começámos por lá. Mas nem o Mickey nem nenhum dos seus empregados se recordam de a ter visto com um indivíduo que corresponda à descrição que temos dele.

Amelia abanou a cabeça, mostrando uma expressão de perplexidade.

— Não sei em que outro local poderiam passar o tempo quando se encontravam.

— O nosso palpite indica-nos o iate. É requintado, e ele, provavelmente, quereria impressioná-la.

Mas quando lhe perguntámos se alguma vez a tinha levado para o iate, o Dirk negou. Imagino que por não querer ser despedido. Se o álibi dele não bater certo, trataremos de arranjar um mandado de busca. – Tucker ficou mergulhado nos seus pensamentos enquanto se balouçava sobre os calcanhares.

— Encontrámos a bolsa dela; continha dinheiro e cartões de crédito. Ela não foi abusada sexualmente.

— Está a perguntar-se qual seria o motivo do Dirk – adiantou Dawson.

— Dele ou de qualquer outra pessoa. Para lhe terem infligido uma pancada tão violenta, o atacante queria que ela morresse, do que não nos resta a mínima dúvida. Mas ainda não conseguimos determinar porquê. – Com um gesto, indicou-lhes que dobrassem outra esquina. – Estamos quase a chegar.

Começou a caminhar à frente deles e parou diante de uma porta que tinha uma janela quadrada na metade superior. Para chegarem ali, a Amelia pareceu que tinha feito a maior caminhada da sua vida.

Depois, durante um longo momento diante da porta, não conseguiu obrigar-se a olhar pelo vidro da janela.

— Senhora Nolan? – encorajou-a Tucker. – Está a reconhecê-lo?

Ela respirou fundo e virou a cabeça na direção da janela.

O homem estava sentado a uma mesa a falar com o detetive Wills. Tal como Stef o descrevera, tinha barba. As tatuagens muito elaboradas estendiam-se dos pulsos até ao interior da camisola de mangas curtas. Tinha o cabelo quase completamente rapado, não passando de um sombreado no couro cabeludo.

Amelia retrocedeu, encostando-se à parede e respirando fundo.

— Não é ele.

Dawson e Headly aproximaram-se da janela para poderem olhar para o interior da pequena sala.

Tucker estava absolutamente desconcertado.

— Não é quem? Quem é que esperava ver?

— Pensei... – tartamudeou Amelia, sentindo-se profundamente estúpida – ... pensei que, se o visse, talvez o reconhecesse, mas lamento, não o reconheço. Nunca vi este homem antes. Peço desculpa por tê-lo feito perder o seu tempo, detetive Tucker. Mas, por favor, agradeço que me mantenha informada sobre o decorrer da investigação. Quero que apanhe a pessoa que assassinou a Stef.

— Haveremos de apanhá-lo – disse o detetive, erguendo o polegar na direção da janela. – Talvez já o tenhamos apanhado. Passámos as roupas da menina DeMarco a pente fino, bem como o seu automóvel, à procura de eventuais provas. Conseguimos encontrar algumas. Enviámos tudo para o laboratório.

— Já muitas pessoas andaram no meu carro. Tenho dois filhos pequenos que levam tudo e mais alguma coisa lá para dentro.

— Tenho conhecimento disso. Opor-se-ia a dar-nos uns fios de cabelo e esfregaços de saliva de vocês os três?

— Claro que não.

— E seus também – acrescentou, olhando para Dawson.

— Quando quiser – aquiesceu este, levantando as mãos no ar num gesto de rendição.

— Talvez não venha a ser necessário – disse Tucker um tanto ou quanto de má vontade. – Tratarei de o informar. – Voltando a prestar

atenção a Amelia, continuou: – Detesto ter de fazê-la passar por tudo isto, especialmente depois de... eu sei da provação por que passou quando... O seu marido e tudo o mais que aconteceu. Esta manhã, esteve a depor o julgamento do Strong, não é verdade?

— Sim. Mas isso já ficou para trás. – Amelia fez uma pequena pausa. – Não me parece que seja capaz de encontrar o caminho para a saída.

Tucker percebeu a deixa e voltaram a percorrer os corredores que se intercetavam. Tucker acompanhou-os até à porta do átrio, que manteve aberta para ela passar. Querendo sair dali o mais depressa possível, Amelia encaminhou-se de imediato para a saída. Dawson manteve-se ao lado dela, com Headly atrás.

A teoria de Dawson tinha ido por água abaixo. A possibilidade de Jeremy continuar vivo era um disparate pegado. Dirk Arneson não era uma reencarnação de Jeremy, portanto, este não havia conseguido seduzir e depois assassinar Stef. Tão-pouco tinha tirado as fotografias que o próprio Dawson deixara debaixo do tapete da porta da frente nem remendara a bola de praia. Também não andava a vigiar todos os movimentos dela. Portanto, Dirk não constituía uma ameaça. *Jeremy estava morto*. Era absolutamente absurdo pensar o contrário.

Portanto, porque não sentia Amelia um alívio enorme?

Porque, apesar de o assunto, em princípio, ter ficado encerrado no momento em que ela vira Dirk Arneson, não *sentia* que estivesse encerrado. Instintivamente, sabia que alguma coisa não batia certo.

Algo crucial. Sentia que se tratava de uma questão que fervilhava entre os dois homens, que travavam uma conversa em voz baixa de uma maneira furtiva, levando-a a deter-se quando se preparava para empurrar a porta da saída.

— Dececionado ou satisfeito? – ouviu Headly perguntar a Dawson.

— Diz-me tu. Eles são a tua obsessão, não a minha.

Abruptamente, Amelia virou-se de frente para os dois. Ambos estacaram e puseram fim ao diálogo.

Fitou cada um à vez com cara de poucos amigos, sentindo-se ainda mais irritada com o sonante tiquetaque do gigantesco relógio de pulso de

Dawson.

— Está na altura de me explicar o que raio se passa! – disselhe Amelia, irritada, olhando fixamente para os olhos dele.



Capítulo 15

Dawson e Headly seguiram-na no veículo de aluguer deste último até ao restaurante onde o pessoal se preparava para começar a servir almoços. Já havia à porta uma fila de pessoas à espera de mesa na sala, mas eles optaram por uma pequena mesa redonda na área do bar. Era mais sossegada e com uma iluminação menos intensa. A semiobscuridade proporcionava uma atmosfera de privacidade mais em consonância com o estado de espírito sombrio dos três.

Amelia e Headly pediram chá gelado.

— Uísque com gelo – pediu Dawson à empregada do bar, e quando ela se afastou para lhe preparar a bebida, viu a expressão de censura que se espelhava em dois pares de olhos que o fitavam. – Deixei de tomar os comprimidos sem qualquer ajuda, portanto, deem-me desconto.

Nenhum dos dois fez qualquer comentário até lhes terem servido as bebidas. Headly juntou duas saquetas de adoçante artificial ao seu chá antes de beber. Dawson agitou os cubos de gelo no uísque e depois bebeu um gole. Reparou que Amelia não tocava no seu copo, mantendo as mãos enclavinhadas no colo como se estivesse a lutar pela sua vida. Era dessa maneira serena e em silêncio que estava a fortalecer-se. Dawson duvidava que aquela atitude fosse suficiente para o que estava para vir.

Headly cruzou os braços na extremidade do tampo da mesa, inclinando-se ligeiramente para ela.

— Alguma vez ouviu falar do Golden Branch, no Oregon?

— Não – respondeu Amelia.

— O tiroteio que teve lugar aí em setenta e seis?

— Tiroteio?!

— Entre vários ramos das forças policiais e membros de um grupo radical que se intitulava Comandos da Retidão Divina.

— Parece-me que já ouvi falar deles. Gente que praticava atos de terrorismo em território nacional.

— Precisamente. Fomos ao Golden Branch para dar cumprimento a vários mandados de prisão. A operação policial resultou num desastre. Morreram sete pessoas. Dois agentes policiais e cinco membros do bando. A primeira pessoa a morrer foi um agente da Guarda Nacional. Encontrava-se a não mais de um metro de mim quando foi atingido por uma bala na garganta.

Headly fez-lhe o relato do sucedido, que, ao cabo de quase quarenta anos, ele repetira a título oficial e não oficial em várias ocasiões e a diversas pessoas. Ao longo de todo o relato, Dawson não tinha desviado os olhos do rosto de Amelia, à procura de sinais indicadores do que lhe ia no pensamento.

Quando Headly fez uma pausa para beber um pouco de chá gelado, ela olhou para Dawson como se lhe perguntasse: «Porque que me está ele a contar tudo isto?» Mas tendo Headly prosseguido, Amelia voltou a concentrar toda a sua atenção nele, sem o interromper.

Terminando, Amelia não disse nada durante vários segundos. Finalmente, tossiu para aclarar a garganta.

— Os dois... o casal que escapou...

— Eram o Carl Wingert e a Flora Stimel. Os chefes do bando de terroristas. Os piores de todos.

Nunca foram apanhados.

— Decorrido este tempo todo?

— Para minha grande frustração e embaraço – replicou Headly. – Oficialmente, continuam a ser procurados pelo FBI, mas... – interrompeu-se com uma risada irónica – ... não por mim.

— O que acha que lhes aconteceu?

— Só Deus sabe. Não existem crimes nenhuns que lhes sejam atribuídos de há dezassete anos a esta parte, pelo que se presume que tenham morrido.

— E quanto ao bebé?

Headly olhou para Dawson, que inesperadamente percebeu que o seu coração batia mais depressa, como se nunca tivesse ouvido contar aquela ocorrência e mal conseguisse esperar para saber qual o destino reservado às pessoas envolvidas.

Headly estendeu a mão por cima da mesa, pousando-a em cima da de Amelia, que tinha começado a dobrar e a desdobrar os cantos do guardanapo de papel colocado debaixo do copo de chá gelado.

— Durante a investigação a que procedemos pelo assassínio do seu ex-marido, recolhemos o ADN

dele.

O peito de Amelia soerguia-se repetidamente com uma respiração cava. Os seus olhos espelhavam apreensão. Afastou a mão em que Headly pousara a sua, enclavinhando os dedos nos da outra mão.

— Tenho conhecimento disso.

— Mas o que não sabe é que o ADN do Jeremy corresponde a um outro registo na nossa base de dados – prosseguiu Headly em voz baixa. – Foi recolhido na casa em Golden Branch.

Amelia ficou a olhar fixamente para ele durante vários segundos; depois de várias tentativas para falar, perguntou: – Como é que isso é possível?

— Ainda estamos a tentar juntar as peças todas. O que sabemos é que os Wesson não eram os pais biológicos dele. Colhemos o ADN da Flora Stimel em Golden Branch. Ela era a mãe do Jeremy.

— Não pode ter a certeza absoluta disso.

— O ADN não mente.

— As colheitas do Jeremy tiveram lugar em intervalos de quase quarenta anos entre a primeira e a segunda, e em diferentes partes

do país.

Dawson tinha noção da futilidade de tentar contradizer a veracidade do que a biologia indicava, do que Amelia também se apercebeu. Não tão enfaticamente como antes, disse: – Ainda que esses dois criminosos sejam os progenitores dele, o que não aceito como sendo verídico, com certeza que o Jeremy não sabia.

— Pois eu penso que as probabilidades de ele saber são bastante elevadas – asseverou Headly. – Alguma vez viu a certidão de nascimento dele?

— O original ficou destruído aquando do incêndio na casa.

— É verdade. Ele utilizou uma fotocópia da certidão de nascimento para se alistar nos Marines.

Fácil de falsificar. Ele alguma vez lhe disse que tinha sido adotado?

— Não – respondeu Amelia.

— Deu-lhe alguma indicação de alguma vez ter questionado quem eram os seus verdadeiros progenitores?

— Nunca. O assunto dos pais dele... – Quando Amelia se interrompeu, Headly perguntou-lhe brandamente: – O quê?

— Era um assunto de que nunca falávamos – obrigou-se ela a responder, finalmente, depois de ter hesitado.

— E isso não lhe diz nada?

Era evidente, na perceção de Dawson, que ela se debatia contra a lógica da pergunta de Headly.

Amelia contra-atacou com o único argumento que lhe restava.

— Que diferença faz agora saber quem foram os pais biológicos dele? O assunto seria diferente se ele estivesse vivo. Mas não está.

Headly não disse nada para substanciar aquela afirmação, tão-pouco para a contradizer. Da mesma maneira que Dawson. Mas o silêncio tenso falava mais alto do que quaisquer palavras.

— Vou tentar descobrir a ligação – começou Headly a dizer por fim – entre os Wesson, o Carl e a Flora. Mas os acontecimentos

relacionados com eles tiveram lugar há várias décadas. Há muito que qualquer pista se perdeu. Com base nos relatórios que li sobre o incêndio, todo o passado dos Wesson, inventado ou verdadeiro, foi destruído pelas chamas. E estou prestes a esgotar o tempo que me resta. Dentro de umas duas semanas, estarei oficialmente aposentado.

— Nesse caso, porquê tanto interesse neste assunto? – Headly olhou para Dawson.

— É a primeira pessoa a fazer-me essa pergunta. – Ficou a pensar durante alguns momentos para considerar cuidadosamente a sua resposta. – Eu estava resignado a viver com o meu falhanço na captura do Carl e da Flora. Mas, então, tive conhecimento da existência do filho deles, o Jeremy. É

um novo elemento num caso que foi arquivado. Como agente das forças policiais, não posso ignorar esse facto.

— Mesmo apesar de ele estar morto.

— Um assassínio sem o corpo da vítima? – ripostou ele de sobrolho franzido. – Essa é uma lacuna de grandes dimensões, Amelia. Uma incerteza gigantesca, a que não posso virar as costas. Este caso começou para mim nesse dia no Oregon. Não posso deixá-lo dessa maneira, com um final em aberto.

— O caso – disse Amelia, virando-se para Dawson. – O que explica o seu interesse. Você devia andar mortinho por averiguar o que eu sabia sobre o passado do Jeremy, o que faz com que a história seja ainda mais intrigante, não é verdade? Agora compreendo por que motivo me fez todas essas perguntas sobre os pais dele, onde foi criado.

— Eu tinha esperança de que as suas respostas confirmassem uma relação de sangue com os Wesson.

— Ou estaria a tentar estabelecer que ele era filho legítimo do Carl e da Flora?

— Eu também não quero que isso seja verdade.

— Claro que quer! Acrescenta tantos aspetos dramáticos à reportagem que quer escrever.

— Isso não é...

— Todas essas brincadeiras com o Hunter e o Grant. Andava à procura de tendências criminosas neles?

— Por amor de Deus!

— E o mesmo comigo. Não admira, pois, que tenha sido sempre tão... amável.

— Amelia...

Antes que Dawson pudesse acrescentar alguma coisa, ela ergueu as mãos com as palmas viradas para fora.

— Estou farta. Não quero ouvir mais nada – interrompeu-o Amelia com brusquidão, pondo-se de pé.

— A história acabou para mim esta manhã depois de ter deposto no julgamento. Esse mito bizarro acerca do Dirk... – Fez um gesto de impaciência. – Sinto-me como uma grande idiota por lhe ter concedido um resquício sequer de crédito. Quem quer que tenham sido os pais biológicos do Jeremy é um assunto absolutamente irrelevante. Ele está morto. Deixe-me à parte da sua busca de fantasmas e ponha-se fora da minha vida de uma vez por todas! – Com estas palavras, Amelia encaminhou-se intempestivamente para a saída.

— E ficas aí sentado? – perguntou Headly, virando-se para Dawson. – Porque não vais atrás dela?

— Porque estou a sair da vida dela.

— Mas...

— E não tenciono debater as minhas razões contigo. – Deduzia que, em qualquer dos casos, Headly já teria conhecimento delas. – Ouviste o que a senhora disse. Ela quer que a deixem fora do assunto e, francamente, também eu. – Dawson arrastou a cadeira para trás. Antes de se afastar, acrescentou: – Vou apanhar um táxi. Obrigado pela bebida.

Uma vez que o seu automóvel continuava de posse da polícia – e porque, dadas as circunstâncias, não desejava reavê-lo –, Amelia andava com o seu segundo carro, um modelo antigo, que herdara após a morte do pai. Habitualmente, ficava com uma sensação de conforto sempre que se sentava ao volante que tinha tido o toque das mãos do pai. Mas, ao sair do parque de estacionamento do restaurante, a ira que se apoderara de si não lhe permitia quaisquer emoções adicionais.

Depois das perturbações da manhã, Amelia sentia-se como se tivesse passado por uma retalhadora de papel e sabia que não estava em condições emocionais de desempenhar o papel de «mamã». Fez um breve telefonema para Molly Metcalf, a generosa mulher de George, perguntando-lhe se os filhos podiam ficar com o casal durante mais algum tempo.

— Preciso de ir à ilha de Saint Nelda para fechar a casa de praia, e faço isso muito mais depressa se eles não estiverem a estorvar-me. E, para te ser franca, ainda não estou preparada para responder a perguntas acerca da Stef. Devo voltar ao cair da noite.

Depois de Molly lhe ter assegurado que os filhos andavam todos contentes a brincar com os seus netos, Amelia apanhou o barco que fazia a travessia entre o continente e a ilha. Quando passou pelo Mickey's, reparou que a fita amarela que circundava o local onde o crime havia sido cometido continuava em volta do parque de estacionamento nas traseiras do edifício, o que fez com que sentisse a garganta embargada.

Bernie andava de um lado para o outro nas traseiras da sua casa. Ao ver que ela se aproximava, acenou-lhe. Parou o automóvel, baixando o vidro da janela do lado do condutor. Ele fechou a bagageira do seu automóvel e encaminhou-se para ela a mancar.

— Chegaste mesmo a tempo de te despedires de mim.

— De vez?

— Tenciono seguir de automóvel até Charleston esta tarde e jantar camarões e milho pilado. E

depois estou a pensar em retomar a viagem logo pela manhã bem cedo. Vejo que os rapazes não vieram contigo. Tenho imensa pena por não poder despedir-me deles.

— Também lamento isso. Tinha planeado trazê-los para passarmos o resto da semana na praia, mas mudei de ideias. Ainda não lhes disse o que aconteceu à Stef. Até falar com eles, acho melhor mantê-

los afastados da praia onde, inevitavelmente, eles estranharão a ausência súbita dela.

— Provavelmente, é melhor assim. Vi dois polícias em tua casa há algumas horas.

— O detetive Tucker telefonou-me para perguntar se podiam passar revista ao quarto da Stef, para ver se descobriam alguma coisa que lhes indicasse o assassino. – Amelia falou-lhe de Dirk Arneson.

— Ele admite que conhecia a Stef, mas afirma que tem um álibi para essa noite.

— E quanto ao Dawson Scott?

— Ele passou a noite de ontem na cadeia, mas foi libertado esta manhã. No entanto, o Tucker não o ilibou de qualquer suspeita. Acho que apenas para chatear. Não gostam um do outro.

— Não acredito que ele alguma vez tenha posto uma mão na Stef.

— Também não acredito nisso – retorquiu Amelia, falando com toda a sinceridade.

— E quanto a vocês os dois? – perguntou Bernie após alguma hesitação.

— Isso é coisa que não existe, Bernie.

Pondo fim àquele assunto, Amelia disselhe que se tinha oferecido para aliviar os pais de Stef de uma tarefa extremamente penosa.

— Disselhes que emalaria as coisas dela antes de fechar a casa. É uma tarefa que me entristece sempre, em especial se não sei quando volto. Mas, hoje, isso será particularmente triste.

— Queres que fique para te fazer companhia? Posso esperar até amanhã de manhã para partir.

Amelia olhou de relance para a sua casa. Tinha um aspeto de um grande vazio. Por uma fração de segundo sentiu-se tentada a aceitar a oferta dele.

— Não, mas agradeço-te. Não vais querer privar-te dos teus camarões e do milho pilado. – Amelia deu-lhe um palmadinha na mão de pele manchada pela idade apoiada na janela aberta. – Conduz com cuidado.

— Já te dei o meu endereço eletrónico? – perguntou Bernie.

— A Stef... – disse o nome automaticamente, uma recordação cruel. – Ela anotou-o para mim.

— Mantém-te em contacto comigo. Diz ao Hunter e ao Grant que os verei de novo no próximo verão.

— O papagaio de papel ficará aqui à vossa espera.

Após as últimas despedidas, Amelia percorreu de automóvel o resto da distância até sua casa, entrando pela porta das traseiras. Entretanto, a energia elétrica havia sido restabelecida, mas isso não dissipou a tristeza que sentia ao percorrer as várias divisões da casa. Nunca se sentira tão desolada desde a primeira vez que havia ido à casa depois de o pai ter falecido.

Os agentes tinham deixado pegadas de areia nas escadas quando subiram para passar revista ao quarto de Stef. O quarto já não estava tão arrumado como antes. Viam-se objetos fora dos seus lugares e alguns arrumados onde não pertenciam.

Durante cinco minutos, Amelia sentou-se na beira da cama e chorou a morte da sua jovem amiga.

Mas depois obrigou-se a dar início à tarefa penosa, começando a dobrar cuidadosamente as peças de roupa, que colocou nas duas

malas de viagem de Stef. Também encaixotou todos os pertences pessoais da jovem, deixando que fossem os pais dela a determinar o que queriam guardar. Depois de tudo emalado, Amelia levou as malas para baixo até ao automóvel, colocando-as no porta-bagagem.

Já não viu o carro de Bernie. Estava completamente sozinha, e sentia-o.

A solidão transformou-se numa pressão dentro do seu peito quando começou a fechar a casa até ao verão seguinte. Tinha contratado uma empresa para mais tarde fazer uma limpeza a fundo, mas esvaziou o frigorífico e a despensa, tirando todos os alimentos perecíveis. Desfez as camas e juntou a roupa suja que estava nas várias cestas, formando uma grande trouxa, que levou para a casa das máquinas de lavar.

Era uma rotina familiar, que tinha executado dezenas de vezes. Hoje, porém, essa tarefa deixou-a extremamente deprimida. As lágrimas ameaçavam marejar-lhe os olhos enquanto ia de divisão em divisão uma última vez, certificando-se de que não deixava luzes acesas e de que as ventoinhas de teto estavam desligadas; também viu se não havia torneiras que pingassem e janelas que não estivessem trancadas.

Conversas com Stef, os risos dos rapazes, ecoavam na sua memória.

Foi ao seu quarto para uma inspeção final, para ver se deixava alguma coisa que viesse a fazer-lhe falta. Quando já se preparava para correr a persiana para baixo, incapaz de se impedir, olhou através da praia em direção à casa vizinha.

Sabia quais eram as janelas do andar de cima que correspondiam ao quarto de Dawson. Ele tinha-a espiado por essas janelas. De uma forma perturbadora, os seus pensamentos demoraram-se menos na intromissão da sua privacidade do que no beijo que ele e ela haviam partilhado no interior daquele quarto, em cima da cama, entre lençóis enrodilhados, impregnados do cheiro do corpo dele.

Tanto para bloquear essa recordação erótica como para bloquear a vista, apressou-se a puxar a persiana para baixo.

Desceu as escadas até ao piso térreo antes de se aperceber de que tinha deixado o computador portátil na divisão que usava como escritório. Largou a mala de mão e subiu as escadas apressadamente até ao primeiro andar.

O Sol já tinha começado a pôr-se e as sombras adensavam-se quando entrou no escritório e se dirigiu para a secretária. Hesitou ao entrar e, antes de poder dissuadir-se de o fazer, puxou a cadeira, sentou-se e ligou o computador. Conquanto continuasse a contrariar a sua vontade, acedeu à Internet e fez uma busca pelo nome Carl Wingert.

Após ter premido umas quantas teclas, já estava no sítio do FBI a consultar a lista dos criminosos mais procurados, a olhar para o rosto do homem que andava fugido à justiça há várias décadas, procurando nos suas feições carrancudas quaisquer parecenças com o homem que tinha amado e com quem casara, e que depois que começara a temer.

Não encontrou semelhança nenhuma. Entre a fotografia no ecrã do computador e Jeremy, não descobriu a mínima parecença. Mas talvez não estivesse a vê-la por não querer encontrá-la. Dar-se-ia o caso de o desespero estar a cegá-la?

Rejeitou o pensamento de que Jeremy, o pai dos seus filhos, fosse filho de criminosos. Assassinos.

Muito simplesmente, isso era impossível.

Todavia, o agente do FBI Headly, que, indubitavelmente, não era nenhum idiota, estava convencido disso, além de ter a prova do ADN que o confirmava.

Não podia negar que Jeremy possuía uma faceta violenta.

Amelia levou as mãos à cara, ocultando-a e respirando fundo e demoradamente enquanto apelava ao Senhor, aterrorizada.

— Meu bom Deus, por favor, não permitas isso.

Harriet não cabia em si de entusiasmo.

— Ele deu-os a comer aos cães?

— O Willard afirma que a mulher já estava morta quando a encontrou – respondeu Dawson sentado aos pés da cama no quarto de hotel, apertando a cana do nariz até ficar com os olhos rasos de água.

Somente infligindo dor física a si próprio é que era capaz de fazer com que a agonia que aquela conversa lhe causava fosse tolerável. – Ela morreu de um disparo à queima-roupa de espingarda de caça, que a atingiu no peito.

— A espingarda de caça do Willard. Disseste que apenas encontraram as impressões digitais dele.

— Sim, mas ele disse, sob juramento que não tinha disparado contra ela.

— Qual é a versão dele? – perguntou-lhe Harriet.

— Quando foi chamado a depor, admitiu que tinha estado a beber durante todo o dia enquanto procurava em Savannah e nas redondezas os amantes infiéis. Acabou por desistir, decidindo seguir de automóvel para o local no arvoredo onde mantém enjaulados e treina os pit bulls para lutas ilegais de cães. Afirma que estava tão bêbado que nem sequer foi capaz de sair do veículo antes de ter perdido a consciência.

«Só recuperou os sentidos várias horas depois, quando já passava da meia-noite. Apercebeu-se de imediato de que a espingarda de caça tinha desaparecido da cabina da carrinha de caixa aberta. Saiu da viatura e andou a cambalear na escuridão, a tentar descobrir em que direção seguir. Conseguiu chegar ao barracão onde às vezes ficava a dormir e aí encontrou uma lanterna. Disse que os cães pareciam ter enlouquecido, e estou a citar as palavras dele. Num passo cambaleante, foi até aos canis individuais dos animais, fazendo incidir o feixe de luz da lanterna no interior, e foi num deles

que viu a Darlene. Ou seja, o que restava dela. A sua espingarda estava encostada ao alto no lado de fora dessa jaula.

— E ele está à espera de que o júri acredite nessa história?

— Não sei o que é que ele espera. Contou essa história quando foi chamado a depor. Ao fazê-lo, admitiu ter cometido vários delitos ao participar em lutas de cães.

— O que é que ele disse a respeito do Jeremy Wesson?

— Que não faz a mínima ideia do que lhe possa ter acontecido. As provas de que ele tenha tido o mesmo destino da Darlene são inconclusivas. Um bocado de couro cabeludo com cabelo agarrado no estômago de um dos cães e sangue na jaula.

— E isso não é conclusivo?

— Quando o patologista testemunhou, foi a palavra que usou. O advogado de defesa pegou-lhe e nunca mais a largou.

— Muito bem. Continua.

— O Willard viu os restos mortais da Darlene, entrou em pânico e pôs-se a andar como se levasse fogo no rabo. A polícia levou dois dias até conseguir encontrá-lo, e, mesmo assim, só depois de receberem uma dica anónima quanto ao local onde ele talvez se encontrasse. Durante esse tempo, o processo digestivo...

— Nessa altura já o Jeremy estava transformado em cocó de cão.

Dawson perguntou-se por que motivo, se os cães se tinham banqueteado com Jeremy, estariam com uma fome canina por Darlene. Mas não aflorou essa incongruência. A Vampira babava-se toda pelos elementos mais escabrosos do caso. Prosseguiu.

— O Willard jura a pés juntos que não viu o Jeremy nesse dia. O advogado dele tentou semear na mente dos jurados que tinha sido o Jeremy a tirar a espingarda de caça da carrinha do Willard enquanto este esteve inconsciente, matou a Darlene e puxou o corpo para a jaula do cão, após o que se apressou a atirar a arma para o pântano, para nunca mais ser encontrada. Acrescentando que, provavelmente, foi ele próprio quem telefonou a dar a dica sem se ter identificado.

— O amante da mulher que arranjou maneira de comprometer o pobre Willard de modo que este fosse acusado do homicídio dela.

— O advogado dele não usou essas palavras, mas, no essencial, é a semente da dúvida fundada que ele tentou semear.

— Mas as hipóteses de ele ser absolvido são reduzidas não? – perguntou Harriet.

— Por vezes, os jurados chegam a conclusões surpreendentes.

Dawson já estava mais do que pronto para pôr fim àquele telefonema obrigatório. Quanto menos contacto tivesse com Harriet, mais satisfeito se sentiria. Para lá disso, estava absolutamente exausto.

Tinha ido para o tribunal diretamente depois do desastroso encontro com Headly e Amelia. Depois de ter despendido vários dias no julgamento de Willard Strong, precisava de alguma coisa que justificasse as suas despesas e o tempo passado nesse caso, caso contrário, Harriet infernizar-lhe-ia a vida quando regressasse a Washington.

Quando o julgamento foi suspenso até ao dia seguinte, sentira-se tentado a ir até à River Street e percorrê-la até encontrar alguém como Ray Dale, que pudesse repor o fornecimento de comprimidos que ele deitara na sanita. Resistiu à tentação. Os detetives Tucker e Wills adorariam voltar detê-lo pela posse de estupefacientes, ao que se acrescia o facto de não ter sido completamente ilibado da suspeita de assassínio.

Além disso, tomar medicamentos que só eram vendidos sob receita médica, mas que eram traficados na rua, era um comportamento estúpido e autodestrutivo. Não era preciso que fosse Headly ou Amelia a chamarem-lhe a atenção para isso.

Assim, tinha optado por voltar para o hotel, e sem outra coisa mais forte que o animasse para além de um uísque, decidiu finalmente responder às dúzias de mensagens de Harriet no correio de voz do seu telemóvel. Os primeiros sessenta segundos da

conversa entre os dois haviam sido um arrazoado empolado acerca da irresponsabilidade dele. Era verdade que fora interrogado pela polícia por causa do homicídio de uma jovem? Alguém na redação do semanário vira essa notícia na Internet.

Ela não teria acreditado se ela própria não tivesse lido a história.

Tendo conseguido por fim interrompê-la, Dawson ameaçou desligar se ela não se calasse.

— Continua a falar comigo nesses termos, Harriet, e podes crer que me ponho a andar.

— Como se eu me importasse com isso.

— Ótimo. Poderás explicar ao teu novo chefe por que razão o teu melhor repórter vendeu uma reportagem sensacional a outra revista.

Dawson conseguiu fisgá-la com aquilo, pelo que ela se acalmou o suficiente para ouvir a explicação abreviada, e que ele tratou de embelezar, acerca da noite passada na cadeia e como é que isso acontecera.

— Fui interrogado juntamente com toda a gente que foi vista com a vítima no dia da sua morte. – O

que não correspondia completamente à verdade, mas também não era inteiramente falso. – O pior de tudo foi eu não ter podido lavar os dentes até hoje de manhã.

Em seguida, tinha descrito a traços largos a reportagem que tencionava escrever.

— Tenho de reconhecer – dizia ela naquele momento – que pensei que andavas a engonhar. Essa história é sensacional, em especial por o Jeremy Wesson ter sido um veterano de guerra condecorado.

— É esse o fulcro da reportagem. Herói de guerra tem um fim trágico depois de ter regressado à pátria.

— Ótimo, ótimo. Trabalha esse aspeto. O que te pareceu o Willard Strong?

— Tem uma expressão malévola. Abrutalhada.

— Mas o quê? – perguntou Harriet, não lhe tendo passado despercebido o tom de alguma reserva na voz dele.

— Não sei dizer – respondeu Dawson pensativamente. – Também me parece que é bronco. Ora, acontece que este foi um crime bastante complexo.

— Não achas que ele tenha sido capaz de o cometer?

— Capaz de disparar contra os amantes que lhe puseram um par de cornos, sim. Mas depois de cometido o crime, na minha opinião, o instinto dele dir-lhe-ia que desatasse a correr com quantas pernas tivesse e só parasse quando fosse apanhado. Deixar-se ficar pelo local do crime para tentar destruir as provas, em especial de uma maneira tão macabra... é coisa que não me cabe na cabeça. O

homicídio duplo não se coaduna em nada com o caráter do homem, além de ter sido demasiado bem planeado para o grau de inteligência dele. Penso que...

— O teu problema é esse, Dawson. Pensas de mais. Analisas de mais. Nem todos os motivos de reportagem têm de ser acerca da porra da natureza psicológica do indivíduo em questão, com origem no momento em que a célula se dividiu! Limita-te a escrever a história como se fosse um romance em que ocorre um crime. Ao menos uma vez na vida, não vasculhes a merda psicológica! Escreve uma história empolgante, mas torna-a macabra, imprime-lhe sentimentalismo da parte do herói. Os leitores devorá-la-ão. Não estou a fazer um trocadilho.

— Ah, ah. Estou a perceber.

— Achas que serias capaz de arranjar maneira de conseguir uma entrevista com ele?

— Com o Willard? Não até o julgamento chegar ao fim, e nem sequer sei se então será possível.

— E quanto à Amelia Nolan?

O corpo de Dawson foi percorrido por uma onda de desejo e dor.

— Já tentei. Ela fechou-me a porta na cara.

— Figurativa ou literalmente?

— Isso não importa. Ela recusa-se a dar entrevistas. Em especial agora, que está a braços com outra tragédia.

— A morte da ama dos miúdos, hum... A tragédia dupla podia ser um novo ângulo para abordar o sucedido. Tenta outra vez. Recorre ao teu encanto.

— Não contes muito com isso. Neste momento, estou arrasado. Vou tomar um duche, comer um hambúrguer e ver um jogo de futebol na televisão. Se quiseres saber mais pormenores macabros, vais ter de os ler na minha reportagem, como toda a gente.

Com estas palavras, Dawson desligou, pondo o telemóvel em modo de vibração antes de se deixar cair na cama e cobrir os olhos com o antebraço. Não mentira ao dizer que estava exausto. Precisava de dormir, mas jurara a si mesmo não tomar mais ansiolíticos nem soporíferos. O uísque perdera o seu efeito entorpecedor, proporcionando-lhe apenas um ligeiro torpor temporário, seguido de uma cabeça azamboada e um estômago esquisito.

O que o deixava por sua conta para encontrar tranquilidade. Por Deus, haveria de conseguir apenas com a sua força de vontade.

Mas quando Dawson fechou os olhos e tentou concentrar-se apenas em nuvens que se deslocavam lentamente pelos picos de montanhas cobertas de neve e riachos que atravessavam florestas primevas, a sua mente manteve-se teimosamente centrada na mulher que saíra da sua vida horas antes naquele dia.

A mulher que ele desejava como nunca desejara outra, mas que não podia ser sua.

Headly tinha-lhe perguntado porque não fora atrás dela. Não seria a resposta evidente? Ela não quisera que ele fosse atrás dela. «Estava farta». Ele era um oportunista, um matreiro, aproveitava todas as oportunidades, ao ponto de ter atraído os filhos dela, para obter o que queria. Era essa a opinião que Amelia tinha de Dawson Scott.

Mas ainda que ele tivesse usado de toda a franqueza com ela, desde o princípio, se lhe tivesse dito tudo sem a mínima omissão, tendo conquistado a sua confiança e, possivelmente, mesmo o seu afeto, hoje não teria tentado impedi-la de se afastar de si. Dawson não era nenhum mártir, mas também não era um rematado egoísta. A última coisa de que Amelia Nolan precisava era de outro homem na sua vida que acordasse a meio da noite a gritar a plenos pulmões.

Debatia-se com essa humilhante recordação quando o telemóvel começou a vibrar. Pegou no aparelho e viu o nome de Headly, o que fez com que praguejasse. Ainda pensou em não atender, mas isso só iria adiar o inevitável. Atendeu.

— Estava a entrar no chuveiro. Posso ligar-te mais tarde?

— Não. Isto é urgente.

— Pareces estar sem fôlego – disse Dawson.

— E estou.

— O que é que andaste a fazer?

— A morder-lhes os calcanhares.

— Os calcanhares de quem?

— As forças do xerife e da Polícia Metropolitana de Savannah, finalmente, envolveram o Knutz nas investigações. Ainda bem que não desisti de lhes morder.

— Se a tua tensão arterial subir, a Eva não hesitará em...

— Conseguiram recolher uma impressão digital do impermeável.

Dawson calou o resto do que se preparava para dizer.

— Correspondia com tanta perfeição que até fiquei com tesão. Adivinha a quem é que correspondia.

— Ao Jeremy Wesson.

— Esquece o duche e vem já a minha casa.

Capítulo 16

Contra a sua vontade, Amelia ficou estupefacta a olhar para o retrato de Carl Wingert na Lista dos Mais Procurados do FBI.

Em 1970, ele subira meteoricamente da classe dos vigaristas de delitos menores e arruaceiros para a dos mais infames fora da lei ao assaltar um banco federal audaciosamente. Cometeu esse assalto em Kansas City, em plena luz do dia, numa tarde de sexta-feira com muito movimento no banco. Não usava qualquer disfarce, como se quisesse ser reconhecido e que lhe atribuíssem o crime, o que incluiu ter alvejado a tiro, ao estilo de execução sumária, o presidente do banco e o caixa que lhe tinha entregado todo o dinheiro que havia na gaveta, e depois, estupidamente, acionou o alarme.

Também abateu um segurança que fez uma corajosa tentativa para o deter e um agente da Polícia Metropolitana, o qual, por mero acaso, estava na fila para depositar o cheque do seu salário.

As câmaras de vídeo do circuito interno tinham várias imagens de Carl, uma vez que ele não fizera a mínima tentativa para ocultar o rosto. Os fotogramas tinham sido ampliados e realçados, sendo estas as únicas imagens do criminoso, além de fotografias tiradas quando andava na escola; estas fotografias registavam a transformação de um aluno de uma escola pública: de miúdo carrancudo e arruaceiro num rapaz que se comportava cada vez mais colericamente com a passagem de cada ano letivo. Abandonou os estudos depois do segundo ano na universidade.

A melhor destas fotografias exclusivas de Carl na idade adulta fora selecionada para ser inserida na Lista dos Mais Procurados do FBI. Enquanto as examinava atentamente, perguntava-se se aquele homem era, como Gary Headly afirmava, o avô dos seus filhos?

Essa possibilidade, por si só, já era bastante perturbadora. Mas era particularmente perturbador pensar que Jeremy talvez tivesse tido conhecimento disso. A ser o caso, teria ele guardado segredo por ter vergonha desse seu antepassado, querendo protegê-la e aos filhos dessa

desonra? Ou a razão para o secretismo dele tinha sido mais sinistra? Era uma possibilidade arrepiante.

Subitamente, apercebeu-se de que tinha escurecido e que a única luz vinha do ecrã do computador portátil. Não fora sua intenção ficar na casa de praia até tão tarde. Mas quando já se preparava para arrastar a cadeira da secretária para trás, deteve-se ao ouvir um barulho vindo do andar de baixo.

Estava familiarizada com todos os cantos e recantos da casa, qual o degrau em que a madeira rangia quando alguém o pisava, o ranger de cada dobradiça, a menos que fosse oleada com regularidade, quais as gavetas que ficavam empenadas quando o grau de humidade era bastante elevado.

Só alguém tão familiarizado com a casa reconheceria o raspar da porta da cozinha no chão quando a empurravam para a abrir.

E foi precisamente isso que ouviu; depois fez-se silêncio.

Foi isso, mais do que o barulho da porta a ser aberta, que a fez sobressaltar-se. Apressou-se a fechar o computador portátil, o que mergulhou o escritório – na verdade, toda a casa – na total escuridão.

– Não te esqueças, procede normalmente.

– Estou a perceber.

– Só estás a voltar à ilha para ir buscar as coisas que deixaste na casa arrendada, antes de regressares a casa. Se ele andar por lá a vigiá-la, é o que ele precisa de pensar.

– Estou a perceber.

– Não queremos que ele...

– Raios partam isto! – ripostou Dawson, irritado. – Já te disse que estou a perceber.

Headly tinha estado a dar-lhe instruções desde que deixaram o ancoradouro do barco que fazia a travessia até à ilha. Dawson conduzia o carro de aluguer de Headly a uma velocidade perigosa. Este mantinha-se agachado no banco de trás para não ser visto.

Atrás deles vinham dois veículos das forças do xerife e um automóvel descaracterizado que transportava quatro agentes do FBI da delegação de Savannah, incluindo Cecil Knutz. Nenhum dos veículos tinha os faróis ligados, mantendo-se recuados de maneira a parecer que o automóvel de Dawson era o único na estrada.

– Até que a Amelia esteja em segurança, a última coisa que queremos...

– É dar-lhe a entender que a cavalaria se mantém fora de vista, atrás da colina – completou Dawson, citando Headly, que usara a analogia horas antes ao explicar o plano, em conjunto com a equipa que havia sido reunida apressadamente, enquanto atravessavam o estreito de Saint Nelda.

– Se ele se aperceber de que estamos na cola dele, não terá nada a perder se a matar, quanto mais não seja para ir deste mundo para o outro em beleza.

– Se ele lhe fizer algum mal, eu, pessoalmente, garantirei que isso vai acontecer. Farei com que a cabeça desse cabrão expluda!

– Estás a ver? Era disso que eu estava a falar. Tu és um repórter, não um agente das forças policiais.

– Um artífice da escrita.

– O quê?

– Foi o que o idiota do Tucker me chamou. «Vais deixar que esse artífice da palavra, viciado em comprimidos, faça o trabalho de polícia?»

O primeiro impulso de Dawson tinha sido atirar-se ao detetive para lhe mostrar como um artífice da palavra podia ser perigoso quando provocado, mas deixou que o insulto ficasse sem resposta. A satisfação pessoal que um frente a frente com o sujeito lhe teria proporcionado não valia o tempo, que era precioso, que isso lhe teria custado.

Já tinha passado uma hora desde que Headly lhe telefonara para o informar acerca da impressão digital. Durante esses angustiantes sessenta minutos, ninguém conseguira entrar em contacto com Amelia. Ela não atendera o telemóvel nem o telefone da linha fixa do apartamento em Savannah.

Dawson foi quem teve a ideia de contactar George Metcalf, que confirmou que os filhos dela continuavam com ele e com a mulher. Amelia tinha-lhes dito que passaria a tarde na casa de praia, acrescentando que o que precisava de fazer lá talvez se prolongasse até ao fim da tarde. A casa na ilha de Saint Nelda não tinha uma linha fixa.

O polícia que estava de guarda ao local do crime no parque de estacionamento do Mickey's foi enviado para o continente no fim do seu turno de trabalho, tendo alguém concluído ser desnecessário enviar um substituto. Ninguém assumia a responsabilidade por essa lamentável decisão, impossibilitando que alguém pudesse ir a casa de Amelia para ver se ela estava bem e para a advertir de possíveis perigos, mantendo-se junto dela até à chegada de reforços.

— O Tucker é um fanfarrão – disse Headly do assento traseiro. – Não lhe ligues. Mas não te esqueças de que ele e os colegas são agentes com muita experiência. O que tu não és. A única razão por que estás envolvido nisto é por poderes ser uma espécie de batedor sem que o Jeremy fique alarmado. Se é que ele se encontra sequer nas proximidades. Tanto quanto sei, até já pode estar no Canadá.

— Achas que ele está no Canadá?

Headly não lhe deu resposta. Se pensasse isso, não teriam ido a correr para pôr Amelia ao corrente dos últimos desenvolvimentos.

— A casa do Bernie parece estar deserta – comentou Dawson quando passaram velozmente pela vivenda. – Deus nos valha! Ela tem estado aqui sozinha. Estou a ver um carro junto da casa dela, mas não se vê uma única luz. Além disso, ela não atende o telemóvel.

— Não pares, continua em frente.

— Foda-se, nem pensar!

Travou e saiu do automóvel praticamente quando a viatura ainda estava em movimento. Deixando Headly a soltar um chorrilho de imprecações, correu para a porta das traseiras da casa de Amelia.

Não estava trancada. Empurrou-a lentamente e pôs-se à escuta.

O silêncio era profundo e portentoso. Se estivesse tudo bem, as luzes estariam acesas e ouviria sons de atividade.

Dawson olhou em volta e constatou que Headly vinha atrás de si a falar em voz baixa pelo telemóvel, descrevendo a situação aos agentes que vinham nos veículos atrás do deles.

Dawson compreendeu que o elemento surpresa estava prestes a desaparecer, por isso, entrou apressadamente na cozinha de Amelia e acendeu a luz, começando a gritar pelo nome dela. Da cozinha passou à casa de jantar, de onde podia ver a sala de estar, a porta da frente e o alpendre da fachada. Não avistou nada. Estugando o passo, correu para as escadas, tropeçando numa mala de mão que fora deixada no degrau do fundo.

Olhou para cima e viu-a no cimo das escadas, impassível e tensa, agarrada ao corrimão. Mas depois, quando o reconheceu, deixou-se cair em cima do degrau de cima.

Dawson começou a subir as escadas, dois degraus de cada vez.

— Está bem?

Amelia sussurrou que sim, mas era evidente que não estava nada bem. Tremia e olhava para lá dos ombros dele, extremamente perturbada ao ver a sua casa invadida por homens armados.

Tinha os olhos arregalados de choque e estupefação quando eles começaram a falar com Dawson, que pousou as mãos nos ombros dela.

— Encontraram uma impressão digital do Jeremy no impermeável.

Amelia acenou com a cabeça lentamente, como se estivesse resignada ao admitir aquilo que tinha vindo a negar. Depois agarrou-o pelos braços com força.

— Os meus filhos?

— Estão em segurança. Foram destacados vários agentes para montar guarda à moradia dos Metcalf.

— Eles vão ficar assustados.

— Nem darão pelo que está a suceder. Os Metcalf foram informados, mas o Headly deu ordens aos agentes para que se mantivessem fora de vista. Não foram usados carros-patrulha, nem luzes intermitentes nos tejadilhos, nada disso.

— Tudo isto é tão... – Parecia que Amelia não conseguia encontrar a palavra que descrevesse as circunstâncias adequadamente. Mas a angústia era bem evidente. – Eu não queria acreditar – começou ela a dizer –, em nada disso. Mas é tudo verdade, não é? – As lágrimas começaram a correr-lhe pelas faces.

Dawson envolveu-lhe a nuca com a mão, aninhando a cabeça dela entre o seu pescoço e o ombro.

Passando os dedos pelo cabelo de Amelia, murmurou-lhe: – Se eu pudesse fazer com que fosse mentira, não hesitaria em fazê-lo.

Alguns dos polícias foram destacados para patrulhar a pé a praia, bem como a área circundante.

Tucker e Wills, os agentes do FBI, Amelia, Headly e Dawson reuniram-se na sala de estar da casa dela. Para que todos ficassem ao corrente do que tinha acontecido anos antes, Headly resumiu a carreira criminosa de Carl e Flora, revelando a relação de Jeremy com eles. Partilhou a teoria de que Jeremy tinha assassinado Stef por ter pensado que ela era Amelia.

Explicou a Tucker a razão por que tinham estado interessados em ver Dirk Arneson.

— Pensámos que o Jeremy talvez tivesse passado a usar uma identidade falsa, servindo-se da rapariga para obter informações sobre a Amelia e os filhos.

— Em vez de ter estado com toda essa charada, porque não se limitou a dizer-me o que se passava?

— Em retrospetiva, provavelmente devia ter feito isso – replicou Headly para apaziguar Tucker, o que pareceu ter surtido efeito.

Cecil Knutz era um homem tão afável como Headly o descrevera. Embora alguns anos mais novo do que este último, nele o processo de envelhecimento tornara-se mais visível. Era barrigudo e estava a ficar calvo, embora tivesse experiência suficiente para ocupar um cargo de chefia.

Dawson admirou a atitude amável e respeitosa na maneira como tratou Amelia enquanto a interrogava. Ela descreveu-lhe a traços largos o seu casamento e o divórcio, mas, infelizmente, não tinha nada de novo nem de esclarecedor a dizer-lhe.

— No que me diz respeito, o Jeremy morreu há mais de um ano. Se estiver vivo, não faço a mínima ideia de onde tem estado nem onde poderá estar. Se bem que, ultimamente, tenha sentido uma *presença*, a sensação de que há alguém a observar-me. Atribuí isso à minha perturbação devido ao julgamento do Willard Strong e ao facto de ser forçada a falar abertamente acerca de assuntos que preferia esquecer.

Contou aos presentes o mistério da bola de praia e o que se tinha passado com as suas fotografias e dos filhos, que desapareceram sem qualquer explicação.

— Um amigo deixou-mas quando não havia ninguém em casa, mas não estavam onde ele as deixou.

— Dawson agradeceu-lhe em silêncio por ela não o ter referido como sendo esse «amigo». Também lhes disse que reparara numa embarcação.

— Esteve ancorada ao largo da costa durante vários dias. Para além disso, não aconteceu nada de especial. – Mas quando disse isto, lançou um olhar a Dawson.

A equipa de detetives debateu se ela e os filhos deviam mudar-se para uma casa mais segura até que Jeremy fosse capturado. Headly rejeitou essa hipótese.

— Nesta altura, ele acredita que não corre risco nenhum. Mas se ela for posta sob proteção policial, é melhor anunciarmos que andamos à procura do Jeremy.

— Isto é, presumindo que ele esteja vivo – interveio Tucker. – O que ainda não foi firmemente estabelecido.

— E do que é que precisa para que isso fique estabelecido? – perguntou Dawson num tom autoritário.

— Algo mais do que uma impressão digital recolhida num impermeável molhado. Até podia estar lá há vários anos.

— O que é improvável – adiantou um dos agentes do FBI. – Numa superfície que não é porosa como essa? O mais plausível seria já ter desaparecido ou ficado demasiado esborratada nesta altura.

— Ainda não foi ampliada digitalmente – contrapôs Tucker. – Não vou aceitar a cem por cento que o Wesson esteja vivo até...

— Até ele assassinar a Amelia, como fez à ama dos filhos? – perguntou-lhe Dawson.

— Por que motivo está tão ansioso em fazer com que eu acredite nisso? Para que não o prenda a *si*?

O detetive Wills interveio.

— Levando em linha de conta todas as coisas inexplicáveis que se têm passado com a senhora Nolan ultimamente, a juntar à impressão digital, considero que o assunto precisa de uma análise mais pormenorizada – disse ao colega –, além do facto de o corpo do Jeremy Wesson nunca ter sido encontrado, devemos proceder como se ele estivesse vivo.

«Se errarmos por excesso de prudência, o pior que pode acontecer é parecermos um bando de idiotas por termos julgado, ainda que apenas por um momento, que um homem morto tenha assassinado a menina DeMarco. Mas a alternativa, que é ignorar essa possibilidade, vem acompanhada de mais riscos consideráveis para a senhora Nolan e para os filhos.

Até Tucker teve de concordar que era imprescindível tomar precauções que assegurassem a segurança dela e dos rapazes.

Headly tomou a iniciativa de apresentar um plano.

— Na verdade, esta casa é tão fácil de manter sob vigilância como qualquer outra. Situa-se na ponta da ilha e num troço descampado da praia, onde não existem muitos lugares que constituam bons esconderijos. O Jeremy não poderá chegar à ilha por mar, quer pelo estreito, quer pelo oceano, sem que nos apercebamos. Além disso, só poderá deslocar-se de automóvel se vier no barco que faz a travessia regularmente.

— E não é capaz de caminhar sobre a água, muito embora possa ressuscitar dos mortos. – A brincadeira de Wills desanuviou a tensão que pairava no ar, mas o que dizia era mais uma indicação de que acreditava que o homem que procuravam era Jeremy Wesson e que este estava bem vivo.

Antes de dispersarem, Tucker ainda teve tempo para uma última alfinetada.

— Se precisar de o encontrar – disse a Dawson –, deverei começar por o procurar aqui?

O que estava implícito na pergunta era constrangedor para Amelia, fazendo com que todos se imobilizassem e ficassem em silêncio. Dawson começou a ver tudo vermelho, sentindo um impulso quase irresistível de dar um murro ao detetive. Mas Headly, apercebendo-se da fúria que se apossara dele, agarrou-o com força pelo antebraço, dizendo com suavidade: – Se precisar de o localizar, pode fazê-lo através de mim.

Todos saíram, com a exceção dos polícias destacados para ficar de guarda à casa. Agentes das forças do xerife de Savannah foram incumbidos de ir buscar Hunter e Grant e levá-los para a ilha.

Amelia pediu que fossem os Metcalf a acompanhá-los.

— Eles terão medo de desconhecidos.

Os filhos foram-lhe entregues cerca de uma hora depois por dois agentes, um homem e uma mulher.

Os Metcalf eram pessoas de maneiras brandas, mostrando-se estupefactos por se verem numa situação daquelas.

Os rapazes não mostraram a mínima contenção. Depois de dois dias de separação da mãe, estavam entusiasmadíssimos por voltar a vê-la, atropelando-se um ao outro e falando ao mesmo tempo para conseguirem a atenção dela. Dawson mantinha-se atrás, pondo-se a observar enquanto ela lhes dava um abraço apertado, beijando-lhes a cara quando eles lho permitiam, passando as mãos pelos corpos dos filhos como se quisesse assegurar-se de que estavam bem e a salvo de qualquer perigo.

O contentamento dos garotos ao verem Dawson manifestou-se quase com a mesma exuberância.

Amelia apresentou-o aos Metcalf apenas pelo nome. Provavelmente, eles terão pensado que era um agente à paisana, incumbido de proteger a família. Mas fosse como fosse, não questionaram o facto de ele ter ficado quando partiram com os dois detetives.

Em seguida, os rapazes conduziram-no a uma visita à casa, o que incluiu tudo, desde a consola de jogos ao aquário redondo onde o peixinho dourado encontrara a sua morte no princípio do verão.

A visita acabou no quarto dos dois, onde Amelia anunciou que estava na hora de irem para a cama.

Os dois rapazes recalcitraram. Foi possível chegar a um consenso depois de Dawson ter concordado em ler-lhes a habitual história antes de adormecerem.

O que se tinha passado há quase uma hora. Foi o tempo de que ele precisou para os sossegar.

Então, chegando à cozinha, disse a Amelia: – Ah... finalmente, sós.

— Não fossem os guardas lá fora – retorquiu ela com uma careta sorridente.

— Um mal necessário.

— Os rapazes já estão a dormir?

— Depois de eu lhes ter lido duas histórias.

— Obrigada por tê-los deitado.

— O prazer foi todo meu.

— Eles perguntaram por que motivo a Stef não está cá?

— O Grant mencionou-o de passagem, mas não houve mais conversas.

— Estou surpreendida por eles não mostrarem mais curiosidade.

— São crianças – retorquiu Dawson filosoficamente com um encolher de ombros. – Para eles, dois dias são um grande período de tempo. Além disso, têm estado entretidos.

— Por você estar cá.

— Só preenchi uma lacuna.

— Tem feito mais do que isso.

Enquanto Amelia ligava a chaleira elétrica, olhava-o de lado, possivelmente a reparar em como ele se sentia pouco à vontade naquela cozinha de ambiente tão caseiro. Havia um boião com a forma de um urso onde os biscoitos eram guardados em cima da bancada. Os desenhos que os rapazes pintavam estavam presos à porta do frigorífico com ímanes que eram personagens da Disney. Os livros de culinária, que estavam alinhados numa prateleira, pareciam ter bastante uso, não servindo apenas para decoração.

Em comparação, a cozinha do apartamento dele era desoladora. Amelia indicou-lhe a mesa de refeições com um gesto.

— Sente-se. Esvaziei a despensa hoje, mas encontrei umas saquetas de chá e chocolate em pó numas caixas. É tudo o que tenho para lhe oferecer.

— Não tem de pedir desculpa. O armário que me serve de despensa em Alexandria está sempre tão vazio como o da Velha Mãe Hubbard.

— Está familiarizado com rimas infantis?

— A minha mãe recitava-mas constantemente. Ainda me recordo dessa.

— Os seus pais vivem na Virgínia?

Dawson falou-lhe do acidente fatal.

— Sabe como são os pais, sempre a dizerem-nos que tenhamos cuidado quando nos sentamos ao volante de um automóvel. Mais do que qualquer outra coisa, os meus preocupavam-se por eu poder ter um acidente de viação. O que se revelou bastante irónico, uma vez que foi precisamente isso que os matou. Tinham saído do cinema e seguiam a caminho de casa, numa noite a meio da semana, por uma rua que tinham percorrido um milhão de vezes. O condutor de um veículo que vinha em sentido contrário guinou para evitar bater num esquilo que atravessava a rua, perdeu o controlo da viatura e colidiu de frente com eles.

— Lamento – disse Amelia em voz baixa.

— O condutor do outro automóvel afastou-se do local do acidente. Claro que ficou devastado. Os Headly sentiram a morte dos meus pais

com tanto desgosto como eu próprio. O Headly e o meu pai eram amigos desde a escola primária.

— Portanto, não se tratou apenas de uma maneira de falar. Ele é, de facto, o seu padrinho?

— Sim, é. Foi ele que me teve ao colo enquanto eu era batizado, mas costuma dizer que o sacramento não pegou.

— É óbvio que têm uma relação muito chegada – retorquiu Amelia com uma pequena risada.

— Ele é um chato do caraças.

— O que o meu pai também era capaz de ser, mas a verdade é que os seus conselhos, de uma maneira geral, provavam ser sensatos.

Ao ver que a tristeza ameaçava apoderar-se dela, Dawson tratou de mudar de assunto. Estendeu a mão para o casaco pendurado nas costas da cadeira em que se sentava. Tirou uma tablete de chocolate *Hershey's* da algibeira, apresentando-lha com um grande floreado.

— Tirei isto hoje do pequeno frigorífico do meu quarto no hotel e já me tinha esquecido completamente de que o tinha. Quer partilhá-lo?

— Não, obrigada. Não tenho fome.

— Quando foi a última vez que comeu? – Vendo que ela se demorava a pensar na resposta, Dawson disse: – Foi o que pensei. O chocolate é muito energético. Vou dividi-lo consigo.

Entretanto, a chaleira começou a apitar. Ele optou por chocolate quente em vez de chá. Quando Amelia pôs a caneca diante dele, desculpou-se.

— Peço desculpa por não ter nada mais forte. Nem sequer uma garrafa de vinho.

— Não importa. Você lançou-me uma praga.

— Está a referir-se à bebida?

Dawson inclinou a cabeça de lado e olhou para os olhos dela.

— Disseme que os comprimidos e os copos não ajudariam a resolver o meu problema. Depois disso, nunca mais produziram o efeito desejado.

— Não acredito que isso se deva a alguma coisa que eu tenha dito. Foi você que ganhou juízo.

— Talvez sim. Ou talvez a noite que passei na cadeia me tenha dado a volta. Mas não esteja à espera de que envie ao Tucker um ramo de flores a título de agradecimento.

— O que é que se passa entre vocês os dois?

— Ele detestou-me assim que me viu. Não sei porquê.

— Você é cabeça e meia mais alto do que ele.

— Oh, acha que é isso? – Depois, num tom mais sério, acrescentou: – Senti uma vontade quase irresistível de lhe dar um murro por a ter embaraçado.

— Isso não tem importância. Estou certa de que já toda a gente sabe que estávamos em sua casa ao amanhecer quando eles me informaram da morte da Stef.

Amelia voltou à bancada para preparar o seu chá e sentou-se defronte dele; Dawson desembrulhou o chocolate e partiu-o ao meio, dando-lhe uma das metades.

Ela trincou um pouco de chocolate, olhando para ele com uma expressão pensativa.

— Dawson, o que é que você está a fazer aqui?

— A beber um chocolate quente.

Ela fitou-o com cara de poucos amigos.

Sem saber bem como lhe responder, ele encolheu os ombros com uma expressão de constrangimento.

— Quer que eu me vá embora? – perguntou a Amelia, por fim, em voz baixa.

Ela mergulhou a saqueta de chá na água quente várias vezes antes de a deixar imersa.

— Conhecemo-nos há menos de uma semana. Estou numa situação de crise. Não sou capaz de compreender por que razão continua por aqui nem porque... – Amelia interrompeu-se, olhando para ele com um sorriso de esguelha. – Nem porque me sinto bem com a sua presença.

— É coisa que eu também não sou capaz de compreender. – Não foi difícil a Dawson ver que a sua resposta a surpreendeu. – Acredite quando lhe digo que não planeei nada disto.

— Disto...?

— Refiro-me a si, ao Hunter e ao Grant, às histórias antes de dormirem. – Olhou na direção do boião dos biscoitos que tinha o focinho sorridente de um urso. – É uma situação que não tem absolutamente nada a ver com uma zona de guerra, mas que quase deixa os nervos em franja a um homem como eu.

— Nesse caso, o que é que está a fazer aqui?

Porque agora já era tarde de mais para ele poder bater em retirada sem sentir que estaria a abandoná-los. Devia ter-se mantido afastado deles. Mas não tinha feito isso. Esta profundamente envolvido e não havia como retroceder sem ficar malvisto. Ao que acrescia o facto de não querer deixá-los. Não era capaz de lhe explicar porquê, pois ele próprio não conseguia explicar a si mesmo o que se passava consigo. A não ser que a desejava.

Isso era inegável. Mas qualquer envolvimento amoroso entre os dois só serviria para complicar a vida de ambos. A dela já estava num turbilhão, enquanto a sua não tinha por onde se lhe pegar.

Consequentemente, não era sensato nem honroso da sua parte fantasiar sequer acerca de fazer amor com ela.

Mas era o que fazia. Constantemente. Dawson pigarreou.

— Neste momento, você está a precisar de um amigo. É tão simples quanto isso. – Dawson estava a mentir-lhe, porque as coisas não eram assim tão simples.

Amelia observou-o atentamente durante vários segundos antes de baixar o olhar.

— Eu preciso de um amigo e você precisa de uma história para a sua reportagem.

— Não é por essa razão que estou aqui.

— Não será?

— Não. Que raio, não! – Quando ela levantou a cabeça, ele viu as dúvidas que continuavam espelhadas nos olhos dela. – Amelia, o meu sentido de objetividade foi por água abaixo no instante em que a vi. E você sabe isso perfeitamente.

Decorrido um longo momento de partilha de olhares fixos, Amelia concentrou toda a sua atenção em tirar a saqueta de chá da caneca antes de beber um gole. Em seguida, observou-o a comer a sua porção de chocolate, que acompanhou com um pouco de cacau quente.

— Isso é uma grande quantidade de chocolate. A cafeína não vai impedi-lo de dormir?

— Se tiver sorte. Sabe bem o que é que me acontece quando durmo.

A alusão ao pesadelo dele trouxe ao pensamento de Amelia a recordação do que aconteceu a seguir: o beijo. Ficou a pairar entre os dois, tão real como o vapor que evolava das canecas que continham as bebidas quentes. A atmosfera na cozinha dava a impressão de estar a pressurizar-se, mas eles não desviaram o olhar um do outro.

— Nunca lhe agradeci apropriadamente – começou Dawson a dizer – por ter estado presente quando despertei do pesadelo.

Ela fez um movimento, com que pretendia tirar importância ao assunto, quase tão impercetível que teria passado despercebido a quem não estivesse a comê-la com os olhos.

Dawson queria dizer-lhe quantas vezes desde essa noite tinha pensado nesse beijo e quão ansiosamente desejava repeti-lo, o quanto ansiava por poder voltar a tocar-lhe, *agora*. Abraçá-la, acariciar-lhe a pele macia, sentir a respiração dela na sua face, ter o seu corpo nu e cálido a movimentar-se debaixo dele, estar dentro dela.

Se ela tivesse conhecimento da natureza lasciva dos pensamentos de Dawson e o quanto lhe era difícil não pô-los em prática, não se sentiria tão à vontade a tomar um chá na companhia dele.

Duvidava que Dawson se encontrasse ali apenas na qualidade de amigo. Mas a verdade é que ele não conseguia impedir-se de ter aqueles pensamentos e desejar ardentemente que a situação fosse outra.

Pensou que seria justo dar-lhe a saber o que lhe ia pela mente.

— Se eu pudesse tê-la junto de mim depois de cada pesadelo, teria dez pesadelos todas as noites.

Continuavam a entreolhar-se fixamente quando o telemóvel de Dawson tocou, o que talvez fosse pelo melhor, uma vez que a determinação dele em não voltar a tocar-lhe quase se dissipara por completo.

Dawson atendeu em alta voz.

— Estou a chegar – disse Headly. – Não dispares.

Sem lhe dar resposta, Dawson desligou.

— O que faz me recorda de uma coisa – disse a Amelia. – Talvez seja melhor voltar a trazer sempre consigo o gás pimenta em aerossol. E, por amor de Deus, nunca se esqueça do telemóvel.

— Não ter o telemóvel comigo foi um descuido imperdoável. Não ouvi os seus telefonemas e o gás pimenta ficou dentro da mala que deixei ao fundo das escadas. Mas se o tivesse tido à mão, o mais certo teria sido você a levar com ele na cara. Por que razão não se identificou de imediato?

— Para o caso de o Jeremy estar aqui consigo. O Headly não queria que lhe déssemos algum indício da nossa presença.

— Quase desejo que a situação se tivesse desenrolado dessa maneira – retorquiu Amelia com um suspiro.

— Não! – contrapôs Dawson enfaticamente. – Não queria nada disso.

— Pelo menos, nesta altura já o assunto estaria encerrado – redarguiu Amelia.

— É verdade. Mas, muito provavelmente, você também estaria morta.

Diário de Flora Stimel – 16 de abril de 1984

Ontem matámos três pessoas. Na noite passada foi tal a festança que toda a gente, exceto eu, continua inconsciente.

Foi um grande dia para nós, não só porque o assalto se revelou um sucesso (mais de sessenta mil dólares), mas também porque era o último dia da entrega

da declaração de rendimentos. O que foi simbólico. A maneira de o Carl escarnecer do Governo federal.

Não me sinto muito mal por causa dos dois homens que estavam de guarda à carrinha blindada.

Eles foram descuidados e – quando se pensa nisso – faltaram às suas responsabilidades para com aqueles para quem trabalham. Como o Carl diz, se tivessem cumprido as suas obrigações da maneira como deviam ter feito, continuariam vivos, o dinheiro continuaria na carrinha e nós é que estaríamos mortos. Nenhum de nós ficou ferido; apenas eu parti uma unha quando empurrei a nossa refém para a traseira da carrinha.

Ainda não sei como é que ela se chama. Nas notícias disseram que a identidade dela não será revelada até a família ser informada do que aconteceu.

Ela era de ascendência hispânica. Tinha alguns cabelos grisalhos. Quando era mais nova, devia ser bonita. Usava uns brincos em ouro na forma de pequenos crucifixos. Estava com um medo de morte quando fugimos velozmente depois do assalto; começou a chorar e a lamuriar-se em espanhol. Não sei falar essa língua, mas suponho que tenha estado a implorar que lhe poupássemos a vida. O Carl estava num grande frenesim para fugir, a gritar constantemente ao Mel para que conduzisse mais depressa.

O Carl estava muito nervoso, porque ter feito uma refém não fazia parte dos planos, e ele gosta de se cingir estritamente ao plano. Mas o motorista da carrinha blindada deve ter enviado um sinal de alarme silencioso antes de o Carl o ter abatido, porque apareceu um carro-patrulha a toda a velocidade, como que caído do céu, apanhando-nos a todos de surpresa.

A senhora mexicana era uma transeunte inocente – foi como o repórter a designou. O Carl agarrou-a e empurrou-a na minha direção, dizendo-me que a metesse na carrinha enquanto ele fazia frente ao polícia, que, ao ver que ela havia sido feita refém, não retribuiu os tiros dele. Mas isso não impediu que o Carl o atingisse a tiro. Está internado no hospital em estado muito crítico.

Na televisão, mostraram todos os polícias que foram ao hospital para lhe demonstrarem o seu apoio. O Carl riu-se e disse que era uma pena que não pudéssemos atacar o hospital para os abatermos a todos de uma vez, o que nos pouparia problemas mais tarde.

Seja como for, de volta à senhora mexicana, ela não fez o que o Carl mandou. Continuou a chorar e a lamuriar-se como uma histérica e a choramingar de uma maneira insuportável. Mas eu nunca tinha ouvido um estrondo tão grande como o disparo da pistola dentro daquela carrinha.

Depois de o Carl a ter abatido, fez-se um silêncio horrível, exceto o zumbido que ficou a ecoar nos meus ouvidos. Suponho que isso também tenha acontecido ao Carl e ao Mel, porque ninguém disse nada durante muito tempo.

Deixámos o corpo dela nessa carrinha quando passámos para outra. Penso que por eu lhe ter tocado, eles são capazes de recolher provas nas roupas dela que nos poderão incriminar. Desde que enveredámos por esta vida, já há mais de dez anos, os polícias federais ficaram muito mais espertos no que diz respeito à perícia criminal, e coisas assim.

Às vezes, quem me dera que pudéssemos desistir desta vida, ir buscar o Jeremy e estabelecermo-nos num lugar qualquer sossegado e bonito, passarmos a ser uma família normal. O Jeremy já anda na terceira classe. Tem boas notas na escola e pertence a uma equipa de futebol de infantis.

Duvido muito que alguma vez o veja jogar, mas a semana passada pude falar com ele pelo telefone durante dez minutos completos.

O Carl diz que talvez possamos vê-lo no próximo mês. Espero que sim, mas depois de tudo o que aconteceu hoje, o mais certo é ele não querer arriscar-se a isso. Até ao momento, ainda ninguém sabe da existência da Patricia e do Randy. Quem os vir, dirá que são os pais perfeitos de uma série da televisão. Mas o Carl diz que se uma pessoa deixa de ser cuidadosa, é logo apanhada. E

se fôssemos apanhados, isso poria fim para sempre à possibilidade de voltarmos a ver o Jeremy.

Eles meter-nos-iam na prisão durante muito, mas mesmo muito tempo, se é que não decidissem esquecer essa parte, executando-nos sem mais demora.

Mas lá voltei eu a desviar-me do assunto. (O Jeremy nunca me sai do pensamento!) Deixámos o corpo dessa senhora mexicana na tal carrinha que abandonámos. Quando chegámos a este esconderijo, já todos nos tínhamos acalmado e começámos a respirar com mais tranquilidade.

Carl afirmou que o dia tinha sido um êxito, especialmente depois de termos contado o dinheiro.

E foi nessa altura que a festa começou. Todos se embebedaram. Fumei e bebi mais do que o costume, porque estava um pouco incomodada com a maneira como o Carl tinha disparado contra aquela mulher, só porque ela não parava de choramingar. Não tínhamos nada contra ela. Não estava de guarda à carrinha blindada. Só teve a pouca sorte de estar no lugar errado à hora errada. Parecia ter uns quarenta e cinco anos, o que quase garantia que era casada, que tinha filhos e talvez até netos. E era mais forte do que eu sentir pena da família dela. Essas pessoas não terão festejado ontem à noite.

Este foi o primeiro trabalho que o Mel fez connosco. Foi-nos recomendado como um motorista com nervos de aço. E fez jus à sua reputação, tendo conseguido tirar-nos de lá para fora, portanto, calculo que o Carl tenha pensado que ele merecia uma recompensa. Eu.

Odeio quando ele deixa que outro homem, já sabem a que me refiro, se ponha em mim. Porque depois de o Carl ter curado a bebedeira, ele fica furioso comigo, como se a iniciativa tivesse sido minha. Quando, verdade seja dita, era coisa que nunca me agradava. Faz com que me sinta conspurcada – como se eu fosse uma galdéria. E começo a pensar que se não valho mais para ele do que isso, ele talvez decida deixar-me para trás se alguma vez estivermos encurralados.

Mas não acredito realmente que ele me fizesse isso. Ele não me deixou para trás em Golden Branch quando tive quase a certeza absoluta de que ele faria isso.

Apesar de tudo, se ele alguma vez me apanhasse com este diário, não hesitaria em dar-me uma sova de criar bicho. Nem sequer quero pensar em como ele ficaria furioso. Até é possível que me desse a alguém como o Mel para nunca mais voltar a aceitar-me.

Capítulo 17

Jeremy Wesson coçava indolentemente a barba cerrada enquanto ouvia o noticiário das vinte e duas horas de uma estação de rádio local, que lhe proporcionou um sumário do depoimento de Willard Strong no seu julgamento naquele dia.

Havia uma diferença de algumas horas na sequência dos acontecimentos apresentada por Willard, mas, tirando isso, aquilo de que ele se recordava e as suas suposições não andavam muito longe da realidade dos factos, com referência a como as coisas se haviam desenrolado no dia em que Jeremy lhe matara a mulher com a caçadeira, enquanto Willard curava uma bebedeira na cabina da pequena carrinha de caixa aberta.

Se um júri acreditaria na explicação de Willard ou não, era algo que mais adiante se veria, mas a situação não parecia nada auspiciosa para o acusado. Jeremy não guardava nenhum ressentimento pessoal contra Willard, que fora escolhido para desempenhar um papel essencial, tendo servido o objetivo bastante bem. Parecia talhado para o papel e desempenhara-o na perfeição. E se Jeremy não tivesse orquestrado esses acontecimentos, Willard possuía uma natureza tão violenta que, mais cedo ou mais tarde, ele próprio teria acabado por matar tanto Jeremy como Darlene por o terem enganado.

No entanto, nunca houve oportunidade para que isso se concretizasse. Jeremy havia manipulado tudo o que acontecera do princípio ao fim. A condenação de Willard finalizaria o acordo, por assim dizer. Na mente de toda a gente, eliminadas quaisquer dúvidas fundadas, concluir-se-ia que Jeremy Wesson teria morrido juntamente com a pobre Darlene.

A missão – que se destinava a estabelecer a ruína de Jeremy Wesson como testemunho da torpeza dos Estados Unidos da América – tinha sido planeada até ao mais ínfimo pormenor e levada a cabo meticulosamente. Ele apresentara a fachada de um indivíduo que, aparentemente, possuía tudo o que qualquer homem pudesse desejar:

uma mulher deslumbrante, um sogro com quem não podia dar-se melhor, dois filhos perfeitos, um futuro risonho. A destruição desse sonho americano tinha ocorrido ao regressar da guerra – psicologicamente afetado, autodestrutivo e tragicamente a caminho de um fim desastroso.

Foram necessários vários anos para pôr esse plano em prática e algumas das facetas do seu caráter, que fora forçado a adotar, tinham sido mais fáceis de manter e adaptar do que outras.

Tornara-se um bom fuzileiro. Aplicar as suas capacidades de atirador de elite tinha sido como se fizessem parte da sua natureza, tal como dar instrução a outros. Agradara-lhe a camaradagem, em particular durante as suas missões no Médio Oriente. Chegara mesmo ao ponto de estabelecer algumas amizades, a que mais tarde teve de pôr fim. É claro que não engolira a treta do dogma de «Por Deus e Pela Pátria». Fora forçado a fingir isso, o que fizera de maneira extremamente convincente.

Conseguir fazer a corte a Amelia Nolan tinha sido um desafio muito maior. A sua inexperiência não era inteiramente fingida. Sentia-se muito mais à vontade nas casernas militares do que num salão de baile. Randy e Patricia trataram de lhe ensinar as regras básicas de comportamento, além disso, estivera presente em funções oficiais em número suficiente para saber como conduzir-se em eventos formais.

Todavia, os Nolan viviam numa sociedade bastante exclusiva, que o intimidou como nenhum alvo inimigo o intimidara até então. A etiqueta da alta sociedade sulista não havia sido escrita em nenhum livro, não obstante, todos os que formavam o círculo social dos Nolan pareciam conhecê-la a fundo.

Foram muitas as vezes em que reconsiderou a escolha da mulher a que devia fazer a corte com o objetivo de vir a desposá-la. Pensou que a fasquia talvez devesse estar um pouco mais baixa.

No entanto, e para sua grande surpresa, a sua maneira desajeitada tornara-o mais encantador aos olhos de Amelia, e não menos. Sendo diferente dos jovens galantes a que estava acostumada, era aí que residia o seu atrativo. As gafes de etiqueta encantavam-na mais do que a

constrangiam. Depois de Jeremy se ter apercebido disso, decidiu manter a mesma atitude, transformando-se num cachorrinho dócil, cujos esforços eram ardentes, ainda que atabalhoados, mostrando-se ansioso por cair nas boas graças dela.

O embuste, até certo ponto, produziu um efeito contraproducente, porque a aceitação incondicional da parte dela fez com que ele se apaixonasse. Um pouco. Muito mais do que ele teria desejado.

Jeremy esperava não sentir nada por ela, nem por tudo o que ela representava, além de desprezo – a riqueza, a rapacidade e a ganância dos Estados Unidos da América.

Com muita frequência, desejava que ela não o amasse tanto. Se ela tivesse sido uma mulher dada a fazer juízos de valor e a criticar os outros, se o tratasse com condescendência, se tivesse procedido com intolerância perante o seu estado psíquico de stresse pós-traumático, em vez de se mostrar extremamente preocupada, a sua missão teria sido muito mais fácil. O objetivo dele tinha sido quebrá-la, e não quebrar-lhe o coração.

Também quisera desprezar, com todas as veras da sua alma, o sogro e a sua cretinice sempre com a pátria na ponta da língua. Escarnecia da sua orientação política e da do governo que ele representava, contudo, tinha chegado à conclusão de que esse grau de antipatia exigia muito trabalho em virtude da personalidade do homem. Nolan era um cavalheiro generoso e justo.

Mas o pior ato de toda esta representação havia sido a evolução de um pai carinhoso num bêbado violento e abrutalhado que os próprios filhos temiam. Em vez de correrem para ele de braços abertos e muito sorridentes por ter chegado a casa, passaram a ficar amedrontados sempre que ele entrava numa divisão tremendo quando ele elevava o tom de voz. Teria de compensá-los por muita coisa.

E não tardaria a poder fazê-lo.

Decorrido tanto tempo, o seu objetivo encontrava-se a apenas alguns anos de ser alcançado.

Willard Strong seria condenado pelo assassinato de Darlene e, por arrastamento, pelo de Jeremy Wesson. Depois de isso acontecer, poderia começar a travar a sua guerra pessoal com toda a impunidade. Teria oportunidade de criar uma grande devastação em todos os asquerosos cinquenta estados do país, com a vantagem de ninguém procurar um homem que estava morto.

Mas ainda *havia* um pequeno empecilho de que precisava de se livrar.

Ficara extremamente chocado quando soube que a mulher que foi encontrada morta nas traseiras do Mickey's não era Amelia. Continuava sem querer acreditar que se tinha enganado, pensando que a outra mulher era ela.

No dia do temporal, as águas do oceano tinham ficado tão picadas que ele decidira não navegar até Savannah, tendo optado por atracar a embarcação em Saint Nelda. Não estivera muitas vezes na ilha, pelo que a possibilidade de poder vir a ser reconhecido era algo que não o preocupava.

Se por acaso se cruzasse com alguém que tivesse conhecido Jeremy Wesson, continuava a ser muito difícil que o reconhecessem com uma barba tão densa que lhe ocultava o terço inferior do rosto e com o boné de pala que usava para esconder a parte da cabeça sem couro cabeludo que ele próprio tinha cortado, atirando-o para o canil. Durante os quinze meses em que se mantivera escondido, também engordara cerca de quinze quilos.

Portanto, quando atracou ao ancoradouro de Saint Nelda durante a chuva torrencial, não sentira receio de ser encontrado. Mantivera-se no interior da casa do leme a beber uma caneca de café enquanto observava a aldeia alagada pela chuva, quando a avistou.

A chuva funcionara como uma cortina e já estava muito escuro. Era muito possível que ela lhe tivesse passado despercebida se não fosse o impermeável. Aquele impermeável tão feio e de cores berrantes que Amelia tinha comprado em Charleston era difícil de passar despercebido, até mesmo à luz fraca que vinha do supermercado.

Durante os quatrocentos e oitenta e tal dias desde que deixara os malditos cães a lutar pelos restos mortais de Darlene tinha esperado pela melhor oportunidade para acabar com a vida de Amelia e poder ficar com os filhos. Teria sido uma loucura tentar alguma coisa tão disparatada como raptar Hunter e Grant enquanto Amelia permanecesse como uma peça-chave no julgamento de Willard, além de continuar a ser com frequência notícia nos meios de comunicação social. Para mais, ele sabia que o testemunho dela ajudaria a condenar Willard, facto que ele não quisera prejudicar.

Mas ao longo desses dias e noites entediantes de solidão, Jeremy considerara várias possibilidades, pensando afincadamente na melhor maneira de a eliminar quando a ocasião fosse a mais propícia. Procurava uma alternativa que não fosse a morte dela, porque... Bem, só porque.

No entanto, corria o risco de planear em demasia. Por vezes, uma pessoa podia perder a oportunidade enquanto procurava a melhor estratégia. Quando uma benesse nos caía do céu, era praticamente obrigatório aceitar a dádiva oferecida pelo destino, não era verdade?

Reivindicar a tutela dos filhos seria mais fácil de conseguir com a mãe deles permanentemente fora de cena. A injustiça subjacente a isso poderia ser avaliada mais tarde. Mas naquele momento viu-se forçado a agir.

Tinha pousado o café, tirara um martelo de bola da caixa de ferramentas, escondendo-o por dentro do impermeável. Um homem a correr sob a chuva torrencial não levantaria quaisquer suspeitas. Mas isso não importava, porque ele conseguiu chegar ao parque de estacionamento nas traseiras do Mickey's sem ter sido visto por ninguém.

Agachou-se atrás do contentor do lixo e esperou.

Mas – *que se lixasse tudo* – quando ela saiu do estabelecimento, o fulano estava com ela, o mesmo que tinha estado a brincar na praia com os seus filhos, o desconhecido alto e magro com quem Amelia tinha estado sentada no alpendre da casa dela na noite anterior, em cadeiras de balouço lado a lado, enquanto bebiam um copo de vinho.

De cabeça baixa, correram para o carro dela. Conseguia ouvi-los rirem-se enquanto se esquivavam das poças de água. O indivíduo abriu a porta de trás, colocando as compras no chão da viatura. Ela abriu a porta do lado do passageiro da frente e atirou a mala de mão para o assento. Despediram-se rapidamente, após o que ele se apressou a afastar-se, voltando para o estabelecimento.

Ao contornar o automóvel pela parte de trás, ela deixou cair as chaves. Baixou-se para as apanhar do chão. Jeremy aproveitou o momento. Não pensou no rosto dela, nos olhos, no corpo com que fizera amor. Não pensou na natureza generosa, no riso melodioso, nem no franzir de testa tão engraçado quando ela se concentrava. Não pensou em nada da sua humanidade. Ela era um alvo, semelhante às dezenas de alvos que ele abatera no Iraque e no Afeganistão a centenas de metros de distância. Ela tinha de desaparecer. E era a isso que a situação se resumia.

Jeremy ouviu o som e sentiu o osso ceder quando o martelo lhe fraturou o crânio, apenas infimamente amortecido pelo capuz do impermeável.

Sem nunca se aperceber do que a atingira, ela caíra de cara para baixo na lama. Ele pegou-lhe por um tornozelo e arrastou-a para trás do contentor do lixo. Endireitou o capuz que lhe cobria a cabeça.

Em seguida, correu de volta para o barco. Tinha sido extraordinariamente fácil e rápido. Nem sequer passara tempo suficiente para o seu café arrefecer.

O tipo que quase estragara tudo chamava-se Dawson Scott. Era um repórter importante de uma revista. Jeremy tinha ficado a saber tudo a respeito dele naquela manhã enquanto comia um suculento pequeno-almoço de salsichas numa área de descanso muito frequentada por camionistas, na estrada Interestadual-95. Estava sentado ao balcão de maneira a poder ver o televisor montado na parede acima do balcão.

O porta-voz do gabinete do xerife era acanhado, mas quando pressionado pelos repórteres, disselhes que Dawson Scott tinha passado a noite na cadeia, continuando a ser uma pessoa em que as autoridades

estavam interessadas no que dizia respeito ao assassínio da rapariga. Jeremy teve de fazer um esforço enorme para não desatar a rir às gargalhadas.

Os detetives que procediam à investigação também andavam a interrogar outro indivíduo. Jeremy já não se lembrava do nome dele, mas isso era inconsequente. O que interessava era que eles *não* procuravam o falecido Jeremy Wesson.

Ele sentir-se-ia às mil maravilhas se não fosse aquele contratempo: teria de encontrar outra maneira de resolver o assunto Amelia.

Esperava ansiosamente pelo dia em que pudesse deixar aquela cabina, com as suas paredes bolorentas, cama desconfortável, gerador ruidoso e fogão que cheirava a gás sempre que o usava.

Parecia que toda a bicharada rastejante da Carolina do Sul conhecia o caminho para a embarcação.

Nem sequer era capaz de identificar a maior parte dessas criaturas, que varria sempre que voltava para a cabina.

A única vantagem era ninguém saber que estava ali.

Razão por que, assim que desligou o rádio e ouviu um pequeno barulho abafado, indicando-lhe que alguém acabara de chegar ao alpendre, reagiu reflexivamente. Um puxão no cordão encardido apagou a única luz no teto. Deslocando-se silenciosamente e com agilidade através do soalho desnivelado de madeira dura, sacou da pistola que trazia por dentro do cós, espalmando-se contra a parede junto da parte de dentro da porta.

Pela força do hábito, tinha sempre uma bala na pistola pronta a ser disparada. Ergueu a arma até à altura do queixo. Susteve a respiração e ficou à espera.

Jeremy ouviu a maçaneta girar quase impercetivelmente e mais nada depois disso. Mas até mesmo sem esse indicador, um rangido metálico quase inaudível, ele ter-se-ia apercebido de que havia alguém no outro lado da porta. Sentia uma presença, que constituía um sinal de perigo, e diabos o levassem se ia ficar à espera, permitindo que um polícia labrego o prendesse. Ou que tentasse.

Agarrou a maçaneta da porta e abriu-a de repente, apontando pela abertura a pistola, que ficou a escassos centímetros da testa do outro homem.

Jeremy soltou a respiração e deixou que o braço pendesse.

— Porra, pai, por pouco não te alvejei.

Mostrando-se agitado, Headly entrou de rompante na cozinha pela casa das máquinas de lavar.

Olhando em volta, reparou no invólucro do chocolate em cima da mesa.

— Tens mais *Hershey's*?

— Acabaram-se agora mesmo – respondeu Dawson.

Amelia ofereceu-se para lhe preparar um chocolate quente.

— Isso seria ótimo, obrigado. – Puxou uma cadeira da mesa da cozinha, sentando-se. – Como é que estás? – perguntou a Dawson, que soergueu os ombros.

— Estou bem. Porque é que continuas a fazer-me a mesma pergunta?

Headly abriu a boca como se estivesse preparado para lhe responder, mas depois pareceu ter mudado de ideias. Em vez de lhe dar resposta, virou-se para Amelia, perguntando-lhe por Hunter e por Grant.

— Quando eles chegaram aqui, estavam bastante agitados. Foi preciso ler-lhes duas histórias para adormecerem.

— Tenho a certeza de que ficaram todos satisfeitos por a mãe os ter aconchegado na cama.

— Para lhe dizer a verdade, foi o Dawson quem os pôs na cama.

O olhar de Headly voltou a fixar-se em Dawson, não o desviando até este lhe perguntar num tom beligerante: – Entraste aqui como se tivesses fogo no rabo. O que é que se passa?

— Relativamente ao barco em que reparou – disse Headly, dirigindo-se a Amelia e fazendo um acenar de cabeça de agradecimento quando ela lhe pôs o chocolate quente à frente. – As patrulhas de rotina da Guarda Costeira tomaram nota dele por se ter mantido ancorado ao largo da costa durante vários dias. Mas disseram que se tratava apenas

de um sujeito que andava a pescar. Nada de suspeito. Sem qualquer contacto com outras embarcações.

— Registaram o nome dessa embarcação? – perguntou-lhe Dawson.

— *CandyCane* – respondeu Headly, fazendo uma pausa como se estivesse à espera de uma risada da parte de um deles. – Nada? – perguntou, olhando para Amelia.

— De que eu tenha conhecimento, o Jeremy nunca saía de barco e pescava muito pouco.

— Onde é que essa embarcação está registada? – perguntou Dawson.

— Em Rhode Island. Mas em nome de um proprietário que não existe.

Amelia trocou um olhar com Dawson; quando voltou a concertar a sua atenção em Headly, este prosseguiu.

— Não sabemos se existe alguma relação entre o Jeremy e o *CandyCane* e não saberemos até encontrarmos o barco. Mas ajusta-se à situação. Manteve-se ao largo da costa e à vista da sua casa durante vários dias, altura em que aconteceram coisas esquisitas e em que começou a sentir que estava a ser observada. E... – Headly interrompeu-se para beber um pouco do seu chocolate quente – ... atracou no ancoradouro da ilha de Saint Nelda na tarde de segunda-feira.

— A uma curta distância do local onde a Stef foi assassinada – adiantou Dawson.

— O homem que trabalha no posto de combustíveis dirigiu-se ao tripulante da embarcação para lhe dizer que estava com pouca sorte se precisasse de abastecer. Não havia energia elétrica, pelo que as bombas estavam encerradas.

— Devo ter sido o último cliente dele – comentou Dawson.

— Sim, foste, o que ele confirmou ao Tucker. De qualquer maneira, o tripulante, a única pessoa que se encontrava a bordo, tanto quanto o homem pôde constatar, disse que só estava à espera que o temporal amainasse.

— O homem do posto de combustíveis reparou na hora a que o barco se fez ao mar?

— Não. Encerrou o posto e foi para o apartamento nas traseiras da loja de venda de isco para a pesca. Disse que ficou a ler à luz de uma lanterna, e depois foi para a cama. Na manhã seguinte, viu que o *CandyCane* já tinha zarpado. E é tudo o que ele sabe. Mas duvido muito que o Jeremy se tenha mantido por perto durante muito tempo depois de ter assassinado a rapariga.

Sempre que aquele assunto era mencionado, Amelia ficava perturbada. Funcionava como devia, mas sempre que Jeremy era citado como sendo o assassino de Stef, isso afetava-a profunda e cruelmente. Continuava a sentir que lhe era impossível aceitar essa probabilidade.

O crime fora levado a cabo tão deliberadamente e com uma violência tão gratuita que ela tentava imaginar a cometê-lo o homem afetuoso e sorridente com quem trocara votos matrimoniais, o mesmo que pegara em Hunter ao colo pela primeira vez de uma maneira tão ternamente desajeitada, que tinha balouçado Grant nos braços até este gritar deliciado.

Na sua mente, estas imagens de Jeremy como marido e pai, comparadas com as de Jeremy, o assassino, eram irreconciliáveis. Era-lhe ainda mais difícil imaginar esse grau de perversidade no homem de quem fugira na noite em que ele a agrediu fisicamente.

Quantas fachadas tinham sido apresentadas por Jeremy? Qual era a que correspondia ao verdadeiro Jeremy? Alguma vez viria a inteirar-se disso? E queria vir a saber?

Os seus pensamentos voltaram ao presente e a Dawson, que entretanto perguntava a Headly por que motivo Tucker não se dera até agora ao trabalho de perguntar quais as embarcações que haviam aportado a Saint Nelda no domingo.

— Perguntou. As pessoas que vivem ou trabalham nas proximidades do cais foram interrogadas. O

fulano que trabalha no posto de combustíveis mencionou o *CandyCane*, mas o Tucker não deu andamento ao assunto por ter pensado que não seria necessário. Tu e o Arneson eram perspetivas mais plausíveis.

— Qual era o aspeto físico do tripulante dessa embarcação? – perguntou Amelia.

— Era corpulento e tinha uma barba cerrada.

— A corpulência não tem nada a ver com o Jeremy.

— É tão fácil aumentar de peso como deixar crescer a barba – adiantou Dawson. – Só leva algum tempo, coisa que não lhe faltava.

Headly acabou de beber o seu chocolate quente e empurrou a caneca para o lado, de modo a poder inclinar-se por cima do tampo da mesa.

— Amelia, preciso que me diga tudo o que recordar a respeito dele.

— Já lhe disse tudo o que me ocorreu.

— Nem de longe, nem de perto. Precisa de ir até ao fundo da sua memória. Amigos, inimigos, simpatias, antipatias, medos, fobias, pessoas, lugares e coisas, o que quer que seja de que ele lhe tenha falado, qualquer nome que ele mencionou. Qualquer recibo que ele tenha deixado em cima da cómoda. Uma carteira de fósforos. Um *post-it* qualquer. O bilhete de um cinema. Um itinerário.

— Está a falar de vários anos! – exclamou ela.

— Apercebo-me disso. Mas a verdade é que o Jeremy provou ser um homem muito expedito.

Conseguiu com sucesso fingir a sua própria morte durante mais de um ano. É possível que a tenha mantido sob vigilância durante todo esse tempo, sem que a Amelia se apercebesse da presença dele.

Ele quer os filhos e...

— Não sabe isso ao certo.

— Nesse caso, porque não desapareceu ele desta área há muito tempo? Por que razão matou uma rapariga que nem sequer conhecia, a menos que se tenha enganado, pensando que era você?

Amelia olhou para Dawson.

— Sabe o que eu penso – disse este.

Sim, ele já tinha debatido com ela esses mesmos aspetos da situação.

— Ele quer os filhos, Amelia – disse Headly suavemente. – E você é um obstáculo a eliminar.

— Está a assustar-me – retorquiu ela, envolvendo-se fortemente nos seus próprios braços.

— E deve sentir-se assustada – afirmou Dawson. – *Precisa* de ter medo. Porque este tipo não está a brincar, e se alguma vez teve dúvidas quanto a isso, só precisa de pensar na maneira perversa como ele matou a Darlene e depois a Stef. Ambas mulheres indefesas. A sangue-frio. Pense nisso. Não se esqueça de quem é o pai dele.

Recordando-se da fotografia de Carl Wingert, a qual, inexplicavelmente, exercera um estranho fascínio nela, lembrou-se da crueldade que tinha definido as suas feições. Visualizou a fisionomia de Jeremy durante uma das suas arengas empoladas, e conquanto as feições dos dois não tivessem parecenças, a intensidade da malevolência era idêntica.

— É claro que farei tudo o que estiver ao meu alcance para proteger os meus filhos – disse Amelia, resignada e respirando fundo.

Headly pareceu ter ficado satisfeito.

— Com um pouco de sorte, ele cometerá um erro que o irá desmascarar. O que já aconteceu com a impressão digital. Tal como o Carl – acrescentou Headly, rindo-se à socapa. – As impressões digitais do sacana manhoso não constavam de nenhum registo, o que constituiu uma enorme frustração para os que, como nós, tentavam apanhá-lo.

— Isto é, não até finais dos anos oitenta, quando ele usou uma bomba de fabrico caseiro para fazer explodir um camião dos serviços postais. Foi a primeira e a última vez que ele recorreu a explosivos, porque, aparentemente, não era muito competente a manuseá-los. A coisa explodiu assim que o Carl a instalou. É extraordinário que não o tenha matado, mas tudo o que perdeu foi um polegar e o dedo indicador. Também deixou a impressão digital do dedo médio num dos fragmentos da bomba. Nós não...

Headly calou-se, pois deve ter-se apercebido de que tanto Amelia como Dawson o olhavam boquiabertos.

— Filho da puta... – disse este numa voz sibilada. Então, levantou-se da cadeira tão abruptamente que a tombou para trás. – *Grandes-síssimo*

filho da puta!

— O que é que foi? – perguntou Headly, autoritário.

— Dedos de que mão? – perguntou Amelia com falta de ar. – Qual é a mão em que lhe faltam esses dedos?

— A mão esquerda.

Amelia levou a mão à boca, sufocando uma exclamação. Dawson falou por ela.

— Ele é o Bernie.



Capítulo 18

—Chiça, não tenho palavras para te dizer como me sinto satisfeito por me ver livre deste disfarce de velhadas.

Carl despiu pela cabeça a camisa cor-de-rosa berrante, enrolou-a e atirou-a para o caixote do lixo.

Tirou as lentes de contacto e suspirou de alívio.

— Detesto estas malditas coisas. – As lentes de contacto levaram o mesmo caminho da camisa. Não voltariam a ser necessárias. Bernie não voltaria a ser necessário.

Jeremy tirou duas cervejas do frigorífico enferrujado, e sacou-lhes as tampas, passando uma ao pai.

— Só estava à tua espera amanhã.

— Eu não contava deixar a ilha até amanhã, mas as coisas estavam a ficar muitos quentes por lá. – Enquanto trocava as bermudas axadrezadas por um par de calças de caqui, falou a Jeremy dos detetives que tinham estado em casa de Amelia nesse mesmo dia.

— Mas porquê tanto nervosismo? Não andavam à tua procura.

O ar trocista do filho irritou-o.

— Não escapei a ser capturado durante todo este tempo por ser descuidado. Quando os polícias se aproximam, trato de me pôr o mais longe e o mais depressa possível.

— Foste a casa do repórter na manhã de segunda-feira enquanto os polícias estavam lá.

— Em circunstâncias normais, nem sequer me teria aproximado da casa dele. Mas eis que tu decidiste matar a mulher errada. Além disso, tiveste de me telefonar; a propósito, não devias ter ligado para mim.

— Pai, já te expliquei para que servem os telemóveis descartáveis. É impossível identificar a pessoa que os comprou.

— Sim, mas não confio neles, nem em nenhuma de todas essas merdas das novas tecnologias. Não voltes a usar o telefone. Mas seja como for, gabaste-te de ter matado a Amelia. Não tardou muito para que eu tivesse o Dawson Scott a bater à minha porta das traseiras e a Amelia

confortavelmente instalada no assento do passageiro da frente do automóvel dele! Na manhã seguinte, não pude evitar ir a casa dela para ver o que se estava a passar. Tanto quanto eu sabia, eles estariam a dizer-lhe que o ex-marido, que se supunha ter falecido, assassinara a ama dos filhos.

— Um homem morto não pode ser suspeito de um assassínio.

— Tu podias ter sido identificado pelo tipo que trabalha no posto de combustíveis.

— De maneira nenhuma. A conversa entre nós foi feita aos gritos durante, no máximo, quinze segundos devido à chuva, antes de ele voltar para a loja. Esteve sempre a cerca de vinte metros de mim. Eu não seria capaz de te descrever o aspeto dele. Por isso, é impossível que ele pudesse descrever-me.

— É bom que possas contar com isso.

— Não se pode dizer que eu continue a ter a aparência impecável de um fuzileiro – acrescentou Jeremy, dando uma palmadinha na barriga avantajada.

— E quanto ao barco?

— Já tratei desse assunto.

— Tens a certeza?

— Absoluta.

— A arma?

— No fundo do estreito.

— A verdade é que já chegaste longe de mais em relação a este assunto para poderes começar a cometer erros.

— Ninguém anda à minha procura. Está bem? – Levantando o polegar por cima do ombro, Jeremy disse: – Se estiveres com fome, comprei alguma comida.

— Daqui a pouco. Agora preciso de pensar.

Sentaram-se em cadeiras desirmanadas a beber cada um a sua cerveja. Jeremy foi o primeiro a falar.

— Como é que estão os meus rapazes?

— Estão bem; a última vez em que os vi foi na segunda-feira de manhã, quando os levei e à Amelia até ao barco. Quando falei com ela esta tarde, eles continuavam em casa do curador do museu.

Com uma expressão alheada, Jeremy pegou numa ponta solta do rótulo da garrafa de cerveja.

— Eles falam acerca de mim?

— Que eu tenha ouvido, não. – Reparando na expressão de tristeza de Jeremy, acrescentou: – Há muito tempo que não convives com eles. Vão ter de voltar a conhecer-te.

— Quando é que vamos poder reavê-los?

— Em primeiro lugar é preciso resolver o assunto da Amelia.

Jeremy agitou-se na cadeira.

— Quanto a isso, porque não nos limitamos a pegar nos rapazes e a desaparecer? Porque há de ela morrer?

— Porque ela nunca deixará de os procurar, é por isso, mais nada. Foste casado com ela, portanto, tens obrigação de saber isso. Mesmo depois de os polícias desistirem de os encontrar, ela jamais desistirá. Não te esqueças de que ela tem os meios económicos para poder contratar pessoas que descubram o nosso paradeiro. Não quero ter de me preocupar com isso durante o resto dos meus dias. Portanto, é melhor, muito simplesmente... – Calou-se e fez um gesto de quem cortava a garganta.

— Calculo que sim – resmungou Jeremy, bebendo um gole de cerveja.

— E também é preciso tratar disso rapidamente.

— Tens razão. Se vamos com isso para a frente, o melhor é resolver o assunto de uma vez por todas.

Quero ter os meus filhos comigo. Quanto mais tempo esperarmos, menos eles se lembrarão de mim.

Carl concordou com um murmúrio, mas prestava toda a sua atenção ao que Jeremy dizia.

— Há qualquer coisa que não bate certo – disse como se estivesse a pensar em voz alta.

— O que é que não bate certo?

— Esta situação – replicou Carl, acabando a sua cerveja, levantando-se e começando a andar de um lado para o outro. – Tenho a sensação de que há alguma coisa que me está a escapar, e quando isso acontece, uma pessoa é apanhada.

— A Amelia não suspeita que eu não tenha morrido, pois não?

— Não me deu qualquer indicação disso. Até mesmo quando hoje estive com ela, vi que estava profundamente perturbada com a morte da ama dos filhos; apesar disso, não se mostrou diferente do habitual, despedindo-se afetuosamente do seu querido Bernie. «Até ao próximo verão», foram as palavras de despedida dela. Estava triste por ter de fechar a casa e deixar a praia. Ela adora aquele lugar, tal como os miúdos. Eles brincam... – Aquilo fez com que se lembrasse de algo. – Onde é que estão as fotografias?

— Na gaveta de baixo da escrivaninha.

— Não há nenhuma minha, certo?

— Não. Foi a primeira coisa que procurei. Sei o que pensas em relação a fotografias nossas. A mãe contou-me como ficaste furioso com ela por a apanhares a tirar-me fotografias quando eu era criança.

Não fora nessa ocasião que ele ficara mais furioso com Flora, mas não havia necessidade nenhuma de Jeremy saber isso.

Foi buscar as fotografias – aparentemente, tiradas por Dawson Scott – na gaveta, todas presas por um clipe. Levou-as para a mesa de refeições para poder espalhá-las e vê-las melhor.

— Foi uma idiotice da tua parte teres-te apoderado delas – disse a Jeremy em tom de censura, juntando-se a ele à mesa.

— A curiosidade foi mais forte do que a minha força de vontade. Vi-vos saírem e depois vi-o caminhar até casa dela para deixar qualquer coisa debaixo do tapete da entrada. Ele estava todo aperaltado, e então deduzi que também se preparava para ir jantar fora, pelo que não voltaria tão cedo. Tive muito tempo até regressar para o *CandyCane*.

Carl continuava a pensar que o seu filho tinha sido irresponsável por ter ido a terra num pequeno barco a remos, no qual regressara à

embarcação. A margem para erro tinha sido enorme. E pelo quê?

As fotografias pareciam-lhe bastante inofensivas, não justificando, de maneira nenhuma, o risco que Jeremy correra para as obter.

Este pegou numa fotografia dos filhos a brincarem na rebentação das ondas.

— Uma vez que ele decidiu tirar estas fotografias, quem me dera que ele tivesse tirado mais dos rapazes e menos da Amelia.

— Mas por que motivo ele as terá tirado? – perguntou-se Carl. – Pesquisaste-o no computador?

— Nem sequer tive de procurar muito. Ele é precisamente o que afirma ser. Já ganhou prémios de jornalismo. Cobriu a guerra no Afeganistão para a revista em que trabalha. Na verdade, regressou de lá há muito pouco tempo.

— E então, o que é que ele anda a fazer por aqui?

— Para além de estar apaixonado pela Amelia? – retorquiu Jeremy, pegando numa fotografia dela.

— Acho que a paixão é correspondida – adiantou Carl.

— A sério?

— É inegável que existe alguma coisa. Ela ficou muito perturbada quando eu lhe disse que o tinha visto com a Stef.

— Achas que ela vai para a cama com ele?

— E isso incomoda-te?

— Realmente, não. Mas ficaria surpreendido, mais nada. As gravidezes aniquilaram-lhe a libido.

Carl não estava convencido da indiferença que Jeremy mostrava no tocante a Dawson Scott e Amelia, mas as suas apreensões relativas àquele homem eram muito mais sérias.

— O que está a incomodar-me – continuou Carl – é o facto de este jornalista ter aparecido, como se tivesse caído do céu, arrendando a casa ao lado da casa da tua ex-mulher e passado a relacionar-se com ela e com os teus filhos.

— Mas tu próprio disseste que ele estava a preparar uma reportagem acerca de mim, da Darlene e do Willard.

— Sim, foi o que eu disse, mas...

— Que mais poderia ser?

— Não sei – resmungou Carl. – E é isso que me preocupa.

— Faz todo o sentido que ele quisesse entrevistar a Amelia para saber de coisas sobre a nossa vida enquanto estivemos casados.

— Isso é verdade. Mas parece-me que ele se deu a muito trabalho para fazer a cobertura de um julgamento por assassínio na remota Savannah.

— O homem foi à porra do Afeganistão à procura de motivos de reportagem! – retorquiu Jeremy, rindo-se.

Carl virou-se para o filho e deve ter-lhe transmitido um indício da sua cólera crescente, porque o riso deste esfumou-se.

— Estás a mangar com o teu velho?

— Não, pai.

— Achas que estou a perder o juízo?

— Claro que não.

— Pensas que és mais esperto do que eu?

— Não! Credo!

— Houve outros que pensaram que eram mais espertos do que eu. Não prestaram atenção ao que eu lhes disse, e queres saber uma coisa? Ou estão mortos, ou andam à pancada com maricas na porra da prisão para se livrarem deles!

— Pai, eu...

— No dia em que pensares que és mais esperto do que eu...

— Eu nem sequer penso isso – atalhou Jeremy.

— ... será o dia em que serás abatido por alguém. – A mão esquerda de Carl estava estropiada, mas a direita funcionava na perfeição, imprimindo mais ênfase àquelas últimas palavras ao espetar o dedo indicador no peito de Jeremy. Carl fitou-o com um olhar duro durante um longo momento, dando-lhe tempo para que interiorizasse a mensagem, após o que afastou a mão e lhe virou costas. – Estou com fome.

Prepararam sandes muito bem recheadas de várias carnes frias e queijos. O congelador não era grande coisa, pelo que o gelado estava demasiado mole, mas o sabor era bom. Enquanto bebiam o café, retomaram a conversa anterior.

— Ouve uma coisa, filho – começou Carl a dizer. – Às vezes fico um bocado rabugento.

Compreendo que estejas ansioso por ter os teus filhos contigo. Que diabo, eu próprio mal posso esperar pelo dia em que passaremos a viver todos juntos.

— Eles vão adorar viver na Colúmbia Britânica. Ainda me recordo desses dias passados lá como sendo os melhores da minha vida.

Durante umas férias de verão, Carl concordara em encontrar-se com os Wesson – ao cabo de tantos anos, até mesmo ele começara a pensar em Randy e Patricia por esse apelido – numa localidade próxima de Vancouver. Tinham arrendado um pequeno chalé junto a um lago, passando os dias a pescar e a mandriar, além de fazerem churrascos na margem.

Tinham planeado ficar durante duas semanas. Mas ele e Flora partiram seis dias após terem chegado. Ela tinha chorado quando ele a obrigou a isso, mas Carl começara a sentir-se ansioso e paranoico. Até os guardas florestais que patrulhavam a área o enervavam. Nunca era boa ideia ficar no mesmo lugar durante demasiado tempo.

— Esse foi o verão antes do meu último ano na escola secundária – disse Jeremy ao recordar-se dessas férias. – Foi a última vez em que me lembro de sentir que era um miúdo.

— Foste forçado a crescer pouco depois desse verão.

Jeremy bebeu um pouco de café, remetendo-se a um silêncio acabrunhado que fez com que Carl se recordasse de Flora. Levantou-se da mesa e recomeçou a andar de um lado para o outro na cozinha.

— Estás com dores na anca? – perguntou Jeremy, olhando para o pai.

— Não.

— Então, porquê essa cara?

— Continuo a pensar que há qualquer coisa que não bate certo.

— Que não bate certo?

— Como se eu não soubesse tudo o que se passa. Falta-me uma peça essencial, e isso anda a atazanar-me.

— E o que te parece que seja?

— Raios me partam se sei! – respondeu Carl, carrancudo. – Estou a pensar.

Capítulo 19

Sem dúvida não era a pior coisa que via logo pela manhã quando acordava. Dawson, de costas para ela, estava inclinado sobre a bancada da cozinha a olhar para o café acabado de fazer a pingar para a cafeteira.

— Está a sair devagar?

Ele endireitou-se e virou-se para Amelia quando esta entrou na cozinha.

— Sim, está a demorar muito, e esta já é a segunda cafeteira.

— Há quanto tempo é que está a pé?

— Há já algumas horas.

— Horas?! Mas dormiu alguma coisa?

— Alguns minutos.

— O sofá é demasiado curto para si. Devia ter aceitado dormir na cama quando lhe sugeri. – Ela também lhe tinha sugerido que dormisse no quarto de Stef, o que ele recusou.

— Com certeza não correria consigo da sua própria cama. Além disso, não foi o sofá que me manteve acordado – disse Dawson.

— Os pesadelos?

O olhar dele concentrou-se nela, causando sensações estimulantes onde quer que se demorasse.

— Não, foi por causa de uma inquietude generalizada.

— Que eu também senti.

Dawson arqueou as sobrancelhas, interessado.

Amelia apressou-se a abrir um armário, de onde tirou uma caneca para si própria, mas os seus movimentos foram tolhidos quando ele se chegou a ela por detrás, imobilizando-a entre si e a bancada.

Afastando-lhe o cabelo para o lado, chegou a cara ao pescoço dela por detrás da orelha.

— O que é que eu fiz para merecer isto?

Ela inclinou a cabeça para o ombro quando os lábios humedecidos de Dawson fizeram pressão no lado do seu pescoço.

— Merecer o quê?

— Duas manhãs a ver-te acabada de sair da cama, toda rosada e quente, como se tivesses sido bem fodida ou estivesses prestes a sê-lo, enlouquecendo-me por desejar ser o homem responsável por essa aparência.

Amelia não ofereceu resistência quando ele a virou de frente para si, encostando o corpo dela ao seu. Estar colada ao torso dele fez com que se sentisse a fraquejar e a ansiar por sentir a pele de Dawson na sua. Um deles, talvez tivesse sido ela, soltou um som enrouquecido, que era um misto de desejo e satisfação quando as bocas de ambos se encontraram num beijo. Mudaram a posição das cabeças várias vezes, mas sem desfazerem o contacto físico, até Dawson se afastar ligeiramente de modo que os seus lábios pudessem mordiscar os dela.

Aqueles pequenos beijos, tão cheios de doçura, deleitavam e excitavam, em especial, quando em conjunto com o ligeiro arranhar da barba dele. As mãos dele acariciavam-lhe as costas com um sentido de posse que era atenuado pelas sílabas de desejo ardente murmuradas contra os lábios dela.

Baixando a cabeça, Dawson afastou para o lado a alça do *top* dela para ter acesso à clavícula.

Mas até enquanto ela suspirava de prazer, murmurava o nome dele em tom de súplica.

— Hum...?

— Não podemos.

— Sei que não – concordou ele, mas nem por isso parou na clavícula. Prosseguiu para baixo, depositando beijos suaves no peito dela.

— A sério – insistiu Amelia, pouco decidida.

— Eu sei.

Através do tecido de algodão fino do *top* de alças, ele envolveu um seio entumescido na mão e puxou-o para fora do decote. Esfregou a face áspera na pele macia e beijou-o com a boca aberta. Já com uma ereção encaixou-se na junção das coxas dela. A sensação foi de tal maneira intensa que ela ficou arquejante.

— Dawson, não podemos. Estou a falar a sério. Não podemos continuar.

Ele imobilizou-se por completo, e, em seguida, levantou a cabeça e olhou para ela. Os seus olhos espelhavam uma paixão quase incontrolável, mas anuiu abanando a cabeça lentamente, soltando-a dos seus braços e dando um passo atrás. Ambos se deixaram ficar, ofegantes a olhar fixamente um para o outro.

— Receias que as pessoas que te protegem nos vejam? – perguntou Dawson finalmente, fazendo um gesto na direção da janela acima do lava-louça.

— Sim, isso, mas... – Amelia calou-se, engolindo em seco. – A minha reação teria sido a mesma se eles não estivessem lá fora. Não o faria com os meus filhos em casa. Sei que é uma atitude muito à moda antiga, risivelmente à moda antiga, mas impus a mim mesma a regra de nunca... Também não teria acontecido naquela manhã. Eu teria tido consciência do que estava a fazer antes que as coisas fossem longe de mais. Lamento muito.

— Tudo bem.

— Não está nada bem. Estou ciente disso. Mas os meus filhos são impressionáveis. Até mesmo...

Dawson impediu-a de continuar ao repor a alça no seu lugar, após o que pousou as mãos nos ombros dela.

— Eu compreendo.

— Uma atitude muito decente da tua parte.

— Sim, sou como uma rocha – redarguiu ele com um sorriso de esguelha.

— Concordaste que tínhamos de parar – retorquiu Amelia, sorrindo-lhe.

A expressão risonha de Dawson desvaneceu-se quando afastou as mãos dos ombros dela.

— Mas não por causa dos rapazes.

— Não?!

Ele respondeu-lhe com um abanar de cabeça.

— Então, porquê?

Dawson desviou o olhar do dela durante vários segundos. Quando os olhos, com olheiras fundas, voltaram a concentrar-se no rosto dela, explicou-se.

— Porque me recuso a sujeitar-te a mim.

Dawson pegou nas meias e nas botas que deixara na sala de estar junto do maldito sofá antes de subir as escadas para ir à casa de banho que os rapazes usavam. Depois de ter tomado duche e de se ter vestido, as camas dos garotos já estavam desocupadas. Desceu as escadas e seguiu o som das vozes deles até à cozinha, deparando com a família e Headly sentados à mesa.

— Olha, Dawson, *doughnuts* – disse Grant na sua vozinha infantil. No centro da mesa da cozinha havia uma enorme caixa branca, de onde o garoto tirou um *doughnut* com cobertura de açúcar e polvilhos cor-de-rosa, dando-o ao repórter.

— Grant, devias deixar o Dawson escolher o que quiser comer.

Por o garoto lhe ter pegado, a cobertura estava esborratada e parte dos polvilhos tinham-se soltado, mas Dawson não o teria recusado por nada deste mundo.

— É exatamente aquele que eu queria. Obrigado, compincha. – Agradeceu despenteando o cabelo do rapaz enquanto dava uma generosa dentada no bolo.

— Foi ele quem os trouxe – adiantou Hunter, apontando para Headly. – Chama-se senhor Headly.

Observando tudo e todos os que se encontravam presentes, Headly estava recostado para trás na sua cadeira a beber café com uma indiferença que Dawson sabia ser estudada. Não escapava nada à sua atenção, possivelmente nem sequer o ligeiro abrasão que a barba de Dawson deixara no pescoço de Amelia.

— A mãe não nos deixa comer *doughnuts* ao pequeno-almoço, exceto, mas só às vezes, aos domingos. Mas ela disse que hoje podíamos comê-los, uma vez que o senhor Headly já os tinha trazido.

— Nesse caso, estamos a falar de um mimo – disse Dawson, lambendo a cobertura e os polvilhos que tinham ficado agarrados aos dedos.

Até àquela altura, ele e Amelia tinham evitado olhar-se diretamente, uma atitude em que Headly também tinha reparado. E então, sem o olhar bem de frente, ela ofereceu-lhe café antes de começar a levantar-se da mesa.

— Eu sirvo-me. – Encheu a caneca de café, encostando-se à bancada a bebê-lo enquanto os rapazes acabavam de comer os seus *doughnuts*. Quando acabaram, Amelia mandou-os lavar as mãos e a cara.

— Precisamente aquilo de que eles estavam a precisar – disse ela, olhando de soslaio para Headly enquanto limpava o tampo da mesa com uma esponja humedecida. – Uma dose excessiva de açúcar.

— Haveremos de arranjar maneira mais tarde de eles queimarem o excesso de energia – redarguiu Headly, rindo-se.

— Obrigada. Ficar-lhe-ia muito grata por isso.

— Mas entretanto, nós os três precisamos de conversar.

Tudo o que ela tinha emalado e colocado no automóvel no dia anterior já fora desemalado e guardado nos seus devidos lugares. Enquanto aquietava os filhos, deixando-os a ver um filme no televisor da sala de estar, Dawson sentou-se à mesa da cozinha juntamente com Headly, avaliando o que restava dos *doughnuts*.

— Trouxeste algum recheado com creme de fruta e gelatina?

— Lamento, mas não.

— Sendo assim, terei de me contentar com este – disse, escolhendo um com uma cobertura simples.

— Como correram as coisas ontem à noite?

Aquela pergunta pôs imediatamente Dawson na defensiva.

— A que é que te estás a referir?

— Tiveste os tremores?

— Já te disse. Não sou um viciado de merda!

— Pesadelos?

Dawson encolheu os ombros num gesto que poderia ser interpretado como tudo ou nada.

— Só pergunto por não teres pregado olho.

Em silêncio, Dawson aguentou a observação a que a sua fisionomia macilenta e as olheiras fundas davam azo.

— Se ela alguma vez te vir com um aspeto normal, é possível que não se sinta atraída por ti. Talvez seja o efeito de *zombie* que ela acha atraente.

— Não tens coisas mais importantes para fazer além de tentares chatear-me? – perguntou-lhe Dawson, acabando de comer o resto do seu *doughnut*.

— O que é que te está a provocar pesadelos?

— Não me recordo de te ter dito que tinha pesadelos.

— Também não o negaste.

Dawson cruzou os braços diante do peito, deixando que fosse a sua linguagem corporal a falar por si.

Mas Headly continuava sem se dar por satisfeito.

— Quando é que tencionas contar-me o que te aconteceu por lá? Por que razão tens medo de adormecer?

Dawson contou até dez mentalmente e agitou-se na cadeira para dar indicação de uma mudança de assunto.

— Falaste com a Eva?

— Esta manhã.

— Como é que ela está?

— Preocupada – respondeu Headly.

— Ela sabe que não comes como deve ser quando não está por perto.

— Não é por causa de mim que ela está preocupada, mas sim por tua causa.

— Nesse caso, anda a preocupar-se sem razão nenhuma para isso. Quantas vezes tenho de vos dizer que estou bem?

Headly inspirou fundo e expeliu o ar dos pulmões.

— Nunca devia ter-te enviado para esta ilha.

— Sim, mas agora é demasiado tarde – retorquiu Dawson com uma gargalhada resfolegada.

— Sei que sim. – Headly fitou-o com uma expressão cheia de significado, após o que olhou por cima do ombro na direção da sala de estar, onde os rapazes discutiam por causa do filme que cada um queria ver. – Como é que ela está?

— Dormiu sozinha, se é isso que me estás a perguntar.

— Não, não é – respondeu Headly.

Dawson sabia que quanto mais à defensiva estivesse, mais implacável Headly se mostraria, por isso, decidiu dar resposta à pergunta sobre Amelia, ignorando a insinuação.

— Ela é uma mulher mais corajosa e mais rija do que aparenta. Um osso duro de roer.

— Lamento ter de dizer que, antes de este assunto chegar ao fim, vai precisar de todas essas características.

Dawson não pôde perguntar-lhe o que ele queria dizer com aquilo, porque Amelia juntou-se a ele, respirando fundo ao sentar-se.

— Peço-lhe que seja conciso, senhor Headly. O Buzz Lightyear vai sossegá-los apenas durante algum tempo. Prometi-lhes que poderiam ir brincar depois de verem o filme.

— Não os posso censurar por quererem ir brincar lá para fora.

— Eles querem brincar com o Dawson.

Headly virou-se para o visado com uma expressão expectante, obviamente à espera de um comentário ao que Amelia dissera.

— É melhor começarmos. Estamos a perder tempo de que não dispomos – limitou-se Dawson a dizer.

Headly fungou, como se quisesse dizer que Dawson estava a furtar-se ao assunto, mas, para já, essa questão teria de ficar adiada.

— Muito bem, este é o ponto da situação: o Bernie voltou para o continente no barco que faz a travessia ontem ao fim da tarde.

— Ele disse que depois seguiria de automóvel para Charleston.

— Pois bem, não foi isso que ele fez. Pelo menos de automóvel. O carro dele foi encontrado num parque de estacionamento a apenas dois quarteirões do cais. Sem qualquer sinal da presença dele.

Vamos ficar com esse veículo debaixo de olho, mas o meu palpite é que ele o abandonou.

— E o que é que o leva a pensar isso? – perguntou Amelia. – Ele não sabe que a sua verdadeira identidade foi descoberta.

— A chapa de matrícula da viatura é falsa. Há já vários anos que o Michigan não usa esse símbolo (4) mas são muito poucas as pessoas aqui da ilha que repararam nisso. O Carl alterou o ano de expiração muito habilmente, pelo que não é possível detetar a falsificação à distância. Além disso, o número de matrícula foi riscado de tal maneira que é ilegível. Não foram encontradas quaisquer impressões digitais no interior do automóvel. Nem sequer nos fechos das portas. Ele limpou tudo o que pudesse identificá-lo.

— O parque de estacionamento tem algum empregado? – perguntou Dawson.

— Não. Apenas parquímetros. Estaciona-se, insere-se as notas numa caixa metálica ou paga-se com um cartão de crédito. A caixa emite um recibo que se coloca em cima do tabliê. O dele era válido por vinte e quatro horas, e com base na hora que está indicada no recibo, sabemos que ele esteve no continente durante quarenta e sete

minutos depois de ter chegado, antes de os nossos terem passado busca à casa dele ontem à noite. Portanto, teve um bom avanço.

— Câmaras de videovigilância?

— Várias no cais. Temos imagens dele a afastar-se de carro do barco de carreira. Só isso. As malas e as caixas que o viu pôr no porta-bagagem? – disse Headly a Amelia. – Tudo vazio. Eram apenas para inglês ver.

— Muito provavelmente, o mesmo em relação ao problema nas ancas – comentou Dawson com uma expressão de azedume. – No entanto, era um bom pormenor para compor o ramalhete. – Ergueu o queixo na direção da casa que Bernie ocupara. – E quanto àquilo?

— Os técnicos periciais continuam a reunir provas, mas, até ao momento, não conseguiram recolher nada de significativo. É claro que a casa está cheia de impressões digitais, mas duvido muito que alguma delas seja do Carl.

— Mas ele não andava pela casa de luvas de borracha.

— Eu apostaria o meu tomate esquerdo... peço desculpa, Amelia, pela linguagem... em como não encontraremos nenhuma impressão digital que corresponda às dele. Não se esqueça de que só temos uma impressão digital do dedo médio da mão esquerda.

— Cabelos no ralo do chuveiro?

— Já foram recolhidos. Assim como células da pele deixadas na roupa de cama e toalhas. Mas acontece que não temos o ADN do Carl na nossa base de dados. Acredite no que lhe digo: se fosse fácil apanhá-lo, eu já o teria feito.

— E quanto à casa dele no Michigan? – perguntou Amelia.

— Não existe casa nenhuma nesse número, nem nessa rua.

— Mas eu costumo enviar-lhe cartões de boas-festas – disse Amelia, intrigada. – Nunca foram devolvidos ao remetente.

— Tudo o que sei – replicou Headly, soerguendo um ombro – é que o endereço dessa casa não existe, tal como o endereço do correio eletrónico que ele deu à menina DeMarco para lhe entregar.

— Tem de existir registo das vezes em que ele arrendou a casa ao lado – adiantou Dawson.

— É o que se poderia pensar. Obrigámos o gerente da imobiliária a levantar-se da cama a altas horas da noite para lhe entregarmos um mandado de busca. Inicialmente, o homem mostrou-se renitente, não querendo divulgar informações de natureza pessoal de um cliente já antigo. Mas depois de o termos apertado um pouco, alegando «obstrução à justiça», ele disse-nos que o Bernie Clarkson sempre lhe pagou por vale postal.

— Como aqueles que se adquirem nas lojas de conveniência?

— Exatamente como esses. Perguntei ao tipo se isso não lhe tinha parecido estranho. A resposta dele foi: «Ele era do Michigan.» Como se isso explicasse o motivo por que ele não pagava com um cartão de crédito ou com um cheque. Mas seja como for, o velhote do Norte do Michigan não deixou qualquer rasto em papel. – Headly concentrou a sua atenção em Amelia. – E vinha sempre sozinho?

— Sim, vinha. O primeiro verão que ele passou aqui...

— Em dois mil e nove.

— Exatamente. O Jeremy estava no estrangeiro. O Grant ainda era um bebé. Passei todo o verão aqui. O meu pai vinha até cá de vez em quando, mas passei muito tempo com o Bernie, porque ambos nos sentíamos bastante sozinhos. Ele estava de luto pela morte recente da mulher.

— Foi o que ele lhe disse. Mas isso não quer dizer que a Flora esteja morta. Ele alguma vez lhe mostrou uma fotografia dela?

— Não, o que, agora que penso nisso, é bastante estranho. Ele costumava falar dela muito afetuosamente.

— O Jeremy alguma vez conheceu o alegado Bernie?

— Não. Mesmo depois de ter regressado ao país, era muito raro ele vir cá. Dizia que não podia meter férias no trabalho. Numa rara ocasião em que passou alguns dias connosco, convidei o Bernie para

jantar, mas ele desculpou-se, dizendo que não queria intrometer-se no nosso tempo passado em família.

— Ele recusou o convite por recear que a Amelia reparasse nas parecenças entre os dois.

— Duvido bastante que isso tivesse acontecido – retorquiu ela. – Não vi absolutamente nada do Jeremy na fotografia do Carl na Lista dos Mais Procurados do FBI.

— Eu também não vi qualquer semelhança – corroborou Dawson. – Nunca duvidei que o Bernie fosse quem dizia ser.

— Não te mortifiques com isso – redarguiu Headly. – A fotografia na Lista dos Mais Procurados do FBI é bastante má e foi tirada há mais de quarenta anos. O Carl tinha acabado de iniciar a sua carreira de criminoso. Tenho a certeza de que agora terá um aspeto inteiramente diferente.

— O de um septuagenário – disse Dawson. – Cheio de rugas e com manchas na pele próprias da idade. O cabelo consideravelmente ralo e totalmente encanecido. O coxear podia ser fingido. Mas talvez não. – Lembrou-se então: – Na noite do temporal, quando ele me abriu a porta, tinha os olhos vermelhos e estava a esfregá-los. Pensei que o tinha acordado. Mas agora acho que ele devia usar lentes de contacto para alterar a cor dos olhos. Nessa ocasião, apanhei-o sem as lentes.

Headly dirigiu a palavra a Amelia.

— O Bernie e o Jeremy nunca permitiram que os visse lado a lado por poder aperceber-se de alguma coisa: se não fossem as parecenças físicas, seriam maneirismos que partilhavam.

— Continua a ser da opinião de que o Jeremy sabia quem era o seu verdadeiro pai e que ambos estavam...

— De conluio? Absolutamente. O Bernie entrou na sua vida mais ou menos na altura em que o seu casamento começou a deteriorar-se. Isso não se deveu a uma mera coincidência. Ele veio para a ilha a fim

de poder manter-se de olho em si enquanto o Jeremy estava no Afeganistão.

— Eu estava sozinha durante todo o ano. O Bernie vivia na casa ao lado da minha apenas durante os meses de verão.

— Mas quando você está em Savannah, a sua rotina diária é mais estruturada – interveio Dawson, pegando na conversa onde Headly a deixara. – Cinge-se a uma rotina que foi estabelecida em função do seu trabalho e do horário da escola dos seus filhos. Convive sempre com as mesmas pessoas, vai aos mesmos lugares e faz as mesmas coisas. Basicamente, a sua existência está sempre sob uma vigilância constante.

— É verdade – corroborou Headly. – Não tem tanta liberdade na cidade como a que tem na casa de praia.

— Liberdade? – perguntou Amelia com uma pequena risada. – Para fazer o quê?

— Para poder passar a noite em casa de outro homem.

As palavras de Headly atingiram-na como tijolos. Amelia baixou o olhar para o tampo da mesa.

Dawson ficou a ferver durante um momento, mas depois disse: – O Tucker deve ter sentido uma enorme satisfação quando te disse isso.

— Sinto-me surpreendido por não teres sido tu a dizer.

— Não há nada a dizer. A Amelia ficou em minha casa nessa noite apenas porque a energia elétrica se foi abaixo.

— Sim, o Tucker também disse que não te cansaste de frisar isso mesmo. Uma dúzia de vezes. – Headly olhou para um e depois para o outro. – Olhem uma coisa, vocês os dois são pessoas adultas.

Isso não me interessa. Só estou a dizer o que pode ter parecido a...

— A um idiota como o Tucker.

— Não, ao Jeremy e ao Carl. Mas sugiro que deixemos isso por um momento. Voltaremos ao assunto mais tarde.

Enquanto Headly fez uma pausa para tomar o seu café, Dawson olhou para Amelia com uma expressão apologética. Não obstante todos os protestos em contrário, não tinham conseguido enganar ninguém, fazendo acreditar que haviam passado juntos, na mesma casa, uma noite inteiramente casta.

Foi Headly quem retomou a conversa.

— Encontraram o *CandyCane* ancorado numa doca pública num local remoto, um pequeno canal da ilha Tybee. Ainda não fui ver a embarcação, mas ouvi dizer que é perfeita para os objetivos do Jeremy. Os barcos chegam e partem. Ninguém lhes presta grande atenção. Fácil para ele vir até aqui para espiar a Amelia ou para ver os filhos brincarem na praia. Alguém reparou na embarcação dele da primeira vez de manhã cedo na segunda-feira.

— Talvez ele não tenha sido o homem que se manteve na embarcação ancorada ao largo da costa – alvitrou Amelia.

— O Knutz já pôs dois homens a trabalhar nisso. Aqui está uma dica. A embarcação foi esfregada de uma ponta à outra, por dentro e por fora, com lixívia. Portanto, ou foi pilotada por um homem corpulento e barbudo, com uma fobia doentia a germes, cumpridor da lei, que não se mostra muito, ou o Jeremy tratou de se certificar de que se as autoridades, fosse de que maneira fosse, ligassem o barco ao assassinato que ocorreu na ilha de Saint Nelda, não pudessem associá-lo a si.

— Não foi assim tão difícil de encontrar – comentou Dawson. – O que me indica que ele não considerou que corresse um grande risco de vir a ser ligado ao crime.

— Ou talvez – sugeriu Headly – ele saiba que já não precisa da embarcação, tendo-a abandonado como o Carl fez em relação ao seu automóvel.

— De qualquer maneira, o Jeremy ainda não se apercebeu de que foi descoberto.

— Para já – retorquiu Headly. – O que joga a nosso favor. Quanto mais tempo formos capazes de o manter e ao Carl na ignorância, melhor será para nós.

Dawson não gostou da maneira como Headly o olhava enquanto dizia as últimas palavras.

— O que é que foi?

— Seria bom se pudéssemos levá-lo ao engano. Alguém que alimentasse os tubarões da comunicação social. Um falso suspeito que ludibriasse o Carl e o Jeremy.

Dawson apontou para o seu próprio peito.

— Eu? É a mim que te estás a referir?

— Estou só a dar uma sugestão.

— Esquece. E quanto ao Dirk Arneson?

— Ele foi ilibado de tudo, exceto de ter usado o iate do patrão como se fosse um apartamento de solteiro. Os amigalhaços com que costuma jogar póquer foram localizados em Nova Orleães e interrogados. Eles corroboraram o álibi do amigo. Foi posto em liberdade com um pedido de desculpa.

— Pobre Tucker. Sofreu outro desaire.

— Isso também não lhe agrada. Ele não hesitaria em considerar que eu estava doido varrido se acusasse um morto de ter assassinado uma rapariga se não fosse aquela impressão digital. Mas essa impressão digital *existe*. E *temos* o parentesco do Jeremy com o Carl Wingert, um criminoso infame que anda a monte. O Tucker já começou a vasculhar o passado do Carl para se familiarizar com a existência dele até à data, mas está a proceder de uma maneira que é desvantajosa para nós.

— Porque diz isso? – perguntou Amelia.

— Ele não é capaz de meter na cabeça que Carl, *o terrível*, tenha podido fazer-se passar por Bernie, o homem de coração afetuoso, durante vários anos. Até ao momento, não temos qualquer prova

concreta que ateste que o Bernie seja o *alter ego* do Carl, e até que se consiga descobrir alguma coisa, o Tucker anda às aranhas.

— Só podes estar a brincar comigo! – exclamou Dawson.

— Ele diz que há muitas pessoas de idade com falta de dedos, porque a microcirurgia só muito recentemente é que permite que os dedos decepados possam voltar a ser unidos à mão, e tem toda a razão. Também me encostou à parede até eu admitir que nunca vi o Bernie, pelo que não posso identificá-lo como sendo o Carl, o qual também nunca vi em carne e osso.

— E como é que eles explicam o facto de o carro dele ter sido abandonado e tudo o mais que se passou? – perguntou Amelia.

— Não podem, exceto dizendo que ele talvez tenha aqueles momentos de falta de memória próprios das pessoas de idade, tendo-se esquecido de onde é que deixou a viatura.

— E quanto aos endereços falsos e à ausência de registos públicos? – perguntou Dawson.

— Tudo suspeitas, mas nada de factos concretos – respondeu Headly, virando-se para Amelia. – Suponho que não tenha nenhuma fotografia do Bernie, pois não?

— Não – respondeu ela.

— Foi o que calculei. O Carl nunca se deixaria fotografar. Os nossos serviços técnicos têm um desses programas informáticos que podem envelhecer as feições da fotografia do Carl na Lista dos Mais Procurados do FBI, para podermos ver se tem algumas parecenças com o seu vizinho de setenta e tal anos, mas, para já, não o acusam de nada. Adicionalmente...

— Credo! Existe um «adicionalmente»? – perguntou Dawson, levantando-se da cadeira e começando a andar pela cozinha sem qualquer objetivo.

— *Adicionalmente*, o Tucker anda a debater-se com o motivo por que o Jeremy teria assassinado a menina DeMarco. E se acreditarmos

que ele brandiu a arma do crime convencido de que estava a matá-la, então, reconheço que existe um problema com essa hipótese.

— Mas ele não pensou que estava a matar a Stef. Estava convencido de que era a Amelia.

— O Tucker não acredita nisso e tem alguns argumentos fortes que contradizem essa hipótese.

— Como o quê? – perguntou Dawson.

— Por exemplo, como é que o Jeremy poderia ter planeado esse desfecho. Como é que ele poderia ter sabido que a Amelia iria à vila nessa noite?

— Era impossível que soubesse – concordou ela.

— Precisamente, e é aí que reside o busílis. Até mesmo o Knutz, que está do meu lado, se retrai todo quando eu afirmo que se tratou de um crime cometido por a oportunidade ter surgido. O que eu penso? O Jeremy aportou ao cais da ilha de Saint Nelda para se resguardar do temporal. Viu a menina DeMarco, pensou que era a Amelia e aproveitou a oportunidade.

— A noite estava escura e tempestuosa – adiantou Dawson com um sorriso de esguelha.

— Para eles, a minha teoria é um lugar-comum. Os detetives de homicídios trabalham com factos e provas concretas. Elementos que nos faltam.

— Com a exceção da impressão digital – disse Amelia.

— *Se* for uma impressão digital recente, o que está a ser posto em questão, coloca o Jeremy no local do crime.

— Nesse caso, qual é o problema? – perguntou Dawson.

— Volto a repetir-me: o motivo. Existe uma grande distância entre um ato de assassínio e atemorizar a Amelia com uma bola de praia que está a perder ar. Se a intenção do Jeremy for só perturbá-la, quando a viu a correr à chuva, porque não se limitou a saltar-lhe ao caminho e gritar-lhe « *buu*»?

— O Tucker não disse isso realmente, pois não?

— Foi quase uma observação igualmente estúpida. Mas aqui vai a lengalenga deles – acrescentou Headly, voltando a concentrar-se em Amelia. – Por que razão o Jeremy haveria de querer matá-la?

Quanto a mim, o motivo dele é evidente.

— As crianças – retorquiu ela.

— Em última análise, sim. E agora ouça o que lhe digo – disse ele, erguendo as mãos antes que ela pudesse dizer mais alguma coisa. – O que eu penso é que o Jeremy e o Carl foram cautelosos para não agirem antes do fim do julgamento do Willard Strong. Têm-se mantido à espera de uma oportunidade até o Willard estar bem instalado no corredor da morte e a poeira ter assentado.

Estavam quase lá, apenas a alguns dias de atingir os seus objetivos, o fim já se encontrava à vista quando... inesperadamente, entrou em cena um rapaz cheio de vigor e bem-parecido.

Headly inclinou a cabeça na direção de Dawson, que compreendeu que haviam retomado o desconcertante tópico que ele próprio e Amelia constituíam.

— O homem apareceu como que caído do céu – prosseguiu Headly – e você começa a passar tempo com ele. Os garotos também aparentam ter ficado encantados, o que não terá caído nada bem ao pai deles. Na perspetiva do Jeremy, o novo homem na sua vida é um acontecimento catalítico.

— Não me parece que se possa dizer que ele seja parte da minha vida – ripostou Amelia, olhando para Dawson com constrangimento.

— E eles não hão de querer que isso aconteça.

— Mas conhecemo-nos há tão pouco tempo.

— Por vezes, não é preciso mais do que isso. – Decorrido um curto silêncio carregado de mal-estar, Headly continuou. – Um romance entre vocês os dois, no mínimo, *pareceu* estar a florescer. O Jeremy tinha forçosamente de pôr fim a isso.

— Quer dizer que a Stef morreu por minha causa – disse Amelia, olhando de relance para Dawson e acrescentando: – Por causa de nós

os dois.

— Não – retorquiu Headly, apoiando um cotovelo na mesa e agitando o dedo indicador na direção dela. – Ouça o que lhe digo. A atração que sente pelo Dawson, embora possa ser apenas aparente, serviu como desculpa para o Jeremy agir mais depressa do que tinha em mente. Independentemente do que possa ter acontecido, quer você tivesse conhecido o Dawson ou não, ele tê-la-ia matado. Se não fosse o Jeremy a matá-la, teria sido o pai dele. Porque... e pode ter a certeza absoluta disto, Amelia, o homem é demoníaco.

«Quanto ao doce e adorável Bernie, ele é um impostor. Na verdade, ele nunca existiu. Desde o princípio que se tratou do Carl Wingert, e ele conseguiu enganá-la em toda a linha. Porque, por detrás do coxear e das manchas na pele devido à idade avançada, ele é um terrorista que acredita convictamente que a Amelia tem de morrer. Tenho tanta certeza disso como tenho a certeza de que é a força da gravidade que me mantém à superfície deste planeta.

— Mas porque quer ele que eu morra?

— Castigo por ter deixado o Jeremy.

— Foi o Jeremy quem destruiu o nosso casamento. Não fui eu que tive um romance extraconjugal.

— Esta situação não tem nada a ver com moralidade. Pensa que o Carl se importa com quem é que se deitou com quem? Não. Tem tudo a ver com lealdade. Ele alberga fortes sentimentos quanto a isso.

Mas, e é aqui que reside o problema, só vê em frente. Estamos a falar de lealdade para com *ele*, o que o Carl exige com fanatismo.

«Ao contrário, o homem nem sequer pestaneja se tiver de deixar alguém para trás. Em primeiro lugar, trata de salvar a sua própria pele. O que já fez muitas vezes. Em Golden Branch, ele sacrificou um dos seus homens para poder pôr-se em fuga e, francamente, sinto-me perplexo por ter levado com ele o Jeremy e a Flora, que tinha acabado de dar à luz, quando fugiu.

«Houve uma ocasião, durante um impasse, em que um dos membros do bando dele tentou render-se. Saiu do quarto de um motel com as mãos no ar. Morreu ali mesmo, mas não por ter sido alvejado pela polícia. O Carl, do interior do quarto do motel, disparou-lhe contra a nuca e depois fugiu, aproveitando a confusão que se gerou.

Headly não atendia a sensibilidades, talvez para chocar, mas Dawson sentiu-se satisfeito por ele não estar a poupar Amelia àquela realidade nua e crua sobre o tipo de indivíduo que o sogro era.

Jeremy era seu filho, do mesmo sangue. Após uma pequena pausa, prosseguiu.

— O Carl Wingert não tem um mínimo de escrúpulos. Acredita nas suas ações; por muito hediondas que possam ser, na sua ótica são justificáveis. Ele subjugará quem quer que considere desleal, e você, Amelia, no seu conceito, foi desleal. Tenho a certeza de que a mente do Jeremy foi envenenada contra si. Mas ainda que ele adore o chão que você pisa, ainda que esteja perdidamente apaixonado por si, albergando a fantasia de voltar a viver consigo e com os filhos, o Carl jamais o permitirá.

Tratará de a matar.

— A ser assim, porque não o fez ontem quando eu estava sozinha na casa de praia?

— Porque ele é demasiado esperto para cometer o mesmo erro do Jeremy. Não podia matá-la e desaparecer depois. Isso teria sido demasiado óbvio. É provável que se tivesse sentido extremamente vexado, mas tinha de continuar a fingir que era o Bernie até se encontrar em segurança fora da ilha. Agora dispõe de tempo para traçar outro plano.

— E o que é que eu devo fazer entretanto? Enquanto ele estiver a *planear*. Os meus filhos e eu não podemos continuar fechados a sete chaves indefinidamente.

— Não será indefinidamente.

Dawson deixou de andar de um lado para o outro na cozinha e olhou para Headly, cuja expressão era de uma ferocidade como ele nunca lhe vira.

— O que queres dizer com isso?

— Tudo o que eu vos disse até agora?

— Sim...?

— São as boas notícias.

(4) Cada um dos cinquenta estados que constituem os Estados Unidos da América tem um símbolo diferente. (N. da T.)



Capítulo 20

—Estou a falar com Harriet Plummer?

— Não foi com ela que pediu para falar? Quem fala?

— Chamo-me Bernie Clarkson. Estou a ligar-lhe da ilha de Saint Nelda.

— De onde?

— De uma ilha ao largo da costa de Savannah. Peço muita desculpa por estar a incomodá-la, senhora Plummer, mas ele escreveu o seu nome no verso de um cartão de visita.

— De quem é que está a falar? Do Dawson?

— Hum... vejamos... eu tinha-o mesmo aqui... Sim, Dawson Scott. Um indivíduo alto e de cabelo comprido?

— Porque lhe indicou ele o meu nome?

— Portanto, sabe de quem estou a falar? Ele escreve para a sua revista?

— Sim, escreve.

— Ótimo. Isso deixa-me mais tranquilo.

— Acerca do quê?

— Acerca do que ele anda a fazer.

— Ouça uma coisa, se você é um repórter...

– Repórter?!

– A revista não tem qualquer comentário a fazer para além de dizer que o Dawson foi interrogado pela polícia, mas tratou-se apenas de um pró-forma, nada de mais. Foi libertado logo em seguida. Só isso. Estamos entendidos?

– Estou ao corrente de tudo isso. Não sou nenhum repórter. Apenas uma pessoa comum que quer saber se o senhor Scott, bem... se é seguro falar com ele.

– Seguro? Talvez seja melhor voltar atrás e começar pelo princípio, senhor Clarkson.

– Pois bem, eu andava a caminhar pela praia, o que faço duas vezes todos os dias. O exercício físico alivia-me as dores nas ancas.

– Estou a ver.

– O senhor Scott abordou-me e meteu conversa comigo. Pareceu-me um sujeito bastante simpático.

Ficámos a conversar acerca disto e daquilo, e depois perguntou-me se podia entrevistar-me.

– E porque haveria ele de querer entrevistá-lo?

– É precisamente por essa razão que estou a ligar-lhe, para lhe perguntar porque quer ele entrevistar-me.

– Ele não lhe disse?

– Só me disse que estava a trabalhar numa reportagem para a revista.

– Ele tem estado a fazer a cobertura do julgamento de Willard Strong. Está a par desse assunto?

– Sim; não se fala de outra coisa.

– O Dawson anda a escrever sobre o assassínio duplo da mulher do Strong e do amante dela.

– O Jeremy Wesson.

– Conhecia-o? – perguntou Harriet.

– Nunca o conheci pessoalmente, mas conheço a sua ex-mulher muito bem. A Amelia e os filhos passam as férias de verão na ilha, na casa ao lado da minha.

– Pois bem, aí tem. É aí que está a relação. A última vez que falei com o Dawson, ele estava esperançado em conseguir entrevistá-la.

– Porquê?

– Porque, de uma maneira geral, uma ex-mulher é uma excelente fonte de informações sobre um determinado assunto. Se conhece bem a antiga senhora Wesson, concluirá que faz todo o sentido que o Dawson quisesse falar consigo, possivelmente para conseguir chegar a ela. Está a perceber? E

agora se não tem mais nada a...

– Não sei se quero ser citado no seu artigo.

– Se pedir ao Dawson que não o cite, ele não o fará. Ou referir-se-á a si como «uma fonte que deseja permanecer anónima».

– Eu não quereria ferir os sentimentos da Amelia ao falar a seu respeito nas costas dela.

– Isso é muito nobre da sua parte, mas posso garantir a integridade jornalística do nosso repórter Dawson. Ele trata todos os seus temas com sensibilidade. Por vezes, num grau que chega a ser irritante, se quer que lhe fale com franqueza.

– O que é que o levou a querer escrever a respeito deste crime em particular?

– Não lhe sei dizer.

– Talvez uma fonte que esteja por dentro do assunto lhe tenha dado uma dica?

– Não sei.

– Não sabe ou não quer dizer-me?

– Não sei. Mas ainda que soubesse, não lhe diria.

– Nesse caso, calculo que tenha de ser eu a perguntar-lhe.

– Então, boa sorte.

Dito isto, a cabra desligou-lhe o telefone na cara. Além de lhe ter falado de uma maneira paternalista, desligara grosseiramente. O que seria de esperar de uma mulher numa posição de chefia.

No entanto, Carl ficara a saber o que queria. Dawson Scott tinha ido à Geórgia para fazer a cobertura do caso de assassínio de Willard Strong, a fim de ter material para uma reportagem sobre o assunto.

O que Carl continuava sem saber era porquê? Por que razão um jornalista sedeado em Washington, DC, regressado do estrangeiro recentemente, se interessou por aquele crime em particular? Quando comparado com escrever sobre a guerra, um duplo assassínio cometido na Geórgia parecia uma insignificância. Porque teria despertado o interesse de Dawson Scott?

É claro que existiam várias explicações lógicas. Mas a verdade é que Carl desconfiava da lógica.

Era muito frequente que não se aplicasse a uma determinada situação. Ele nunca arriscara a sua vida no que era lógico, e não era agora que alteraria essa sua maneira de proceder.

— Vou entrar!

O grito veio do lado de fora. Encaminhou-se para a porta, abrindo-a para Jeremy, que percorria o matagal rasteiro em direção à cabana, trazendo vários sacos cheios de géneros alimentares.

Um caminho até àquela casa teria, com certeza, tornado o acesso muito mais fácil, mas isso nunca tinha estado incluído no plano. Os caminhos levavam as pessoas a lugares, e Carl não queria que alguém descobrisse acidentalmente o esconderijo deles depois de ter virado no caminho errado ou seguisse por um caminho simplesmente para ver até onde ia dar.

Tinha comprado aquela propriedade usando um nome falso, continuando a pagar os impostos anuais para impedir que burocratas abelhudos fossem até lá para ver o que se passava. Era uma cabana que lhe agradava e que lhe tinha dado bastante jeito, mas isso não impedia que estivesse disposto a abandoná-la a qualquer altura, sem sequer olhar para trás. Nunca se apegava a propriedade nenhuma. Verdade fosse dita, ele nunca estabelecia ligações com o que quer que fosse.

O sentimentalismo poderia levar à morte de uma pessoa.

Depois de ter assassinado Darlene e armado uma cilada a Willard para que ele fosse acusado desse crime, Jeremy abandonara o local, seguindo as instruções de Carl no sentido de não deixar qualquer rasto da sua presença. Carl fora buscá-lo à estrada principal, dando-lhe uma pomada antissética e um penso de gaze para o ferimento que infligira a si próprio na cabeça. Levou-o de automóvel até tão perto da cabana quanto lhe foi possível. Jeremy fez o resto do caminho a pé através do solo pantanoso.

Situada entre um terreno de água salobra num lado e uma densa floresta no outro, a casa ficava tão fora dos caminhos mais concorridos que Jeremy pudera viver escondido aí durante quinze meses.

Durante esse período de tempo, teve oportunidade de alterar a sua aparência física. Deixara crescer o cabelo de modo a ter o comprimento necessário para cobrir a parte em que faltava couro cabeludo, que,

entretanto, tinha sarado, mas que não era muito agradável à vista. Também deixou crescer a barba e engordou.

Carl levava-lhe mantimentos uma vez por semana. Ocasionalmente, Jeremy queixava-se do isolamento em que vivia, do telhado que metia água e da péssima receção do sinal de televisão, que só era possível por meio de uma antena camuflada num dos lados do telhado. Todavia, Jeremy suportara todos esses inconvenientes, sabendo de antemão que os sacrifícios acabariam por ser compensados, mais cedo ou mais tarde, ao reaver os seus filhos.

Tinham sido o próprio Carl e Jeremy a construir a pequena cabana de madeira enquanto este prestava serviço militar na base de Parris Island. Embora lhe faltasse uma série de confortos, Flora adorara-a porque lhes permitia ver Jeremy periodicamente. Tinha insistido para que passasse a ser a residência permanente dos três. Mas Carl desde sempre que se recusara a viver por muito tempo onde quer que fosse, pelo que ela fora obrigada a contentar-se com as curtas visitas que faziam à cabana.

Aqueles dias que passava com Jeremy tinham-na feito muito feliz. Na verdade, Flora sentia-se feliz com as coisas mais pequenas e com os gestos mais insignificantes. Em contrapartida, também ficava triste com toda a facilidade e angustiada por causa de situações inevitáveis e que deviam ter sido esquecidas há muito tempo. Aquela faceta do caráter dela enfurecia Carl.

— E então? – perguntou Carl quando Jeremy entrou. – O que descobriste?

— O carro continua no parque em que o «Bernie» o deixou. Não me aproximei muito, mas pareceu-me que havia um talão de estacionamento preso por baixo de um dos limpa-para-brisas. Além disso, não vi indício nenhum de que tivesse despertado a atenção de alguém.

Carl ficou a matutar naquilo.

— Acho bastante estranho que não tenha sido confiscado. Durante quanto tempo é que esperam, habitualmente, para rebocar os veículos por infrações de estacionamento?

Jeremy encolheu os ombros e tirou um pacote de sumo de laranja de um dos sacos de compras, bebendo diretamente do pacote.

— Não avistaste polícias a vigiarem o automóvel?

— Não, mas existem alguns edifícios industriais em volta desse parque de estacionamento, todos com vários andares. Portanto, podem manter-se de vigia de qualquer das inúmeras janelas, mas não me parece, pai. Quem é que estaria à espera de que o Bernie voltasse à viatura? Ele não é ninguém, um fator inexistente em toda esta situação.

— Sendo assim, por que motivo não te mostras mais satisfeito? – perguntou-lhe Carl, perscrutando o filho com uma expressão arguta.

— Estão a vasculhar o barco de fio a pavio.

Carl soltou um chorrilho de obscenidades por entre dentes.

— Era inevitável que investigassem quaisquer embarcações que tivessem aportado ao cais da ilha de Saint Nelda no domingo – disselhe Jeremy, adotando uma atitude defensiva. – Calculo que o empregado do posto de combustíveis se tenha lembrado do nome do barco.

— Que nome tão estúpido. Não admira que ele se tenha lembrado.

Tinha sido Flora a sugerir que batizassem o barco com o nome *CandyCane* por o terem adquirido numa véspera do dia de Natal. Tinham-no usado para se porem em fuga depois do assalto a uma igreja após a Missa do Galo, altura em que os cofres estavam cheios.

O proprietário da embarcação, um veterano da Guerra do Vietname cheio de azedume, além de ser um admirador ferrenho de Carl, também era ateu. Ficara tão deleitado com o assalto à igreja que lhes ofereceu generosamente o seu barco para os levar para bem longe do Maryland. Levara-os até às Florida Keys.

Quando necessitaram de um barco, o veterano – cujo rancor contra o Governo não conhecia limites –, que nessa altura sofria de vários cancros, não hesitou em ajudar o seu herói outra vez. Ensinou a Jeremy os princípios básicos da navegação, o suficiente para ele poder chegar à ilha de Saint Nelda, zarpando de outras ilhas e marinas situadas ao longo da linha costeira das Carolinas, Geórgia e Florida. Reservara lugares em marinas sob identidades falsas.

— Esse fulano de Saint Nelda talvez seja capaz de fazer a minha descrição – adiantou Jeremy algum tempo depois –, mas não poderá identificar-me como Jeremy Wesson. Além disso, como já te disse, o barco foi limpo de uma ponta à outra, por dentro e por fora. Não encontrarão o mínimo indício da minha presença a bordo.

— Se encontrarem um cabelo, não será preciso mais nada – retorquiu Carl.

— Isso é uma preocupação, mas de somenos importância. Eles continuam a investigar o Dawson Scott.

— Que já foi libertado.

— Sim, mas os detetives que procedem à investigação estão a «estabelecer a sequência dos acontecimentos», o que me leva a pensar que ele ainda não foi totalmente ilibado. – Fez um gesto na direção dos sacos de plástico que tinha pousado em cima da mesa. – Também comprei um jornal. O

assassínio foi relegado para a página cinco.

Carl tirou o jornal de um dos sacos, abrindo-o nessa página, e passou uma vista de olhos pelo artigo em questão. Jeremy ligou o *tablet*.

— Se alguma vez aprenderes a navegar pela Internet, deixarás de precisar de jornais.

— Não gosto de computadores.

— Quando acabas de ler um jornal, já as notícias são antigas. Na Internet estão a ser atualizadas constantemente.

Ambos já haviam tido aquela conversa inúmeras vezes. Com a exceção de armas de fogo, Carl detestava todas as engenhocas inovadoras. Desconfiava de tudo o que via ou lia na Internet.

De acordo com o artigo publicado no jornal, as forças policiais do xerife mantinham-se muito caladas em relação aos progressos na investigação desse homicídio. O detetive Tucker era citado.

Tinha recorrido às mesmas tretas que todos os agentes de todos os ramos da polícia do país usavam sempre quando o que estavam a dizer, basicamente, é que não sabiam nada.

Dawson Scott tinha cooperado na investigação. Não haviam procedido a nenhuma detenção, mas estavam a analisar as provas. Seguiam uma nova pista. Tretas e mais tretas. Carl sabia que sempre que uma pista não dava em nada e os polícias ficavam num beco sem saída, mentiam por sistema, dizendo que andavam a seguir outra pista.

Jeremy tinha estado a ler em voz alta o que encontrava no sítio do jornal na Internet, o que não diferia em muito daquilo que Carl acabara de ler.

— Lá se vão as atualizações constantes – comentou este, sarcástico.

— Mas aqui também temos uma fotografia a cores. O jornal nem sequer publicou uma a preto e branco.

Carl olhou para o *tablet* por cima do ombro de Jeremy.

— O Tucker é um pote de banhas – comentou, apontando para a barriga do detetive, que fora fotografado em primeiro plano diante de um grupo de agentes de polícia de uniforme. Mas quando fez menção de se virar para se afastar, disse: – Espera! Dá-me isso. – Com brusquidão, tirou o *tablet* das mãos de Jeremy. – Como é que isto se amplia?

— Toca...

A fotografia preencheu todo o ecrã. Carl examinava atentamente um homem que se encontrava em segundo plano. Embora um agente que usava um chapéu de *cowboy* lhe encobrisse metade do rosto, ao reconhecê-lo de imediato, Carl ficou ao rubro. Cerrou os dentes e arremessou o *tablet* para o outro extremo da sala, como se fosse um *Frisbee*.

— Ei! O que é que se passa?

— Eu sabia! Tive esse pressentimento! Não te disse que havia qualquer coisa que não batia certo?

— O quê? O que é que viste?

— O agente especial do FBI Headly – respondeu Carl com um ódio perverso.

Diário de Flora Stimel – Dia de Natal de 1993

Sinto-me tão triste que mal consigo suportar tanta tristeza. Ontem à noite assaltámos uma igreja para roubarmos o dinheiro, pelo que tenho a certeza quase absoluta de que irei parar ao inferno.

Claro que eu já sabia que isso iria acontecer por ter matado pessoas. Melhor dizendo, ajudei a matar pessoas. Estava presente quando o Carl as matou, e penso que isso é igual a fazê-lo pela minha própria mão.

O Carl mandou-me ir à igreja antes do início da missa da meia-noite. Pus-me a observar as pessoas à medida que iam chegando. Mães, pais e avós. Algumas das crianças estavam sonolentas, uma vez que a missa começava às 23:12, muito depois da hora a que costumavam ir para a cama.

Havia outras crianças tão excitadas que não eram capazes de estar sentadas em sossego. Imagino que estivessem ansiosas por voltar para casa e ir para a cama, de maneira que o Pai Natal pudesse chegar.

Era uma coisa que me partia o coração, porque nunca tive oportunidade de passar uma véspera de Natal com o Jeremy, fazendo o papel do Pai Natal para o meu filho, e agora ele já não tem idade para isso. É um finalista do ensino secundário! Quem me dera que, ao menos uma vez, eu pudesse ter visto a cara dele na manhã do Dia de Natal quando encontrasse o seu presente por baixo da árvore.

É claro que há muito tempo que ele não acredita no Pai Natal. Aquilo em que ele acredita atualmente, em grande parte, é no seu pai. Ele acredita que foi o Carl quem, por assim dizer, pendurou a Lua no céu. O Randy e a Patricia certificaram-se de que ele conhecesse as ideias do Carl sobre tudo e mais alguma coisa. Eles dizem-lhe que os homens como o Carl têm inteligência suficiente para ver tudo o que está errado neste país, e é por isso que o Governo e a lei os odeiam e os temem, querendo calá-los de uma vez por todas. O Jeremy apreendeu tudo isso. Na verdade, acredita piamente nessas ideias. Embora eu me sinta satisfeita por isso, também me deixa preocupada.

Mas desviei-me do assunto, o que me acontece com bastante frequência sempre que passo a papel os meus pensamentos neste diário. Começo a pensar no passado e depois... é como se vê. Lá estou eu a divagar outra vez.

Os fiéis entoaram Noite de Paz *à meia-noite à luz das velas. (Eu também tinha uma vela, tal como toda a gente. As pessoas sentadas ao meu lado, de um*

lado e do outro, não faziam a mais pequena ideia de que estavam sentadas ao lado de uma fora da lei! Aposto que teriam caído para o lado.) Mas adiante, toda a gente começou a sair da igreja. Exceto eu. Fui à casa de banho das senhoras, que tivera o cuidado de saber onde se situava antes de me sentar no templo.

Quando eu estava lá, só entrou outra mulher. Fez rapidamente o que tinha a fazer e saiu. Com certeza que a família estaria à espera dela. Pus-me de pé em cima da sanita, não fosse aparecer alguma empregada da limpeza ou alguém para se certificar de que toda a gente tinha saído, mas as luzes apagaram-se quando eu ainda estava de pé a equilibrar-me em cima da sanita.

Esperei mais dez minutos, como o Carl me disse que fizesse, depois liguei a lanterna que tinha levado e saí da casa de banho. O que me pareceu tão bonito à luz das velas, mostrou-se um pouco fantasmagórico às escuras. As estátuas e tudo o resto. Mas eu tentei não olhar para nada, exceto o círculo do feixe de luz que apontei para o chão.

Abri uma porta lateral para que o Carl e o Henry pudessem entrar. Não soou nenhum alarme, mas o Carl disse que talvez fosse um alarme silencioso. «Calculo que Deus seja o único que consegue ouvi-lo», disse o Henry na brincadeira. Não achei graça nenhuma. O Carl ainda se riu, mas ele estava concentrado em arrombar a fechadura da porta do escritório da igreja.

Pegámos nos sacos que continham o dinheiro doado pelos fiéis e pusemo-nos a andar de lá para fora. Mas devia haver um alarme silencioso, porque, quando fugimos da igreja, deparámos com um polícia a sair de um carro-patrulha. Sacou da pistola e gritou para que parássemos. O Carl alvejou o agente no peito, enquanto o Henry lhe acertava na cabeça; pelo menos, foi o que me pareceu.

Ao correrm os para o carro, o Henry disparou contra as figuras da Natividade colocadas no relvado da igreja. Ele afirma que não acredita em Deus ou em Jesus, tão-pouco em Alá ou em outro deus qualquer, mas é evidente que lhes tinha rancor.

Conseguimos pôr-nos em fuga sãos e salvos e com um bom pecúlio. Mas eu sentime muito mal com o que tínhamos feito e não fiquei nada entusiasmada, como os homens, depois de termos ido para o barco e rumado a sul. Espero que o marinheiro, ou como quer que se chame ao fulano que navega o barco, seja capaz de o conduzir quando está pedrado. Todos ficaram pedrados, e de que maneira,

incluindo o Carl, razão por que achei que não faria mal nenhum ir buscar o meu diário e escrever.

Espero que o Jeremy goste do seu presente. Não o vejo desde que fomos a Vancouver no verão passado. Ainda mal consigo acreditar em como ele cresceu! Na verdade, está um homem feito.

Fiquei chocada quando ele me abraçou e senti pelos no queixo do meu filho! Não sei quando é que voltarei a vê-lo. Comecei a falar da cerimónia da entrega de diplomas na escola secundária, que terá lugar na próxima primavera. Não me canso de repetir o quanto gostaria de estar presente.

Mas o Carl age como se me não ouvisse. No entanto, talvez ele acabe por prestar atenção às minhas alusões.

O Sol já nasceu e estou tão enjoada com o balanço do barco que não consigo continuar a escrever. Portanto, é melhor guardar o diário. Mas não sem antes dizer: «Feliz Natal, Jeremy.

Adoro-te.»

*

Mais tarde, no dia 25 de dezembro. Embora estejamos no oceano, conseguimos captar o sinal da televisão, melhor ou pior. Durante as notícias, falaram do assalto à igreja. O polícia tinha morrido. Só tinha vinte e sete anos. Deixou uma menina de dois meses. Ter sabido isso causou-me um grande aperto no estômago, o que usei como desculpa para ir para baixo, afastando-me do Carl, que está de muito mau humor.

Acho que o azedume dele se deve ao facto de os jornalistas terem citado aquele agente do FBI, um tal Gary Headly, que anda atrás de nós há vários anos. O Carl tem-lhe um ódio desmesurado.

Acho que por ter algum receio que, um destes dias, o agente Headly seja capaz de nos capturar como jurou que faria.

Além disso, o Carl odeia-o por ele ter estado em Golden Branch, um aspeto que o agente do FBI nunca se esquece de mencionar sempre que é entrevistado a nosso respeito. Acontece que o Carl detesta que lhe recordem esse dia. Tal como eu própria. Mesmo que o Carl não o admita, acredito que nesse dia, bem no fundo, ele ficou cheio de medo de ser morto ou vir a ser capturado. Também

acredito que ele se sinta culpado pelo que fez, virando costas a tudo, quando toda a gente já estava morta ou a morrer.

Mas seja como for, ele culpa os agentes federais de tudo o que aconteceu nesse dia e, na sua mente, o Headly como que representa todos esses agentes. O Carl nunca ficará satisfeito até o agente Headly estar morto.



Capítulo 21

As más notícias de Headly tinham de esperar.

Quando se preparava para as partilhar, Hunter e Grant chegaram à cozinha para dizerem que queriam lanchar. Uma vez que o pequeno-almoço tinha sido maioritariamente constituído por açúcar, Amelia ofereceu-lhes leite ou nada. Aceitaram o leite, mas ficaram a engonhar, como se tivessem perceção de que os adultos estavam impacientes para que acabassem de beber o leite. Finalmente, Amelia deu-lhes pressa para que voltassem à sala de estar e continuassem a ver o filme. Assim que ela voltou para a cozinha, Headly retomou a conversa no ponto em que a deixara.

— Por todas as razões que já abordámos, o Tucker não está convencido de que o assassinato da Stephanie DeMarco esteja relacionado com a Amelia, para além do facto de a jovem estar ao seu serviço.

— O idiota é teimoso que nem uma mula – disse Dawson. – E o Wills?

— Inclina-se mais para o que o Knutz e eu pensamos. Mas sabem como é, nós somos os grandes e maus abelhudos do FBI, e ele é um homem leal. O xerife também apoia a tese do seu homem. O

Tucker partilhou com ele a teoria de que o Jeremy continuaria vivo. Dado que ele não é nenhum idiota, reconhece que o assunto será difícil de esquecer se estivermos enganados. Pediu mais análises periciais à impressão digital. E agora, acerca do Bernie. O xerife não tardou a realçar que o homem não foi acusado de crime nenhum.

— Não sob o nome de Bernie.

— Ele considera que a ligação Carl/Bernie é muito pouco consistente e exige provas mais concretas antes de se lançar numa caça ao homem em grande escala, movida a um fugitivo sobre quem ninguém ouve falar há dezassete anos.

— O FBI não precisa de autorização.

— Não... – concordou Headly, mas com uma acentuada hesitação.

— Mas o quê? Qual é o problema?

— Não acham necessário que a Amelia e os filhos continuem a ser protegidos. Estão a planear retirar os agentes que estão de guarda a eles.

— Não podem fazer isso.

— Pedi que me dessem quarenta e oito horas.

— Isso não é suficiente para...

— Eles deram-me vinte e quatro horas – adiantou Headly, lançando um olhar ao relógio de parede.

— Agora já são apenas vinte e três horas e quinze minutos.

Dawson praguejou entre dentes.

— O FBI continuará à procura do Bernie Clarkson, quanto mais não seja para excluir a hipótese de ele ser o Carl.

— Muito bem. Ótimo. Mas isso não impede que a Amelia e os garotos continuem vulneráveis.

— O Knutz fez uma sugestão. – Headly olhou para Amelia. – Mas duvido muito que lhe agrade.

— Que sugestão é essa? – perguntou Amelia, falando pela primeira vez após vários minutos.

— Podia convocar uma conferência de imprensa para informar que tem boas razões para acreditar que o seu ex-marido não foi assassinado, que continua vivo e que anda a espiá-la, e que é muito possível que tenha sido ele a matar a ama dos seus filhos por engano. Consequentemente, acredita que ele representa uma ameaça à sua vida e à dos seus filhos.

Nenhum deles disse nada por um breve momento; então, Dawson perguntou: – E qual seria o objetivo dessa estratégia?

— O público seria a favor da Amelia. Os meios de comunicação social não largariam o assunto.

Isso poderia obrigar as autoridades locais a fazer alguma coisa.

— Recuso-me – disse ela perentoriamente. Olhou na direção da sala de estar, ouvindo o riso de Hunter e Grant. – Conseguem imaginar o efeito que isso teria nas nossas vidas quando fosse revelado que o Jeremy continua vivo.

— Isso é algo inevitável – recordou-lhe Headly em voz baixa. – Quando quer que seja e como quer que seja que isso aconteça, terá um impacto dramático.

— Claro que estou bem ciente disso. Mas não quero ser, por assim dizer, o diretor de pista do circo quando isso tiver lugar. Mais cedo ou mais tarde, os meus filhos serão identificados como os filhos de um assassino, netos de gente que cometeu atos de terrorismo em território nacional. Não posso protegê-los da verdade, nem impedir que passe a ser do domínio público. Mas também não sou capaz de imaginar como é que lidaremos com as consequências. Como é que eles viverão com esse estigma?

Amelia olhou para os dois homens à espera de resposta, mas, como seria de esperar, nenhum deles lhe respondeu, porque não havia uma resposta que lhe pudessem dar. Dawson aguentou a expressão torturada no olhar dela durante alguns momentos, mas acabou por desviar os olhos. Headly foi o primeiro a quebrar o silêncio cheio de tensão.

— Muito bem, vamos adiar essa revelação durante o tempo que nos for possível. Entretanto, temos de encontrar esses filhos da puta. Ocorreu-lhe alguma coisa durante a noite, lembrou-se de algo que nos possa ser útil? Onde é que o Jeremy poderá estar escondido, quem é que poderá estar a dar-lhe abrigo?

— Fiz uma lista dos amigos dele, aqueles de cujos nomes consegui lembrar-me. Mas, quando ele desapareceu, já se tinha afastado da maior parte deles.

— Onde é que está essa lista?

— Lá em cima, na minha escrivaninha.

— Importa-se de a ir buscar para podermos dar-lhe uma vista de olhos? Sei que é um tiro no escuro, mas o nosso tempo está a esgotar-se. Continuo a pensar que enquanto o Carl e o Jeremy não souberem... – Headly interrompeu-se quando o telemóvel de Dawson começou a tocar.

— É a Harriet – disse.

Amelia olhou para Headly para que este a esclarecesse.

— É a redatora-chefe da *NewsFront*. Uma megera.

Dawson atendeu, mas a sua chefe interrompeu-o a meio da frase. Depois de a ter ouvido, perguntou concisamente: – A chamada foi para o número geral? A que horas? – perguntou e olhou para o seu relógio de pulso. – O que é que ele queria saber exatamente?

Amelia e Headly podiam ver pela postura dele que Harriet não lhe estava a transmitir boas notícias. Dawson ficou a ouvi-la durante um minuto sem a interromper.

— Muito bem. Obrigado por me teres dito o que se passou – agradeceu. – Sim, sim, continuo a tentar convencê-la – acrescentou, olhando de soslaio para Amelia. – Certo. Ela seria uma entrevistada de luxo, sem dúvida. É por isso que vou ter de desligar já. Adeus. – Desligou; pouco depois, anunciou: – A Harriet recebeu um telefonema de um homem que se identificou como Bernie Clarkson para obter informações sobre mim.

— O Carl já sabe – disse Headly por entre dentes cerrados.

— Ou, no mínimo dos mínimos, cheira-lhe a esturro.

— O que é que ele disse especificamente? – perguntou Amelia, deixando-se cair desalentada na cadeira mais próxima.

Dawson relatou-lhe a conversa que a sua redatora-chefe lhe repetira.

— Ela disse que ele lhe pareceu um velho tonto. Cauteloso e desconfiado. A última coisa que ele lhe perguntou foi o que, ou quem, é que despertou a minha atenção para o caso do Jeremy Wesson.

Ela respondeu-lhe que não sabia, o que corresponde à verdade. Ela acredita que o meu interesse foi despertado pelo triângulo amoroso Willard, Darlene e Jeremy e as trágicas consequências a que deu origem, em parte devido à perturbação de stresse pós-traumático deste último.

— Mas o «Bernie» deve ter pensado que devia haver mais alguma coisa subjacente ao teu interesse, o que o levou a agir em função desse palpite – alvitrou Headly.

— Aparentemente. Ele mentiu acerca do meu cartão de visita. Não lhe dei nenhum. O que significa que ele se deu ao trabalho de descobrir a quem é que devia telefonar para se informar a meu respeito.

— Mas, do mal, o menos, ela não lhe disse nada que levantasse mais suspeitas – comentou Amelia.

— De facto, foi o oposto. Ela limitou-se a confirmar que és jornalista e estás a cobrir uma boa história.

— O que corresponde à verdade. – Dawson ficou a olhar pensativamente para o vazio durante um momento, após o que se apressou a ligar um número no seu telemóvel. – Glenda, amor da minha vida, aceitas casar comigo? De acordo, e que tal se só tivéssemos um caso escaldante? Não, então um caso só de uma noite? Está bem, está bem, mas agora ouve bem. Duas coisas: a primeira, a Harriet atendeu um telefonema na redação, que lhe foi reencaminhado por volta das nove horas e cinquenta minutos desta manhã. Não me recordo do número da extensão dela, mas... É de admirar que eu te ame? És capaz de descobrir o número de telefone da pessoa que lhe ligou? Meu Deus, não, não faças isso através dela! Pergunta à telefonista sem dares grande importância ao assunto. Segunda coisa. – Dawson fez uma pausa, respirando fundo. – Preciso de ir parar à cadeia sem passar pela casa de partida. Consegues ajudar-me?

Uma agente de polícia passou a desempenhar o papel de ama dos rapazes, que gostaram dela de imediato, especialmente quando a agente improvisou uma pista de corridas para os inúmeros carrinhos dos dois. Ficaram fascinados com as rampas que ela conseguiu improvisar.

Entretanto, chegou outro agente das forças do xerife com bens alimentares, com que abasteceu o frigorífico e a despensa de Amelia. Depois de saber que os filhos estavam a ser bem cuidados, acompanhou Headly e Dawson de volta à cidade, sentindo-se muito mais tranquila.

Headly estava interessado em ver o que restava dos pertences de Jeremy que continuavam de posse dela.

— Estão num cofre em minha casa – disselhes Amelia. – Mas não estejam à espera de grande coisa. Só guardei algumas coisas que os rapazes poderão querer quando forem mais velhos. As condecorações que recebeu pela sua perícia no tiro ao alvo. Coisas desse género.

À frente e atrás do automóvel dela seguiam veículos descaracterizados das forças policiais, que os acompanhavam desde que desembarcaram no continente e durante o percurso até Savannah. Da perspetiva de Amelia, a caravana automóvel não passava despercebida, mas supunha que aqueles agentes policiais sabiam o que faziam. Headly usava um coldre de ombro por baixo do casaco, o que tinha tanto de tranquilizador quanto de desconcertante.

O plano era deixarem Dawson na área de visitas da cadeia, combinando que iriam buscá-lo depois de terem ido ao apartamento dela.

— Eu podia facilitar-te as coisas – ofereceu-se Headly –, tornando a situação oficial.

— Obrigado – agradeceu Dawson –, mas quero evitar dar-lhe um caráter «oficial». Um cidadão comum inspira mais confiança.

— Esperas tu.

— Espero eu. – Quando já saía do carro, lançou a Amelia um olhar cheio de significado. – Até logo.

— Boa sorte.

Depois de um momento para se certificar de que as viaturas descaracterizadas continuavam a proceder a uma escolta discreta enquanto ela se afastava no seu automóvel, Dawson entrou no edifício onde o advogado de Willard Strong, Mike Gleason, o aguardava no átrio, como tinha ficado acordado; depois de Glenda se ter feito passar por alguém que exercia um elevado cargo na direção da revista *NewsFront*. O causídico caíra no embuste, o que acontecia sempre quando ela se empenhava.

— Aproveitei-me da vaidade do homem, e ele caiu que nem um patinho – tinha Glenda dito a Dawson quando lhe ligara para confirmar o encontro deste com o advogado.

Ele perdoara-lhe por ela não ter sido capaz de obter mais informações sobre o telefonema que Carl Wingert fizera a Harriet. Tal como Dawson esperava, fora feito por um número que não podia ser identificado.

— Lamento não poder ajudar-te quanto a esse assunto – dissera a colega.

— Nem por isso deixas de ser um amor. Conseguiste marcar o encontro, e isso foi um autêntico golpe de sorte para mim.

Agora, todo inchado e cheio de si próprio, o advogado aproximou-se dele.

— Senhor Scott?

— Obrigado por ter concordado em falar comigo – agradeceu Dawson depois de terem trocado um aperto de mão.

— Sem qualquer garantia de lhe conseguir uma entrevista com o meu cliente.

— Tenho esperança em vir a convencê-lo de que isso seria no melhor interesse do seu cliente.

— Nesse caso, vai ter muito trabalho para conseguir convencer-me disso – retorquiu Gleason, que acompanhou a frase pouco simpática com um gesto na direção da área de estar, onde podiam sentar-se a conversar.

O advogado era mais ou menos da mesma idade de Dawson, um homem bem-parecido e bem vestido. Mas não era um advogado de defesa de grande competência. O contrainterrogatório a Amelia tinha sido desastroso, pelo que ele não conseguira grandes benefícios ao decidir pôr o seu cliente no banco das testemunhas.

Gleason falava com convicção, mas Dawson deduzia que o acentuado soerguer do peito era uma espécie de compensação por uma insegurança básica. O homem andava às aranhas, e sabia-o, mas não se renderia sem dar luta.

— Eu pensava que a *NewsFront* tinha ido à falência.

Um pequeno remoque, que, apesar de pouco evidente, era intencional. Dawson reagiu com um sorriso malicioso.

— Continuamos a aguentar-nos. Um dos poucos.

— Ouvi dizer que estava a fazer a cobertura do julgamento para a revista.

— Estou a cobrir o julgamento por minha iniciativa. É um caso empolgante desde o princípio ao fim. – Dawson não tinha tempo para estar com paninhos quentes, nem para poupar o ego inchado de Gleason. Assim, não esteve com rodeios. – No ponto em que as coisas se encontram, o caso vai acabar com o Willard Strong no corredor da morte.

Gleason protestou veementemente; Dawson já estava à espera. Continuou a falar apesar dos protestos do advogado.

— O que será um trágico erro judiciário, porque o seu cliente está inocente.

Aquela afirmação pôs fim à fiada de objeções. Dawson arqueou as sobrancelhas como se estivesse a pedir-lhe licença para continuar. Gleason aquiesceu com um breve acenar de cabeça.

— O Willard foi falsamente incriminado pelo assassinato da mulher.

— E o que é que o levou a chegar a essa conclusão, senhor Scott?

— Não posso divulgar isso.

Gleason mostrou-se dececionado, mas depois disse o que lhe ia no pensamento.

— Está a tentar intrujar-me, não é verdade?

— Não – negou Dawson.

— Também tentou entrevistar o Lem Jackson? Disselhe que acha que foi um desperdício do dinheiro dos contribuintes num julgamento em que o Willard é tão culpado como o pecado, pelo que devia ter ido diretamente para a prisão?

— Não – respondeu Dawson.

— Mas admite que uma entrevista com o meu cliente embelezaria a reportagem que tenciona escrever?

— Pode ter a certeza. Mas ao permitir que eu fale com ele, além de me estar a fazer um favor, também estaria a fazer-lhe um favor.

— Diga-me como é que isso poderia beneficiá-lo – retorquiu o advogado, cruzando os braços diante do peito.

— Está a referir-se ao facto de o pôr em liberdade, em vez de vir a ser condenado à morte? – Dawson não estava à espera de uma resposta, e Gleason nem sequer se incomodou em dar-lha. – O

seu cliente tem um enorme problema de relações públicas. Ainda que ele não seja um assassino, aparenta sê-lo. Todos os dias se mostrou extremamente irritado durante o julgamento. E depois, como se isso não chegasse, você decidiu pô-lo no banco das testemunhas, e ele, de repente, começou a mostrar-se extremamente desolado e ansioso, ao ponto de parecer patético. Seria de esperar que um homem, para tentar salvar a vida, mudasse de atitude, mostrando mais humildade, mas duvido muito que o júri tenha acreditado na sinceridade do Willard.

— Ser-lhe-á impossível influenciar a perceção que os jurados têm dele. Eles não terão acesso a nada do que você possa escrever.

— É verdade.

— Então...

— É possível que eu possa alterar o curso do julgamento. Mas primeiro terá de me deixar falar com ele. Só então poderei ajudar o Willard a ajudar-se a si próprio.

— Ajudá-lo faz parte das minhas funções.

— Com todo o respeito que lhe é devido, devo dizer-lhe que está a fracassar.

Uma vez mais, o ego veio à superfície.

— O júri ainda não deliberou, senhor Scott.

— As probabilidades de ele vir a ser absolvido são quase inexistentes, admita.

O advogado não admitia absolutamente nada, mas disse: – Dê-me outra razão para considerar isso uma boa ideia.

— A menos que exista um enorme contratempo, algo nos moldes de o julgamento ser considerado nulo, ele será condenado.

— Não estou de acordo com isso. Mas ainda que ele seja condenado, tenciono interpor recurso imediatamente.

— A sua interposição de recurso *podia* coincidir com a reportagem de um semanário de distribuição a nível nacional favorável ao Willard.

— E você faria isso? Escrevê-la-ia nesses moldes?

— Sim – confirmou Dawson.

— Porquê?

— Porque apostaria a minha carreira em como ele está inocente.

— Está a gozar comigo?

— Não.

Esta resposta pareceu ter deixado o advogado impressionado, mas ainda não estava pronto a ceder.

— Tratei de fazer algum trabalho de pesquisa na Internet a seu respeito. Você escreveu a sua quota-parte de artigos difamatórios.

— Sobre pessoas que mereciam ser difamadas.

— Face a isso, como é que posso saber que não planeia fazer o mesmo com o meu cliente?

— Não sabe.

— Como é que sei que não está a intrujar-me quando me diz que considera que ele está inocente?

— Não sabe – respondeu Dawson, acrescentando uma fração de segundo depois: – Tenho consciência de que estará a acreditar cegamente em mim, mas pode crer que compensará.

O advogado ficou a ruminar, literalmente, aquilo. O interior da bochecha estava a ser brutalizado pelos seus molares.

— Deixe-me pensar melhor sobre isso – disse Gleason por fim.

— Não. É pegar ou largar.

— Mas eu preciso de tempo para...

— Não dispõe de tempo. Diga-me já. Aceita ou não?

— Tem algum prazo a cumprir? – perguntou o advogado num tom trocista, mas Dawson respondeu-lhe solenemente.

— Não faz a mais pequena ideia. – Não lhe foi difícil ver que o orgulho do advogado se debatia com o dilema de se render, orgulho esse que lhe levou a melhor.

— Lamento, senhor Scott. Nada feito. Pelo menos até eu ter tido tempo para refletir, consultar o meu cliente e sopesar as nossas opções.

Dawson sentiu uma vontade quase irresistível de o agarrar pelas lapelas do fato de bom corte e sacudi-lo. Não o fez, mas inclinou-se para a frente, falando-lhe depressa e num tom agressivo.

— Mas que opções? *Que opções?* Dispõe de duas. Doze pessoas que estão prontas, até mesmo ansiosas para condenar o Willard à morte por injeção letal. Ele morre, apesar de estar inocente, e você passa a contar com uma grande derrota na coluna das perdas. Esta é

uma opção. – Dawson inclinou-se ainda mais para o advogado. – A outra sou eu, o pregoeiro público a favor do Willard.

Ele é ilibado, sai em liberdade e você é aclamado como um herói, vai à televisão e fala sobre o caso e todos os criminosos dos estados do Sul passam a suplicar-lhe que os defenda em tribunal. – Dawson viu logo que aquela hipótese lhe agradava bastante, mas, mesmo assim, continuava a opor alguma resistência.

— Tudo isso parece muito bonito, mas...

— O quê?

— É possível que as coisas não se desenrolem dessa maneira.

— Pode ter a certeza absoluta de que nada disto acontecerá se recusar o que lhe proponho.

— Não estou a recusar perentoriamente. Mas a situação exige que se aja com cautela.

— Não há tempo para cautelas. Precisa de decidir imediatamente.

— Mas...

— Tem de dizer «sim» e dizê-lo já – atalhou Dawson.

— Você...

— Sou a única esperança que resta ao seu cliente.

— Ele...

— Não tem a mínima hipótese de vir a ser ilibado, e você sabe.

— Eu...

— *Tem de concordar com a porra da entrevista!*

O grito imperioso de Dawson deixou o advogado perplexo, mas também deu resultado. Descruzou os braços e lambeu os lábios.

— Será por meio de um circuito interno de vídeo.

— De acordo.

— Estarei presente durante o tempo todo.

— De acordo.

— Tenciono gravar toda a entrevista para a transcrever posteriormente.

— De acordo.

— Se o caluniar, processarei a sua revista judicialmente.

— Está combinado – retorquiu Dawson, pondo-se de pé.

A data da entrevista acordada tão apressadamente com o prisioneiro levou o seu tempo a ser estabelecida. A Dawson pareceu uma eternidade, e começou a andar de um lado para o outro enquanto Gleason tratava com funcionários que pareciam dispor de todo o tempo do mundo. Por fim, foram conduzidos a uma sala com o equipamento necessário para uma entrevista com Willard Strong através de um circuito interno de vídeo.

Numa outra parte da cadeia, Strong foi levado para uma sala, algemado e agrilhoado. Irradiando hostilidade, deixou-se cair numa cadeira em frente de um monitor através do qual podia comunicar com o exterior. Olhou para o seu advogado com um desdém bem patente. Em seguida, o seu olhar beligerante desviou-se para Dawson.

— Mas quem diabo é você?

— Seja simpático, Willard – replicou Dawson com um sorriso indolente. – Sou o fulano que está aqui para salvar a sua miserável vida.

Amelia e Headly dirigiam-se, uma vez mais, para o complexo da prisão. Era ela quem seguia ao volante, enquanto Headly se sentava no lugar do passageiro a falar com Knutz ao telemóvel. Um pequeno acidente de viação na autoestrada estava a atrasar o trânsito, com os veículos a rolarem a passo de caracol. As viaturas descaracterizadas das forças do xerife estavam a ter tanta dificuldade a mudar de faixa de rodagem quanto ela própria. Entretanto, Headly pôs fim à conversa telefónica.

— O Knutz está a tentar ganhar-nos mais tempo, usando aquele telefonema que a chefe do Dawson recebeu para exercer pressão. Por que razão o Bernie, um velhote simpático, lhe terá ligado? Porque é que mentiu?

— A menos que ele seja o Carl.

— O Knutz está a trabalhar com essa hipótese. Entretanto, não foi possível encontrar quaisquer pistas no barco.

Tão-pouco no cofre. Não tinha descoberto nada de útil: nada de mapas, escrituras de propriedades, contratos de arrendamento, nem documentos de qualquer espécie.

Uma vez que isso não produzira quaisquer resultados positivos, tinham decidido dividir a lista de antigos amigos de Jeremy que Amelia compilara e, cada um no seu telemóvel, os dois haviam feito dezenas de telefonemas. Preparados para o inevitável: «Porque me está a fazer perguntas, agora, a respeito do Jeremy?», Headly inventara uma explicação, alegando uma declaração de rendimentos que apresentava uma dedução questionável e que estava a afetar o fideicomisso estabelecido em benefício de Hunter e de Grant. Dissera a Amelia quais as palavras-chave que ela devia usar.

— E acha que vão compreender esse jargão? – perguntou-lhe ela.

— Não. Mas para evitarem mais qualquer envolvimento, ninguém pedirá esclarecimentos. E esse é o nosso objetivo.

Muitos dos números para que tinham ligado já não estavam ativos. Algumas chamadas foram reencaminhadas para o correio de voz, e ambos deixaram mensagem, pedindo ao assinante que lhes ligasse devido a um assunto da maior importância.

As poucas pessoas que tinham conseguido contactar mostraram-se relutantes em falar sobre Jeremy. Manifestaram mal-estar por terem sido considerados antigos conhecidos dele. A maior parte das reações eram de desconfiança, enquanto outros reagiram com uma hostilidade evidente.

Foi dito a Headly e a Amelia repetidamente que as perguntas que estavam a fazer às pessoas que contactavam já lhes haviam sido feitas por agentes policiais há mais de um ano, quando Jeremy fora dado como desaparecido e presumivelmente morto. Tinham dito tudo o que sabiam nessa altura.

Amelia travou para permitir que uma pequena carrinha de caixa aberta se metesse à sua frente, aproveitando para olhar para Headly.

— Como é que procedemos a partir daqui?

— Talvez o Dawson consiga alguma coisa de útil quando entrevistar o Willard. – Mudou de posição no assento, virando-se ligeiramente para ela. – O que é que pensa dele?

— Fico toda arrepiada quando penso nele.

— Estava a referir-me ao Dawson – retorquiu Headly, rindo-se. – Ou será que *ele* a deixa toda arrepiada?

— Oh... o Dawson.

Headly ficou à espera de que ela respondesse à pergunta, mas Amelia foi a primeira a desviar o olhar. Tirou o pé do travão e avançou, mas apenas alguns metros, até ser forçada a travar de novo.

— O Dawson e eu não começámos com o pé direito. Ele contou-lhe a primeira vez em que falámos?

— Ele começou a brincar com os miúdos na praia. E as coisas desenrolaram-se a partir daí – respondeu Headly.

— Foi mais ou menos assim – murmurou ela.

— Hum... mais do que menos, penso eu.

Vendo que Amelia não lhe dava réplica, Headly riu-se.

— Como queira. Guardem essa história só para vocês. Voltemos à minha primeira pergunta.

— O que é que eu penso dele? Sob que aspeto?

— Sob qualquer aspeto.

— Ele interage muito bem com os meus filhos.

— O que é surpreendente – disse Headly.

— Porquê?

— Porque ele não tem qualquer experiência com crianças. Cresceu como filho único. Era amigo da nossa filha, a Sarah, e conviviam muito, mas ela é alguns anos mais velha do que ele, razão por que discutiam tanto quanto brincavam. – Headly também lhe disse que a filha estava casada e vivia em Londres.

— Tem filhos?

— Ainda não. A minha mulher não se cansa de lançar alusões pouco subtis.

— Entretanto, o Dawson recebe carinho parental de si e da senhora Headly – retorquiu Amelia, rindo-se.

— A que ele resiste, como seria de esperar.

Temporariamente parados pelo engarrafamento, ela olhou para ele.

— Porquê esse «como seria de esperar»?

— O distanciamento que faz com que ele seja um bom jornalista estende-se à sua vida pessoal. Ele coloca-se de parte, considerando-se apenas como um observador, como um solitário. É por essa razão que nunca casou. A razão por que nem sequer esteve próximo de dar esse passo.

— Note bem que não lhe fiz essa pergunta – enfatizou Amelia com um arquear de sobrancelhas.

— Não, não fez, mas calculei que quisesse saber – retrucou Headly, olhando para ela com uma expressão risonha e piscando-lhe um olho. – É verdade que houve mulheres com quem ele manteve uma relação mais alongada do que com outras. Houve uma ou duas mulheres encantadoras e que iam ao encontro dos rígidos padrões da Eva. Mas até mesmo com essas, quando a relação começava a revestir-se de um caráter mais sério, ele apressava-se a pôr-lhe fim.

— A dificuldade em assumir compromissos é uma coisa comum. Especialmente num homem solitário.

— Eu não disse que ele era um solitário.

— Mas foi precisamente isso que acabou de dizer – ripostou Amelia, fitando-o com uma expressão de perplexidade.

— O que eu disse foi que ele se *considera* um solitário.

— Qual é a diferença? – perguntou Amelia.

— A diferença está na sua verdadeira natureza. Seria possível que um homem geneticamente solitário se tivesse relacionado com os

seus filhos, como ele fez?

— Espere aí. – Amelia ergueu a mão, pedindo uma pausa para poder compreender. – Está a dizer-me que o Dawson luta contra as suas tendências naturais?

— Com todas as forças.

— Porquê?

— Trata-se de um mecanismo de defesa.

— Contra o quê?

— Isso é coisa que terá de lhe perguntar. – Não desviou o olhar do dela durante algum tempo, após o que lhe chamou a atenção para o trânsito. – Tem uma abertura por onde avançar. – Depois de terem passado a fase do para-arranca, Headly prosseguiu: – Quando tiver esgotado esse assunto, pergunte-lhe o que se passou no Afeganistão.

— Já lhe perguntei. Ele recusou-se a falar acerca disso. E consigo?

— A mesma coisa.

— Tive oportunidade de assistir quando ele estava a ter um pesadelo. Não estávamos a dormir na mesma cama – apressou-se Amelia a esclarecer.

— Note bem que não lhe fiz essa pergunta – disse ele, como se estivesse a devolver-lhe as palavras que ela empregara.

Amelia fitou-o com um sorriso de alguma mortificação, e arvorou uma expressão circunspecta.

— Ouvi-o gritar e fui ver o que se passava. Ele estava muito agitado. Atormentado. Acordou a gritar. Tal como costumava acontecer com o Jeremy. Só que...

— O quê?

— O Dawson estava encharcado em suor e tremia que nem varas verdes. Até mesmo depois de estar acordado e consciente do lugar onde se encontrava, precisou de vários minutos para se recompor.

Ele sentiu o horror do pesadelo em termos físicos e emocionais. Depois de o ter visto nesse estado, acredito que o Jeremy fingia.

— Refere-se aos pesadelos? – perguntou-lhe Headly.

— A tudo. Agora acredito que ele fingia que sofria de stresse pós-traumático. O que, a confirmar-se, é outra traição, não acha? Estão a somar-se umas às outras.

— Amelia. – Headly disse o nome dela em voz baixa. Quando ela virou a cabeça na sua direção, prosseguiu: – O Dawson não é como o Jeremy. Sob nenhum aspeto.

Aquela asserção, vinda de alguém que o conhecia tão bem, era o que ela precisava e desejava.

Fizeram o resto do trajeto até à prisão sem mais comentários. Mas quando já se aproximavam da área de visitas, ela quebrou o silêncio.

— Ele não é uma pessoa muito direta – disse Amelia.

— O que é um bom sinal. Quanto mais ele conseguir falar com o Willard, mais probabilidades terá de obter informações. Estacione e vamos esperar lá dentro, onde está mais fresco.

Decorreu uma boa meia hora até Dawson se juntar a eles no átrio. Headly foi ao encontro dele.

— E então?

— Ao princípio, o Gleason foi contra a entrevista, mas lá acabou por ceder.

— Viste o Willard? – perguntou Amelia.

— Durante dez minutos, através de uma câmara de vídeo de circuito interno, mas é possível que tenha conseguido alguma coisa. Ele não se mostrou nada acessível, mas quando eu lhe disse que pensava que o Jeremy continuava vivo e que não foi ele, Willard, quem assassinou a Darlene, começou a mostrar-se muito mais cooperante. – Sorriu com azedume enquanto cruzava o dedo indicador com o médio. – Agora somos unha com carne.

— Parabéns – disse Headly. – Mas passa à parte boa.

— Não sei até que ponto ele é fiável. Não se pode dizer que o Willard tenha conquistado a minha confiança incondicional. Mas quando lhe perguntei se sabia de algum local para onde o Jeremy

pudesse fugir, nem sequer precisou de pensar duas vezes. O que confere credibilidade ao que ele me disse. Houve uma ocasião em que ele e o Jeremy estavam no canil e o Jeremy fez um comentário pouco abonatório sobre a cabana. Disse que, em comparação, fazia com que a dele parecesse o Hilton.

— A *cabana* dele?

— O Willard não pôde ser mais específico – respondeu Dawson com um encolher de ombros –, porque, quando pediu mais pormenores ao Jeremy, este perdeu a calma. O que tinha querido *dizer* foi que *se* tivesse um lugar como aquele, seria melhor do que a espelunca que o Willard tinha. No entanto, o Willard está convencido de que lhe fugiu a boca para a verdade, que era algo que o Jeremy nunca tivera a intenção de mencionar, mas quando o fez, tentou emendar a mão. Conheces algum lugar nesses moldes? – perguntou a Amelia.

— Se o Jeremy era proprietário de alguma coisa desse género, eu não tinha qualquer conhecimento disso – respondeu ela desanimada.

— Uma cabana de pesca, um esconderijo de onde pudesse observar veados, uma barraca, uma casa de barcos, um palheiro?

— Não conheço nada assim – replicou Amelia.

— Tudo isso me parece muito forçado – disse Headly, soltando um som de descontentamento. – Na minha opinião, o Willard fingiu que se lembrava de algo que nunca foi dito. Também é possível que esteja a inventar histórias para se divertir.

— Ou alguma coisa que ele sabe que eu quero ouvir – adiantou Dawson. – Perguntei-lhe por que motivo não tinha revelado essa conversa aos polícias quando eles andavam a virar céu e terra à procura do Jeremy ou do que restasse dele. Ele disseme que lhes tinha contado, mas que, tanto quanto saiba, ninguém pegou nessa informação. Andavam a dragar o pântano à procura de um cadáver decomposto, e não de um barracão com um Jeremy bem vivo no interior.

Headly passou a mão pela face, esticando a pele.

— Um barracão que talvez exista ou não, e se existir, pode situar-se algures num dos quarenta e oito estados contíguos.

— Na Carolina do Sul.

Dawson e Headly ficaram a olhar para Amelia, que falou como se estivesse a pensar em voz alta.

Apercebendo-se de que atraíra a atenção dos dois homens, continuou.

— Encontrei uma multa por excesso de velocidade no chão do nosso roupeiro. Deve ter caído de uma algibeira quando ele pendurou a roupa. Reparei que fora passada na Carolina do Sul e pedi-lhe que me explicasse porquê.

— Quando é que isso se passou?

— Pouco antes de nos separarmos. Nessa altura, já ele conhecia o Willard, um novo amigo dele com quem eu não simpatizava minimamente. Tive esperança de que o Jeremy tivesse ido a Beaufort visitar velhos amigos de Parris Island e da base naval. Quando lhe mostrei a multa, ele ficou furioso. Foi por esse motivo que me lembrei disso. Tirou-me o papel da mão, rasgou-o em pedacinhos e deitou-o fora. Disseme que eu era uma intrometida, que me metesse na minha própria vida. Obviamente, toquei num assunto de que ele não queria que eu tivesse conhecimento. Desconfiei que se tratasse de outra mulher. Mas talvez... – Amelia calou-se, deixando que eles tirassem as suas próprias conclusões.

Dawson olhou para Headly e encolheu os ombros.

— Já é alguma coisa.

Cheios de energia, encaminharam-se para a saída.

— Com o número da Segurança Social (5) do Jeremy, a autoridade tributária deve ser capaz de nos dar informações sobre essa multa. Quando soubermos onde foi passada, teremos um ponto de partida para dar início à procura. Vou pôr o Knutz a tratar disso – disse Headly.

Marcou um número no seu telemóvel. Dawson manteve a porta aberta, dando passagem a Amelia e a Headly. Saíram para a intensa luminosidade do Sol e dirigiram-se para o parque de estacionamento.

Headly, com o telemóvel encostado ao ouvido, virou a cabeça para dizer algo a Dawson por cima do ombro quando, subitamente, o seu rosto espelhou uma estranha expressão. E então, os seus olhos ficaram inteiramente inexpressivos.

O cérebro de Dawson interpretou de imediato o que essa expressão de vazio significava, até mesmo enquanto os joelhos de Headly se dobravam e ele tombava para a frente. Dawson soltou um grito de horror e de indignação, empurrando Amelia para o passeio e baixando-se com ela.

A segunda bala não lhe acertou por uma unha negra.

A que se destinava a Headly acertara no alvo.

(5) Nos Estados Unidos da América, o bilhete de identidade não existe, pelo que o número da Segurança Social o substitui como documento de identificação. (N. da T.)

Capítulo 22

Carl Wingert era um dos poucos criminosos dos Estados Unidos da América que tinha o descaramento de lutar contra as autoridades nos terrenos destas.

Ele e Jeremy tinham passado várias horas no telhado de um edifício de sete andares de escritórios, que, devido à recessão, tinha ficado sem locatários. A gerência da empresa proprietária do imóvel falira e, depois de a hipoteca ter sido executada, o edifício ficou desocupado e ao abandono.

Situado num parque industrial em que outras empresas também haviam sucumbido à crise, ficava a cerca de quatrocentos metros do complexo da cadeia. Entre um e o outro existia uma estrada com quatro faixas de rodagem divididas por um amplo separador cheio de murteiras.

De uma maneira geral, as árvores constituíam um problema, mas do cimo do telhado, um dos mais altos em toda aquela área, Jeremy poderia ter disparado vários tiros sem quaisquer obstáculos à sua frente. Parcialmente escondidos por uma coluna de ventilação, tinham esperado por uma oportunidade para disparar contra o agente do FBI Gary Headly, onde e quando ele menos esperava vir a ser alvejado.

A situação alterara-se de imediato assim que Carl viu Headly na fotografia. A única razão por que o agente veterano estaria em Savannah, a trabalhar em conjunto com as forças do xerife com vista a resolver o caso de assassínio de Stephanie DeMarco, era por Jeremy estar relacionado com o homicídio e, ainda mais grave, com Carl Wingert.

As autoridades ainda não haviam anunciado publicamente que Jeremy estava vivo e era suspeito de ter cometido esse crime, nem que era filho de um infame foragido da justiça, mas Carl sabia que esses pontos de informação já tinham sido ligados. Essa era a única explicação para o envolvimento de Headly no caso.

Se Headly estabelecera uma ligação entre ele e Bernie Clarkson ou não, era coisa que Carl desconhecia. Mas ainda que isso não tivesse

acontecido, ele continuaria a seguir persistentemente o rasto de Jeremy, ainda que apenas por ele ser filho de Carl. Em qualquer dos casos, Carl tinha decidido não esperar que o agente do FBI o encontrasse. Não, de maneira nenhuma. O fulano queria-o, pois então iria tê-lo. Com a diferença de que não seria da maneira como planeara.

Carl concluíra que, mais cedo ou mais tarde, Headly haveria de aparecer nas instalações das forças do xerife para falar com o pote de banhas que era o detetive, e, quando isso acontecesse, Jeremy dispararia contra ele e acertaria até mesmo àquela distância.

O homicídio de um agente do FBI no complexo das forças do xerife, incluindo a cadeia, daria origem a uma situação de caos. Seguir-se-iam o pânico e a confusão. Antes que alguém tivesse tido tempo para descobrir de que direção é que a bala fora disparada, há muito que ele e Jeremy teriam desaparecido.

O plano tinha o carimbo de Carl Wingert do princípio ao fim. Era suficientemente audaz para resultar. Sem dúvida que existia um fator de risco, mas era tão pouco elevado que Carl estava disposto a corrê-lo a fim de poder livrar-se da sua Némesis. Ao pôr o seu plano em prática, também estaria a dar a saber à decadente sociedade norte-americana que Carl Wingert ainda não dera por terminado o seu ajuste de contas. Podia ter envelhecido, mas continuava a ser um indivíduo a temer, uma força que não podia ser ignorada.

Lamentava não ter agido da mesma maneira destemida várias décadas antes, culpando Flora e as suas lamúrias por todos aqueles anos de inatividade. Consequentemente, o rancor que sentia por Headly estivera a fermentar desde há muitos anos, pelo que agora a vingança era ainda mais doce.

As horas que passara em cima daquele telhado à espera de que Headly aparecesse permitiram que Jeremy tivesse tido tempo para avaliar a situação e fazer os seus próprios cálculos, bem como para ensaiar a sua pontaria tanto em pessoal uniformizado como em civis que iam às instalações do xerife e à cadeia, entrando e saindo dos vários edifícios para tratarem dos seus assuntos, sem sequer suspeitarem que se

encontravam sob a mira da sua arma. Jeremy não precisava de conselhos, mas isso não impedia que Carl desfiasse uma série de instruções.

— Terás uma única oportunidade para o abateres, talvez mesmo duas, não mais que isso depois de eles terem ouvido o estampido dos disparos. Segundos depois, temos de estar a descer as escadas de emergência.

Quando chegou a altura, Jeremy encontrava-se mentalmente preparado. Tudo o que precisava de fazer era disparar contra o alvo. Carl, que entretanto observava o complexo policial através dos binóculos, reconheceu o automóvel de Amelia quando surgiu à entrada do centro de visitas.

— Estás a vê-la? – perguntou a Jeremy depois de o ter informado.

— Ao volante do carro – disse Jeremy num tom de voz tenso devido à concentração.

— Esta pode ser a tua melhor oportunidade.

Mas não foi, porque Dawson Scott saiu do automóvel e entrou no edifício sozinho; conquanto Jeremy tivesse adorado poder acabar com ele naquele preciso momento, não teria podido disparar com a certeza de que acertaria em cheio; além disso, Dawson não era o alvo do dia.

Amelia afastou-se da entrada do edifício sem ter saído da viatura. Pai e filho continuaram a aguardar enquanto comiam tabletes energéticas e bebiam água engarrafada. Quase duas horas depois, Amelia regressou e estacionou a viatura. Desta feita, ela e «Adivinhem quem é o cabrão»

estacionaram e entraram; Carl riu-se.

— Vão ter de sair, mais cedo ou mais tarde. Prepara-te, filho.

Desta vez, a espera não se alongou. Amelia foi a primeira a sair; Headly saiu logo atrás dela com o telemóvel encostado ao ouvido.

— Já o tens na mira? – perguntou Carl a Jeremy.

— Mesmo em cheio.

Mas quando Jeremy já apertava o gatilho, o agente do FBI virou a cabeça para dizer qualquer coisa por cima do ombro. Carl, que estava à espera de ver a cabeça do agente explodir, praguejou quando ele tombou e caiu por terra com o crânio intacto.

— O disparo não lhe acertou na cabeça, mas ele está caído. Temos de nos pôr a andar!

Trazia os binóculos pendurados ao pescoço por uma correia fina, pelo que tinha as mãos livres para poder pegar no tripé, tal como haviam ensaiado. Jeremy tratou de recolher as cápsulas das balas. Os tiros foram disparados numa sucessão tão rápida que Carl ainda não se apercebera de que Jeremy tinha disparado uma segunda vez.

— A Amelia?

— Não consegui acertar-lhe.

Carl não perdeu tempo a sentir-se dececionado. Surgiria outra ocasião para tratar de Amelia.

Quanto a Headly, se não tivesse morrido, teria ficado estropiado. Os dois correram pelo telhado arenoso, esgueirando-se pela estreita e pesada porta de metal de acesso ao cimo do edifício. Os passos deles ecoavam ruidosamente pelas escadas interiores, mas não havia ninguém que pudesse ouvi-los enquanto desciam os degraus do edifício deserto. Jeremy levava a carabina, mas, apesar disso, conseguia deslocar-se com mais rapidez e desenvoltura do que Carl, que sentia dores nas ancas a cada passo que dava.

Jeremy perguntou-lhe se precisava de um momento para poder descansar, mas Carl empurrou-o para o lado, passando por ele.

— Vais ter dificuldade em acompanhar a minha passada, meu filho.

Como que para sublinhar a necessidade de se apressarem, o som das sirenas chegou-lhes aos ouvidos através das paredes exteriores.

— Bolas! Não perderam tempo – comentou Jeremy.

— Não penses neles. Continua a andar.

Quando chegaram ao piso térreo, ambos estavam sem fôlego. Saíram do edifício pela mesma porta das traseiras por onde tinham entrado depois de terem arrombado a fechadura. Jeremy abriu a porta de trás do seu automóvel, colocando a carabina cuidadosamente no chão, atrás do assento do condutor, quando um carro-patrulha, que vinha a toda a velocidade com as luzes do tejadilho a piscarem, virou no beco entre o edifício abandonado e um outro, igualmente desocupado. Os pneus

chiaram quando o condutor travou abruptamente a mais ou menos dez metros deles.

— Mantém-te calmo – disse Carl, adaptando-se imediatamente à figura de Bernie Clarkson.

O agente que se sentava ao volante era um homem de meia-idade, o que a Carl disse muito a seu respeito, nomeadamente que não era o mais arguto dos polícias, porque, se fosse, não continuaria a fazer trabalho de patrulha com aquela idade. Saiu com dificuldade da viatura enquanto abria o coldre junto do quadril direito.

— Ponham as mãos de maneira a que eu possa vê-las! – ordenou, tirando a pistola do coldre e apontando-a aos dois, primeiro a um e depois ao outro.

— O que é que se passa, senhor agente? – perguntou Carl na voz enrouquecida e envelhecida de Bernie.

— Saiam de trás dessa porta! – gritou o agente de polícia. – Mãos ao alto!

Jeremy afastou-se vagarosamente da porta aberta do lugar de trás e, à semelhança de Carl, ergueu as mãos à altura dos ombros.

— Porquê todas estas sirenes...

— Quem são vocês? O que estão a fazer aqui?

— Esta manhã arrendámos este edifício para a nossa empresa de fornecimento de equipamento médico – respondeu Jeremy. – Viemos dar uma vista de olhos para ver se o mobiliário já tinha chegado. Estávamos de saída quando começámos a ouvir as sirenes.

— Houve algum assalto nesta área?

Os olhos do agente iam de um ao outro.

— Deixem-se estar onde estão! – ordenou, estendendo a mão para o rádio transmissor-recetor preso no ombro.

— Pai? – disse Jeremy à guisa de pergunta.

— Eu trato dele. – Carl tirou a pistola que trazia por dentro do cós das calças na região lombar e puxou o gatilho uma vez. O polícia caiu por terra. – Eles nunca aprendem.

Abater um polícia não entrara nos planos deles.

— Precisamos de sair daqui imediatamente! – disse Jeremy. Virou-se para fechar a porta de trás do automóvel.

Carl contornou a frente da viatura num passo cambaleante até à porta do passageiro e já ia a meio caminho quando ouviu o estampido. Passaram vários segundos antes de se aperceber de que o polícia que estava caído no chão, em cima de uma poça de sangue que começava a formar-se, tinha conseguido disparar um tiro.

E isso enfureceu Carl. Aproximou-se do agente caído, inclinou-se para baixo e encostou o cano da sua pistola à têmpora do polícia. Olhou para os olhos dele, que espelhavam o medo que sentia, e sorriu.

— E agora vai impressionar o diabo. Diz-lhe que foste morto pelo Carl Wingert.

Deixou o corpo e o carro-patrulha onde estavam, mas tomou nota do nome na pequena placa presa ao peito do uniforme do agente e arrancou o rádio da polícia que ele trazia preso à cintura.

Jeremy já estava sentado ao volante e com o motor a funcionar quando Carl se sentou ao seu lado.

— Guia até à ponte e conduz a uma velocidade normal.

Aumentou o volume do som do rádio e ouviu alguns minutos antes de alguém comunicar com o agente que acabara de matar. Num tom de voz abafado, disse: – Está tudo tranquilo por aqui. – O operador da central deu novas instruções ao agente por que Carl se fazia passar, confirmando ter percebido, e desligou. – Estaremos a muitos quilómetros daqui quando eles começarem a procurá-lo. – Visto que Jeremy não lhe dava réplica, olhou para ele. Suava profusamente e estava com má cara, concentrado a conduzir o automóvel.

Só então é que Carl reparou que ele tinha espalmado a mão no lado direito do tronco. O sangue escorria-lhe por entre os dedos.

— Meu Deus! O disparo dele acertou-te?

Jeremy esboçou um esgar sorridente.

— Foi só de raspão, pai.

*

– Nós... encontrámos um agente da unidade de patrulha e a viatura nas traseiras de um edifício abandonado. Foi atingido por duas balas. Uma no abdómen e... – Tucker lançou um olhar de soslaio a Amelia, que estava sentada ao lado de Dawson num pequeno sofá na sala de espera do serviço de traumatologia. O detetive calou o que esteve prestes a acrescentar. – Ele já estava morto.

Dawson sentiu que Amelia estremecia. Ele próprio ainda estava demasiado chocado pelo que tinha acontecido a Headly para poder reagir.

Wills pigarreou, a maçã de Adão proeminente a movimentar-se para cima e para baixo continuamente ao longo do pescoço enrugado. Dawson pensou que ele parecia uma tartaruga com a cabeça pequena a sair do colarinho da camisa demasiado largo.

Ocupar a sua mente com pensamentos tão disparatados era a única coisa que o mantinha psicologicamente são. Se começasse a pensar na realidade que estava a viver, a pensar em Headly às portas da morte, enquanto ele assistia impotente ao que se estava a passar, enlouqueceria, destruiria alguma coisa ou mataria alguém.

A sua capacidade de raciocínio estava por um fio, o que só acontecia por saber que Headly não havia sido dado como morto no local onde fora atingido. Mas talvez tivesse falecido na ambulância a caminho do hospital ou no bloco operatório, embora ainda ninguém tivesse tido coragem para informar Dawson do sucedido. O que era uma forte possibilidade, pois os adjuntos do xerife observavam-no como se desconfiassem da atitude estoica que aparentava e pareciam estar à espera de uma explosão de fúria a qualquer momento.

Wills voltou a pigarrear.

— Tinha razão quanto ao local de onde os tiros foram disparados.

— Não passei nove meses numa zona de guerra em vão.

— Seja como for, se não fosse você, não saberíamos por onde começar a procurar o atirador. Eles estavam no telhado.

— Eles? – perguntou Dawson, fixando-o com o olhar.

— Encontrámos dois conjuntos de pegadas na superfície arenosa do telhado. Além das impressões digitais do Jeremy Wesson nas maçanetas das portas.

— O Carl estava com ele.

— Não temos a certeza – interveio Tucker.

— Mas eu tenho! – ripostou Dawson, desabrido, cerrando a mão num punho. – O Carl haveria de querer que a morte do Headly lhe fosse atribuída.

— Não sabemos quem é que puxou o gatilho – disse Wills ao cabo de um momento de silêncio tenso. – Mas...

— Por amor de Deus, o Jeremy é um atirador de elite!

Wills concordou com um acenar de cabeça.

— A disparar de uma posição vantajosa e com uma mira de longo alcance do melhor que existe, um atirador de elite... – Não deu continuidade ao pensamento. – As impressões digitais...

— Não foram um descuido – atalhou Dawson. – É-lhes indiferente que se saiba que foram os autores dos disparos.

— Ouça uma coisa – interveio Tucker –, está a tirar conclusões que...

Wills deu uma cotovelada tão forte ao detetive que este se calou. Ele, o polícia bom, tinha-se apercebido de que todas as palavras que saíssem da boca do colega para contradizer Dawson só serviam para o exasperar. Como sacudir a cauda de um tigre adormecido. Pouco depois, prosseguiu.

— O agente que foi abatido tinha sido destacado para patrulhar esse parque industrial, onde recentemente tinham ocorrido alguns atos de vandalismo. – Encolheu os ombros ossudos. – Deve tê-

los interpelado quando já se punham em fuga. O seu rádio recetor-transmissor desapareceu. O que explica como eles conseguiram escapar-nos. Puderam acompanhar as nossas comunicações via rádio, mantendo-se a par de todos os nossos movimentos.

— Além disso, não sabemos em que tipo de veículo se deslocam – acrescentou Tucker. – O

automóvel que o Bernie, melhor dizendo, Carl, utilizava continua no parque de estacionamento em que ele o deixou.

Dawson olhou-o com uma expressão sinistra.

— Finalmente, decidiu aceitar que o Bernie é o Carl Wingert, é isso?

Tucker teve a humildade de se mostrar constrangido.

Amelia meteu a mão por baixo do braço de Dawson, pousando-a na coxa dele, o que serviu para o impedir de se atirar ao detetive que pusera em questão os conhecimentos de Headly, que suplantavam os seus de longe. Os epítetos que resmungou dirigidos a Tucker só foram ouvidos por ela.

Ele tentara convencê-la a voltar para a casa de praia, tirando partido da proteção policial de que dispunha lá, mas Amelia recusara-se terminantemente a sair do lado de Dawson e, no seu íntimo, estava satisfeita por ter agido dessa maneira. Ao longo das últimas horas tumultuosas, a sua firmeza férrea manifestara-se de maneira enfática, mas impercetível.

Passara dez minutos a falar ao telemóvel com o detetive destacado para proteger Hunter e Grant durante todo o dia. Mais tarde disse a Dawson que os filhos tinham estado muito entretidos até, depois de um jantar de piza, serem aconchegados na cama em segurança, e agora estavam ferrados no sono.

Também lhe haviam garantido que os rapazes não se apercebiam da presença dos agentes policiais que os protegiam, cujo número entretanto duplicara. Satisfeita com as medidas tomadas para que os filhos fossem bem cuidados, informara que se manteria ao lado de Dawson, pelo menos até saberem qual a gravidade dos ferimentos infligidos a Headly e qual o seu estado de saúde atual.

Amelia tentara agradecer a Dawson várias vezes por lhe ter salvado a vida, mas foi incapaz de completar a frase sem ficar demasiado emocionada para conseguir falar. Ele dissera-lhe que os agradecimentos eram desnecessários, afirmando-lhe que compreendia plenamente o que ela estava a sentir. Ela também parecia compreender como é que ele se estava a sentir.

Quando o receio do pior fez com que se remetesse a um silêncio acabrunhado, ela não tentou preenchê-los com promessas sem qualquer consistência no sentido de que tudo correria bem, quando a possibilidade de uma tragédia pairava no ar. Quando ele decidia falar, ela ouvia atentamente, como se quisesse absorver cada palavra através da pele. Amelia era uma presença compassiva, embora resoluta, que ele se sentia grato por ter ao seu lado.

Por causa da tensão existente entre Tucker e Dawson, Wills continuava a ser o porta-voz.

— Decidimos avançar em força. Foi dado início a uma caça ao homem movida ao Carl Wingert e ao Jeremy Wesson. As forças policiais de todos os ramos de cinco estados encontram-se em alerta máximo.

«O Knutz estaria aqui pessoalmente se não estivesse atolado em trabalho a coordenar todos os trabalhos. A Guarda Costeira tem helicópteros a patrulharem as praias. Amanhã, logo às primeiras horas, as lanchas da polícia vão começar a passar busca pelos canais fluviais do interior. As unidades caninas entrarão em ação se tal for necessário. A Guarda Nacional. A Polícia Estadual. Não há ramo das forças policiais que ele não tenha posto a tratar do assunto.

«Mas o problema é – continuou, puxando o alongado lóbulo da orelha – estarmos a falar de uma área gigantesca e não termos um ponto de partida. Aparentemente, o Wesson estava a usar uma carta de condução falsa quando foi multado por excesso de velocidade, o que concluímos por não ter sido passada multa na Carolina do Sul sob o seu número da Segurança Social. Não temos conhecimento da existência de quaisquer familiares deles nessa região, com a exceção da senhora Nolan aqui presente. Os camaradas do Jeremy nos Marines estão a ser interrogados, mas...

— Eles são as últimas pessoas que ele contactaria – atalhou Amelia.

— Também penso assim. Mas temos de verificar. Tal como o Tucker apontou, não temos a marca nem o modelo do veículo que eles conduzem.

— E os rastos dos pneus? – perguntou Dawson – Tentámos encontrar alguma coisa, mas o pavimento é todo sólido em redor do edifício abandonado em questão. Os edifícios nas redondezas também estão abandonados, portanto, não havia ninguém a quem pudéssemos perguntar se tinham visto quaisquer viaturas naquela área.

— E as câmaras de videovigilância?

— Nenhuma que estivesse a funcionar, uma vez que todas as empresas instaladas nesse parque industrial cessaram a sua atividade.

— E quanto às câmaras que filmam o movimento do trânsito? – perguntou Amelia.

— Os vídeos estão a ser passados a pente fino por toda a cidade, mas a maior parte limita-se a filmar os números das chapas de matrícula, e não os condutores.

— E as câmaras nas pontes?

— Também estão a ser verificadas. Mas estamos a falar de inúmeros automóveis, inúmeros condutores. É uma tarefa que vai levar o seu tempo.

Tucker saiu do silêncio a que se remetera com uma expressão pensativa para perguntar a Amelia se ela tinha duplicados dos cartões de crédito de Jeremy.

— Há vários anos que não. Desde que nos separámos que as minhas contas bancárias estão apenas em meu nome.

— Tínhamos esperança de que ele usasse uma caixa multibanco ou que fizesse uma compra.

— Não lhe parece que o Carl evitaria deixar um rasto tão evidente?

— Ei – interveio Tucker, que se sentiu ofendido com o tom de escárnio de Dawson. – Estamos a fazer o melhor que podemos.

— É isso que me deixa preocupado – ripostou Dawson com a mesma rispidez. – Se você tivesse dado ouvidos ao Headly há mais tempo...

— Peço desculpa por não depositar muita confiança num agente do FBI que há quarenta anos anda a tentar apanhar o mesmo homem sem o conseguir.

Dawson levantou-se do sofá num abrir e fechar de olhos, determinado a rasgar a garganta flácida de Tucker. Talvez tivesse concretizado o seu intento se Amelia não o tivesse agarrado bem pela camisa, puxando-o para trás. O que coincidiu com o súbito aparecimento de Eva na entrada.

Dawson apressou-se a soltar-se da mão de Amelia, passando bruscamente pelos detetives para ir ao encontro dela. Envolveu-a nos braços e inclinou-se para baixo, murmurando-lhe com a boca encostada ao cabelo.

— Eva, Eva, não podemos perdê-lo. Não, de maneira nenhuma.

Abraçou-a com força enquanto ela chorava com a cara encostada no peito dele. Mas Eva era uma mulher de fibra, tendo acabado por afastá-lo, limpando as lágrimas das faces.

— O agente que foi esperar-me ao aeroporto disseme que ele continuava no bloco operatório.

— Levaram-no para lá... – Dawson interrompeu-se, olhando para o relógio de parede – ... há mais de três horas. Desde então que não temos qualquer notícia.

— Viste-o antes de o levarem para o bloco?

Dawson abanou a cabeça.

— Quando a Amelia e eu tivemos autorização para abandonar o local onde o Headly foi atingido, já estavam a prepará-lo para ser operado. Não nos deixaram vê-lo. – Estendeu a mão para trás, pegando na de Amelia e puxando-a para a frente para poder apresentar as duas mulheres.

Amelia mordia o lábio inferior para o impedir de tremer.

— Senhora Headly, lamento muito o sucedido.

— A culpa não foi sua – disse Eva, pegando-lhe na outra mão.

— Ele andava a tentar apanhar os homens que me querem fazer mal.

— Ele já andava a tentar apanhar o Carl Wingert muito antes de você ter nascido.

Amelia esboçou um sorriso esmorecido e indicou-lhe o sofá para que se sentasse, o que Eva fez.

Perguntou-lhe se queria que lhe fosse buscar alguma coisa. Eva agradeceu, mas recusou, dando uma palmadinha no lugar ao seu lado.

— Por favor. – Amelia sentou-se ao lado dela e ambas começaram a conversar em voz baixa.

— Mantê-lo-emos a par da evolução do estado dele – disse Wills a Dawson, que voltara a concentrar a sua atenção nele.

— Agradeço-lhe.

— Lamentamos muito o que sucedeu ao agente Headly.

— Obrigado – ripostou bruscamente, mas o remorso no semblante dos dois era genuíno, até mesmo na fisionomia de Tucker. Agradeceu-lhes outra vez, desta feita com mais sinceridade.

Os detetives foram-se embora. Dawson, ao ver que as duas mulheres estavam embrenhadas na sua conversa, saiu para o corredor. Ignorando os avisos que proibiam a utilização de telemóveis, tirou o seu da algibeira e marcou um número que lhe era muito familiar.

— Olá, Glenda. Não, ainda não sei nada. Ele continua no bloco operatório. Tens alguma coisa para mim?

Cinco minutos depois, quando já desligava o aparelho, viu um homem seco e nervoso, de constituição compacta, vestido com roupas verdes de cirurgia, que transpunha as portas duplas.

— A família do senhor Headly?

Dawson ficou com a garganta embargada, mas conseguiu acenar com a cabeça para indicar a sala de espera. Seguiu o cirurgião até à sala, adiantando-se-lhe para poder estar ao lado de Eva com um braço reconfortante por cima dos seus ombros quando o cirurgião se identificou.

— Lamento que a operação tenha sido tão demorada, mas a cirurgia para extrair a bala foi muito morosa por não querermos lesionar ainda mais os tecidos e os nervos circundantes. Ele já se encontra no recobro. Ainda não está fora de perigo, mas para alguém que ficou com uma bala alojada entre a omoplata e a coluna vertebral, ele está notavelmente bem.

O cirurgião facultou-lhes uma descrição muito mais pormenorizada do ferimento e da intervenção cirúrgica, contudo, eles interiorizaram pouco do que ele disse. O que ouviram foi que, depois de o inchaço ter desaparecido, a paralisia que atualmente afetava os ombros e os braços de Headly seria revertida e ele conseguiria recuperar toda a sua mobilidade.

Amelia tinha noção de que o alívio que sentia não podia equiparar-se ao de Eva e de Dawson, mas, não obstante, era profundo. Apesar de Eva a ter eximido de todas e quaisquer responsabilidades, se Headly tivesse morrido, ela carregaria essa mágoa até ao fim dos seus dias.

Por causa de Dawson, Amelia sentia-se particularmente feliz por Headly ter sobrevivido.

Dando graças pelas boas notícias, os três abraçaram-se, rindo e chorando na mesma medida.

Dawson foi o primeiro a recuperar a compostura. Recorreu ao mecanismo masculino que lhe permitia lidar com acontecimentos traumáticos fingindo que não havia sido gravemente afetado. Dizia piadas.

— Ele é demasiado teimoso para morrer. Nunca iria sem me fazer um último sermão.

Eva via para além daquela fachada tão claramente como Amelia, mas não disse nada, sabendo que ele estava a lidar com as suas emoções da maneira mais positiva para ele. Eva fez um telefonema à filha, que aguardava em Londres por notícias sobre o estado de saúde do pai. Pouco depois de terem sido informados de que podiam ver Headly no recobro, Eva insistiu em que Dawson a acompanhasse, enquanto ele, por seu turno, se recusava a ir sem Amelia. Os três foram acompanhados até ao cubículo, separado dos outros por cortinas, onde Headly se encontrava ligado a várias máquinas e com diversas cânulas no corpo. Surpreendentemente, tinha os olhos abertos.

Quando Eva se abeirou da cama, ele perguntou-lhe numa voz pouco firme: – De onde é que apareceste?

Eva agarrou-lhe a mão inerte e, com lágrimas nos olhos, baixou-se e beijou-o nos lábios suavemente. Mas respondeu-lhe num tom aligeirado.

— Telefonaram-me a dizer que tinhas levado um tiro. Verifiquei a minha agenda e como não tinha nenhum compromisso para as próximas horas, decidi apanhar um avião e vir até cá.

Os olhos dele estavam suspeitosamente humedecidos quando olhou para ela.

— É melhor deitares fora o Viagra. Não posso mexer as mãos, portanto, os preliminares estão fora de questão.

— A paralisia é temporária – retorquiu ela, rindo-se suavemente.

Headly concentrou o olhar desfocado em Dawson.

— Ela está a aldrabar-me?

— Não. Vais viver para poderes continuar a fornicar.

— Vocês os dois... francamente! – exclamou Eva, fingindo-se ultrajada. – O que é que a Amelia vai pensar de nós?

Headly virou a cabeça na direção da visada. Ela expressou o quanto lamentava o que ele estava a sofrer.

— Fico satisfeito por não ter sido você quem ele atingiu.

— Não que ele não tivesse tentado – adiantou Dawson.

— Jesus! – exclamou Headly, fechando os olhos.

— Foi o Dawson quem me salvou a vida.

— Eles já foram presos? – perguntou Headly num sussurro.

— Não penses em nada disso agora, Gary. – Apesar do tom de admoestação de Eva, ele fez por abrir os olhos e olhar para Dawson.

— Continuam a monte – respondeu este.

— Merda!

— Gary, se continuares a torturar-te, vou-me embora. Juro que sim.

Ninguém acreditou no que ela dizia, em especial o marido, que lhe sorriu sonolento.

— Estou mais do que satisfeito por não teres tido nenhum compromisso na tua agenda. Quem me dera poder abraçar-te.

Dawson olhou para cima, para a cortina de um material bastante fino que os circundava, mas era muito pouca a privacidade que

proporcionava.

— A Amelia e eu vamos andando – disse – para que vocês os dois possam ter um momento a sós antes de correrem connosco.

— Mas qual é a tua pressa? – perguntou-lhe Headly.

— Foi o que acabei de dizer.

— Mas o que é que se passa? – perguntou Headly numa voz resmungada.

— Muito bem, se queres saber, digo-te que estou com fome. Por causa de ti, hoje ainda não comi nada, exceto a porcaria daqueles doughnuts ao pequeno-almoço.

— Peço desculpa pela inconveniência.

Embora Headly tivesse pronunciado algumas das sílabas da última palavra atabalhoadamente, Dawson sorriu a Eva.

— Estar melindrado é um bom sinal. Ele vai ficar são como um pero. – Mas quando baixou o olhar para Headly, adquiriu uma expressão mais séria. – Pregaste-me um susto de morte. – Tendo cuidado com a agulha para a administração de medicamentos por via intravenosa nas costas da mão de Headly, Dawson agarrou-a. – E agora vê se descansas – disse numa voz enrouquecida. – Coopera com o pessoal de enfermagem e cuida de ti, estás a ouvir?

O longo olhar que os dois homens trocaram estava prenhe de significado.

— Venho visitar-te amanhã de manhã – despediu-se Dawson; voltando a pousar a mão de Headly em cima da cama e piscando o olho a Eva, virou costas, entreabriu a cortina e com um gesto indicou a Amelia que o seguisse.

Não trocaram palavra até saírem da área do serviço de recobro, começando a percorrer o corredor num passo estugado.

— Por aqui – disse, abrindo a porta de acesso às escadas. Quando a porta se fechou depois de a terem transposto, disse: – Ele é demasiado inteligente para o seu próprio bem.

— Ele sabia que mentias quando lhe disseste que estavas com fome.

— Calculo que a minha técnica esteja a precisar de ser aperfeiçoada.

— Então o que é que se passa?

— Fiquei de me encontrar com o Tucker e com o Wills lá em baixo dentro de alguns minutos.

— Para quê?

— A Glenda hoje andou a fazer algum trabalho de pesquisa. Conseguiu desenterrar uma coisa que me cheira a esturro e que acho que eles devem saber.

— O que é que queres dizer com isso?

Dawson abanou a cabeça.

— Não que eu esteja a transbordar de admiração por esses dois, especialmente o Tucker, mas considero que devo informá-los acerca disto em primeiro lugar.

— E isso está relacionado com o barracão que o Willard mencionou?

Dawson limitou-se a olhar para ela sem dizer nada.

— Nem sequer queres dizer-me isso? – O silêncio dele e a falta de confiança que transmitia traduziram-se numa deceção esmagadora. Amelia baixou a cabeça para deixar de ver os olhos dele, que nada lhe revelavam.

— Não espero que compreendas – disse ele por fim, após um prolongado silêncio.

— Pois não, não compreendo. Pensei que... que nós...

Colocando o dedo indicador por baixo do queixo dela, ele inclinou-lhe a cabeça para trás, até ela não poder evitar olhar para a cara dele. Amelia viu na expressão de Dawson tudo o que precisava de saber, e ainda mais, para poder compreender.

— Pensaste bem – murmurou ele. – Eu, nós... estamos.

A mão dele passou-lhe pela parte de trás do pescoço, puxando-a para si e dando-lhe um beijo tão evocador e íntimo que despertou todas as células do corpo de Amelia. Ansiando por proximidade, ela agarrou mãos-cheias da camisa dele, pondo-se em bicos de pés. A mão dele agarrou-lhe o traseiro, chegando-a ao seu corpo.

O beijo foi fogoso, intensamente apaixonado, mas de curta duração. Quando Dawson lhe pôs fim, emoldurou-lhe o rosto com as mãos e

fitou-a fixamente nos olhos, após o que a largou tão abruptamente que ela recuou desamparada contra a parede de azulejos. Quando Amelia teve consciência de que ele tinha posto fim àquele momento de intimidade, já Dawson se encontrava a meio das escadas, descendo até ao patamar seguinte, onde virou, desaparecendo de vista. Não olhou para trás.

Amelia deixou-se ficar onde estava durante vários minutos, mantendo os dedos nos lábios, que latejavam, continuando a sentir o gosto dele na boca e esforçando-se por encontrar algum sentido no que tinha acontecido nos últimos minutos. Quando reviveu a cena mentalmente, apercebeu-se da inexistência de diálogo. O que é que tinha ficado por dizer?

Acabou por sair das escadas. Deparou com Eva no corredor a falar com uma enfermeira. Concluiu a conversa e aproximou-se de Amelia.

— Recomendei que aumentassem a dose do sedativo que prescreveram ao Gary. Ele está a lutar para se manter acordado.

— Tem dores?

— Está a sofrer de angústia mental. O Dawson foi comer alguma coisa?

— Não, ele ficou de se encontrar com os detetives lá em baixo. A colega que costuma fazer-lhe o trabalho de pesquisa... – Reparando na estranha expressão que se espelhou no rosto da outra mulher, perguntou: – O que é que foi?

— Está a falar dos dois detetives que estavam há pouco na sala de espera? O Tucker e o...

— Wills. Sim.

— Acabei de os deixar a falar com o cirurgião. Queriam saber qual a trajetória da bala. Um qualquer aspeto técnico.

Durante vários segundos, Amelia ficou incapaz de outra coisa que não fosse olhar fixamente para Eva com uma expressão de incompreensão. Mas então, começou a encaminhar-se apressadamente na direção que Eva tinha indicado. Quando dobrou a esquina, viu que os dois detetives conversavam com o cirurgião.

— Senhora Nolan? – disse Wills, reparando nela.

— Onde é que está o Dawson?

— Ele não está consigo?

— Vocês não ficaram de se encontrar com ele? Para ele vos informar de qualquer coisa que a colega dele tinha pesquisado... – Amelia viu pelos rostos inexpressivos que eles não faziam ideia nenhuma do que ela estava a dizer. Virou-se rapidamente para Eva. – Ele mentiu-me.

— Ele mentiu-nos a todos, e o Gary bem sabia.

Diário de Flora Stimel – 22 de fevereiro de 2007

Sinto-me tão entusiasmada! O Jeremy acabou de ser pai! O filho, Hunter Andrew Wesson (penso no apelido como sendo Wingert), nasceu às quatro e tal desta manhã. O Carl não se lembra da hora exata. Os homens nunca se lembram desses pormenores! Mas recordou-se de que o bebé pesava três quilos e duzentos e sessenta gramas. Não pude pesar o Jeremy quando ele nasceu, mas acho que ele devia pesar pelo menos a mesma coisa!

O Jeremy telefonou ao Carl, o que, não devia fazer, a menos que se tratasse de uma emergência, por exemplo, se alguém descobrisse a localização da cabana, ou qualquer coisa desse género. (Ele é paranoico no que diz respeito ao pai da Amelia. Diz que ninguém faz o ninho atrás da orelha ao velho.) O Carl não quis falar durante mais de um minuto, mas o Jeremy teve tempo para lhe dizer que o bebé nasceu de cesariana. Tanto a mãe como a criança estão ótimas.

O Carl disse que talvez – TALVEZ – me levasse à maternidade. Podíamos fazer de conta que estávamos lá para visitar outra pessoa qualquer, vendo o bebé através do vidro do berçário. Estou na expectativa!

Mas eu sei que não devo ter grandes esperanças. Ele não me deixou assistir à cerimónia de entrega dos diplomas do ensino secundário, nem quando ele se licenciou na universidade. Só o vi com o uniforme dos Marines à distância, quando ele foi destacado para o serviço de guarda

de honra num jogo de futebol. O Carl disse que, como se tratava de uma multidão barulhenta e tão grande, em que a maior parte estava bêbeda, era seguro irmos até lá.

Nem sequer lhe perguntei se podíamos ir ao casamento do Jeremy. Sabia desde logo que o Carl nunca o permitiria. Mas perguntei-lhe se podíamos estacionar no lado oposto da rua em que a igreja se situava, o que me permitiria vê-los quando saíssem e entrassem na limusina. O Carl perguntou-me se eu tinha merda na cabeça em vez de miolos. Ele disse que o casamento da filha de um membro do Congresso estaria a abarrotar de polícias. Eu não tinha pensado nisso. Talvez eu tenha merda em vez de miolos na cabeça. Ah, ah!

Os meus pais não se cansavam de dizer isso mesmo. Hoje pensei neles quando recebi a notícia do nascimento do bebé. Eles agora são bisavós. Isto é, se ainda forem vivos, mas duvido. Já são muito velhos.

Tenho-me perguntado ao longo dos anos se eles terão seguido a minha carreira. Seria divertido se vissem a minha fotografia na Lista dos Mais Procurados do FBI nos correios. Sentir-se-iam orgulhosos por eu ter singrado na vida, ainda que fosse como uma fora da lei? Ou o meu pai limitar-se-ia a abanar a cabeça enquanto resmungava: «Merda em vez de miolos», como costumava dizer sempre que eu fazia alguma coisa que ele considerava ser uma idiotice ou uma perda de tempo.

Talvez eu não tivesse fugido de casa tão nova se ele tivesse sido um pouco mais simpático comigo e não estivesse sempre a desdenhar de mim. Eu gostei do Carl assim que o conheci, porque ele alimentou o meu amor-próprio. Fez com que me sentisse mais inteligente e mais bonita do que a minha mãe e o meu pai alguma vez me fizeram sentir.

É claro que isso aconteceu há muitos anos. Agora já ele sabe que eu não sou assim tão inteligente, e a viver da maneira como vivemos, não tenho podido cuidar de mim como devia.

Bonita é coisa que não sou.

Deus me valha! A que propósito é que comecei a pensar em tudo isto? Estava a escrever a respeito do casamento do Jeremy. Li a notícia sobre o casamento no jornal vezes sem conta. O

copo-d'água deve ter sido uma coisa digna de ser vista. Como num conto de fadas. Até contrataram uma orquestra. A Amelia é lindíssima. (Vi a fotografia dela no jornal.) Devo dizer que embora ela tenha sido escolhida a dedo como parte do plano do Carl, não me parece que o Jeremy considere que estar casado com uma mulher tão bonita como ela seja uma provação. Ele diz que ela também o trata bem.

O Carl chateou-se um pouco com ele a última vez que ele nos visitou aqui, na cabana. Foi «Amelia isto» e «Amelia aquilo» até o Carl se fartar, dizendo-lhe que calasse a boca, que parecia um maluco que andava aluado. «Não é um casamento por amor, não te esqueças disso.» Mas eu acho que o Jeremy se esquece disso, porque ele fala dela como se estivesse apaixonado.

Como a última vez em que ele veio cá visitar-nos, falando de um piquenique a que tinham ido e em que ela o surpreendeu. Foi ela própria a fritar a galinha, colocando-a numa cesta enorme. (Já vi cestas para piqueniques iguais nos filmes.) Mas seja como for, o Jeremy disse que, mesmo a meio do piquenique, começou a chover. E em vez de deixarem que a chuva estragasse o dia, agarraram na galinha e correram para o carro, rindo-se a bandeiras despregadas.

Achei que era um episódio divertido devido à maneira como o Jeremy o descreveu. Mas o Carl não lhe achou graça nenhuma. Recordou-lhe que a mulher é apenas parte de um grande esquema.

O Jeremy parou de rir e ficou com uma cara muito tristonha. Acredito que ele gosta mais da mulher do que dá a entender ao pai. Mas o Carl tem esta... qual é a palavra? Influência. O Carl exerce esta influência sobre o Jeremy tão fortemente que acho que ele fará tudo e mais alguma coisa por ele, ainda que o seu coração não esteja empenhado nisso.

Pergunto a mim mesma como é que ele se sentirá em relação ao bebé. Não o que ele diz ao Carl, ou mesmo a mim, mas sim o que ele sente bem no fundo do seu coração. Não sei o que desejar.

Devia eu desejar que ele ame o seu filho? Ou que não o ame?

Se ele o amar, vai ser-lhe muito difícil levar a cabo o plano do princípio ao fim, deixando o filho com a Amelia. Estamos separados dos

nossos filhos é como se nos arrancassem um pedaço do nosso coração. Eu sei como é, porque vivo com isso há muitos anos. Talvez as coisas sejam diferentes com os homens. Espero que sim. Não desejaria a ninguém essa dor.

Agora tenho uma nova preocupação – Afeganistão. O Jeremy não tardará a partir e anda todo entusiasmado por voltar para a guerra. Sobreviveu à guerra no Iraque sem sequer um arranhão.

Sentime tão agradecida. Mas agora vou andar raladíssima todos os dias durante o tempo em que ele estiver lá. O Carl troça das minhas preocupações. Ele diz que quem sai aos seus não degenera e que ele nasceu com a natureza de um assassino. Não terá medo de nenhum daqueles cabeças entrapadas.

Fingi não ter ouvido aquilo, porque detesto pensar no meu rapazinho como um homem capaz de matar com a mesma facilidade com que Carl o faz. (Mas, para ser justa, ele não matou ninguém durante os últimos anos.) Pergunto a mim mesma o que acontecerá ao pequeno Hunter. Ele alguma vez virá a saber o meu nome? Quem me dera poder pegar-lhe, ao menos uma vez. Será pedir demasiado? Imagino que sim, porque sei que isso nunca acontecerá.



Capítulo 23

Como toda a gente, e sempre que fosse oportuno, Dawson dizia mentiras inocentes. Esses pequenos equívocos eram inofensivos e, geralmente, tinham lugar tanto para proteger a pessoa a quem a mentira era dita quanto para se defender de alguma situação desagradável. Era muito raro que lhe pesassem na consciência.

Mas incomodava-o comportar-se de maneira pouco recomendável com três pessoas que para si eram importantes. Eva sentira-se demasiado aliviada ao saber que Headly não corria perigo de morte para poder reparar na pouca sinceridade dele. Headly tinha-se apercebido de que se passava alguma coisa, mas a sua mente arguta estava embotada devido à anestesia. Ao contrário, Amelia soubera que ele mentia. Ainda que apenas lhe tivesse omitido a verdade, no que lhe dizia respeito, contava como uma mentira. Ele tinha-lhe mentido. Exceto em relação ao beijo. Isso não havia sido falso. Qualquer que fosse a maneira como aquela situação viesse a desenrolar-se, Dawson tinha esperança de que ela chegasse à conclusão de que naquele beijo ele fora inteiramente sincero.

Desde que ele saíra de Savannah, ela tinha-lhe ligado para o telemóvel três vezes, o que queria dizer que ela descobrira que ele não ia a caminho de se encontrar com Tucker e Wills.

Dawson não atendeu nenhum desses telefonemas, também não ouvira as mensagens que ela lhe deixou no correio de voz, receando que, se as ouvisse, seria persuadido a regressar. Talvez ele se sentisse tentado a pô-la a par do seu plano e, nesse caso, sabia que ela recorreria a todos os argumentos ao seu alcance para o impedir de prosseguir.

Dawson não podia permitir isso. Talvez não fosse bem-sucedido, mas não poderia viver o resto da sua vida em paz consigo mesmo,

de maneira nenhuma, se não fizesse pelo menos esta tentativa de confrontar Jeremy e Carl.

Na verdade, o que Amelia dissera naquela mesma manhã sobre a perceção que eles teriam dele – a de um repórter no rasto de uma boa história –, recordara-lhe o seu único talento. A única faceta em que era excelente: conseguir pôr as pessoas a falarem consigo acerca delas próprias.

E isso dera origem a uma ideia. Depois do atentado à vida de Headly, essa ideia ganhara forma, aumentando a sua determinação.

Agindo em conformidade com a dica que Willard lhe dera, tinha telefonado a Glenda antes mesmo de se ter juntado a Headly e a Amelia no átrio no centro de visitas da cadeia. Deus a abençoasse por não ter recusado a tarefa que ele lhe pediu, persistindo durante todo o dia, e quando ele lhe ligou do corredor do hospital, informou-o de uma coisa que lhe permitiu continuar.

Dawson devia ter partilhado o que soubera com as autoridades, mas embora tivesse dito a Amelia que se preparava para fazer isso mesmo, não tinha tido a mínima intenção de o fazer. Se mais tarde viesse a ser acusado de obstrução à justiça, em sua defesa diria que não quisera dar falsas esperanças a ninguém, isso se a informação de Glenda provasse ser inútil.

Todavia, a verdadeira razão por que tinha guardado essa informação para si próprio era querer tentar falar com Jeremy e Carl. Queria isso desesperadamente. Se eles fossem detidos ou mortos, nunca mais teria a oportunidade de falar com eles sem supervisão. Tinha uma réstia de esperança de poder ter com eles uma conversa franca cara a cara, sem qualquer separação física, e não tencionava desperdiçá-la.

Carl e Jeremy conheciam-no apenas como um jornalista ambicioso, que granjeara a simpatia de Amelia e dos filhos com o objetivo de escrever para uma reportagem recheada de excitantes

pormenores íntimos. Eles não tinham conhecimento do relacionamento de Dawson com Headly. O

que era uma grande vantagem para si.

Outra vantagem era a personalidade de Carl. «Ele possui um ego colossal.» Headly não o dissera a Dawson apenas uma vez, mas um milhar de vezes. Os sociopatas, na sua maioria, tinham-se em grande conta, razão por que eram capazes de proceder de maneiras tão arriscada. Dawson concluíra que Carl se enquadrava nesse perfil, pelo que acolheria de bom grado uma plataforma de onde pudesse dar voz às suas frustrações e queixas. Dawson podia proporcionar-lhe um numeroso público.

Isto é, se Carl e Jeremy não o matassem antes de ele ter tempo de expressar os seus objetivos.

Estava a correr um grande risco ao proceder com tanta audácia e, talvez, com bastante irresponsabilidade, mas acreditava que Carl reagiria favoravelmente à sua temeridade. Tinha baseado uma vida de crime nisso mesmo. A audácia de Dawson, por si só, talvez fizesse com que Carl sentisse curiosidade suficiente para não apertar o gatilho antes de ele ter tempo para dizer ao que ia, o que precisava de fazer o mais depressa possível.

«Quero que a sua história seja publicada.» Isto seria suficiente para despertar a atenção do megalómano.

Uma entrevista com ele não seria coisa inédita. Carl já havia concedido uma entrevista, do que Dawson se inteirara através de Headly, que lhe dissera: – Em meados dos anos oitenta, um repórter do Washington Post escreveu e publicou um artigo sobre o Carl. Grande parte das informações relativas ao passado dele e aos seus crimes foram-lhe facultadas por mim. O repórter queria ser justo, dar ao Carl a oportunidade de refutar o que havia sido dito a seu respeito, corrigir quaisquer equívocos relativos à sua pessoa. No artigo, o repórter deixou bem claro que desejava entrevistá-lo.

«O Carl não o deixou sem resposta. Algumas semanas após a publicação do artigo, o repórter foi raptado. Vários dias depois de ele ter desaparecido, enviou pelo correio a transcrição de uma longa entrevista. O jornal publicou-a integralmente e o repórter recebeu um Prémio Pulitzer por essa reportagem.

Passaram-se entretanto trinta anos e Carl tinha agora mais sobre que falar do que à altura da primeira entrevista. Dawson planeava entrevistá-lo, especificamente, sobre os últimos dezassete anos. Teria ele cometido outros crimes que não lhe tivessem sido atribuídos ou estaria ele parcialmente aposentado, como parecia fazer crer? Tratara de incentivar Jeremy a seguir na sua peugada ou isso devera-se única a exclusivamente a uma decisão de Jeremy? E quanto a Flora?

Eram inúmeras as perguntas que Dawson lhe queria fazer.

Mas primeiro teria de o encontrar.

O carro que tinha alugado quando chegou a Savannah, há menos de uma semana, continuava na casa de praia, pelo que apanhara um táxi que o levou até ao aeroporto assim que saiu do hospital. Foi a um dos balcões das companhias de aluguer de carros quando já se preparavam para encerrar por aquela noite.

Evitando a Interestadual-95, seguiu para a Carolina do Sul por uma via rápida escura com duas faixas de rodagem. Tinha um traçado sinuoso através de densas florestas, que, até ao momento, haviam conseguido escapar à cobiça dos empreendedores de imobiliário que sacrificavam áreas protegidas da natureza para construírem campos de golfe em comunidades de aposentados.

Ao longo de vários quilómetros, as únicas luzes que Dawson viu foram os feixes projetados pelos faróis da sua própria viatura e de uma lua estreita, que era obscurecida ocasionalmente por nuvens esparsas. O ar estava ameno e com um elevado teor de humidade. O terreno plano tinha, aqui e ali, áreas pantanosas de águas turvas.

Ninguém haveria de querer perder-se por ali. Mas para quem quisesse encontrar um bom esconderijo, as condições eram

excelentes.

Dawson pedira a Glenda que procurasse lotes de terreno naquela região que tivessem mudado de proprietário durante o período em que Jeremy tinha prestado serviço na base de Parris Island. Era uma hipótese bastante remota, mas Glenda encontrou uma forte probabilidade. Informou-o do que havia apurado quando Dawson lhe ligou do hospital.

— Pouco mais de oito hectares situados entre Beaufort e Charleston, a mais ou menos oitocentos metros para o interior. Este terreno mudou de proprietário em dois mil e seis.

— E o que é que despertou a tua atenção para esta transação em especial?

— Foi comprado por uma empresa.

— O que não tem nada de invulgar.

— Não, mas o terreno fica no meio de nenhures, não tem qualquer canal que o ligue ao mar, nem sequer tem uma estrada secundária de acesso. Um terço é terreno pantanoso. Para que é que uma empresa haveria de querer um terreno com estas características? – Antes que Dawson lhe pudesse dar resposta, Glenda acrescentou: – Tratei de verificar a que atividade é que essa empresa se dedica e... Olá... estamos a falar de uma empresa que não se encontra registada em nenhum dos cinquenta estados. Cheira-me a impostura.

Dawson tentou, sem sucesso, refrear o otimismo crescente.

— As empresas são dissolvidas. Mudam de nome – alvitrou.

— É um facto. Mas os impostos que incidem sobre a propriedade foram saldados recentemente, melhor dizendo, há dois meses, por transferência bancária.

— E em que nome é que essa conta foi aberta? Da empresa?

— Exatamente.

Encostando à parede um bocado de papel amachucado que alisou, Dawson tomou nota das coordenadas do lote de terreno que

havia sido comprado misteriosamente no ano em que Jeremy Wesson conhecera Amelia Nolan.

— Glenda, és um anjo.

— E tu és um idiota, mas hoje salvaste a vida dessa senhora, portanto, calculo que não sejas mau de todo.

— Quem é que te disse isso?

— Que és um idiota?

— Não, que salvei a vida dessa senhora.

— A CNN.

Aquilo era perturbador. Não queria que aludissem a si como sendo um herói. Isso seria a maior mentira de todas. Dawson não se considerava herói nenhum.

A estrada por onde seguia começara a estreitar-se progressivamente a cada quilómetro que percorria. Pouco depois, o asfalto deu lugar a um piso de gravilha até àquele ponto, após o que passava a ser de terra batida. Chegou a um beco sem saída mais ou menos dez metros adiante. À sua frente estendia-se um extenso morraçal, por onde lhe seria impossível prosseguir de carro.

Desligou o motor do automóvel e os faróis. A escuridão era impenetrável. Às apalpadelas, lá encontrou o telemóvel. Ligou-o e verificou a aplicação de GPS que o havia levado até àquela interceção das linhas limítrofes da propriedade que formavam o ângulo sudeste do terreno de cerca de oito hectares. Aquele ponto também era o mais próximo do oceano Atlântico, tendo a menor elevação de terreno da propriedade.

Dawson ligou a aplicação de lanterna, saiu do carro e encaminhou-se para as ervas altas, ficando com água viscosa até aos tornozelos.

Oito hectares de terreno seco não seriam muito difíceis de percorrer durante a luz do dia. Mas era uma loucura aventurar-se através de um brejo de água salgada numa escuridão total, sem

saber para onde se dirigia e sem sequer saber o que procurava. Até ao nascer do Sol, ele estava como que atado de pés e mãos.

Voltou para dentro do carro e desligou o telemóvel. Em seguida, como medida de precaução, retirou-lhe a bateria por ter ouvido dizer que o aparelho continuava a transmitir sinal até mesmo depois de desligado.

Não queria ser encontrado antes de ele próprio encontrar Carl e Jeremy.

Amelia e Eva tinham passado a noite na sala de espera do hospital. Eva nem sequer pensou duas vezes na sugestão de uma enfermeira para que fosse para um hotel, onde poderia passar uma boa noite de descanso. Recusava-se a sair dali por não querer perder uma única das visitas periódicas a Headly que lhe eram permitidas.

Não fosse dar-se o caso de o estado dele piorar, Amelia não queria que ela estivesse sozinha, por isso, tinha recusado a oferta de Tucker de destacar um agente para a acompanhar até à ilha de Saint Nelda. Mais ainda, não queria deixar o lugar onde vira Dawson pela última vez. Metera na cabeça a disparatada noção de que, se continuasse no hospital, ele não tardaria a voltar com uma explicação para a sua partida tão repentina.

Agora, com a aproximação do romper do dia, sentia um ardor nos olhos. Ansiava por tomar um duche. Tinha arranhões que lhe ardiam na palma da mão e no cotovelo do lado direito causados pela queda quando Dawson a empurrara para o pavimento de cimento. Mas esse desconforto físico era insignificante quando comparado com o seu stresse emocional. Estava desesperada de tanto se preocupar com ele.

Quando Eva voltou de uma visita a Headly, Amelia baixou o telemóvel que mantivera junto do ouvido, desligando-o.

— Já nem consigo chegar ao correio de voz do Dawson. Como é que está o nosso paciente?

— Está im paciente. Carrancudo. Irritável. A tensão arterial dele subiu. As enfermeiras atribuem-no às dores, mas eu sei que não se trata disso. Ser forçado a estar imobilizado, incapaz de mexer os braços, está a dar com ele em doido. Ele pensa que não estamos a dizer-lhe a verdade acerca de a paralisia ser apenas temporária. E sempre que vou vê-lo, pergunta-me pelo Dawson.

Amelia viu as horas no seu relógio de pulso, contornando o vidro do mostrador com a ponta do dedo e recordando-se de que nunca o teria reavido se não fosse Dawson.

— Há já várias horas que ele saiu. Porque não retribuiu os meus telefonemas?

— Tenho a certeza de que existe uma boa razão.

— Também creio. Mas não estou muito segura de querer saber qual é. – Quanto mais pensava na última conversa que tinham tido, mais convencida ficava de que Dawson lhe escondera alguma coisa, não por não confiar nela, mas por prever que ela reagiria de maneira negativa.

— Acha que eu devia dar conta das minhas preocupações ao agente Knutz? Aos detetives?

— E o que é que lhes diria?

— Que ele me mentiu quando disse aonde ia.

— É frequente os homens mentirem. Em especial às mulheres.

— O mais provável seria eles pensarem que ele saiu para comprar drogas – retorquiu Amelia, mas apressou-se a acrescentar: – Não sei se sabe, mas ele só precisava de ansiolíticos para o ajudar com a ansiedade que o impede de dormir.

— Eu sei.

— Há vários dias que ele nem sequer toma uma bebida alcoólica – disse Amelia.

— Você tem exercido uma boa influência nele.

— Eu? Não. Não tive nada a ver com isso.

Eva sorriu, um sorriso que dizia saber que não era bem assim. Disse então: – Vocês parecem ter-se tornado bastante chegados num curto espaço de tempo.

— Um passo em frente, dois atrás.

— Oh?!

— De mulher para mulher? – perguntou Amelia, ao cabo de alguma hesitação.

— Seja o que for que me diga, não sairá daqui, Amelia. Prometo-lhe.

— A verdade é que ele me deixa com a cabeça à roda.

— Portanto, existe uma atração – retorquiu a mulher mais velha, rindo-se baixinho.

— Definitivamente.

— O que é bom, não é?

— Seria, se ele fosse consistente. Num momento, é como se não pudesse passar um segundo sem mim, para no seguinte estar a afastar-me, mantendo-me longe.

— Ele disselhe porque age assim?

— E existe um porquê?

— Obviamente, o Dawson pensa que sim.

— O seu marido diz que ele se considera um solitário.

— Temos tentado mudar essa noção que ele tem de si próprio – redarguiu Eva.

— O Headly também me disse isso. Mas na resistência tem mais que se lhe diga, além de um desprendimento generalizado. Acredito que ele me resiste devido a um motivo específico.

— O que a leva a pensar assim?

— Sinto que é isso. Acho que deve ser alguma coisa relacionada com o Jeremy.

Eva não fez qualquer comentário, limitando-se a esperar que ela fosse mais específica.

— Possivelmente, trata-se de algo relacionado com o stresse pós-traumático de guerra de que o Jeremy sofre, com o facto de ele ser quem é e o que é.

— O Dawson jamais a culparia pelos pecados do seu ex-marido. Conheço-o suficientemente bem para poder assegurar-lhe isso.

— Não, também não acredito que ele fizesse uma coisa dessas. Penso... penso que... verdade seja dita, não sei o que pensar – admitiu Amelia, baixando a cabeça e massajando as têmporas. – Aonde é que ele terá ido? O que é que a Glenda poderá ter descoberto para ele sair daqui praticamente a correr?

Pouco tempo antes, tinham debatido a hipótese de telefonar à responsável pelo trabalho de pesquisa da revista para lhe perguntar o que ela lhe teria revelado. Mas nenhuma das duas sabia como contactá-la e nem sequer sabiam qual o apelido dela. Acabaram por decidir esperar até de manhã para lhe ligarem. Eva acautelara Amelia para que não se sentisse demasiado otimista.

— Há muitos anos que ele confia nela. A Glenda é como uma arma secreta. Duvido muito que ela traia essa confiança.

Se esta protegesse as suas fontes de informação tão acerrimamente como Dawson, Amelia também duvidava que viessem a inteirar-se de grande coisa junto dela. Mas não sabia a quem mais poderia recorrer para obter respostas.

— Para ele ter deixado o Headly esta noite, deve ter sido alguma coisa de uma importância vital.

— Ele sabia que o Gary estava fora de perigo imediato – disse Eva.

— Sim, mas mesmo assim... Ele esteve mergulhado numa angústia indescritível durante horas a fio por causa dele. Portanto, o que é que poderá tê-lo levado a deixar o hospital e a nem sequer telefonar para saber do estado dele?

— Tenho de admitir que isso não parece nada dele. Conte-me outra vez tudo o que ele disse.

Amelia repetiu a conversa que ambos haviam tido nas escadas.

— Será possível que tenha sido algo relacionado com o que o Willard Strong lhe disse?

— A respeito da cabana de que o Jeremy é proprietário?

— Não supõe... Oh, meu Deus. Não acha que a Glenda a tenha localizado? Com certeza que o Dawson não iria lá sozinho.

— Temos de dizer ao Gary – disse Eva, pondo-se de pé e dirigindo-se para a porta.

— Eva, não. – Amelia seguiu-a para fora da sala de espera e pelo corredor. – Não pode dizer-lhe.

Ele está com a tensão arterial elevada.

— Isso pode ser controlado com medicação. Mas se ele vier a saber mais tarde que eu não lhe disse logo o que se estava a passar, bem posso esquecer o cruzeiro ao Alasca, e provavelmente ele irá divorciar-se.

As duas conseguiram entrar na ala do hospital sem terem sido vistas por ninguém, esgueirando-se para o lado de dentro da cortina que proporcionava alguma privacidade a Headly; este abriu os olhos de imediato. Bastou-lhe um único olhar às duas para ver que não estavam ali para lhe ajeitar a almofada.

— O que é que se passa?

— Diga-lhe. – Eva afastou-se para o lado para que Amelia pudesse aproximar-se da beira da cama.

Num tom de voz sussurrado, ela pô-lo a par dos últimos acontecimentos, concluindo, dizendo-lhe: – Se a Glenda lhe deu alguma informação sobre a localização dessa cabana, acha que ele seria capaz da temeridade de ir lá sozinho para os confrontar?

O olhar de Headly ia de uma à outra, acabando por se deter na sua mulher, cuja angústia era tão aparente como a sua resignação. Headly fechou os olhos e soltou um prolongado suspiro.

— Foda-se!

Mais do que um impropério, a palavra estava impregnada de desespero. Vindo de um homem de ação e tão determinado, aumentou exponencialmente os receios de Amelia.

— Eles vão matá-lo, não é verdade?

Headly soergueu-se e abriu os olhos.

– Não se eu puder evitá-lo. Mas, raios partam isto!, estou encurralado aqui. Eva, telefona ao Knutz.

O número dele está no meu telemóvel. – Eva dirigiu-se para o cacifo que continha os pertences do marido.

– Não sei o que dizer-lhe.

– Deixa a Amelia falar com ele. – Headly olhou para esta e disselhe: – Conte-lhe o que acabou de me dizer. Ele descobrirá a Glenda e mobilizará as autoridades locais, e talvez, mas apenas talvez, consigam intercetar o Dawson a tempo.

– E se não conseguirem? – perguntou Amelia.

– É provável que o Carl lhe conceda a entrevista sobre a sua vida de crime. Não seria a primeira vez que o fazia.

Eva interrompeu a ligação pelo telemóvel do marido, olhando para ele com uma expressão de alarme.

– Gary!

– O que é que foi? – perguntou Amelia ao ver a reação dela. – O que é que tem a entrevista?

Ignorando a angústia da mulher, Headly pô-la ao corrente do furo que um jornalista do Washington Post tinha conseguido.

— No dia a seguir ao da publicação dessa entrevista, o Carl libertou o jornalista numa estrada rural na região oeste da Virgínia. Com uma bala no cérebro. O Prémio Pulitzer foi-lhe atribuído postumamente.

Ele estava no meio do seu pesadelo habitual, a trepar laboriosamente a vertente da colina em direção a Hawkins, que

gritava por ele do cimo, quando foi acordado, sobressaltado, por uma garçareal que se elevou do brejo com um ruidoso bater de asas.

Fora poupado ao horrível fim do pesadelo, mas continuava extremamente abalado, a tremer e com suores frios. Limpou a cara à fralda da camisa e bebeu um gole de água.

Ficou surpreendido por ter conseguido dormitar, e igualmente por continuar vivo. Se Carl ou Jeremy o tivessem apanhado ali, podia ter sido assassinado enquanto dormia. Se bem que tivesse passado pelas brasas durante duas horas, não se sentia repousado. No entanto, a despeito da fadiga que sentia e de o Sol ainda não ter raiado por completo, estava impaciente por se pôr a caminho.

Repôs a bateria no telemóvel, o que significava que tinha recomeçado a emitir um sinal que indicava a sua posição às autoridades, caso andassem à sua procura, mas era um risco que teria de correr. Precisava do telemóvel para o ajudar a orientar-se.

Só levou consigo o telefone e a garrafa de água quando deixou o automóvel. Uma arma teria sido supérflua. Jeremy não alvejara Amelia devido à rápida reação de Dawson. A bala que disparou contra Headly não lhe tinha acertado na cabeça, tendo perdido velocidade devido à distância, o que impediu que causasse o dano que poderia ter provocado. Mas independentemente do azar no dia anterior, Jeremy era conhecido pela sua perícia de atirador. Um homem com água pelos tornozelos num terreno pantanoso seria um alvo fácil.

A partir daquele ponto, Dawson optara por um percurso em ziguezague, prosseguindo pelo terreno de forma trapezoidal, que era mais estreito na base do que no vértice, que entrava pelo interior adentro. Se conseguisse chegar ao canto noroeste sem encontrar nada e aquilo passasse a ser uma caça aos gambozinos, seguiria por uma linha diagonal de volta ao seu ponto de partida.

A água em que entrara na noite anterior nunca ultrapassou a altura dos joelhos, mas foi o suficiente para lhe encharcar as calças

de ganga e ensopar as botas. Foi com grande esforço que percorreu um morraçal extremamente denso e uma mata de palmitos com folhas em forma de lâminas e igualmente aguçadas. Os insetos eram agressivos e impiedosos. E Dawson nem sequer queria pensar na variedade de répteis com que poderia deparar.

Estimava ser capaz de percorrer cerca de oito hectares em meia hora ou menos. Mas a caminhada através de água pantanosa cheia de vegetação cerrada exigia um esforço e tempo acrescidos.

Felizmente, à medida que o solo se elevava, tornava-se mais firme e menos pantanoso, enquanto as ervas próprias dos brejos, gradualmente, davam lugar a uma área arborizada. Dawson não tardou a começar a andar por baixo da ramagem de árvores que formavam uma espécie de dossel denso e emaranhado, mantendo o solo da floresta na sombra. A vegetação rasteira florescia. As trepadeiras enrolavam-se em volta dos troncos das árvores. Os fetos de extremidades rendilhadas formavam áreas de um verde vibrante. Vista de todos os ângulos mais vantajosos, a paisagem assemelhava-se a um diorama de sombras em movimento, uma natureza selvagem que proporcionava uma camuflagem em nada perturbada.

Razão por que passou quase despercebida a Dawson.

Se não tivessem sido dois tangarás-vermelhos a despertar a sua atenção quando voavam através do arvoredo chamando um pelo outro, tendo acabado por pousar na antena inclinada de televisão instalada na extremidade do telhado, Dawson poderia ter passado pela cabana sem a ver.

Deteve-se abruptamente e depois apressou-se a agachar-se atrás de um maciço de palmitos.

Calculou que se Carl ou Jeremy o tivessem avistado ou ouvido, já estaria morto.

A estrutura era maior do que aquilo que ele classificaria de barraca. Era mais como um pequeno chalé de madeira. Situava-se numa pequena clareira rodeada de árvores. O matagal alto estendia-

se até às paredes exteriores de madeira em tosco, a que a passagem do tempo emprestara uma tonalidade castanho-escura e parda que fazia com que se confundisse com a casca do tronco das árvores.

O telhado baixo estava totalmente coberto de líquenes e galhos caídos das árvores, onde a vegetação se enraizara naquele húmus formado naturalmente. Vista do ar, não se distinguiria da paisagem natural. Nem sequer de um helicóptero, a voar a pouca altura, a casa teria sido avistada.

Dawson aproximou-se pela frente. A cabana tinha uma espécie de alpendre com mais ou menos um metro quadrado, uma porta flanqueada por janelas pequenas situadas bem alto. O vidro das janelas tinha levado uma camada de uma substância que impedia que a luz do Sol se refletisse. Não se viam quaisquer cabos telefónicos ou elétricos, mas viu um gerador pintado em tons de camuflagem encostado a uma das paredes exteriores e coberto de trepadeiras.

Dawson pensou com ironia: Isto é que é a recompensa por uma vida de crime? Mas havia que levar em linha de conta que um dos agravos que Carl Wingert albergava era o materialismo obsessivo da população dos Estados Unidos. Nisso, pelo menos, ele praticava o que pregava.

Dawson aguardou dez minutos, de acordo com o seu relógio de pulso, antes de se atrever a mexer-se. Vendo que não podia avançar sem sair da cobertura que o arvoredo lhe proporcionava, deteve-se para respirar fundo várias vezes.

Duas pessoas vieram-lhe ao pensamento: o cabo Hawkins, o jovem soldado do Dakota do Norte que havia surgido no seu pesadelo e Amelia, a última mulher que ele beijaria. A primeira mulher que ele amaria. Caso não saísse vivo daquela situação, tinha esperança de que, graças a um qualquer milagre cósmico, ambos soubessem que nos seus últimos momentos de vida ele tinha tido consciência das suas dívidas por saldar para com os dois.

Saiu da relativa segurança das árvores e encaminhou-se na direção da cabana. Ninguém lhe gritou qualquer aviso. Nada de sombras indicadoras por detrás das janelas obscurecidas. Não ouviu nenhuns sons ensurdecidos, nada que lhe indicasse que aquela casa fosse habitada.

Mas quando já se preparava para pisar o alpendre, recordou-se de uma coisa que Headly lhe dissera: «Devíamos ter sabido que estava armadilhada.» Um bufo dissera ao FBI que Carl e Flora estavam escondidos numa casa no Sul da Florida. Planearam um assalto perfeito em todos os pormenores, tendo conseguido manter-se encobertos até um agente das Operações Especiais ter pisado o chão de madeira do alpendre. Ele e toda a estrutura explodiram, ficando reduzidos a fragmentos dispersos. Três outros agentes ficaram gravemente feridos, apesar do equipamento protetor.

Dawson equacionava armadilhas com engenhos explosivos improvisados. Tivera oportunidade de ver de perto os estragos que causavam. Pensamentos acerca da carnificina de que eram capazes passaram-lhe pela mente enquanto pisava a pequena plataforma com toda a cautela.

Não houve detonação nenhuma. Dawson esperava, no mínimo dos mínimos, disparos de armas de fogo, mas tudo o que ouviu foi uma questiúncula doméstica entre os tangarás-vermelhos. Estendeu a mão para a maçaneta da porta e girou-a. Surpreendentemente, constatou que não estava fechada à chave. A porta abriu-se para dentro. A primeira coisa que o saudou foi o cheiro. Lixo já bastante antigo, o cheiro acre a suor e a sangue.

— Eu podia ter disparado contra si através da porta, portanto, o melhor é entrar.

Não era uma voz que Dawson reconhecesse como sendo a de Bernie.

Com o coração a bater fortemente e as mãos no ar, Dawson transpôs a ombreira da porta, servindo-se do pé para a abrir

completamente para trás até ter batido na parede. Não havia ninguém atrás da porta. Com o olhar, abrangeu todo o interior.

Fedia a latas vazias de comida e a mobiliário recolhido em lixeiras. Louça suja empilhada num lava-louça imundo sem água canalizada. A um canto havia uma palete de madeira que continha packs de água engarrafada. Também havia um frigorífico já muito velho.

Num sofá via-se um homem de barba parcialmente reclinado. Empunhava uma pistola, embora com uma expressão apática. Depois de ter identificado Dawson, mostrou a sua surpresa.

— Você?!

— Eu mesmo.

Tudo o que Headly dissera a Dawson sobre Carl Wingert surgiu-lhe ao pensamento de imediato.

«Todos os cuidados são poucos quando se lida com o Carl.» Dawson deu meia-volta para ver o que se passava atrás de si, mas só viu a paisagem monótona para lá da porta aberta.

«Houve uma ocasião, no Novo México, em que ele saltou das vigas do teto de uma antiga cavalariça. Atirou contra o agente que o perseguira até ali, acertando-lhe em cheio no peito.»

Dawson olhou para o teto baixo. Não viu quaisquer vigas nem nenhum sótão.

O homem refastelado no sofá parecia divertido com o nervosismo dele.

— Tranquilize-se. Ele não está cá.

— Aonde é que ele foi?

— Não disse.

Assegurado de que eram os únicos presentes, Dawson disse: – Não estou armado, por isso, vou baixar as mãos.

Jeremy Wesson, um homem que lhe suscitara uma curiosidade mórbida, um homem por quem sentia um rancor que impregnava todas as fibras do seu ser, um homem que queria ver severamente

punido por ter assassinado Stef e que só por um mero acaso é que não assassinara Amelia, não tinha uma aparência tão malévola e ameaçadora como seria de esperar.

Ele olhava para Dawson com a mesma curiosidade, avaliando-o de cima a baixo.

— Você parece ainda mais alto visto de perto.

— E você está com um aspeto de merda. – Em contraste com a barba, a compleição de Jeremy parecia suada e com uma palidez de cera.

— Resultado de vinte e quatro horas duras.

— Também não foram um passeio no parque para o Headly.

— Ele está vivo?

— Vai conseguir restabelecer-se.

— Na fração de segundo que a bala levou para atingir o alvo, ele virou-se – disse Jeremy.

— Também não conseguiu acertar na Amelia.

— Não tentei muito afincadamente.

Dawson não lhe daria o benefício de acreditar que ele falasse com toda a sinceridade, mas a verdade é que Jeremy baixou a cabeça por um momento, numa atitude que poderia ser considerada de remorso. Quando voltou a olhar para Dawson, reparou que este tinha as botas e as calças de ganga molhadas.

— Foi difícil chegar aqui, não foi? Como é que me descobriu?

— Nunca revelo a identidade das minhas fontes.

Jeremy abafou uma gargalhada, o que lhe provocou tosse. Enquanto tossia, manteve a cara inclinada para o ombro. Quando a tosse abrandou, perguntou: – Os polícias vieram logo atrás de si?

— Não creio.

— Portanto, veio sozinho?

— Sim, vim.

— Porquê?

— Porque quis falar consigo cara a cara.

— Para quê?

Dawson não lhe deu resposta.

— Anda a fornicar com a minha mulher?

— Ela não é a sua mulher. Mas não.

Quer ele tivesse acreditado, quer não, era coisa que Dawson não podia dizer.

— Veio cá para me matar?

— Não.

— Porque se é essa a sua intenção...

— Não é.

— ... chegou demasiado tarde. – Afastou a mão de uma chaga cheia de sangue e já em estado de supuração no baixo-ventre. – Já sou um homem morto.

Capítulo 24

Dawson já estava ajoelhado junto do sofá esburacado antes de se dar conta de que se tinha mexido. Afastou a mão de Jeremy para o lado e levantou a camisa suja do homem. Deparou com um ferimento já em estado de putrefação. Os tecidos do corpo estavam arrepanhados, cheios de pus e avermelhados em volta do orifício enegrecido de bala, que estava cheio de sangue já seco.

— Credo, isto parece muito feio, mas a hemorragia está estancada.

— Esvaí-me – retorquiu Jeremy com um esgar de ironia.

Dawson receava que ele tivesse razão. A maior parte da hemorragia devia ter sido interna e considerável. Por baixo do bigode farfalhudo, os lábios tinham uma coloração violácea. Jeremy largou a pistola, que caiu no chão a centímetros do joelho de Dawson.

— Menti quando lhe disse que podia ter disparado através da porta. A arma não está carregada.

Dawson tirou o telemóvel que trazia preso no cinto das calças.

— Não se mace – disselhe Jeremy.

Ignorando o fraco protesto do homem, ligou para o número de emergência nacional.

— Ouça com atenção – disse quando o atenderam. Deu a sua localização à operadora em linhas gerais, bem como as coordenadas geográficas do local. – Preciso de socorro médico para um homem que está gravemente ferido.

— Qual é a natureza...

— Foi atingido a tiro no abdómen.

— Ele está...

— Estamos numa cabana, mas não existe nenhuma estrada de acesso. É imperativo que enviem um helicóptero. Não terão condições para pousar. Diga-lhes que venham preparados para isso e que devem procurar fumo.

— Fumo?!

— Isso ajudá-los-á a encontrarem-nos e o meu telemóvel continuará ligado.

— Como é que se chama?

— Dawson Scott.

— O mesmo Dawson Scott de que toda a gente anda à procura?

— Andam à minha procura?

— Por todo o lado.

— Pois bem, podem encontrar-me aqui. Estou com o Jeremy Wesson. Diga-lhes que não venham preparados para um tiroteio. Somos os únicos aqui e estamos desarmados, e ele está em muito mau estado.

— Muito bem, mantenha-se em linha, senhor...

— Trate de fazer o seu trabalho, enquanto eu vou fazer o meu. – Dawson desligou e não atendeu quando o telemóvel tocou quase imediatamente. Movimentando-se com rapidez, arrastou o caixote do lixo a transbordar para fora e virou-o, despejando todo o conteúdo nauseabundo. Apanhou alguns galhos e folhagem seca caídos no solo, atirando-os para dentro do caixote do lixo. Feito isto, voltou para dentro da cabana.

— Onde estão os fósforos?

— Na prateleira acima do lava-louça – respondeu Jeremy com um gesto muito débil.

A desconjuntada mesa de refeições estava atulhada de jornais. Dawson recolheu-os, levando-os para fora com a caixa de fósforos e juntando os jornais à folhagem e aos galhos secos; calcando-os, acendeu os fósforos e deixou tudo a queimar.

O aspeto de Jeremy piorava a olhos vistos. Dawson couraçou-se contra o sentimento de compaixão que crescia dentro de si. Adotando a sua objetividade profissional, ligou o videogravador do seu telemóvel. A qualidade da imagem era-lhe indiferente, mas qualquer coisa que Jeremy dissesse podia vir a ser muito importante mais tarde.

— Quem é que o alvejou?

— O polícia.

— Aquele que matou?

— Foi o meu pai quem o matou.

— O Carl Wingert. Ele é o seu pai?

— Precisamente. Como é que descobriu? – perguntou Jeremy.

— Isso agora não interessa. O que é feito do Carl?

— Já lhe disse. Ele foi-se embora.

— Há quanto tempo?

— Ontem à noite. Não sei ao certo a que horas.

— Tem estado aqui sozinho durante toda a noite? Porque não telefonou a pedir ajuda?

Jeremy soltou uma pequena gargalhada seca que lhe provocou outra crise de tosse.

— Prefiro esvair-me em sangue e morrer aqui – replicou com a respiração arfante –, do que morrer na prisão.

— O Carl deixou-o aqui a esvair-se em sangue? Porque não o levou ele para um hospital?

Jeremy baixou a cabeça, olhando para o ferimento; quando voltou a olhar para Dawson, tinha lágrimas nos olhos.

— Ele percebeu que era uma causa perdida.

— Meu Deus... – disse Dawson, passando os dedos pelo cabelo. – Esse homem não tem coração?

— Sabe quem ele é? Quero dizer, para além de ter adotado a falsa identidade de Bernie. Tem conhecimento do passado dele?

— Sim, tenho. Sei muito mais acerca dele do que gostaria de saber.

— Não é a primeira vez que ele tem de deixar pessoas para trás – disse Jeremy.

— Ele *optou* por as deixar para trás.

— Os heróis são forçados, por vezes, a tomar decisões difíceis.

— Herói? – retorquiu Dawson em tom de escárnio. – Ele é um cobarde de merda!

Jeremy não lhe deu réplica, mas levou o braço aos olhos para secar as lágrimas.

— Ele deixou-me uma bala. Sei o que ele esperava que eu fizesse com ela, por isso, sessenta minutos depois de ele ter saído, disparei-a. –

Dawson seguiu o olhar de Jeremy até ao teto onde a madeira estava lascada à volta de um orifício de bala. – O meu pai não tem cometido muitos erros – continuou Jeremy –, mas esta noite cometeu um erro. Não voltou para ver se eu tinha feito realmente o que ele esperava. – Recostou-se para trás no sofá sujo e cerrou os olhos. Dawson viu uma lágrima correr-lhe pela face abaixo, tendo sido absorvida pela barba. – Eu não queria fazer explodir o meu cérebro, mas esperava vir a morrer antes que chegasse aqui alguém.

— Não teve essa sorte, Jeremy. Preciso que você me esclareça uma ou duas coisas.

— A sua intenção é escrever acerca da minha vida? – perguntou Jeremy ainda com os olhos fechados.

— Não me decidi quanto a isso.

— Pois bem, se é de uma confissão no leito de morte que está à espera, é melhor que se apresse.

— A versão do Willard Strong a respeito do assassinato da Darlene é verdadeira?

— Não anda muito longe da verdade. Mas o principal é que ele não a assassinou. Fui eu.

Dawson baixou o olhar para o telemóvel para se certificar de que aquilo tinha ficado gravado.

— Os Wesson.

Jeremy abriu os olhos quando se encheram de mais lágrimas. Fazia um enorme esforço para não chorar.

— Randy e Patricia.

— O apelido verdadeiro deles era realmente Wesson?

— Não, mas não sei quais são os seus verdadeiros nomes. Vivi com eles durante treze anos e só posso dizer que cuidaram bem de mim. Ambos acreditavam no meu pai e na sua cruzada, como lhe chamavam.

— E quanto ao incêndio?

— O meu pai disse que era necessário. Considerava que estava a transformá-los em mártires em nome de uma causa – replicou Jeremy, voltando a limpar os olhos.

Dawson teve de fazer um esforço enorme para manter a sua objetividade quando colocou a pergunta seguinte.

— E em relação ao pai da Amelia. Foi suicídio ou não?

Fitou os olhos de Jeremy, exigindo que ele lhe respondesse com verdade. Lentamente, este começou a abanar a cabeça, após o que a encostou às costas do sofá.

— Desde o primeiro momento em que nos conhecemos, em especial depois de eu ter casado com a Amelia, que ele não se cansava de fazer perguntas acerca dos Wesson e de outras coisas que eu lhe disse que não batiam certo. O meu pai receava que ele começasse a meter o nariz a sério depois do divórcio. Eu não era a pessoa preferida do congressista.

— Você bateu na Amelia.

Jeremy retraiu-se, mas não tentou justificar a agressão.

— O meu pai ficou com receio de que ele estivesse determinado a apanhar-me. Disse que tínhamos de cortar o mal pela raiz.

— O que você não hesitou em fazer.

— Eu conhecia bem a rotina dele, por isso sabia quando é que ele estaria sozinho em casa.

— Como é que o coagiu a ingerir os comprimidos?

— O meu pai deu-lhe uma alternativa. Tomar a dose letal ou ser obrigado a assistir à morte agonizante da Amelia. Ele acabaria por morrer, de uma maneira ou de outra, mas se queria que a filha vivesse, teria de fingir o seu suicídio. O velho tentou argumentar e depois optou por negociar. Em seguida, começou a suplicar, mas acabou por engolir os comprimidos. Esperámos até termos a certeza de que o coração dele tinha parado de bater.

— E depois deixou-o para que a Amelia o encontrasse.

Dawson sentia uma vontade quase irreprimível de o agredir até ele perder a consciência pelo desgosto que tinha causado a Amelia, não apenas devido à morte do pai, mas também por todas as mágoas que ela sentira em nome da sua «causa» fanática e estúpida, que nada justificava.

— «Causa», uma ova! – resmungou com azedume. A perversidade de Carl Wingert tinha sido alimentada pelo seu egocentrismo e pelas suas

manias de grandeza sociopatas e doentias.

Subitamente, Dawson sentiu-se assolado por um sentimento de raiva. Agarrou a mão de Jeremy como se tencionasse empenhar-se num braço de ferro com o homem ali mesmo e em cima do peito deste. – Também precisa de responder pela morte da Stef.

— Uma ação absolutamente estúpida. Agi sem pensar.

— Isso não vai servir de defesa nem de atenuante.

Como se não tivesse ouvido o comentário de Dawson, Jeremy prosseguiu.

— Eu tinha estado fechado aqui durante tanto tempo, que sair para outro lugar e fazer alguma coisa deu-me uma grande satisfação.

— Deu-lhe satisfação matar uma jovem?

— Eu pensava que ela era a Amelia.

— Você queria matar a mãe dos seus filhos.

Jeremy desviou o olhar da expressão acusatória que via nos olhos de Dawson e suspirou demoradamente.

— Se tivesse sido forçado a pensar nisso, não poderia ter levado a cabo o que fiz. Portanto, quando a vi... a mulher que supus ser ela... foi como se a Providência me tivesse favorecido. Aceitei. Algo do género. Agi movido por um impulso e procedi dessa maneira nesse exato momento; o assunto ficaria encerrado e não teria de voltar a pensar nisso. Foi o que me ocorreu nessa altura.

— Tem uma mente perversa, Jeremy.

— Diga-lhe que estou muito arrependido.

— Duvido muito que ela acredite nisso.

— Provavelmente, não. Nunca depois de tudo aquilo por que a forcei a passar – redarguiu Jeremy com uma expressão introspetiva. – Os meus filhos vão ter vergonha de quem o pai foi, não é verdade?

A resposta era tão óbvia que Dawson nem sequer lhe deu réplica.

— Eu tive ciúmes de si quando o vi brincar com os meus filhos na praia – continuou Jeremy. – Eu via-vos do barco. Onde é que arranjou a bola de futebol americano?

— Encontrei um saco cheio de brinquedos de praia na casa que arrendei.

— O Grant tem um bom braço direito para um miúdo da idade dele.

— Para um miúdo de qualquer idade.

— O Hunter é melhor a jogar futebol.

— Ele tem alguns lances bons.

— São bons rapazes, não acha?

— São uns garotos magníficos.

— Eles alguma vez falam a meu respeito?

Dawson pensou que aquele homem não era merecedor da sua compaixão, da sua piedade, nem sequer merecia uma daquelas magnânimas mentiras inocentes. Mas dizer a verdade nua e crua a um homem que se encontrava às portas da morte...

— Constantemente – ouviu-se a responder. – Ambos têm muito orgulho no serviço militar que o pai prestou ao seu país.

Jeremy tinha noção de que ele estava a mentir-lhe e olhou-o com uma expressão em que lhe agradecia em silêncio aquela piedosa mentira. Em seguida, fechou os olhos, e Dawson receou que ele tivesse perdido a consciência ou que isso estaria prestes a acontecer. Abanou-lhe o ombro.

— Não desfaleça já. Diga-me para onde é que o Carl foi.

— Não sei.

— Não acredito nisso.

— Ele deixou-me aqui a morrer. Parece-lhe que me interessa saber aonde é que ele foi? – Uma vez mais, Jeremy ficou com os olhos rasos de água.

Na verdade, Dawson acreditava nele quando lhe disse que não sabia do paradeiro do pai. Um homem disposto a abandonar o filho às portas da morte não se daria ao trabalho de lhe dizer para onde ia. Lutou contra outro ataque de compaixão.

— Jeremy, o que é feito da Flora?

Os olhos deste concentraram-se em Dawson, mas depois emitiu um som enrouquecido e soluçante.

— Não me pergunte...

— Onde é que ela está, Jeremy? A sua mãe está viva?

— Deixe-me em paz! – ripostou ele, exasperado, soltando outro som que era um estertor. – Estou a morrer.

Dawson apertou-lhe a mão com mais força.

— Porra, diga-me!

— Eu...

— Responda-me!

Foi então que começaram a ouvir o barulho do rotor de um helicóptero que se aproximava.

Dawson correu para a porta e olhou para fora. Do caixote do lixo continuava a evolar uma esparsa espiral de fumo, que tinha resultado como sinal. O helicóptero apareceu, sobrevoando a cabana quase a rasar a copa das árvores. Dawson saiu da cabana e agitou os braços acima da cabeça, após o que voltou para dentro, ajoelhando-se junto do sofá.

A cabeça de Jeremy inclinou-se inerte para o lado.

— Não! – Dawson passou um braço por baixo da cabeça de Jeremy e, suportando a nuca flácida na dobra do cotovelo, ergueu-a do sofá. – Não morra nos meus braços. Acorde. Acorde! – gritou, sacudindo a cabeça dele.

Jeremy gemeu e entreabriu os olhos.

— Tem de cooperar comigo, homem. Aguente-se.

— Não quero cooperar.

— O que é que aconteceu à Flora?

Os lábios de Jeremy movimentaram-se, mas Dawson não conseguiu ouvi-lo devido ao barulho que o helicóptero fazia. As hélices levantavam tudo o que se encontrava caído no solo, projetando-o contra as paredes exteriores da cabana como se fossem pedras. Homens gritavam. Alguém foi largado pesadamente no alpendre e gritou pelo seu nome. Dawson baixou a cabeça.

— Diga-me onde posso encontrar a Flora, Jeremy. Diga-me.

Este agarrou o colarinho da camisa de Dawson, puxando-o até o ouvido deste ficar diretamente acima dos seus lábios. Sussurrou as suas últimas palavras, após o que olhou para os olhos de Dawson, e durante

um milionésimo de segundo ficaram ligados um com o outro. Mas então, os olhos de Jeremy deixaram de ver.

Dawson ficou a olhar para a expressão vazia nos olhos dele durante um longo momento, após o que baixou a cabeça de Jeremy, encostando-a às costas do sofá e afastando o braço de debaixo dele.

Quando tentou pôr-se de pé, teve de desprender o colarinho preso nas mãos do homem morto.

Amelia estava com Eva no quarto de hospital de Headly, que se mostrava intratável, quando recebeu o telefonema que Tucker lhe tinha prometido.

— Detetive Tucker? Vou pô-lo em alta voz. – O que fez a tempo de o ouvir dizer: – Já o encontrámos.

— E ele está bem?

— Está ótimo.

Eva juntou as mãos por baixo do queixo em oração. Headly resmungou numa voz inaudível, o que, provavelmente, era pelo melhor. Amelia sentiu-se delirante de alívio. O detetive prosseguiu.

— Mas lamento informar que o seu... que o Jeremy está morto.

— Estou a ver – disse ela, sentando-se numa cadeira.

Não estava à espera da grande tristeza que sentiu. Há mais de um ano que ele estava morto para ela. Já fizera o luto por ele uma vez; nunca teria pensado que poderia vir a sentir algum desgosto pela sua morte. Tendo conhecimento do que ele fizera, estava perplexa consigo mesma por sentir por Jeremy o que quer que fosse. Mas foi o que aconteceu. Lamentou as más escolhas que Jeremy tinha feito, sentiu tristeza pela sua vida desperdiçada e, o que era ainda mais triste, sentia alívio. Amelia e os filhos estavam livres dele para sempre.

— O agente da Polícia de Savannah que encontrámos morto tinha conseguido disparar um tiro com o seu revólver regulamentar – informou Tucker. – O Jeremy foi atingido no baixo-ventre. Esvaiu-se em sangue lentamente.

Amelia fez um acenar de cabeça, mas apercebendo-se de que Tucker esperava uma resposta verbal, repetiu as únicas palavras que, aparentemente, estava capaz de proferir.

— Estou a ver.

— Os pormenores terão de esperar por agora. O telemóvel do Scott tem uma aplicação de videogravador, mas ainda precisamos de lhe fazer inúmeras perguntas acerca do que se passou quando ele chegou à cabana.

— É por isso que eles não la deixam falar com ele – adiantou Headly, sem se importar por Tucker poder tê-lo ouvido. – Tucker, e a respeito do Carl? – perguntou ao detetive num tom de voz mais alto.

— Não há sinal dele.

Os lábios de Headly contraíram-se numa linha apertada.

— O canalha deixou o Jeremy a morrer lá sozinho.

— É o que parece.

Amelia sentiu outro aperto no coração.

— Quando é que podemos contar com o regresso do Dawson a Savannah?

— Não sei dizer. Só se tem acesso ao lugar onde ele foi encontrado a pé. Os helicópteros não têm condições para pousar. Talvez passe algum tempo até ser possível tirá-lo de lá. Nesta altura, ele está a ser interrogado pela gente do Knutz. Mas agora tenho de desligar, porque estão a chamar-me.

— Obrigado por ter telefonado. – Amelia ficou sem saber se ele ouvira o que lhe disse antes de ele ter desligado. Só um momento depois é que levantou a cabeça. – Do mal, o menos, sabemos que ele está são e salvo. – Headly e Eva observavam-na atentamente. Supunha que estivessem a avaliar a sua reação após ter tido conhecimento do que havia acontecido a Jeremy. Pôs-se de pé. – Vou para casa, para junto dos meus filhos.

— Vamos ter de ficar com o seu telemóvel durante algum tempo – disse Tucker.

Dawson aquiesceu com um acenar de cabeça.

— Um dos agentes locais acompanhá-lo-á até sair daqui. Instalámos quase um acampamento num caminho a uns oitocentos metros daqui, naquela direção – informou, apontando com o polegar por cima do ombro.

— O meu automóvel ficou na direção oposta.

— Este é o caminho mais curto para se poder sair daqui. Não fica longe, mas não é uma caminhada fácil através do arvoredo. O caminho tem um traçado sinuoso para sul e faz ligação com o que não tem saída, onde deixou o seu carro, e dá lugar ao pântano. Tenho dois agentes de guarda à viatura até você chegar. Alguém o levará de automóvel até lá.

— Agradeço-lhe muito.

Entretanto, foram abordados por um agente de uniforme, que vinha a correr.

— Detetive Tucker? Posso falar consigo?

Dawson afastou-se para que eles pudessem falar em privado, olhando na direção da cabana, onde havia uma grande atividade. O pessoal da perícia criminal tinha chegado nas últimas horas. Alguns vestiam uniforme, enquanto outros estavam à paisana. Um desses agentes vestia um fato completo e calçava sapatos com atacadores, outros estavam de calças de ganga e *T-shirts* com o nome da força policial a que pertenciam estampado. Dawson supunha que as opções de vestuário dependiam da patente que cada um tinha. Iam e vinham em conformidade com o que as suas funções requeriam.

Era com satisfação que se mantinha o mais distanciado possível de toda aquela atividade.

No entanto, tal não impedira que tivesse sido interrogado exaustivamente por Tucker e Wills, que apareceram pouco depois de as primeiras pessoas terem chegado à cabana, abrindo caminho por entre o arvoredo para conseguirem chegar ao local. Os agentes das forças do xerife do condado da Carolina do Sul não tardaram a juntar-se-lhes, além de vários agentes especiais do FBI sob a chefia de Knutz. Aparentemente, era ele quem coordenava as operações a partir de Savannah.

Cada ramo das forças policiais queria interrogá-lo separadamente, pelo que foi chamado várias vezes para descrever as condições em que Jeremy se encontrava quando ele ali chegou. O vídeo que filmou no telemóvel, tal como calculara, era pobre em termos de qualidade de imagem, mas as confissões de Jeremy podiam ser ouvidas com toda a clareza, a mais chocante das quais era a de ele ter encenado o suicídio do congressista Davis Nolan.

O dia tornara-se quente e extremamente húmido, o firmamento estava coberto por um manto de nuvens, dando origem a um efeito de estufa, que por volta do meio-dia já fazia com que as camisas estivessem coladas às costas. Naquele momento já passava muito do meio-dia. Dawson estava absolutamente exausto e exaurido mentalmente, apesar disso, tinha respondido às inúmeras perguntas com toda a paciência, apercebendo-se de que quanto mais depressa o fizesse, mais depressa lhe permitiriam que se fosse embora.

Agora, ao que tudo indicava, e finalmente, chegara o momento. Depois do breve diálogo com o agente de uniforme, Tucker voltou a aproximar-se de Dawson, mas agora acompanhado de Wills, que limpava o suor da cara, mostrando uma expressão deprimida, com um lenço de assoar dobrado.

— Falso alarme – disse Tucker. – Detiveram um homem de cabelo branco num Dairy Queen que se enquadra, *grosso modo*, na descrição física do Carl Wingert. O velhote tinha parado para comprar um *Blizzard*. Não era o Carl.

— Ele não se deixará apanhar assim tão facilmente – disse Dawson.

— O grande filho da puta – disse Wills entre dentes. – Não sou nenhum admirador do Jeremy Wesson, mas... Bolas! Que espécie de homem consegue pôr-se em fuga, deixando o próprio filho naquele estado, sabendo que ele está às portas da morte?

Só ocorreu uma resposta a Dawson: Carl Wingert.

Uma interrupção em toda aquela atividade despertou a sua atenção para a cabana. Os três ficaram a olhar circunspectos para a maca que trazia o corpo de Jeremy e que saía com alguma dificuldade pela

ombreira estreita da porta, carregada pelos membros da equipa de socorro, que a pousou no solo à espera do helicóptero que transportaria o cadáver.

— Para onde vão levar o corpo? – perguntou Dawson.

— Eventualmente, acabará por voltar para nós – respondeu Tucker. – O Jeremy morreu no condado deles, mas era procurado por crimes cometidos na nossa jurisdição. Estão a cooperar connosco. – Virou-se para Dawson e acrescentou: – Eles estão bastante curiosos a seu respeito.

— Porquê?

— Querem saber se você devia ser detido.

— Acusado de que crime?

— Em grande parte, de estupidez. Importa-se de nos dizer em que diabo estava a pensar quando decidiu vir cá sozinho depois de ter conseguido encontrar o rasto deles?

— Queria entrevistá-los – respondeu Dawson.

— Pois bem, conseguiu concretizar o seu objetivo. E mais do que tinha esperado.

— Muito mais – concordou Dawson em voz baixa.

— Por muito que me custe admiti-lo, estamos satisfeitos por você ter sido capaz de o encontrar. O

vídeo ilibará o Willard Strong da acusação de assassinato, além de nos permitir encerrar o caso do homicídio da jovem DeMarco.

— Sem esquecer que anula o veredito de suicídio do congressista Nolan – disse Dawson.

— Como é que acha que a senhora Nolan vai reagir a isso? – perguntou Wills.

— Com um misto de emoções.

Os detetives deviam ter visto pelo semblante dele que não iria discutir o assunto com eles para além do que já tinha sido dito.

— Tenciona manter-se por perto? – perguntou-lhe Tucker.

— Até o Carl ser capturado.

Tucker não gostou daquele tom de voz.

— Ouça uma coisa: espero que não lhe passe pela cabeça mais gracinhas como esta, estamos entendidos? Você não é nenhum polícia.

— Assim você o disse.

— Não quero ter de o levar dentro de um saco para cadáveres.

— Manterei isso em mente.

Tucker adotou uma atitude menos encrespada, olhou na direção da cabana e limpou uma gota de suor da ponta do nariz. Voltou a concentrar-se em Dawson.

— Ouça o que lhe digo. Sou suficientemente homem para admitir quando estou errado – disse. – O

que lá vai, lá vai, certo? – Estendeu a mão direita, que Dawson apertou. Tucker acenou com a cabeça à guisa de despedida, e quando já estava prestes a alcançar Wills, Dawson disselhe: – Você ainda não concluiu o seu trabalho aqui. – O tom solene com que falou despertou a atenção dos dois detetives, que ficaram a olhar para ele na expectativa. – O alpendre foi acrescentado mais tarde – disse Dawson. – O Jeremy construiu-o para proteger a sepultura.

— Sepultura?! – ripostou Wills. – De quem?

— Da mãe dele.

Diário de Flora Stimel – 2010

Não estou bem certa da data, se ainda estamos em janeiro ou se já estamos em fevereiro. Está frio, isso sei eu. A cabana está sempre húmida, o que não tem feito nada bem à minha doença pulmonar.

Há várias semanas que me aflige. Esforço-me por não tossir muito, porque a tosse irrita o Carl.

Ele irrita-se com pouca coisa por estarmos fechados aqui durante dias a fio. Não gosta de se aventurar a sair quando está a chover, porque pode deixar pegadas no solo molhado.

O que eu penso – quem é que poderá andar a procurar-nos depois de já ter passado tanto tempo? Aposto que a maior parte dos polícias atuais nem sequer ouviu falar de nós. Mas o Carl continua paranoico, como sempre. Aquele agente

do FBI, o Headly, faz com que ele fique muito nervoso. Há vários anos que nem sequer fazemos um assalto, mas ele diz que isso não importa.

Que continuamos a ser procurados. O Headly continua em ação e nunca desistirá de nos apanhar vivos ou mortos.

Fico cansada só de pensar nisso. E tenho muitas saudades do Jeremy. Desde antes do Natal que ele não vem visitar-nos. Vai partir de novo para o Afeganistão dentro de pouco tempo. O Carl diz que ele anda demasiado ocupado para ter tempo para nos visitar. Ele está a «tratar de arrumar as coisas», o que quer que isso queira dizer, mas eu penso que quer dizer que o grande plano dos dois está prestes a ser posto em prática.

Fico muito triste por o Jeremy ter de deixar a sua família outra vez. A última vez que esteve aqui, trouxe-me fotografias dos rapazes e contou-me coisas acerca dos dois. Tinha uma fotografia de Hunter com o irmãozinho nos braços. Têm umas carinhas tão doces! Eu queria ficar com as fotografias, mas depois de as ter visto durante algum tempo, o Carl tirou-mas e queimou-as. No caso de virem a descobrir este lugar, ele não quer que haja alguma coisa cá dentro que possa vir a relacionar-nos com o Jeremy. Mas quando vi as chamas consumirem as fotografias dos nossos netinhos, comecei a chorar. Só consegui parar muito tempo depois.

Não tenho a certeza de quantos dias decorreram desde que escrevi essa última parte. Os dias como que se misturam uns com os outros. Não sei porquê, uma vez que não se pode dizer que eu esteja sempre a dormir. Sinto-me tão cansada, mas não consigo dormir. Acho que tenho febre.

Hoje mesmo, há algumas horas, estendi-me na cama com os olhos fechados. Quando os abri, deparei com o Carl sentado à mesa a olhar fixamente para mim. Perguntei-lhe o que se passava.

Ele respondeu-me que «nada» e levantou-se da cadeira para ir aquecer uma sopa enlatada. Na minha opinião, ele detesta que eu esteja doente.

Eu disselhe que um xarope para a tosse e talvez umas aspirinas para me aliviarem as dores no corpo fariam com que me sentisse melhor e me curasse mais depressa. Ele disse que iria comprar esses medicamentos quando o tempo estivesse melhor.

Nesta altura, ele está a dormir, razão por que posso aproveitar para escrever neste diário. Não gosto nada do que estou a pensar, que é isto: por muito que gostasse de ter os medicamentos, espero que o Carl não me deixe aqui sozinha quando os for comprar. Tenho medo de que, se ele sair daqui, talvez nunca mais volte.

Como no verão passado, quando ele se ausentava durante semanas a fio de cada vez que saía e eu tinha de ficar aqui sozinha enquanto ele estava na praia. Ele teve oportunidade de ver os netos todos os dias! Meu Deus, como eu ansiei por também poder estar lá, mas ele disseme que não podia correr o risco de eu fazer algum disparate por causa das crianças, estragando tudo. Se calhar, ele tem razão. Não acho que eu pudesse ter estado perto deles sem lhes ter mostrado o muito que os amava!

Ele vinha passadas algumas semanas para me trazer comida, tal como disse que faria. Mas sempre que ele se ia embora, eu ficava com receio de nunca mais voltar a vê-lo. Não me importo de estar a viver numa cabana de madeira, mas não gosto de estar sozinha neste lugar tão isolado de tudo. Quem é que, além do Carl e do Jeremy, sabe que estou aqui? É um pensamento assustador.

Oh, que dia feliz! O Jeremy chegou. Não lhe dei a perceber como estou doente, mas vi que ele sabia e que ficou preocupado. Tinha os olhos humedecidos quando me deu um beijo de despedida.

Ele é uma doçura de rapaz. Mantive-me agarrada a ele durante tanto tempo quanto me foi possível. Ainda sou capaz de sentir como a palma da mão dele deslizava na minha e o último roçar das pontas dos dedos dele quando, finalmente, largou a minha mão.

Preciso de aliviar a minha consciência de algumas coisas. Calculo que Deus já esteja a par dos meus pecados, pelo que não precisa que eu os passe a papel neste pequeno caderno tão insignificante. De qualquer maneira, hoje não estou capaz de o fazer. As crises de tosse deixam-me exausta. Talvez amanhã.

O Carl saiu há pouco. Foi comprar mercearias e prometeu-me que me traria alguns medicamentos e uma tablete de chocolate PayDay *, o meu preferido.*

O Carl sabe que o meu maior medo sempre foi que ele fugisse, deixando-me sozinha aqui.

Quando lhe perguntei se pensava fazer isso, ele respondeu-me que a febre me pusera a delirar.

Calculo que seja verdade. Porque se ele não me deixou em Golden Branch...

*

Quem me dera não ter pensado em Golden Branch. Agora não sou capaz de pensar noutra coisa.

Para de chorar, Flora! O meu choro faz sempre com que o pai fique tão irritado. Estou a referir-me ao Carl. Nesse aspeto, ele é como o meu pai.

Ele já saiu há muitas horas. Eu devia aproveitar o tempo em que ele está ausente para escrever neste diário quanto puder e depois escondê-lo antes que ele volte. Mas está escuro e...

Já é dia outra vez, acho eu. O Carl ainda não voltou, mas não tardará a chegar, sei que sim.

Talvez durma um pouco, e quando acordar...

Capítulo 25

Amelia estava na cozinha da casa de praia quando Dawson bateu uma vez na porta da arrecadação, entrando logo depois. Ela derreteu-se ao vê-lo, mas, a muito custo, conseguiu manter a compostura. Ambos pareciam um pouco em estado de choque, sem saberem ao certo o que fazer ou como deviam comportar-se. Haveria uma regra de etiqueta para situações semelhantes?

Ficaram a olhar um para o outro até a situação passar a ser insustentável. Foi ela quem, por fim, quebrou o silêncio.

— Olá.

— Olá – repetiu Dawson. Vestia uma camisa de algodão branco para fora das calças de ganga e as mangas arregaçadas até aos cotovelos; tudo parecia assentar-lhe na perfeição. Mas também tinha o aspeto de quem se sentia extremamente fatigado.

— Estás bem?

Dawson encolheu ligeiramente os ombros e acenou com a cabeça.

— Tendo em consideração o que aconteceu, acho que sim.

— Ligaram-me do cais do barco que faz a travessia para me avisarem de que estavas a caminho.

— Foi difícil desembarcar. A ilha está a fervilhar de polícias de vários ramos. Mas isso é bom.

— Sinto-me em segurança. Desde que não olhe na direção da casa do Bernie. Não sou capaz de olhar para lá sem estremecer. Só espero que com o tempo consiga ultrapassar isso.

— A agente de polícia continua aqui em casa?

— Sim. Fez um intervalo entretanto. Há vários agentes alojados na casa que arrendaste. Dormem e comem por turnos. Uma vez que vinhas a caminho, ela deduziu que não haveria problema se fosse à casa ao lado durante algum tempo.

— Hum. – Depois daquele não comentário, o olhar de Dawson percorreu o interior da cozinha sem se fixar num ponto específico, o que

ele fazia mais para evitar olhar diretamente para ela do que com o intuito de olhar para alguma coisa em especial, pensou Amelia.

— E tu estás bem?

— Já me tinhas feito essa pergunta – replicou Dawson, fitando-a outra vez.

— Oh, tens razão, já te perguntei. Peço desculpa.

— Estou ótimo. E tu?

— Sim. Exceto em relação ao Jeremy... – Amelia respirou fundo, expelindo o ar através dos lábios.

— Não sei bem o que devia sentir.

— O que é compreensível.

— Não que se possa dizer que choro a morte dele. Mas isso não impede que sinta tristeza.

— Não me é difícil compreender-te. Acredita.

Ela tinha dezenas de perguntas na ponta da língua acerca dos últimos minutos de vida de Jeremy, mas não era capaz de fazê-las. Ainda não. Não estava preparada para ouvir os pormenores, e Dawson parecia igualmente relutante em dar-lhe as respostas.

Comportavam-se ambos como estranhos, e não como duas pessoas que tinham partilhado um beijo de despedida tão apaixonado na noite anterior. Muito embora Amelia quisesse sentir o enlaço dos braços dele, sentir-se envolvida por ele, aquecida por ele, não se decidira a dar o primeiro passo.

Tal como ele. Não era por falta de desejo de ambas as partes. Isso não sofrera qualquer alteração. Os olhos dele ardiam de desejo.

Todavia, a morte de Jeremy mudara as coisas. Se ele tivesse morrido num lugar remoto, distante, talvez a sua morte não tivesse produzido aquele efeito de divisão. Mas Dawson estivera presente quando ele exalou o último sopro de vida, o que tinha dado origem ao fosso indefinido que se abriu entre os dois. Ambos tentavam encontrar maneira de o atravessar.

Incapaz de suportar aquele silêncio opressivo, foi Amelia a primeira a quebrá-lo.

— A Eva telefonou-me a dizer que tinhas passado pelo hospital.

— Apenas por alguns minutos. Logo depois de ter ido ao hotel para tomar um duche e mudar de roupa. Já contava que o Headly haveria de querer saber tudo em primeira mão. Ele estava...

— Oh, eu sei como é que ele estava – atalhou ela, rindo-se baixinho. – Não ficaria nada surpreendida se o pessoal de enfermagem estivesse a usar uma fotografia dele como alvo para jogar aos dardos. Não se pode dizer que ele seja o doente ideal.

— O seu estado de espírito melhorará assim que lhe passar a paralisia temporária – disse Dawson.

Decorreram alguns segundos até acrescentar: – A Eva disse que ficaste com ela durante toda a noite.

Ela deu grande apreço a isso, tal como eu.

— Eu não poderia tê-la deixado sozinha naquelas circunstâncias. Apesar do prognóstico positivo do cirurgião, ela continuava a sentir-se preocupada com o estado dele. E também estava preocupada contigo.

Dawson passou o peso do corpo de um pé para o outro numa manifestação de constrangimento.

— O Tucker disseme que lhe telefonaste.

— Obriguei-o a prometer-me que me ligaria assim que te localizassem.

— Eu próprio ter-te-ia telefonado, mas eles não me deixaram falar com ninguém até me terem interrogado.

— O Headly disseme isso mesmo.

— E depois, quando já podia telefonar, não tive acesso ao meu telemóvel. Ficaram com ele para servir de prova por as palavras do Jeremy estarem gravadas nele. Além disso...

— Não te apetecia falar.

— Certo – admitiu Dawson com um sorriso esmorecido. – Depois de ter falado até à exaustão com as autoridades, não me apetecia falar com mais ninguém, pelo menos durante algum tempo.

— Eu também precisei de algum tempo para organizar as ideias. Só quis ficar sozinha com os meus filhos.

— Eles sabem?

— De que é que serviria dizer-lhes?

— De nada – concordou Dawson.

— Foi essa a minha conclusão.

— Como é que eles estão?

— Queres vê-los?

— Um pouco de inocência não me faria nada mal – respondeu ele com um sorriso.

Ambos subiram as escadas e percorreram o corredor, passando pela porta fechada do quarto que havia sido ocupado por Stef.

— Falei com a senhora DeMarco há pouco tempo. Ela e o marido foram informados da confissão do Jeremy. O corpo da Stef ser-lhes-á entregue amanhã.

— Ainda bem – retorquiu Dawson. – Foi um caso horrível.

— É verdade.

Quando entraram no quarto dos rapazes, ouviram-nos discutir na casa de banho adjacente.

— Ei, o que é que se passa?

Ao ouvirem a voz da mãe, calaram-se abruptamente. Amelia, com uma expressão de desconfiança, olhou para Dawson por cima do ombro enquanto empurrava a porta da casa de banho. Quando os garotos o viram, passaram por ela com brusquidão, desatando a correr para ele.

Pegou em Grant, agarrando-o por baixo dos braços, servindo-se dele como um haltere para exercitar os bíceps, cerrando os lábios e gemendo com o esforço, o que fez com que o garoto desatasse a rir. Quando o pousou, deu um pequeno soco num ombro de Hunter. Ambos começaram a bombardeá-lo com perguntas, mas sobrepondo a sua voz à deles, perguntou-lhes porque estavam a discutir. Hunter apressou-se a dar a resposta clássica: – Por nada.

— O Hunter disse que não devíamos dizer à mãe, mas eu acho que devíamos dizer-lhe.

— Cala a boca, Grant!

— Hunter, já te pedi que não falasses ao teu irmão nesses...

— É acerca dos nossos...

— Grant, cala a boca!

— ... pénis.

Hunter parecia querer que o chão se abrisse e o engolisse. Estava corado que nem um tomate.

Amelia aclarou a garganta, e com tanta compostura quanta conseguiu mostrar, perguntou-lhes: – O que é que os vossos pénis têm de mais?

— *Na... da* – respondeu Hunter, lançando um olhar ameaçador ao irmão mais novo.

— Apetece-me um chá gelado, por favor – disse Dawson, virando-se para Amelia.

— O quê?! – Confusa, o olhar dela foi dele aos rapazes, voltando a concentrar-se nele. – Oh! Claro.

Um chá – disse ela quando percebeu. – Esplêndido. Eu vou lá abaixo... – Deixou os três, fechando a porta depois de ter saído.

Dez minutos depois, Dawson juntou-se a ela na cozinha. Foi direito ao copo de chá que ela tinha enchido, bebendo-o de uma só vez sem respirar.

— E então?

— E então – repetiu Dawson, falando demoradamente –, ambos sentiram o que, assegurei-lhes, foi um fenómeno biológico absolutamente natural.

— Ah... pensei que talvez se tratasse disso mesmo. Reparei nesse *fenómeno* em algumas ocasiões, mas fingi sempre não ter dado por isso, como qualquer senhora faria.

— O Hunter teve um hoje, que... foi bastante pertinaz. Ele estava com medo de que significasse que havia qualquer coisa de muito terrível com ele, mas não quis que soubesses para que não ficasses preocupada ou consternada.

— Isso é muito querido da parte dele.

— O Grant também se preocupou com os teus sentimentos. Mas considerava que devias tomar conhecimento dessa aflição, não fossem morrer dela e tu os encontrasses mortos na cama sem saber qual a causa.

Amelia tapou a boca para abafar o riso.

— Garanti-lhes solenemente que não se podia morrer daquilo, embora – acrescentou Dawson em voz baixa –, por vezes, seja possível sentir que é isso que está a acontecer. O Hunter perguntou-me *se*, mais cedo ou mais tarde, *aquilo* deixaria de acontecer, e eu respondi-lhe que não. Se ele tiver sorte.

Os dois desataram a rir ao mesmo tempo e só pararam um minuto depois.

— Lá se vai a inocência deles – disse Amelia, limpando as lágrimas de tanto rir. – Meu Deus, como rir sabe bem. Desde que te conheço que nunca nos rimos juntos, pois não?

— Há muita coisa que não fizemos juntos e que eu quero fazer.

A atmosfera entre os dois alterou-se de aligeirada para séria no espaço de um único segundo.

Ficaram a olhar um para o outro, mas nenhum deu um passo para encurtar a distância que os separava. Amelia decidiu abordar o assunto.

— Por razões que não posso explicar, parece-me inapropriado que retomemos as coisas no ponto em que as deixámos ontem à noite.

— Compreendo – retorquiu Dawson, mostrando alguma mágoa.

Começaram a ouvir Hunter e Grant, que desciam as escadas a correr.

— Dawson, queres brincar connosco? – perguntou Hunter, ansioso.

— Mas não vejo mal nenhum em ficares para jantar connosco – convidou Amelia.

— O que estás a cozinhar cheira bem – disse ele, olhando para o forno.

— Galinha corada com limão e rosmaninho.

— Aceito.

Entretanto, os rapazes entraram na cozinha, exigindo a atenção dele e pondo fim a qualquer hipótese de uma conversa entre adultos, mas Dawson ainda lhe disse por cima da cabeça dos garotos: – Temos de conversar depois do jantar. Há uma coisa que precisas de saber e quero que a ouças da minha boca.

Carl nunca era apanhado sem um plano B. Somente um idiota teria uma única opção, e ele não tinha conseguido escapar à captura durante tantos anos ao comportar-se como um mentecapto. Tinha tomado medidas extraordinárias para impedir que a cabana fosse descoberta, mas se alguém viesse a encontrá-la, ele tinha a *Airstream*. Era o seu meio particular de fuga, mantido em segredo de Flora e até mesmo de Jeremy. Para onde poderia bater em retirada, caso a situação desse muito para o torto.

Exatamente o que tinha acontecido.

Dera uma vista de olhos ao ferimento de bala de Jeremy, concluindo imediatamente que o filho não se iria safar. Era possível que se tratasse de uma hemorragia interna lenta, mas sem cuidados cirúrgicos, ele acabaria por se esvair em sangue, mais cedo ou mais tarde.

Não fazia sentido nenhum chorar por causa disso. As coisas eram assim mesmo, o que Jeremy sabia tão bem como ele próprio.

— Este lugar é ótimo desde que ninguém ande à nossa procura – dissera Carl ao filho. – Mas agora, as coisas estão a aquecer. Eles vão passar toda esta área a pente fino. Tenho de me pôr a andar.

Percebes isso, não é verdade?

É claro que Jeremy reconhecera a necessidade da fuga do pai. Se a cabeça da serpente fosse cortada, a serpente morria. Carl não podia ser capturado ou morto. Se isso acontecesse, tudo aquilo por que ele sempre se batera, tudo o que tinha feito, teria sido em vão.

Jeremy não tentou contrariar a sua decisão, nem lhe suplicou que ficasse consigo. Tão-pouco lhe pediu que o levasse a um hospital onde a sua vida talvez pudesse ter sido salva. Não, Jeremy aceitara o que o destino lhe havia reservado como um verdadeiro cruzado.

Carl teria preferido não ver lágrimas nos olhos dele quando lhe entregou o revólver carregado apenas com uma bala. Jeremy herdara da mãe aquela faceta sentimental. Manifestava-se nas piores ocasiões, quando era muitíssimo inconveniente ou impossível de resolver.

Como aconteceu em Golden Branch. Nessa altura, pensou que Flora nunca mais pararia de choramingar, até mesmo depois de escaparem e

estarem em segurança. Como aquela ocasião em que ele encurtara as férias no Canadá. Tanto ela como Jeremy tinham chorado. A última vez que Jeremy os visitara na cabana, antes de ela morrer, os dois também haviam chorado.

Carl não tinha paciência para lágrimas. Mágoas? Eram uma perda de energia. Uma pessoa fazia o que tinha de fazer e seguia em frente.

Tal e qual como ele fazia agora.

Tinha ido para a caravana na noite em que saíra da ilha de Saint Nelda. Deixara um automóvel num parque de estacionamento de longa duração, a uma distância de vários quarteirões de onde largara o carro de Bernie. Nessa altura, não havia ninguém na sua peugada. O maior perigo com que se deparara fora ter de caminhar depois do anoitecer naquela parte da cidade, uma área em que o índice de criminalidade era elevado. Bernie, com as suas ancas frágeis, teria sido uma presa fácil, mas conseguiu chegar ao estacionamento sem ter sido abordado por ninguém.

Era uma garagem antiga. Nada de câmaras de videovigilância nem funcionários abelhudos. Voltou a ligar os cabos da bateria que retirara para que não ficasse descarregada, o que permitiu que o motor começasse a funcionar sem falhar. Tinha atravessado a linha limítrofe do estado da Carolina do Sul a fazer coro com a canção que era transmitida pelo rádio. A autocaravana *Airstream* dos anos cinquenta estava estacionada não demasiado longe da cabana; era só avançar em linha reta. Estava ali desde o dia em que a comprara a um pescador profissional que atravessava uma má fase na vida, vendo-se forçado a mudar-se para casa dos sogros algures no Midwest.

Foi com satisfação que ele vendeu a *Airstream* ao idoso, que tinha uma insuficiência auditiva e que caminhava com a ajuda de uma bengala. A história que Carl lhe impingira era ter fugido de um lar para a terceira idade onde os filhos ingratos o tinham posto contra a sua vontade. O pescador, que também se ressentia por isso poder vir a acontecer-lhe, compreendia o problema do idoso, aceitou o dinheiro, deu-lhe um recibo e nem sequer olhou para trás.

Ao longo dos anos, a caravana de alumínio em forma de tubo assentara fundo no solo; uma trepadeira com uma folhagem densa crescera na parte traseira arredondada, estendendo-se até um terço do tejadilho, o que ajudava a camuflá-la, se bem que uma pessoa teria sido forçada primeiro a aventurar-se por entre um matagal cerrado para conseguir descobri-la.

O que Carl mais receava era voltar lá depois de uma das suas ausências e deparar com um sem-abrigo, adolescentes à procura de um lugar onde pudessem juntar-se ou traficantes de metanfetaminas que aí se tivessem instalado para fabricar as suas drogas.

Mas a caravana estava em tão más condições que isso, por si só, era suficiente para desencorajar até mesmo os intrusos mais desesperados. Na noite em que deixara a ilha de Saint Nelda, encontrara-a desocupada e com um intenso cheiro a bafio. Tinha estado tão abafado no interior que era como um forno. Contudo, ele passara quase vinte e quatro horas lá antes de se juntar a Jeremy na cabana.

Durante esse tempo, tratara de preparar o seu esconderijo para quando talvez fosse necessário, o que o seu instinto lhe dizia que não tardaria.

O seu instinto provou ser infalível. A presença de Headly em Savannah representara um ponto de viragem no antagonismo entre os dois, que já durava há quarenta anos. Pela primeira vez no passado turbulento de ambos, encontravam-se no mesmo lugar e ao mesmo tempo.

Haviam decorrido dezassete anos desde que Carl cometera um crime de que se tivesse conhecimento, mas nem por isso o agente do FBI desistira da caça ao homem, apesar de estar prestes a aposentar-se, de ter engordado e de não mostrar a agilidade do passado. Não, Headly encontrava-se ali e, segundo novas informações, ele estava a recuperar muito favoravelmente do tiro que o atingira.

A Carl parecia que um confronto, que devia ter tido lugar há muito tempo, era inevitável. Era algo por que ele ansiava. A noite anterior, depois de se ter despedido de Jeremy pela última vez, encaminhara-se

para o seu esconderijo a fim de planear e preparar-se para esse confronto.

Tinha abastecido a *Airstream* com alimentos não perecíveis, água engarrafada e demais produtos essenciais. Precavera-se com mudas de roupa adequadas a vários disfarces. Também tratara de se abastecer ao longo do tempo com vários artigos comercializados em lojas de ferragens, além de outros de toda a espécie. Nunca se sabia quando é que qualquer coisa podia vir a dar muito jeito.

Naquela manhã, tinha rapado todos os cabelos, servindo-se de várias lâminas de barba descartáveis e uma grande quantidade de espuma de barbear, a fim de ficar com a cabeça tão lisa como uma bola de bilhar. Também barbeara as sobrancelhas. As pestanas não constituíam problema.

Em qualquer dos casos, não lhe restavam muitas.

Quanto ao rosto, aplicou um creme hidratante com uma tonalidade esverdeada. Destinava-se a reduzir o rubor na tez de uma mulher, mas aplicado na pele dele, emprestava-lhe um tom de um amarelo-acinzentado.

Carl vestiu-se com roupas demasiado largas para o seu tamanho e pôs um boné com pala demasiado grande para a sua cabeça e que quase lhe balouçava no cocuruto sempre que ele mexia a cabeça. Verificando o seu aspeto no espelho rachado, riu-se.

Tinha conseguido ter a aparência física que desejava.

— Desculpa ter-te mentido ontem à noite.

Dawson decidira começar por apresentar o seu pedido de desculpa e dar o assunto por encerrado.

Já tinham jantado – Amelia era uma boa cozinheira – e a sobremesa havia sido gelado com frutas e chantili seguida de duas partidas de *Chutes* e *Ladders.* Os rapazes tinham ido para a cama relutantemente, mas, por fim, acabaram por adormecer.

Ele e Amelia partilharam o que restava do vinho branco. Uma vez que ela fora aconselhada a manter-se dentro de casa, não podiam sentar-

se no alpendre, o que teriam preferido. Em vez disso, tinham levado os copos para a sala de estar, tendo-se instalado confortavelmente em poltronas com capas condizentes.

Mantiveram as persianas abertas e as luzes apagadas. A precaução de escuridão parcial devia-se apenas a questões de segurança. Verdade fosse dita, procuravam, pelo menos, a ilusão de privacidade.

— Se me tivesses dito o que tencionavas fazer, ter-te-ia impedido.

— Terias *tentado* impedir-me – corrigiu Dawson. – Não quis discutir contigo por causa disso. Agi da maneira que me pareceu ser a melhor. – Calou-se e bebeu um gole de vinho.

Amelia deu várias voltas ao bordo do seu copo com a ponta do dedo indicador. As táticas de adiar o que era inevitável esgotaram-se. Olhou para ele.

— Conta-me tudo – disse ela.

— De certeza que queres saber?

— Não – admitiu ela. – De maneira nenhuma.

— Será doloroso ouvires parte do que aconteceu.

— Compreendo isso. Mas se não me disseres, passarei o resto da vida a perguntar-me o que ele terá dito e acho que isso seria pior do que saber tudo.

Dawson começou por lhe descrever como tinha encontrado a propriedade com base nas informações que Glenda lhe facultara.

— A minha pequena expedição furtiva poderia ter dado em nada. Mas calculo que deva à Glenda duas caixas de chocolates como prenda de Natal. – Em seguida, descreveu a cabana. – Não sabias nada a esse respeito?

— Absolutamente nada – respondeu Amelia.

— Basicamente, era uma espelunca. De início, pensei que não estava ocupada por ninguém. Mas foi então que o Jeremy me disse que podia disparar contra mim através da porta. O que veio a revelar-se verdade.

— Tiveste medo?

— Não vou impingir-te tretas. Tive a impressão de que fiquei com o coração na garganta.

— Foi uma loucura teres ido lá. Sozinho e desarmado. Eles podiam ter-te matado assim que te viram.

— Pensei nessa possibilidade – retorquiu Dawson, tentando atenuar a gravidade da situação. – Mas eu estava a contar com o ego do Carl. Sentia-me razoavelmente seguro de que ele não seria capaz de resistir a falar comigo.

— Numa ocasião anterior, ele fez confidências a um jornalista, e depois assassinou-o.

— Foi o Headly quem te contou isso?

Amelia fez que sim com a cabeça.

— Não devia ter contado.

— Ela estava a preparar-me para o pior.

Dawson acabou de beber o vinho que tinha no copo e pousou-o numa mesinha de apoio, assinalando que estava a chegar ao âmago da questão.

— Ele estava quase morto quando cheguei lá. – Descreveu o estado em que tinha encontrado Jeremy, utilizando uma linguagem clínica para a poupar às imagens mais escabrosas. – Telefonei a pedir ajuda antes de começar a fazer-lhe perguntas. Ele admitiu que o incêndio da casa havia sido deliberado para matar os Wesson. Apesar de ter sido muito apegado a eles, deduzo que a utilidade que eles tinham para o Carl se esgotara. Também confessou ter assassinado a Darlene Strong e a Stef.

Pediu-me que te dissesse que estava arrependido da morte da jovem.

— Por se ter enganado, pensando que era eu?

— Estava arrependido por querer que tu morresses – replicou Dawson, repetindo tudo o que Jeremy lhe dissera acerca de ter assassinado Stef movido por um impulso. – Disseme que se tivesse tido tempo para refletir sobre a hipótese de te matar, não teria sido capaz de o fazer.

Amelia ouviu atentamente tudo o que ele lhe dizia, e depois, com a voz enrouquecida pela emoção, perguntou: – Mais alguma coisa?

— Ele falou sobre o Hunter e o Grant. – Dawson relatou esse diálogo.

— Ele negou a si mesmo tanta alegria – retorquiu ela, esforçando-se por conter as lágrimas.

— A decisão foi dele. Ele pôs o Carl à frente dos seus interesses e dos filhos. À frente de ti.

— Sim, ele tomou essa decisão. Mas, infelizmente, não foi a única pessoa afetada por isso. – Amelia olhou para ele com uma expressão de súplica. – Como é que eu posso falar aos meus filhos acerca dos crimes do pai? Acerca do Carl? Sei que não posso fugir a isso. Mas receio que quando eles souberem quem foi o pai e o avô, isso venha a assombrá-los e ditará a maneira como viverão o resto das suas existências.

— Sim, isso é um problema. E não, o que está feito não pode ser desfeito, mas pode vir a determinar as vidas de ambos de uma maneira positiva. Eles também são de boa cepa. O código genético dos teus filhos também inclui o teu, além dos genes do teu pai.

O acenar de assentimento dela era de alheamento, acompanhado de uma expressão pensativa, mas Dawson voltou a despertar a atenção de Amelia quando lhe tirou o copo de vinho da mão, pousando-o na mesinha ao lado do seu. Feito isto, pegou nas mãos dela.

— Amelia, o teu pai não se suicidou. Eles mataram-no. – Quando Dawson acabou de lhe contar o que Jeremy lhe tinha confessado, as lágrimas corriam-lhe livremente pelas faces, que, molhadas, refletiam a pouca luz que entrava pelas lâminas entreabertas das persianas, pintando traços prateados e molhados nas bochechas de Amelia. Tirou as mãos das dele e cobriu o rosto enquanto chorava convulsivamente.

— Como deve ter sido horrível para ele. Oh, meu Deus, que horror!

Dawson levantou-se e sentou-se no braço da poltrona dela, passando-lhe a mão pelas costas repetidamente num gesto de conforto.

— Precisavas de saber isso, e quis ser eu a dizer-te. Sabia de antemão que te causaria uma grande dor, mas que também te tiraria um peso enorme do coração. Tenta esquecer a parte horrível. A última coisa que o teu pai fez também foi a melhor coisa que ele alguma vez fez na vida. Demonstrou o quanto te amava.

— Ele poupou a minha vida.

Dawson virou-lhe a cabeça para que ela o olhasse de frente, usando os polegares para lhe limpar as lágrimas das faces.

— O Jeremy podia ter levado esse segredo para a cova. Por muito que eu deteste ter de dizer o que quer que seja em abono dele, essa confissão é prova de que ele gostava de ti. Penso que podemos mesmo dizer que te amava. Ele sabia que vivias angustiada por causa do alegado suicídio do teu pai, pelo que queria que soubesses que ele não te abandonou. Na minha opinião, o Jeremy sentia empatia pelo teu sofrimento emocional.

— O que é que te leva a dizer isso?

— A Flora Stimel está morta. Está sepultada debaixo do alpendre da cabana. Neste momento, já têm uma equipa de medicina legal a trabalhar na exumação do corpo dela.

— A mãe dele – disse Amelia em voz baixa. Dawson via a compreensão espelhada na fisionomia dela.

— Sim. A despeito de todos os erros que ela cometeu, a Flora não deixava de ser a mãe do Jeremy.

Entristecia-o falar acerca dela. Estou em crer que ele também a amava.

— Como é que ela morreu? Quando?

— O tempo de vida do Jeremy esgotou-se antes de poder dizer-me isso.

Amelia olhou-o fixamente, como se tentasse perscrutar o fundo do seu âmago, mas depois passou as pontas dos dedos ao de leve pelas sobrancelhas dele, pelo malar e pela linha da face até ao maxilar.

— Foste simpático com ele, não foste?

— O homem estava a morrer – replicou Dawson, pensando que seria preferível ficar por ali, com aquele facto inegável, mas ela continuava a olhar para ele como se soubesse que existiam ambiguidades que era necessário verbalizar. – Eu pensava que se alguma vez conseguisse estar perto dele, haveria de querer matá-lo por tudo o que ele fez. Em especial a ti e aos teus filhos. Queria odiá-lo. Mas encontrei um homem destroçado, Amelia. E sim, tive pena dele, porque ele também foi uma vítima. Se tivesse sido deixado com o casal que o criou, provavelmente

teria enveredado por um caminho diferente. Todavia, o Carl destruiu qualquer oportunidade que o Jeremy pudesse ter tido de levar uma existência normal e produtiva. Tudo nos leva de volta ao Carl. Ele é que é o vilão. E

tenciono dizer-lhe cara a cara.

— O que pretendes dizer com isso? – perguntou Amelia com um estremecimento.

— Não vou desistir de o confrontar.

— Depois de ele ter sido capturado, certo?

Dawson afastou-se dela, dirigindo-se para a janela e espreitando por entre a persiana.

— Pergunto a mim mesmo para onde é que esse canalha cobarde terá fugido depois de ter deixado o filho a esvair-se em sangue.

— Sentiu que Amelia se movimentava atrás de si, mas não se virou.

— Não acredito que estejas a pensar em procurar o paradeiro dele.

— Duvido muito que eu tivesse essa sorte duas vezes.

— *Sorte?* – Amelia agarrou-o pelo braço, forçando-o a virar-se para si com uma determinação que o surpreendeu. – Porque consideras ser uma sorte descobrir o paradeiro dele? Por que razão estarias disposto a correr um risco de vida tão perigoso?

Dawson mordeu o lábio inferior enquanto procurava as palavras mais adequadas.

— Porquê, Dawson? – perguntou ela num tom que exigia resposta.

— Porque tenho vivido como um vegetal durante tempo mais do que suficiente. Quero provar a mim mesmo que sou capaz de ouvir um estrondo sem me esquivar e procurar cobertura. Ou conseguir dormir durante toda a noite sem a ajuda de comprimidos e álcool, sem acordar encharcado em suores frios e um grito de morte na boca.

— Queres pôr à prova a tua coragem?

— Podes pôr as coisas dessa maneira.

— Isso é uma treta – ripostou ela, erguendo o queixo ligeiramente numa atitude de desafio.

— Desculpa?

— Não acredito nisso nem por um segundo. Não precisas de provar a tua coragem, nem sequer a ti mesmo. Se não tivesses reagido exatamente como reagiste quando o Headly foi atingido a tiro, eu também teria ficado ferida ou estaria morta. Não te esquivaste à procura de cobertura. Assumiste o comando da situação. Registaste a direção de onde os tiros foram disparados, até mesmo enquanto me empurravas para o chão, e foste ver o estado em que o Headly ficou. Provavelmente, nem sequer te recordas, mas deste ordens às pessoas que chegaram a correr e que fizeram o que lhes dizias porque a tua reação a uma situação de emergência foi a mais correta.

«Por isso, não tentes impingir a ideia de que vais empreender uma cruzada a fim de ganhar uma medalha por bravura. Talvez mesmo o Prémio Pulitzer. É disso que estamos a falar?

— E se for, qual é o problema?

— Consideras que valeria a pena arriscar a vida por um prémio?

Dawson passou os dedos pelo cabelo.

— Isto não tem nada a ver com a porcaria de um prémio.

— Sendo assim, o que te levaria a arriscar a vida?

Ele não lhe deu resposta.

— Dawson?

— O quê?

— Diz-me.

— Digo-te o quê?

— O que é que pretendes?

Ficaram a olhar um para o outro com a respiração acelerada e encolerizados.

Mas então, ele puxou-a para junto de si e começou a beijá-la com um desejo tão ardente e ávido que se sentiu alarmado. Mas não o suficiente para se refrear, especialmente quando ela respondeu na mesma moeda. Como se o receio, o desespero e o desejo reprimidos tivessem sido libertados em simultâneo e nas mesmas proporções, beijaram-se sofregamente.

Mas Dawson não perdeu a cabeça por completo. Consciente dos agentes que patrulhavam a praia e que estavam de guarda à casa, levantou-a do chão e encostou-a a si, levando-a para o curto corredor onde não seriam vistos. Pousou-a no soalho, posicionando-a de costas para a parede, e ambos recomeçaram a beijar-se com toda a sofreguidão.

Todos os instintos primitivos de acasalamento exigiam celeridade e nada menos de uma posse total. Numa questão de meros segundos, Dawson já lhe despia a *T-shirt* pela cabeça. O sutiã devia ter estado agarrado à camisola, porque ela ficou com os seios nus. Ele envolveu-os nas suas mãos, moldando-os reflexivamente e roçando os lábios por um mamilo até ficar endurecido, após o que o meteu na boca, começando a chupá-lo.

Entretanto, ela tentava desabotoar os botões da braguilha dele, a mão a reivindicá-lo como seu, os dedos a apertarem fortemente, massajando o pénis até o polegar chegar à ponta, fazendo pressão...

— Meu Deus... – Arfando de prazer, ele batia com a testa ao de leve na parede atrás do ombro dela, num esforço para não se vir.

— Espera, espera.

O tecido da saia de Amelia era leve como o ar nas mãos dele quando as meteu por baixo da saia.

Os seus dedos não descansavam por baixo de uma orla de renda. Sentiu que ela estava macia, quente e molhada. Dawson apressou-se a tirar-lhe as cuecas para poder regalar-se na feminilidade dela, agradável ao tato, aveludada e maravilhosa.

Amelia fazia pressão contra os dedos de Dawson, que continuavam a explorar, dizendo o nome dele num gemido e sussurrando: – Mais.

Ele levantou-a do chão, posicionando-se entre as coxas dela e penetrando-a total e profundamente, sem qualquer delicadeza. Dawson teria feito uma pausa naquela altura para pedir desculpa pela sua falta de contenção, ter-se-ia imobilizado bem dentro dela, dando tempo a ambos para se ajustarem, para poderem respirar.

Mas ela balouçava-se contra ele, enquanto procurava a boca dele com a sua, proferindo uma litania de palavras sussurradas que traduziam a

urgência com que o desejava.

Dawson possuiu-a. Ele deu, apoderou-se e disselhe com cada investida do seu corpo o que não havia sido capaz de lhe transmitir por meio de palavras, deu-lhe a saber o que tinha sentido desde o momento em que a vira entrar na sala do tribunal e soube, nesse preciso instante, que havia sido abençoado e amaldiçoado em simultâneo.

Dawson alterou o ângulo e o ritmo para lhe proporcionar mais prazer, enquanto ela lhe agarrava mãos-cheias de cabelo, apertando-lhe os quadris com as coxas. E quando ele sentiu a reverberação do orgasmo dela, veio-se, veio-se e veio-se.

Meio minuto depois, foi com muita pena que saiu de dentro dela. Sentindo-se enfraquecida, Amelia deixou-se escorregar pela parede, sentando-se no chão. Dawson baixou-se e sentou-se ao lado dela, chegando-a a si. Ela comprimiu a boca aberta no pescoço dele, murmurando o seu nome. Meteu-lhe a mão por dentro da camisa, fazendo pressão contra o coração com a palma da mão. Aquele gesto emocionou-o mais do que qualquer termo de ternura, sentindo uma intimidade ainda maior do que durante o ato exclusivamente sexual.

Mas estava na hora de ele se ir embora.

Dawson afastou-se dela, puxando-lhe a saia para baixo, para lhe tapar as pernas desnudadas.

Entregou-lhe a *T-shirt* antes de se levantar do chão e abotoar as calças de ganga. Amelia continuou sentada no soalho a olhar para ele com uma expressão de perplexidade e encostando a *T-shirt* aos seios para os cobrir recatadamente.

— O que é que estás a fazer?

— Vou-me embora – Porquê?

A consternação que transparecia do tom de voz dela por pouco que não o deixou de rastos.

— Isto nunca devia ter acontecido, Amelia.

— Mas o que é que estás a dizer?

— O que já tinha dito antes. Não posso ter-te.

— Mas foi o que acabaste de fazer.

— Sabes bem o que quero dizer.

Amelia engoliu em seco, e isso ouviu-se no silêncio que se abateu sobre os dois.

— Sei que me desejas.

— Como o ar que respiro.

— Sendo assim, porque estás a fazer isto?

Dawson afastou-se dela, encaminhando-se para a porta da sala de estar, por onde sairia de casa, deixando-a sozinha.

— Porque casaste com um canalha egoísta que esteve prestes a arruinar a tua vida. Recuso-me a ser o segundo a fazer a mesma coisa.



Capítulo 26

Dawson abriu a porta do quarto de hospital de Headly e olhou para o interior. O paciente estava reclinado na cama articulada com a cabeceira elevada. O queixo mostrava um princípio de barba grisalha, mas estava com melhor cor. Eva pegava numa caneca de café, que ele bebia por uma palhinha. Pouco depois, voltou a deitar a cabeça na almofada, fazendo uma carranca enquanto se queixava de que estava frio.

— Dá-te por contente por conseguires engolir – disselhe ela – e por poderes respirar sem a ajuda de um ventilador. Se a bala tivesse afetado outras vértebras...

— Já sei, já sei – atalhou Headly, irritado.

— Estás a ficar cada vez mais rezingão – disse Dawson, entrando no quarto. – O que é um bom sinal.

Eva saudou-o animadamente e Headly com menos animação. Depois de uma troca de amabilidades – «Dormiste bem?», e mais umas quantas trivialidades –, Headly abordou o assunto da sepultura de Flora.

— Falei com o Knutz há alguns minutos. Ainda não tem nada de novo. Levar luzes para lá na noite passada deve ter sido um pesadelo logístico, por isso, só deram início à exumação esta manhã.

— Daqui a quanto tempo é que te parece que teremos notícias? – perguntou-lhe Dawson.

— É difícil prever.

— Até começarem a escavar, não fazem ideia nenhuma sobre o que irão encontrar. É um trabalho muito moroso, porque têm de ter todo o cuidado para não contaminar ou destruir possíveis provas.

Apurar como é que ela morreu, se foi por doença ou por outra razão qualquer, dependerá em grande parte da maneira como foi sepultada.

Aparentemente, aquele assunto consternava Eva. Tentou dar um pequeno pacote de sumo de maçã a Headly, que reagiu como se ela lhe tivesse oferecido um copo de cicuta. Voltou a pousar o pequeno pacote em cima do tabuleiro, após o que afastou o carrinho da cama do doente. Uma das pequenas rodas ficou enredada no emaranhado de tubos no chão ao lado da cama.

— Há alguém a monitorizar o que vai para onde? – perguntou Dawson, fazendo um gesto nessa direção.

— Rezo a Deus para que sim – resmungou Headly. – Para que não extraiam alguma coisa que deva ser injetada ou vice-versa.

Entretanto, Eva soltou a rodinha e afastou o carrinho das máquinas, monitores e toda a parafernália de cânulas intravenosas. Em seguida, sentou-se na beira da cama, indicando a cadeira a Dawson.

— Obrigado, mas prefiro ficar de pé.

— Sentes-te bem? – perguntou-lhe Headly. – Estás a agitar-te como um homem com uma irritação cutânea no rabo.

O que era verdade. Dawson sentia-se tão desassossegado como durante a noite anterior. Soubera de antemão que dormir estaria fora de questão, mas quando voltou para o hotel, tinha-se deitado e tentado, pelo menos, descansar o corpo exausto.

Mas poucos minutos depois já se havia levantado, começando a andar de um lado para o outro no quarto de hotel, sem qualquer objetivo em mente, exceto tentar apagar da memória a desilusão e a dor que causara a Amelia quando a deixou. Dawson sentia que estava a fazer-lhe um favor, mas isso também correspondia a um sentimento de

humilhação para ela, uma consequência que lhe era impossível de suportar.

Headly interrompeu os seus perturbadores pensamentos.

— Deita tudo cá para fora. O que é que se passa?

Eva pousou a mão no braço do marido, uma ordem silenciosa para que calasse a boca.

— Tencionavas ir a casa da Amelia quando ontem saíste daqui – disse ela a Dawson.

— Hum-hum.

— Como é que ela se está a aguentar?

— Bem. Com sentimentos ambivalentes em relação ao Jeremy. Ela quis saber, mas temia ouvir tudo.

— Contaste-lhe tudo?

— Sim, contei.

— Acerca do pai dela?

— Foi o mais difícil de lhe dizer.

— Como é que ela reagiu quando soube a verdade?

— Tal e qual como eu tinha esperado. Ficou lavada em lágrimas quando soube como ele foi torturado. Mas sentiu-se agradecida por ver confirmado que ele não pôs fim à sua própria vida.

— Meu Deus, essa pobre rapariga já passou por tanta coisa – disse Eva com tristeza.

Como se ele não soubesse isso. Como se não estivesse a ser a porra de um Sir Galahad para a poupar a mais sofrimento. Dawson não verbalizou esse pensamento, limitando-se a um movimento de ombros para mostrar que estava de acordo: Amelia tinha passado por algumas coisas muito graves.

Depois de lhe ter dado tempo para adiantar mais alguma coisa, o que ele não fez, Eva pôs-se de pé e começou a arrumar coisas no quarto – a pilha de toalhas lavadas que uma auxiliar tinha deixado junto do lavatório, um ramo de flores que havia sido enviado pelos colegas de Headly em Washington, um maço de formulários do hospital relativos à companhia de seguros. Nada daquilo precisava da atenção dela. Eva

esforçava-se por fazer de conta que não se preparava para tirar nabos da púcara, que se tratava de uma conversa casual e espontânea.

É claro que Dawson sabia bem que não era assim.

— Como é que os rapazinhos estavam?

— Ótimos. Sem a mínima noção daquilo que se passou com o pai. Por agora. – Apesar da expressão acabrunhada, o assomo de um sorriso soergueu-lhe uma comissura da boca. – Tive de lhes dar uma lição de biologia.

Contou o episódio com os garotos. Eva e Headly riram-se.

— Depois do jantar, a Amelia deixou que fossem eles próprios a preparar os gelados com fruta e chantili, o que resultou numa grande bodega, porque eles lambuzaram-se com tudo o que ela lhes deu para fazerem os gelados, incluindo a compota de amoras silvestres. Em suma, fizeram uma grande porcaria, mas acredito que para ela foi importante deixar que os filhos se divertissem ontem à noite.

Levando em consideração o que... aconteceu ontem.

Os três ficaram em silêncio por um momento, até Eva se aventurar a fazer uma pergunta.

— Explicaste-lhe porque te deste a tanto trabalho para descobrir o paradeiro do Carl e do Jeremy?

— Aflorámos esse assunto, mas sem o aprofundar.

Headly e Eva ficaram a olhar para ele, esperando que ele adiantasse mais alguma coisa, o que não aconteceu.

— A Amelia é uma mãe excelente – continuou Eva com mais determinação.

— Sim, é – concordou Dawson, pigarreando.

— É uma pessoa com uma natureza tão cativante. Foi muito amável da parte dela ter ficado aqui comigo durante aquela primeira noite horrível.

— Sem dúvida – retorquiu Dawson.

— Conversámos como se fôssemos velhas amigas, e não como duas mulheres que tinham acabado de se conhecer.

— Hum...

— Ela disseme que os rapazes lhe fazem constantemente perguntas sobre a escola, porque têm noção de que o ano letivo começará na próxima semana. Ela não sabe como é que lhes há de dizer que eles talvez não voltem para a escola ao mesmo tempo que as outras crianças. Também querem viver numa casa com quintal para poderem ter um cão.

— Estou a par de tudo isso, Eva!

As alfinetadas entre ela e Dawson eram tão normais como os diálogos espirituosos. Mas ele nunca lhe dissera uma palavra agressiva. Surpreendida com aquela inesperada irritabilidade, Eva remeteu-se ao silêncio. Mas agora que a irritação relativa à situação tinha tido um escape, como que explodira para fora dele.

— Estou ao corrente das circunstâncias deles, e são um horror, mas *não está na minha mão resolver o assunto*. Seria errado da minha parte tentar. A minha intromissão só faria com que a situação em que se encontram piorasse.

— A Amelia não consideraria o teu envolvimento uma intromissão.

— Como é que podes saber isso? – perguntou-lhe Dawson.

— Tu deixa-la com a cabeça à roda. – Ele mostrou surpresa e, ao ver isso, Eva acrescentou: – Foi ela própria quem me disse.

O coração dele como que levitou, para logo a seguir cair abruptamente.

— É agradável ouvir isso, mas não faz a mínima diferença. A situação é...

— É muito possível que mude dentro em pouco. – O comentário resmungado de Headly fez com que Dawson parasse de andar de um lado para o outro com uma expressão irritada.

— O que é que te leva a dizer isso?

— Talvez agora me apeteça beber um pouco desse sumo, mas quero-o com gelo – disse Headly, olhando para Eva. – Importas-te de ir buscar uns cubos à máquina que está ao fundo do corredor?

Mostrando-se determinada, Eva cruzou os braços diante do corpo, sem dar um passo que fosse.

— Nem pensar! Não tenciono sair daqui. Também quero saber porque dissestes isso.

Apesar de Headly lhe ter mostrado uma cara carrancuda, Eva não se mexeu, tão-pouco mostrou qualquer indício de estar prestes a ceder. Ele limitou-se a suspirar e a olhar para Dawson.

— Nenhum de nós está a ficar mais novo com a passagem do tempo.

— Estás a referir-te a ti e ao Carl.

Headly fez que sim com a cabeça.

— Em ocasiões anteriores, sempre que ele sentia que estávamos cada vez mais perto, ainda que não fosse esse o caso, punha-se a andar. Atravessava de um estado para o outro numa questão de apenas alguns dias.

— Parece-te que a velhice está a tolher-lhe os movimentos?

— De certa maneira. Ele sempre teve o seu bando de marginais sem eira nem beira, que o ajudavam e lhe obedeciam. Traficantes de armas, traficantes de estupefacientes ou vigaristas insignificantes que o idolatravam, discípulos do seu dogma doentio. Todos dispostos a fazer o que ele queria. Mas entretanto, a maior parte dessa gente foi apanhada e condenada a longas penas de prisão, alguns foram assassinados por alguém da sua igualha ou, muito simplesmente, foram morrendo de causas naturais. A propósito, já encontraram o proprietário do barco.

— O *CandyCane?*

— O homem vive nas Keys, mas está por pouco. Sofre de cancro nos pulmões já numa fase muito adiantada. Vai acabar por morrer em cativeiro, mas apesar de saber isso, recusa-se a dar qualquer informação acerca do Carl. – Headly calou-se e pôs-se a olhar para a mão direita pousada em cima do peito. Experimentando mexer os dedos.

— O médico tinha razão – disse Dawson ao reparar no que ele fazia.

— Só para provar como é inteligente – retorquiu Headly, desdenhoso –, ontem à noite espetou-me o polegar com uma agulha, que, tenho a certeza, é usada para coser couro para selas. Doeu-me que se fartou!

Eva revirou os olhos.

— Foi só uma pica com um alfinete direito. Ele berrou e disse uma asneira que podia ter sido ouvida em Washington. Mas ele só está a tentar fugir ao assunto até vocês os dois ficarem sozinhos, o que eu não vou permitir. Continua, Gary.

Headly olhou para Eva exasperado.

— O certo e sabido é que o Carl deixou de ter admiradores. Agora até o Jeremy desapareceu. O

Carl Wingert já era, pertence a outra época, faz parte de um passado que só é do conhecimento de escassas pessoas. Ele queria viver em infâmia, como Bonnie e Clyde, Oswald, Jim Jones ou David Koresh. Mas nunca atingiu o nível destes. Ele sabe bem que já era, e isso acabará por o consumir.

— O que achas que ele vai fazer? – perguntou-lhe Dawson.

— Montará um sair de cena espetacular para si próprio. Atualmente, ele tem muito pouco a perder, exceto o seu empolado amor-próprio. É-lhe indiferente se sobrevive ou não, desde que nos deixe uma impressão duradoura. – Headly fez uma pausa antes de prosseguir. – O Knutz já alertou os Serviços de Segurança Nacional.

— Desculpe, senhor. Posso ajudá-lo?

A enfermeira era jovem e bonita e estava ansiosa por ser prestável a um cavalheiro idoso, que aparentava estar gravemente doente. Ela vestia um uniforme púrpura.

Carl ajustou o boné de pala, como que constrangido por ter a cabeça completamente calva quando, na verdade, o que ele fazia era puxar a pala mais para baixo a fim de ocultar o rosto, para não ser visto por Dawson Scott, que se encontrava ao fundo do corredor a falar com uma atraente senhora de meia-idade. Carl presumiu que fosse a mulher de Headly.

Tinha ido ao hospital para se inteirar das condições existentes, memorizar o traçado do interior, para ver a localização dos alarmes de incêndio e das saídas de emergência, tudo o que precisava de saber para

poder planear como chegar a Headly, pondo fim ao confronto entre os dois de uma vez por todas.

Mas quem haveria de dizer que, assim que saísse do elevador naquele piso, a primeira pessoa a avistar seria Dawson Scott. Estava prestes a esgueirar-se para o elevador e pôr-se a andar dali para fora, mas, numa fração de segundo, mudou de ideias.

Tinha deixado de ser Bernie. A não ser que Dawson o examinasse muito de perto, era duvidoso que reconhecesse o homem que há apenas uma semana tinha tido agilidade suficiente para lançar um papagaio de papel na praia. O seu aspeto físico tão mudado era de tal maneira realista que quase se convencia a si próprio de que era um doente oncológico com um prognóstico muito pouco auspicioso.

Era um disfarce perfeito. Depois de enfrentarem alguém obviamente na fase final de uma grave doença, as pessoas tinham tendência a desviar o olhar, por vezes por mera piedade ou respeito pela privacidade da pessoa em questão e, muitas vezes, devido a um medo irracional de contágio, mas sempre, sempre, evitando a pessoa. Num ambiente hospitalar, Carl seria praticamente invisível com aquele disfarce. Olhou para a enfermeira com uma expressão de acanhamento.

— Calculo que pareça que estou perdido. Só agora percebi que saí do elevador num piso abaixo do que queria. O meu amigo está internado no quarto piso.

— De uma maneira geral, o elevador não leva demasiado tempo a chegar. – Com um sorriso, ela baixou-se para cheirar as flores do ramo que Carl trazia. – Estas flores devem animar o seu amigo.

Comprara-as no átrio do piso térreo, após o que as levara para um dos cubículos dos lavabos.

Agora, além do pé das flores envolto no papel de seda verde, havia um revólver com um carregador de seis balas, arma que se destinava a ser usada se o disfarce não fosse tão enganador como ele pensava. Mantinha o dedo indicador no gatilho.

— Gosto da combinação de cores – disse ele.

— É muito bonita – concordou a enfermeira, dando-lhe uma palmadinha no ombro. – Tenha um bom dia. – Ela preparava-se para se afastar quando ele a deteve.

— Diga-me uma coisa: aquele não é o jornalista que ultimamente tem aparecido nas notícias?

Ela seguiu a direção para onde o queixo dele apontava.

— Chama-se Dawson Scott. – Inclinou-se mais para Carl, murmurando-lhe: – Todas as enfermeiras acham que ele é lindo de morrer.

Carl riu-se.

— Provavelmente, eu acharia o mesmo se tivesse a sua idade e, é claro, se fosse uma rapariga.

Ela riu-se.

— O que é que ele está a fazer aqui?

— Ouviu falar do agente do FBI que foi alvejado? Claro que sim. Toda a gente ouviu falar nisso.

Pois bem, o Dawson Scott é afilhado dele.

Tudo no interior de Carl como que paralisou durante vários segundos. Mas depois, o seu coração começou a bater aceleradamente de tão empolgado que se sentia. Portanto, era isso mesmo. Aquele era o cheiro a esturro de que Carl se apercebera, mas sem conseguir determinar a origem. Desde o primeiro dia em que Dawson se tinha instalado na casa ao lado da de Amelia que pensara que havia mais qualquer coisa em relação a ele do que o facto de ser, simplesmente, um jornalista no rasto de uma boa reportagem. Ele e o cabrão do Headly eram praticamente da mesma família!

— Não me diga! – exclamou num sussurro bem audível.

A ingénua enfermeira caiu que nem um patinho e foi com toda a satisfação que deu continuidade ao assunto.

— Disseram-me que o senhor Scott veio logo atrás da ambulância que trouxe o senhor Headly para as urgências. Ele manteve-se no hospital até bastante tarde, até o senhor Headly ter saído do bloco operatório.

Presumi que ele se manteve por aqui por uma questão de cortesia, uma vez que estava com o senhor Headly quando ele foi atingido a tiro.

«Mas ele também veio visitá-lo ontem à noite, tendo ficado durante mais de uma hora. Depois de ele se ter ido embora, mencionei à senhora Headly... é com ela que ele está a falar ao fundo do corredor... que tinha sido muito amável da parte dele ter acompanhado a ambulância. Foi quando ela me explicou que o marido é o padrinho de batismo dele. Eles conhecem-no desde o dia em que o senhor Scott nasceu.

— Estou a ver... – Pareceu a Carl que os dois discordavam por um motivo qualquer. Eva estava a falar, enquanto Dawson abanava a cabeça. Mas então, ela estendeu a mãos, tocando-lhe na face. Ele pegou-lhe nos dedos e beijou-lhe as costas da mão.

— Não é difícil ver como têm afeto um pelo outro – disse a enfermeira com uma expressão sonhadora.

— Sim, estou a ver. Sem dúvida que sim. Para ela, deve ser um grande conforto tê-lo por perto.

— Foi o que ela me disse, mas não deixe que a aparência da senhora Headly o iluda. Ela possui uma determinação inabalável. Mantém-nos a todas na ordem – disselhe a jovem enfermeira com uma pequena risada. – Não sai da beira do senhor Headly, é como se estivesse colada a ele, e só se ausenta do hospital para tomar duche e mudar de roupa. Quando ela sai, vai acompanhada de dois guarda-costas. Como se ela fosse alguma celebridade.

— Guarda-costas?

— Não vá dar-se o caso de quem disparou contra o marido decidir matá-la. Quem diria?! Os criminosos eram pai e filho, e o filho morreu ontem. Oh, aqui está o elevador. Deixe-me segurá-lo para si.

Enquanto ele entrava num passo pouco seguro, Carl levou a mão ao escroto e contraiu-se. A enfermeira perguntou-lhe se estava a sentir-se mal.

— Eles cortaram-me a próstata há duas semanas. Continuo a sentir umas guinadas aqui em baixo.

— As coisas hão de melhorar – retorquiu ela com uma expressão de simpatia.

Quando a porta do elevador já se fechava, Carl piscou-lhe o olho.

— Já melhoraram. E você foi uma grande ajuda.

Enquanto Dawson estava fora, o serviço de limpeza do hotel, arrumara-lhe o quarto. A camareira aumentava sempre o ar condicionado antes de deixar o quarto. Sempre que ele chegava, baixava-o o mais possível.

Tirou uma garrafa de água de quatro dólares do pequeno frigorífico e ligou para o serviço de quartos para mandar vir uma sandes. Fora elevado da lista negra de Harriet para o estatuto de estrela.

A receção do hotel informou-o de que todas as suas despesas seriam cobertas pelo *NewsFront*.

Quando chegou na noite anterior, tinha uma garrafa de champanhe à sua espera no quarto. Mas o champanhe estava a ficar morno no balde de gelo já derretido.

A CNN e todos os canais noticiosos mais importantes tinham dado cobertura aos dramáticos acontecimentos que se haviam desenrolado na exígua cabana situada na extremidade do brejo de águas salobras. Dawson conseguira com sucesso trocar as voltas aos jornalistas. Tinha desligado o telefone do quarto naquela manhã quando a telefonista ignorou o seu pedido, continuando a passar-lhe os telefonemas de jornalistas que queriam fazer-lhe algumas perguntas.

Harriet tinha ouvido a história acerca do que se passara quando ele já fazia a travessia no barco até à ilha de Saint Nelda. Isso aconteceu quando o telemóvel de substituição – que comprara num supermercado – começou a informá-lo de que tinha mensagens de texto. Arrependeu-se de lhe ter passado o novo número e nem sequer se deu ao trabalho de ler as mensagens até ter voltado para Savannah. As primeiras tinham sido joviais. Mas durante a noite passaram a ser eufóricas.

Olhou para o computador portátil em que não tocara desde que o deixara em cima da cómoda. Na noite anterior, depois de ter deixado

Amelia e de voltar para o seu solitário quarto, planeara escrever. A sua melhor escrita tinha origem em emoções magoadas, razão por que tinha uma relação de amor/ódio com a sua profissão.

As suas emoções nunca haviam estado tão ulceradas como lhe acontecera na noite anterior. Num mundo ideal, as suas impressões e os sentimentos no que dizia respeito a Jeremy Wesson deviam ser registadas no disco rígido enquanto continuavam frescas na sua mente. Tinha chegado mesmo a ligar o computador e a posicionar os dedos no teclado, na esperança de que os preparativos iniciais que lhe eram tão familiares servissem de motor de arranque.

Contudo, não foi capaz de escrever uma única palavra. Não conseguiu pensar na formulação de uma única frase que não trivializasse os pensamentos e os sentimentos profundamente arreigados na sua alma. E compreendeu que jamais o faria.

Naquele momento, Dawson estava sentado na beira da cama, preparando-se para fazer o inadiável telefonema a Harriet. Antes que ela ficasse toda entusiasmada, precisava de saber. Atendeu ao primeiro toque do telefone.

— Oh, meu Deus, *Dawson*! – Harriet quase guinchou o nome dele.

— Olá, Harriet.

— Estou a ter orgasmos múltiplos.

— Parabéns. Isso só pode ser a primeira vez que te acontece.

— Continua, comporta-te da mesma maneira insultuosa de sempre. Estás perdoado. Estás perdoado por todas as coisas odiosas que me disseste desde que nos conhecemos. Como diabo conseguiste descobrir o paradeiro deles já que nem o FBI foi capaz de o fazer? Foi com a ajuda da Glenda? Ela ajudou-te a poderes chegar a essa cabana? Ela não me diz absolutamente nada, mas desconfio que tenha sido ela. Estou certa?

— Não vou escrever sobre o que se passou.

Quando uma estrela caía, não provocava aquela espécie de vácuo. Durante um período de tempo que pareceu querer eternizar-se, nenhum dos dois falou.

— Foda-se, Dawson! Hoje não é Dia das Mentiras.

— Também não se trata de nenhuma brincadeira. Não posso escrever essa história.

— Mas o que é que estás para aí a dizer? Tu *viveste* a história. Tu *és* a história.

— Razão por que não quero escrevê-la. É esse o motivo por que não posso.

— Está bem, de acordo, já percebi. Mas porque não podes escrever o que se passou?

— Porque o assunto me toca muito de perto.

— Todas as tuas reportagens te tocam de perto. Dás connosco em doidos por causa dessa tua atitude.

Geralmente, recusaste a escrever um artigo, a menos que estejas implantado nele.

— Isto é diferente – retorquiu Dawson.

— Diferente em que aspeto? – insistiu Harriet.

— É, mais nada.

— O que estás a dizer não chega. Como é que é diferente?

— O homem morreu nos meus braços, Harriet.

Aquilo acalmou-a, mas não por muito tempo. No entanto, o seu tom de voz suavizou-se.

— Compreendo que isso deve ter sido horrível. – Dawson imaginou-a a afagar a pelagem de um gato depois de lhe ter gritado por ter cuspido uma bola de pelo. – Mas a verdade é que já escreveste sobre soldados que morreram dos seus ferimentos. Entrevistaste alguns deles horas antes de virem a falecer.

— Sim, mas não estava a olhar para os seus olhos quando as luzes se apagaram para eles para sempre. – Recordou os momentos em que tivera de soltar o colarinho da camisa da mão de Jeremy, que o apertava com força, fechando os olhos numa tentativa de bloquear essa recordação. Apoiou o cotovelo em cima do joelho, encostando a fronte à palma da mão.

— Ouve uma coisa: não espero que compreendas como esta situação é diferente. Mas acontece que é.

— Sendo assim, deves considerar que se trata de uma oportunidade única. A possibilidade de expandires as tuas capacidades profissionais. Passaste por uma experiência horrível, mas saíste dela com uma nova perspetiva de vida. Partilha aquilo de que tomaste conhecimento com os teus leitores.

— Harriet, entretanto, adotara uma atitude maternal. «Sei que foi um grande choque para ti, mas tens de te recompor e seguir em frente. Deposito toda a confiança na tua capacidade para ultrapassares este percalço.»

— Não se trata de uma experiência que eu deseje partilhar.

— Talvez não neste momento. Os acontecimentos ainda estão demasiado presentes na tua memória.

Concede a ti próprio alguns dias para poderes recompor-te. Para serenares. Tira todo o tempo de que precisares. – Decorreram um ou dois segundos. – Mas se eu pudesse ter esse trabalho digamos, até finais de outubro, poderia publicá-lo no...

— Não haverá nenhuma reportagem sobre este assunto, Harriet. Não em outubro. Nem nunca. Pelo menos, escrita pela minha mão. Se quiseres enviar outro repórter...

— Não pode ser escrita por mais ninguém – atalhou ela.

— Nesse caso, estás sem sorte nenhuma. – Dawson ouviu os óculos de ver ao perto, enfeitados com pedras falsas, serem pousados no retângulo de couro no tampo da secretária. Harriet estava arrasada.

— Dawson, porque me estás a fazer isto?

— A *ti*?

— É esta a tua maneira doentia de te vingares por eu ter sido promovida e tu não?

Dawson riu-se.

— Não estejas a lisonjear-te, Harriet. A minha decisão não tem absolutamente nada a ver contigo.

— Oh... estou a ver. Que estupidez da minha parte! Tu estás a fazer pressão para obter mais compensações monetárias. É justo. Creio que posso falar com a direção para que te ofereçam um bónus por essa

reportagem. Não posso garantir que eles estejam pelos ajustes, mas darei o meu melhor para os convencer. Posso garantir com toda a certeza que a tua reportagem fará a capa da revista.

— Não há reportagem nenhuma.

— A partir deste momento, não te encarregarei de nenhum trabalho.

— Estás a dizer que não terei de cobrir a história dos balonistas cegos?

— Podes escrever acerca do que quer que te apeteça, o que é uma enorme cedência da minha parte.

Em troca disso, dá-me três mil e quinhentas ou quatro mil palavras.

— Vou dar-te seis.

— Seis mil palavras?

— Seis palavras. Queres. Que. Te. Devolva. O. Champanhe?

Harriet desligou-lhe o telefone na cara, o que até deu jeito a Dawson, porque a sandes que tinha encomendado pelo serviço de quartos chegara entretanto. Mas quando abriu a porta, não foi a sandes de carne assada em pão de centeio que o saudou.



Capítulo 27

—Já fiz figura de parva que chegue diante de ti – começou Amelia por dizer. – Mas preferia não o fazer em frente deles – acrescentou, inclinando a cabeça para o lado.

Dawson saiu para o corredor, a meio do qual viu dois polícias de uniforme que os observavam da porta aberta do elevador. Voltou a olhar para Amelia.

— O que é que se passa?

— Nada, se não me convidares a entrar.

Dawson desviou-se. Ela agradeceu em voz alta para que os agentes a ouvissem: tinham insistido em acompanhá-la quando ela os informou que decidira ir a Savannah. Amelia fechou a porta depois de entrar,

acionando o mecanismo de tranca da maçaneta, após o que se voltou para Dawson.

— Pensei que era o serviço de quartos – disse ele.

— Dececionado?

— Surpreendido. Onde é que o Hunter e o Grant ficaram?

— Deixei-os na casa de praia em boas mãos. Eles e a agente que cuida deles estabeleceram fortes laços de amizade.

A conversa ficou por ali. Ela seguiu mais para o interior do quarto, olhando em redor. Quando viu a garrafa de champanhe no balde de gelo, perguntou: – A que se deve a celebração?

— Amelia, o que é que estás a fazer aqui? – perguntou-lhe Dawson por seu turno, absolutamente desconcertado.

— Suponho que tenha sido indelicado da minha parte não ter telefonado antes, mas...

— As boas maneiras que se lixem! – atalhou ele com impaciência. – Porque vieste cá? Pensei que eu seria a última pessoa à face da Terra que haverias de querer ver depois do que aconteceu ontem à noite.

Enquanto se mantinham a olhar um para o outro, as repercussões desse encontro explosivo continuavam a exercer os seus efeitos. O sentido de urgência, os apalpões, as mãos dela, a boca dele, o sexo escaldante, o êxtase do clímax sincronizado.

— Não te magoei, pois não? – perguntou Dawson subitamente, mostrando uma expressão de preocupação.

— Não – respondeu Amelia.

— Ainda bem que não. Não se pode dizer que eu tenha tido muito...

— Controlo. Não, e tão-pouco eu.

— Eu ia dizer «delicadeza».

— É uma palavra mais adequada. Mas não esqueçamos que a tua profissão é escrever.

Uma vez mais, a conversa ficou por ali.

Dawson virou a cabeça para o lado, desviando o olhar que mantivera nela.

— Se estás preocupada com a possibilidade de engravidar, não há razão para isso. Fiz uma vasectomia quando tinha vinte e dois anos.

Aquilo pareceu a Amelia tão inusitado que não soube como responder.

— Com vinte e dois anos? – acabou por perguntar. – Eras extremamente jovem para tomar uma decisão tão drástica.

— Até agora, nunca me arrependi.

— Nesse caso, foi a decisão mais acertada para ti.

Dawson voltou a concentrar o olhar nela, parecendo sentir-se irritado por Amelia não se ter insurgido, por lhe ter negado a oportunidade de defender a sua decisão.

— Ainda não me disseste por que razão estás aqui.

— Não vou permitir que não te justifiques pela tua saída tão repentina de minha casa ontem à noite.

Dawson olhou-a demoradamente, após o que começou a abanar a cabeça com lentidão.

— Oh, estou a perceber. Uma nova versão da manhã seguinte. Uma atitude imprescindível nas mulheres. Não esperava uma reação tão banal da tua parte.

— E eu nunca esperei que te comportasses tão desprezivelmente! – ripostou Amelia, exasperada.

Ele não a contradisse, o que era o mesmo que admitir que ela tinha razão e que agira exatamente dessa maneira. Parecendo estar tão constrangido consigo próprio como para com ela, passou os dedos pela nuca. Quando baixou a mão, deixando-a pender ao longo do corpo e olhou para ela com uma expressão resignada.

— Queres que te diga como foi bom? Deus me valha, Amelia, não foste capaz de ver isso por ti própria? Não é uma coisa evidente?

— Nesse caso, porque te puseste a andar daquela maneira, assim sem mais nem menos?

— Eu dissete por que motivo.

— Deste-me uma desculpa. Mas não estás a dizer-me a verdadeira razão.

— Por outras palavras, sou um mentiroso.

— Por favor, não tentes arranjar uma discussão para te furtares ao problema.

— Portanto, agora tenho problemas.

— Tu é que o disseste!

— Certo – ripostou Dawson, falando-lhe no mesmo tom exaltado que ela usara. – Sim, tenho. E tu devias acatar o aviso, mantendo-te afastada de mim.

— Porquê, Dawson? Porque dizes que me queres como o ar que respiras, para depois me repelires?

Quero saber. Diz-me agora. Porquê?

— Porque o Jeremy fez com que tu e os teus filhos passassem por um verdadeiro inferno. Recuso-me a fazer-lhes o mesmo ou a ti.

— Cheguei à conclusão de que o Jeremy não sofria de stresse pós-traumático.

— Talvez não. Mas eu não finjo os *meus* pesadelos.

— Eu estou disposta a ajudar-te a ultrapassar...

— Obrigado, mas *eu não* quero que faças isso.

— Essa não é uma decisão que me cabe inteiramente?

— Não – retorquiu Dawson.

Amelia fez uma pausa para recuperar o fôlego. O que lhe permitiu aperceber-se de que ele estava determinado a não olhar para si diretamente.

— Os teus pesadelos não são a razão, pois não? Trata-se apenas de outra desculpa. Como essa coisa de seres um solitário.

— A coisa de ser um solitário?

— O Headly disseme que tu...

— Oh, o Headly disse. Falaste acerca de mim com o Headly?

— Tu adotaste uma aparência de solitário, quando a verdade é que isso vai contra a tua verdadeira natureza.

— Mas que porra é esta? Agora, o Headly é um perito na minha *natureza*?

— Acho que existe algum fundo de verdade no que ele disse.

— E o que é que te leva a concluir isso?

— Para começar, teres feito uma vasectomia quando tinhas apenas vinte e dois anos – respondeu Amelia.

— Isso não tem nada a ver com o assunto de que estamos a falar.

— Tem tudo a ver com isso.

— Estás redondamente enganada.

— Não, não estou. Se não houvesse alguma verdade no que o Headly disse, não estarias a gritar.

A ferver por dentro, Dawson virou-lhe costas e passou do gritar ao resmungar.

— Onde está a tua história?

Com um movimento brusco, Dawson virou-se outra vez, ficando de frente para ela.

— O quê?

— Outra desculpa tem sido a procura irresponsável de um bom tema de reportagem. Nada é tão importante como isso. Estás disposto a fazer tudo e mais alguma coisa, a correr riscos loucos que ameaçam a tua própria vida para conseguires a história. Por isso... – Amelia interrompeu-se, indicando o computador portátil desligado com um gesto. – Onde é que está?

— Ainda não a escrevi.

— Já começaste sequer?

— Não – respondeu Dawson.

— Porquê?

— Porque ainda não organizei as ideias. Ainda não decidi qual a orientação que pretendo dar-lhe.

Além disso, o fim não pode ser o Jeremy a morrer sozinho naquela cabana. A história não acabará até o Carl ser capturado ou morto.

— É disso que estás à espera.

— Exatamente. É a única razão por que continuo aqui.

— Oh, então tens-te mantido aqui durante todo este tempo apenas para teres assunto para a tua reportagem.

— Isso mesmo – confirmou Dawson.

— O teu relacionamento comigo e com os meus filhos foi apenas um meio para atingires um fim, foi isso?

— Queres saber a verdade?

— «Sim» ou «não» será o suficiente – replicou Amelia.

— Não me obrigues a magoar-te e a embaraçar-te.

— Portanto, a resposta é «sim».

Ele não a contradisse.

— Tu só agiste com um objetivo em mente. Chegares a nós e conseguires material para a tua reportagem.

Depois de um momento, ele voltou a abanar a cabeça uma vez. Amelia não desviou os olhos dos dele por um instante, antes de lhe replicar em voz baixa.

— Estás a mentir, Dawson.

— Já me acusaste repetidamente disso.

— E tens vindo a negar veementemente. Agora nunca mais conseguirás convencer-me do contrário.

— Ah, não? Aposto que consigo. Queres saber até onde sou capaz de ir para conseguir uma boa história? Eu digo-te. Mas é possível que queiras sentar-te primeiro.

Amelia recuou até uma cadeira, sentando-se.

Os movimentos dele eram abruptos e espelhavam irritação quando começou a andar à volta da cama.

— Eu tinha reunido algum bom material no Afeganistão. As notícias tinham causado uma grande celeuma e não se falava de outra coisa. Mas não era suficiente. Eu queria mais. Todos os pormenores, até os mais insignificantes. Por isso, decidi falar com alguns oficiais de alta patente do exército para que me permitissem ir a um teatro de guerra próximo da fronteira com o Paquistão.

Uma base num local remoto e bastante escuro. Quando o Sol se põe, a escuridão instala-se até ao raiar do dia. Nada de luzes. Para se deslocarem de um edifício para outro, os militares andam com lanternas de luz vermelha. Estás a ver o género de lugar. É uma base que se

mantém em estado de alerta máximo durante as vinte e quatro horas dos sete dias da semana.

«Era a base de um pelotão que constituía uma classe à parte. Não interagiam muito com os militares de outras unidades. Homens duros. Pequenos e secos, magros e rijos. Quando não estavam em missão, faziam exercício. Lutavam corpo a corpo uns com os outros. Tudo o que faziam exigia um grande esforço físico, eram combativos e faziam tudo juntos. Como uma alcateia de lobos de combatentes treinados.

«Não podiam ser matéria melhor para uma reportagem, correspondendo inteiramente às minhas expectativas. Eu queria viver com eles, poder conhecê-los a fundo, ficar a saber como eram realmente. O que fazia deles bons soldados? Seriam patriotas? Ou seriam meros rufiões à procura de uma boa luta e aquela era a melhor, ou a pior, que se podia encontrar?

«Eles simpatizavam comigo, mas não conseguiam compreender o motivo de eu estar ali quando podia estar noutro sítio qualquer algures no mundo, onde existissem mulheres e copos, cinemas e bares, em suma, uma existência normal. Fiz-lhes ver que os confortos humanos valiam a pena ser sacrificados para se obter a história com que eu sairia dali.

«Passei a dormir na caserna deles, usava a mesma linguagem e éramos parceiros de póquer. Não podia acompanhá-los quando saíam em missão, porque envolvia sempre localizar inimigos e liquidá-

los.

«Eles ausentavam-se da base durante vários dias seguidos e, quando voltavam, estavam todos sujos, exaustos e esfaimados por refeições quentes, mas sempre imbuídos de uma grande euforia.

Missão cumprida. Havia um terrorista a menos no mundo. Eles falavam e falavam. Ansiosos por me descreverem o combate mais recente. Atropelavam-se uns aos outros na ânsia de falar, qual deles com a linguagem mais obscena. "Toma nota disto, Dawson." "Podes citar estas minhas palavras."

"Não acredites nas merdas dele. Se quiseres saber o que aconteceu realmente, tens de falar comigo."

Eu tinha conseguido conquistar a confiança deles. Queriam que eu narrasse as suas histórias.

Dawson parou de andar de um lado para o outro, sentando-se aos pés da cama e ficando de frente para ela.

— Mas então, em maio, eles saíram em missão e ficaram ausentes durante mais tempo do que era costume. Os oficiais não me diziam nada, mas eu também já estava à espera disso. É claro que a missão era secreta, mas desta vez havia uma tensão palpável por detrás do secretismo. Com uma boa justificação, como vim a saber posteriormente.

«Um dos helicópteros tinha-se despenhado. Os dois pilotos ficaram feridos, mas sobreviveram aos ferimentos. Nessa área travava-se um combate acérrimo, pelo que os pilotos não puderam ser evacuados por ar imediatamente.

«Próximo do local onde o helicóptero se despenhou havia uma aldeia. Era uma dessas aldeias em que as casas estavam incrustadas na encosta da montanha. A maior parte delas são autênticas cavernas. As pessoas são tribais e muito arreigadas às suas tradições culturais e à religião. Em grande parte, os aldeãos vivem completamente isolados do resto do mundo. Mas acolheram os pilotos. A missão do meu pelotão era providenciar proteção até o resgate poder ser planeado.

«Mas os rebeldes afegãos com ligações aos Talibãs souberam do que se tinha passado e chegaram à aldeia antes do pelotão. Mataram os dois pilotos à maneira de execução sumária e em seguida começaram a punir os aldeãos por lhes terem dado abrigo.

«Durante vários dias, o pelotão, que se tinha acantonado na parte mais baixa do planalto, atacou-os implacavelmente, mas eles estavam bem posicionados e protegidos. E quando se expuseram, foi para matar um civil, situação em que os nossos homens não puderam fazer nada, a não ser olhar impotentes para o que se estava a passar. Mataram-nos um a um, mas, por vezes, assassinavam dois ou três ao mesmo tempo. Os mais afortunados eram mortos. Mas alguns não morriam assim tão facilmente. Os velhos, as crianças e as mulheres foram... – Dawson

interrompeu-se para aclarar a garganta. – O que lhes fizeram é inqualificável.

«Finalmente, os nossos homens receberam apoio aéreo e tomaram a aldeia de assalto, mas foi uma batalha sangrenta. Conseguiram aprisionar vários dos inimigos, mas muitos puseram-se em fuga. A carnificina com que depararam era absolutamente inimaginável.

Dawson abriu os joelhos e pôs-se a olhar para a alcatifa bastante feia, mas prática, entre as suas botas.

— Quando voltaram à base, vinham arrasados. As baixas eram pesadas. Seis homens mortos e cinco gravemente feridos. Estes foram evacuados de helicóptero para o hospital militar em Bagram. Um deles faleceu durante o transporte aéreo. Os restantes ficaram extremamente afetados por essas perdas.

«Nas casernas, o estado de espírito era de acabrunhamento. Ninguém se sentia eufórico. Ninguém dizia graçolas, tão-pouco trocavam insultos nem estavam com brincadeira». Não falavam, a menos que fosse estritamente necessário. Mal estabeleciam contacto visual direto uns com os outros. Tinham visto a face mais hedionda da guerra, o que os deixara mudados. Haviam passado por uma experiência de guerra pessoal e não era gloriosa.

«Esse ia ser o ponto central da minha reportagem. O que é que acontece ao guerreiro quando a guerra deixa de ser nobre e descamba em selvajaria. Não se pode dizer que seja um tema especialmente original, mas deduzi que seria capaz de o abordar a partir de uma nova perspetiva pessoal. Isto é, *se* eu fosse capaz de fazer com que falassem sobre essa provação.

Dawson continuava a olhar fixamente para o chão.

— Gradualmente e com algum incitamento, alguns deles começaram a abrir-se comigo. Disseram-me que alguns dos aldeãos tinham sido usados como escudos humanos. Os militares estavam a ter uma dificuldade extrema em lidar com o facto de terem sido as suas balas a dilacerar os corpos de avós, de rapazes e de raparigas que mal haviam

atingido a puberdade, uma mulher numa fase já muito adiantada da sua gravidez...

Dawson interrompeu-se e por um momento, Amelia acreditou que ele teria acabado. Quando retomou a sua narrativa, falou com uma voz enrouquecida e pouco firme.

— Um dos homens, que eu tinha esperança de conseguir entrevistar, era um cabo de nome Hawkins.

Um miúdo bem-parecido, originário de um rancho no Dakota do Norte. Inteligente. Um líder nato.

Era amigo de toda a gente. Saíra daquela missão sem um único arranhão. Tratara de reconfortar os que haviam perdido um camarada com quem mantinham um relacionamento mais chegado. Escreveu cartas aos familiares dos falecidos, dando realce à bravura e à coragem que demonstraram.

«Houve uma manhã em que eu estava a voltar para a caserna depois de ter tomado o pequeno-almoço. O Hawkins estava sentado no cimo de uma elevação de terreno de costas para as montanhas situadas a pouco mais de três quilómetros. O Sol tinha acabado de se erguer acima dos cumes. O seu corpo via-se em silhueta e tive de levar a mão a fazer de pala para ver quem é que me chamava.

«Ele disseme para subir e juntar-me a ele se queria um relato do que acontecera. Comecei a subir, mas o solo era pedregoso e arenoso, um piso solto; o que quero dizer é que essa região é a mais desolada, desértica e remota do planeta. A subida exigiu-me um esforço tremendo. Não conseguia agarrar-me, escorregando por diversas vezes. Ele ria-se troçando de mim e dizendo-me que se despachasse.

Dawson tinha as mãos entrelaçadas entre os joelhos, a examinar a parte de cima dos nós dos dedos.

— Finalmente, consegui chegar ao topo. O Sol era ofuscante. Sentia o ardor do suor nos olhos. Fiz-lhes sombra com a mão para conseguir ver Hawkins naquela intensa luminosidade. Ele brindou-me com o seu sorriso despretensioso.

«“Queres uma história, Dawson?”», repetiu. “Pois bem, é para isso que estou aqui”, respondi-lhe eu, e estou convencido de que o meu sorriso deve ter parecido absolutamente idiota. Pestanejava para me livrar do suor nos olhos, desejando que ele me tivesse dado tempo para ir buscar o meu computador portátil enquanto tirava da algibeira um bloco de apontamentos e lápis.

Dawson apoiou os cotovelos nos joelhos, inclinando o corpo para a frente à altura da cintura e fazendo pressão nas pálpebras com os polegares.

— O Hawkins meteu o cano de uma pistola na boca e premiu o gatilho.

Avassalada pela imensa compaixão que sentia por Dawson, Amelia manteve-se imóvel até ele afastar as mãos do rosto e olhar para ela. Os lábios dele formavam uma linha que expressava amargura.

— Consegui obter a minha história.

— E esse é o teu pesadelo – disse Amelia em voz baixa.

— A última coisa que ouvi antes do meu próprio grito foi o estampido do tiro da pistola.

Ela murmurou o nome dele num tom pleno de tristeza.

— Não tenhas pena de mim.

Amelia levantou-se da cadeira e dirigiu-se para ele.

— Estás a repelir-me outra vez. Ou, pelo menos, a tentar. – Quando ela chegou junto dele, estendeu o braço para lhe acariciar a face, mas Dawson, com um movimento brusco, afastou a cara do alcance dela.

— De qualquer maneira, agradeço, mas uma queca movida pela piedade não conseguirá livrar-me deste pesadelo.

— Outro empurrão, agora com mais força. – Amelia posicionou-se entre as pernas dele que estavam afastadas para os lados. – Mas não foi dado com força suficiente, Dawson. Continuo aqui.

Ele firmou as mãos nas ancas dela, como se quisesse empurrá-la à força. Mas ao contacto com o corpo dela, instintivamente, os dedos dele dobraram-se, apertando-a com mais força. Segundos depois, Dawson baixou a cabeça, comprimindo-a contra a cintura dela.

— Sim, estás aqui – disse ele numa voz enrouquecida.

Ela manteve a cabeça dele encostada a si, metendo-lhe os dedos por entre o cabelo.

— Obrigada por me teres contado isso.

— Estás a agradecer-me? – perguntou-lhe ele, erguendo a cabeça para poder olhar para o rosto dela.

— A quem mais é que contaste essa tragédia?

— A ninguém.

— Nem ao Headly?

— A absolutamente ninguém.

— Mas confiaste em mim ao ponto de teres falado comigo a esse respeito. O que faz com que eu seja especial.

— Já eras especial, mesmo sem estares a par disso – retorquiu Dawson numa voz resmungada.

— Não voltes a repelir-me.

Ele roçou a cara pelos seios dela.

— Deus é minha testemunha que não quero que isso aconteça.

— Então, porque o permites? – perguntou Amelia, inclinando-lhe a cabeça para cima. – E desta vez quero ouvir a verdadeira razão.

Antes que pudessem dizer mais alguma coisa, alguém bateu à porta.

— Serviço de quartos – disse Amelia, lançando um olhar à porta.

— Já não era sem tempo.

— Senhor Scott? – A voz foi acompanhada de outro bater à porta.

— A altura não podia ter sido pior – comentou Amelia, suspirando –, mas não me parece que ele se vá embora.

Dawson fez menção de se levantar, mas ela disselhe que se deixasse estar. Percorreu a curta distância até à porta, que destrancou e abriu. À espera de ver o empregado do serviço de quartos com um tabuleiro, sentiu-se momentaneamente desconcertada ao deparar com um homem de aparência patusca trazendo um ramo de flores que já tinham começado a murchar.

O homem atirou-as imediatamente para o chão, ficando apenas com uma pistola na mão. Encostou o cano às costelas dela, fazendo pressão

enquanto a empurrava para o interior do quarto.

Amelia virou-se e gritou a Dawson. Ele levantou-se repentinamente do fundo da cama, mas deteve-se quando Carl a agarrou pelo pescoço, atrás dela, encostando-lhe o cano da pistola à têmpora.

— E então, o que é que me dizem a isto? Uma pequena reunião com os meus amigos da praia.

As mãos de Dawson cerraram-se em punhos junto das pernas.

— Largue-a – disse a Carl.

— Ora... porque haveria eu de fazer isso?

— Porque, se lhe fizer mal, não hesitarei em matá-lo.

— Você está a ver as coisas mal. Eu é que o matarei.

Desviou a pistola da cabeça de Amelia, apontando-a a Dawson.

Capítulo 28

—Estou prestes a dar o dia por acabado. Antes de o entregar à enfermeira do turno da noite, precisa que eu lhe vá buscar alguma coisa?

A enfermeira era uma das preferidas de Headly. Não obstante, respondeu-lhe carrancudo.

— Um hambúrguer com queijo e batatas fritas.

— Não me peça o que não lhe posso trazer. Continua a dieta.

— Ele sabe isso – interveio Eva da cadeira onde folheava uma revista. – Só está a implicar.

A enfermeira enrolou a braçadeira do aparelho para a medição da tensão arterial em volta do bíceps.

— E que tal um copo de leite magro?

— E que tal um uísque puro?

— A tensão arterial baixou – disse a enfermeira, dando-lhe uma palmadinha no braço. – O que é bom. – Enquanto registava os valores na ficha clínica, perguntou a Eva se ficaria outra vez com o marido durante a noite.

— Essa poltrona rebatível não deve ser nada confortável.

— Não é assim tão má. No entanto, tenho de dizer que o paciente é impossível de aturar.

— Para de falar de mim como se eu não estivesse presente.

— Sei bem como ele pode ser resmungão – retorquiu a jovem, rindo-se –, por isso, acho que é muito generoso da sua parte ficar aqui com ele durante toda a noite, senhora Headly. De facto, hoje, mais cedo, deve ter sentido as orelhas a arder.

— Oh? E porquê?

— Porque eu estava a gabá-la.

— A quem?

— A um velhote baixinho que estava à espera do elevador. Ele viu-a a falar com o senhor Scott no corredor e reconheceu-o. Tenho de confessar que a conversa descambou para a mexeriquice. Eu disselhe que a senhora e o seu marido conheciam o senhor Scott desde que ele era

criança e que ele até era vosso afilhado, mas, acima de tudo, gabei-a por se manter no quarto do senhor Headly durante todo o dia e a noite, ausentando-se apenas por muito pouco tempo. Como toda a gente, ele ficou impressionado – acrescentou a enfermeira, ajustando o cateter para a medicação intravenosa de Headly. – Já mudou de ideias quanto ao copo de leite?

— Não, obrigado.

— Nesse caso, acho que me vou embora. Descanse bem. Vemo-nos amanhã.

— Que rapariga tão simpática – comentou Eva quando a porta se fechou depois de ela ter saído.

— Hum... – Headly instalou a cabeça mais confortavelmente na almofada e fechou os olhos. Sentia-se mais cansado do que deixava adivinhar. Tinha estado com um fisioterapeuta, que por entre gracejos e uma atitude de bonomia o submetera a uma autêntica tortura. Quando os quinze minutos chegaram ao fim, Headly sentia um formigueiro nas mãos e nos braços, o que era um grande alívio, mas mesmo assim...

— Devias estar a fazer os exercícios que o fisioterapeuta te mostrou – disse Eva como se tivesse lido os pensamentos do marido.

— Deixa-me descansar durante dez minutos.

— Mas ele disse...

— Dez minutos e depois farei o que ele disse.

— Gary!

— Eva, lá por seres a rapariga mais popular no terceiro piso, não penses que podes mandar em mim.

— Parece que tenho os meus admiradores.

— Um velhote baixinho? Hum! Já tens um assim.

— Tens razão – retorquiu ela. – Calculo que tenha de me contentar contigo. Além disso, fiquei com a impressão, com base no que ela disse, de que ele estava tão interessado em mim como no Dawson.

Headly preparava-se para dizer uma graçola quando, subitamente, teve a sensação de que o seu corpo era atravessado por uma descarga

elétrica que lhe sacudiu o cérebro e o corpo da lassidão em que estivera mergulhado.

— Eva!

Ela atirou a revista para o lado, levantando-se de repente, e uma fração de segundo depois estava à beira da cama dele.

— O que é que foi? Estás com dores?

— Vai chamá-la.

— Quem?

— A enfermeira, vai chamá-la!

Eva não perdeu tempo com perguntas, saindo do quarto a correr; e segundos depois, já tinha agarrado a enfermeira, perplexa, impelindo-a de volta ao quarto do marido.

— Qual era o aspeto dele? – perguntou Headly à jovem.

A jovem ficou a olhar para ele, boquiaberta.

— O homem. O velhote baixinho que falou consigo sobre a Eva e o Dawson. Ele fez-lhe perguntas a respeito deles?

Ela fez que sim com a cabeça e engoliu em seco antes de responder.

— Ele reconheceu o senhor Scott.

— Qual era a aparência dele? Descreva-mo.

— Era um velhote baixinho – replicou a enfermeira num tom de impotência. – Era um doente oncológico.

— Liga ao Knutz – disse Headly a Eva. Voltou a concentrar a sua atenção na enfermeira, perguntou-lhe qual era a altura aproximada do homem, peso e idade, bem como o que ele vestia na altura.

Entretanto, quando Knutz atendeu, Headly já tinha uma descrição do homem.

Eva chegou-lhe o telemóvel ao ouvido enquanto Headly repetia a descrição física do indivíduo.

— O Carl disfarçou-se de doente oncológico. Rapou o cabelo completamente, assim como as sobrancelhas. Usava umas calças largas e um boné de pala azul. Esteve no hospital, neste piso, por volta das dez e meia ou pelas onze horas desta manhã. Verifica o vídeo das câmaras de segurança.

Knutz começou a apresentar argumentos razoáveis, mas Headly cortou-lhe a palavra.

— Raios partam isto! Claro que é possível que seja um velhote baixinho que sofra de uma doença oncológica! – gritou-lhe Headly, exasperado. – Mas isto é uma coisa que o Carl Wingert faria, e eu tenho a certeza absoluta de que era ele. *Sinto* que era ele. Sim, sim, eu espero.

Prendeu o telemóvel entre a orelha e o ombro, dizendo a Eva: – Telefona ao Dawson. Tens o número dele? – Ela tirou o seu telemóvel da mala de mão e ligou para o número que o próprio Dawson havia gravado para ligação imediata. Headly acrescentou: – Diz-lhe que deve considerar isto como uma ameaça muito grave. Que não esteja com machismos.

Entretanto, a jovem enfermeira já chorava e contorcia as mãos.

— Se fiz alguma coisa de errado, estou muito arrependida. Só estivemos a conversar.

— Não fez nada de mal – tentou sossegá-la Headly. A jovem estava prestes a ir-se completamente abaixo e ele sabia que se exercesse a pressão que queria, o mais provável era a enfermeira desfalecer e, então, não conseguiria arrancar-lhe mais nada. Assim, suavizou o timbre de voz. – Ele disselhe como se chamava? – perguntou.

Ela respondeu-lhe com um abanar de cabeça.

— Disselhe onde morava?

— Não.

— Aonde ia?

— Ele... disse que ia levar um ramo de flores a um amigo que estava doente e que tinha saído no piso errado.

Um amigo doente o tanas, pensou Headly. Carl tinha estado a fazer o reconhecimento do hospital.

— Está a portar-se muito bem, minha querida. Mas agora peço-lhe que comece pelo princípio e me diga tudo o que lhe disse, tintim por tintim, e o que ele disse, com tanta precisão quanto se recorda.

A enfermeira começou a narrar-lhe a conversa com várias pausas pelo meio.

— Ele... não sei como descrever o que se passou.

— Descrever o quê? – perguntou Headly ao aperceber-se da hesitação dela. – Ele o quê?

— Ele animou-se um pouco quando eu lhe disse que o Dawson era seu afilhado. Está a perceber o que quero dizer? Como se se tivesse feito luz na cabeça dele.

Headly olhou para Eva, que pegava no seu telemóvel com uma expressão tão atemorizada como o semblante de Headly mostrava.

— A ligação vai diretamente para o correio de voz – disse ela.

— Que grande deceção. – Dawson falava a olhar para o rosto de Amelia, querendo que fosse a última coisa que via antes de morrer, e não a fisionomia escarnecedora e de satisfação perversa de Carl Wingert.

Mas este não apertou o gatilho. Dawson apercebeu-se de que tinha espevitado a curiosidade dele, como esperara que acontecesse.

— Deceção?

O olhar de Dawson concentrou-se no criminoso.

— Afinal de contas, não tenho a certeza de que valesse a pena escrever a seu respeito.

— Foi essa a razão que o levou à cabana? A esperança de conseguir entrevistar-me?

Não foi difícil a Dawson ver que a ideia o seduzia.

— Ao famoso Carl Wingert. Em vez disso, tive de me contentar em entrevistar o Jeremy. Mas agora começo a pensar que ele era uma matéria mais interessante.

— Oh! Está a magoar os meus sentimentos.

— Você perdeu grande parte da sua áurea. O seu grande final é matar-me e à Amelia? Lamento muito ter de lhe dizer, mas esse é um fim muito fracote para a sua ilustre carreira de marginal.

Sem o cabelo encanecido e as sobrancelhas hirsutas que lhe emprestavam um aspeto prazenteiro, o sorriso de Carl era inacreditavelmente malévolo.

— Quem é que disse que matar-vos será o meu grande final?

— Acredita que poderá assassinar-nos e depois sair daqui como se não fosse nada consigo?

— Exatamente. Da mesma maneira que entrei aqui com toda a facilidade, enquanto os guardas dela estavam na conversa com as raparigas da receção. Ninguém presta atenção a um idoso de aspeto adoentado.

— Um disfarce muito eficaz.

— A quem o diz.

— Mas não se pode dizer que seja muito sofisticado.

— Tenho outros planos que não o incluem.

— O Hunter e o Grant? – perguntou Amelia lacrimosa, falando pela primeira vez desde que Carl irrompera pelo quarto. – Tencionas raptá-los?

— Nem pensar! Para que é que eu haveria de querer dois miúdos?

— Mas... mas eu pensei que era esse o teu objetivo, que tu e o Jeremy tinham fingido a morte dele para poderem apoderar-se dos garotos, sem que alguém alguma vez sonhasse que tivesse sido o pai a levá-los.

— Esse era o objetivo do Jeremy, e não o meu.

— Ele teria de amar os netos para os querer, Amelia – disse Dawson. – Ora acontece que ele não ama ninguém.

— Não tenho nada contra os rapazes – retorquiu Carl, dando uma pequena cotovelada cúmplice a Amelia. – Pessoalmente, também não tenho nada contra ti.

Dawson não deixou passar aquela afirmação em branco.

— Porque o casamento dela com o Jeremy, a perturbação de stresse pós-traumático fingido, o divórcio, foram todos elementos essenciais à encenação, certo?

Mantém-no a falar. Mantém-no distraído. Alimenta o ego dele. Reza por um milagre.

— Certo. Tu, querida Amelia, foste determinante em várias fases do plano. Mas deixei de precisar de ti. Graças à confissão do Jeremy já às portas da morte, aquele cretino sem qualquer préstimo foi ilibado da acusação de assassínio.

— Se tudo tivesse corrido bem – retorquiu Dawson –, se o polícia não tivesse alvejado o Jeremy e o Willard tivesse ido parar ao corredor da morte, você e o Jeremy teriam toda a liberdade para provocarem as maiores atrocidades. Era esse o plano, Carl?

— Isso é discutível.

— Sim, mas para que eu fique bem elucidado, como é que, exatamente, o vosso plano seria posto em prática? O seu grau de visão não é muito fiável, as suas ancas são frágeis. O que eu deduzo é que você se manteria em segundo plano a congeminar maneiras de roubar, destruir e matar, enquanto o Jeremy era quem fazia todo o trabalho e quem corria todos os riscos. Estou perto da verdade?

— Mas que riscos? O plano era perfeito – gabou-se Carl. – Ninguém suspeitaria que um morto teria, digamos, feito explodir um camião cheio de militares.

— Hum... – Dawson acenou com uma expressão que dizia ter compreendido o conceito. – Mas a situação ficou comprometida quando o Jeremy começou a ficar impaciente, exageradamente ansioso e matou a Stef, tendo deixado uma impressão digital. Esse foi um descuido indesculpável. De um momento para o outro, o Jeremy deixou de estar morto.

Carl não comentou as palavras de Dawson, mas este apercebeu-se de que tinha tocado num ponto muito sensível. O dedo que Carl mantinha no gatilho estava a contrair-se.

Fala depressa.

— O Jeremy não herdou a sua inteligência, Carl. Ele esforçou-se por ser tão implacável como você, mas acabou por começar a ter consciência. Morreu a falar dos filhos. A arrepender-se da maneira como tinha tratado a Amelia. Chorava pela mãe quando soltou o último suspiro.

Dawson observava os olhos de Carl. Continuavam a mostrar uma expressão implacável, as pálpebras reptilianas nem sequer pestanejavam.

— Matou a sua mulher, não é verdade?

— É uma pena que você não escreva romances de mistério. Parece que tem muito jeito para isso.

— Como é que ela morreu, Carl?

— Se tivesse de adivinhar, diria que morreu de pneumonia – respondeu ele num tom de lamento. – Ela tinha uma tosse persistente que não desaparecia. Pelo contrário, piorava visivelmente. Escarrava substâncias repugnantes. Queixava-se de dores no peito.

— E você não permitiu que ela recebesse cuidados médicos.

— Ela tinha uns pulmões muito fracos. Mas sempre que se sentia adoentada, conseguia restabelecer-se.

— Mas o que não aconteceu desta vez. Por isso, decidiu matá-la – ripostou Dawson.

— Não lhe toquei com um dedo que fosse para a matar. Foi a doença que a matou.

— Mas deixou-a lá, não deixou? Deixou-a naquela cabana a morrer sozinha.

— Tive de sair para comprar mantimentos. Não podia adivinhar que ela ia morrer na minha ausência.

— Com certeza que adivinhava, grande filho da puta cobarde! Abandonar quem precisa de si é a sua especialidade. Quando as coisas se complicam, não hesita em pôr-se na alheta!

Dawson tocou noutro ponto sensível. A fisionomia de Carl endureceu ainda mais, espelhando um maior grau de frieza. A par de outra coisa: ficou na defensiva.

— Nunca deixei ninguém que tivesse probabilidades de vir a sobreviver.

— O Jeremy poderia ter-se salvado. Assim como a Flora.

— Já acabou?

— Só mais uma pergunta. Porquê nós?

— O quê?

— Porquê matar-nos? Porque não anda por aí a fazer explodir um camião cheio de militares? Eu diria que já não tem estaleca. Sem o Jeremy, deixou de poder contar com força muscular. Não passa de um fala-barato.

— É essa a sua conclusão? – O sorriso malévolo de Carl enregelou o sangue de Dawson. – Pois bem, está redondamente enganado. Isto é perfeito, não está a ver? Eu trato de o matar e esmago o Headly.

Dawson sentiu um grande aperto no coração quando pensou: *Vamos morrer*, mas decidiu responder com ousadia.

— O Gary Headly? O agente do FBI que o Jeremy atingiu a tiro?

Carl mostrou uma expressão escarninha perante a indiferença fingida de Dawson.

— Ainda pensei em eliminar aquela bonita mulher dele, mas isso seria tão previsível. O Headly estaria à espera disso, razão por que ela está sob proteção policial. – Uma vez mais, aquele esgar arrepiante. – Isto é muito melhor. O *afilhado* dele. Eu mato-o, e ele nunca será capaz de ultrapassar esse desgosto.

— Tem razão, se me matar, o Headly sentirá um desgosto indescritível. Mas também será ele quem ri por último à sua custa.

— Só para nos podermos rir um pouco, o que é que o leva a pensar isso?

— O Headly conhece-o por dentro e por fora, Carl.

— Duvido muito.

— E de uma maneira bastante exata. Ele fez do estudo da sua personalidade a missão da sua vida.

Mas não precisou de mais do que um dia para se inteirar a fundo do seu caráter. A véspera do Dia de Ação de Graças de setenta e seis.

Carl fitou-o com um olhar furioso.

— Sim, pensei que isto lhe avivaria a memória. Ele tem acompanhado a sua vida desde os acontecimentos que tiveram lugar em Golden Branch. Nesse dia, você revelou o seu calibre, e a opinião do Headly a seu respeito não se alterou de então para cá.

— Como se eu me importasse com a opinião que ele tem a meu respeito ou com a de qualquer outra pessoa! – ripostou Carl desabridamente.

— Com quantas balas é que aquele seu comparsa foi atingido para que você conseguisse fugir para salvar a sua miserável vida?

— De qualquer maneira, ele estava destinado a morrer.

— Nunca viremos a saber isso.

— *Ele* sabia. Por amor de Deus, o homem tinha um buraco na cabeça! Ele ofereceu-se para os deter.

— Enquanto você se punha em fuga. Até que ponto a Flora foi obrigada a suplicar-lhe que não a abandonasse e ao Jeremy?

— Mas não os abandonei, pois não?

— Mas foi o que quis fazer.

— Ela mal conseguia andar. Havia sangue por todo lado. Tive de a enfaixar num lençol, mas, mesmo assim, ela deixava um rasto de sangue.

Qual narcótico potente, uma grande raiva começava a apoderar-se lentamente de Dawson.

Acolheu-a de boa vontade. Queria que saturasse todas as células do seu corpo.

— Durante o impasse e enquanto você fugia pelo arvoredo, como é que impediu que o Jeremy chorasse?

— Droguei-o. Foi a única maneira de fazer com que parasse de chorar – respondeu Carl.

— Drogou o seu próprio filho. Que idade é que ele tinha?

— Onze meses.

Amelia ficou perplexa. Os seus lábios entreabriram-se numa exclamação silenciosa.

Dawson apercebeu-se da expressão de espanto, mas o seu olhar não se desviou de Carl por um segundo que fosse.

— O recém-nascido não soltou um único vagido.

Carl fungou, desdenhoso.

— Isso quer dizer que o encontraram?

— Foi o Headly quem o encontrou.

— O que seria de esperar.

— Quando é que a Flora entrou em trabalho de parto?

— Por volta da meia-noite. Ela estava a dar à luz quando os polícias apareceram. Foi uma situação muito melindrosa. Até pensei que nunca seria capaz de tirar aquela coisa de dentro dela.

— Mas acabou por conseguir – ripostou Dawson.

— Tive de lhe enfiar uma toalha na boca para a impedir de berrar.

— Assim que o bebé nasceu, você meteu-o dentro de um buraco no chão.

— É a primeira vez que penso nisso desde então – admitiu Carl.

A atitude desprendida perante o que tinha feito era tão chocante e bárbara como o ato em si mesmo.

Dawson engoliu a bílis que lhe amargava a boca e foi obrigado a fazer um grande esforço para poder continuar.

— Enquanto eles passavam busca à casa...

— Não me encontraram – atalhou Carl numa voz trocista.

— Mas o Headly encontrou o recém-nascido por baixo do soalho.

— Mas que estupor de menino bonzinho que ele me saiu.

— A vida da criança estava por um fio. Continuava agarrado à placenta – disse Dawson.

— Está a partir-me o coração.

— Foi quando ele teve a certeza de que você era um merdas.

— O mesmo merdas que agora vai matá-lo.

Carl premiu o gatilho, mas Dawson tinha estado à espera disso, deixando-se cair. A bala não lhe acertou. Carl rugiu de frustração, empurrando Amelia para fora do seu caminho como se ela fosse uma boneca de trapos.

O que foi a condenação de Carl Wingert. Ela era a única razão por que os atiradores da equipa das Forças Especiais de Intervenção, instalados no telhado do prédio vizinho, ainda não haviam disparado. Mas agora tinham um alvo sem quaisquer obstáculos de permeio. Quando o tiroteio teve início, os vidros das janelas começaram a partir-se e Dawson atirou-se para a frente a fim de a proteger, mantendo-a no chão. Os agentes entraram no quarto de rompante.

Tudo aconteceu no espaço de escassos segundos.

— Foste atingida? – perguntou Dawson a Amelia.

Atordoada, ela abanou a cabeça.

Quando o quarto ficou cheio de agentes, Dawson rastejou até onde Carl se encontrava, caído de costas e com os olhos abertos fixos no teto, as feições flácidas a formarem uma expressão de incredulidade. Dawson agarrou-o pela frente da camisa ensanguentada, puxando-o para o colocar numa posição de sentado. O pescoço não era capaz de suportar a cabeça completamente rapada.

Dawson sacudiu-o até os olhos desfocados se concentrarem em si.

— Olha para mim, velho – disse por entre dentes cerrados. – Enquanto estiveres a ser consumido pelas chamas do inferno, recorda-te da minha cara. Eu sou o outro filho que deixaste para trás a morrer.

Diário de Flora Stimel – 27 de novembro de 1977

Ele faria um ano hoje. Acordei a lembrar-me desta data, e chorei durante todo o dia.

O Carl perguntou-me o que raio se passava comigo, e quando lhe lembrei que os acontecimentos em Golden Branch tinham tido lugar há exatamente um ano, pensei que ele me ia arrancar a cabeça do corpo. Ficou tão furioso que saiu do quarto. (Estamos alojados num motel, no Colorado, que é uma espelunca. Temos uma cabeça de vaca cheia de pó na parede do quarto.) Não me importo que o Carl tenha saído. O Jeremy tem estado a portar-se bastante mal. Calculo que o que se diz acerca de tal pai, tal filho, seja verdade. Por vezes são terríveis. O Jeremy estava irrequieto, a fazer barulho e a saltar em cima da cama, o que enervava o Carl. O meu choro só serviu para o enfurecer ainda mais. Portanto, ainda bem que ele saiu para se acalmar. Enquanto ele estiver fora, vou aproveitar para escrever neste diário. Há muito tempo que não escrevo nada.

Este pareceu-me um bom dia para abrir o coração. O meu coração que está destroçado. Não tive a certeza disso até ser obrigada a deixar o meu bebé nessa horrorosa casa velha no Oregon. O

Carl disseme que nasceu morto. Não sei se deva acreditar nele, mas de facto nunca ouvi o bebé chorar, pelo que, até certo ponto, espero que seja verdade, porque nesse caso, não tenho de me sentir tão culpada por ter fugido, abandonando-o. Sem dúvida eu arderia no inferno para toda a eternidade se o

tivesse deixado lá com vida. Penso nisso constantemente. É um pensamento que me atormenta.

E, por vezes, pergunto-me se o Carl não se terá enganado (ou se me mentiu) e o bebé estava vivo quando fugimos e se terá sido encontrado por algum polícia? Onde estaria agora? Estaria num orfanato ou numa instituição do género? Ou teria sido entregue a uma família que o acarinhasse?

E se os nossos caminhos já se tivessem cruzado num dia qualquer sem sequer nos reconhecermos? Mas talvez eu o reconhecesse se ele tivesse algumas parecenças com o Jeremy.

Ou quem sabe se não teria cabelo louro como o meu. De que cor seriam os olhos dele?

Porque me mortifico desta maneira? É uma autêntica tortura pensar em qual seria a aparência física dele e qual terá sido o rumo que tomou na vida.

É claro que olho para o Jeremy e também faço a mesma pergunta a mim própria. Que espécie de existência é esta para uma criança? Eu escolhi o Carl. Escolhi esta vida. O pobrezinho do Jeremy não tem qualquer opção, a não ser seguir a nossa existência. Imagino que se esse outro rapazinho tivesse sobrevivido, também teria vivido da mesma maneira que nós. O que é um pensamento triste. Quase tão triste como saber que ele morreu antes de poder começar a respirar pela primeira vez.

E tenho a certeza de que foi o que aconteceu. O Carl não seria malévolo ao ponto de me dizer que esse bebé nasceu morto se isso não fosse verdade.

Onde quer que o meu outro bebé se encontre, espero que a sua alma esteja em paz.

A minha não está. E nunca estará. Não em relação a este assunto.

Capítulo 29

—Vou tomar uma bebida. Também queres beber alguma coisa?

— Por favor.

— Tudo o que quiseres é por conta da casa. – Dawson deitou em copos o uísque das garrafas em miniaturas do minibar. – Alguém que é alvejado a tiro num dos quartos do hotel, e a gerência faz tudo e mais alguma coisa para compensar a ocorrência. Para não mencionar como se sentiram constrangidos por se esquecerem do pedido que fiz ao serviço de quartos.

Depois de terem retirado Carl do quarto, ambos tinham sido exaustivamente interrogados por Knutz. Tendo agido em conformidade com o telefonema de Headly, que continuava internado no hospital, o agente do FBI destacara agentes para verificarem as imagens do sistema de vídeo de segurança interna, enquanto outros foram incumbidos de avisar Dawson. Ele não atendia o telemóvel nem o telefone do quarto do hotel, mas os agentes das forças do xerife, que aguardavam no átrio pela pessoa sob sua proteção, constataram que ele se encontrava no quarto juntamente com Amelia Nolan.

Knutz tinha hesitado em interromper bruscamente um *rendez-vous* amoroso, mas quando um dos rececionistas comentou ter visto um idoso com um ramo de flores entrar no hotel e subir no elevador, Knutz tratou de mobilizar uma esquipa das Forças Especiais de Intervenção da área metropolitana de Savannah.

Entretanto, procedeu-se a uma silenciosa evacuação daquele piso do hotel, enquanto outros agentes colocados no quarto contíguo ao de Dawson confirmaram, com recurso a dispositivos de escuta, a existência de reféns. Posicionaram atiradores de elite no telhado do edifício vizinho, de onde conseguiam ver para o interior do quarto através de uma janela. Quando viram Carl empurrar Amelia para o lado, estavam preparados para agir.

Depois de todos os agentes policiais se terem ido embora, Dawson foi informado pelo gerente do hotel que tinha sido mudado para a melhor

suíte. Não era de cinco estrelas, mas tinha uma área de estar separada do quarto por duas portas corrediças de vidro, além de ter uma vista melhor do que a do quarto anterior.

Naquele momento entregava a Amelia a sua bebida. Estava aninhada no canto do sofá. Ele sentou-se numa das poltronas, erguendo o copo no arremedo de um brinde.

— À nossa. – Bebeu o uísque de um só trago, pousando o copo vazio em cima da mesinha de café.

Olhou para ela, sabendo que tinha chegado a altura do inevitável desenlace final.

— Bem, agora já estás a par da verdadeira *razão*.

Ela fez que sim com a cabeça.

— Não se pode dizer que não tenhas sido advertida para te manteres à distância Dawson pôs-se de pé e dirigiu-se para uma das janelas. O seu ângulo de visão do último piso permitia-lhe ver que ainda havia alguns carros-patrulha estacionados defronte do hotel. Os carros de exteriores dos canais de televisão noticiosos tinham chegado e partido, seguindo a ambulância que levava Carl para o hospital. O seu estado de saúde era considerado «crítico».

O homem que o FBI tentava encontrar há décadas tinha sido apanhado. Agora era o principal motivo de notícias. Sem dúvida que os repórteres de todos os meios de comunicação social mantinham a lotação dos aviões com destino a Savannah esgotada. Dawson Scott, jornalista de uma revista, seria uma nota de rodapé na cobertura noticiosa, e esperava conseguir manter-se assim.

Nenhum dos agentes das Forças Especiais de Intervenção que tinham estado no quarto do hotel ouvira o que ele dissera. Não pusera Knutz a par do seu relacionamento com Carl. Com a exceção dos Headly e de Amelia, ninguém tinha conhecimento desse assunto. Exceto, como era evidente, o próprio Carl.

— Vão retirar os guardas da ilha de Saint Nelda, se é que já não trataram disso – adiantou Dawson.

— Tu e os rapazes estarão em segurança.

— O Tucker decidiu manter vários agentes na ilha para desencorajar os meios de comunicação social. Só até o interesse pelo assunto começar a esmorecer. Apenas por alguns dias.

— Isso é ótimo. Os garotos estão bem?

— Falei com eles pelo telefone. Não podiam estar mais contentes. A agente que está a cuidar deles estraga-os com mimos. Ela disseme que não valia a pena eu voltar esta noite, uma vez que a minha estada seria bastante curta.

Knutz tinha-lhes pedido para se encontrarem com ele às nove horas da manhã seguinte a fim de esclarecer as últimas dúvidas.

Dawson ficou de costas para a janela. Olhou para ela por um momento, após o que abriu os braços.

— O segredo foi revelado. Tens perguntas a fazer?

Amelia respirou fundo, expelindo o ar lentamente.

— Que idade tinhas tu quando descobriste?

— Trinta e sete anos.

— Não sabias de nada até agora? – perguntou Amelia olhando-o com uma expressão de perplexidade.

Dawson voltou para a poltrona e sentou-se.

— Para ser mais preciso, foi há oito, não, nove dias que fiquei a saber o que o destino reservou ao meu irmão. Eu estava ao corrente de todos os acontecimentos que tiveram lugar em Golden Branch e de como é que nasci. O Carl e a Flora e tudo o mais.

«Os meus pais... pais adotivos... nunca me ocultaram as minhas origens. Cresci a saber que o Headly me tinha encontrado, prestes a morrer, mas, miraculosamente, ainda a respirar. Passei dois meses numa unidade neonatal de cuidados intensivos, após o que tive alta num excelente estado de saúde.

«As autoridades mantiveram a minha existência em segredo dos meios de comunicação social, uma dessas coisas que eles não revelam, com o objetivo de virem a resolver crimes que continuam em aberto. O Headly e o agente responsável pelo caso nesse dia também se

mantiveram em silêncio para me protegerem, bem como a minha identidade.

«Eu, o filho recém-nascido de Flora, fui o único bebé encontrado na casa. Mas o ADN que recolheram na mantinha de bebé não era o meu. Durante trinta e sete anos, isso permaneceu como um mistério. O ADN foi testado e ficou confirmado que a Flora era a mãe de quem quer que correspondesse a esse ADN, mas onde é que estava a criança? Quem era a criança? O que é que lhe tinha acontecido? O Carl e a Flora nunca foram vistos com uma criança, nem sequer quando se encontravam sob vigilância policial em Golden Branch. Ele continuou a ser o bebé-mistério.

«Mas depois – continuou Dawson, fazendo uma pausa para recuperar o fôlego –, há nove dias, o Headly enviou-me uma mensagem de texto para me dizer que fosse a sua casa o mais depressa possível. Quando cheguei, ele pôs-me ao corrente de um julgamento por homicídio que decorria num tribunal de Savannah. O grande choque foi que o ADN da presumível vítima correspondia a essa colheita anónima. O meu irmão, que, segundo o Carl, era onze meses mais velho, havia sido encontrado. Aparentemente, quando o Carl e a Flora fugiram para salvar a vida, eles levaram-no, mas deixaram-me para trás.

Dawson pegou no copo vazio e girou-o, desejando que houvesse uma gota no fundo. Não havendo nenhuma, voltou a pousar o copo na mesinha de café, olhando para Amelia sentada defronte de si.

— Quando eras criança, sentias amargura por saber que tinhas sido abandonado pelos teus pais?

— Não havia razão nenhuma para sentir qualquer mágoa. Ao fim e ao cabo, os meus progenitores biológicos eram indivíduos desprezíveis. Portanto, eu tinha ficado a ganhar. O Headly sabia como os seus amigos se sentiam desesperados por ter um bebé. Tratou de facilitar a adoção assim que eu tive alta do hospital pediátrico. Os meus pais amavam-me, e eu também os amava. Não podia ter pedido um lar mais estável e uma vida familiar em que a ternura abundava.

— No entanto?

— No entanto – retorquiu Dawson lentamente –, à medida que ia crescendo e me ia apercebendo da importância da herança genética de cada um, decidi que não devia sujeitar mais ninguém à minha. Em especial, uma mulher que tivesse a infelicidade de se apaixonar por mim.

— Por isso, certificaste-te de que isso não poderia acontecer. Nada de relações duradouras que pudessem levar a um casamento. Nada de ter filhos.

Dawson não deu continuidade àquele assunto. Também não lhe falou dos tubos de sémen que o médico tinha insistido em colher e congelar antes de proceder a uma vasectomia num homem tão jovem. Naquelas circunstâncias, era inútil que ela soubesse que continuavam num banco de esperma... para o caso de ele alguma vez vir a mudar de ideias.

— Isso explica tudo – disse Amelia.

— Certo. Razão por que não precisamos de continuar a falar sobre este assunto. A situação não melhorará em nada com o prolongamento desta conversa. Não há nada a resolver. As coisas *são* assim e nunca se alterarão. Fui gerado pelo Carl Wingert, um criminoso de alto coturno. Quanto ao Jeremy, o meu irmão, era o teu marido.

— Por isso, o Hunter e o Grant são teus sobrinhos.

— Sim. – A menção dos garotos fê-lo sorrir espontaneamente, a despeito de si próprio. – E são uns belos rapazes. Meu Deus, houve ocasiões em que... – Apercebendo-se do que estava prestes a dizer, calou-se.

Amelia inclinou a cabeça numa atitude inquisitiva.

— Em que o quê?

— Nada.

— Em que o quê?

Dawson mordeu o lábio inferior, mas depois decidiu-se: *Que vá tudo para o diabo!*

— Em que quis abraçá-los com força. Eles eram os primeiros familiares de sangue que eu conhecia.

O peito de Amelia soergueu-se subitamente, repleto de uma enorme emoção.

— Podes abraçá-los sempre que quiseres.

— Isso não irá acontecer.

— Porquê?

— Esses rapazes vão ter de lidar com acontecimentos que tentarão apagar da sua memória. Ter-me nas suas vidas só faria com que o assunto fosse ainda mais confuso.

Além disso, acrescentou para consigo próprio, não podia conviver com os rapazes sem estar perto de Amelia, e era-lhe impossível conviver com ela sem a desejar, e querê-la sem a possuir já estava como que a matá-lo.

— Sou tua cunhada.

— Eu sei – retorquiu ele, tenso. – Estava consciente disso quando entraste na sala do tribunal e as coisas ficaram todas num turbilhão.

— Mas que coisas?

— Coisas. Tudo. Eu estava sentado lá a desejar uma bebida, um comprimido, amaldiçoando o Headly por me ter enviado ao tribunal, enquanto dizia a mim mesmo que o que pudesse acontecer a um irmão que nunca tinha visto me era absolutamente indiferente. A desejar que o meu traseiro, que estava a ficar dormente, estivesse sentado num outro lugar qualquer que não fosse o assento duro da sala do tribunal.

«Mas foi então que as portas do fundo se abriram, tu entraste e passaste por mim e, de um momento para o outro, foi como se eu estivesse a ser sugado para a situação. Por ti. Pelo Jeremy. Pelo desejo.

Pelo desespero.

— O que sentes agora em relação a ele?

— Raios me partam se sei! Odeio-o por aquilo em que ele se transformou, pelo que fez, mas... – Dawson interrompeu-se, virando as palmas das mãos para cima e estendendo-as para ela. – Eu peguei na cabeça dele, olhei-o nos olhos quando ele morreu, Amelia. O meu irmão. A primeira vez que lhe ponho a vista em cima, *ele* morre nos meus braços. – Dawson soltou uma gargalhada de amargura, perante a cruel ironia daquela situação.

— Disseste-lhe?

Ele negou abanando a cabeça.

— Mas houve um momento, não, um *instante*, de reconhecimento. De união. Qualquer coisa. Ou talvez tenha sido eu a imaginar isso por querer que fosse verdade. Mas agora não importa, pois não?

— Não no tocante ao Jeremy. Mas penso que para ti tem muita importância.

— Fiz bem em não lhe dizer. Era melhor que ele não soubesse que o estranho que estava a imiscuir-se na sua família era o irmão.

— Dawson – disse Amelia em voz baixa –, quando nos conhecemos, já há muito tempo que eu tinha deixado de ser a mulher do Jeremy. Eu acreditava que ele tinha morrido há mais de um ano.

Incomoda-te assim tanto saber que ele e eu... que...

— Que ele te teve primeiro? Sim. Incomoda-me um pouco, mas não da maneira como estás a pensar.

— O que é que eu estou a pensar?

— Que se trata de uma competição de natureza sexual, que eu receie que estejas a estabelecer comparações. Não é nada disso.

— Então, o que é? – perguntou Amelia.

— O facto de eu ter começado por te desejar.

— Quando eu devia ser intocável.

— Algo nesses moldes – confirmou Dawson.

— Acho que podemos perdoar-nos pela nossa atração mútua.

— Podes perdoar-te a ti própria, porque não sabias da ligação que existia entre nós. Mas eu sabia. – Apesar de Dawson ter dito que não iriam discutir aquele assunto, era o que estava a acontecer. Fez um gesto de impaciência. – O Jeremy era um obstáculo de somenos importância quando comparado com o outro.

— A tua herança genética.

— Que é um veneno – confirmou Dawson.

— Hum... – Amelia cerrou os lábios, mostrando uma expressão pensativa. – Suponho que também tenha de rejeitar os rapazes.

— O quê?!

— É preciso não esquecer que eles também são do teu sangue, não é verdade? Isso não faz com que eles também sejam tão tóxicos como tu? Se eu te rejeitar por causa da tua ascendência, então, segundo a lógica...

— Não sejas ridícula.

— Tiraste-me as palavras da boca – retorquiu Amelia, levantando-se e contornando a mesinha de café para se ajoelhar diante dele. Dawson tentou pôr-se de pé, mas, irritada, ela empurrou-o, forçando-o a sentar-se de novo. – Vou dizer o que tenho a dizer. Depois disso podes fazer o que bem te apetecer, mas não vou permitir que saias da minha vida assim sem mais nem menos, e ficar a lamentar não te ter dito isto, perguntando-me o que teria acontecido se o tivesse feito. – Amelia apoiou as mãos no peito dele, como se com esse gesto quisesse que ele interiorizasse a ansiedade que ela própria sentia.

«Ao longo de vários meses, durante e depois do meu casamento, eu nem sequer era capaz de me imaginar numa outra relação que não aquela. Jamais. Não conseguia conceber que o toque de um homem, qualquer homem, fosse algo que eu desejasse. Não me via um dia a poder sentir novamente alguma coisa como desejo sexual.

«Depois de algum distanciamento, quando as feridas já não eram tão recentes e me apercebi de que nem sequer os meus filhos conseguiam preencher uma solidão que aumentava gradualmente, comecei a perceber como seria irrealista pensar que poderia viver o resto da minha vida sozinha. Não fui programada para toda uma vida de abstinência. Não estou a falar unicamente de sexo, mas também de intimidade e cumplicidade emocional. Comecei a querer isso outra vez. Preciso de ter relações sexuais e de intimidade.

«A pouco e pouco, comecei a aceitar a probabilidade de um dia vir a existir outro homem na minha vida, que reacendesse essa parte da minha existência, que essa pessoa e eu haveríamos de partilhar o que eu quis ter com o Jeremy, mas que nunca veio a concretizar-se. Esperei que ele surgisse, mas não estava com uma pressa excessiva. Não tencionava procurá-lo. Estava disposta a aguardar e deixar que fosse ele a encontrar-me.

«Não sabia qual seria a carreira profissional dele, nem quais seriam os seus interesses, qual a natureza da sua personalidade. Tão-pouco sabia qual seria a aparência física dele... até te ter visto. – Amelia tocou nos lábios dele, desenhando o contorno com a ponta do dedo indicador. – Admito que tive receio de ti e estava absolutamente furiosa contigo, mas durante todo o tempo em que dei largas à minha cólera quando soube que andavas a espiar-me, pensava: "É este. Ele está aqui. E ele é muito mais do que eu esperava." – Amelia encolheu os ombros ligeiramente numa atitude de constrangimento. – E é tudo. É o que tinha para te dizer.

Dawson pegou numa madeixa do cabelo de Amelia, ficando a acariciá-la suavemente entre os dedos com uma expressão pensativa e sentindo-se demasiado emocionado para falar.

— Nunca ninguém me tinha falado com tanta franqueza. Fosse do que fosse, mas, inquestionavelmente, nunca acerca de algo tão pessoal. E acho que és uma mulher incrível.

— Parece-me que estou a detetar um *mas*.

— Nada de *mas.* Nada de *e*. – Dawson pô-la de pé enquanto ele próprio se levantava da poltrona. – És incrível e , desta vez, todas as roupas serão despidas.

No quarto, ele atirou a coberta da cama para trás, virou-se para ela e apressou-se a desabotoar-lhe e a despir-lhe a blusa. Encontrou o fecho do sutiã nas costas, tentando abri-lo desajeitadamente, enquanto ela, com o mesmo frenesim, lhe desabotoava os botões da camisa. Pele contra pele enquanto se abraçavam. Apenas isso. Ficaram nos braços um do outro, desfrutando da proximidade, das várias sensações, o despertar de contrastes nos corpos de ambos.

— Espero que os meus pelos do peito não te incomodem – murmurou ele por fim.

— Incomodar-me? – Amelia roçou a face nos pelos.

Dawson nunca se apercebera de que os bíceps podiam ser uma zona erógena, até ela aí lhe ter dado uma pequena mordidela de amor. Com a mão por trás dela, desapertou-lhe o fecho da saia. Caiu no chão. Ela

desabotoou-lhe as calças de ganga, deixando-as descair juntamente com as cuecas pelos quadris, as mãos firmemente pousadas nas nádegas de Dawson.

Ele encostou a ponta do pénis à barriga dela e sorriu.

— Sei que és uma senhora, mas não te coíbas de reparar.

Ela fez consideravelmente mais do que reparar. Dawson impediu-a de se apoderar de mais do que a cabeça do seu membro, mas a atenção que ela lhe prestava prodigamente era quase mais do que ele conseguia suportar. Depois de vários minutos, praguejando e rezando ao mesmo tempo, ele pô-la de pé e enfiou a língua na boca dela, boca essa que lhe proporcionara tamanho prazer.

Foram para a cama. Voltados um para o outro, Dawson baixou a cabeça para os seios dela.

— Extraordinário.

— O quê?

Ele serviu-se da língua para ilustrar a sensibilidade de ambos.

— Aquele primeiro dia na praia...

— Eu sabia que tinhas reparado – disse ela por entre um gemido.

— Eu sabia que tu sabias que eu tinha reparado, mas foi mais forte do que eu. Sempre que a brisa aumentava, eu enlouquecia um pouco com o desejo de os ver assim. – Os lábios dele sugaram-lhe um mamilo.

— Tentei adotar uma atitude recatada.

— Eu rezava por uma rajada de vento, fantasiando esta situação. – Dawson continuou com aquele jogo amoroso até ser impossível dizer se o fazia para a excitar ou a si próprio. Estava a afetar os dois. Deitando-a de costas, começou a beijá-la até chegar ao centro dela. Mas depois afastou-se um pouco para poder olhá-la. – Um terreno maravilhoso. – As mãos dele passaram pelo umbigo de Amelia.

— Obrigada.

Encontrando uma ténue estria esbranquiçada no lado de fora da anca dela; seguiu-a com a ponta do dedo.

— Qual deles te fez isto?

— O Grant.

— E esta? – perguntou Dawson depois de ter encontrado outra na concavidade onde a barriga dava lugar à coxa.

— O Grant.

Ele fez uma careta risonha.

— Porque não estou surpreendido? – Em seguida, igualmente com a ponta do dedo indicador, encontrou uma cicatriz esbranquiçada e estreita, que mal era discernível por baixo dos pelos púbicos sedosos. – Qual dos dois?

— Ambos. O Hunter teve de nascer de cesariana, e depois de um...

As palavras dela esmoreceram, dando lugar a um gemido que mal se ouviu quando ele baixou a cabeça, começando a explorar suavemente o sulco com a cara e a língua. Ela reagiu exatamente como ele esperara. Abrindo as pernas, Amelia enclavinhou-lhe os dedos nos cabelos, arqueando o corpo contra a boca dele, respondendo à orientação das mãos de Dawson enquanto a reposicionavam, soltando o nome dele num arfar quando o ritmo da língua acariciante e a pressão aplicada coalesceram num orgasmo que a deixou em êxtase.

Dawson posicionou-se por cima dela, ficando a observar o rosto de Amelia enquanto o efeito do orgasmo se atenuava lentamente. Ela abriu os olhos e sorriu-lhe com languidez, um sorriso que ele cobriu com a sua boca.

— Posso fazer uma confissão?

Ela assentiu com a cabeça.

— Tenho fantasiado fazer-te o que acabei de te fazer.

— Não posso ser menos sincera do que tu. – Levantando a cabeça, murmurou-lhe diretamente ao ouvido. – Eu também fantasiei contigo a fazeres-me isso.

Sorriram um ao outro enquanto ele se posicionava entre as coxas dela, penetrando-a apenas ligeiramente, mas o suficiente para o fazer gemer de mansinho.

— Meu Deus, sabe tão bem!

— Que mais é que fantasiaste? – perguntou-lhe Amelia.

— Com força e depressa contra uma parede. Não, espera. Já fizemos isso. Apenas me pareceu que era uma fantasia. – Dawson sentiu a pequena risada dela por todo o corpo até à base do pénis e isso fê-lo esboçar uma careta com o esforço para se impedir de a penetrar o mais profundamente possível.

Amelia passou os dedos pelas costas dele até ao meio das nádegas. Dawson ficou com a respiração suspensa.

— Mais alguma coisa? – A voz dela tinha uma entoação tão sensual como os movimentos das pontas dos seus dedos, tão leves como uma pena.

— Possuíres-me com a tua boca maravilhosa. Oh, também fizeste isso. Ou terei eu alucinado?

— Se estavas a alucinar, também eu estava.

— Essa é uma fantasia que pede para ser posta em prática outra vez, não te parece?

— Oh, absolutamente. Com frequência.

Ele sorriu-lhe com uma expressão maliciosa, e ela retribuiu na mesma moeda.

— E então, resume-se a isso? – perguntou-lhe numa voz ronronante. – Esgotaste as fantasias?

— Nem pensar! Só vamos no início – respondeu ele, passando a mão por baixo do traseiro dela e inclinando-a para cima. – Agora vamos proceder muito lentamente. – Começou a beijá-la, a língua a deslizar suavemente no interior da boca dela, controlando a intensidade com que começava a penetrá-la. Tirou o pénis quase por completo, antes de voltar a penetrá-la, agora quase na totalidade, após o que a penetrou um pouco mais profundamente do que antes. E outra vez.

Amelia soltou um pequeno som de desejo, murmurando o nome dele.

— Como classificarias esta fantasia? – perguntou-lhe.

Ele penetrou-a completamente e, ao mesmo tempo que a beijava uma vez mais, sussurrou-lhe: – Fazer amor.

Amelia estava deitada de lado, de costas para ele. Preenchida. Mais satisfeita do que se lembrava de se ter sentido desde... provavelmente, sempre. Deslizou o pé ao longo da canela da perna dele.

— Queres saber o que começou por me atrair em ti?

Dawson fez pressão com o pénis contra o traseiro dela.

— É impressionante. Por vezes, até é constrangedor.

— Não foi isso – disse ela, rindo-se.

— Oh!

Amelia riu-se de novo ao ver como ele parecia ter ficado abatido.

— Foi o teu dente torto.

— O que desafiou o aparelho?

— É muito sensual.

— Ainda bem que pensas assim.

— E as tuas mãos.

— São sensuais?

— São grandes, másculas e capazes. Além de serem sensuais. – Amelia suspirou quando uma delas se fechou possessivamente no seu seio. – Achas que conseguirás dormir bem esta noite?

— Bem, se o esforço que fiz recentemente não me deixou exausto ao ponto de conseguir dormir, não sou capaz de imaginar o que poderá fazê-lo. – Dawson deu-lhe uma dentadinha no ombro. – Quem haveria de dizer que és tão insaciável.

Amelia deu-lhe uma cotovelada nas costelas, mas determinada a continuar a falar sobre o assunto do pesadelo dele, repetiu a pergunta.

— Dormir? Talvez – respondeu Dawson.

— Com certeza que falar sobre isso lancetou a ferida.

— Veremos. – O braço dele enlaçou-a mais apertadamente. – Estar na cama contigo decerto que só pode ajudar.

— Podes considerar outra fantasia concretizada – murmurou ela inteiramente satisfeita e numa voz sonolenta. – Tenho andado ansiosa por poder dormir contigo.

— O que acontecerá.

— Acontecerá! – exclamou Amelia, surpreendida.

— Só que não para já.

As mãos dele, com o seu terno toque, mas plena mestria, colocaram-na de costas e aberta para si.

Penetrou-se com firmeza, com uma mão na parte da frente do corpo dela e posicionando-se determinadamente entre as coxas de Amelia.

Com muito poucos movimentos, penetrou-a com investidas rítmicas enquanto, em termos chocantemente obscenos, ia descrevendo as suas sensações ao ser envolvido por ela, bem como o prazer que os seus dedos e a boca obtinham ao proporcionar-lhe prazer. Não tardou que as suas palavras obscenas dessem lugar a um lirismo poético, embora o subtexto tivesse uma tremenda carga erótica.

Quando ambos já se encontravam à beira da implosão, o timbre de voz dele enrouqueceu, tantas as emoções que sentia. A sua respiração fazia-se em jatos de ar contra a nuca dela. Numa linguagem de desejo nu e cru, disselhe numa voz arquejante: – Aperta-me. Com mais força. – O corpo de Dawson ficou tenso e cada estremecimento era pontuado pelo grito roufenho e entrecortado de um homem cujo corpo era percorrido pelos espasmos do escape sexual, que ia para além do alívio físico. Finalmente, enquanto o corpo dele se descontraía e ele a envolvia nos seus braços, murmurou o nome dela como se fosse uma bênção.

Amelia adormeceu com todas aquelas palavras maravilhosas a ecoarem-lhe no coração.

Horas mais tarde, quando despertou, sentiu de imediato falta da respiração, da calidez e do cheiro do corpo dele, do peso do braço de Dawson na sua cintura. Alarmada, sentou-se.

— Dawson?

Mas ele tinha desaparecido.

Capítulo 30

Headly conseguiu persuadir Eva a ir para o hotel. O estado de saúde dele continuava a melhorar.

Carl Wingert deixara de constituir uma ameaça. Não era necessário que ela passasse outra noite desconfortável na poltrona rebatível no quarto do marido no hospital.

— Mas sabes qual a verdadeira razão por que eu não a queria aqui? – perguntou a Dawson depois de lhe ter explicado o motivo da ausência de Eva.

— A mesma razão que me trouxe aqui a esta hora da manhã, quando há pouca gente acordada.

Colocando-se atrás da cadeira no quarto de Headly, firmou as mãos no espaldar e olhou para o seu padrinho com uma expressão plena de significado.

— Presumo que lhes tenhas dado ordens para não o matarem.

— Se isso pudesse ser evitado.

— Ele estava a sangrar profusamente.

— Uma das balas atravessou-lhe o ombro direito, raspando-lhe um pulmão, o que causou um colapso parcial, mas significativo. Inseriram-lhe um tubo no peito. Também foi atingido por uma bala na parte de trás do joelho. É claro que a idade dele foi um fator a levar em consideração, mas já me disseram que recuperou muito bem depois da operação. Quando o estado de saúde dele estiver suficientemente estável, será transferido para o sistema judicial.

Decorreram vários segundos com os dois homens a olharem-se fixamente.

— Não podemos deixar as coisas como estão – disse Dawson finalmente.

— Tu podes. Eu não posso.

— Eu também não posso.

— Dawson...

— Deixa-me reformular a minha frase. *Recuso-me* a isso.

— Tenho andado a tentar encontrar a maneira de podermos fazer isso – adiantou Headly por se ter apercebido da determinação de Dawson. – Ele é guardado por agentes do xerife. Não nos deixarão entrar munidos de uma arma. Mas tenho uma ideia.

Dawson ouviu atentamente enquanto ele lhe explicava o seu plano. Acenou sombriamente.

— Posso fazer isso.

— Sabes que não vamos conseguir safar-nos incólumes.

— Provavelmente, não.

Headly perscrutou-lhe o semblante durante um longo momento; em seguida, resolvido a pôr o seu plano em prática, olhou para o cateter preso às costas da mão com adesivo.

— A primeira coisa que tens de fazer é tirar-me o raio desta coisa.

Cinco minutos depois, já Dawson empurrava a cadeira de rodas em direção ao elevador. Tinha conseguido tirar o cateter de medicação intravenosa da mão de Headly, ajudando-o a levantar-se da cama e a sentar-se na cadeira de rodas, mas não fora tarefa fácil. Headly estava a recuperar rapidamente do torpor nos braços, nos ombros e nas mãos, todavia, para todos os efeitos práticos, eram partes do seu corpo fora de ação.

No espaço exíguo do ascensor, a sua respiração esforçada e irregular estava bem patente. A compleição de Headly era extremamente pálida sob a luz fluorescente, além de ter o rosto húmido de suor. Dawson perguntou-lhe se estava com dores.

— Estou bem.

— Podemos esperar.

— Não sei quando é que eles o vão transferir. É muito possível que não voltemos a ter outra oportunidade.

Entretanto, as portas do elevador abriram-se num átrio fracamente iluminado.

— Deixa os guardas do xerife por minha conta.

Os dois agentes policiais que estavam sentados no lado de fora do quarto de Carl Wingert olharam-nos com curiosidade quando eles se

aproximaram.

— Boa noite, meus senhores – saudou Headly no seu tom de voz mais autoritário. – Sou o agente especial Gary Headly e estou aqui para interrogar o prisioneiro.

Os dois polícias das forças do xerife olharam um para o outro e depois para Dawson e, finalmente, voltaram a concentrar-se em Headly.

— Continua em estado crítico – informou um dos guardas.

— Precisamente. Ele pode morrer a qualquer instante, e é exatamente por essa razão que precisamos de o interrogar agora.

— Onde está o agente Knutz?

— Provavelmente, atulhado de papelada, razão por que estou encarregado de proceder a este interrogatório.

— Com todo o respeito que lhe é devido, senhor agente, devo dizer que não tem muito bom aspeto.

Acha que está capaz dessa tarefa?

Headly olhou-o com uma expressão de fúria.

O polícia do xerife, com um mal-estar evidente, pigarreou e indicou Dawson com um inclinar da cabeça.

— E quanto a ele?

— Este é Dawson Scott. Foi ele quem esteve sob a mira da arma do Wingert ontem à tarde.

— Sei quem ele é. Mas porque está ele aqui?

— Para detetar quaisquer merdas que o Wingert diga.

Os dois guardas trocaram outro olhar de mal-estar, mas depois um deles conseguiu chamar a si a coragem suficiente para desafiar Headly.

— Lamento muito, senhor agente, mas não posso permitir que entre no quarto sem...

— Autorização?

— Sim, senhor.

— Ótimo. – Tinha o seu telemóvel em cima das pernas. Com um gesto da cabeça, indicou-lhe o aparelho. – O número do lugar-tenente está registado sob o número oito. Acorde o nosso chefe para lhe dizer que me está a negar o acesso ao fugitivo de quem eu e todo o

Departamento de Justiça andamos na cola há quase quarenta anos. – Com um sorriso benigno, acrescentou: – Provavelmente, ele ficará radiante ao ouvir a sua voz.

O agente do xerife levou cerca de uns três segundos para se decidir. Deixou o telemóvel onde estava.

— Está armado, senhor?

— Estou. Com uma algália na picha e um saco para dentro do qual a minha bexiga se esvazia. Pode revistar-me se quiser. – Uma vez mais, fez um gesto com a cabeça em direção ao colo coberto apenas por uma peça de roupa do hospital de um tecido muito fino.

— Não me parece que isso seja necessário – retorquiu o guarda.

— Meu filho, ainda que eu tivesse uma arma, não consigo mexer as mãos.

Entretanto, o outro guarda tinha estado a revistar Dawson para se certificar de que não estava armado.

— Ele está limpo.

Um dos guardas postados à porta manteve-a aberta enquanto Dawson empurrava Headly na cadeira de rodas até ao interior do quarto onde Carl Wingert estava amarrado à cama não apenas por correias, mas também por toda uma parafernália de aparelhos médicos.

Dawson empurrou a cadeira de rodas até à beira da cama. Carl tinha os olhos fechados. Headly chamou-o pelo nome, mas não obtendo qualquer reação, disse a Dawson que o sacudisse. Com brusquidão, este tocou com força na perna ligada, que se mantinha elevada. Com um gemido de dor, Carl entreabriu os olhos. Mas abriram-se completamente ao ver os dois homens.

Estar tão perto dele outra vez, subitamente, fez com que Dawson se sentisse claustrofóbico. O

zunido de um milhar de abelhas zumbia dentro da sua cabeça, um som que sublinhava os sinais sonoros das várias máquinas, além das substâncias que eram administradas a Carl por via intravenosa. Os tubos estavam tão emaranhados ao lado da cama como aqueles em que Dawson reparara no quarto de Headly.

Carl foi o primeiro a falar.

— Ora bem, quem diria! – exclamou, dirigindo-se a Headly. – Finalmente, encontramo-nos. – A cadeira de rodas não lhe passou despercebida. – Visto em carne e osso, não parece tão duro como se poderia imaginar.

— Tal como você.

— Já tive dias melhores – retorquiu Carl.

— Eu não – ripostou Headly com um esgar sorridente.

— Marque uma a seu favor. Hoje bateu-me em toda a linha.

— Está a envelhecer, Carl. Já não é tão esperto como pensa.

— Oh, não tenho a certeza quanto a isso – disse ele, falando num tom desarmantemente harmonioso que lembrava Bernie.

— Tem dores?

— Por todo o corpo.

— Ótimo – ripostou Headly.

— Porque não me mataram eles?

— Porque lhes dei ordens nesse sentido.

— Pergunto-me porquê? – Mais um sorriso dissimulado enquanto se concentrava em Dawson. – Diz-me, rapaz, qual é a sensação?

Dawson tinha acompanhado atentamente a troca de palavras entre os dois homens mais velhos, mas também examinara o emaranhado de tubos de plástico ao lado da cama de Carl. Agora olhava atentamente para ele.

— Qual é a sensação do quê?

— De andares a foder a mulher do teu falecido irmão.

Foi preciso um esforço sobre-humano para que Dawson não se atirasse e fechasse os dedos em volta da garganta dele. Em vez disso, inclinou-se para baixo até a sua cara ficar a escassos centímetros da de Carl.

— Você deixou-me à mercê da morte.

— Sem dúvida nenhuma que não te quis. Quando nasceste, eras um macaquinho muito feio e passei toda a noite em claro para te tirar de

dentro dela. Odiei-te antes mesmo de ter olhado para ti. A Flora estava a comportar-se como uma tresloucada.

— Você tirou-lhe o filho recém-nascido.

— Errado. Eu disselhe que tinhas nascido morto e também lhe disse que seria melhor se ela nem sequer te visse. Peguei em ti como faria às entranhas de um peixe e deixei-te cair no buraco no soalho, esperando que não começasses a respirar e desatasses a chorar.

Até mesmo agora, tendo conhecimento de tudo o que aquele homem tinha feito, para Dawson era inconcebível que qualquer ser humano fosse tão frio e desprovido de coração.

— Como foi capaz de fazer isso?

— Como fui capaz? – O seu riso à socapa estava prenhe de ameaça. – Tu hoje disseste que o Headly seria o último a rir, levando-me a melhor, mas estás enganado. É a ti que eu levo a melhor, sendo o último a rir *de ti*. – Olhou para Dawson de alto a baixo com uma expressão de escárnio. – Não és meu filho.

Dawson parou de respirar durante vários segundos.

— O quê?! – perguntou numa voz de quem estava sem fôlego.

— Ouviste-me bem. És oriundo do muco viscoso de outro homem qualquer. Não sei de qual. Pode ter sido de um de vários.

— Está a mentir – interpôs Headly. – Eu estudei a Flora tão aprofundadamente como o estudei a si.

Por uma qualquer razão doentia, ela amava-o e não teria hesitado em segui-lo até ao inferno. Ela jamais teria ido para a cama com outro homem.

— Isso é verdade, a não ser que eu lhe ordenasse que o fizesse.

Os dois ficaram a olhar para ele, perplexos perante aquela afirmação feita com tanta superficialidade e o seu significado.

— Meu Deus! – exclamou Headly numa voz sibilada.

Dawson ficou sem palavras, tentando recompor-se do choque. Não sabia bem se devia sentir-se exultante ou repugnado, se devia gritar de alegria ou chorar por causa da infelicidade e a humilhação que a mulher que o dera à luz fora obrigada a suportar.

— Às vezes, eu deixava que os rapazes a usassem para se descontraírem. Ou como recompensa por um trabalho bem feito. Ela ficou grávida de ti numa dessas ocasiões, quando três ou quatro deles...

— Cale essa boca!

Mas a cólera de Dawson pareceu diverti-lo apenas.

— Talvez a Flora soubesse qual deles é que *pegou*, mas duvido muito. Se sabia, talvez tenha escrito o nome dele naquele diário que ela tinha.

— Diário? – perguntou Dawson, estremecendo.

— A vaca matreira – ripostou Carl num tom rosnado. – Calculo que tenha andado a escrever nesse diário há muitos anos. Morreu com ele agarrado ao peito. Vão exumá-la, não é verdade? – perguntou a Headly. – Eu atirei o caderno para dentro da cova quando a enterrei. Deve constituir uma leitura interessante. Ou talvez não. Ela era tão ignorante.

Era evidente que Carl estava a divertir-se. Engodava-os deliberadamente, observando-os com toda a atenção na esperança de ver uma reação que mostrasse a sua instabilidade. Dawson recusou-se a dar-lhe essa satisfação. Ao invés, baixou o olhar, fitando Headly.

— Já ouvi mais do que consigo aguentar. E tu?

— Eu já não o consigo aguentar desde Golden Branch.

Entretanto, Dawson tinha estado a mexer no emaranhado de tubos, tendo desenredado um.

— Consegues controlar os teus movimentos o suficiente para poderes fazer isto?

— Mão esquerda. Polegar e dedo indicador.

Cuidadosamente, Dawson enrolou-lhe uma secção desse tubo duas vezes em volta desses dedos, de maneira que Headly pudesse agarrá-los firmemente.

Em vez de se sentir alarmado, Carl soltou um riso cacarejado.

— Headly, você sempre agiu de acordo com o meu plano.

— Porque diz isso, Carl?

— Eu sabia que você não descansaria até me ver morto. Eu sabia que haveria de vir cá para acabar comigo pelas suas próprias mãos. E aqui

está você, tal como eu esperava. – Carl ergueu a cabeça o mais alto que o ombro enfaixado lhe permitia e soprou um beijo a Headly. – Obrigado.

— O prazer é todo meu.

No momento em que Headly dava um puxão ao tubo e assim o desprendia da máquina, a porta abriu-se de rompante. Os guardas das forças do xerife foram os primeiros a entrar no quarto. Um deles gritou pelo nome de Headly. Amelia apressava-se a entrar atrás deles com uma expressão receosa e de grande ansiedade.

— Dawson, não faças isso!

Os três detiveram-se e com o olhar abarcaram o que se passava.

Carl olhava de boca aberta para a extremidade do tubo que pendia da mão de Headly, com os lábios a mexerem-se, mas sem que deles saísse uma única palavra. Finalmente, disse aparvalhadamente: – Não se passou nada.

— Claro que não – corroborou Dawson, tirando o tubo da mão esquerda de Headly, começando a enrolá-lo no seu pulso lentamente e puxando a outra extremidade, soltando-o dos outros tubos enredados no chão. – Como podem ver, não está ligado a nada. – Balouçou as extremidades soltas a escassos centímetros do rosto de Carl. – A verdade é que eles deviam retirar estes tubos quando não estão a ser utilizados. E se alguém puxasse o tubo que está inserido no peito por engano?

Carl olhava atordoado e aterrado para Headly, que lhe sorria.

— Carl, pensou realmente que vim ao seu quarto para o matar? E que ao fazê-lo me estivesse a privar de o ver a apodrecer acorrentado durante o resto da sua maldita vida? – Headly abanou a cabeça. – De maneira nenhuma, Carl, de maneira nenhuma.

Epílogo

Ele conduzia com as janelas do automóvel abertas. O ar salino era agradável. A ondulação do mar era mansa, como acontecia por vezes às primeiras horas do amanhecer. À medida que se ia aproximando da casa de praia de Amelia, inexoravelmente, os seus olhos eram atraídos para a moradia em que Carl Wingert passara os verões sob a falsa identidade de Bernie.

Aquele foi o único pensamento que dedicou ao homem, o que já era dar-lhe mais consideração do que a sua perfídia e a perversidade mereciam.

Não esperava que Amelia e os rapazes já se tivessem levantado da cama, mas, ao aproximar-se, viu que ela já estava na praia. Caminhava pela beira-mar, com um par de chinelos de dedo a balouçarem-lhe na mão. Vestia umas calças de algodão bastante largas e um *top* de alças com que, muito provavelmente, dormira. O cabelo estava apanhado num carrapito preto às três pancadas.

Nunca lhe parecera tão desejável.

Já tinha percorrido metade da distância que os separava quando ela o avistou. Deixou cair os chinelos e correu para ele. Dawson tomou-a nos seus braços, abraçando-a, e ambos se beijaram sofregamente. Só vários minutos depois é que puseram fim ao beijo para poderem recuperar o fôlego, e quando o fizeram, continuaram agarrados um ao outro, como se quisessem assegurar-se de que voltavam a estar juntos depois de uma separação de dez dias.

Amelia encostou-se para trás no círculo firme dos braços dele, de maneira a poder olhar para o seu rosto.

— Como é que correu?

— O Dakota do Norte pode ser bastante frio, até mesmo em setembro. Certa manhã, a temperatura quase baixou para valores

negativos.

Ela afastou uma madeixa de cabelo que o vento soprara para a face dele, onde a barba já havia começado a despontar, após o que apoiou as palmas das suas mãos no peito de Dawson.

— Como é que correu? – voltou a perguntar Amelia num tom de voz mais suave.

— Correu tudo bem – respondeu ele no mesmo timbre de voz circunspecto. – São pessoas maravilhosas. Do mais genuíno que existe, muito terra a terra. A bandeira dos Estados Unidos da América desfraldada do beiral da casa. Carne estufada para o jantar. Tinham fotografias do Hawkins espalhadas pela casa. Quiseram que eu lhes descrevesse tudo o que aconteceu.

Pouco depois de Dawson ter regressado do Afeganistão, tinha recebido uma carta dos pais do cabo Hawkins, pedindo-lhe que fizesse o favor de lhes telefonar. Expressaram uma vontade que raiava a ânsia de falarem acerca do filho e dos seus últimos dias de vida. Repetiram o pedido insistentemente por meio de mensagens de correio eletrónico, correio de voz e cartas, em que diziam: «Ele tinha-o em grande consideração, senhor Scott. Por favor, pedimos-lhe que entre em contacto connosco.»

Mas Dawson não tinha sido capaz de se obrigar a fazer esse telefonema.

No entanto, falar sobre o assunto com Amelia havia sido a catarse de que precisara. Uma vez que esse impedimento deixara de existir, era capaz de pensar em Hawkins sem se retrair todo por dentro.

Logo depois de ter acompanhado Headly até à casa deste em Washington, marcou passagem num voo com destino ao Dakota do Norte.

— Eles contaram-me tudo a respeito dele. Conheci os irmãos, as duas irmãs, seis sobrinhas e sobrinhos. Também me mostraram os troféus que ele ganhou a jogar basebol e as fotografias do baile de

formatura do curso secundário. As nossas conversas foram extremamente emotivas, mas também foram sanadoras, tanto para eles como para mim.

— Quero que me contes tudo a esse respeito quando estiveres preparado para o fazer – retorquiu Amelia, pondo-se em bicos de pés para o beijar. – Tens dormido melhor?

— Duas noites seguidas sem o pesadelo do costume.

— Indiscutivelmente, um progresso.

— Graças a ti.

Várias sessões com um terapeuta em Washington também o tinham ajudado enormemente, muito embora ele continuasse a atribuir mais mérito a Amelia do que ao homem que tinha vários diplomas emoldurados nas paredes do seu consultório.

— Como é que ele está? – perguntou Amelia.

— A melhorar a olhos vistos. O FBI urgiu-o a retomar a atividade até o caso do Carl ser encerrado, mas isso levará algum tempo, por isso, ele recusou.

— Isso deixa-me surpreendida – disse Amelia.

— Também a mim. Mas ele explicou-me que nada poderia superar aquele final dramático no hospital, com o Carl a berrar invetivas e a suplicar que alguém o matasse.

Ela deixou cair a cabeça, encostando-a ao peito dele.

— Quando acordei e não te vi na cama, pensei...

— O Carl também pensou. E é aí que está o cerne da questão. Mas ele não teve essa sorte. O Headly queria um frente a frente. Ajudei-o, por saber como isso era importante para ele, confrontar o seu inimigo. Ele nunca ficaria satisfeito com menos do que isso.

— Tal como tu.

— Conheces-me bem – retorquiu Dawson.

Amelia depositou-lhe um beijo no pescoço; quando se afastou, disse: – Portanto, o Headly não teve dificuldade em recusar o pedido do FBI para que se mantivesse em atividade?

— O que facilitou muito a vida da Eva. Ela disselhe que se voltasse a trabalhar, trataria de triturar *Viagra,* misturando-o na comida dele, e depois iria recusar-lhe favores sexuais.

— Creio que ela não hesitaria em fazer isso.

— Podes apostar que sim – garantiu Dawson. – A propósito, ela convidou-nos para o jantar do Dia de Ação de Graças. – Dawson afagou-lhe o cabelo. – Como é que foi a tua viagem ao Kansas?

— Foi rápida, mas não quis deixar os garotos durante mais de uma noite com os Metcalf. A cerimónia fúnebre foi extremamente triste.

— Tenho a certeza de que os pais da Stephanie ficaram sensibilizados por teres estado presente.

— Foi o que eles disseram. Pelo menos, sentiram um grande alívio por não terem de se sujeitar a um julgamento. A morte do Jeremy poupou-os a isso. – Amelia hesitou por um momento, antes de acrescentar: – Estive presente durante a cremação do corpo.

Dawson emoldurou-lhe o rosto com as mãos, perscrutando-lhe os olhos.

— Temos muita coisa a esquecer, Amelia.

— Sei que sim.

— Mal posso esperar para começar.

— Eu também – redarguiu Amelia. Durante muito tempo, limitaram-se a olhar um para o outro com uma total entendimento entre os dois.

Decorrido algum tempo, ela acenou com a cabeça em direção à casa que Bernie tinha ocupado.

— É com satisfação que te digo que foi vendida. O mediador da imobiliária que finalizou a transação esteve aqui ontem com um empreiteiro da construção civil. O novo proprietário vai demolir a casa com a intenção de construir uma casa maior e mais moderna, que arrendará por um período de longa duração.

— No que me diz respeito, quanto mais depressa for demolida, melhor – continuou Amelia. – Sempre que olho nessa direção... – Amelia interrompeu-se, inclinando a cabeça num gesto de perplexidade. – Não me pareces minimamente surpreendido com estas notícias – disse Amelia, ficando a olhar para ele durante mais alguns segundos até que os seus olhos mostraram que se tinha feito luz na sua cabeça. – Foste tu quem a comprou.

— Tu nunca serias capaz de vender esta casa. Tem um grande significado para ti. A única solução era vermo-nos livre daquela.

— Não posso permitir que faças isso! – exclamou Amelia.

— Tenho um fideicomisso que os meus pais me deixaram e em que nunca toquei. Pareceu-me adequado empregar parte do dinheiro na compra desta casa. Não foi o Carl quem me gerou, mas torturou a minha mãe e abandonou-me às portas da morte. Não quero absolutamente nada que me lembre da sua existência quando estivermos aqui. – Ela preparava-se para continuar a protestar, mas Dawson impediu-a. – Já está feito.

— Conseguiram encontrar o diário da Flora? – perguntou Amelia em voz baixa, desistindo de continuar a insistir.

— Sim. Em grande parte, está intacto. O Headly já leu algumas páginas e tratou de pedir que o conteúdo fosse transcrito para mim.

Amelia olhou para ele na expectativa.

— Nem sequer sei se alguma vez virei a lê-lo – continuou Dawson, encolhendo os ombros. – Talvez mais tarde. Neste momento, estou a precisar de me distanciar de todo este assunto.

— Parece-te que alguma vez quererás saber quem foi o teu pai?

— Não. Chega-me, de facto; é mais do que suficiente saber que não foi o Carl. O meu ressentimento para com ele não era sobre a paternidade, mas sim por me ter abandonado. O meu ADN eliminou todos os homens que morreram no Golden Branch como podendo ser os meus pais. Não vejo motivo nenhum para dar continuidade a esta saga.

Os braços dela apertaram-se em volta da cintura de Dawson, encostando a face ao peito dele.

— Tencionas escrever a história?

— A Harriet tem andado a atazanar-me para que o faça, mas eu disselhe que não. Ser-me-ia impossível escrevê-la se te incluir e aos teus filhos. Recuso-me a fazer isso.

Dawson meteu a mão por dentro do *top* de alças, acariciando-lhe as costas. Maravilhando-se perante o quão familiar e maravilhoso era sentir a pele dela, estremecendo ao pensar como estivera perto de deixar escapar aquela mulher tão estupidamente.

— Tenho andado a pensar em escrever sobre o Hawkins. Os pais dele apoiaram a ideia. O número de suicídios de militares nunca foi tão alto como agora. Fala sobejamente sobre como um jovem com um passado tão sólido como o dele pode mergulhar nas profundezas do desespero. O tema seria sobre as consequências da guerra até mesmo nos indivíduos mais fortes. Poderá ser uma reportagem merecedora de passar a papel.

— E escrita pelo melhor repórter.

— Quanto a isso, não sei – redarguiu Dawson, afastando a face dela do seu peito suavemente, de modo a poder dar-lhe um beijo na cara. Mas quando tentou beijá-la mais apaixonadamente, Amelia resistiu-lhe. – O que é que foi?

— Referiste-te a esta casa como «quando *estivermos* aqui», e também disseste que a Eva *nos* tinha convidado para o jantar do Dia de Ação de Graças. Por altura do Dia de Ação de Graças continuará a existir um «nós»?

— Estou a contar com isso – replicou Amelia. – E tu, não?

— Sim. *Sim*. Definitivamente.

— É bom saber isso.

— Mas como é que as coisas funcionarão? Os rapazes voltaram para a escola esta semana. Eu estava a planear comprar uma casa com quintal e um cão. O George concordou entusiasticamente em

reservar uma sala no museu dedicada à perturbação do stresse pós-traumático. Se conseguirmos que a direção aprove, quero ser eu a coordenar esse projeto. Também quero estar envolvida se a casa do meu pai for preservada – disse Amelia, olhando para ele com uma expressão de mágoa. – Mas tu vives na Virgínia.

— Certo. É verdade que temos alguns assuntos a resolver, mas são assuntos de natureza prática.

Nada que não possa ser superado. Desde que eu cumpra prazos de entrega e vá ocasionalmente a reuniões editoriais, o meu trabalho é mais ou menos portátil.

«É possível que eu leia o diário da Flora. Tenciono escrever um rascunho da história acerca do Hawkins e depois decidirei se quero publicá-la ou não. No caso de não me decidir a isso, escreverei sobre outro tema qualquer. E quando os rapazes tiverem idade suficiente para tomar conhecimento da sua ascendência, explicar-lhes-emos. Acabarão por se conciliar com esse aspeto das suas vidas, tal como eu próprio fiz. Ajudá-los-emos a resolver quaisquer problemas que possam surgir. A questão é não termos de resolver o que quer que seja hoje mesmo. *Não podemos* tomar todas as decisões neste momento.

Com os lábios junto dos dela, Dawson segredou-lhe: – As coisas mais difíceis já ficaram para trás, Amelia. Em comparação, o resto será a coisa mais fácil do mundo. Temos de agir despreocupadamente durante algum tempo. Tomaremos decisões à medida que isso for sendo necessário. Vamos amar-nos loucamente e viver um dia de cada vez.

— Parece-me um bom plano – retorquiu ela, mantendo os lábios encostados aos dele. – Gosto muito, em especial da parte acerca de nos amarmos loucamente.

— Sim, eu também gosto dessa parte.

Dawson envolveu a nuca dela com a mão e preparava-se para lhe dar um beijo apaixonado quando ela gemeu.

— Temos companhia.

Hunter e Grant, que ainda estavam de pijama, corriam para eles com os pés descalços a baterem pesadamente nas tábuas do carreiro de madeira da praia.

Amelia gritou-lhes para que tivessem cuidado com as farpas, mas o aviso não lhes abrandou o passo. Gritando pelo nome dele cheios de alegria, correram destravadamente para a mãe e para Dawson.

— Tens a certeza de que queres aceitá-los? – perguntou-lhe Amelia com um sorriso dúbio.

— Essa é uma decisão que já tomei.

Ele envolveu-lhe a cintura nos seus braços para que, quando os garotos lhe fizessem uma placagem, ela caísse na areia juntamente com ele.

FIM